



JOJO MOYES

Autora de Viver depois de ti

AS MENSAGEIRAS DA ESPERANÇA

**Inspirado nas mulheres da Pack Horse Library:
uma história real de coragem e determinação, no feminino**





Jojo Moyes estudou Jornalismo e foi correspondente do jornal *The Independent* durante 10 anos, até se dedicar a tempo inteiro à escrita criativa. Foi uma das poucas escritoras a receber por duas vezes o prémio *Romantic Novel of the Year*, primeiro com *Foreign Fruit* (2003) e mais tarde com *A Última Carta de Amor* (2011).

É com o romance *Viver Depois de Ti* que Jojo Moyes alcança os tops de vendas nos 44 países onde o livro está publicado. Com mais de 12 milhões de exemplares vendidos, *Viver Depois de Ti* vê a sua adaptação ao cinema, para grande alegria dos seus leitores em todo o mundo.

Jojo Moyes escreveu até à data 14 romances, dos quais destacamos *Silver Bay – A Baía do Desejo*, *Um Violino na Noite*, *Retrato de Família*, *A Última Carta de Amor*, *Viver Depois de Ti*, *O Olhar de Sophie*, *Viver Sem Ti*, *Um mais um* e *O meu coração entre dois mundos*, que figuram no catálogo da Porto Editora.

As mensageiras da esperança

Jojo Moyes

Publicado por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

The Giver of Stars

Copyright © 2019 by Jojo's Mojo Ltd.

Design da capa: NOR267

Imagens da capa: © Shutterstock.com | © Sangkhom Sangkakam/Shutterstock.com

| © Evelina Kremsdorf/Trevillion Images

1.^a edição em papel: novembro de 2020

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67999-4

A Barbara Napier, que me ofereceu estrelas
quando eu mais precisava.

E aos bibliotecários do mundo inteiro.

Prólogo

20 de dezembro de 1937

Escutem. Cinco quilómetros floresta adentro, mesmo por baixo de Arnott's Ridge – o silêncio é tão denso que parece dificultar o avanço. Não se ouvem trinados depois do amanhecer, nem em pleno verão nem muito menos agora, que o ar gelado é tão húmido, que imobiliza as poucas folhas que ainda se agarram corajosamente aos ramos. Nada se mexe por entre os carvalhos e as nogueiras: os animais selvagens abrigam-se nas profundezas da terra, com os pelos macios entrelaçados em tocas fundas ou troncos ocos. A camada de neve é tão espessa, que o macho, cujas patas desaparecem até aos jarretes, volta e meia cambaleia e resfolega desconfiado, à procura de rochas ou buracos sob o interminável manto branco. Só o riacho ao fundo corre confiante, com a água cristalina a rumorejar e a borbulhar sobre o leito pedregoso, rumo a um destino final que por aqui nunca ninguém viu.

Margery O'Hare tenta mexer os dedos dos pés dentro das botas – mas há muito que deixou de os sentir e estremece só de pensar como lhe irão doer quando voltarem a aquecer. Três pares de meias de lã com um tempo destes é quase como andar descalça. Afaga o pescoço do animal corpulento e, com as grossas luvas de homem, sacode os cristais que se formam na sua pelagem densa.

– Esta noite vais ter ração reforçada, Charley – diz, enquanto fica a ver como as enormes orelhas dele se reviram. Muda de posição e acomoda os alforges, para garantir que o macho mulo estará bem equilibrado quando iniciarem a descida até ao riacho.

– Melaço quente para o teu jantar. E talvez até para mim.

São só mais seis quilómetros, pensa ela, desejando ter tomado um pequeno-almoço mais substancial. É só passar a escarpa dos Índios, subir o

trilho dos pinheiros amarelos, atravessar mais dois vales e logo aparecerá a velha Nancy a entoar cânticos, como sempre, com a voz límpida e possante a ecoar pela floresta, enquanto avança, balançando os braços como uma criança, para vir ao seu encontro.

– Não tem de andar cinco quilómetros para vir ter comigo – diz-lhe Margery, de duas em duas semanas. – Este é o nosso trabalho. É por isso que vimos a cavalo.

– Ah, vocês já fazem tanto, cachopas.

Ela sabe qual é a verdadeira razão. Nancy, tal como Jean, a sua irmã acamada na minúscula cabana de madeira, em Red Lick, não pode sequer imaginar a possibilidade de perder mais meia dúzia de histórias. Tem sessenta e quatro anos, três dentes bons e um fraquinho por um belo cowboy.

– Aquele Mack McGuire faz-me bater o coração que nem um lençol no estendal. – Entrelaça os dedos e levanta os olhos para o céu. – A maneira como Archer o descreve... Bem, até parece que ele salta das páginas daquele livro e me puxa para cima do cavalo – continua, inclinando-se para a frente com ar cúmplice. – E não era só o cavalo dele que eu gostava de montar. Quando era nova, o meu marido dizia que eu até era muito boa a cavalgar!

– Não duvido, Nancy. – É sempre a resposta dela, e a mulher desata às gargalhadas e a bater com as mãos nas coxas, como se fosse a primeira vez que o dissesse.

Ouve-se um galho a partir, e as orelhas do Charley reviram-se. Com umas orelhas daquele tamanho deve conseguir ouvir até meio do caminho para Louisville. – Por aqui, rapaz – diz ela, desviando-o de um aglomerado de rochas. – Não tarda, já a ouves.

– Vais a algum lado?

A cabeça de Margery vira-se subitamente.

Ele vai a cambalear ligeiramente, mas o olhar é firme e direto. Leva a espingarda, repara ela, erguida, como um imbecil, e o dedo no gatilho.

– Atão? Agora já vais olhar pra mim, não vais, Margery?

Ela mantém a voz firme, mas a cabeça está a mil:

– Estou a vê-lo, Clem McCullough.

– *Estou a vê-lo, Clem McCullough* – repete ele, ao mesmo tempo que cospe como um miúdo malcomportado no recreio da escola. Tem o cabelo todo em pé, de um lado, como se tivesse dormido sobre ele. – Tu olhas-me de cima, com esse narizco empinado, olhas-me como se eu fosse lixo na sola do teu sapato. Como se fosses especial.

Ela nunca teve medo de muita coisa, mas conhece suficientemente bem estes homens da montanha para não discutir com nenhum deles. E ainda por cima bêbedo. Sobretudo, se trouxer uma arma carregada.

Percorre mentalmente uma lista de pessoas que possa ter ofendido – e Deus sabe que foram algumas. Mas o McCullough? Além do óbvio, não consegue lembrar-se de nada.

– Fosse qual fosse a razão de queixa que a sua família tivesse do meu pai, já foi com ele para a cova. Agora, só cá estou eu e nada interessada em rixas sangrentas.

McCullough está agora a barrar-lhe o caminho, de pernas enterradas na neve, ainda com o dedo no gatilho e com aquelas manchas arroxeadas na pele, de quem está demasiado embriagado para conseguir sentir minimamente o frio que faz. E com certeza demasiado embriagado para conseguir acertar-lhe. Mas esse é um risco que ela não quer correr.

Ela ajusta o peso no dorso, abranda a marcha e olha em redor. As margens do riacho são muito escarpadas e cobertas de arvoredos demasiado cerrado para conseguir passar. Terá de o persuadir a sair da frente ou passar com o Charley por cima dele – e como é forte a tentação de optar por esta última hipótese.

As orelhas do macho viram-se para trás. No silêncio reinante, ela consegue sentir as batidas insistentes do próprio coração e pensa, distraidamente, que talvez nunca o tenha ouvido bater tão alto.

– Estou só a fazer o meu trabalho, Mr. McCullough. Agradecia que me deixasse passar.

Ele franze o sobrolho ao reconhecer um potencial insulto no excesso de cortesia com que foi tratado, e, quando ajusta a posição da arma, ela apercebe-se do erro que cometeu.

– O teu *trabalho*... Achas-te muito importante e poderosa. Sabes do que é que tu precisas?

Cospe ruidosamente, à espera de uma resposta.

– Perguntei-te se sabes do que precisas, rapariga!

– Suspeito que a minha versão do que isso possa ser fique a muitos quilómetros da sua.

– Ah, tens resposta pra tudo. Pensas que não sabemos o que é que vós todas tendes andado pra aí a fazer? Pensas que não sabemos o que vós tendes andado a espalhar entre as mulheres decentes e tementes a Deus? Nós sabemos o que andais a preparar. Tens o diabo no corpo, Margery O'Hare, e só há uma maneira de tirar o diabo do corpo duma rapariga como tu.

– Bem, eu gostava muito de descobrir qual é, mas estou demasiado ocupada com as minhas visitas... Portanto, talvez a gente possa continuar esta...

– Cala-te!

McCullough ergue a arma.

– Fecha-me essa maldita matraca.

Margery assim faz.

Ele dá dois passos em frente, posta-se diante dela, de pernas afastadas fincadas no chão, e diz-lhe:

– Desce daí de cima.

O Charley, agitado, muda de posição. O coração dela parece uma pedra de gelo que lhe subiu à boca. Se der meia-volta e fugir, ele dá-lhe um tiro. Aqui, o único caminho segue ao longo do riacho; o solo pedregoso da floresta é terrível e o arvoredo demasiado denso para conseguir encontrar um trilho. Sabe que não há ninguém vários quilómetros em redor – ninguém, além da velha Nancy, que estará neste momento a abrir caminho lentamente pelo cimo da montanha.

Ela está sozinha, e McCullough sabe-o bem.

A voz dele baixa de tom.

– Eu disse pra desceres, *agora*. – E dá mais dois passos em frente, deixando pegadas na neve.

E ali está a verdade nua e crua, para ela e para todas as mulheres desta região: por mais esperta, inteligente e autoconfiante que uma mulher seja, pode sempre ser vencida por um qualquer estúpido que tenha uma arma na mão. O cano da espingarda está tão próximo, que ela dá por si a olhar para aqueles dois buracos negros e infinitos. Ele baixa-o abruptamente, com um grunhido, deixando a espingarda pendurada atrás das costas pela correia, ao mesmo tempo que deita as mãos às rédeas. O macho avança impetuosamente com o safanão, e ela tomba desajeitada sobre o seu pescoço. Depois, sente a mão de McCullough a agarrar-lhe a coxa, enquanto ele estende a outra para a arma. Ao aperceber-se do seu hálito azedo, a álcool, e daquela mão incrustada de sujidade, sente uma repugnância crescente a invadir-lhe cada célula do corpo.

E é nesse instante que ouve a voz de Nancy, ao longe:

Ai, quanta paz tantas vezes perdemos!

Ai, quanta dor escusada suportamos...

A cabeça dele ergue-se. Ela ouve um *Não!*, e uma parte longínqua de si mesma reconhece, com surpresa, que aquele *não* emergiu da sua própria boca. Os dedos dele cravam-se nela, puxam por ela, e um dos braços agarra-a pela cintura e desequilibra-a. Por entre aquelas mãos que a agarram com violência e aquele hálito fétido, ela sente o futuro a transformar-se em algo negro e terrível. Mas o frio tolhe-lhe os movimentos. Ele atrapalha-se ao tentar agarrar novamente a arma, e, quando lhe vira as costas, Margery aproveita a oportunidade: mete a mão esquerda no alforje e, no momento em que ele vira de novo a cabeça, larga as rédeas, agarra o outro canto com a mão direita e arremessa-lhe o pesado livro com toda a força, acertando-lhe em cheio na cara. A arma dispara, com o som tridimensional do estampido a fazer ricochete nas árvores; ela apercebe-se de que a cantoria se silencia por instantes e que as aves voam para o céu, numa nuvem negra e tremeluzente de asas a baterem. Quando McCullough cai, o animal corcoveia e, assustado, avança de rompante, passando por cima dele, enquanto ela, arquejante, se vê obrigada a agarrar ao arçã para se segurar.

De seguida, Margery afasta-se pelo leito do riacho, com o ar preso na garganta e o coração a galope, confiando que as patas firmes do macho encontrem apoio ao chapinharem na água gelada – e sem se atrever sequer a olhar para trás, para ver se McCullough se consegue levantar e ir atrás dela.

Três meses antes

Todos os que se abanavam com leques à porta da loja ou passavam à sombra dos eucaliptos concordavam que estava extemporaneamente quente para setembro. O salão comunitário de Baileyville tresandava a lixívia e a bafio, e os corpos aglomeravam-se em belos vestidos de popelina e fatos de verão. O calor tinha atravessado até as paredes de ripas de madeira, de tal maneira que as próprias tábuas estalavam e suspiravam em protesto. Colada às costas de Bennett, que ia arrastando os pés por entre as filas de assentos apinhados, pedindo desculpa a cada pessoa que se ia levantando da cadeira com um suspiro mal contido, Alice podia jurar que sentia o calor de cada corpo a entranhar-se no seu, quando as pessoas se inclinavam para trás para os deixar passar.

Desculpe. Desculpe.

Bennett chegou finalmente a dois lugares livres, e Alice, com as faces a arderem de vergonha, sentou-se, ignorando os olhares enviesados das pessoas que os rodeavam. Bennett olhou para a lapela do casaco, sacudiu um cotão inexistente e só então reparou na saia dela.

– Não te mudaste? – perguntou-lhe, num murmúrio.

– Disseste que estávamos atrasados.

– Isso não queria dizer que viesses com a roupa de andar por casa.

Ela tinha estado a tentar fazer empadão de carne, para incentivar Annie a cozinhar algo que não fosse comida sulista. Mas as batatas tinham ficado verdes, ela não tinha conseguido regular a temperatura do fogão e, ao pousar a carne no grelhador, ficara toda salpicada de gordura. E, quando veio à sua procura (claro que ela tinha perdido a noção do tempo), Bennett não foi capaz de compreender por que razão ela simplesmente não deixava

os assuntos de culinária entregues à governanta, quando estava a decorrer uma assembleia tão importante.

Alice pousou a mão sobre a maior mancha de gordura que tinha na saia e decidiu deixá-la ficar ali durante a hora seguinte. Sim, porque aquilo demoraria provavelmente uma hora. Ou duas. Ou – que Deus tivesse piedade dela – três.

Igreja e assembleias. Assembleias e igreja. Por vezes, Alice Van Cleve sentia que tinha simplesmente trocado uma ocupação diária entediante por outra. Na igreja, nessa mesma manhã, o pastor McIntosh tinha passado quase duas horas a falar fervorosamente dos pecadores que, pelos vistos, andavam a espalhar a sua influência pecaminosa pela pequena vila. E, agora, estava a abanar-se com o leque, parecendo preocupantemente pronto para voltar a falar.

– Calça os sapatos – murmurou Bennett. – Alguém pode ver.

– É este calor – replicou ela. – São pés ingleses, não estão habituados a estas temperaturas.

Ela não viu, mas sentiu o ar enfastiado e reprovador do marido. Estava, no entanto, demasiado acalorada e cansada para se preocupar com isso, e a voz do orador tinha um efeito tão narcoléptico, que não lhe permitia reter mais do que uma ou outra palavra – *germinar... vagens... cascas... sacos de papel* – e lhe tornava difícil preocupar-se com o resto.

A vida de casada, tinham-lhe dito, seria uma aventura. Viajar para uma nova terra! Afinal, ela tinha-se casado com um americano. Nova comida! Uma nova cultura! Novas experiências! Tinha-se imaginado em Nova Iorque, impecavelmente vestida, em restaurantes muito concorridos e em passeios apinhados de gente. Escreveria cartas para Inglaterra a vangloriar-se das suas novas experiências. *Ah, a Alice Wright? Não foi ela que casou com aquele americano lindo? Sim, recebi um postal dela – estava na Metropolitan Opera ou no Carnegie Hall...*

Ninguém a tinha avisado de que isso também implicaria tanta conversa fiada sobre porcelana de qualidade com tias idosas, tanto costurar e remendar sem razão de ser ou, pior ainda, tantos sermões terrivelmente maçadores. Sermões e assembleias intermináveis, que pareciam durar décadas. Ai, estes homens gostavam mesmo de se ouvir! Para ela, era como se estivesse a ser repreendida durante horas, quatro vezes por semana.

Os Van Cleve haviam parado em nada menos do que treze igrejas no caminho de regresso, e Alice apenas gostou do sermão que ouviu em Charleston, onde o pregador se alongou tanto, que a congregação perdeu a paciência e decidiu, em uníssono, *cantar para o calar*, afogando-lhe as palavras em cânticos até ele captar a mensagem e, furioso, dar por terminado o serviço religioso daquele dia. As tentativas inglórias do pregador para se fazer ouvir, enquanto as vozes da congregação se iam intensificando e subindo de tom, tinham-lhe dado imensa vontade de rir.

As congregações de Baileyville, no Kentucky, pareciam, tanto quanto ela havia constatado, desconcertantemente arrebatadas.

– Calça-te, Alice. Por favor.

Ela cruzou olhares com Mrs. Schmidt, em cuja sala de estar tinha tomado chá duas semanas antes, e virou-se imediatamente para a frente, tentando não parecer simpática *de mais*, não fosse ela convidá-la de novo.

– Bem, obrigado, Hank, pelos conselhos sobre o armazenamento de sementes. Tenho a certeza de que nos deu muito em que pensar. – E, quando Alice já estava a enfiar os pés nos sapatos, o pastor acrescentou: – Ah, não, não se levantem, minhas senhoras e meus senhores... Mrs. Brady pediu um momento do vosso tempo.

Alice, que já conhecia esta frase, voltou a descalçar-se. Uma mulher pequena, de meia-idade, avançou e estacou em frente à assembleia – o tipo de mulher que o pai de Alice descreveria como *bem acolchoada*, com

aquele tipo de estofa firme e curvas sólidas que costumamos associar a um sofá de qualidade.

– É sobre a biblioteca itinerante – disse ela, ajustando o chapéu e refrescando o pescoço com um leque branco. – Houve *desenvolvimentos* para os quais gostaria de chamar a vossa atenção.

– Todos temos consciência dos... hum... efeitos *devastadores* que a Grande Depressão teve neste extraordinário país. Com as atenções centradas na questão da sobrevivência, os outros aspetos da nossa vida têm sido relegados para segundo plano. Alguns dos presentes deverão ter conhecimento dos *formidáveis* esforços do Presidente e de Mrs. Roosevelt para que seja novamente prestada a devida atenção à literacia e à aprendizagem. Bem, no início desta semana, tive o privilégio de ser convidada para um chá com Mrs. Lena Nofcier, diretora dos Serviços Bibliotecários da Associação de Pais e Alunos do Kentucky, que nos disse que, entre os projetos da Works Progress Administration, a agência federal para o progresso e obras públicas, existe um que coordena a implementação de bibliotecas itinerantes em vários estados, sendo duas delas aqui, no Kentucky. Alguns de vós já deveis ter ouvido falar certamente na biblioteca que eles instalaram no condado de Harlan. Bem, tem tido um *tremendo* sucesso. Sob os auspícios da própria Mrs. Roosevelt e da WPA...

– Ela é episcopaliana.

– Como?

– A Roosevelt. É episcopaliana.

O rosto de Mrs. Brady contorceu-se.

– Bem, não vamos julgá-la por isso. Ela é a nossa Primeira-Dama e está seriamente empenhada em fazer coisas importantes pelo nosso país.

– Ela devia estar empenhada em saber qual o lugar dela, em vez de andar a provocar alaridos por todo o lado – interpôs um homem com duplo

queixo e fato de linho claro, acenando com a cabeça e olhando em redor, em busca de apoio.

Do outro lado do corredor, Peggy Foreman inclinou-se para a frente, para compor a saia, no preciso momento em que Alice olhou para ela, dando a sensação de que esta tinha estado a observá-la. Peggy franziu o sobrolho e empinou o nariz diminuto, sussurrando qualquer coisa à rapariga sentada ao seu lado, que se inclinou para lançar a Alice o mesmo olhar hostil. Alice recostou-se na cadeira e tentou reprimir o rubor que lhe assomou às faces.

Alice, não vais conseguir adaptar-te, se não fizeres amigas, dizia-lhe Bennett constantemente, como se ela pudesse influenciar Peggy Foreman e o seu grupo de carrancudas.

– A tua namorada está outra vez a lançar feitiços na minha direção – murmurou Alice.

– Ela não é a minha namorada.

– Bem, ela achava que sim.

– Já te disse que não passávamos de crianças. Entretanto, conheci-te e... Bem, isso é passado.

– Quem me dera que lhe dissesse isso a ela.

Ele aproximou-se.

– Alice, se continuares a mostrar essa relutância, as pessoas vão começar a pensar que és um pouco... altiva...

– Eu sou inglesa, Bennett. Nós não nascemos para ser... *hospitaleiros*.

– Só acho que, quanto mais te envolveres, melhor será para os dois. O papá também acha.

– Ai, ele acha, não acha?

– Não sejas assim.

Mrs. Brady fitou-os.

– Como eu estava a dizer, dado o sucesso destas iniciativas nos estados vizinhos, a WPA disponibilizou fundos para criarmos a nossa própria biblioteca itinerante aqui no condado de Lee.

Alice reprimiu um bocejo.

Em casa, sobre um aparador, havia uma fotografia de Bennett com o seu uniforme de basebol. Tinha acabado de fazer um *home run* e o seu rosto irradiava uma alegria tão intensa e peculiar como se estivesse a viver algo de transcendental. Ela só desejava que ele a voltasse a olhar daquela maneira.

Mas, quando se permitia pensar nisso, Alice Van Cleve apercebia-se de que o seu casamento tinha sido o culminar de um conjunto de acontecimentos aleatórios – a começar pelo cão de loiça que ficou em cacos quando ela decidiu jogar badminton dentro de casa com Jenny Fitzwalter (estava a chover, o que mais haviam de fazer?) – e que se agravou com a perda do lugar na escola de secretariado, devido aos sucessivos atrasos, e, por fim, com o aparentemente inusitado ataque ao chefe do pai durante uma festa de Natal. (*Mas ele pôs-me a mão no rabo, enquanto eu andava a distribuir os canapés!*, protestou Alice. *Não sejas grosseira, Alice*, disse-lhe a mãe, horrorizada.) Estes três acontecimentos – além de um incidente com os amigos do seu irmão Gideon, do excesso de ponche de rum e de uma carpete estragada (ela não se tinha apercebido de que o ponche tinha álcool! Ninguém a tinha avisado!) – tinham levado os pais a sugerir aquilo a que chamaram *período de reflexão* e que equivalera a *manter Alice em casa*. Ela tinha-os ouvido falar na cozinha: «Sempre foi assim. É como a tua tia Harriet», dissera o pai, depreciativamente. Por causa disso, a mãe deixou de falar com ele durante dois dias inteiros, como se a ideia de Alice ser um produto da sua linha genética fosse insuportavelmente ofensiva.

E, assim, durante o longo inverno, enquanto Gideon ia a bailes e festas intermináveis, se esgueirava para casa de amigos durante longos fins de semana ou se divertia em Londres, ela ia gradualmente desaparecendo da lista de convidados das amigas e ficava em casa a trabalhar, a contragosto, em bordados malfeitos, saindo apenas para acompanhar a mãe em visitas a familiares idosos ou assistir a reuniões do Instituto das Mulheres, onde os assuntos em discussão eram geralmente bolos, arranjos de flores e *Vidas de Santos* – e era como se estivessem, literalmente, a matá-la de *tédio*. Passado algum tempo, deixou de pedir pormenores a Gideon, já que isso a fazia sentir-se ainda pior, e passou a lidar com o mau humor jogando canasta, resmungando enquanto fazia batota no Monopólio e sentando-se à mesa da cozinha, com a cabeça apoiada nos braços, a ouvir programas de rádio que lhe traziam promessas de um mundo que existia muito para além das suas preocupações sufocantes.

Então, dois meses mais tarde, quando, numa tarde de domingo, Bennett Van Cleve apareceu inesperadamente no festival da primavera – com o seu sotaque americano, de queixo anguloso e cabelo loiro, trazendo os odores de um mundo a milhares de quilómetros do Surrey... sinceramente, ele até podia ser o Corcunda de Notre Dame, que ela teria concordado que mudar-se para uma tonitruante torre sineira seria na verdade uma excelente ideia, muito obrigada.

Os homens olhavam muito para Alice, e Bennett ficou imediatamente encantado com esta jovem inglesa tão elegante, de olhos grandes e cabelo loiro ondulado, cuja voz bem colocada e bem articulada era diferente de tudo o que ele alguma vez havia escutado em Lexington, e que, como o pai comentou, bem podia ser uma princesa inglesa pelos seus gestos delicados e o modo requintado como pegava na chávena de chá. E, quando a mãe de Alice revelou que até podiam dizer que tinham uma duquesa na família, na sequência de um casamento duas gerações atrás, o Van Cleve mais velho

quase morreu de alegria: «Uma duquesa? Uma duquesa real? Oh, Bennett, a tua querida mãe teria ficado tão encantada!»

Pai e filho andavam de viagem pela Europa, numa missão conjunta das igrejas evangélicas do Kentucky Leste, para observarem de que forma os fiéis prestavam culto fora da América. Mr. Van Cleve financiara a viagem de vários participantes em honra da sua falecida mulher, Dolores, como ele gostava de anunciar durante as pausas nas conversas. Podia ser um homem de negócios, mas isso não significava nada, absolutamente *nada*, se não o fizesse sob os auspícios do Senhor. Alice achou-o um pouco desiludido com a diminuta e pouco calorosa expressão de fervor religioso na igreja de St. Mary – e a congregação tinha sido certamente apanhada de surpresa pela ribombante exuberância discursiva do pastor McIntosh sobre o fogo dos Infernos (a pobre da Mrs. Arbuthnot teve até de ser retirada por uma porta lateral para apanhar ar). Mas o que aos britânicos faltava em devoção, comentava Mr. Van Cleve, era mais do que compensado pelas suas igrejas, as suas catedrais e toda a sua *história*. *E não era também a história uma experiência espiritual em si mesma?*

Entretanto, Alice e Bennett estavam ocupados com a sua própria experiência, ligeiramente menos sagrada. Afastaram-se de mãos dadas e com ardentes expressões de afeto, daquelas que se intensificam com a perspectiva de uma separação iminente. Houve troca de correspondência quando ele parou em Reims, Barcelona e Madrid, e as cartas atingiram um grau particularmente febril de arrebatamento quando ele chegou a Roma. No regresso, só foi surpresa para os familiares mais afastados que Bennett pedisse Alice em casamento e que Alice, com a rapidez de um passarinho que vê abrir-se a porta da gaiola, hesitasse apenas meio segundo antes de dizer ao seu americano apaixonado – e deliciosamente bronzeado – que sim, que aceitava. Quem não diria que sim a um homem tão sedutor, de queixo anguloso, que a olhava como se ela fosse feita de seda? Todas as

outras pessoas tinham passado os últimos meses a olhá-la como se ela estivesse contaminada.

– Ah, mas tu és perfeita – dizia-lhe Bennett, segurando-lhe o pulso fino entre dois dedos. Estavam ambos sentados no baloiço do jardim dos pais dela, de golas subidas por causa do frio, enquanto os pais os observavam com olhares complacentes, da janela da biblioteca, ambos secretamente aliviados com o casamento, cada um pelas suas razões. – És tão delicada e requintada. Como um puro-sangue inglês – acrescentou ele, com o seu sotaque americano.

– E tu és ridiculamente bonito. Como uma estrela de cinema.

– A minha mãe iria adorar-te – disse ele, passando-lhe um dedo pelo rosto. – Pareces uma boneca de porcelana.

Passados seis meses, Alice tinha quase a certeza de que ele já não pensava nela como uma boneca de porcelana.

Casaram de imediato, justificando a pressa com o facto de Mr. Van Cleve ter de regressar aos seus negócios. Alice sentia-se como se todo o seu mundo tivesse dado uma reviravolta; estava tão feliz e deslumbrada agora, quanto tinha estado abatida durante o longo inverno. A mãe fez-lhe a mala com o mesmo prazer, quase indecente, com que tinha falado a toda a gente do seu círculo sobre o encantador marido americano de Alice e do pai dele, um empresário riquíssimo. Talvez tivesse sido simpático da parte dela ter também mostrado algum desgosto por ver a sua única filha ir viver para uma zona da América que ninguém que ela conhecesse alguma vez tinha visitado. Mas a verdade é que Alice estava igualmente ansiosa por partir. Apenas o irmão estava manifestamente triste, embora ela tivesse a certeza de que ele se esqueceria disso no próximo fim de semana que passasse fora.

– Eu vou lá ver-te, claro – disse Gideon. Mas ambos sabiam que não iria.

A lua de mel de Bennett e Alice resumiu-se à viagem de cinco dias de regresso aos Estados Unidos, sendo que a ligação entre Nova Iorque e o Kentucky foi feita de carro. (Ela tinha ido pesquisar o Kentucky na enciclopédia e ficara encantada com as corridas de cavalos. Parecia uma espécie de *Derby Day* durante todo o ano.) Alice guinchava de entusiasmo com tudo: o carro enorme, o gigantesco transatlântico, o fio com um pendente de diamante que Bennett lhe trouxera de presente de uma loja do Centro Comercial Burlington Arcade, em Londres. E nem se importava que Mr. Van Cleve os acompanhasse durante toda a viagem. Afinal, teria sido indelicado deixar um homem já de certa idade sozinho, e ela estava demasiado entusiasmada com a ideia de deixar o Surrey, com os domingos passados em silêncio na sala de estar e a permanente atmosfera de reprovação, para se incomodar com isso.

Se Alice sentiu algum desagrado pela forma como Mr. Van Cleve se colou a eles como uma lapa, disfarçou-o bem, dando o seu melhor para mostrar a versão mais encantadora de si mesma que os dois homens poderiam esperar. No transatlântico, entre Southampton e Nova Iorque, ela e Bennett conseguiram, pelo menos, passear sozinhos pelos conveses, depois do jantar, enquanto o pai dele tratava da papelada dos seus negócios ou conversava com outros velhotes na mesa do comandante. O braço forte de Bennett puxava Alice para si, e ela levantava a mão esquerda, exibindo a sua nova e brilhante aliança de ouro, maravilhada com o facto de ela, Alice, ser agora *uma mulher casada*. E quando chegassem ao Kentucky, dizia ela de si para si, ficaria *convenientemente* casada, pois já não teriam de partilhar os três a mesma cabina, mesmo que existisse uma cortina a meio.

– Isto não é propriamente a lingerie que eu tinha em mente – sussurrava-lhe ela, de camisola interior e calças de pijama. Não se sentia confortável com menos roupa, especialmente depois daquela vez, de noite, em que o

Mr. Van Cleve mais velho, meio a dormir, confundiu a cortina dos beliches duplos com a porta da casa de banho.

Bennett deu-lhe um beijo na testa.

– Também não seria correto, com o meu pai aqui tão próximo – retorquiu ele num sussurro, colocando o travesseiro comprido entre ambos («De outra forma, não ia ser capaz de me controlar»). Assim ficaram deitados, lado a lado, castos, de mãos dadas na escuridão e com a respiração bem audível, enquanto o enorme navio vibrava incessantemente.

Quando olhava para trás, Alice via como a longa viagem estava repleta do seu desejo reprimido, de beijos furtivos atrás dos barcos salva-vidas, com a imaginação a mil, enquanto as ondas subiam e desciam por baixo deles.

– És tão bonita. Tudo será diferente quando chegarmos a casa – murmurava-lhe ele ao ouvido. Ela olhava para a beleza escultural do seu rosto e enterrava a cara no perfume adocicado do seu pescoço, perguntando-se por quanto tempo mais seria capaz de aguentar.

Após a interminável viagem de carro e todas as paragens para se encontrarem com este sacerdote e com aquele pastor, durante todo o caminho entre Nova Iorque e o Kentucky, Bennett anunciou que não iriam viver em Lexington, como ela tinha pensado, mas numa vila mais a sul. Passaram a cidade e continuaram a viagem por estradas cada vez mais estreitas e poeirentas, com os edifícios a escassearem e a surgirem aqui e além em pequenos aglomerados, na sombra de montanhas cobertas de arvoredos. Não faz mal, tinha-lhe ela garantido, escondendo a desilusão ao ver a rua principal de Baileyville, com o seu punhado de edifícios de tijolo e as suas ruas estreitas que não conduziam a lado nenhum. Mas ela até gostava do campo. E sempre poderiam ir até à cidade, como a mãe dela fazia para ir ao Simpson's in the Strand, não podiam? Fez um esforço para continuar otimista quando descobriu que, pelo menos durante o primeiro

ano, viveriam com Mr. Van Cleve («Não posso deixar o meu pai sozinho, enquanto ele ainda está a sofrer a perda da minha mãe. Pelo menos, para já. Não fiques tão desanimada, minha querida. É a segunda maior casa da vila. E nós teremos o nosso próprio quarto.») E depois, quando finalmente chegaram a esse quarto, claro que as coisas se complicaram de tal forma que ela nem sabia se tinha palavras para explicar.

Com o mesmo cerrar de dentes com que tinha suportado o colégio interno e o Pony Club, Alice tentou adaptar-se à vida naquela pequena vila do Kentucky. Era uma *tremenda* mudança cultural. Se fizesse um esforço, conseguia detetar uma certa beleza rústica na paisagem, com os seus vastos céus, as suas estradas desertas e a sua luz inconstante; as montanhas com milhares de árvores por entre as quais vagueavam verdadeiros ursos selvagens e sobre cujas copas planavam águias. Estava impressionada com o tamanho de tudo, as longas distâncias que pareciam uma constante, como se tivesse de adaptar toda a sua perspetiva. Mas, na verdade, escrevia ela nas cartas que enviava a Gideon todas as semanas, tudo o mais era praticamente impossível.

Achava sufocante a vida na grande casa branca, embora Annie, a governanta quase muda, a libertasse de praticamente todas as tarefas domésticas. Era realmente uma das maiores casas da vila, mas estava repleta de móveis antigos e pesados, e todas as superfícies estavam cobertas de fotografias da falecida Mrs. Van Cleve ou de bibelôs ou de uma série de bonecas de porcelana inexpressivas. E todos estes objetos eram os *preferidos da mãe*, afirmavam eles sempre que Alice tentava movê-los um centímetro que fosse. A piedosa e exigente influência de Mrs. Van Cleve pairava sobre a casa como um manto.

A mãe não ia gostar das almofadas colocadas assim, pois não, Bennett?

Oh, não, a mãe tinha uma opinião muito precisa sobre as tapeçarias.

A mãe gostava muito dos seus salmos bordados. Não era o pastor McIntosh que dizia que não conhecia nenhuma mulher em todo o Kentucky que fizesse um bordado tão perfeito?

Ela achava a presença constante de Mr. Van Cleve extremamente autoritária; era ele que decidia o que faziam, o que comiam e todas as rotinas do seu dia. Era incapaz de não se intrometer no que quer que se estivesse a passar, nem que fosse o simples facto de Alice e Bennett terem posto o gramofone a tocar no quarto. Ele irrompia quarto adentro sem avisar e dizia:

– Então, agora vamos ouvir música, é? Ai, devias pôr o Bill Monroe. O velho Bill é imbatível. Vá lá, rapaz, tira essa algazarra e põe qualquer coisa do velho Bill.

Se já tivesse bebido um ou dois copos de *bourbon*, os comentários eram ainda mais abundantes e sucessivos, e Annie procurava esconder-se na cozinha antes que ele se exasperasse e implicasse com o jantar. Ele estava apenas a sofrer, murmurava Bennett. Não se podia censurar um homem por não querer ficar sozinho com os seus pensamentos.

Bennett, como Alice descobriu rapidamente, nunca discordava do pai. Das poucas ocasiões em que ela, calmamente, disse o que pensava, que não, que na verdade nunca gostara muito de costeletas de porco – ou que, pessoalmente, achava o *jazz* uma música bastante emocionante –, os dois homens pousaram os garfos e ficaram a olhar para ela com um ar tão chocado e de reprovação como se ela se tivesse despido e começado a dançar em cima da mesa.

– Porque tens de ser tão obstinada, Alice? – sussurrava-lhe Bennett, enquanto o pai se levantava para ir vociferar ordens a Annie.

Por isso, ela rapidamente se apercebeu de que era mais seguro não expressar qualquer opinião.

Fora de casa, não era muito melhor, pois os habitantes de Baileyville observavam-na com o mesmo olhar avaliador que lançavam a tudo o que fosse *estrangeiro*. A maior parte eram agricultores, gente que passava a vida inteira num raio de poucos quilómetros e sabia tudo sobre a vida uns dos outros. Aparentemente, havia estrangeiros lá no alto, na exploração mineira Hoffman, que albergava cerca de quinhentas famílias de mineiros de todo o mundo e era dirigida por Mr. Van Cleve. Mas como os mineiros, na sua maioria, viviam dentro da exploração, em casas fornecidas pela empresa, recorriam à loja, à escola e ao médico da exploração e eram demasiado pobres para terem os seus próprios veículos ou cavalos, poucos desciam a montanha até Baileyville.

Todas as manhãs, Bennett e o pai iam para a mina no automóvel de Mr. Van Cleve e voltavam pouco depois das seis. Entretanto, Alice dava por si a passar o tempo numa casa que não era a sua. Tentou fazer amizade com Annie, mas a mulher tinha-lhe mostrado, através de uma combinação de silêncio e excessiva dedicação às tarefas domésticas, que não tinha intenções de conversar com ela. Alice tinha-se oferecido para cozinhar, mas Annie informara-a de que Mr. Van Cleve era muito *rigoroso* com a sua dieta e só gostava da comida do Sul, pensando acertadamente que Alice não devia perceber nada do assunto.

A maioria das famílias cultivava as suas próprias frutas e legumes, e eram poucos os que não tinham um ou dois porcos e um bando de galinhas. Na vila, havia um armazém com a entrada ladeada por enormes sacos de farinha e de açúcar e cujas prateleiras estavam repletas de latas. E havia apenas um restaurante, o Nice ‘N’ Quick, com a sua porta verde e instruções claras de que os clientes *tinham de usar sapatos*, onde se serviam pratos de que ela nunca tinha ouvido falar, como tomates verdes fritos, couve-galega e umas coisas a que eles chamavam biscoitos, mas que eram, na verdade, um misto entre um sonho e um scone. Uma vez, Alice tentou

fazer alguns, mas infelizmente não resultaram tão macios e fofos como os de Annie; antes pelo contrário: tão massudos e pesados, que faziam barulho ao caírem no prato (ela podia jurar que Annie os tinha amaldiçoado).

Fora várias vezes convidada para ir tomar chá a casa de senhoras da vila e tinha tentado fazer conversa, mas rapidamente percebeu que tinha muito pouco para dizer, uma vez que era uma nulidade em matéria de costura, que parecia ser a grande preocupação da terra, e não sabia nada sobre as pessoas cujos nomes povoavam os mexericos. Todos os chás que se seguiram ao que Alice deu pareciam ter sempre de começar com a história de ela ter oferecido os tais *biscoitos* em vez das tradicionais *bolachas* (o que as outras mulheres achavam hilariante).

Afinal, era mais fácil ir para o quarto e sentar-se na cama a reler as poucas revistas que tinha trazido de Inglaterra ou a escrever mais uma carta a Gideon, na qual tentava não deixar transparecer a sua infelicidade.

Como gradualmente se foi apercebendo, limitara-se a trocar uma prisão domiciliária por outra. Havia dias em que não conseguia sequer imaginar mais uma noite na varanda a ver o pai de Bennett a ler as Escrituras, na barulhenta cadeira de baloiço (*A Palavra de Deus devia ser o único estímulo mental de que precisamos, não era o que a mãe dizia?*), enquanto ela ficava sentada a respirar o ar pesado libertado pelos trapos ensopados em azeite que eles punham a queimar para afastar os mosquitos e a coser remendos puídos nas suas roupas (*Deus detesta o desperdício – afinal, aquelas calças só tinham quatro anos, Alice. Ainda tinham muita vida pela frente*). Alice resmungava para si mesma que, se Deus tivesse de se sentar quase às escuras a remendar as calças de outra pessoa, talvez preferisse ir comprar umas novas na Arthur J. Hamon's Gentleman's Store, em Lexington. Porém, esboçava um sorriso tenso e semicerrava os olhos para ver melhor os pontos. Entretanto, Bennett andava quase sempre com ar de

quem tinha sido enganado ou levado a fazer algo, mas sem perceber bem o quê nem como.

– Afinal, que diabo é uma biblioteca itinerante?

Alice foi despertada do seu devaneio por uma forte cotovelada de Bennett.

– Há uma no Mississippi, com barcos – disse uma voz vinda do fundo do salão.

– Não é possível subir e descer os nossos riachos de barco. São pouco profundos.

– Creio que a ideia é usar cavalos – disse Mrs. Brady.

– Vão subir e descer o rio a cavalo? Que loucura.

O primeiro fornecimento de livros tinha vindo de Chicago, continuou Mrs. Brady, e vinham mais a caminho. Haveria uma vasta seleção de ficção, de Mark Twain a Shakespeare, e livros práticos, com receitas, dicas domésticas e ajuda na área da puericultura. Haveria até livros de banda desenhada – uma revelação que levou algumas das crianças a gritarem de entusiasmo.

Alice olhou para o relógio de pulso, já a pensar no momento em que poderia saborear o seu granizado. A única coisa boa destas assembleias era não terem de ficar fechados em casa toda a tarde. Ela já temia os invernos, altura em que seria mais difícil encontrar motivos para sair.

– Qual é o homem que tem tempo para andar a cavalo? Nós temos de trabalhar, não podemos andar por aí a fazer visitas sociais e a distribuir a última edição da *Ladie's Home Journal*. – Ouviu-se um rumorejar de risadas.

– Mas o Tom Faraday até gosta muito de olhar para a roupa interior das senhoras no catálogo da *Sears*. Ouvi dizer que passa horas na retrete a fazer isso!

– Mr. Porteous!

– Não são homens, são mulheres – disse uma voz.

Seguiu-se um breve silêncio.

Alice virou-se para ver quem tinha falado. Estava uma mulher encostada à porta dos fundos, com um casaco de algodão azul-escuro, de mangas arregaçadas. Trazia calças de montar e botas por engraxar. Com trinta e muitos ou quarenta e poucos anos, tinha uma cara simpática e o cabelo preto comprido preso num puxo descuidado.

– São mulheres que vão a cavalo entregar os livros.

– Mulheres?

– Sozinhas? – perguntou uma voz masculina.

– Que eu saiba, Deus deu-lhes dois braços e duas pernas, tal como aos homens.

Um breve murmúrio percorreu a audiência. Alice espreitou mais atentamente, intrigada.

– Obrigada, Margery. No condado de Harlan, são seis mulheres e já existe um sistema completamente montado e a funcionar. E, como eu ia dizer, aqui vamos ter algo semelhante. Já temos duas bibliotecárias, e o Mr. Guisler teve a amabilidade de nos emprestar alguns dos seus cavalos. Gostava de aproveitar esta ocasião para agradecer a sua generosidade.

Mrs. Brady fez sinal à jovem para avançar.

– Muitos dos presentes também conhecerão a Miss O’Hare...

– Ah, nós conhecemos bem os O’Hare.

– Então, terão conhecimento de que nas últimas semanas ela tem andado a trabalhar para ajudar nos preparativos. E também temos a Beth Pinker... Levanta-te, Beth... – Uma rapariga sardenta, de nariz arrebitado e cabelo loiro escuro, levantou-se, envergonhada, sentando-se logo a seguir. – ... que está a trabalhar com a Miss OHare. Uma das muitas razões para eu ter convocado esta assembleia é o facto de precisarmos de mais senhoras que

compreendam os rudimentos da literatura e da sua organização, para podermos avançar com este que é um dos projetos cívicos mais meritórios.

Mr. Guisler, o negociante de cavalos, ergueu a mão, levantou-se e, embora tenha hesitado um momento, acabou por dizer com uma certa determinação:

– Bem, acho que é uma bela ideia. A minha mãe também era uma leitora ávida, e eu ofereci o meu antigo armazém de leite para a biblioteca. Creio que todas as pessoas sensatas que aqui estão deveriam apoiar este projeto. Obrigado. – E voltou a sentar-se.

Margery O’Hare apoiou o rabo na secretária que havia na frente do salão e fitou aquele mar de rostos. Alice apercebeu-se do burburinho de descontentamento que percorria o espaço e que parecia ter que ver com a jovem. Mas também reparou que Margery O’Hare não se mostrava absolutamente nada incomodada com isso.

– Temos um grande condado para cobrir – acrescentou Mrs. Brady. – Não podemos fazê-lo apenas com duas raparigas.

– Então, e como seria isso? Essa coisa da bibliotecária a cavalo? – perguntou uma mulher numa das filas da frente.

– Bem... Implicaria ir a cavalo até algumas das habitações mais remotas do nosso condado, para levar material de leitura àqueles que de outro modo não têm possibilidade de ir às bibliotecas do condado, devido, por exemplo, a problemas de saúde, a algum outro tipo de debilidades, a falta de meios de transporte. – Baixou a cabeça para poder olhar por cima dos óculos em forma de meia-lua. – Gostava de acrescentar que este projeto tem como objetivo ajudar a difundir a educação, levar o conhecimento aonde ele ainda não existe, infelizmente. O nosso Presidente e a mulher acreditam que este projeto pode colocar o saber e a aprendizagem novamente entre as prioridades da vida rural.

– Eu não vou deixar a minha mulher subir uma montanha a cavalo – disse uma voz ao fundo do salão.

– Tens é medo de que ela não volte, não é, Henry Porteous?

– Podem levar a minha. Era bem mais feliz se ela se fosse embora a cavalo e não voltasse!

A sala irrompeu em gargalhadas.

Mrs. Brady, frustrada, levantou a voz:

– Meus senhores, por favor... Estou a pedir que algumas das senhoras contribuam para o nosso bem cívico e se inscrevam. A WPA vai fornecer os cavalos e os livros, e só vos pedimos que dediqueis, pelo menos, quatro dias por semana à sua distribuição. Isso implicará saídas de madrugada e alguns dias longos, devido à topografia do nosso belo condado, mas acredito que será bastante compensador.

– Então, porque não vai a senhora? – ouviu-se uma voz ao fundo.

– Eu até me voluntariava, mas, como muitos de vós deveis saber, vivo martirizada com as minhas ancas. O Dr. Garnett avisou-me de que percorrer distâncias tão longas a cavalo seria um esforço físico demasiado violento. Estamos, idealmente, à procura de voluntárias mais jovens.

– Isto não é seguro para uma jovem ir sozinha. Eu sou contra.

– E não é apropriado. As mulheres deviam estar a cuidar da casa. E a seguir, o que virá? Também vão para as minas? Ou conduzir camiões com madeira?

– Mr. Simmonds, se não consegue ver que existe uma enorme diferença entre um camião de transporte de madeira e um exemplar da *Noite de Reis*, então, Deus ajude a economia do Kentucky, porque não sei aonde vamos parar.

– As famílias deviam ler a Bíblia. Mais nada. Em todo o caso, quem é que vai controlar o que vão andar a distribuir por aí? Já se sabe como eles

são lá, no Norte. Podem muito bem andar por aí a espalhar um monte de loucuras.

– São livros, Mr. Simmonds. Os mesmos com que o senhor aprendeu quando era pequeno. Mas, se bem me lembro, o senhor estava mais interessado em puxar as tranças às meninas do que em ler.

Mais gargalhadas.

Ninguém se mexeu. Uma mulher olhou para o marido, mas ele abanou levemente a cabeça.

Mrs. Brady levantou a mão.

– Ah, esqueci-me de mencionar que este trabalho é *pago*. A remuneração rondará os vinte e oito dólares por mês. Então, quem se quer inscrever?

Seguiu-se um breve murmúrio.

– Eu não posso – disse uma mulher de cabelo ruivo, com um penteado extravagante. – Com quatro filhos com menos de cinco anos em casa...

– Só não percebo porque é que o nosso governo está a desperdiçar o dinheiro suado dos nossos impostos a distribuir livros a pessoas que nem sequer sabem ler – disse Jowly Man. – Metade delas nem sequer vai à igreja.

A voz de Mrs. Brady foi adquirindo um tom ligeiramente desesperado:

– Um mês à experiência. Vá lá, minhas senhoras. Não posso ir ter com a Mrs. Nofcier e dizer-lhe que em Baileyville ninguém se voluntariou. Que ideia vai ela fazer da nossa vila?

Ninguém respondeu. O silêncio prolongou-se. À esquerda de Alice, uma abelha zumbia indolente contra a janela. As pessoas começaram a remexer-se nas cadeiras.

Impávida e serena, Mrs. Brady fitava a assembleia.

– Vá lá. Não vamos ter outro incidente como o da angariação de fundos para os órfãos.

Ao olhar para aquela plateia, parecia de repente que toda a gente começara a interessar-se profundamente pelo estado dos seus sapatos.

– Nem uma? A sério? Bem... então, a Izzy vai ser a primeira.

Uma rapariga pequena e quase esférica, meio escondida entre a audiência compacta, levou as mãos à boca. Mais do que ouvir, Alice viu os lábios da rapariga a pronunciarem o protesto.

– Mãe!

– Temos uma voluntária. A minha filha não vai ter medo de cumprir o seu dever pelo nosso país, pois não, Izzy? Mais alguma?

Ninguém falou.

– Não?... Não acham que é importante aprender? Não acham que é imperativo incentivar as nossas famílias menos afortunadas a procurarem a educação? – perguntou Mrs. Brady, lançando um olhar furioso à assembleia. – Bem, esta não é resposta de que eu estava à espera.

– Eu voluntario-me – disse Alice, quebrando o silêncio.

Mrs. Brady semicerrou os olhos e colocou a mão em pala sobre a testa.

– É a Mrs. Van Cleve?

– Sim. Sou a Alice.

– Não podes inscrever-te – sussurrou-lhe Bennett, aflito.

Alice inclinou-se para a frente.

– O meu marido estava agora mesmo a dizer-me que acredita fortemente na importância do dever cívico, tal como a sua querida mãe acreditava; por isso, eu teria todo o prazer em voluntariar-me – disse, sentindo um formigueiro na pele ao ver que todos os olhares se viravam para ela.

Mrs. Brady refrescou-se com o leque de forma um pouco mais vigorosa.

– Mas... a Alice não conhece os nossos caminhos, minha querida. Não sei se será muito sensato.

– Pois é, Alice – sibilou Bennett –, tu não conheces os caminhos.

– Eu mostro-lhos – disse Margery O’Hare, acenando a Alice com a cabeça. – Eu percorro os caminhos com ela durante uma ou duas semanas. Podemos mantê-la na zona mais próxima da vila até ela os conhecer bem.

– Alice, eu... – sussurrou Bennett. Parecia perturbado e olhava de relance para o pai.

– Sabe montar?

– Desde os quatro anos.

Mrs. Brady balançou-se nos calcanhares, satisfeita.

– Bem, já está, Miss O’Hare. Aqui tem mais duas bibliotecárias.

– Já é um começo.

Margery O’Hare sorriu para Alice e Alice retribuiu-lhe o sorriso, mesmo antes de se aperceber do que estava a fazer.

– Bem, isto não me parece nada uma boa ideia – disse George Simmonds. – E amanhã vou enviar uma carta ao governador Hatch, com a minha opinião. Acho que enviar mulheres jovens, e sozinhas, por aí fora é a receita para o desastre. E não consigo ver nesta ideia mal concebida mais do que uma maneira de fomentar pensamentos pecaminosos e maus comportamentos, tenha ela vindo da Primeira-Dama ou não. Tenha um bom dia, Mrs. Brady.

– Bom dia, Mr. Simmonds.

A assembleia começou a levantar-se ruidosamente dos lugares.

– Encontramo-nos na biblioteca na segunda-feira de manhã – disse Margery O’Hare, quando saíam para a luz do sol, estendendo a mão para cumprimentar Alice. – Podes tratar-me por Marge.

Depois, olhou para o céu, enfiou na cabeça um chapéu de couro de abas largas e avançou a passos largos para um macho corpulento, que saudou com a mesma surpresa e entusiasmo com que cumprimentamos um velho amigo com quem acabamos de nos cruzar na rua.

Bennett ficou a vê-la ir-se embora.

– Mrs. Van Cleve, não faço ideia do que pensas que estás a fazer.

Só depois de ele o ter dito duas vezes é que ela se lembrou de que agora aquele era, de facto, o seu nome.

2

Baileyville passava despercebida entre as vilas do sul dos Apalaches. Aninhada entre duas cumeadas, era composta por duas ruas principais, com edifícios de uma mistura titubeante de tijolo e madeira, unidas num V, de onde emergia um sem-fim de ruelas e trilhos sinuosos que conduziam, a um nível mais baixo, a pequenos vales, ou *hollows*, que se abriam à distância – mas a que as gentes da terra chamavam *hollers*, no seu linguajar – e, ao nível mais elevado, a casas de montanha dispersas pelas cumeadas cobertas de arvoredos. Tradicionalmente, as casas próximas das zonas mais altas do riacho pertenciam às famílias mais ricas e respeitáveis, já que era mais fácil levar uma vida honesta de trabalho nas terras mais planas e mais fácil esconder um alambique nas zonas mais altas e selvagens. Porém, com o avançar do século e a chegada de mineiros e supervisores, e com as subtis alterações na demografia da pequena vila e respetivo condado, deixou de ser possível ajuizar quem era quem apenas pelo troço da estrada em que vivia.

A Biblioteca a Cavalo da WPA ficaria sediada em Baileyville, no último barracão de madeira, no cimo de Split Creek, numa rua secundária, à direita da rua principal, que albergava empregados de escritório, lojistas e aqueles que viviam do seu próprio cultivo. O barracão estava construído diretamente sobre o chão, ao invés de muitos dos edifícios mais baixos, que assentavam em pilares que os protegiam das cheias da primavera. Parcialmente coberto pela sombra de um carvalho gigante à sua esquerda, media aproximadamente quinze passos por doze. Pela frente, o acesso fazia-se por um lanço de escadas de madeira pequenas e instáveis; nas traseiras, havia uma porta também de madeira, que em tempos fora suficientemente ampla para permitir a entrada de vacas.

– Vai ser uma boa maneira de eu passar a conhecer os habitantes da vila – dissera Alice aos dois homens, durante o pequeno-almoço, quando Bennett voltou a questionar a sensatez da mulher ao aceitar este emprego. – Que era precisamente o que tu querias, não era? E também vou deixar de passar dias inteiros a tropeçar na Annie.

Tinha descoberto que, se exagerasse no sotaque inglês, lhes era mais difícil discordar dela. Nas últimas semanas, tinha começado a falar tal e qual como a realeza.

– E, claro, vou perceber quem precisa de apoio religioso.

– Ela tem razão – disse Mr. Van Cleve, retirando pelo canto da boca um pedaço de cartilagem de bacon e colocando-o cuidadosamente na beira do prato. – Podia fazê-lo só até virem os bebês.

Alice e o marido evitaram deliberadamente olhar um para o outro.

Ela aproximava-se agora do edifício térreo, com as botas a espalharem a terra solta da estrada. Colocou a mão na testa e semicerrou os olhos: uma placa recém-pintada anunciava a BIBLIOTECA A CAVALO DOS EUA, WPA, e, vindo do interior, ouvia-se o som inconfundível de marteladas. Mr. Van Cleve abusara um pouco na noite anterior e acordara determinado a implicar com tudo e todos lá em casa. Alice tinha-se esgueirado, enfiado as calças de montar e, pouco depois, deu por si a trautear baixinho a caminho da biblioteca, que ficava a menos de um quilómetro de distância... simplesmente pela alegria de ter um outro sítio onde poder estar.

Parou a meia dúzia de passos e, enquanto tentava espreitar lá para dentro, apercebeu-se do ruído de um motor que se aproximava, em simultâneo com um outro barulho, mais irregular, que não conseguia identificar. Quando se virou, viu o camião e reparou na expressão assustada do motorista.

– *Ei! Tenha cuidado!*

Alice voltou-se no preciso instante em que um cavalo sem cavaleiro galopava pela rua estreita abaixo na sua direção, com os estribos aos saltos e as rédeas emaranhadas nas patas esguias. Quando o camião deu uma guinada para o evitar, o cavalo assustou-se e tropeçou, atirando Alice ao chão.

Ela apercebeu-se vagamente de umas calças de peitilho a saltarem-lhe por cima, do estardalhaço de uma buzina e do estrépito de cascos. *Ei... alto aí. Calma, rapaz...*

– Ai! – exclamou Alice, esfregando o cotovelo e sentindo a cabeça a zunir com o impacto. Quando finalmente se ergueu, viu a alguns metros um homem a segurar as rédeas do cavalo e a passar-lhe a mão pelo pescoço, tentando acalmá-lo. O animal revirava os olhos e tinha as veias do pescoço tão dilatadas, que mais parecia um mapa em relevo.

– Aquele parvalhão! – Uma jovem vinha a correr rua abaixo em direção a eles. – O velho Vance buzinou de propósito, e ele deu um pinote e atirou-me ao chão.

– A senhora está bem? Aquilo é que foi um tombo! – Uma mão estendida ajudou Alice a levantar-se. Ela pôs-se de pé, a piscar os olhos, e olhou para quem a ajudava: era um homem alto, de calças de trabalho de peitilho, camisa de xadrez e um olhar afável, empático. Via-se-lhe um prego a sair pelo canto da boca, que ele tratou de retirar rapidamente e enfiar no bolso, antes de estender a mão para cumprimentar Alice. – Frederick Guisler.

– Alice Van Cleve.

– A noiva inglesa. – Tinha a palma da mão áspera.

Beth Pinker chegou ofegante, meteu-se entre eles e, com um rosnado, arrancou as rédeas das mãos de Frederick Guisler.

– Onde é que tinhas a cabeça, Scooter?

O homem virou-se para ela.

– Eu avisei-te, Beth. Não podes sair daqui a galope num puro-sangue. Isso deixa-o frenético, tem um efeito de mola. Faz os primeiros vinte minutos a passo e tens cavalo para o dia todo.

– E quem é que tem tempo para ir a passo? Tenho de chegar a Paint Lick ao meio-dia. Bolas, ainda por cima fez-me um buraco nas minhas melhores calças. – Beth levou o cavalo até ao degrau de montar, ainda a resmungar por entre dentes, e virou-se de repente. – Ah, és tu a nova rapariga? A Marge disse-me para te dizer que está a chegar.

– Obrigada – respondeu Alice, erguendo a mão num aceno, antes de começar a arrancar as pequenas pedras cravadas na sua pele. Enquanto os outros dois olhavam, Beth verificou os alforges, praguejou um pouco mais, deu a volta ao cavalo e partiu estrada acima, meio de lado e num galope lento.

Frederick Guisler virou-se de novo para Alice e abanou a cabeça:

– Tem a certeza de que está bem? Posso ir buscar-lhe um pouco de água.

Alice tentou mostrar um ar despreocupado, como se não estivesse a sentir o cotovelo a latejar e não se tivesse apercebido de que tinha uma fina camada de gravilha a decorar-lhe o lábio superior.

– Estou bem. Vou só... sentar-me aqui no degrau.

– Na soleira? – perguntou ele, com um sorriso.

– Pois... ou isso – disse ela.

Frederick Guisler deixou-se ficar ali. Estava a forrar as paredes da biblioteca com toscas prateleiras de pinho, por baixo das quais esperavam, no chão, caixas e caixas cheias de livros. Uma das paredes já estava repleta de títulos, todos cuidadosamente etiquetados, e uma pilha de livros a um canto indicava que alguns já tinham sido devolvidos. Ao contrário da casa dos Van Cleve, este pequeno barracão parecia ter um propósito: dele emanava uma aura positiva, como se estivesse prestes a transformar-se em algo efetivamente útil.

Enquanto Alice sacudia a terra da roupa, duas jovens que passavam do outro lado da rua, ambas de saia comprida de anarruga e chapéus de abas largas para se protegerem ao máximo do sol, olharam para ela; depois, aproximaram as cabeças e puseram-se a cochichar. Alice sorriu e levantou timidamente a mão num aceno, mas elas franziram o sobrolho e afastaram-se. Soltando um suspiro, imaginou que fossem amigas de Peggy Foreman. Às vezes, achava que seria melhor pendurar um letreiro ao pescoço a dizer: *Não, não sabia que ele tinha namorada.*

– O Fred contou-me que caíste ainda antes de montar a cavalo. Ainda demora o seu tempo.

Alice levantou os olhos e viu Margery O'Hare a olhar para ela. Estava em cima de um cavalo grande e feio, com as orelhas excessivamente compridas, e trazia à arreata um outro cavalo castanho e branco, mais pequeno.

– Hum... bem, eu...

– Alguma vez montaste um macho?

– Isso é um macho?

– Claro. Mas não lhe digas nada. Ele pensa que é um garanhão da Arábia. – Margery olhou-a de soslaio, por baixo do chapéu de abas largas. – Podes experimentar montar aqui a Spirit, esta pequena égua malhada. Tem mau génio, mas é de confiança, tanta quanto aqui o meu Charley. E nada a faz parar. A outra rapariga não vem.

Alice levantou-se e acariciou o focinho branco da pequena égua, que semicerrou os olhos. Tinha metade das pestanas brancas e a outra metade, castanhas, e exalava um odor doce a erva do prado. Recordou-se imediatamente dos verões passados a cavalgar pela propriedade da avó, no Sussex, quando aos catorze anos tinha liberdade para desaparecer durante todo o dia e não estava constantemente a receber instruções de como se devia comportar.

Alice, tu és demasiado impulsiva.

Inclinou-se e cheirou os pelos macios das orelhas da égua.

– Mas, afinal, vais fazer amor com ela ou vais montá-la?

– Agora? – perguntou Alice.

– Estás por acaso à espera da autorização da Mrs. Roosevelt? Vá lá, temos muitos quilómetros pela frente.

Sem mais delongas, Margery deu a volta ao macho e Alice teve de trepar para cima da pequena égua, quando esta já avançava atrás da dona.

Durante a primeira meia hora, Margery O'Hare quase não falou e Alice seguiu em silêncio atrás dela, esforçando-se para se adaptar àquele estilo tão diferente de montar. Margery não mantinha as costas direitas, os calcanhares para baixo e o queixo para cima, como as raparigas com quem Alice tinha montado em Inglaterra. Montava com as pernas soltas, balançando como um arbusto, enquanto fazia o macho subir, descer e contornar encostas, absorvendo cada impacto. Falava mais com o animal do que com Alice, repreendendo-o ou cantando-lhe, e de vez em quando rodava 180 graus, virando-se para trás a gritar, como se tivesse acabado de se lembrar que tinha companhia:

– Tudo bem aí atrás?

– Tudo ótimo! – respondia Alice, tentando não vacilar, enquanto a égua fazia mais uma tentativa de se virar para trás em direção à vila.

– Ah, ela está só a testar-te – disse Margery, depois de Alice deixar escapar um grito. – Quando lhe mostrares que és tu quem manda, ela vai ficar doce como melaço.

Alice, sentindo a pequena égua a corcovear zangada debaixo de si, não ficou convencida, mas não quis queixar-se, não fosse Margery decidir que ela não servia para aquela tarefa. Atravessaram a pequena vila, passando por hortas vedadas e viçosas, repletas de milho, tomates e verduras, com

Margery a levar a mão ao chapéu para cumprimentar as poucas pessoas que passavam a pé. A égua e o macho resfolegaram e recuaram ligeiramente à passagem de um caminhão gigante, carregado de madeira, mas num instante já estavam fora da vila a subirem um trilho íngreme e estreito. Margery desacelerou um pouco, quando o caminho se tornou mais largo, para poderem seguir lado a lado.

– Então, tu és a rapariga de Inglaterra? – perguntou ela, no seu carregado sotaque americano.

– Sou – respondeu Alice, dobrando-se para evitar um ramo mais baixo.
– Já lá estiveste?

Como Margery seguia sempre a olhar em frente, Alice tinha de fazer um enorme esforço para a ouvir.

– O máximo que viajei para leste foi até Lewisburg. Era onde morava a minha irmã.

– Ah... E mudou-se?

– Morreu. – Margery estendeu o braço para partir um ramo pequeno e arrancou-lhe as folhas, soltando as rédeas sobre o pescoço do macho.

– Sinto muito. Tens mais família?

– Tinha. Uma irmã e cinco irmãos. Mas agora sou só eu.

– Vives em Baileyville?

– Um bocadinho mais longe. Na casa onde nasci.

– Viveste sempre na mesma casa?

– Vivi.

– Não tens curiosidade?

– De quê?

Alice encolheu os ombros.

– Não sei. De como seria ir para outro lugar?

– Porquê? O sítio de onde vens é melhor?

Alice lembrou-se do silêncio esmagador da sala dos pais, da chiadeira do portão da entrada, do pai a assobiar desafinado entre dentes, enquanto polia o carro todos os sábados de manhã, e da meticulosa disposição das colheres e dos garfos de peixe, todos os domingos, sobre a toalha de mesa engomada com esmero. Depois, olhou para os intermináveis pastos verdes e para as montanhas gigantescas que se erguiam em redor. Por cima dela, um falcão volteava e crocitava no imenso céu azul.

– Talvez não.

Margery desacelerou para que Alice pudesse seguir a seu lado.

– Aqui tenho tudo o que preciso. Faço o que quero e geralmente as pessoas deixam-me em paz. – Depois, inclinou-se para a frente e acariciou o pescoço do macho. – É assim que eu gosto de viver.

Alice sentiu uma certa resistência nas palavras de Margery e ficou calada. Percorreram alguns quilómetros em silêncio, antes de Alice começar a sentir a sela a arranhar-lhe a parte interior das pernas, ao nível dos joelhos, e o calor a bater-lhe forte na cabeça desprotegida. Margery fez sinal de que iam virar à esquerda e atravessar uma clareira.

– Vamos acelerar um pouco. É melhor agarrares-te bem, não vá ela tentar dar meia-volta outra vez.

Alice sentiu a pequena égua a ganhar impulso, e deram então início a um galope brando por um caminho pedregoso acima, que foi ficando gradualmente mais sombrio até chegarem às montanhas, com os animais a esticarem os pescoços, de focinho baixo, num esforço para subirem os trilhos longos, íngremes e irregulares por entre as árvores. Alice inspirava o ar agora mais frio e os odores doces e húmidos da floresta, e via o caminho à sua frente salpicado de luz e sombra, e as árvores, lá no cimo, a formarem uma espécie de abóboda de catedral, de onde vinham chilreios e trinados. À medida que avançavam, inclinou-se sobre o pescoço da égua e sentiu uma súbita e inesperada felicidade. Quando desaceleraram, apercebeu-se, sem

saber porquê, de que tinha um sorriso estampado no rosto. Era uma sensação surpreendente, como quem, subitamente, é capaz de mexer um membro paralisado.

– Esta é a rota nordeste. Mas talvez seja mais fácil dividi-la em oito.

– Meu Deus, é tudo tão bonito – exclamou Alice, enquanto contemplava as enormes rochas cor de areia que pareciam surgir do nada, formando abrigos naturais. A toda a volta surgiam penedos da montanha quase na horizontal, em estratos grossíssimos, ou formando arcos de pedra naturais, esculpidos por muitos séculos de vento e de chuva. Ali em cima, Alice estava longe da vila, de Bennett e do pai dele, e não só geograficamente. Tinha a sensação de ter aterrado num planeta completamente diferente, onde a gravidade não funcionava da mesma maneira. Ouvia com perfeição os grilos na erva, o lento e silencioso planar das aves no céu e o indolente agitar das caudas dos cavalos, a enxotarem as moscas dos flancos.

Margery conduziu o macho por baixo de uma saliência rochosa e fez sinal a Alice para a seguir.

– Estás a ver aquilo ali dentro? Aquele buraco? Aquilo ali é um buraco para moer. Sabes o que é?

Alice abanou a cabeça.

– Era naqueles buracos que os índios moíam o milho. Se olhares lá para dentro, vais ver que a pedra tem duas zonas gastas. Era onde o velho chefe descansava o traseiro, enquanto as mulheres trabalhavam.

Alice sentiu as faces corarem e reprimiu um sorriso. Depois, ergueu os olhos para as árvores, percebendo que a sua descontração se esvaía. – Eles ainda... eles ainda estão por aqui?

Margery observou-a por um momento sob as abas largas do chapéu. – Acho que estás a salvo, Alice Van Cleve. Eles costumam ir almoçar a esta hora.

Pararam para comer as sanduíches ao abrigo de uma ponte ferroviária e depois cavalgaram pelas montanhas durante o resto da tarde, por caminhos sinuosos que pareciam virar para trás, deixando Alice na incerteza de onde tinham estado ou para onde se dirigiam. Era difícil calcular onde ficava o norte, com as copas das árvores a entrecruzarem-se por cima das suas cabeças, escurecendo o sol e a sombra. A certa altura, Alice perguntou a Margery onde poderiam parar para fazerem as necessidades e Margery acenou com a mão.

– Atrás da árvore que quiseses; é só escolheres.

A conversa da sua nova companheira era esporádica e concisa, e parecia cingir-se sobretudo a quem tinha ou não tinha morrido. Ela própria, comentou, tinha herdado sangue cherokee dos seus antepassados.

– O meu bisavô casou com uma cherokee. Eu tenho cabelo de cherokee e um belo nariz direito. Na minha família, éramos todos um pouco escuros, embora a minha prima tenha nascido albina.

– Como é que ela é?

– Só viveu até aos dois anos. Foi mordida por uma cobra venenosa. Toda a gente pensava que ela estava só rabugenta, até verem a mordedura. Claro que nessa altura já era demasiado tarde. Ah, tens de ter cuidado com as cobras. Percebes alguma coisa de cobras?

Alice fez que não com a cabeça.

Margery piscou os olhos, como se fosse impensável alguém não entender nada de cobras.

– Bem, as venenosas costumam ter a cabeça em forma de pá, percebes?

– Percebo. – Alice fez um compasso de espera. – Das quadradas? Ou das que se usam para cavar, daquelas mais pontiagudas? O meu pai até tem uma de drenar, das que...

Margery suspirou.

– Por agora, o melhor será manteres-te longe de todas as cobras.

À medida que subiam e se iam afastando do riacho, Margery descia do cavalo de vez em quando e atava um pedaço de cordel vermelho à volta de um tronco, cortando-o depois com um canivete ou com os dentes e cuspidando as pontas. Aquilo, disse ela, permitiria a Alice voltar ao trilho certo.

– Estás a ver a casa do velho Muller, ali à esquerda? Vês aquele fumo de lenha? Ali vive ele, a mulher e quatro filhos. Ela não sabe ler, mas o filho mais velho sabe e vai ensiná-la. O Muller não gosta muito da ideia de eles aprenderem a ler, mas, como está lá em baixo na mina desde o raiar do dia até ao fim da tarde, eu, de qualquer forma, tenho-lhes trazido livros.

– Ele não se vai importar?

– Não vai saber. Quando chega a casa, lava-se para tirar a poeira do corpo, come o que a mulher tiver preparado e, quando o sol se põe, já está a dormir. O trabalho lá em baixo é muito duro, e eles chegam exaustos a casa. Além disso, ela guarda os livros no baú da roupa e ele nunca mexe lá.

Pelos vistos, Margery andava a gerir sozinha os serviços mínimos da biblioteca há já várias semanas. Passaram por pequenas casas com bom ar construídas sobre estacas, por cabanas minúsculas e degradadas com telhados de madeira que pareciam poder ir pelos ares à primeira rajada de vento, por barracas com decrépitas bancas de fruta e legumes à porta. Margery ia apontando para todas elas e explicando quem ali vivia, se sabiam ler e qual a melhor maneira de lhes levar o material de leitura – mas também quais as casas de que não se deviam aproximar. Sobretudo as dos traficantes de bebidas alcoólicas. Bebidas ilegais, que eles produziam em alambiques escondidos na floresta. Havia os que as produziam e davam um tiro a quem os visse, e aqueles que as faziam e as bebiam, não sendo por isso nada seguro ficar por perto. Ela parecia saber tudo a respeito de toda a gente e partilhava cada informação, por mínima que fosse, do mesmo modo simples e lacónico. Esta era a casa de Bob Gillman, que perdera um braço

numa máquina de uma fábrica de Detroit e tinha regressado para viver com o pai. Aquela era a casa de Mrs. Coghlan, que o marido costumava espancar até ao dia em que ele chegou a casa a trocar os olhos e ela o prendeu com um lençol e se atirou a ele com uma chibata até ele jurar que não voltava a bater-lhe. Aqui, tinham explodido dois alambiques clandestinos com um estrondo tal, que se ouviu em dois condados. Os Campbell ainda culpavam os Mackenzy e, por vezes, quando bebiam de mais, desatavam a disparar contra a casa deles.

– Nunca tiveste medo? – perguntou Alice.

– Medo?

– Sim, de andares por aqui sozinha. Pelo que dizes, parece que tudo pode acontecer.

Margery fez aquela expressão de quem nunca tinha pensado nisso.

– Comecei a andar a cavalo por estas montanhas ainda antes de aprender a andar. E tento manter-me longe dos problemas.

Alice deve ter parecido cética.

– Não é difícil. Sabes quando se juntam muitos animais à volta de um charco?

– Hum... Nem por isso. No Surrey não há muitos charcos.

– Se fores a África, vês o elefante a beber ao lado do leão, que está a beber ao lado do hipopótamo, e o hipopótamo está a beber ao lado da gazela. E nenhum deles está a incomodar o outro, pois não? Sabes porquê?

– Não.

– Porque estão a avaliar-se uns aos outros. E a velha gazela percebe que o leão está relaxado e que só está ali para beber. E o hipopótamo está todo descontraído. Assim, todos tratam da sua vida e deixam os outros tratar da deles. Mas, se os vires numa planície ao anoitecer, verás que o mesmo leão anda a vaguear com um brilho nos olhos à procura de caça, e as gazelas, bem... sabem que têm de fugir, e depressa.

– Além de cobras, também há leões?

– Temos de avaliar as pessoas, Alice. Se avistares alguém ao longe e for um mineiro a caminho de casa, consegues perceber pelo andar que está cansado e que só quer voltar para casa, encher a barriga e descansar os pés. Mas... e se vires esse mesmo mineiro numa sexta-feira à porta de um bar, com meia garrafa de uísque no bucho e a lançar-te um olhar nojento? Aí percebes que tens de te pôr a andar dali para fora, não percebes?

Avançaram em silêncio durante algum tempo.

– Então, Margery?

– Sim?...

– Se nunca foste além de... onde é que era? Lewisburg? Como é que sabes tanto sobre os animais de África?

Margery deteve o macho e virou-se para a encarar.

– Estás mesmo a fazer-me essa pergunta?

Alice ficou a olhar para ela.

– E queres mesmo que eu faça de ti bibliotecária?

Foi a primeira vez que Alice viu Margery a rir e a fazer tamanho chinfrim, que mais parecia uma coruja-das-torres. Já iam a meio caminho de Salt Lick, e ela ainda não parara de rir.

– Então, como correram as coisas hoje?

– Correram bem, obrigada!

Ela não queria dizer como a dor no traseiro e nas coxas era tão insuportável, que quase chorara ao sentar-se na sanita. Nem queria falar das cabanas minúsculas por que tinham passado e de como estavam forradas com folhas de jornal para, segundo Margery, *se protegerem das correntes de ar no inverno*. Precisava de tempo para assimilar toda a terra que tinha calcorreado, aquela sensação, ao percorrerem um trilho horizontal para atravessar uma paisagem vertical, de estar pela primeira vez na vida

verdadeiramente em contacto com a natureza selvagem, com aves enormes, veados a vaguearem e minúsculos lagartos azuis. Achou melhor não falar do homem desdentado que as tinha insultado na estrada nem da jovem, e exausta, mãe com quatro filhos pequenos a correrem pela rua fora, nus como no dia em que haviam nascido. Mas, acima de tudo, o dia tinha sido tão extraordinário e tão precioso, que ela não queria, de facto, partilhar nada com os dois homens.

– Ouvi dizer que andaste a cavalgar com a Margery O’Hare. É verdade?

– perguntou Mr. Van Cleve, bebendo um gole da sua bebida.

– É, sim. E com a Isabelle Brady. – Mas nada disse sobre Isabelle não ter aparecido.

– É melhor manteres-te longe dessa O’Hare. Ela é um problema.

– Como é que ela é um problema?

Alice apercebeu-se de que Bennett lhe lançou imediatamente um olhar de *não digas nada*.

Mr. Van Cleve apontou-lhe o garfo.

– Ouve o que eu te digo, Alice. A Margery O’Hare vem de uma família má. O Frank O’Hare era o maior traficante que havia desde aqui até ao Tennessee. És muito nova para compreenderes o que isso significa. Bem, ela agora até se pode esconder atrás dos livros e de palavras caras, mas lá no fundo é tudo o mesmo, exatamente igual aos outros inúteis. E digo-te mais: não há por aqui nenhuma senhora decente que tomasse chá com ela.

Enquanto tentava imaginar Margery O’Hare preocupada em tomar chá com algumas senhoras, Alice pegou no prato com pão de milho que Annie trouxera e tirou uma fatia antes de o passar. Apercebeu-se de que estava esfomeada, apesar do calor.

– Por favor, não se preocupe. Ela anda apenas a mostrar-me aonde tenho de ir entregar os livros.

– Eu só estou a avisar. É melhor não andares muito por aí com ela. Não vais querer ser influenciada pelos seus modos.

Ele pegou em duas fatias de pão e meteu metade de uma na boca, ficando por segundos a mastigar com a boca aberta. Alice estremeceu e desviou o olhar.

– Afinal, que tipo de livros são esses?

Alice encolheu os ombros.

– Apenas... livros. Há do Mark Twain e da Louisa May Alcott, algumas histórias de cowboys e livros práticos para ajudar nas tarefas de casa, receitas e coisas do género.

Mr. Van Cleve abanou a cabeça.

– Metade daquela gente das montanhas não sabe ler nem uma palavra. O velho Henry Porteous acha que é uma perda de tempo e de dinheiro dos nossos impostos, e eu confesso que estou inclinado a concordar. E, como já disse, qualquer coisa em que a Margery O'Hare esteja envolvida só pode ser má ideia.

Alice estava prestes a falar em defesa de Margery, quando sentiu a mão do marido a apertá-la com firmeza debaixo da mesa, dissuadindo-a.

– Não sei – disse Mr. Van Cleve, limpando um pouco de molho de carne do canto da boca –, mas tenho quase a certeza de que a minha mulher não iria aprovar um projeto destes.

– Mas, pelo que o Bennett me diz, ela acreditava em ações de caridade – disse Alice.

Mr. Van Cleve fitou-a do outro lado da mesa.

– Pois acreditava. Era uma mulher extremamente piedosa.

– Bem – disse Alice, passado um momento –, eu acredito que, se conseguirmos encorajar famílias ateias a lerem, podemos encorajá-las a voltarem-se para as Escrituras e para a Bíblia. E isso só pode ser bom para todos. – Disse-o com um sorriso meigo e aberto, ligeiramente debruçada

sobre a mesa. – Consegue imaginar, Mr. Van Cleve, todas aquelas famílias a serem finalmente capazes de compreender a palavra de Deus por meio de uma adequada leitura da Bíblia? Não seria maravilhoso? Tenho a certeza de que a sua mulher só poderia incentivar uma coisa assim.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Bem, sim – disse Mr. Van Cleve. – És capaz de ter razão.

Acenou com a cabeça, sugerindo que dava a conversa por terminada, pelo menos, por agora. Alice viu o marido relaxar levemente, de alívio, e a única coisa que desejou foi não o odiar por causa disso.

Passados três dias, Alice já tinha percebido que, pertencesse ou não Margery a uma família má, preferia a companhia dela à de qualquer outra pessoa do Kentucky. Margery não falava muito. Não mostrava nenhum interesse pelos mexericos, velados ou não, que pareciam alimentar as mulheres presentes nos intermináveis chás e reuniões de costura em que Alice havia participado até à data. Não lhe interessava a aparência de Alice nem as suas ideias nem a sua história. Margery ia aonde queria e dizia o que pensava, sem esconder nada por detrás dos eufemismos bem-educados e polidos que todos achavam tão úteis.

Ah, é assim que se faz em Inglaterra? Que interessante.

E o Mr. Van Cleve Júnior aceita de bom grado que a mulher dele ande a cavalo sozinha pelas montanhas? Aceita mesmo? Meu Deus!

Bem, talvez esteja a conseguir persuadi-lo com a maneira inglesa de fazer as coisas. Que... moderno.

De repente, Alice apercebeu-se de que Margery se comportava *como um homem*.

Este pensamento era de tal forma extraordinário, que Alice deu por si a avaliá-la de longe, para tentar descobrir como teria chegado a tão

surpreendente estado de emancipação. Mas ainda não era suficientemente corajosa, ou talvez fosse ainda demasiado inglesa, para lhe perguntar.

Alice chegava à biblioteca pouco depois das sete, com a espessa camada de orvalho ainda bem visível sobre a erva, depois de recusar a boleia de Bennett e de o deixar a tomar o pequeno-almoço com o pai. Cumprimentava Frederick Guisler, que encontrava muitas vezes a falar com um cavalo, tal como Margery, e depois ia até às traseiras do edifício, onde a Spirit e o macho estavam presos, com o vapor da respiração a elevar-se no ar frio da manhã. As estantes da biblioteca estavam agora praticamente prontas, repletas de livros doados, vindos de regiões tão longínquas como Nova Iorque e Seattle. (A WPA divulgara um pedido de doação pelas bibliotecas, e os pacotes de papel pardo chegavam duas vezes por semana.) Como Mr. Guisler tinha consertado uma velha mesa oferecida por uma escola de Berea, tinham agora onde pousar o enorme livro com capa de couro onde registavam as entradas e saídas dos livros. As páginas estavam a ser rapidamente preenchidas: Alice descobriu que Beth Pinker saía às cinco da manhã e que Margery, antes de vir ao seu encontro, fazia diariamente duas horas a cavalo para distribuir livros por propriedades remotas nas montanhas. Alice passou os olhos pela lista para ver onde Margery e Beth tinham estado.

Quarta-feira, 15

As crianças Farley, Crystal – quatro livros de banda desenhada

Mrs. Petunia Grant, Casa dos Professores em Yellow Rock – dois números da revista Ladie's Home Journal (fevereiro e abril de 1937), um exemplar de O Cavalo Preto, de Anna Sewell (marcas de tinta nas páginas 34 e 35)

Mr. F. Homer, Wind Cave – um exemplar de Medicina Popular, de D. C. Jarvis

Irmãs Fritz, The End Barn, White Ash – um exemplar de Cimarron, de Edna Ferber, Sublime Obsessão, de Lloyd C. Douglas (nota: faltam os versos de três páginas e a capa foi danificada com água)

Os livros raramente eram novos e era frequente faltarem-lhes páginas ou as capas, como Alice descobriu, enquanto ajudava Frederick Guisler a colocá-los nas estantes. Ele era um homem de trinta e muitos anos, rijo e castigado pelo clima rigoroso, e tinha herdado mais de trezentos hectares de terra do pai, que, como ele, criava e treinava cavalos, entre os quais a Spirit, a pequena égua que Alice andava a montar.

– Esta aqui tem muita personalidade – disse ele, afagando o pescoço da pequena égua. – Mas, na verdade, nunca conheci boas éguas que não a tivessem.

Tinha um sorriso suave e cúmplice, como se na realidade não estivesse a falar de cavalos.

Em todos os dias daquela primeira semana, Margery começava por traçar a rota que iam percorrer e só depois saíam para o silêncio da manhã, com Alice a inspirar o ar da montanha, inebriada, depois do ar abafado e sufocante da casa dos Van Cleve. Com o avançar do dia, e à chapa do sol, quando o calor se elevava do chão em ondas tremeluzentes, era um alívio estar no topo das montanhas, onde as moscas e outros insetos não mordiam e zumbiam incessantemente à volta das pessoas. Nos trilhos mais remotos, Margery ia descendo do macho de vez em quando para atar um cordel a uma árvore, para ajudar Alice a encontrar o caminho de volta quando andasse a trabalhar sozinha, ao mesmo tempo que lhe ia mostrando pontos

de referência e formações rochosas invulgares que lhe pudessem servir de ajuda.

– Se não fores capaz de encontrar o caminho, a Spirit vai encontrá-lo por ti – disse-lhe ela. – É fina como um rato.

Alice já começava a habituar-se à pequena égua branca e castanha. Sabia exatamente onde a Spirit ia querer dar meia-volta e onde ia querer acelerar, e, em vez de gritar, inclinava-se sobre o pescoço do animal, acariciando-o, e as orelhas da égua abanavam para a frente e para trás. Já começava a ter uma vaga ideia de onde ia dar cada trilho e tinha desenhado mapas para cada um, que enfiava nas calças, na esperança de conseguir encontrar sozinha o caminho para cada casa. Mas, acima de tudo, tinha começado a apreciar o tempo que passava nas montanhas, a inesperada quietude da interminável paisagem, a imagem de Margery à sua frente, ora baixando-se para se desviar dos ramos baixos, ora apontando para as cabanas isoladas que se erguiam, como se fizessem parte da natureza, nas clareiras da floresta.

– Olha à tua volta, Alice – dizia-lhe Margery, com a voz a ser levada pela brisa. – Não vale a pena preocupares-te com o que as pessoas da vila pensam de ti. Afinal, não há nada que possas fazer para mudares isso. Mas, se olhares em volta, verás que existe um mundo cheio de coisas bonitas.

Pela primeira vez em quase um ano, Alice não se sentia observada. Não havia ninguém a comentar a forma como estava vestida ou como se comportava, ninguém lhe lançava olhares curiosos nem se aproximava para ouvir a maneira como falava. Tinha começado a compreender a razão pela qual Margery queria tanto que as pessoas a *deixassem em paz*. Foi arrancada aos seus pensamentos quando Margery parou, derrapando ligeiramente.

– Aqui vamos nós, Alice. – E saltou do macho junto a um portão periclitante, onde galinhas esgaravatavam na terra junto à casa,

desinteressadas, e um porco enorme farejava perto de uma árvore. – Está na hora de conheceres estes vizinhos.

Alice seguiu-lhe o exemplo e desmontou da égua, atirando as rédeas por cima do pilar junto ao portão. Os cavalos baixaram imediatamente os focinhos e começaram a pastar, enquanto Margery pegava num dos alforges e fazia sinal a Alice para a seguir. A casa, quase em ruínas, tinha as tábuas todas desalinhadas, como um sorriso enviesado. As janelas estavam cobertas de pó, o que escurecia o interior, e cá fora uma chaleira de ferro repousava sobre as brasas de uma fogueira. Custava a crer que alguém ali vivesse.

– Bom dia! – Margery avançou até meio caminho da porta. – Ora viva!

Não se ouvia nenhum ruído, mas segundos depois uma tábua rangeu e apareceu à porta um homem de espingarda ao ombro. Envergava umas calças de peitilho que pareciam não ver água há muito tempo e segurava um cachimbo de barro por baixo do bigode espesso. Atrás dele, apareceram duas meninas, que inclinaram a cabeça e espreitaram para ver quem era. Ele olhou-as, desconfiado.

– Como está, Jim Horner? – saudou Margery, entrando no recinto vedado por uma pequena cerca (difícilmente se poderia chamar àquilo um jardim) e fechando o portão assim que entraram. Parecia nem ter reparado na arma e, se tinha, ignorava-a. Alice sentiu o coração bater mais depressa, mas seguiu-a, obediente.

– Quem é esta? – perguntou o homem, acenando para Alice.

– É a Alice. Anda a ajudar-me com a biblioteca itinerante. Será que podemos falar consigo sobre o que trazemos aqui?

– Eu não quero comprar nada.

– Então, isso vem mesmo a calhar, porque nós não andamos a vender nada. Só vamos tomar cinco minutos do seu tempo. E será que, entretanto, nos podia arranjar um copo de água? É que está mesmo muito calor aqui

fora. – Margery tirou o chapéu com toda a calma e abanou-se com ele, para se refrescar. Alice estava prestes a dizer que não tinham feito sequer um quilómetro desde que haviam bebido um cântaro de água a meias, mas conteve-se, fitando-a por uns instantes.

– Esperem aqui fora – disse ele, por fim, apontando para um banco comprido em frente à casa. Murmurou depois qualquer coisa a uma das filhas, uma menina muito magrinha de tranças, que desapareceu no interior escuro da casa e regressou em seguida com um balde, mas de sobrolho franzido perante a tarefa em mãos. – Ela já lhe vai buscar água.

– Mae, não te importavas de trazer também uma pinguinha aqui para a minha amiga, por favor? – pediu Margery à menina.

– Seria muito simpático da tua parte, obrigada – disse Alice, ao mesmo tempo que o homem se sobressaltava com o seu sotaque.

Margery virou a cabeça na direção de Alice.

– Ah, essa é a que veio lá da *Inglaterra*. A que casou com o filho do Van Cleve?

O olhar dele saltava impassível de uma para a outra, sempre de espingarda ao ombro. Alice sentou-se cautelosamente no banco, enquanto Margery continuava a falar numa voz baixa, tranquila e monótona. O mesmo tom que utilizava com o Charley, quando ele ficava *rabugento*, como ela dizia.

– Ora bem, não sei se já ouviram falar disto na vila, mas nós temos uma biblioteca a funcionar. É para aqueles que gostam de histórias ou para ajudar um pouco na educação das crianças, sobretudo daquelas que não frequentam a escola da montanha. E eu vim cá para saber se não gostaria de ficar com algum livro para as suas filhas.

– Já disse que elas não leem.

– Pois disse. E foi por isso que trouxe uns fáceis de ler, só para elas ganharem o gosto. Estes aqui têm imagens e as letras todas, e assim podem

aprender sozinhas. Nem precisam de ir à escola. Podem fazê-lo aqui mesmo.

E passou-lhe para a mão um dos livros ilustrados. Ele baixou a espingarda, pegou cautelosamente no livro, como se ela estivesse a entregar-lhe algo explosivo, e começou a folheá-lo.

– Eu preciso que as raparigas me ajudem na colheita e nas conservas.

– Pois claro. É uma época de muito trabalho.

– Não as quero distraídas.

– Compreendo. Nada pode atrasar as conservas. Mas parece que este ano o milho vai ser bom. Nada como o ano passado, pois não? – Margery sorriu quando a menina apareceu à frente delas, a tombar para um dos lados, ao peso de meio balde de água. – Ah, obrigada, minha querida. – E estendeu a mão, enquanto a menina lhe enchia um velho copo de lata. Bebeu avidamente e depois entregou o copo a Alice. – Está boa e fresquinha. Muito obrigada.

Jim Horner esticou a mão com o livro na direção dela.

– Eles vão querer dinheiro por essas coisas.

– Bem, essa é a parte mais bonita disto tudo, Jim. Não é preciso dinheiro nenhum, nem assinaturas nem nada. A biblioteca só existe para incentivar as pessoas a lerem. E até, quem sabe, a aprenderem alguma coisa, se lhe ganharem o gosto.

Jim Horner fitou a capa do livro. Alice nunca tinha ouvido Margery falar tanto tempo seguido.

– Sabe que mais? E se eu lhe deixar aqui estes só durante esta semana? Não tem de os ler, mas pode dar-lhes uma olhadela, se lhe apetecer. E nós passamos cá na próxima segunda-feira para os recolhermos. Se gostar deles, diz às suas meninas para me avisarem e eu trago mais. Se não gostar, basta deixá-los dentro de uma caixa, ali, junto ao pilar da vedação, que eu não volto a incomodá-lo. Que lhe parece?

Alice olhou para trás e viu um segundo rosto pequenino a desaparecer muito depressa na penumbra da casa.

– Não me parece.

– Para lhe dizer a verdade, era um favor que me fazia. É que assim eu não ia ter de carregar novamente o raio dos livros montanha abaixo. Safa, nem imagina como os nossos alforges estão pesados hoje! Alice, já bebeste a tua água? Não podemos roubar mais tempo a este senhor. Foi um prazer vê-lo, Jim. E obrigada, Mae. Como tu crescestes desde a última vez que te vi!

Quando iam a chegar ao portão, ouviram a voz de Jim Horner subir de tom e tornar-se mais ríspida:

– Não quero mais ninguém a vir aqui incomodar-nos. Não quero ser incomodado nem que incomodem as minhas filhas. Elas já têm muito com que se entreter.

Margery nem se virou, limitando-se a levantar a mão.

– Entendido, Jim.

– E não precisamos de caridade. Não quero ninguém da vila a aparecer por aqui. Nem sei porque vieram.

– Vamos a todas as casas até Berea. Mas já entendemos. – A voz de Margery foi arrastada pela encosta, enquanto se dirigiam para os cavalos.

Alice olhou para trás e viu que ele tinha voltado a pôr a espingarda ao ombro. Sentia o coração a pulsar-lhe nos ouvidos, enquanto acelerava o passo. Tinha medo de olhar novamente para trás. Enquanto Margery montou o macho, ela pegou nas rédeas, montou a Spirit, com as pernas a tremer, e só quando achou que estavam suficientemente longe para Jim Horner não tentar disparar sobre elas é que se permitiu respirar. Então, picou a égua para ficar lado a lado com Margery.

– Meu Deus! São todos assim tão horríveis? – As suas pernas, apercebia-se agora, estavam completamente encharcadas.

– Horríveis? Alice, isto até correu lindamente.

Alice não sabia se tinha ouvido bem.

– A última vez que vim a Red Creek, o Jim arrancou-me o chapéu com um tiro – disse Margery. Virou-se para ela, inclinou o chapéu, para que Alice pudesse ver o pequeno orifício chamuscado no alto da copa, e voltou a pô-lo de imediato no lugar.

– Vá lá, toca a acelerar um pouco. Quero levar-te a conhecer a Nancy, antes de pararmos para almoçar.

3

... e, melhor que tudo, a imensidão de livros, por onde ela podia deambular a seu bel-prazer, fazia da biblioteca o seu refúgio de felicidade.

Louisa May Alcott, *Little Women* (Mulherzinhas)

Duas nódoas negras nos joelhos e uma no tornozelo esquerdo, bolhas em sítios onde não sabia que pudessem existir. Um conjunto de picadas infetadas atrás da orelha direita, quatro unhas partidas (e um pouco sujas, tinha de admitir) e um escaldão no pescoço e no nariz. Uma arranhadela de cinco centímetros no ombro, por ter raspado contra uma árvore, e uma marca no cotovelo esquerdo, de uma mordidela da Spirit quando ela tentara matar um moscardo à palmada. Alice observava o seu rosto sujo refletido no espelho e imaginava o que pensariam as pessoas em Inglaterra desta tão maltratada *cowgirl*.

Já tinham passado mais de duas semanas e ninguém mencionara o facto de Isabelle Brady ainda não ter aparecido para se juntar à pequena equipa de bibliotecárias a cavalo, pelo que Alice também não se sentia à vontade para perguntar. Frederick pouco falava, a não ser para lhe oferecer um café e lhe dar uma ajuda com a Spirit; Beth – a filha do meio de oito irmãos – entrava e saía, sempre apressada e com uma energia arrapazada, acenando com a cabeça, enquanto dizia um olá bem-disposto e atirava a sela para o chão, protestando quando não conseguia encontrar os *malditos alforges*; e o nome de Isabelle simplesmente não aparecia nos pequenos cartões afixados na parede, com os quais registavam as entradas e saídas dos turnos. De vez em quando, passava por ali um grande carro verde-escuro com Mrs. Brady ao volante, e Margery acenava-lhe, mas não havia nenhuma troca de

palavras. Alice começava a achar que ter indicado o nome da filha fora apenas uma forma de Mrs. Brady encorajar outras jovens a aderirem.

Foi, por isso, com alguma surpresa que viu o carro parar ali, na tarde de quinta-feira, com as rodas gigantes a atirarem areia e gravilha para os degraus. Mrs. Brady adorava conduzir, embora se distraísse com facilidade e pusesse em fuga as pessoas por quem passava quando virava a cabeça para acenar a algum transeunte ou guinava bruscamente para evitar um gato que atravessava a estrada.

– Quem é?

Margery nem levantou a cabeça. Estava a tratar de duas pilhas de livros devolvidos, tentando decidir quais estavam demasiado danificados para voltarem a ser distribuídos. Não fazia muito sentido entregar um livro ao qual faltava a última página, como já tinha acontecido. *Uma perda de tempo*, tinha sido a queixa de um caseiro a quem haviam entregado *Terra Abençoada*, de Pearl S. Buck. *Não leio mais livro nenhum*.

– Deve ser a Mrs. Brady.

Alice, que estava a tratar de uma bolha no calcanhar, espreitou pela janela, tentando passar despercebida. Viu Mrs. Brady fechar a porta do condutor e parar para acenar a alguém que ia a passar do outro lado da rua. E, depois, viu uma mulher mais jovem surgir do lado do passageiro, com os caracóis ruivos bem definidos presos num rabo de cavalo. Isabelle Brady.

– São as duas – disse Alice, baixinho. E voltou a calçar a meia, estremeando.

– Estou surpreendida.

– Porquê? – perguntou Alice.

Isabelle deu a volta ao carro para ir ao encontro da mãe, e foi nesse momento que Alice viu que ela coxeava e que a parte inferior da sua perna esquerda tinha uma proteção de couro e metal que encaixava no sapato, dando a impressão de levar ali um pequeno tijolo preto. Não usava bengala,

mas balançava ligeiramente ao andar, e a concentração, ou talvez o desconforto, estava-lhe estampada no rosto sardento.

Alice recuou, quando elas começaram a subir lentamente os degraus, para evitar que a vissem a observá-las. Ouviu murmúrios de uma conversa, e em seguida a porta abriu-se.

– Miss O’Hare!

– Boa tarde, Mrs. Brady e Isabelle.

– Peço imensa desculpa por só agora trazer a Izzy. Ela teve... teve de tratar de uns assuntos, primeiro.

– Nós só temos de ficar felizes por ela aqui estar. A Mrs. Van Cleve está quase pronta para partir sozinha, mas quantas mais melhor. No entanto, ainda vou ter de lhe ir buscar um cavalo, Miss Brady, pois não sabia exatamente quando viria.

– Sou péssima a montar – disse Izzy, baixinho.

– Já imaginava, pois nunca a vi andar a cavalo. Sendo assim, o Mr. Guisler vai emprestar-lhe o seu velho companheiro, o Patch. É um bocadinho pesado, mas muito meigo, e de certeza que não a vai assustar. Ele sabe bem o que está a fazer e vai andar ao seu ritmo.

– Eu não sei montar – disse Izzy, com uma certa irritação na voz, olhando para a mãe, revoltada.

– Isso é só porque não queres experimentar, minha querida – disse-lhe a mãe, sem olhar para ela. E, depois, esfregando as mãos uma na outra, perguntou: – Então, a que horas devemos aparecer amanhã? Izzy, vamos ter de ir a Lexington para te comprar umas calças de montar novas. Tens comido tanto, que as velhas já não te servem.

– Bem, aqui a Alice salta para a sela às sete; porque não aparecem a essa hora? Podemos começar um bocadinho mais cedo, quando dividimos as rotas.

– Não me estão a ouvir – começou Izzy.

– Vemo-nos amanhã – disse Mrs. Brady, ao mesmo tempo que olhava em redor para a pequena cabana. – É bom ver todo o trabalho que já foi feito aqui. E soube pelo pastor Willoughby que, no domingo passado, as meninas McArthur leram as suas passagens da Bíblia sem grande esforço graças aos livros que vocês lhes levaram. Excelente. Boa tarde, Mrs. Van Cleve e Miss O’Hare. Estou muito grata às duas.

Mrs. Brady despediu-se com um cumprimento de cabeça, e as duas viraram costas e saíram da biblioteca. Alice e Margery ouviram o rugido do motor e, logo a seguir, uma derrapagem e um grito de sobressalto, no momento em que Mrs. Brady arrancava rumo à estrada.

Alice olhou para Margery, que encolheu os ombros. E ali ficaram as duas, sentadas em silêncio, até o ruído do motor se desvanecer ao longe.

– Bennett... – Alice subiu ao alpendre, onde o marido estava sentado com um copo de chá gelado na mão, e reparou na cadeira de baloiço estranhamente vazia. – Onde está o teu pai?

– Foi jantar com os Lowe.

– Essa não é aquela que nunca mais se cala? Meu Deus, vai passar lá a noite toda. O que me surpreende é que a Mrs. Lowe tenha sequer fôlego suficiente para conseguir comer – disse Alice, afastando o cabelo da testa. – Ah, eu tive um dia extraordinário. Fomos a uma casa no meio do nada, e posso garantir que aquele homem nos queria dar um tiro. Mas não deu, claro...

Nisto, começou a falar mais devagar, ao ver que ele baixara os olhos para as botas dela, todas sujas. Alice olhou também para botas e para a lama que tinha nas calças.

– Ah, isto... Pois é. Não vi bem onde é que devia atravessar um riacho e a égua tropeçou e atirou-me por cima dela. Por acaso, até foi muito engraçado. A dada altura pensei que a Margery ia desmaiar de tanto rir.

Felizmente, fiquei seca num instante, mas *espera* só até veres as minhas mazelas. Estou toda negra.

A seguir, aproximou-se e baixou-se para lhe dar um beijo, mas ele virou a cara.

– Ultimamente cheiras a cavalo – disse ele. – Talvez seja melhor ires tomar um banho. Isso tem tendência a ficar... colado à pele.

Alice tinha a certeza de que ele não tinha dito aquilo para a magoar, mas magoou. Depois, cheirou o próprio ombro.

– Tens razão – admitiu, forçando um sorriso. – Cheiro a cowboy! O que dizes de eu tomar um banho e vestir qualquer coisa bonita e depois irmos dar um passeio até ao rio? Posso preparar um piquenique todo catita. A Annie não deixou um pouco daquele bolo de melaço? Sei que, pelo menos, ainda temos um pedaço de presunto. Diz que sim, meu querido. Só tu e eu. Há semanas que não saímos verdadeiramente juntos.

Bennett levantou-se da cadeira.

– Na verdade, eu vou... hum... encontrar-me com alguns dos rapazes para jogarmos uma partida. Só estava à espera que chegasses a casa para te avisar.

Ao ficar de pé, à sua frente, ela apercebeu-se de que ele vestira as calças brancas que costumava usar para fazer desporto.

– Vamos para o campo, para casa do Johnson.

– Ah, está bem. Então, eu também vou e assisto. Prometo que me lavo num instante.

Ele passou a mão pela cabeça.

– Sabes... é que isto é coisa de homens. As mulheres não costumam ir.

– Eu não abro a boca, Bennett, meu querido, nem te incomodo.

– A questão não é essa, a sério...

– É que eu adorava ver-te jogar. Pareces tão... *alegre* quando jogas.

A forma como ele a olhou e rapidamente desviou o olhar deu-lhe a entender que já tinha falado de mais. Ficaram em silêncio por um momento.

– Como te disse, é coisa de homens.

Alice engoliu em seco.

– Percebo. Fica para outra vez, então.

– Claro! – Ele, sentindo-se liberto, pareceu ficar subitamente feliz. – Um piquenique seria uma ótima ideia. Até podemos convidar também alguns dos rapazes. O Pete Schrager, por exemplo? Gostaste da mulher dele, não gostaste? A Patsy é divertida. Tu e ela hão de tornar-se boas amigas, aposto.

– Ah, sim. Talvez.

E ali ficaram os dois um pouco mais, frente a frente, constrangidos. Depois, Bennett estendeu a mão e inclinou-se, como que a preparar-se para a beijar. Mas, desta vez, foi Alice que recuou. – Não faz mal, não és obrigado. Céus, tresando mesmo! Que horror! Como é que consegues suportar isto?

Afastou-se, virando-lhe as costas, e subiu as escadas a correr, dois degraus de cada vez, para ele não lhe ver os olhos marejados de lágrimas.

Os dias de Alice tinham-se tornado numa espécie de rotina desde que começara a trabalhar. Levantava-se às cinco e meia da manhã, tomava banho e vestia-se na pequena casa de banho que havia no corredor (estava grata pela sua existência, pois rapidamente se apercebera de que metade das casas de Baileyville ainda tinham *casas de banho exteriores* – ou pior). Bennett dormia como uma pedra, mal se mexendo enquanto ela calçava as botas; depois, ela inclinava-se para lhe dar um beijo ao de leve na face e descia as escadas em bicos de pés. Já na cozinha, pegava nas sanduíches que tinha feito na noite anterior e nuns quantos *biscoitos* que Annie tinha deixado em cima do aparador, e embrulhava tudo num guardanapo, para ir

comendo a caminho da biblioteca. Alguns dos rostos por que passava durante a caminhada já se tinham tornado familiares: agricultores nas suas carroças puxadas por cavalos, camionistas ao volante de camiões carregados de madeira, a caminho dos enormes estaleiros, e algum mineiro atrasado, de lancheira na mão. Tinha começado a acenar às pessoas que reconhecia – no Kentucky, as pessoas eram muito mais bem-educadas do que em Inglaterra, onde o mais provável era serem olhadas com desconfiança se cumprimentassem um estranho num tom simpático. Alguns tinham começado a falar com ela do outro lado da estrada: *Como está a correr a biblioteca?* E ela respondia: *Ah, muito bem, obrigada.* E eles sorriam sempre, embora, por vezes, ela suspeitasse de que só falavam com ela por acharem graça ao seu sotaque. Em todo o caso, era bom sentir que começava a fazer parte de alguma coisa.

De vez em quando, cruzava-se com Annie, que ia no seu passo apressado e de cabeça baixa em direção à casa deles, sentindo-se envergonhada por nem sequer saber onde morava a governanta. Acenava-lhe alegremente com a mão, mas Annie limitava-se a acenar com a cabeça, sem um sorriso, como se Alice tivesse transgredido alguma regra implícita do manual da relação patrão-trabalhador. Sabia que Bennett só se levantava depois de Annie chegar, sendo ela quem o acordava com uma chávena de café numa bandeja, depois de ter feito o mesmo a Mr. Van Cleve. Quando os dois homens terminassem de se arranjar, os ovos com bacon e as papas de aveia já estariam à sua espera na mesa, com os talheres devidamente colocados. E, quando faltasse um quarto para as oito, partiam os dois no *Ford sedan* descapotável cor de vinho de Mr. Van Cleve, para a exploração mineira Hoffman.

Alice tentava não pensar demasiado na noite anterior. Uma vez, a sua tia preferida tinha-lhe dito que a melhor forma de viver era não estar sempre a ruminar nas mesmas coisas; portanto, tinha decidido arrumar todos esses

acontecimentos numa mala e atirá-los para o fundo de uma gaveta mental, tal como já tinha feito com inúmeras outras malas. Não valia a pena ficar a pensar no facto de, nitidamente, Bennett ter ido beber até altas horas depois de o jogo de basebol ter terminado e de ter aterrado na cama do quarto de vestir, quando chegou, de onde ela o ouviu ressonar com roncões convulsivos até ao amanhecer. Não valia a pena pensar demasiado no facto de já terem passado mais de seis meses, tempo suficiente para ela perceber que este talvez não fosse um comportamento normal para um recém-casado. Tal como não valia a pena pensar demasiado em como era óbvio que nenhum deles fazia ideia de como conversar sobre o que se estava a passar. Sobretudo porque ela nem sequer tinha a certeza do *que* se estava a passar. Nada na vida dela até ao presente lhe dera esse vocabulário nem essa experiência. E não havia ninguém com quem pudesse falar em confidência. A mãe considerava que qualquer conversa sobre o corpo – mesmo sobre limar as unhas – era *ordinária*.

Alice respirou fundo. Não. Era melhor concentrar-se na estrada e no dia árduo e longo que tinha pela frente, entre os livros e as entradas no livro de registos, os cavalos e as exuberantes florestas. Era melhor não pensar demasiado em nada e limitar-se a cavalgar, longa e arduamente, e a concentrar-se com diligência na sua nova tarefa, memorizando os trilhos, apontando os nomes e os endereços e classificando os livros, para que, quando regressasse a casa, não pudesse ter forças para mais nada senão para jantar, tomar um longo banho de imersão e, por fim, mergulhar rapidamente no sono.

Era uma rotina que convinha aos dois, como ela se apercebeu.

– Ela está cá – disse Frederick Guisler ao passar por Alice, à porta da biblioteca, enquanto levava a mão ao chapéu e semicerrava os olhos.

– Quem? – perguntou ela, pousando a lancheira e espreitando pela janela das traseiras.

– A Miss Isabelle – respondeu ele, ao pegar no casaco para se dirigir para a porta. – Só Deus sabe, mas duvido que nos tempos mais próximos esteja apta a participar no Kentucky Derby. Há café feito lá atrás, Mrs. Van Cleve. E trouxe-lhe natas, pois é assim que a senhora parece gostar.

– É muito simpático da sua parte, Mr. Guisler. Devo confessar que não consigo bebê-lo assim tão negro como a Margery. O dela é tão forte, que a colher quase se segura de pé.

– Trate-me por Fred. E, bem, a Margery gosta das coisas à maneira dela, como sabe. – E acenou com a cabeça, enquanto fechava a porta.

Alice atou um lenço ao pescoço para se proteger do sol e serviu-se de uma caneca de café, antes de ir até às traseiras, onde os cavalos estavam amarrados num pequeno cercado. Quando lá chegou, viu Margery, debruçada, a segurar no joelho de Isabelle Brady, enquanto a jovem se agarrava à sela de um robusto cavalo baio que se mantinha imóvel e a remoer calmamente um monte de erva, como se ali estivesse há já algum tempo.

– Vai ter de ganhar balanço, Miss Isabelle – dizia-lhe Margery, por entre dentes. – Se não consegue meter o sapato no estribo, vai ter de saltar lá para cima. Vamos lá, um, dois, três e... upa!

Nada.

– Salte!

– Eu não salto – retorquiu Isabelle, irritada. – Não sou feita de borracha.

– É só apoiar-se em mim e, depois, um, dois, três... e alça a perna para o outro lado. Vá lá. Eu agarro-a.

Margery segurava com firmeza a perna de Isabelle que tinha a proteção. Mas a rapariga parecia incapaz de dar impulso. Margery ergueu os olhos e viu Alice. O rosto dela estava deliberadamente inexpressivo.

– Não funciona – dizia a rapariga, endireitando-se. – Eu não consigo. E não vale a pena continuar a tentar.

– Bem, a caminhada até às montanhas é longa, portanto, vai ter de arranjar alguma maneira de o montar. – Sub-repticiamente, Margery esfregou a zona lombar.

– Eu disse à minha mãe que isto era uma péssima ideia. Mas ela não me deu ouvidos. – Ao ver Alice, Isabelle parece ter ficado ainda mais enfurecida. Ficou muito corada e, entretanto, o cavalo mexeu-se e quase lhe pisou o pé. Ela deu um grito e, na tentativa de se afastar, tropeçou e caiu. – Que animal estúpido!

– Bem, essa agora foi um bocadinho rude – disse-lhe Margery. – Não lhe dê ouvidos, Patch.

– Não me consigo levantar. Estou sem forças. Tudo isto é ridículo. Porque é que a minha mãe não me dá ouvidos? Porque é que não posso simplesmente ficar na biblioteca?

– Porque precisamos de si a distribuir livros.

Foi então que Alice reparou nas lágrimas ao canto dos olhos de Isabelle Brady, como se aquilo não fosse uma simples birra, mas algo proveniente de uma verdadeira angústia. A rapariga virou-se, limpando a cara com a mão pálida. Margery também tinha reparado, e trocaram as duas um olhar breve e constrangido. Margery esfregou-lhe os cotovelos para lhe tirar a terra da camisa. Alice bebeu um gole de café. O barulho do Patch a ruminar, monótona e distraidamente, era a única coisa que quebrava o silêncio.

– Isabelle, posso fazer-lhe uma pergunta? – disse Alice, passado um momento. – Se estiver sentada ou percorrer apenas curtas distâncias, precisa de usar a proteção?

Seguiu-se um súbito silêncio, como se aquela palavra fosse *proibida*.

– Como assim?

Oh, voltei a meter água, pensou Alice. Mas agora era tarde de mais.

– Essa proteção na perna... Quer dizer, se tirasse a proteção e as botas, poderia usar... hum... umas botas de montar normais? E talvez montar pelo outro lado do Patch, usando a outra perna?... E limitar-se a deixar os livros junto aos portões, em vez de desmontar e montar, como nós fazemos... Ou talvez possa até ir a pé, se a distância não for muito grande?...

Isabelle franziu o sobrolho.

– Mas eu não costumo tirar a proteção. Uso-a durante todo o dia.

Margery também franziu o sobrolho, pensativa.

– Mas não vai estar de pé, pois não?

– Bem... não – disse Isabelle.

– Quer que veja se temos outras botas? – perguntou Margery.

– Quer que eu calce as botas de outra pessoa? – perguntou Isabelle, hesitante.

– Só até a sua mãe comprar umas todas chiques, em Lexington.

– Que número calça? Eu tenho um par de reserva – disse Alice.

– Mas, mesmo que consiga montar, a minha... Bem, uma das pernas é... é mais curta. Não vou ficar equilibrada – disse Isabelle.

Margery sorriu.

– É por isso que temos estribos de couro ajustáveis. É que muitas pessoas por aqui já costumam cavalgar meio torcidas, quer estejam bêbedas ou não.

Talvez fosse por Alice ser britânica e ter falado com Isabelle no mesmo tom bem articulado com que costumava falar com os Van Cleve, quando queria alguma coisa, ou talvez fosse pela novidade de lhe dizerem que não tinha de usar a proteção... A verdade é que uma hora depois Isabelle já estava montada no Patch, com os nós dos dedos brancos, da força que faziam a agarrar-se às rédeas, e o corpo hirto de medo. – Vocês não costumam ir muito depressa, pois não? – inquiriu ela, com voz trémula. – É que eu não quero mesmo ir depressa.

– Vens, Alice? Acho que é um bom dia para darmos uma volta pela vila e até passarmos pela escola, e tudo. Se conseguirmos impedir aqui o Patch de adormecer, será um belo dia. Tudo em ordem, meninas? Então, vamos lá.

Isabelle quase não falou durante a primeira hora a cavalo. Alice, atrás dela, ia ouvindo os seus guinchinhos sempre que o Patch tossia ou mexia a cabeça. Nessas alturas, Margery virava-se para trás e dizia-lhe qualquer coisa para a animar. Mas foram precisos mais de cinco ou seis quilómetros para Alice confirmar que Isabelle tinha voltado a respirar normalmente, e, mesmo assim, parecia continuar irritada, infeliz e com os olhos reluzentes de lágrimas, apesar do ritmo sonolento a que iam.

Por muito bem que tivessem conseguido colocá-la sobre o cavalo, Alice não descortinava como iam conseguir que aquilo funcionasse. A rapariga não queria estar ali. Não conseguia caminhar sem a proteção na perna e era evidente que não gostava de cavalos. E, tanto quanto sabiam, também não gostava de livros. Alice perguntava-se se ela apareceria no dia seguinte e, quando trocava olhares com Margery, percebia que ela estava a pensar exatamente o mesmo. Sentia falta da forma como costumavam cavalgar juntas, dos silêncios descontraídos, da sensação de aprender alguma coisa com a maneira sempre simples de Margery se expressar. Sentia falta das emocionantes galopadas pelos trilhos mais planos, da troca de gritos de encorajamento, com os cavalos sempre em movimento a tentarem decidir como atravessar rios e vedações, e da satisfação de saltarem um buraco cheio de pedras. Talvez fosse mais fácil se a rapariga não fosse tão taciturna: aquele semblante parecia encobrir a manhã, e nem o glorioso sol e a brisa suave conseguiam suavizá-lo. *Muito provavelmente, amanhã voltaremos à normalidade*, dizia Alice de si para si, reconfortando-se com este pensamento.

Eram quase nove e meia quando pararam na escola, um pequeno edifício composto por uma única sala e feito de tábuas de madeira, não muito diferente da biblioteca. No exterior, havia uma pequena área relvada, já meio despida devido ao uso constante, e um banco debaixo de uma árvore. Estavam algumas crianças sentadas cá fora, de pernas cruzadas e debruçadas sobre ardósias, enquanto, lá dentro, outras repetiam a tabuada num coro desarticulado.

– Eu espero aqui – disse Isabelle.

– Não, não espera – disse Margery. – Venha ali até ao pátio. Não tem de descer do cavalo, se não quiser. Mrs. Beidecker? Está aí?

Apareceu uma mulher à porta, seguida por crianças aos gritos.

Isabelle, sempre com um ar revoltado, entrou no pátio atrás delas. Margery desmontou e apresentou as colegas à professora, uma jovem com caracóis loiros perfeitos e sotaque alemão, que, segundo Margery explicou mais tarde, era filha de um dos supervisores da mina.

– Ali em cima há gente de todo o mundo – informou ela. – De todas as línguas que se possam imaginar. Aqui a Mrs. Beidecker fala quatro línguas.

A professora, que se mostrou encantada por as ver, trouxe a turma inteira de quarenta e tal crianças para dizerem olá às recém-chegadas, afagarem os cavalos e fazerem perguntas. Margery retirou do alforge uma seleção de livros infantis que tinham chegado no início da semana e explicou o enredo de cada um, à medida que os ia distribuindo. As crianças acotovelavam-se para pegar neles; depois, iam-se sentando na relva em grupos, de cabeças baixas, a examiná-los. Uma delas, aparentemente sem medo do macho, pôs um pé no estribo de Margery e espreitou para dentro do alforge vazio, para verificar se ela não teria lá deixado nenhum livro.

– Miss? Miss? Não tem mais livros? – perguntou uma menina de tranças, com falhas nos dentes, olhando para Alice.

– Esta semana, não – respondeu ela. – Mas prometo que na próxima semana trazemos mais.

– Pode trazer-me um de banda desenhada? A minha irmã leu um que era superfantástico. Tinha piratas e uma princesa e tudo!

– Vou tentar – prometeu Alice.

– A senhora fala como uma princesa – observou timidamente a menina.

– E tu pareces uma princesa – disse-lhe Alice, ao que a menina deu uma risadinha e fugiu.

Dois meninos de cerca de oito anos passaram descontraídos por Alice em direção a Isabelle, que esperava junto do portão, e perguntaram-lhe como se chamava. Ela limitou-se a dizer-lhes o nome, sem sorrir.

– Este cavalo é seu, Miss?

– Não – respondeu Isabelle.

– Mas tem algum cavalo?

– Não. Não gosto muito de cavalos – disse ela, franzindo o sobrolho. Mas eles pareceram nem reparar.

– Como é que ele se chama?

Isabelle hesitou um momento.

– Patch – acabou por dizer, olhando para trás, como que a preparar-se para ouvir alguém a corrigi-la.

Um dos rapazes contou todo animado ao outro que o cavalo do tio conseguia saltar por cima de um camião dos bombeiros, sem qualquer esforço, e o outro respondeu que uma vez na Festa do Condado tinha montado um unicórnio a sério, que tinha um corno e tudo. Em seguida, e depois de terem afagado o nariz peludo do Patch durante alguns minutos, os rapazes pareceram perder o interesse e, acenando com a mão a Isabelle, foram ter com os colegas que estavam a ver os livros.

– Não é fantástico, meninos? – dizia Mrs. Beidecker. – Estas simpáticas senhoras vão trazer-nos livros todas as semanas! Portanto, temos de cuidar

bem deles, nada de dobrar as lombadas nem atirar com eles às irmãs... Certo, William Bryant? Nem que elas nos metam um dedo no olho. Vemo-nos na próxima semana, minhas senhoras! Muito obrigada!

As crianças acenaram alegremente, num coro de despedidas em crescendo, e quando Alice, momentos depois, olhou para trás, ainda viu alguns rostos pálidos a espreitarem pela janela e a acenarem entusiasticamente. Alice reparou que Isabelle também estava a olhar para trás com um sorriso discreto, ténue e melancólico, que nada tinha de alegre, mas que já era um sorriso.

Cavalgaram em silêncio em direção às montanhas, seguindo em fila pelos trilhos estreitos junto ao riacho, com Margery na dianteira a marcar deliberadamente o ritmo. De vez em quando, levantava a voz e apontava para algum ponto de referência, talvez na esperança de que Isabelle se distraísse um pouco ou ganhasse, finalmente, algum entusiasmo.

– Sim, sim – dizia Isabelle, indiferente. – Aquela rocha ali é a Handmaiden’s Rock.

Margery virou-se para trás.

– Conhece a Handmaiden’s Rock?

– Quando recuperei da poliomielite, o meu pai costumava trazer-me com ele para fazermos caminhadas nas montanhas. Todos os dias, horas a fio. Ele achava que, se eu usasse bastante as pernas, conseguiria nivelá-las.

Pararam numa clareira. Margery desmontou, tirou do alforje uma garrafa de água e algumas maçãs, que distribuiu pelas colegas, e depois bebeu um gole.

– Então, quer dizer que não funcionou... – disse ela, acenando com a cabeça para a perna de Isabelle. – Isso, das caminhadas.

– Nada vai funcionar – disse Isabelle, esbugalhando os olhos. – Sou uma inválida.

– Não... Não é nada – retorquiu Margery, esfregando a maçã no casaco. – Se fosse isso que diz, não conseguia andar nem conseguia montar a cavalo. E é evidente que consegue fazer as duas coisas, mesmo que um bocadinho à banda – acrescentou, oferecendo a água a Alice, que a bebeu, cheia de sede, e que passou de seguida a garrafa a Isabelle, que abanou a cabeça.

– Deve estar com sede – protestou Alice.

Isabelle cerrou os lábios, e Margery olhou-a fixamente. Depois, pegou num lenço, limpou o gargalo da garrafa e entregou-a a Isabelle, com um discreto revirar de olhos para Alice.

Isabelle levou a garrafa aos lábios, fechou os olhos e bebeu. Depois, devolveu a garrafa, retirou um lenço de renda do bolso e limpou a testa.

– Hoje está mesmo calor – admitiu, por fim.

– Pois está. E não há nada melhor do que a frescura das montanhas. – Margery desceu até ao riacho e voltou a encher a garrafa, apertando bem a tampa. – Se nos der duas semanas, a mim e ao Patch, garanto-lhe que, com ou sem pernas niveladas, não vai querer estar em mais nenhum outro lugar do Kentucky.

Mas Isabelle não parecia muito convencida. De seguida, todas comeram as suas maçãs em silêncio, deram os caroços ao Charley e aos outros cavalos e, no final, voltaram a montar. Alice reparou que, desta feita, Isabelle conseguiu montar sem ajuda e sem se queixar, e deixou-se ir atrás dela algum tempo a observá-la.

– Vi que gostou das crianças – disse-lhe Alice, colocando-se ao seu lado, quando entraram num caminho que ladeava um longo campo verdejante. Margery ia mais à frente, a cantar para si mesma ou talvez para o macho – às vezes era difícil perceber.

– Desculpe?

– Na escola, parecia mais feliz – explicou Alice, esboçando um sorriso hesitante. – Achei que tinha gostado dessa parte do dia.

O rosto de Isabelle toldou-se. Agarrou nas rédeas e afastou-se um pouco.

– Peço desculpa, Miss Brady – disse Alice, passado um momento. – O meu marido diz-me que eu falo sem pensar. E é óbvio que voltei a fazê-lo. Não queria ser... indiscreta nem indelicada. Desculpe.

Alice freou um pouco a égua para se colocar novamente atrás de Isabelle, enquanto se amaldiçoava em silêncio, perguntando-se se algum dia teria jeito para lidar com esta gente. Era evidente que Isabelle não queria comunicar. Lembrou-se do grupo de amigas de Peggy, a maior parte das quais reconhecia da vila precisamente por lhe fazerem cara feia. Lembrou-se de Annie, que a maior parte das vezes a olhava como se ela tivesse roubado alguma coisa. Margery era a única que não a fazia sentir-se como uma extraterrestre. Mas, para ser honesta, ela também era um pouco estranha.

Já tinham percorrido quase mais um quilómetro, quando Isabelle virou a cabeça e espreitou por cima do ombro.

– É Izzy – disse ela.

– Izzy?

– O meu nome. As pessoas de quem gosto tratam-me por Izzy... e por tu.

Alice mal tivera tempo para digerir aquilo, quando a rapariga voltou a falar:

– Eu estava a sorrir porque... foi a primeira vez.

Alice inclinou-se para a frente para tentar ouvir o que ela dizia. A rapariga falava mesmo baixinho.

– A primeira vez que quê? Que vieste a cavalo para as montanhas?

– Não. – Izzy endireitou-se um pouco. – A primeira vez que estive numa escola sem que ninguém se risse da minha perna.

– Achas que ela vai voltar?

Margery e Alice estavam sentadas no degrau superior do alpendre a afugentar as moscas e a ver as ondas de calor elevarem-se da estrada reluzente. Tinham lavado os cavalos, tinham-nos soltado no pasto e tomavam agora café, enquanto alongavam os membros doridos, para recuperarem energia e poderem ir verificar os livros do dia e registá-los.

– É difícil dizer. Ela não parece gostar muito disto.

Alice tinha de admitir que Margery estava provavelmente certa. Pôs-se a olhar para um cão ofegante que passava na estrada e que depois se deitou pesadamente à sombra de um armazém de lenha, ali mesmo ao lado.

– Ao contrário de ti.

Alice olhou para ela.

– De mim?

– A maior parte das manhãs pareces uma prisioneira acabada de sair da prisão. – Margery bebeu um gole de café e olhou para a estrada. – Às vezes, acho que gostas tanto destas montanhas como eu.

Alice empurrou uma pedra com o calcanhar.

– Acho que gosto mais delas do que de qualquer outro lugar no mundo. Aqui, sinto... sinto-me mais eu.

Margery olhou para ela e esboçou um sorriso cúmplice.

– Isto é o que as pessoas não veem quando estão metidas nas suas cidades, com todo aquele fumo e aquela barulheira e aquelas casas que parecem caixotes. Ali em cima, consegues respirar. Não ouves as pessoas da vila a palrarem sem parar. Não sentes os olhares pousados em ti, a não ser os de Deus. És só tu e as árvores e os pássaros e o rio e o céu e a liberdade... Estar ali faz bem à alma.

Uma prisioneira acabada de sair da prisão. Às vezes, Alice pensava se Margery não saberia mais da sua vida com os Van Cleve do que dava a entender. Foi arrancada a estes pensamentos pelo toque de uma buzina. Era

Bennett, que se aproximava da biblioteca no carro do pai. Parou de repente, assustando o cão, que deu um salto com o rabo entre as pernas. Acenou com a mão a Alice, esboçando um sorriso rasgado e descomplicado. Ela não pôde evitar sorrir-lhe também: ele era lindo como uma estrela de cinema num cartaz publicitário de uma marca de tabaco.

– Alice!... Miss O’Hare – disse ele, reparando em Margery.

– Olá, Mr. Van Cleve – respondeu Margery.

– Vim buscar-te. Achei que podíamos ir fazer aquele piquenique de que falaste.

– A sério? – disse Alice, pestanejando.

– Tivemos uns problemas na estrutura de carga do carvão, que não vão ficar resolvidos até amanhã, e o meu pai está no escritório a tratar do assunto. E, então, eu decidi voltar para casa e pedi à Annie que nos preparasse um piquenique. Achei que era melhor vir buscar-te de carro, para tu poderes ir trocar de roupa e sairmos logo, enquanto ainda é dia. O meu pai diz que podemos ficar aqui com este bólido toda a tarde.

Alice levantou-se, toda satisfeita, mas rapidamente perdeu o entusiasmo.

– Oh, Bennett, não posso. Ainda não organizámos nem registámos os livros, e estamos muito atrasadas. Só tivemos mesmo tempo de tratar dos cavalos.

– Vai lá – disse-lhe Margery.

– Mas não é justo para ti. A Beth não está e a Izzy foi-se embora assim que chegámos.

Margery acenou-lhe com a mão.

– Mas...

– Vai-te embora. Vemo-nos amanhã.

Alice fitou-a, para ter a certeza se ela estava a ser sincera, e depois pegou nas suas coisas e desceu as escadas a correr, soltando gritinhos de satisfação.

– Devo estar outra vez a cheirar a cowboy – avisou-o ela, enquanto entrava no carro e lhe dava um beijo na face.

Ele riu-se.

– Porque achas que abri a capota?

Ele fez inversão de marcha a toda a velocidade, levantando poeira no ar, e Alice foi soltando uns gritinhos, enquanto arrancavam ruidosamente a caminho de casa.

O Charley não era um macho com tendência a demonstrações de temperamento exageradas nem a emoções fortes, mas Margery conduziu-o até casa num ritmo lento. Ele tinha trabalhado duramente, e ela não tinha pressa. Soltou um suspiro ao pensar naquele dia. Uma inglesa irrefletida, que não conhecia a região, em quem as pessoas da montanha talvez não confiassem e que seria provavelmente afastada pelo fanfarrão tagarela do Mr. Van Cleve; e uma rapariga que mal conseguia andar, que não sabia montar e que não queria estar ali. Beth trabalhava quando podia, mas a família ia precisar da sua ajuda nas colheitas, durante grande parte de setembro. Não era propriamente o começo mais auspicioso para uma biblioteca itinerante. Margery não sabia por quanto tempo qualquer uma delas seria efetivamente uma ajuda.

Quando chegaram ao velho celeiro, onde o trilho se bifurcava, ela soltou as rédeas sobre o pescoço esguio do macho, sabendo que ele encontraria sozinho o caminho de casa. Nesse momento, o seu jovem cão de caça malhado, de olhos azuis, veio a correr ao seu encontro, de rabo entre as pernas e língua de fora, todo satisfeito por vê-la.

– Mas que diabo andas tu a fazer aqui fora, Bluey? Hem? Porque não estás no quintal?

Quando chegou à pequena cancela do cercado, desceu do macho e pensou que aquela dor que sentia na lombar e nos ombros se devia, muito

provavelmente, mais a ter ajudado Izzy Brady a montar e a desmontar do que à distância percorrida a cavalo. O cão saltitava à sua volta e só se acalmou quando ela lhe coçou o pescoço e lhe confirmou que *sim, ele era um bom menino, era sim*. Nesse momento, ele voltou a correr para casa. Margery soltou o macho e ficou a vê-lo baixar-se, dobrando as pernas sob o corpo, e a rebolar-se na terra para um lado e para o outro, enquanto soltava relinchos de satisfação.

Não podia censurá-lo: ela própria, ao subir as escadas, sentia os pés pesados. Estendeu a mão para a porta, mas deteve-se. O ferrolho estava aberto. Ficou a olhá-lo por um momento, pensativa, e depois avançou silenciosamente até ao barril vazio, ao lado do celeiro, onde guardava a espingarda de reserva debaixo de um pedaço de serapilheira. Já em alerta, levantou a patilha de segurança e encostou a espingarda ao ombro. Em seguida, subiu as escadas em bicos de pés, respirou fundo e abriu a porta com a ponta da bota, sem fazer barulho.

– Quem está aí?

Mesmo em frente, do outro lado da sala, estava Sven Gustavsson, sentado numa cadeira de baloiço, com os pés pousados sobre a mesa de apoio e um exemplar de *As Aventuras de Robinson Crusoe* nas mãos. Imóvel, esperou uns segundos até ela baixar a arma. Depois, pousou cuidadosamente o livro em cima da mesa e levantou-se devagar, de mãos atrás das costas e exagerando talvez um pouco na cortesia. Ela fitou-o por um momento e depois encostou a arma à mesa.

– Achei estranho o cão não ter ladrado.

– Pois, bem... eu e ele... Sabes como é.

O Bluey, esse traidor de uma figa, estava já aninhado no braço de Sven, a empurrá-lo com o focinho alongado, a mendigar carícias.

Margery tirou o chapéu, pendurou-o no cabide e, depois, afastou o cabelo transpirado da testa.

– Não estava à espera de te ver.

– Não estavas a olhar.

Sem o encarar, avançou até à mesa, passando por ele; depois, retirou o paninho de renda que cobria o jarro da água e serviu-se de um copo.

– Não me vais oferecer?

– Que eu saiba, nunca bebeste água.

– E não me vais oferecer nada mais forte?

Ela pousou o copo.

– O que estás aqui a fazer, Sven?

Ele olhou-a fixamente. Trazia uma camisa lavada, aos quadrados, e exalava um odor a sabonete de alcatrão e a qualquer coisa muito sua, algo que fazia lembrar o cheiro sulfuroso da mina, do tabaco e da masculinidade.

– Tinha saudades tuas.

Ela sentiu algo a ceder dentro de si e levou novamente o copo à boca para disfarçar. Bebeu um gole de água.

– Pois parece-me que te estás a sair muito bem sem mim.

– Tu e eu sabemos que eu me saio muito bem sem ti. Mas a questão é que não quero.

– Já falámos sobre isso.

– E continuo sem perceber. Já te disse que, se casarmos, não te vou prender. Não te vou controlar. Deixo-te viver exatamente como vives agora, só que...

– Ah, tu *deixas*?...

– Caramba, Marge, tu sabes o que eu quero dizer – replicou ele, contraindo o maxilar. – Eu deixo-te à vontade. Podemos continuar exatamente como somos agora.

– Então, qual é a vantagem do casamento?

– A vantagem é que estaremos casados aos olhos de Deus, em vez de andarmos por aí às escondidas como dois miúdos safados. Achas que gosto

disto? Achas que gosto de esconder do meu próprio irmão e do resto da vila que te amo?

– Eu não vou casar contigo, Sven. Sempre te disse que nunca me casaria com ninguém. E, sempre que insistes neste assunto, juro-te que parece que a cabeça me vai explodir, como a dinamite num dos teus túneis. Olha que vou deixar de falar contigo, se continuares a vir aqui falar sempre do mesmo.

– Tu, de qualquer maneira, já não falas comigo. Que diabo devo fazer então?

– Deixares-me em paz. Como nós decidimos.

– Como tu decidiste.

Ela virou-lhe as costas e avançou para uma tigela, a um canto, onde tinha deixado as vagens de feijão-verde colhidas de manhã cedo. Começou a tirar-lhes os fios, uma a uma, a partir-lhes as pontas e a atirá-las para dentro de uma panela, esperando que o sangue parasse de lhe latejar nos ouvidos.

Sentiu-o antes de o ver. Ele atravessou silenciosamente a sala e pôs-se mesmo atrás dela, tão perto que conseguia sentir-lhe a respiração no pescoço. Percebeu, ainda que não visse, que a pele do seu pescoço onde a respiração dele batia tinha enrubescido.

– Eu não sou como o teu pai, Margery – murmurou ele. – Se ainda não percebeste isso, então não há mesmo nada que eu possa dizer.

Ela tentou manter as mãos ocupadas. Parte. Parte. Parte. *Guarda as vagens. Deita fora os fios.* As tábuas do soalho rangiam sob os seus pés.

– Diz-me que não tens saudades minhas.

Dez já estão. Pega noutra vagem. Parte. Agora outra. Ele já estava tão próximo, que ela conseguia sentir-lhe o peito quando ele falava.

– Diz-me que não tens saudades minhas e eu saio imediatamente daqui – disse ele, baixando a voz. – E não volto a incomodar-te. Prometo.

Margery fechou os olhos. Em seguida, deixou cair a faca, pousou as mãos na bancada, com as palmas para baixo, e inclinou a cabeça. Ele aguardou um momento e depois pousou suavemente as mãos sobre as dela, cobrindo-as totalmente. Ela abriu os olhos e observou aquelas mãos fortes, com os nós dos dedos cobertos de cicatrizes de queimaduras todas empoladas... Mãos que ela amava há quase uma década.

– Diz-me – disse-lhe ele, baixinho, ao ouvido.

Então, ela virou-se, segurou-lhe rapidamente a cara entre as mãos e beijou-o fervorosamente. Oh, como ela tinha sentido a falta do toque daqueles lábios nos seus, daquela pele na sua. A temperatura entre eles subiu, a respiração dela acelerou e os argumentos que tinha ensaiado na sua cabeça nas longas e negras horas foram-se desvanecendo à medida que ele a envolvia nos braços e a puxava para si. Ela deu-lhe um beijo e outro e mais outro, sentindo aquele corpo que tão bem conhecia, mas que ultimamente quase estranhava, com a razão a ser arrastada para longe juntamente com as dores, os sofrimentos e as frustrações daquele dia. Sentiu um estrépito, quando a tigela caiu ao chão, e depois... apenas a respiração dele, os lábios dele, a pele dele sobre a sua. E, assim, Margery O'Hare, que nunca seria propriedade de ninguém nem acataria ordens de ninguém, deixou-se enternecer e dominar, permitiu que o corpo cedesse, centímetro a centímetro, até ficar pregado contra o aparador de madeira sob o peso do dele.

– Que pássaro é aquele? Olha para aquela cor... É tão lindo.

Bennett estava deitado de costas sobre a manta, enquanto Alice apontava para os ramos da árvore por cima deles. Em redor, espalhavam-se os restos do piquenique.

– Querido, sabes que pássaro é aquele? Eu nunca vi nada assim tão vermelho. Olha... Até o bico é vermelho.

– Eu não sou muito de ler sobre pássaros nem coisas dessas, querida.

Ela viu que Bennett estava de olhos fechados e que enxotava, nesse momento, um inseto da face. A seguir, estendeu a mão para pegar noutra cerveja de gengibre.

Margery conhecia todas as espécies de aves, pensou Alice, enquanto tentava chegar ao cesto. Decidiu que lhe perguntaria no dia seguinte. Enquanto cavalgavam, Margery falava-lhe das asclepiadas e das vergas-de-ouro, mostrava-lhe os nabos selvagens e as flores pequenas e frágeis de algumas balsamináceas, retirando assim o véu àquilo que Alice via até aí como uma simples imensidão verde.

Ao fundo, o riacho borbulhava pacificamente – o mesmo riacho que se tornaria numa torrente destrutiva durante a primavera, como Margery a tinha avisado. Parecia tão improvável. Por ora, a terra estava seca, a erva era um tapete macio debaixo das suas cabeças e os grilos espalhavam um zumbido constante por todo o prado. Alice entregou ao marido uma garrafa e ficou a vê-lo soerguer-se, apoiado num cotovelo, para beber um gole, na esperança de que ele se inclinasse para ela e a puxasse para si. Mas não. Quando ele se voltou a deitar, ela aninhou-se contra o seu braço e pousou uma mão sobre a camisa.

– Bem, eu não me importava nada de ficar assim o dia inteiro – disse ele, tranquilamente.

Então, ela estendeu o braço por cima dele. O marido cheirava melhor do que qualquer outro homem que já tivesse conhecido. Era como se carregasse consigo a doçura da erva do Kentucky. Os outros homens transpiravam, ficavam sujos e exalavam um odor acre. Bennett voltava sempre da exploração mineira como se tivesse acabado de sair de um anúncio de uma revista. Olhou para o seu rosto, para os contornos bem definidos do seu queixo e para o cabelo cor de mel meticulosamente cortado à volta das orelhas.

– Achas-me bonita, Bennett?

– Tu sabes que te acho bonita – respondeu ele, com voz ensonada.

– Estás feliz por nos termos casado?

– Claro que estou.

Alice passou um dedo em redor do botão da sua camisa.

– Então, porque é que...

– Não vamos falar de coisas sérias, pois não, Alice? Não há necessidade de estarmos para aqui a pensar em coisas, não achas? Não podemos apenas passar um bom momento?

Alice retirou a mão da camisa. Depois, virou-se e deslizou até à manta, deixando apenas os ombros em contacto com os dele.

– Claro.

E ali ficaram em silêncio, deitados na erva, lado a lado, a olharem para o céu. Quando Bennett voltou a falar, o seu tom era meigo.

– Alice?

Ela olhou-o e engoliu em seco, sentindo o coração a bater-lhe forte no peito. Pousou a mão sobre a dele, numa tentativa de lhe transmitir um encorajamento tácito, tentando dizer-lhe sem palavras que o apoiaria, que tudo ficaria bem, dissesse ele o que dissesse. Afinal, ela era a sua mulher.

Fez um compasso de espera e depois perguntou:

– Sim?...

– É um cardeal – disse ele. – O pássaro vermelho. Tenho quase a certeza de que é um cardeal.

... dizem que o casamento reduz para metade os nossos direitos e aumenta para o dobro os nossos deveres.

Louisa May Alcott, *Little Women* (Mulherzinhas)

A primeira memória de Margery O'Hare era estar sentada debaixo da mesa da cozinha da mãe a ver, por entre os dedos, o pai, do outro lado da cozinha, a bater no irmão dela, Jack, de catorze anos, fazendo-lhe saltar dois dentes, quando este tentava impedi-lo de bater na mãe. Esta, que estava acostumada a levar tarefas, mas não tolerava que os filhos tivessem o mesmo destino, atirou imediatamente uma cadeira à cabeça do marido, deixando-o com uma cicatriz em ziguezague na testa, que lá ficou até ele morrer. Claro que ele contra-atacou com a perna da cadeira, mal se conseguiu levantar, e a zaragata só terminou quando o avô O'Hare veio a cambalear da casa ao lado, de espingarda ao ombro e olhar assassino, e ameaçou Frank O'Hare de lhe estoirar o raio dos miolos caso ele não parasse. Não porque o avô achasse que fosse errado o filho bater na mulher, como Margery viria mais tarde a perceber, mas porque a avó estava a tentar ouvir rádio e metade do vale não conseguia ouvir nada com toda aquela gritaria. Ficou até um buraco na parede de pinho, onde Margery conseguiria meter o punho durante o resto da infância.

Jack acabou por sair definitivamente de casa nesse dia, com um chumaço de algodão ensanguentado na boca e a única camisa boa no saco, e Margery só voltou a ouvir falar dele (sair de casa era considerada uma deslealdade tão grande, que ele fora efetivamente apagado da história da família) oito anos mais tarde, quando receberam um telegrama a dizer que Jack tinha morrido atropelado por uma carrinha, no Missouri. A mãe,

destroçada, chorara lágrimas amargas, de rosto enterrado no avental, mas o pai arremessara-lhe um livro e ordenara-lhe, antes de rumar às destilarias, que se recompusesse, e depressa, antes que ele lhe desse realmente motivos para chorar. O livro era *O Cavalo Preto*, e Margery nunca perdoou ao pai por lhe ter arrancado a contracapa ao fazer aquilo. De certa forma, o seu amor pelo irmão falecido e o seu desejo de se refugiar nos livros fundiram-se em algo feroz e obstinado nesse exemplar sem contracapa.

Não caseis com um parvalhão destes, sussurrava-lhes a mãe, a ela e à irmã, enquanto as metia na grande cama de feno, no quarto das traseiras. Vós duas tendes de arranjar maneira de ficar o mais longe possível destas malditas montanhas. E o mais depressa que puderem. Prometei-me.

As raparigas acenavam solenemente com a cabeça.

Virginia fora realmente para longe, para Lewisburg, mas casara com um homem que se revelou tão habilidoso com os punhos como o pai delas. A mãe, graças a Deus, não viveu o suficiente para ter conhecimento disso, pois apanhou uma pneumonia seis meses depois do casamento da filha e morreu ao fim de três dias, com a mesma doença que ceifou a vida a três dos irmãos de Margery. As suas campas estavam assinaladas com pequenas pedras no alto de uma colina sobranceira ao vale.

Quando o pai morreu, com um tiro num duelo com Bill McCullough, causado pela bebedeira – o último triste episódio de uma rixa entre as duas famílias que durava havia várias gerações –, os habitantes de Baileyville repararam que Margery O'Hare não verteu uma única lágrima.

– E porque havia eu de chorar? – disse ela quando o pastor McIntosh lhe perguntou se estava bem. – Estou contente por ele ter morrido. Assim, já não pode fazer mal a mais ninguém.

O facto de Frank O'Hare ser insultado na vila, e de toda a gente saber que ela tinha razão, não impediu as pessoas de acharem que a última rapariga O'Hare era tão estranha como o resto da família e que,

sinceramente, quanto menos elementos daquela linhagem houvesse por ali, melhor.

– Posso perguntar-te uma coisa sobre a tua família? – quis saber Alice, enquanto selavam os cavalos, pouco depois da alvorada.

Alice teve de repetir duas vezes para que Margery, ainda perdida na lembrança do corpo forte e robusto de Sven, percebesse o que ela estava a dizer.

– Podes perguntar o que quiseses – respondeu, olhando para Alice. – Deixa-me adivinhar: alguém te disse que não devias relacionar-te comigo por causa do meu paizinho, certo?

– Bem... sim – disse Alice, após uma pausa.

Na noite anterior, Mr. Van Cleve passara-lhe um sermão precisamente sobre esse assunto, entre muitos perdigotos e dedos em riste. Alice utilizara o bom nome de Mrs. Brady como escudo, mas a discussão tinha sido desagradável.

Margery meneou a cabeça, como se nada daquilo fosse surpresa para ela, e atirou a sela para cima da cerca, passando os dedos pelo dorso do Charley à procura de inchaços ou feridas.

– Frank O'Hare fazia tráfico de bebidas para metade do condado e dava um tiro a quem quer que tentasse intrometer-se na sua zona de ação. Bastava-lhe suspeitar que estivessem a pensar nisso para lhes dar um tiro. Matou mais pessoas do que eu tenho conhecimento e deixou cicatrizes em todos quantos o rodeavam.

– Todos?

Margery hesitou um momento e depois deu dois passos na direção de Alice. Arregaçou a manga da camisa acima do cotovelo e mostrou a cicatriz pálida em forma de moeda que tinha no braço.

– Deu-me um tiro de caçadeira quando eu tinha onze anos só por eu ter refilado. Se o meu irmão não me tivesse empurrado, tinha-me matado.

Alice levou um momento até perguntar:

– E a polícia não fez nada?

– A polícia? – Ela pronunciou *plícia*. – Por estes lados, as pessoas resolvem as coisas à sua maneira. Quando a minha avó descobriu o que ele tinha feito, deu-lhe uma tarefa de chicote. Só havia duas pessoas de quem ele tinha medo: a mãe e o pai. – Margery baixou a cabeça, atirando para a frente a farta cabeleira escura. Passou agilmente os dedos pelo couro cabeludo, até encontrar o que procurava, e, depois, puxando o cabelo todo para um dos lados, mostrou uma zona de mais de dois centímetros sem cabelo. – Isto foi quando ele me arrastou pelos cabelos por dois lanços de escadas acima, três dias depois de a minha avó morrer. Arrancou-me um punhado de cabelos. Dizem que ainda vinham com o couro cabeludo agarrado, quando ele os deixou cair.

– Tu não te lembras?

– Não. Ele tinha-me batido até eu desmaiar, antes de fazer isso.

Alice remeteu-se a um silêncio aturdido. A voz de Margery mantinha o tom neutro de sempre.

– Lamento tanto – balbuciou Alice.

– Não lamentos. Quando ele morreu, só duas pessoas da vila vieram ao funeral, e uma delas foi apenas por ter pena de mim. Sabes como esta gente adora reunir-se, não sabes? Podes imaginar como o odiavam, para nem sequer aparecerem no seu funeral.

– Então, tu... não sentes a falta dele.

– Essa agora! Por aqui, Alice, são muitos os que gostam de beber um copo ao pôr do sol. São todos bons rapazes durante o dia, mas, quando a noite cai e começam a beber, transformam-se basicamente num par de punhos à procura de um alvo.

Alice lembrou-se dos discursos retóricos de Mr. Van Cleve, estimulados pelas doses de uísque, e arrepiou-se, apesar do calor.

– Bem, o meu paizinho nem sequer era dos que bebia um copo ao fim do dia. Ele não precisava de beber. Era frio como o gelo. Não tenho uma única lembrança boa dele.

– Nem uma?

Margery refletiu um momento.

– Ah, não... Tens razão. Tenho uma.

Alice ficou à espera.

– Sim... o dia em que o xerife passou lá por casa para me informar que ele tinha morrido.

Margery virou costas ao macho, e as duas terminaram em silêncio o que estavam a fazer.

Alice estava completamente siderada. Se fosse outra qualquer pessoa, tê-la-ia confortado, mas Margery, de todas as pessoas que já conhecera, parecia-lhe ser aquela que menos precisava de compaixão.

Talvez Margery se tivesse apercebido desta ginástica mental ou tivesse sentido que tinha sido um pouco dura, porque se virou subitamente para Alice e sorriu. E, naquele momento, Alice ficou realmente impressionada com a beleza dela.

– Há algum tempo, perguntaste-me se eu alguma vez tinha tido medo de andar sozinha ali em cima nas montanhas.

A mão de Alice deteve-se sobre a fivela da cilha.

– Bem, vou contar-te uma coisa. Desde que o meu pai morreu, nunca mais tive medo de nada. Estás a ver aquilo ali? – Apontou para as montanhas que se erguiam ao longe. – Era com aquilo que eu sonhava em criança. Eu e o Charley, lá em cima, é o meu céu, Alice. Eu vivo no céu todos os dias.

Margery soltou um longo suspiro e, enquanto Alice ainda digería o sereno do seu rosto e a estranha luminosidade do seu sorriso, virou-se e bateu na parte de trás da sela.

– OK. Está tudo pronto? Um grande dia para ti. Um grande dia para todas nós.

Era a primeira semana em que as quatro mulheres se separavam, indo cada uma fazer a sua rota. Planeavam encontrar-se na biblioteca no início e no fim de cada semana, para fazerem o relatório, tentarem organizar os livros e verificarem o estado dos que eram devolvidos. Margery e Beth faziam as rotas mais longas, deixando frequentemente os livros numa segunda base, uma escola a quinze quilómetros de distância, onde passavam para os recolher de duas em duas semanas; Alice e Izzy faziam as rotas mais próximas da vila. Izzy estava agora mais confiante, e Alice, nas frequentes vezes em que se cruzava com ela na chegada à biblioteca, via-a partir com as suas botas novas de Lexington a reluzirem, enquanto cantarolava à medida que se ia afastando pela rua principal.

– Bom dia, Alice – dizia-lhe ela, com um tímido aceno de mão, como se ainda não tivesse bem a certeza da reação que iria receber.

Alice não queria admitir o nervosismo que sentia. Não era apenas o medo de se perder ou de fazer tristes figuras; era também a conversa que tinha ouvido entre Beth e Mrs. Brady, na semana anterior, enquanto retirava a sela à Spirit cá fora.

Ah, vocês são todas realmente maravilhosas. Mas confesso que estou um pouco preocupada com a inglesa.

Ela está a sair-se muito bem, Mrs. Brady. A Marge diz que ela já conhece bastante bem a maior parte das rotas.

Não é por causa das rotas, Beth, minha querida. A principal razão para querermos que fossem raparigas daqui a fazer este trabalho era por serem conhecidas das pessoas. Elas confiam que vocês não as vão desconsiderar nem lhes vão dar nada que elas não devam ler. Se lhes aparece uma desconhecida a falar com aquele sotaque e a agir como se fosse a rainha

de Inglaterra... bem, elas vão ficar de pé atrás. Tenho receio de que isso possa colocar em causa todo o projeto.

Nessa altura, a Spirit resfolegou, e elas calaram-se subitamente, como se tivessem percebido que podia estar alguém lá fora. Alice, baixando-se e escondendo-se atrás da janela, sentira um súbito acesso de ansiedade. Se os habitantes locais não aceitassem os seus livros, pensou, não a deixariam manter o emprego. Imaginou-se de repente metida novamente em casa dos Van Cleve, naquele silêncio pesado, sob o olhar atento e desconfiado de Annie, a ver passar as horas como se de décadas se tratasse. Lembrou-se de Bennett e do muro que ele erguia entre os dois, recusando sequer falar do que se estava a passar. Lembrou-se da irritação de Mr. Van Cleve por eles ainda não lhe terem dado um *netinho*.

Se perco este emprego, pensou, enquanto um nó duro e pesado se formava no seu estômago, *fico sem nada.*

– B'dias!

Alice foi praticando durante todo o caminho, enquanto subia a montanha. Ia repetindo para a Spirit vezes sem conta: «Então, bom dia! Como estão neste belo dia?», abrindo mais a pronúncia das vogais para tentar parecer menos inglesa e menos afetada.

Uma mulher jovem, provavelmente não muito mais velha do que Alice, apareceu a espreitar à porta de uma cabana, com a mão a proteger os olhos. No relvado ensolarado que havia em frente à casa, duas crianças ergueram os olhos para ela e logo reataram a inconsequente zaragata por causa de um pau, enquanto um cão as observava atentamente. Havia uma tigela de milho-doce por debulhar, como se à espera de ser levada, e um monte de roupa suja no chão em cima de um lençol. Algumas ervas daninhas tinham sido arrancadas e atiradas para um monte junto à horta, ainda com terra

agarrada às raízes. A casa parecia rodeada de tarefas por acabar. Alice ouviu um choro de criança, um pranto furioso e desconsolado.

– Mrs. Bligh?

– Posso ajudá-la?

Alice respirou fundo.

– B’dia! Sou da biblioteca itinerante – disse Alice à cautela, tentando imitar o linguajar local. – E ‘tav’aqui a pensar s’ia q’rer algum livro, pra si e prós seus catraios. Pr’òs ajudar àprender.

O sorriso da mulher desvaneceu-se.

– Num se preocupe. Num custam nada – acrescentou Alice, de sorriso rasgado, tirando um livro do alforge. – Pode ficar cum quatro, qu’eu venho buscá-los prà semana.

A mulher ficou calada. Semicerrou as pálpebras, contraiu os lábios e baixou os olhos para os sapatos. Depois, limpou as mãos ao avental e ergueu novamente o olhar.

– Está a fazer pouco de mim, Miss?

Alice esbugalhou os olhos.

– É aquela inglesa, não é? A que casou com o filho do Van Cleve? É que, se veio aqui para fazer pouco de mim, pode dar já meia-volta e ir montanha abaixo outra vez.

– Eu não estou a fazer pouco de si – disse Alice muito depressa.

– Então, passa-se alguma coisa aí com a sua fala?

Alice engoliu em seco. A mulher fitava-a de sobrolho franzido.

– Peço imensa desculpa – disse ela. – Disseram-me que as pessoas não iam confiar inteiramente em mim para aceitarem os meus livros se eu falasse demasiado à inglesa. Eu só estava... – disse, com a voz a perder-se.

– Estava a tentar falar como se fosse daqui? – perguntou a mulher, fincando o queixo no pescoço.

– Eu entendo. Dito assim, parece que... eu... – Alice fechou os olhos e gemeu para dentro.

A mulher soltou uma gargalhada, e os olhos de Alice abriram-se de repente. A mulher desatou novamente a rir às gargalhadas, toda curvada sobre o avental.

– Tentou falar como se fosse daqui!... Garrett? Estás a ouvir isto?

– Ouvi, sim – disse uma voz de homem, seguida de um ataque de tosse.

Mrs. Bligh, de mãos na cintura, ria tanto, que teve de limpar as lágrimas do canto dos olhos. Os filhos, ao vê-la assim, desataram a rir também, com aquela expressão confusa e esperançada de quem não sabe bem porque se ri.

– Oh, meu Deus. Oh, Miss, já não me lembrava de me rir assim. Agora, entre. Sabe, eu ia aceitar os livros nem que a Miss fosse do outro lado do mundo. Chamo-me Kathleen. Entre. Precisa de beber água? Aí fora está um sol que até queima.

Alice prendeu a Spirit à árvore mais próxima e pegou nuns quantos livros. Depois, seguiu a mulher até à casa de madeira, reparando que as janelas não tinham vidros, apenas portadas, e pensou distraidamente como seria passar ali o inverno. Esperou uns segundos à entrada da porta, enquanto os olhos se adaptavam à escuridão e o interior começava gradualmente a revelar-se. A casa parecia estar dividida em dois compartimentos. As paredes da divisão da frente estavam forradas com jornal, e na parede do fundo havia um grande fogão a lenha, ao lado do qual se via uma pilha de toros. Havia candeias penduradas num fio por cima do fogão e uma caçadeira enorme na parede. A um canto, uma mesa e quatro cadeiras e, ao lado, um bebé dentro de uma cesta grande chorava e agitava os punhos pequeninos. Quando a mulher se baixou e pegou nele com um vago ar de exaustão, o pranto terminou.

Foi nesse momento que Alice reparou no homem que estava deitado na cama do lado oposto. Com as mantas acolchoadas puxadas até ao peito, era jovem e bem-parecido, mas a palidez da pele era sinal de alguma doença crónica. O ar em seu redor parecia parado e viciado, apesar das janelas abertas, e tossia de meio em meio minuto.

– Bom dia – disse Alice, quando o viu a olhar para ela.

– Bom dia – respondeu ele, numa voz fraca e rouca. – Garrett Bligh. Peço desculpa, mas neste momento não me consigo levantar para...

Ela abanou a cabeça, como quem diz que não tinha importância.

– Tem alguma revista da *Woman's Home Companion*? – perguntou-lhe a mulher. – Este bebé está mesmo difícil de sossegar, e eu estava a pensar se eles não teriam nada que me ajudasse... Eu até leio bem, não leio, Garrett? Há uns tempos, a Miss O'Hare trouxe-me umas que tinham montes de conselhos de todos os tipos. Acho que deve ser dos dentes, mas ele não quer mastigar nada.

Alice, surpreendida, pôs-se em ação. Começou a folhear os livros e as revistas, acabando por escolher dois exemplares, que lhe entregou.

– As crianças não vão querer nada?

– Tem daqueles ilustrados? O Pauly já aprendeu as primeiras letras, mas a irmã só olha para as imagens. Mas adora vê-las.

– Claro.

Alice encontrou duas cartilhas e entregou-lhas.

Kathleen sorriu, colocando-as reverentemente em cima da mesa, e deu um copo de água a Alice.

– Conheço algumas receitas. Há uma de um bolo de maçã com mel que me ensinou a minha mãe. Se quiser, terei todo o gosto em dar-lha.

Margery já lhe tinha dito que as pessoas da montanha eram orgulhosas. Muitas não se sentiam confortáveis a receber favores sem poderem retribuir.

– Gostava muito. Muito obrigada.

Alice bebeu a água e devolveu o copo. Fez menção de se ir embora, murmurando algo sobre o tempo estar a passar, quando se apercebeu de que Kathleen e o marido trocavam olhares entre si. Levantou-se, pensando se lhe teria escapado alguma coisa. Eles olharam para ela, e a mulher esboçou um sorriso radiante, mas nenhum deles disse uma palavra.

Alice fez um compasso de espera, até que a situação se tornou constrangedora.

– Bem, foi um prazer conhecê-los. Volto a passar daqui a uma semana e, entretanto, vou ver se encontro mais artigos sobre a dentição dos bebés. Terei todo o gosto em procurar qualquer coisa de que precisem. Vamos receber mais livros e revistas durante a semana – disse, recolhendo os livros que sobravam.

– Então, vemo-la na próxima semana.

– Muito obrigado... – disse a voz sussurrada vinda da cama. Depois, as palavras perderam-se em mais um acesso de tosse.

O exterior parecia insuportavelmente luminoso depois da penumbra da casa. Alice deu por si a semicerrar os olhos, enquanto acenava um adeus às crianças e se dirigia novamente pelo meio da erva em direção à Spirit. Não se tinha apercebido antes da altitude a que eles viviam, de onde conseguia avistar meio condado. Parou um momento para desfrutar das vistas.

– Miss?

Alice virou-se e viu Kathleen Bligh a correr para ela, parando a alguns passos de distância com os lábios ligeiramente contraídos, como se estivesse com medo de falar.

– Precisa de mais alguma coisa?

– Miss... É o meu marido. Ele adora ler, mas os olhos dele já não veem bem no escuro e, para ser sincera, também já tem dificuldade em focá-los por causa do problema no pulmão. Ele passa a maior parte dos dias cheio de dores. Será que podia ler um bocadinho para ele?

– Ler para ele?

– Sim, ajuda-o a distrair-se. Eu não posso, porque tenho de tratar da casa e do bebé, e tenho lenha para cortar. Eu até não lhe ia pedir, mas, como a semana passada a Margery fez isso, se a Miss não se importasse de tirar meia hora para lhe ler um capítulo ou o que fosse... bem... nós ficávamos-lhe os dois muito agradecidos.

A expressão de Kathleen, longe do marido, tinha-se transformado em exaustão e tensão, como se diante dele não se atrevesse a mostrar o que sentia. Os seus olhos brilhavam e, subitamente, levantou o queixo, como se estivesse a sentir-se envergonhada por estar a pedir alguma coisa.

– Claro que se a Miss estiver muito ocupada...

Alice pôs-lhe a mão no braço.

– Porque não me fala um pouco do que ele gosta? Tenho aqui um novo livro de contos que talvez seja exatamente aquilo de que precisamos. O que acha?

Quarenta minutos depois, Alice começava a descer a montanha. Garrett Bligh tinha fechado os olhos, enquanto ela lia, e, como seria de esperar, ao fim de vinte minutos de história – uma comovente história de um marinheiro naufragado em alto mar –, quando ela levantou os olhos do banco onde estava sentada ao lado da cama, viu que os músculos da sua cara, que antes estavam tensos de tanto desconforto, tinham de facto relaxado, como se ele tivesse viajado para um lugar completamente diferente. Ela ia lendo baixinho, quase num murmúrio, e até o bebé pareceu sossegar ao som da sua voz. Lá fora, Kathleen parecia uma mancha pálida, a cortar lenha, a recolhê-la, a separá-la e a carregá-la, parando de vez em quando para tentar acalmar os filhos ou repreendê-los. Quando a história terminou, Garrett já estava a dormir, respirando ruidosamente.

– Obrigada – disse Kathleen, enquanto Alice carregava os alforjes. Depois, entregou-lhe duas maçãs enormes e um pedaço de papel onde tinha apontado cuidadosamente uma receita. – Esta é a receita de que eu lhe tinha falado. Estas maçãs são boas para cozer, porque não se desfazem. Mas não as deixe cozer de mais.

O seu rosto estava novamente radioso, tendo recuperado a determinação que mostrara anteriormente.

– É muito simpático da sua parte. Obrigada – disse Alice, guardando as maçãs cuidadosamente nos bolsos.

Kathleen acenou com a cabeça, como se tivesse acabado de pagar uma dívida. Alice montou na égua, agradeceu uma vez mais e partiu.

– Mrs. Van Cleve? – chamou Kathleen, quando Alice já tinha percorrido quase vinte metros.

Alice virou-se sobre a sela.

– Sim?

Kathleen cruzou os braços sobre o peito e ergueu o queixo.

– Acho que a sua voz soa muito bem tal como é.

O sol estava abrasador e os mosquitos maruís, implacáveis. Durante a longa tarde, sempre a bater no pescoço e a praguejar, Alice sentia-se grata pelo chapéu de lona de abas largas que Margery lhe tinha emprestado. Conseguiu convencer duas irmãs gémeas, que moravam mais abaixo, junto ao riacho, a ficarem com um manual de bordados, apesar de parecer que até isso lhes suscitava alguma desconfiança; foi afugentada de uma casa grande por um cão de ar feroz; e deu uma Bíblia a uma família de onze pessoas, que vivia na casa mais pequena que alguma vez vira, onde havia uma série de colchões de palha na varanda.

– Filhos meus não leem mais nada além do Livro Sagrado – disse a mãe, por detrás de uma porta quase fechada, crispando o maxilar, como que a

preparar-se para ser contrariada.

– Então, vou procurar algumas histórias da Bíblia para lhe trazer na próxima semana – disse Alice, tentando esboçar, enquanto a porta se fechava, um sorriso mais radioso do que realmente lhe apetecia.

Após uma pequena vitória em casa dos Bligh, Alice começava a sentir-se desalentada. Não sabia ao certo se era para os livros ou se era para ela que as pessoas olhavam com desconfiança. A voz de Mrs. Brady não lhe saía da cabeça, com as suas reservas sobre se ela estaria à altura daquele trabalho pelo facto de ser *estrangeira*. Estava tão absorta nestes pensamentos, que a certa altura se apercebeu de que havia já algum tempo que deixara de ver os cordéis vermelhos colocados por Margery nas árvores e que, por isso, estaria perdida. Parou numa clareira, tentando calcular onde estaria, através dos seus mapas desenhados à mão, e debatendo-se para identificar a posição do sol por entre a abóbada verde-escura das árvores. A Spirit mantinha-se imóvel, de cabeça baixa sob o calor da tarde que penetrava através da ramagem das árvores.

– E tu não devias andar à procura do caminho de casa? – disse-lhe Alice, mal-humorada.

Foi obrigada a concluir que não fazia a mínima ideia de onde estava. Teria de voltar para trás até encontrar um ponto de referência. Deu meia-volta à égua e voltou a subir a montanha, desanimada.

Uma boa meia hora se passou até conseguir reconhecer alguma coisa. Tinha tentado reprimir a sensação de pânico que lhe crescia no peito à medida que se ia apercebendo, assustada, de que poderia facilmente ter de passar a noite na montanha, numa escuridão de breu, com cobras, pumas e sabe Deus o que mais por ali havia. Ou, igualmente preocupante, num dos locais onde ela tinha indicação de que não deveria de modo algum parar: *a casa de Beever, em Frog Creek (um doido varrido), a casa dos McCullough (eles, traficantes de bebidas alcoólicas e quase sempre bêbedos; quanto a*

elas, ninguém sabe, já que nunca ninguém as vê), a casa dos irmãos Garside (bêbedos e consequentemente intratáveis). Não sabia se tinha mais medo da ideia de levar um tiro por invadir uma propriedade privada ou da reação de Mrs. Brady quando se soubesse que, afinal, a inglesa não fazia a mínima ideia do que andava a fazer.

À sua volta, a paisagem parecia ter-se espreado, revelando toda a sua vastidão e a ignorância de Alice quanto ao lugar que nela ocupava. Porque não prestara mais atenção às indicações de Margery? Fitava as sombras, de olhos semicerrados, tentando perceber se estava a seguir na direção delas, e praguejava quando as nuvens ou o movimento dos ramos das árvores as faziam desaparecer. Ficou tão aliviada quando avistou um laço vermelho num tronco de árvore, que ainda demorou uns momentos a aperceber-se de que casa se estava a aproximar.

Alice passou em frente ao portão, de cabeça baixa e olhos no chão. Imperava o silêncio naquela casa revestida de tábuas. A chaleira de ferro estava cá fora, sobre um monte de cinzas frias, e um grande machado tinha sido deixado por baixo de um cepo de uma árvore. Duas janelas com os vidros muito sujos pareciam observá-la, inexpressivas. E ali estavam eles, quatro livros perfeitamente empilhados junto ao pilar, precisamente onde Margery tinha dito a Jim Horner para os deixar, caso decidisse que, de facto, não queria receber livros em casa. Alice freou a Spirit e desmontou, lançando um olhar cauteloso à janela ao lembrar-se do buraco de bala no chapéu de Margery. Os livros pareciam intocados. Meteu-os debaixo do braço e começou a guardá-los com todo o cuidado nos alforjes, verificando depois a cilha da égua. Já tinha um pé no estribo e o coração desconfortavelmente acelerado, quando ouviu a voz do homem a ecoar no vale.

– Ei!

Parou.

– Ei, você!

Alice fechou os olhos.

– Você é a bibliotecária que passou por cá da outra vez?

– Não queria incomodá-lo, Mr. Horner – gritou-lhe ela. – Eu só... eu só vim buscar os livros. Vou-me já embora. E não volta a passar aqui ninguém.

– Então, estava a mentir?

– Como? – perguntou Alice, tirando o pé do estribo e virando-se para trás.

– Vocês disseram que nos iam trazer mais.

Alice piscou os olhos. Ele não estava a sorrir, mas também não tinha nenhuma arma nas mãos. Estava parado na soleira da porta, de braços caídos ao longo do corpo, e só levantou uma mão para apontar para o pilar do portão.

– Quer mais livros?

– Foi o que eu disse, não foi?

– Oh, céus. Claro que sim. Hum... – Os nervos estavam a atrapalhá-la. Remexeu no alforge, tirando e rejeitando o que lhe vinha à mão. – Pois, bem, trouxe-lhe um de Mark Twain e um de receitas. Ah, e tenho aqui uma revista com dicas sobre conservas. Vocês estavam a fazer conservas, não estavam? Posso deixar-lha, se quiser.

– Quero uma cartilha – disse ele, apontando vagamente para o ar, como se isso fosse fazê-la aparecer. – É para as catraias. Quero uma daquelas que só têm palavras e uma imagem em cada página. Nada de muito chique.

– Eu acho que tenho alguma coisa do género... Espere só um segundo.

– Alice remexeu no alforge e acabou por retirar uma cartilha. – Assim? Esta tem sido muito popular entre...

– Deixe-os aí junto ao pilar.

– Está bem. Aqui estão eles!... Muito bem! – Alice baixou-se para empilhar os livros e depois recuou e virou-se para montar a égua. – Está

bem. Eu... Eu já me vou embora. Mande recado se quiser que eu lhe traga na próxima semana alguma coisa em particular.

Alice ergueu a mão num aceno, e Jim Horner ficou à porta a olhar para ela, com duas meninas atrás de si. Embora sentisse o coração aos pulos, quando chegou ao fundo do caminho de terra, Alice deu por si a sorrir.

Cada mina, ou grupo de minas, tornou-se uma comunidade sem qualquer propriedade privada à exceção da própria mina, e sem lugares públicos ou vias públicas além do leito do riacho, que corria entre os taludes das montanhas. Estes conjuntos de aldeias salpicam as encostas das montanhas até aos vales do rio e só lhes faltam castelos, pontes levadiças e torres para recriarem a imagem dos tempos feudais.

Comissão do Carvão dos Estados Unidos, 1923

Apesar de lhe custar, Margery tinha de admitir que a pequena biblioteca em Split Creek Road estava a ficar caótica e que, dada a crescente procura de livros, nenhuma das quatro tinha tempo para tratar disso. Não obstante a desconfiança inicial de alguns habitantes do condado de Lee, a notícia sobre as bibliotecárias foi-se propagando à medida que se iam tornando conhecidas e, passadas poucas semanas, já era mais comum serem recebidas com sorrisos entusiasmados do que com portas rapidamente fechadas nas suas caras. As famílias clamavam por material de leitura, desde revistas como a *Woman's Home Companion*, para as mulheres, até à *Furrow*, para os homens. Tudo, de Charles Dickens a *Dime Mystery Magazine*, lhes era arrancado das mãos assim que era retirado dos alforjes. Os livros de banda desenhada, extremamente populares entre as crianças, eram os que mais sofriam, folheados até à exaustão ou com páginas arrancadas em disputas entre irmãos. De vez em quando, havia revistas que eram devolvidas com a página preferida discretamente arrancada. E a procura continuava: *Miss, tem mais livros novos para nos dar?*

Quando as bibliotecárias regressavam à base, no barracão de Frederick Guisler, em vez de tirarem livros rigorosamente alinhados das estantes feitas à mão, era mais frequente vê-las no chão a revirarem as inúmeras pilhas de livros à procura dos títulos solicitados, gritando umas às outras quando descobriam que alguma estava sentada em cima do livro que procuravam.

– Acho que somos vítimas do nosso próprio sucesso – disse Margery, olhando em redor para as pilhas de livros espalhadas pelo chão.

– Não será melhor organizá-los? – perguntou Beth, enquanto fumava um cigarro (o pai dela bater-lhe-ia se a visse fumar, e Margery fingia que não tinha visto nada).

– Não vale a pena. Mal íamos conseguir organizar alguma coisa que se visse, agora de manhã, e, quando voltarmos, vai ficar igual. Não. Estive a pensar: precisamos de alguém aqui a tempo inteiro para organizar isto.

Beth olhou para Izzy.

– Tu querias ficar aqui, não querias? E, além disso, também não tens grandes dotes para montar.

Izzy indignou-se:

– Não, não quero, obrigada, Beth. As minhas famílias já me conhecem e não iam gostar de ver outra pessoa ficar com as minhas rotas.

E tinha razão. Apesar das bocas maliciosas de Beth, em apenas seis semanas Izzy Brady tinha-se tornado uma amazona competente e, embora ainda não fosse exímia, conseguia equilibrar-se de forma a compensar a perna mais fraca, cuja diferença se tinha tornado impercetível com as botas de couro castanho-avermelhado que ela mantinha sempre bem engraxadas e lustrosas. Começara a levar a bengala na parte de trás do alforge, para a ajudar quando tinha de percorrer a pé os últimos metros até alguma casa, e descobriu que dava muito jeito para afastar os ramos, enxotar os cães mais ferozes e afugentar alguma cobra. A maior parte das famílias de Baileyville

tinha um grande respeito por Mrs. Brady e, portanto, quando Izzy se apresentava em suas casas, era por norma bem recebida.

– Além disso, Beth – disse ainda Izzy, jogando maliciosamente o seu trunfo –, sabes que, se eu aqui ficar, vocês vão ter a minha mãe sempre a meter aqui o nariz. A única coisa que a mantém longe é saber que passo o dia inteiro fora.

– Bem, eu também preferia não ficar aqui – disse Alice, quando Margery se virou para ela. – As minhas famílias também estão a correr bem. A semana passada, a filha mais velha do Jim Horner leu um *The American Girl* inteirinho. Ele ficou tão orgulhoso, que até se esqueceu de gritar comigo.

– Parece que vai ter de ser a Beth – disse Izzy.

Beth apagou o cigarro no soalho com o tacão da bota.

– Não olhem para mim. Eu odeio arrumações e já tenho de as fazer para o raio dos meus irmãos.

– Precisas de praguejar? – resmungou Izzy.

– Não se trata só de arrumar – disse Margery, pegando num exemplar d’*Os Cadernos de Pickwick*, cujas entranhas pendiam num leque murcho. – Os livros já estavam degradados quando começámos, mas agora estão a desfazer-se. Precisamos de alguém que saiba coser as capas e talvez mesmo fazer álbuns com todas estas páginas soltas. Estão a fazer isso em Hindman e está a ser um sucesso. Metem-lhes receitas e histórias e tudo.

– Eu não tenho jeito nenhum para a costura – disse Alice. E imediatamente as outras repetiram bem alto que também elas eram péssimas.

Margery era a imagem do desespero.

– Bem, eu é que não vou fazer isso. Tenho patas no lugar das mãos. – E, por momentos, quedou-se pensativa. – Mas tive uma ideia. – Levantou-se e saiu detrás da mesa para ir buscar o chapéu.

- Que ideia? – perguntou Alice.
- Aonde vais? – perguntou Beth.
- À Hoffman. Beth, podes fazer algumas das minhas rondas? Vemo-nos todas mais tarde.

Dava para ouvir os estrondos terríveis na exploração mineira Hoffman a uns bons quilómetros de distância: o ronco dos camiões de carvão, o estrondo distante das explosões que faziam vibrar os pés, o tinido da campainha da mina. Para Margery, a Hoffman era uma visão do Inferno, com os seus túneis a corroerem as encostas em redor de Baileyville, devastadas e escavadas como leivas gigantes; os homens que lá trabalhavam a emergirem das entranhas da terra com o branco dos olhos a luzir no negrume do rosto; e aquele abafado estrépito industrial da natureza a ser despojada e destruída. Em redor da exploração, o pó de carvão impregnava o ar, e pairava uma sensação permanente de mau presságio, com as explosões a cobrirem o vale com um filtro cinzento. Até o Charley se mostrava relutante quando se dirigia para a exploração. Havia um certo tipo de homens, pensava ela, enquanto se aproximava do local, que olhava para a terra de Deus e, em vez de beleza e encanto, só via cifrões.

A Hoffman era uma comunidade com as suas próprias regras. O preço a pagar por um salário e um teto para morar era uma dívida crescente na loja da empresa, um medo interminável de uma dose de dinamite mal medida, um membro arrancado por uma vagoneta descontrolada ou, pior ainda, o fim de tudo, a centenas de metros abaixo do chão, com poucas hipóteses de os entes queridos conseguirem recuperar o corpo para fazerem o luto.

E, no último ano, tudo isto fora agravado por uma onda de desconfiança desde que tinham chegado as pessoas encarregadas de reprimir aqueles que se atrevessem a fazer campanha por melhores condições. Os chefes da mina

não gostavam de mudanças e tinham-no demonstrado, não com argumentos e punhos erguidos, mas com ataques, armas e, agora, famílias de luto.

– És tu, Margery O’Hare? – perguntou-lhe o segurança, ante a sua aproximação, avançando para ela com a mão a proteger os olhos por causa do sol.

– Exatamente, Bob.

– Sabes que o Gustavsson está cá?

– Está tudo bem? – perguntou ela, sentindo aquele habitual amargo de boca sempre que ouvia o nome de Sven.

– Parece que sim. Acho que só estão a comer qualquer coisa antes de arrancarem. A última vez que os vi estavam perto do Bloco B.

Ela saltou do macho e amarrou-o; depois, cruzou os portões, ignorando os olhares dos mineiros que terminavam o turno. Passou apressada pelo minimercado, situado na encosta, ao nível do cais, com as montras cheias de anúncios de pechinchas que toda a gente sabia que não eram o que pareciam. Logo acima, ficavam as casas grandes e bem cuidadas dos chefes da mina e dos seus capatazes, a maior parte com belos quintais. Ali viveriam os Van Cleve, se Dolores não se tivesse recusado a deixar a casa de família em Baileyville. Não era um dos maiores campos de carvão, como eram conhecidas aquelas comunidades, como o era, por exemplo, Lynch, onde cerca de dez mil casas se dispersavam pelas encostas. Aqui, havia duas centenas de casas de mineiros, que se estendiam ao longo dos caminhos, com os telhados cobertos com um revestimento impermeabilizante e que mal tinham beneficiado de melhorias nos seus quarenta e tal anos de existência. Algumas crianças, a maioria de pés descalços, brincavam na terra ao lado de um porco que andava a fossar. Havia peças de vagonetas espalhadas em frente às portas, assim como baldes, e cães vadios a vaguearem por ali. Margery virou à direita,

afastando-se dos caminhos junto às casas, e atravessou em passo acelerado a pequena ponte que conduzia às minas.

Primeiro, ficou a observá-lo de costas. Estava sentado num caixote virado ao contrário, com o capacete preso entre os pés, a comer um pedaço de pão. Reconhecê-lo-ia em qualquer lugar, pensou. A forma como o pescoço se encaixava nos ombros e a cabeça se inclinava ligeiramente para a esquerda quando falava. Tinha a camisa coberta de fuligem e o capote, com a palavra FOGO nas costas, estava ligeiramente torto.

– Ei.

Ele virou-se ao ouvir a voz dela, levantou-se e ergueu as mãos, quando os colegas começaram a assobiar baixinho, como se estivesse a tentar controlar um incêndio.

– Marge! O que estás aqui a fazer? – E, dando-lhe o braço, dobrou uma esquina e conduziu-a para longe dos assobios.

Margery olhou para as mãos enegrecidas de Sven.

– Estão todos bem?

– Por agora, sim – respondeu ele, erguendo o sobrolho e lançando aos escritórios um olhar que explicava tudo o que ela precisava de saber.

Ela estendeu a mão e limpou-lhe uma mancha na cara com o polegar. Sven agarrou-lhe a mão e encostou-a aos lábios. Sempre que o fazia, algo se agitava dentro dela, embora a sua expressão não o demonstrasse.

– Então, tiveste saudades minhas?

– Não.

– Mentirosa.

Riram-se um para o outro.

– Vim à procura do William Kenworth. Preciso de falar com a irmã dele.

– O de cor? Já cá não está, Marge. Lesionou-se e teve de se ir embora já há uns bons seis ou nove meses.

Ela pareceu surpreendida.

– Achava que te tinha dito. Um dos artistas da pólvora trocou os fios, e ele estava perto quando fizeram explodir aquele túnel no Feller’s Top. Um pedregulho arrancou-lhe uma perna.

– Então, onde é que ele está agora?

– Não faço ideia, mas posso descobrir.

Ficou à porta dos escritórios, enquanto Sven entrava e tentava convencer com falinhas mansas Mrs. Pfeiffer, cuja palavra preferida era *não*, se bem que raramente a usasse com Sven. Toda a gente que trabalhava nas cinco explorações de carvão do condado de Lee adorava Sven. Além de ombros maciços e punhos do tamanho de presuntos, ele tinha um ar de certa autoridade e um brilho nos olhos que mostrava aos homens que era um deles e às mulheres que gostava delas – e não apenas *daquela* maneira. Era bom no que fazia, bondoso sempre que achava necessário e falava com toda a gente com uma educação muito pouco comum, quer fosse com um miúdo maltrapilho do vale mais próximo ou com os grandes chefes da mina. Na maior parte dos dias, Margery conseguia debitar uma lista inteira de coisas que lhe agradavam em Sven Gustavsson. Mas nunca lhas diria.

Ele desceu as escadas dos escritórios com um pedaço de papel na mão.

– Está em Monarch Creek, em casa da falecida mãe. Não tem passado nada bem, segundo consta. Parece que só o trataram aqui no hospital durante os primeiros dois meses e depois mandaram-no embora.

– Que gente boa.

Sven sabia bem a má imagem que Margery tinha da Hoffman.

– Afinal, para que querias tu falar com ele?

– Queria encontrar a irmã. Mas, se ele está doente, não sei se devo ir incomodá-lo. Da última vez que tive notícias, ela estava a trabalhar em Louisville.

– Ah, não... A Mrs. Pfeiffer acabou de me dizer que a irmã é que está a cuidar dele. O mais provável é que, se lá fores, também a encontres.

Ela tirou-lhe o papel da mão e ergueu os olhos. Os dele estavam a fitá-la, e a expressão suavizou-se por baixo de todo aquele negrume.

– Então, quando é que te vou ver?

– Depende de quando parares de insistir em nos casarmos.

Ele olhou em redor, puxou-a para trás de uma esquina e encostou-a à parede, aproximando-se dela o mais que podia.

– Está bem... Então, o que achas disto? Margery O'Hare, prometo solenemente nunca casar contigo.

– E?

– Nunca mais vou falar em casar contigo. Nem cantar músicas alusivas. Nem sequer pensar em casar contigo.

– Assim está melhor.

Depois de se certificar que não estava ninguém por perto, falou-lhe baixinho, encostando a boca ao ouvido dela, o que a fez contorcer-se um pouco:

– Mas vou passando por tua casa para fazer coisas pecaminosas com esse teu belo corpinho. Se tu deixares.

– Como assim... pecaminosas? – sussurrou-lhe ela.

– Oh! Más. Diabólicas.

Ela deslizou as mãos até ao interior das calças de peitilho dele, sentindo a leve camada de suor na pele quente. Por momentos, apenas os dois existiam. Os ruídos e os odores da mina tinham-se dissipado, e ela sentia apenas o bater do seu coração, a vibração da pele dele contra a sua e a consciência claríssima de quanto precisava dele.

– Deus ama os pecadores, Sven – disse-lhe ela, esticando-se para lhe dar um beijo e morder-lhe ao de leve o lábio inferior. – Mas não tanto como eu.

Ele desatou a rir, e Margery, surpreendida consigo mesma, começou a sentir as faces a ruborizarem, enquanto se dirigia para o macho debaixo do coro de assobios da equipa de seguranças que ainda se fazia ouvir.

O dia tinha sido longo e, à hora a que chegou à pequena casa em Monarch Creek, tanto ela como o macho estavam exaustos. Desmontou e atirou as rédeas sobre o pilar.

– Ora viva!

Não apareceu ninguém. Havia uma horta bem cuidada do lado esquerdo da casa, com um coberto a protegê-la, e dois cestos pendurados no alpendre. Ao contrário da maior parte das casas deste vale, tinha sido pintada havia pouco tempo, a relva estava cortada e as ervas daninhas arrancadas. E havia uma cadeira de baloiço vermelha junto à porta, de frente para o pasto.

– Ora viva!

Surgiu um rosto de mulher a espreitar à porta de rede, como que a verificar alguma coisa, e em seguida virou-se e falou para alguém no interior da casa.

– É a Miss Margery?

– Olá, Miss Sophia. Como está?

A porta de rede abriu-se e a mulher, de mãos nas ancas e espessos caracóis negros presos no cocuruto, afastou-se para deixar Margery entrar. Tinha a cabeça erguida, como se estivesse a examiná-la cuidadosamente.

– Ora bem... Já não a via há uns... quê... oito anos?

– Por aí... Mas a Sophia está na mesma.

– Entre.

O seu rosto, tão magro e austero quando sério, abriu-se num belo sorriso, que Margery retribuiu. Durante vários anos, Margery tinha acompanhado o pai nas suas entregas de bebidas ilegais na Hoffman, uma das suas rotas mais lucrativas. Frank O'Hare imaginava que ninguém iria

desconfiar de uma menina a acompanhar o pai nas entregas na exploração. E não se enganava. Mas, enquanto ele dava a volta à zona residencial, trocando garrafas e subornando os seguranças, ela ia até ao bloco dos trabalhadores de cor, onde Miss Sophia lhe emprestava livros da pequena coleção da família.

Margery não podia frequentar a escola – Frank tinha-se encarregado disso. Ele não acreditava na aprendizagem através dos livros, por mais que a mãe dela lhe tivesse implorado. Mas Miss Sophia e a mãe, Miss Ada, tinham-lhe fomentado o amor pela leitura, que, muitas noites, a transportava para bem longe da escuridão e da violência do seu lar. E não eram apenas os livros: Miss Sophia e a mãe estavam sempre imaculadas, com as unhas impecavelmente limadas e o cabelo encaracolado e entrançado com uma precisão cirúrgica. Miss Sophia era apenas um ano mais velha do que Margery, mas a sua família representava para ela uma espécie de ordem, uma sugestão de que a vida podia ser bem diferente da gritaria, do caos e do medo que reinavam na sua.

– Sabe, eu achava que a Margery ia comer aqueles livros, tal era a vontade de os ler. Nunca conheci uma menina que lesse tantos livros nem tão depressa.

Trocaram sorrisos; depois, Margery viu William, que estava sentado numa cadeira junto à janela, com a perna esquerda das calças presa com alfinetes e metida por baixo do toco da perna. Teve de fazer um esforço enorme para não deixar transparecer o choque que sentiu.

– Boa tarde, Miss Margery.

– Lamento muito o seu acidente, William. Tem muitas dores?

– Toleram-se – disse ele. – Só não gosto de não poder trabalhar... Só isso.

– Está mais rabugento do que nunca – disse Sophia, revirando os olhos.

– Acho que gosta menos de estar enfiado em casa do que de ter perdido a

perna. Sente-se, vou buscar-lhe alguma coisa para beber.

– Ela diz que eu dou um ar desarrumado à casa – comentou William, encolhendo os ombros.

Margery imaginava que a casa dos Kenworth fosse a mais bem cuidada num raio de trinta quilómetros. Não havia um só grão de poeira ou um só objeto fora do lugar, prova da impressionante capacidade de organização de Sophia. Margery sentou-se e bebeu um copo de salsaparrilha, enquanto ouvia William contar-lhe como a mina o tinha despedido depois do acidente.

– O sindicato tentou defender-me, mas, depois daquelas mortes, bem... ninguém quer arriscar demasiado o pescoço por um preto. Sabe como é...

– Mataram mais dois sindicalistas o mês passado.

– Ouvi dizer. – William abanou a cabeça.

– Os irmãos Stiller rebentaram com os pneus de três camiões que estavam a sair do cais e, depois, quando foram à loja de Friars para organizarem alguns dos trabalhadores, foram encurralados por meia dúzia de rufiões, e foi preciso ir um grupo da Hoffman tirá-los de lá. Isto é ele a mandar um aviso.

– Quem?

– O Van Cleve. Sabe... é ele que está por detrás de boa parte do que está a acontecer.

– Toda a gente sabe – disse Sophia. – Toda a gente sabe o que se passa lá dentro, mas ninguém quer fazer nada.

Ficaram os três sentados em silêncio durante tanto tempo, que Margery quase se esquecia do que a tinha levado até ali. Por fim, pousou o copo.

– Mas isto não é só uma visita de cortesia – disse.

– Não me diga – surpreendeu-se Sophia.

– Não sei se já ouviram falar, mas eu tenho andado a organizar uma biblioteca em Baileyville. Somos quatro bibliotecárias, todas mulheres

desta zona, e temos um monte de livros e revistas doados, alguns deles já nas últimas. Bem, o que nós precisamos é de alguém que nos ajude na organização e na reparação dos livros, porque parece que não é possível fazermos quinze horas por dia em cima de uma sela e mantermos tudo o resto organizado.

Sophia e William entreolharam-se.

– Não sei se percebi o que é que isso tem que ver connosco – disse Sophia.

– Bem, eu estava a pensar que a Sophia talvez pudesse encarregar-se disso por nós. Temos orçamento para cinco bibliotecárias e o salário até é bom. É pago pela WPA, e o dinheiro é garantido por um ano, pelo menos.

Sophia reclinou-se na cadeira.

Margery insistiu:

– Eu sei que adorou trabalhar na biblioteca de Louisville. E consegue pôr-se em casa numa hora. Gostávamos muito de a ter connosco.

– Era uma biblioteca para gente de cor – disse Sophia, num tom mais ríspido, pousando as mãos entrelaçadas sobre as pernas. – A biblioteca de Louisville era para gente de cor. Sabe disso, certamente, Miss Margery. Eu não posso ir trabalhar para uma biblioteca de brancos. A menos que, na verdade, me esteja a pedir que vá cavalgar consigo, o que lhe posso desde já garantir que não vou fazer.

– É uma biblioteca itinerante. As pessoas não vão lá buscar ou deixar livros. Somos nós que vamos a casa delas.

– E então?

– Então... ninguém precisa de saber que está lá. Oiça, Miss Sophia, nós estamos desesperadas à procura de ajuda. Eu preciso de alguém de confiança para reparar os livros e para nos organizar, e a Sophia é, segundo qualquer critério, a melhor bibliotecária destes três condados.

– Vou repetir: é uma biblioteca de brancos.

- As coisas estão a mudar.
- Diga isso aos homens das montanhas que nos vêm bater à porta.
- Então, e o que fica aqui a fazer?
- A cuidar do meu irmão.
- Isso eu sei. O que lhe pergunto é o que faz para ganhar dinheiro.

Os dois irmãos encolheram os ombros.

- Isso é uma pergunta demasiado indiscreta. Mesmo para si.

William suspirou.

– Não estamos lá muito bem. Vivemos do que tínhamos poupado e do que a nossa mãe nos deixou. Mas não é muito.

- William! – repreendeu-o Sophia.

– Bem, é a pura verdade. Nós conhecemos a Miss Margery. E ela conhece-nos.

– Então, tu queres que me rebentem a cabeça por trabalhar numa biblioteca de brancos?

– Eu não vou permitir que isso aconteça – disse Margery, com toda a calma.

Foi a primeira vez que Sophia não respondeu. Havia poucas vantagens em ser descendente de Frank O’Hare, mas as pessoas que o tinham conhecido percebiam que, se Margery prometia uma coisa, então, o mais provável era que a cumprisse. Se ela tinha sobrevivido a uma infância com Frank O’Hare, pouca coisa se poderia atravessar no seu caminho.

– Ah, e o salário é de vinte e oito dólares por mês – disse Margery. – O mesmo que nós ganhamos.

Sophia olhou para o irmão e depois baixou os olhos. Por fim, levantou a cabeça.

- Vamos ter de pensar.

- Está bem.

Sophia contraiu os lábios.

– Continua a ser tão desorganizada como era?

– Provavelmente, um pouco pior.

Sophia levantou-se e alisou a saia.

– Como lhe disse, vamos pensar.

William acompanhou-a à porta. Insistiu, levantando-se a custo da cadeira, enquanto Sophia lhe dava a muleta. Estremecia com o esforço de se arrastar até à porta, e Margery tentava não demonstrar que o tinha percebido. Pararam à entrada, a olharem para a relativa paz do riacho.

– Sabe que andam a pensar arrancar uma parte do lado norte da cumeada?

– Como?

– Foi o Big Cole que me contou. Vão abrir seis buracos nessa zona. Açam que há lá camadas mais ricas.

– Mas essa parte da montanha está habitada. Há catorze ou quinze famílias só lá, na encosta norte.

– Nós sabemos que há, e eles também. Mas acha que isso os vai impedir, se lhes cheirar a dinheiro?

– Mas... e o que vai acontecer às famílias?

– O mesmo de sempre – disse ele, esfregando a testa. – Estamos no Kentucky, não é? O lugar mais bonito do mundo e também o mais brutal. Às vezes, penso que Deus nos quis mostrar todas as Suas faces de uma só vez.

William encostou-se ao caixilho da porta, ajeitando a muleta de madeira debaixo da axila, enquanto Margery digerira tudo aquilo.

– Foi bom revê-la, Miss Margery. Cuide-se.

– O William também. E diga à sua irmã que venha trabalhar na nossa biblioteca.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Ui! Ela é como a Margery. Nenhum homem lhe diz o que fazer.

Ela conseguia ouvir-lhe as gargalhadas, mesmo depois de ele fechar a porta de rede.

A minha mãe não era a favor de se fazerem as empadas de véspera, exceto as mincepies, com recheio de passas. Levantava-se sempre uma hora mais cedo para preparar as empadas para o pequeno-almoço, mas nunca fazia no dia anterior nenhuma variedade de empadas, fossem elas de creme ou de fruta, nem mesmo de abóbora, e, se alguma vez as tivesse feito, o meu pai não as teria comido.

Della T. Lutes, *Farm Journal*

Nos primeiros meses depois de ter vindo viver para Baileyville, Alice quase gostou dos jantares semanais da igreja. Ter uma quarta ou uma quinta pessoa à mesa parecia aligeirar um pouco a atmosfera sombria daquela casa, e a comida costumava ser um pouco melhor do que os pratos gordurosos que Annie habitualmente cozinhava. Em geral, Mr. Van Cleve tinha um comportamento exemplar e o pastor McIntosh, que era a visita mais frequente, era essencialmente um homem simpático, embora um pouco repetitivo. A característica mais agradável da sociedade do Kentucky eram, como reparou, as intermináveis histórias – as desventuras das famílias, as intrigas sobre os vizinhos –, todas elas contadas com especial ênfase e com um remate que deixava a mesa às gargalhadas. Se houvesse mais do que um contador de histórias, rapidamente o jantar se transformava numa competição. Mas o mais importante era que, no meio daquelas histórias tão empolgantes, Alice podia saborear o seu jantar quase sem ser observada nem incomodada.

Ou, pelo menos, assim tinha sido no início.

– Então, quando é que estes dois jovens vão abençoar aqui o meu velho amigo com um ou dois netos, hem?

– Isso é o que eu passo a vida a perguntar-lhes – acrescentou Mr. Van Cleve, apontando a faca a Bennett e depois a Alice. – Uma casa não é um verdadeiro lar sem um bebé a correr de um lado para o outro.

Talvez quando o seu quarto deixar de estar tão perto do nosso, que até me permite ouvi-lo dar um traque, respondeu Alice em silêncio, servindo-se de puré de batata. *Talvez quando eu puder ir à casa de banho sem ter de me cobrir até aos tornozelos. Talvez quando eu não tiver de ouvir esta conversa pelo menos duas vezes por semana.*

Pamela, a irmã do pastor McIntosh, que vivia em Knoxville e estava de visita, comentou, como praticamente toda a gente fazia, que o filho tinha engravidado a mulher logo no dia do casamento.

– Os gémeos nasceram precisamente nove meses depois do dia do casamento. Dá para acreditar? Aliás, ela tem aquela casa organizada como um relógio. Vocês vão ver que, mal ela desmame aqueles dois, vai ficar grávida outra vez.

– A Alice não é uma daquelas bibliotecárias a cavalo? – perguntou o marido de Pamela, que observava o mundo, desconfiado, por baixo das sobancelhas hirsutas.

– Sim, sou.

– A rapariga anda por fora o dia todo! – exclamou Mr. Van Cleve. – Há dias em que chega a casa tão cansada, que mal consegue manter os olhos abertos.

– Um rapaz robusto como tu, Bennet... A jovem Alice devia era andar cansada de mais para montar a cavalo!

– Aliás, já devia ter as pernas arqueadas que nem um cowboy!

Os dois homens desataram a rir às gargalhadas. Alice forçou um sorriso triste e olhou para Bennett, que remexia os feijões no prato em total

concentração. Olhou em seguida para Annie, que segurava a travessa das batatas-doces e a fitava com um ar desconfortavelmente satisfeito. Alice endureceu o olhar até a mulher desviar o dela. *A senhora tem manchas das regras nas suas calças de montar*, comentara ela, ao entregar-lhe na noite anterior uma pilha de roupa lavada e dobrada. *Não consegui tirar tudo, ainda ficou uma mancha pequena*. Fez um compasso de espera e acrescentou: *Tal como no mês passado*.

Alice tinha-se indignado com o facto de Annie lhe estar a monitorizar as regras. E teve a súbita sensação de que toda a vila estaria a discutir a sua aparente incapacidade para engravidar. Claro que não podia ser culpa de Bennett. Não do campeão de basebol da terra. Não do menino de ouro da terra.

– Sabe, aquela minha prima que vive em Berea... ela não conseguia engravidar de maneira nenhuma. E podem crer que o marido andava em cima dela como um cão. Então, ela foi a uma daquelas igrejas que usam cobras... Pastor, eu sei que desaprova, mas oiça isto: puseram-lhe uma cobra-de-riscas ao pescoço e ela engravidou logo na semana seguinte. A minha prima diz que o bebé tem os olhos dourados, da cor de uma cobra cabeça-de-cobre. Mas ela sempre teve uma imaginação muito fértil.

– Com a minha tia Lola, passou-se o mesmo. O pastor dela pôs toda a congregação a rezar a Deus para lhe encher a barriga. Demoraram um ano, mas agora têm cinco filhos.

– Por favor, não se sintam obrigados a fazer o mesmo – disse Alice.

– Eu acho que é por passar tanto tempo a cavalo. Não é bom para as mulheres passarem o dia inteiro escarranchadas. O Dr. Freeman diz que lhes agita o ventre.

– Bem, pois é, também acho que já li isso.

Mr. Van Cleve pegou no saleiro e agitou-o entre os dedos.

– É como se agitássemos demasiado uma garrafa de leite. Ele acaba por ficar azedo. Coalha, por assim dizer.

– O meu ventre não está coalhado, muito obrigada – disse Alice, com rispidez. E ainda acrescentou:

– Mas gostaria muito de ver esse artigo.

– Artigo? – perguntou o pastor McIntosh.

– Aquele que acabou de referir, que diz que as mulheres não devem andar a cavalo, para não agitarem o ventre. É uma expressão médica que eu desconhecia.

Os dois homens entreolharam-se.

Alice cortou um pedaço de frango com a faca, sem levantar os olhos do prato.

– O conhecimento é muito importante, não acham? Na biblioteca, todas dizemos que sem factos realmente não temos nada. Acho que seria apenas uma atitude responsável da minha parte ler esse artigo a que se refere, para saber se estou a colocar a minha saúde em risco por andar a cavalo. Talvez mo possa trazer no próximo domingo, pastor – disse-lhe ela, do outro lado da mesa, com um sorriso rasgado.

– Bem – disse o pastor McIntosh –, não sei se conseguirei encontrá-lo assim tão facilmente.

– O pastor tem muitos artigos – disse Mr. Van Cleve.

– O que é mesmo engraçado é que – continuou Alice, agitando o garfo para dar mais ênfase –, em Inglaterra, quase todas as senhoras de boas famílias montam. Saem para caçar, saltam valas, vedações, tudo. É quase obrigatório. E, no entanto, deitam bebés cá para fora com extraordinária eficiência. Até na família real. Pás, pás, pás! Como quem descasca ervilhas! Sabem quantos filhos teve a rainha Vitória? E andava *sempre* a cavalo. Ninguém a tirava de lá de cima.

A mesa ficou em silêncio.

– Bem... – disse o pastor McIntosh. – Isso é... muito interessante.

– Mas isso não deve ser bom para si, minha querida – disse a irmã do pastor, num tom amável. – Afinal, a atividade física intensa não é por norma benéfica para as jovens.

– Meu Deus! Então, é melhor avisar algumas daquelas raparigas da montanha que eu vejo todos os dias. Aquelas mulheres cortam lenha, sacham as hortas, limpam a casa para os maridos que estão demasiado doentes ou que são demasiado preguiçosos para saírem da cama. E, por estranho que pareça, elas também parecem ter muitos filhos, uns atrás dos outros.

– Alice – chamou Bennett baixinho.

– Não acredito que muitas delas se limitem a andar de um lado para o outro, a cuidar das flores e a ficar sentadas com os pés ao alto. Só se tiverem uma constituição biológica diferente. Deve ser isso. Talvez exista também uma justificação médica para isso.

– Alice – disse Bennett outra vez.

– Não há nada de errado comigo – sussurrou ela, irritada. Ficou furiosa ao sentir a voz a tremer. Era o que eles queriam. Os dois homens mais velhos trocaram olhares compreensivos.

– Oh, não te enerves. Não estamos a criticar-te, Alice, minha querida – disse Mr. Van Cleve, estendendo o braço até ao outro lado da mesa e pousando a mão sapuda sobre a dela.

– Nós compreendemos como pode ser dececionante quando o Senhor não nos dá imediatamente essa bênção. Mas é melhor não *dramatizar* demasiado – disse o pastor. – Da próxima vez que forem à igreja, farei uma pequena oração pelos dois.

– É muito amável da sua parte – disse Mr. Van Cleve. – Às vezes, uma jovem nem sempre sabe o que é melhor para ela. E é para isso que nós aqui

estamos, Alice, para cuidarmos dos teus interesses. Então, Annie, onde estão as batatas-doces? O meu molho está a ficar frio.

– Porque tinhas de fazer aquilo? – perguntou-lhe Bennett, sentado ao lado dela no baloiço, enquanto os dois homens mais velhos terminavam uma garrafa do melhor uísque de Mr. Van Cleve, na sala de estar. Ouviam-se as suas vozes a subirem e a baixarem de tom, intercaladas por gargalhadas.

Alice estava sentada de braços cruzados. As noites estavam a ficar cada vez mais frias, mas ela estava na ponta do baloiço, a mais de vinte centímetros do calor do corpo de Bennett, com um xaile sobre os ombros.

– Fazer o quê?

– Sabes muito bem o quê. O meu pai só estava preocupado contigo.

– Bennett, tu sabes muito bem que andar a cavalo não tem nada que ver com o facto de eu não engravidar.

Ele ficou calado.

– Eu adoro o meu emprego. Adoro mesmo. Não vou desistir só porque o teu pai tem a impressão de que me agita o ventre. Alguém te diz que jogas baseball de mais? Não. Claro que não. Mas as tuas partes baixas são bem agitadas três vezes por semana.

– Fala baixo!

– Ah, já me esquecia. Não podemos dizer nada alto, pois não? Pelo menos, sobre as tuas *partes baixas agitadas*. Não podemos falar sobre o que se está *realmente* a passar. Mas é de mim que toda a gente fala. Sou eu a pessoa que eles pensam que é infértil.

– Porque te preocupas com o que as pessoas pensam? Afinal, ages como se não te importasses com metade das pessoas daqui.

– Preocupo-me, porque a tua família e os teus vizinhos estão sempre a falar nisto! E vão continuar a fazê-lo, a menos que tu lhes expliques o que

se passa! Ou, pelo menos... *faças* alguma coisa!

Ela tinha ido demasiado longe. Bennett levantou-se abruptamente do baloiço e foi-se embora a passos largos, batendo com a porta de rede. Seguiu-se um súbito silêncio na sala de estar. Enquanto as vozes dos homens iam subindo novamente de tom, Alice ficou sentada no baloiço a ouvir os grilos e a pensar como era possível estar numa casa cheia de gente e, ao mesmo tempo, no lugar mais solitário do mundo.

Não tinha sido uma boa semana na biblioteca. As montanhas passaram de um verde exuberante para uma cor de laranja ardente, com as folhas a formarem um tapete acobreado que ocultava os cascos dos cavalos e os vales a cobrirem-se de uma densa névoa matinal. E Margery apercebeu-se de que metade das bibliotecárias andava deprimida. Observava o maxilar invulgarmente tenso de Alice e o seu olhar triste, e até seria capaz de fazer um esforço para a animar, não fora ela própria andar tão desassossegada, pois ainda não tinha recebido notícias de Sophia. Todas as noites tentava reparar os livros mais danificados, mas a pilha de livros crescia muito rapidamente e ia já numa altura periclitante, e, só de pensar em todo aquele trabalho ou em todos aqueles livros desperdiçados, ficava ainda mais desanimada. Não tinha tempo para fazer mais nada além de montar novamente no macho e levar mais uma carga.

O apetite por livros tinha-se tornado insaciável. As crianças iam atrás delas pela rua abaixo, implorando algo para ler. As famílias que elas visitavam de duas em duas semanas pediam as mesmas visitas semanais das que viviam nas rotas mais curtas, e as bibliotecárias tinham de lhes explicar que elas eram apenas quatro e que já passavam os dias inteiros fora. Periodicamente, os cavalos ficavam coxos em consequência das longas horas passadas a subir trilhos duros e pedregosos – *Se tiver de subir a Fern Gully outra vez com o Billy de lado, posso garantir-vos que ele vai acabar*

com duas patas mais compridas do que as outras – e o Patch ficou com feridas provocadas pela cilha, que o obrigaram a estar vários dias sem trabalhar.

Por mais que fizessem, nunca era o suficiente, e a tensão começava a dar sinais. Quando, na sexta-feira ao fim do dia, regressaram à biblioteca com as botas a deixarem um rasto de lama e folhas pelo chão, para aumentar ainda mais a desordem, Izzy barafustou com Alice por ela ter tropeçado na sua sela e ter partido a correia.

– Vê lá se tens cuidado!

Alice baixou-se para pegar na cilha, enquanto Beth assistia.

– Bem, também não devias tê-la deixado no chão, pois não? – comentou Beth.

– Foi só um segundo. Estava a tentar pousar os livros e precisava da minha bengala. O que faço agora?

– Não sei. Talvez pedir à tua mãe que te compre outra?

Izzy cambaleou como se tivesse levado um estalo e fulminou Beth com o olhar.

– É melhor retirares o que disseste.

– Retirar o quê? É a maldita verdade.

– Izzy, peço desculpa – disse Alice, passado um momento. – Foi... foi mesmo um acidente. Olha, vou ver se arranjo quem a conserte durante o fim de semana.

– Não precisavas de ser tão má, Beth Pinker.

– Bolas! És mesmo um vidrinho de cheiro.

– Querem parar de discutir uma com a outra e registar os vossos livros? Eu gostava de sair daqui antes da meia-noite.

– Eu não posso registar os meus, porque tu ainda não registaste os teus, e, se eu trazer os meus para aqui, vamos misturá-los com os que tens aí aos teus pés.

– Os livros que estão aos meus pés, Izzy Brady, são os que tu aqui deixaste ontem, porque não te deste ao trabalho de os colocar nas estantes.

– Eu disse-te que a minha mãe me vinha buscar mais cedo, para ela poder ir ao grupo de costura!

– Ah, pois... Não podemos interferir com o maldito *grupo de costura*, pois não?

As suas vozes tinham atingido o auge. Beth observava Izzy do outro canto da sala, onde tinha acabado de esvaziar os alforges e pousado a marmita e uma garrafa de limonada vazia.

– Ora bolas! Sabem de que é que nós precisamos?

– De quê? – perguntou Izzy, desconfiada.

– Precisamos de descontrair um pouco. É só trabalho e nada de diversão – disse ela, sorrindo. – Acho que precisamos de nos reunir.

– Mas nós já estamos reunidas – resmungou Margery.

– Não estou a falar deste tipo de reunião – disse Beth, passando por elas e saltando por cima dos livros. Depois abriu a porta e foi até às escadas, onde o irmão mais novo estava sentado à espera. De vez em quando, as mulheres compravam um saco de guloseimas para Bryn, em troca de alguns recados, por isso, ele levantou os olhos, esperançoso. – Bryn, vai dizer ao Mr. Van Cleve que aqui a Alice vai ter de ficar até mais tarde por causa de uma reunião sobre a política da biblioteca e que nós a levamos a casa quando terminarmos. Depois, vai a casa da Mrs. Brady e diz-lhe o mesmo. Aliás, não lhe digas que é sobre a política da biblioteca, senão ela aparecia logo aqui antes de termos tempo de dizer Mrs. Lena B. Nofcier. Diz-lhe... hum... diz-lhe que estamos a limpar as selas. Depois, vais para casa e dizes à mamã a mesma coisa. Eu depois compro-te uns caramelos de chocolate.

Margery semicerrou os olhos.

– Era melhor não...

– Eu volto já. E... ei, Bryn? Bryn! Se disseres ao pai que eu estava a fumar, arranco-te essas malditas orelhas, uma atrás da outra. Ouviste?

– O que se passa? – perguntou Alice, enquanto ouviam os passos de Beth a afastarem-se pela rua abaixo.

– Eu ia fazer a mesma pergunta – disse uma voz.

Margery ergueu os olhos e viu Sophia, junto à porta, de mãos entrelaçadas, saco debaixo do braço e a arquear uma sobrancelha perante aquele caos.

– Oh, valha-nos Deus. A Margery disse-me que isto estava mau, mas não me disse que eu ia ter vontade de fugir a correr para Louisville.

Alice e Izzy ficaram a olhar para aquela mulher alta, de imaculado vestido azul, e Sophia retribuiu-lhes o olhar.

– Bem, eu ainda não percebi porque é que vocês estão aí sentadas a apanhar moscas. Deviam estar a trabalhar! – Sophia pousou o saco e desatou o lenço. – Foi o que eu disse ao William e é o que lhe vou dizer a si, Margery. Eu venho trabalhar à noite e com a porta trancada, para ninguém ficar indignado por eu aqui estar. Estes são os meus termos. E quero o salário de que falámos.

– Por mim, tudo bem – disse Margery.

As duas mulheres mais novas olharam confusas para Margery. Esta sorriu-lhes.

– Izzy, Alice, esta é a Miss Sophia. A nossa quinta bibliotecária.

Sophia Kenworth, informou-as Margery enquanto elas tratavam das pilhas de livros, tinha trabalhado oito anos na biblioteca para negros de Louisville, num edifício tão grande, que tinha os livros divididos não apenas por secções, mas por pisos. Uma biblioteca que servia professores e leitores da Universidade Estatal do Kentucky, onde existia um sistema profissional de emissão de cartões e de selos que permitia marcar as datas

de entrada e de saída do material. Sophia tinha recebido formação e fizera um estágio, e só tinha deixado o emprego porque, no curto espaço de três meses, a mãe falecera e William tivera o acidente, o que a obrigou a sair de Louisville para ir cuidar dele.

– É disso que nós precisamos aqui – disse Sophia, enquanto examinava os livros minuciosamente, erguendo-os para lhes conferir a lombada. – De um sistema. Deixem isso comigo.

Uma hora mais tarde, as portas da biblioteca estavam trancadas, a maior parte dos livros tinha saído do chão e Sophia folheava as páginas do livro de registos emitindo ligeiros ruídos de reprovação. Entretanto, Beth tinha regressado e segurava agora um enorme frasco de vidro cheio de um líquido escuro, que pôs debaixo do nariz de Alice.

– Não sei... – disse Alice.

– Só um golinho. Vá lá. Não te vai matar. É um licor à base de maçã e especiarias, é o nosso *Apple Pie Moonshine*.

Alice olhou para Margery, que já tinha recusado. Ninguém parecia surpreendido por Margery não beber bebidas alcoólicas.

Alice levou o frasco à boca, hesitou e voltou a perder a coragem.

– O que irá acontecer se eu for para casa embriagada?

– Bem, imagino que será ires para casa embriagada – disse Beth.

– Não sei... Não pode ser outra pessoa a experimentar primeiro?

– Bem, a Izzy é que não me parece, não achas?

– Quem disse? – ripostou Izzy.

– Ui! Aqui vamos nós – disse Beth, rindo-se.

Depois, tirou o frasco das mãos de Alice e entregou-o a Izzy. Com um sorriso irreverente, Izzy pegou no frasco com as duas mãos e levou-o à boca. Bebeu um gole e começou a tossir e a cuspir, de olhos esbugalhados, enquanto tentava devolver o frasco.

– Não era para engolir dessa maneira! – disse Beth, bebendo também um gole. – A beber assim, há de ser terça-feira e ainda estás bêbeda.

– Dá-me cá isso – disse Alice. Olhou para dentro do frasco e tomou fôlego.

És demasiado impulsiva, Alice.

Bebeu um trago, sentindo o álcool a queimar-lhe a garganta, e fechou os olhos, para ver se paravam de lacrimejar. Era, na verdade, delicioso.

– É bom? – perguntou Beth, lançando-lhe um olhar malicioso, quando Alice voltou a abrir os olhos.

Ela assentiu, sem dizer nada, e engoliu.

– Por incrível que pareça, é – acabou por dizer, numa espécie de coaxo. – Deixa-me beber outro gole.

Nessa noite, algo mudou em Alice. Estava cansada de ser o centro das atenções da vila, farta de ser monitorizada, falada e julgada. Estava farta de estar casada com um homem que toda a gente considerava o Deus Todo-Poderoso, mas que mal conseguia olhar para ela.

Alice tinha percorrido quase meio mundo para descobrir que, mais uma vez, não a achavam suficientemente boa. *Bem, ponderou, se todos pensam assim, então talvez seja melhor corresponder às expectativas.*

Bebeu mais um gole e depois ainda outro, enxotando as mãos de Beth quando ela lhe gritou:

– Calma aí, rapariga!

Sentia-se, disse ela, quando finalmente lhes devolveu o frasco, *agradavelmente tocada.*

– Agradavelmente tocada! – imitou-a Beth, e desataram todas a rir. Margery também se riu, apesar de tudo.

– Bem, eu não faço ideia de que tipo de biblioteca é esta – disse Sophia, do canto.

– Elas só precisavam de desopilar um pouco, só isso – disse Margery. – Têm trabalhado muito.

– Temos trabalhado muito! E agora precisamos de música! – disse Beth, levantando a mão. – Vamos buscar o gramofone do Mr. Guisler. Ele de certeza que o empresta.

Margery abanou a cabeça.

– Deixa o Fred fora disto. Ele não precisa de ver o que se está a passar.

– Queres tu dizer que é melhor ele não ver a Alice a cair de bêbeda – disse Beth, com malícia.

– Como? – perguntou Alice, levantando os olhos.

– Não te metas com ela – disse Margery. – Além disso, ela é casada.

– Teoricamente – murmurou Alice, que já estava com problemas em conseguir focar a visão.

– Pois. Mais vale seres como a Margery e fazeres o que te apetece e quando te apetece – disse Beth, olhando para ela de soslaio. – E com quem te apetece.

– Queres que eu tenha vergonha da forma como vivo a minha vida, Beth Pinker? É que, se é isso, podes esperar sentada.

– Ei... – disse Beth – ... se eu tivesse um homem tão bonito como o Sven Gustavsson a cortejar-me, havia de ter uma aliança no dedo tão depressa, que ele nem se ia aperceber de como tinha chegado à igreja. Se queres dar uma dentada na maçã antes de a pões na cesta, isso é contigo. Mas vê lá se ficas com a cesta.

– E se eu não quiser a cesta?

– Toda a gente quer a cesta.

– Eu não. Nunca quis nem nunca vou querer. Nada de cestas.

– De que é que vocês *estão* a falar? – perguntou Alice, entre risadinhas.

– Eu fiquei perdida na parte do Mr. Guisler – disse Izzy, arrotando baixinho. – Meus Deus, eu sinto-me incrível. Não me lembro de me sentir

assim desde que andei três vezes na roda gigante, em Lexington, na feira anual do condado. Só que... não, dessa vez não acabou bem.

Alice inclinou-se para Izzy e pôs-lhe a mão no braço.

– Peço imensa desculpa pela tua correia, Izzy. Não queria mesmo partilha.

– Oh, não te preocupes. Eu peço à minha mãe que me compre outra. – Por alguma razão, ambas acharam aquilo histericamente engraçado.

Sophia olhou para Margery e ergueu o sobrolho.

Margery acendeu as candeias a petróleo na extremidade de cada estante, tentando não se rir. Não era muito dada a grupos grandes, mas até estava a gostar deste, das piadas e da diversão, apercebendo-se de que verdadeiras amizades pareciam estar a surgir naquela sala como pequenos rebentos.

– Ei, meninas?... – disse Alice, quando conseguiu controlar o riso. – O que é que vocês fariam se pudessem fazer o que quisessem?

– Organizar esta biblioteca – disse Sophia.

– Estou a falar a sério. Se pudessem fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa, o que fariam?

– Eu viajava por esse mundo fora – disse Beth, que tinha feito um encosto com livros e estava agora a preparar também o apoio para os braços. – Havia de ir à Índia e a África e à Europa, e talvez também ao Egito, e conhecer umas coisas por aí. Não faço tenção de ficar aqui a vida inteira. Os meus irmãos querem que eu cuide do meu pai até ele se babar. Mas eu quero ver o Taj Mahal e a Grande Muralha da China e o lugar onde construíram pequenas cabanas redondas com blocos de gelo e um monte de outros lugares que se veem na enciclopédia. Ia dizer que ia à Inglaterra para conhecer o rei e a rainha, mas, como temos aqui a Alice, já não é preciso. – As outras desataram a rir.

– E tu, Izzy?

– Oh, é uma loucura.

– Mais louco do que a Beth e os seus Taj Mahals?

– Vá lá – disse Alice, dando-lhe um toque com o cotovelo.

– Eu... bem, eu seria cantora – disse Izzy. – Cantava na rádio ou num disco, no gramofone. Como a Dorothy Lamour ou... – Olhou de soslaio para Sophia, que fez um esforço enorme para não arquear demasiado as sobrancelhas. – Como a Billie Holiday.

– De certeza que o teu pai te pode ajudar nisso. Ele conhece toda a gente, não conhece? – disse Beth.

Subitamente, Izzy parecia sentir-se desconfortável.

– As pessoas como eu não se tornam cantoras.

– Porquê? – perguntou Margery. – Não sabes cantar?

– Isso seria uma boa razão – disse Beth.

– Tu percebeste o que eu queria dizer.

Margery encolheu os ombros.

– Que eu saiba, não precisas da perna para cantar.

– Mas as pessoas não me iam ouvir, iam estar demasiado ocupadas a olhar para a proteção da perna.

– Ora, não te julgues tão importante assim, Izzy. Por aqui, há muita gente com proteções nas pernas e coisas dessas. Ou que, simplesmente... – disse ela, fazendo um compasso de espera – ... usam vestidos compridos.

– O que é que canta, Miss Izzy? – perguntou Sophia, que estava a organizar as lombadas por ordem alfabética.

Izzy já estava sóbria e corou um pouco.

– Ah, gosto de cânticos, de *bluegrass*, de *blues*, de tudo, na realidade. Uma vez até experimentei ópera.

– Bem, agora vais ter de cantar – disse Beth, acendendo um cigarro e soprando nos dedos quando o fósforo se incendiou até abaixo. – Vá lá, rapariga, mostra-nos aquilo de que és capaz.

– Oh, não – disse Izzy. – Eu, normalmente, só canto para mim.

– Então, vais ter uma sala de concertos muito vazia – disse Beth.

Izzy olhou para elas e, depois, levantou-se a custo, inspirou uma trémula golfada de ar e começou:

*Em pó se tornou a voz do meu amor
Seus ternos beijos perderam o fulgor
Apesar de longe, guardo-o no coração
E a uma estrela entrego a minha paixão.*

Os olhos fecharam-se-lhe e a voz, delicada e doce, tomou conta da sala, como se esta tivesse sido mergulhada em mel. Izzy, ali mesmo, à frente delas, começou a transformar-se numa pessoa completamente diferente, alongando o tronco, abrindo cada vez mais a boca para atingir as notas. Estava agora algures muito longe, num lugar que amava. Beth, que se baloiçava ligeiramente, começou a sorrir. Um sorriso que se lhe foi desenhando no rosto, de uma alegria clara e genuína perante aquele inesperado desfecho dos acontecimentos. Deixou escapar um *É isso mesmo!*, como se não conseguisse contê-lo. E, passado um momento, Sophia, como se compelida por um impulso incontrollável, juntou-se a Izzy, com a sua voz profunda, acompanhando-a e complementando-a. Izzy abriu os olhos, e as duas mulheres trocaram um sorriso enquanto cantavam, com as vozes a elevarem-se e os corpos a balançarem ao ritmo da música, ao mesmo tempo que o ambiente da biblioteca ia ganhando vida.

*Sua luz é distante, mas ainda me aquece
E de olhos no céu repito a minha prece
Que meu amado volte e ao meu lado fique
E o brilho dessa estrela nosso amor fortifique.*

Alice assistia, com o álcool a percorrer-lhe o sangue e com os nervos à flor da pele, devido ao calor e à música, até sentir algo a desmoronar dentro de si, algo que ela própria não queria admitir, algo primário, que tinha que ver com amor, perda e solidão. Olhou para Margery, cuja expressão tinha relaxado, perdida nos seus próprios devaneios, e lembrou-se dos comentários de Beth sobre um homem de quem Margery nunca tinha falado. Percebendo talvez que estava a ser observada, Margery virou-se para ela e sorriu, e Alice apercebeu-se nesse momento, horrorizada, de que as lágrimas lhe corriam descontroladas pelo rosto.

As sobrancelhas arqueadas de Margery eram uma pergunta silenciosa.

São só saudades de casa, respondeu Alice. Era verdade, pensou. Só não sabia ao certo se já havia estado nessa casa da qual tinha saudades.

Margery levou-a pelo cotovelo, e saíram as duas lá para fora, para o lusco-fusco, saltando para o cercado onde os cavalos pastavam tranquilamente junto à vedação, alheios ao ruído que vinha de dentro.

Deu um lenço a Alice.

– Estás bem?

Alice assoou o nariz. Tinha começado imediatamente a ficar sóbria com o ar frio da noite.

– Sim. Sim... – respondeu ela, levantando os olhos para o céu. – Não, na verdade, nem por isso.

– Posso ajudar?

– Não me parece que alguém me possa ajudar.

Margery recostou-se contra o muro, ficando assim a olhar para as montanhas lá atrás.

– Não há muita coisa que eu ainda não tenha visto nem ouvido nestes trinta e oito anos de vida. Tenho quase a certeza de que o que tiveres para dizer não me vai surpreender.

Alice fechou os olhos. Se o dissesse, tornar-se-ia real, uma coisa viva com a qual teria de lidar. Olhou para Margery e depois desviou novamente o olhar.

– E se tu achas, Alice Van Cleve, que sou de espalhar o que me dizem, então é porque ainda não me conheces.

– O Mr. Van Cleve está sempre a falar de ainda não termos tido filhos.

– Oh, isso é normal por estes lados. A partir do momento em que se mete a aliança no dedo, entram logo na contagem decrescente...

– Pois, mas esse é que é o problema. É o Bennett. – Alice comprimiu as mãos uma na outra. – Já se passaram meses e ele... ele não...

Margery deixou as palavras assentarem e aguardou, como para ter a certeza de que tinha ouvido bem.

– Ele não...?

Alice respirou fundo.

– As coisas até começaram bastante bem. Tínhamos esperado tanto tempo, com a história da viagem e tudo, e por acaso estava a ser muito bom e precisamente quando as coisas estavam... quase a... bem... o Mr. Van Cleve gritou qualquer coisa do outro lado da parede... acho que pensou que seria um encorajamento... e ficámos os dois um pouco hesitantes e tudo parou. Eu abri os olhos e vi que o Bennett nem sequer estava a olhar para mim. Parecia tão zangado e distante, e, quando lhe perguntei se estava tudo bem, disse-me que... – Alice engoliu em seco – ... que eu estava a ser indelicada ao perguntar-lhe isso.

Margery ficou em silêncio.

– Então, eu deitei-me e fiquei à espera. E ele... bem, eu pensei que as coisas iam acontecer. Mas, depois, pudemos ouvir o Mr. Van Cleve a caminhar pesadamente no quarto ao lado e... bem... ficou tudo por ali. Tentei sussurrar-lhe umas coisas, mas ele ficou zangado e agiu como se a culpa fosse minha. Mas, na realidade, não sei. Porque eu nunca... portanto,

não posso saber se sou eu que estou a fazer algo errado ou se é ele... mas, seja como for, o pai dele está sempre no quarto ao lado e as paredes são tão finas e... Bem, o Bennett age como se quisesse manter-me à distância. E não é daquelas coisas sobre as quais se possa conversar. – As palavras saíam-lhe de chofre, descontroladas, e ela sentia a cara ruborizada. – Eu quero ser uma boa esposa. Quero mesmo. Mas sinto que... é impossível.

– Então... deixa-me ver se percebi. Vocês ainda não...

– Não sei! Porque eu nem sequer sei como se deve fazer! – disse ela, abanando a cabeça. Depois, tapou a cara com as mãos, como se estivesse horrorizada por estar a dizer aquilo em voz alta.

Margery ficou a olhar para os pés, de sobrolho franzido.

– Espera aqui – disse ela.

Desapareceu no interior da biblioteca, onde a cantoria tinha atingido um novo auge. Alice pôs-se à escuta, ansiosa, temendo um súbito calar das vozes, o que significaria a traição de Margery. Mas, pelo contrário, a cantoria subiu de tom e uma pequena salva de palmas respondeu a um floreado musical, ouvindo-se depois Beth exclamar baixinho: «Uau!» Em seguida, a porta abriu-se, permitindo um momentâneo avolumar das vozes, e Margery desceu novamente as escadas. Trazia na mão um pequeno livro azul que entregou a Alice.

– Bem, este aqui não entra nos registos. Passamo-lo pelas senhoras que, eventualmente, precisem de um pouco de ajuda nos assuntos de que falaste.

Alice fitou o livro com capa de couro.

– São apenas factos. Prometi levá-lo a uma mulher em Miller's Creek, na minha rota de segunda-feira, mas podes dar-lhe uma olhadela durante o fim de semana e logo vês se há aí alguma coisa que te possa ajudar.

Alice folheou o livro, chocada com as palavras *sexo, nua, útero*. E corou.

– *Isto* também anda por aí com os outros livros da biblioteca?

– Digamos que é uma parte não oficial do nosso serviço, tendo em conta que o livro tem tido uma história um pouco atribulada nos nossos tribunais. Não consta do livro de registos e também não vai para as estantes. Mantemo-lo apenas entre nós.

– Já o leste?

– De fio a pavio e mais de uma vez. E devo dizer-te que me deu muitas alegrias – disse ela, arqueando uma sobrancelha e rindo-se. – E não foi só a mim.

Alice pestanejou. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar como poderia retirar alegrias da sua atual situação.

– Boa noite, minhas senhoras.

As duas mulheres viraram-se para trás e viram Fred Guisler a descer na sua direção, com um candeeiro de petróleo na mão.

– Parece uma festa e tanto.

Alice hesitou, mas depois devolveu abruptamente o livro a Margery.

– Não... não me parece.

– São apenas factos, Alice. Não passa disso.

Alice voltou com passo rápido para o interior da biblioteca.

– Posso tratar disto sozinha. Obrigada. – Subiu as escadas quase a correr e bateu com a porta.

Fred parou quando chegou junto de Margery. Ela reparou na desilusão estampada no seu rosto.

– Foi alguma coisa que eu disse?

– Nem por sombras, Fred – disse-lhe ela, pondo-lhe uma mão no braço.

– Mas porque não te juntas a nós? Tirando alguns pelos a mais no peito, também és praticamente um bibliotecário honorário.

Era capaz de apostar, disse Beth mais tarde, que aquela tinha sido a melhor reunião de bibliotecárias que alguma vez acontecera no condado de

Lee. Izzy e Sophia tinham cantado todas as canções de que se conseguiram lembrar, ensinando uma à outra aquelas que não sabiam e inventando algumas no momento, com as vozes a tornarem-se mais roucas e frenéticas à medida que iam ganhando confiança, batendo com os pés no chão e gritando, enquanto as outras iam batendo palmas ao ritmo da música. Fred Guisler, que tinha de facto ficado feliz por ir buscar o gramofone, tinha sido convencido a dançar com cada uma delas, inclinando o corpo altíssimo para se adaptar a Izzy e disfarçando a deficiência dela com rodopios oportunos, o que a fez libertar-se dos constrangimentos e rir-se até as lágrimas lhe rolarem pelas faces. Alice sorria e ia marcando o ritmo com o pé, evitando olhar para Margery, como se já se sentisse suficientemente humilhada por ter revelado tanto. E Margery percebeu que só lhe restava ficar calada e esperar que aquela injustificada sensação de exposição e humilhação de Alice desaparecesse. No meio de tudo isto, Sophia cantava e balançava as ancas, como se nem o seu rigor e a sua reserva pudessem resistir à música.

Fred, depois de recusar todas as ofertas de uma bebida, tinha-as levado a casa na escuridão da noite, apinhadas no banco traseiro da sua carrinha. Levou primeiro Sophia, encoberta pelas restantes, que ficaram a ouvi-la cantar e a bater o pé, enquanto descia o trilho até à sua casinha impecável em Monarch Creek. A seguir, foram deixar Izzy, ouvindo os pneus da carrinha a rolar pela entrada ampla e vendo a expressão surpreendida de Mrs. Brady ao ver o cabelo transpirado e o rosto sorridente da filha.

– Nunca tive amigas como vocês – exclamara Izzy, quando seguiam pela estrada escura (mas elas sabiam que, em parte, era o álcool a falar por ela). – Sinceramente, nunca pensei sequer que podia gostar de outras raparigas até me tornar bibliotecária. – E tinha abraçado cada uma delas com o entusiasmo contagiante de uma criança.

Alice, já completamente sóbria quando a deixaram em casa, pouco disse. Os dois Van Cleve estavam sentados na varanda, apesar da aragem

fria e da hora tardia, e Margery apercebeu-se da nítida relutância no andar de Alice ao avançar vagarosamente na direção deles. Nenhum dos dois se levantou. E ninguém sorriu sob a luz tremeluzente da varanda nem se inclinou para a frente para a cumprimentar.

Margery e Fred fizeram em silêncio o resto do percurso até casa dela, cada um perdido nos seus próprios pensamentos.

– Diz ao Sven que lhe mandei cumprimentos – disse ele, quando ela abriu o portão e o Bluey veio aos saltinhos pela ladeira abaixo ao seu encontro.

– Está bem.

– Ele é um bom homem.

– Tu também. E precisas de encontrar outra pessoa, Fred. Já passou muito tempo.

Ele abriu a boca, como se fosse falar, mas voltou a fechá-la.

– Passa um bom resto de noite – acabou ele por dizer. Depois, levou a mão à testa, como se ainda estivesse de chapéu, e, por fim, rodou o volante e arrancou estrada fora.

No final do século XIX e início do século XX, agentes de empresas latifundiárias percorreram a região montanhosa [do Kentucky] para comprarem aos residentes os seus direitos de exploração de minerais, algumas vezes, por não mais do que 50 cêntimos por meio hectare... com a escritura, era assinada muitas vezes a cedência do direito de «despejar, armazenar e deixar na terra referida todo e qualquer lixo, ossadas, xisto, água ou quaisquer outros resíduos», usar e poluir cursos de água sob qualquer forma e fazer tudo «o que fosse necessário e conveniente» à extração de minerais do subsolo.

Chad Montrie, «The Environment and Environmental Activism in Appalachia» («O Ambiente e o Ativismo Ambiental nos Apalaches»)

– O príncipe disse-lhe que ela era a rapariga mais bonita que ele jamais vira e depois pediu-a em casamento. E viveram felizes para sempre. – Mae Horner fechou o livro com força, toda satisfeita.

– Foi mesmo muito bom, Mae.

– Ontem, depois de ir apanhar lenha, li-o quatro vezes do princípio ao fim.

– Bem, dá para ver. Acredito que leias tão bem como qualquer outra menina do condado.

– Ela é muito esperta.

Alice levantou os olhos para a porta, onde estava Jim Horner.

– É como a mãe dela. A mãe, aos três anos, já sabia ler. Cresceu numa casa cheia de livros, perto de Paintsville.

– Eu também sei ler – disse Millie, que estava sentada aos pés de Alice.

– Eu sei que sabes, Millie – disse-lhe Alice. – E também lê muito bem. Sinceramente, Mr. Horner, acho que nunca encontrei duas crianças que gostassem tanto de ler como as suas filhas.

Ele reprimiu um sorriso.

– Conta-lhe o que fizeste, Mae – disse ele.

A menina olhou para o pai, só para confirmar que tinha a sua aprovação.

– Conta.

– Fiz uma tarte.

– Fizeste uma tarte? Sozinha?

– A partir de uma receita. Daquela revista *Country Home* que a senhora nos deixou. Uma tarte de pêsego. Até lhe oferecia uma fatia, mas já a comemos toda.

Millie riu-se.

– O papá comeu três fatias.

– Eu tinha ido caçar em North Ridge e ela conseguiu pôr o velho fogão a funcionar e tudo. Quando abri a porta e senti aquele cheirinho a... – Levantou o nariz e fechou os olhos, recordando o aroma, com o rosto a libertar-se momentaneamente da habitual rigidez. – Bom, entrei e ali estava ela, com tudo aquilo em cima da mesa. E tinha seguido à risca as instruções.

– Deixei-a queimar um bocadinho à volta.

– Bem, à tua mãe também lhe acontecia sempre isso.

Ficaram os três em silêncio por um momento.

– Uma tarte de pêsego – disse Alice. – Não sei se te conseguimos acompanhar, menina Mae. O que vos posso deixar esta semana, meninas?

– *O Cavalo Preto* já foi devolvido?

– Foi! E eu lembrei-me de que me tinhas dito que o querias e trouxe-o. Que dizes? Mas neste livro as palavras são um bocadinho mais compridas, e podes achá-lo mais difícil. E também tem partes um bocadinho tristes.

A expressão de Jim Horner alterou-se.

– Refiro-me aos cavalos. Há partes tristes para os cavalos. Os cavalos falam. Não é fácil explicar-vos.

– Talvez eu possa ler para ti, papá.

– Os meus olhos já não estão lá muito bons – explicou ele. – Parece que já não consigo focar como antes. Mas cá nos vamos arranjando.

– Vejo que sim.

Alice estava sentada no centro da pequena casa que em tempos tanto a tinha assustado. Mae, embora tivesse apenas onze anos, parecia ter-se encarregado dela, varrendo-a e organizando-a de tal forma, que aquele lugar, que antes parecia sem vida e sombrio, tinha agora um ar aconchegante, com uma fruteira cheia de maçãs em cima da mesa e uma cobertura sobre a cadeira. Alice empilhou os livros e confirmou que todos eles ficaram satisfeitos com o que ela tinha trazido. Millie abraçou-se-lhe ao pescoço, e ela envolveu-a também num abraço apertado. Fazia muito tempo que ninguém se aproximava assim tanto dela, o que lhe provocou sentimentos estranhos e contraditórios.

– São sete dias inteiros até nos voltarmos a ver – anunciou solenemente a menina. O seu cabelo cheirava a fumo de lenha e a algo doce que só existia na floresta. Alice inspirou aquele odor.

– Pois são. E eu mal posso esperar para ver o que vocês conseguiram ler durante esse tempo.

– Millie! Este tem desenhos e tudo! – gritou-lhe Mae, que estava sentada no chão.

Millie libertou Alice e aninhou-se junto da irmã. Alice ficou a observá-las por uns segundos e, depois, dirigiu-se para a porta, ao mesmo tempo que vestia o casaco, um *blazer* de *tweed* que em tempos havia estado na moda, mas que agora estava gasto e coberto de musgo, de lama e de fios soltos, por se ter prendido nos arbustos e nos ramos das árvores. A montanha tinha

ficado nitidamente mais fria nos últimos dias, como se o inverno se estivesse a instalar.

– Miss Alice?

– Sim?

As meninas estavam debruçadas sobre *O Cavalo Preto*, com Millie a passar o dedo por baixo das palavras, enquanto a irmã ia lendo em voz alta.

Jim olhou para trás, para se certificar de que elas estavam concentradas noutra coisa.

– Queria pedir desculpa.

Alice, que estava a dar um nó no cachecol, parou.

– Quando a minha mulher faleceu, estive uns tempos fora de mim. Era como se o céu me tivesse desabado em cima, percebe? E não fui... muito *hospitaleiro* da primeira vez que cá veio. Mas nestes dois meses, vendo como as catraias pararam de chorar pela mãe, e como a senhora lhes dá coisas que as mantêm animadas todas as semanas, é... é... Bem, só queria dizer-lhe que lhe estou muito agradecido.

Alice abriu as mãos e disse:

– Mr. Horner, posso dizer-lhe com toda a sinceridade que tenho tanta vontade de ver as suas meninas como elas de receberem a minha visita.

– Bem, para elas é bom ver uma senhora. Até a minha Betsy ter partido, não me tinha apercebido de como as crianças sentem a falta do lado mais... feminino das coisas – disse ele, coçando a cabeça. – Elas falam de si, sabe? De como a Miss Alice fala e tudo. A Mae até diz que quer ser bibliotecária.

– A sério?

– Ajudou-me a perceber que... não vou poder conservá-las ao meu lado para sempre. Quero que elas tenham alguma coisa mais do que isto, sabe? Porque elas são espertas. – Ficou momentaneamente em silêncio e depois perguntou:

– Miss Alice, o que acha daquela escola? Aquela da senhora alemã?

– A Mrs. Beidecker? Acho que as suas meninas iam adorar, Mr. Horner.

– Ela... ela não dá umas vergastadas nas crianças? Ouve-se por aí tanta coisa... A Betsy apanhava tanto na escola, que nunca quis que as filhas para lá fossem.

– Eu teria todo o gosto em apresentar-lha, Mr. Horner. É uma mulher amável, e os alunos parecem gostar muito dela. Não acredito que alguma vez tenha encostado a mão a uma criança.

Ele ficou a pensar.

– É difícil – disse, olhando lá para fora, para a montanha – ter de decidir tudo isto. Sempre pensei que não tinha de fazer mais do que o trabalho de um homem. O meu pai só trazia a comida para casa e depois punha os pés ao alto e deixava a minha mãe tratar do resto. E agora eu tenho de ser mãe e pai ao mesmo tempo. Tomar estas decisões todas.

– Olhe para aquelas meninas, Mr. Horner.

Olharam os dois para as garotas que, deitadas de barriga para baixo, soltavam exclamações por causa de alguma coisa que tinham acabado de ler.

Alice sorriu.

– A mim parece-me que o senhor se está a sair muito bem.

Finn Mayburg, Upper Pinch Me – uma edição de The Furrow, de maio de 1937

Duas edições da revista Weird Tales, de dezembro de 1936 e de fevereiro de 1937

Ellen Prince – Eagles Top (última casa) – Mulherzinhas, de Louisa May Alcott

Da Quinta para a Mesa, de Edna Roden

Nancy e Phyllis Stone, Arnott's Ridge – Mack Maguire e a Rapariga Índia, de Amherst Archer

Mack Maguire Cai nas Malhas da Lei, de Amherst Archer (nota: já leram as edições atuais e perguntam se podemos descobrir se existem mais)

Margery folheava o livro de registos, com a letra elegante de Sophia na anotação impecável da data e das rotas no topo de cada página. Ao lado, estava uma pilha de livros recém-recuperados, com as lombadas cosidas e as capas, antes rasgadas, agora remendadas com páginas de livros que não fora possível salvar. E havia ainda um novo álbum – *O Bónus de Baileyville* –, cujo exemplar era composto de quatro páginas de receitas de edições danificadas da *Woman's Home Companion*, um conto intitulado «O Que Ela Não Devia Dizer» e um longo artigo sobre como colher fetos. A biblioteca estava agora imaculada, com um sistema de etiquetas na lombada de cada volume disponível nas prateleiras, o que facilitava a sua localização, e todos os livros estavam metodicamente ordenados e categorizados.

Sophia chegava por volta das cinco da tarde, e normalmente já tinha trabalhado cerca de duas horas quando as raparigas regressavam das suas rotas. Os dias estavam agora a ficar cada vez mais pequenos, o que as obrigava a regressar mais cedo, pois fazia-se noite mais depressa. Às vezes, sentavam-se todas a conversar, enquanto descarregavam os alforjes e comparavam os seus dias, até se porem a caminho de casa. Nos seus tempos livres, Fred andava a instalar uma salamandra a um canto da sala, mas ainda não estava pronta: o buraco em torno do cano da chaminé estava tapado com trapos, para impedir a chuva de entrar. Apesar disso, todas elas pareciam encontrar razões para ficarem por ali um pouco mais todos os

dias, e Margery desconfiava que, quando a salamandra estivesse a funcionar, iria ter dificuldade em convencê-las a voltarem para casa.

Mrs. Brady ficou um pouco surpreendida quando Margery lhe explicou a identidade do novo membro da equipa, mas, depois de ter visto a mudança no estado da biblioteca e de lhe reconhecer o mérito, limitou-se a contrair os lábios e a levar os dedos às têmporas.

– Alguém se queixou?

– Ninguém a viu, para se poder queixar. Ela entra pelas traseiras, pela casa do Mr. Guisler, e sai pelo mesmo sítio.

Mrs. Brady refletiu um pouco.

– Sabe o que diz a Mrs. Nofcier? Conhece a Mrs. Nofcier, certamente.

Margery sorriu. Todas conheciam Mrs. Nofcier. Se pudesse, Mrs. Brady era capaz de meter à força o nome dela numa conversa sobre linimento de cavalo.

– Bem, recentemente, tive a sorte de assistir a uma palestra desta senhora incrível, destinada a pais e professores, em que ela disse... espere aí, eu até aponte um excerto... – Folheou o caderno de apontamentos. – ... «Um serviço bibliotecário deve abarcar todas as pessoas, sejam elas do campo ou da cidade, sejam elas negras ou brancas.» Aqui está. *Sejam elas negras ou brancas*. Foi assim que ela o disse. Creio que temos de ser conscientes da importância do progresso e da igualdade, tanto quanto a Mrs. Nofcier. Portanto, da minha parte, não há nenhuma objeção a terem aqui uma colaboradora negra. – Depois, esfregou uma mancha que havia em cima da secretária e examinou o dedo. – Mas talvez... não precisemos de o *anunciar* para já. Não há necessidade de gerar controvérsia, tendo em conta que se trata de um projeto ainda recente. Acho que a Margery me entende.

– Concordo plenamente, Mrs. Brady – respondeu Margery. – Também não queria causar problemas à Sophia.

– Ela faz um excelente trabalho, tenho de admitir – reconheceu Mrs. Brady, olhando em redor. Sophia tinha feito um quadro bordado, que estava pendurado ao lado da porta, onde se podia ler *Procurar o Conhecimento é Expandir o Próprio Universo*, e Mrs. Brady tocou-lhe com uma certa satisfação. – Devo dizer-lhe, Miss O’Hare, que estou imensamente orgulhosa daquilo que conseguiram em tão poucos meses. Excederam todas as nossas expectativas. Já escrevi à Mrs. Nofcier várias vezes a dar-lhe conhecimento disso mesmo e tenho a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, ela própria transmitirá esses sentimentos à Mrs. Roosevelt... É uma autêntica vergonha que nem toda a gente desta vila sinta o mesmo.

Mrs. Brady desviou os olhos, como se não quisesse alongar-se mais.

– Mas, como já disse, acredito realmente que este seja um verdadeiro modelo de biblioteca itinerante. E todas vós devíeis estar orgulhosas de vós mesmas.

Margery anuiu. Talvez fosse melhor não contar nada a Mrs. Brady sobre a iniciativa não oficial da biblioteca: todos os dias, ela sentava-se à secretária, ainda de noite, no tempo que mediava entre a sua chegada e o dia clarear, e escrevia mais meia dúzia de cartas, segundo o seu modelo, que andava a distribuir pelos residentes de North Ridge.

Caro vizinho:

Tivemos conhecimento de que os proprietários da Hoffman estão a preparar-se para criar novas minas na sua zona. Isso implicará a remoção de centenas de hectares de árvores, a detonação de explosivos para abrir novas minas e, em muitos casos, a perda de casas e de meios de subsistência.

Esta carta é confidencial, pois é sabido que as minas empregam indivíduos desonestos e cruéis, com a intenção de

alcançarem os seus objetivos, mas acredito que é tão ilegal quanto imoral fazerem o que estão a planejar, e que tal iria causar extrema infelicidade e miséria.

Nesse sentido, e segundo a legislação que consultámos, parece existir um precedente capaz de impedir esta violação indiscriminada da nossa terra e de proteger as nossas casas, pelo que o aconselho a ler o extrato abaixo ou, caso tenha meios, a consultar o representante legal do Ministério Público em Baileyville, para iniciar o processo de obstrução necessário para impedir esta destruição. Entretanto, não assine nenhuma ESCRITURA, por mais dinheiro ou garantias que lhe ofereçam, pois dessa forma estará a dar aos proprietários da exploração o direito de minarem debaixo da sua própria casa.

Se necessitar de ajuda para ler estes documentos, as bibliotecárias a cavalo estão disponíveis para o ajudar, obviamente, com total descrição.

Confidencialmente,

Um amigo.

Depois de terminar as cartas, Margery dobrava-as com todo o cuidado e colocava uma em cada alforge, exceto no de Alice. Ela própria entregaria a que sobrava. Não valia a pena tornar as coisas mais complicadas para a rapariga do que já estavam.

O rapaz tinha finalmente parado de gritar, soltando agora uma série de gemidos mal contidos, como se tivesse recordado a si mesmo que estava entre homens. Tinha a roupa e a pele igualmente pretas, por ter ficado praticamente soterrado no carvão, tendo apenas visíveis o branco dos olhos,

que revelava o choque e a dor que estava a sentir. Sven observava, enquanto os maqueiros o levantavam com cuidado, um trabalho dificultado pelo baixo declive do teto, e, todos curvados, começavam a levá-lo para fora da mina, gritando instruções uns aos outros à medida que iam avançando. Sven encostou-se à parede áspera para os deixar passar e depois apontou a lanterna para os mineiros que estavam a instalar escoras no sítio onde o teto tinha desabado, praguejando enquanto se debatiam para encaixar as pesadas escoras de madeira.

Esta era a zona dos veios de carvão mais baixos, onde as galerias eram por vezes tão estreitas e baixas, que os homens mal conseguiam estar de joelhos. Era o pior tipo de exploração mineira; alguns amigos de Sven tinham sofrido, aos trinta anos, acidentes que os incapacitaram para sempre, sendo obrigados hoje a recorrer a bengalas para se erguerem. Ele detestava aquelas coelheiras, onde a mente, na quase completa escuridão, lhes pregava partidas, dando-lhes a sensação de que a extensão húmida e escura acima das suas cabeças ia desabar a qualquer momento. Tinha assistido a demasiados desabamentos súbitos, em que ficava apenas um par de botas visível, para calcular onde estaria o corpo.

– Chefe, acho que é melhor vir dar uma vista de olhos nisto.

Sven olhou em redor (uma manobra, só por si, complicada) e seguiu a indicação da luva de Jim McNeil. Em vez de acessíveis do exterior por diferentes poços, as galerias subterrâneas estavam interligadas, o que não era raro numa mina cujo proprietário privilegiava o lucro em vez da segurança. Avançou com dificuldade pelo corredor até à galeria seguinte e ajustou a luz do capacete. Havia cerca de oito escoras naquela cavidade baixa, todas elas já visivelmente arqueadas sob o peso do teto. Moveu lentamente a cabeça, analisando o espaço vazio com a superfície negra em redor a brilhar à medida que ia sendo iluminada pela luz de carboneto.

– Consegue ver quantas foram retiradas?

– Parece que só resta metade.

Sven praguejou.

– Não avances mais por aí dentro – disse-lhe ele, e, torcendo-se, dirigiu-se aos homens que vinham atrás de si: – Ninguém entra na Número Dois. Ouviram?

– Vá dizer isso ao Van Cleve – disse uma voz mais atrás. – Temos de atravessar a Número Dois para chegar à Número Oito.

– Então, ninguém vai à Número Oito. Pelo menos, até estar tudo bem escorado.

– Ele não vai dar ouvidos a isso.

– Ai vai, vai.

O ar estava carregado de pó, e ele cuspiu para trás, já com as costas a doerem-lhe. Depois, virou-se para os mineiros:

– Precisamos, pelo menos, de mais dez escoras para a Sete, antes de alguém voltar a entrar aqui. E chamem o inspetor para verificar o nível de metano antes de recomeçarem o trabalho.

Seguiu-se um murmúrio de concordância (sendo Gustavsson uma das poucas figuras de autoridade que os mineiros sabiam estarem do lado deles), e Sven fez sinal à sua equipa para sair da mina e entrar na vagoneta, já grato pela simples expectativa da luz do sol.

– Então, qual foi o estrago, Gustavsson?

Sven estava no escritório de Van Cleve, ainda com o cheiro a enxofre nas narinas, as botas a deixarem um leve contorno de pó na espessa passadeira vermelha, à espera de que ele, de fato claro, erguesse os olhos dos papéis. Do outro lado da sala, podia ver o jovem Bennett a levantar os olhos atrás da secretária, com as mangas da camisa de algodão azul bem vincadas. Este nunca parecia confortável na mina. Raramente saía do

edifício da administração, como se o pó e a natureza imprevisível daquele lugar fossem para ele como um anátema.

– Bem, conseguimos retirar o rapaz, mas foi por um triz. Ficou muito magoado na anca.

– Que excelentes notícias. Agradeço-vos a todos.

– Pedi que o levassem ao médico da empresa.

– Sim, sim, muito bem.

Van Cleve parecia convencido de que a conversa tinha ficado por ali. Esboçou um sorriso a Sven, mantendo-o pelo que pareceu demasiado tempo, como se se questionasse por que razão Sven ainda ali estava; depois, começou a mexer ostensivamente na papelada.

Sven esperou um momento.

– Talvez queira saber o que provocou o desabamento do teto.

– Oh, sim, claro.

– Parece que as escoras que estavam a sustentar o teto foram retiradas da zona já explorada da Número Dois, para irem escorar a galeria nova da Sete, o que destabilizou toda a área.

Quando, finalmente, levantou os olhos dos papéis, Van Cleve tinha aquela expressão de surpresa fingida de que Sven já estava à espera.

– Ora bem, os homens não deviam estar a reutilizar as escoras. Já lhes dissemos isso vezes sem conta. Não dissemos, Bennett?

Bennett, sentado à secretária, baixou os olhos, demasiado cobarde até para assumir uma mentira daquelas. Sven engoliu as palavras que tinha vontade de dizer e ponderou cuidadosamente as que proferiu em seguida:

– Mr. Van Cleve, também devo salientar que a quantidade de pó de carvão que há no chão é um perigo em todas as suas minas. Precisa de mais rocha não combustível por cima. E melhor ventilação, se quiser evitar mais incidentes.

Van Cleve escrevinhava qualquer coisa num pedaço de papel, parecendo já não estar a ouvi-lo.

– Mr. Van Cleve, devo informá-lo de que, de todas as minas onde a nossa equipa de segurança presta serviço, as condições da Hoffman são, de longe, as menos... satisfatórias.

– Sim, sim. Eu já disse isso aos homens. Só Deus sabe porque não avançam e tratam desses assuntos. Mas não vamos fazer um alarido imenso por causa disto, Gustavsson. Trata-se de um descuido temporário. O Bennett vai preparar o capataz e vamos... hum... tratar do assunto. Não vais, Bennett?

Sven podia muito bem ter lembrado que Van Cleve dissera exatamente as mesmas palavras da última vez que as sirenes tinham tocado, cerca de dezoito dias antes, devido a uma explosão à entrada da Número Nove, provocada por um jovem britador que não sabia que não podia lá entrar com a luz acesa. O rapaz tivera a sorte de escapar com queimaduras superficiais. Mas, no fim de contas, os trabalhadores saíam baratos à empresa.

– Em todo o caso, tudo terminou bem, graças a Deus – disse Van Cleve, levantando-se da cadeira com um grunhido e contornando a enorme secretária de mogno, para se dirigir para a porta, dando a entender que a reunião tinha terminado. – Obrigado, como sempre, a si e aos seus homens, pelo serviço prestado. Vale cada cêntimo que a nossa mina paga à sua equipa.

Sven não se mexeu.

Van Cleve abriu a porta. Seguiu-se um longo e penoso momento.

Sven fitou-o.

– Mr. Van Cleve, o senhor sabe que eu não sou homem de políticas, mas deve compreender que são condições como as que existem aqui que dão origem à campanha pela sindicalização.

O rosto de Van Cleve ensombrou-se.

– Espero que não esteja a sugerir...

Sven levantou as palmas das mãos.

– Eu não tenho nenhuma filiação. Só quero que os seus homens estejam em segurança. Mas devo dizer-lhe que seria uma pena se esta mina fosse considerada demasiado perigosa para os meus homens. Tenho a certeza de que isso não ia cair bem aqui, na região.

O sorriso, já sem grande convicção, tinha agora desaparecido por completo.

– Bem, certamente que agradeço o seu conselho, Gustavsson. E, como lhe disse, vou pôr os meus homens a tratarem disso. Agora, se não se importa, temos assuntos urgentes para resolver. O capataz irá buscar toda a água de que o senhor e os seus homens possam precisar.

Van Cleve continuou a segurar a porta. Sven fez um aceno de cabeça e, ao passar, estendeu a mão enegrecida, que o homem mais velho, após um momento de hesitação, se sentiu obrigado a aceitar. Depois de a apertar com força suficiente para lhe deixar pelo menos algumas marcas, Sven libertou-a e afastou-se pelo corredor fora.

Com as primeiras geadas, chegava também a Baileyville a época da matança do porco. Estas meras palavras bastavam para deixarem Alice quase a desmaiar, ela que não era sequer capaz de matar uma mosca, sobretudo quando Beth descrevia, deleitada, o que acontecia em sua casa todos os anos: o guincho colossal do porco, o animal a ser degolado enquanto os rapazes se sentavam com força em cima dele, as pernas a estrebucharem furiosamente, o sangue quente e escuro a jorrar sobre a tábua. Ela imitava os homens a despejarem-lhe água a ferver por cima, a rasparem-lhe os pelos com lâminas lisas e a reduzirem o animal a carne, ossos e cartilagem.

– A minha tia Lina vai estar à espera, de avental estendido, para apanhar a cabeça. Ela faz a melhor salmoura de língua, orelhas e patas da banda de cá do desfiladeiro de Cumberland. Mas a parte do dia que eu mais gosto desde miúda é quando o meu pai deita as entranhas para um alguidar e nós escolhemos as melhores partes para assar. Eu até acotovelava os meus irmãos para conseguir chegar primeiro àquele fígado. Espetava-o num pau e punha-o na fogueira a assar. Oh, pá, nada como aquilo. Fígado assado de porco acabadinho de matar. Mmm-mm...

E ria-se ao ver Alice tapar a boca com a mão e abanar a cabeça, emudecida.

Mas, à semelhança de Beth, toda a vila parecia saudar este acontecimento com um deleite quase impróprio, e, aonde quer que as bibliotecárias fossem, os habitantes ofereciam-lhes um pedaço de toucinho salgado ou, como acontecera uma vez, mioleira de porco mexida com ovos, uma especialidade da montanha. E Alice sentia o estômago às voltas só de pensar nisso.

Mas não era apenas a matança do porco que estava a causar um frenesim de expectativa em toda a vila: Tex Lafayette estava a chegar. Por toda a vila havia cartazes do cowboy vestido de branco e de chicote na mão, fixados à pressa em pilares, escrutinados tanto pela rapaziada como por mulheres perdidas de amor por ele. Em quase todas as aldeias, o nome do Cowboy Cantor era dito como um talismã, seguido de frases como: *É mesmo verdade? Tu vais?*

A procura era tão grande, que a atuação já não seria no teatro, como estava inicialmente programado, mas na praça da vila, onde um palco estava já a ser montado, com tábuas e paletes velhas. Nos dias que antecederiam o espetáculo, os rapazes andariam a saltar e a correr nesse palco, fingindo tocar banjo e a baixarem constantemente a cabeça para escaparem aos bofetões dos trabalhadores irritados.

– Hoje podemos terminar mais cedo? Não me parece que alguém vá ler esta noite. Já toda a gente que vive num raio de quinze quilómetros veio para a praça – disse Beth, retirando o último livro do alforge. – Bolas! Olhem só o que os rapazes Mackenzie fizeram à *A Ilha do Tesouro* – disse ela, baixando-se para apanhar as páginas espalhadas pelo chão, enquanto praguejava.

– Não vejo porque não – disse Margery. – A Sophia tem isto tudo controlado e, de qualquer forma, já está escuro.

– Quem é o Tex Lafayette? – perguntou Alice.

As quatro mulheres viraram-se e ficaram a olhar para ela.

– *Quem é o Tex Lafayette?*

– Nunca viste *Como É Verde a Minha Montanha?* Ou *Laça o Meu Coração?*

– Ah, eu adoro *Laça o Meu Coração*. Aquela canção perto do final quase dava cabo de mim – disse Izzy, soltando um enorme suspiro de felicidade.

– *Não precisavas de me encurralar...*

– *Porque já sou tua prisioneira...* – irrompeu a voz de Sophia.

– *Não precisavas de uma corda para laçar meu coração...* – cantaram as duas em uníssono, cada uma perdida nos seus devaneios.

Alice não mostrou qualquer reação.

– Não costumas ir ao cinema? – perguntou-lhe Izzy. – O Tex Lafayette tem aparecido em *tudo o que é filme*.

– Consegue tirar um cigarro aceso dos lábios de um homem com o chicote, sem lhe deixar um único arranhão.

– É uma autêntica *brasa*!

– Na maior parte das noites, estou demasiado cansada para sair. O Bennett vai, às vezes.

Para falar verdade, neste momento Alice sentir-se-ia demasiado desconfortável sentada ao lado do marido no escuro. E suspeitava que ele se sentiria de igual forma. Já há semanas que faziam tudo para que as suas vidas se cruzassem o menos possível. Ela saía de casa muito antes do pequeno-almoço, e era frequente ele não estar em casa à hora do jantar, ocupado com incumbências para Mr. Van Cleve ou a jogar basebol com os amigos. Dormia a maior parte das noites na cama do quarto de vestir, pelo que até a forma do seu corpo se tinha tornado estranha para Alice. Se Mr. Van Cleve achava que havia algo de estranho no comportamento deles, não fazia nenhum comentário: costumava vir muito tarde da mina e parecia bastante preocupado com qualquer coisa que se estaria a passar por lá. Alice detestava agora aquela casa com todo o seu ser, aquela obscuridade e a sua história sufocante. E estava tão agradecida por não ter de passar os serões na saleta sombria com os dois homens, que nem se preocupava em questionar o que quer que fosse.

– Vens ver o Tex Lafayette, não vens? – perguntou-lhe Beth, penteando o cabelo e alisando a blusa ao espelho. Aparentemente, tinha uma paixoneta por um rapaz que trabalhava na bomba de gasolina, mas tinha-lhe mostrado o seu afeto dando-lhe um forte murro no braço em duas ocasiões e agora não sabia bem o que fazer a seguir.

– Oh, acho que não. Não sei mesmo nada sobre ele.

– Só trabalhas e não te divertes nada, Alice. Anda lá. A vila inteira vai. A Izzy vai encontrar-se connosco à porta da loja, e a mãe deu-lhe um dólar para gastar em algodão-doce. Um lugar sentado custa só cinquenta cêntimos. Mas também podes ficar lá atrás de pé e não pagas nada. Que é o que nós vamos fazer.

– Não sei. O Bennett tem trabalhado até tarde na Hoffman. Talvez seja melhor eu ir para casa.

Sophia e Izzy começaram novamente a cantar, com Izzy toda ruborizada, como sempre acontecia quando dava por si a cantar para uma plateia.

O teu sorriso é a corda com que me prendeste

E assim é desde que me conheceste

Não precisavas perseguir-me para laçar meu coração...

Margery tirou o pequeno espelho das mãos de Beth e verificou se tinha manchas na cara; depois, esfregou as maçãs do rosto com um lenço húmido até se dar por satisfeita.

– Bem, eu e o Sven vamos estar no Nice ‘N’ Quick. Ele reservou uma mesa no primeiro piso para termos uma boa vista. Se te quiseres juntar a nós, serás muito bem-vinda.

– Tenho coisas para fazer aqui – disse Alice. – Mas obrigada. Talvez apareça por lá mais tarde. – Disse aquilo só para as tranquilizar, e elas sabiam. Lá no fundo, só queria ficar ali sossegada na pequena biblioteca. Gostava de estar ali sozinha, a ler, ao fim do dia, à luz fraca do candeeiro a petróleo, viajando até às areias brancas da ilha tropical de Robinson Crusóe ou até aos corredores bafientos da escola de Brookfield de Mr. Chips. Se chegasse enquanto ela ainda ali estava, Sophia fazia o possível para a deixar em paz, interrompendo-a apenas para lhe pedir que colocasse um dedo num pedaço de tecido, para ela poder dar alguns pontos, ou para lhe perguntar se achava que a reparação de uma determinada capa estava aceitável. Sophia não era mulher que precisasse de plateia, mas parecia sentir-se mais à vontade acompanhada, pelo que, apesar de conversarem pouco, era uma situação que tinha agradado a ambas nas últimas semanas.

– Ok, então, vemo-nos mais tarde!

Com um aceno animado, as duas mulheres encaminharam-se para a porta, pisando as tábuas do soalho com determinação, e desceram as escadas ainda de calças e botas de montar. Quando a porta se abriu, a pequena sala foi invadida por uma onda de ruído premonitória. A praça já estava cheia: havia um grupo local a tocar instrumentos de cordas para animar a multidão que aguardava e o ar estava repleto de gargalhadas e assobios.

– A Sophia não vai? – perguntou-lhe Alice.

– Mais tarde, vou ali atrás ouvir um pouco – respondeu Sophia. – O vento está a soprar para este lado. – Enfiou uma agulha, pegou num outro livro danificado e acrescentou baixinho: – Não gosto muito de multidões.

Talvez numa espécie de concessão, Sophia abriu a porta das traseiras e calçou-a com um livro, para deixar entrar o som das rabecas, incapaz de impedir que, de vez em quando, o pé acompanhasse o ritmo. Alice estava sentada numa cadeira a um canto, com o papel de carta no colo, tentando escrever a Gideon, mas a caneta continuava imóvel na sua mão. Não fazia a mínima ideia do que poderia dizer-lhe. Em Inglaterra, todos estavam convencidos de que ela desfrutava de uma emocionante vida cosmopolita numa América cheia de carros enormes e de momentos fantásticos, e ela não sabia como transmitir ao irmão o que estava realmente a acontecer.

Atrás dela, Sophia parecia saber todas as melodias e cantarolava ao som das cordas, permitindo-se, de vez em quando, cantar em contraponto e acrescentar algumas letras. A sua voz era suave, aveludada, relaxante. Alice pousou a caneta e pensou, com alguma nostalgia, como seria bom estar lá fora com o marido de antigamente, aquele que lhe pegara ao colo e sussurrara coisas bonitas ao ouvido e cujos olhos lhe tinham prometido um futuro risonho e romântico, em vez do marido que ela apanhava de vez em

quando a olhá-la desorientado, como se não conseguisse perceber como ela tinha vindo ali parar.

– Boa noite, minhas senhoras – disse Fred Guisler, fechando a porta devagar. De calças de fato e camisa azul impecavelmente engomada, tirou o chapéu quando as viu. Alice ficou algo surpreendida ao vê-lo sem as habituais calças de trabalho de peitilho e a camisa de xadrez.

– Vi que a luz estava acesa, mas devo confessar que não estava à espera de as ver aqui esta noite. Não com todo o entretenimento que temos por cá hoje.

– Ah, eu não sou grande fã – disse Alice, dobrando o bloco de notas.

– E será que não a consigo convencer? Mesmo que não goste de truques de cowboys, o Tex Lafayette tem uma grande voz. E está uma bela noite lá fora. Demasiado bonita para ser passada aqui dentro.

– É muito simpático da sua parte, Mr. Guisler, mas eu estou bem aqui, obrigada.

Alice esperou que ele fizesse a mesma pergunta a Sophia, mas depois percebeu, com alguma tristeza, que era evidente para todos, menos para ela, a razão pela qual ele não o faria e por que as outras também não a tinham pressionado para sair com elas. Uma praça cheia de jovens brancos, embriagados e desordeiros não seria um lugar seguro para Sophia. Alice apercebeu-se subitamente de que não sabia ao certo que lugar seria seguro para Sophia.

– Bem, eu vou um bocado até lá, mas depois passo por aqui para a levar a casa, Miss Sophia. Hoje há demasiado álcool a circular naquela praça, e não me parece que seja um lugar agradável para uma senhora passar às nove da noite.

– Obrigada, Mr. Guisler. Agradeço – respondeu Sophia.

– Devia ir – disse Sophia, sem levantar os olhos da costura, enquanto o som dos passos de Fred se dissipava na rua escura.

Alice agarrou em algumas folhas soltas.

– É complicado.

– A vida é complicada. É por isso que é importante ter alguma alegria quando se pode. – Sophia olhou para um ponto, de sobrolho franzido, e acabou por o descoser. – É difícil ser diferente de toda a gente daqui. Eu compreendo-a. Compreendo-a muito bem. Eu tinha uma vida muito diferente em Louisville – disse ela, soltando um suspiro. – Mas aquelas raparigas gostam de si. São suas amigas. E afastar-se assim delas não vai facilitar nada as coisas.

Alice viu uma traça a esvoaçar em redor do candeeiro. Passado um momento, incapaz de suportar aquilo, envolveu-a com as mãos, foi até à porta entreaberta e libertou-a.

– A Sophia ficaria aqui sozinha.

– Eu sou uma mulher adulta. E, depois, o Mr. Guisler vem buscar-me.

Ela conseguia ouvir a música a tomar conta da praça e a aclamação que anunciava que o Cowboy Cantor tinha acabado de subir ao palco. Olhou para a janela.

– Acha mesmo que eu devia ir?

Sophia pousou a costura.

– Santo Deus, Alice, precisa que lhe escreva uma canção sobre isso? Ei... – chamou, quando Alice já se dirigia para a porta da frente – ... deixe-me arranjar-lhe o cabelo antes de sair. A aparência é importante.

Alice voltou para trás a correr e pegou no pequeno espelho. Esfregou o lenço no rosto, enquanto Sophia lhe passava um pente pelo cabelo, prendendo-o e murmurando, enquanto a ajeitava com os seus dedos ágeis. Quando Sophia se afastou, Alice meteu a mão no saco e tirou um batom,

dando aos lábios um tom rosa-coral; depois, comprimiu-os e esfregou-os um no outro. Satisfeita, baixou os olhos e sacudiu a camisa e as calças.

– Não que possa fazer grande coisa quanto ao que tenho vestido.

– Mas a metade superior está bela como um quadro. E é nisso que todos vão reparar.

Alice sorriu.

– Obrigada, Sophia.

– Depois, passe por aqui para me contar como foi – disse Sophia, recostando-se na cadeira da secretária e recomeçando a bater o pé, já meio perdida na música distante.

Alice ia já a meio caminho quando avistou o bicho. Ele ia a atravessar, veloz, a estrada escura, e a mente dela, já uns bons trezentos metros mais à frente, na praça, levou o seu tempo a perceber que estava alguma coisa à sua frente. Abrandou o passo: um esquilo! Curiosamente, sentiu como se toda aquela conversa sobre a matança do porco tivesse deixado uma bruma de tristeza a pairar sobre a sua semana, acentuando a sensação de depressão que já a possuía. Para quem vivia tão no meio da natureza, os habitantes de Baileyville pareciam não ter consciência do respeito que lhe deviam. Alice parou e esperou que o esquilo atravessasse a estrada à sua frente. Era dos grandes e tinha uma cauda enorme e espessa. Nesse momento, a lua surgiu por detrás de uma nuvem, permitindo-lhe ver que, afinal, não se tratava de um esquilo, mas de um animal mais escuro e robusto, com uma risca branca. Franziu o sobrolho, perplexa; depois, no preciso momento em que se ia aproximar, ele virou-se, alçou a cauda e Alice sentiu a pele a ser borrifada por um líquido. Não demorou um segundo até que essa sensação fosse suplantada pelo cheiro mais repugnante que alguma vez sentira. Começou a ter vômitos e dificuldade em respirar, cuspiendo e tapando a boca, mas não tinha como escapar, pois o cheiro estava por todo o lado: nas

mãos, na camisa, no cabelo. E o bicho esgueirou-se na noite despreocupadamente, deixando Alice a sacudir a roupa, como se agitar as mãos e gritar pudesse fazer desaparecer o cheiro.

O primeiro andar do Nice ‘N’ Quick estava repleto com três fileiras de corpos apinhados contra a janela, alguns deles a gritarem a sua gratidão pela presença do cowboy vestido de branco lá em baixo. Margery e Sven eram os únicos que continuavam sentados, os dois num compartimento, lado a lado, como mais gostavam. Entre eles, permanecia o que restava de dois chás gelados. Duas semanas antes, um fotógrafo local tinha passado por ali e convencido as senhoras a montarem nos seus cavalos em frente ao letreiro da Biblioteca a Cavalo WPA, e as quatro, Izzy, Margery, Alice e Beth, tinham posado para a fotografia, todas juntas, sobre as respetivas montadas. Uma cópia dessa fotografia, com as cavaleiras a olhar em frente, ocupava agora lugar de destaque na parede do restaurante, decorada com uma fiada de bandeirolas, e Margery não conseguia tirar os olhos dela. Achava que nunca na vida se tinha sentido tão orgulhosa.

– O meu irmão anda a falar em comprar alguma terra lá em cima, em North Ridge. O Bore McCallister diz que lhe faz um bom preço. E eu estava a pensar fazer sociedade com ele. Não vou poder trabalhar naquelas minas para sempre.

Margery voltou novamente a sua atenção para Sven.

– De quantos hectares estás a falar?

– De cerca de cento e sessenta. Há lá boa caça.

– Então, ainda não sabes.

– Não sei o quê?

Margery meteu a mão no saco e tirou a carta-modelo. Sven abriu-a cuidadosamente e leu-a, colocando-a depois em cima da mesa à frente deles.

– Onde é que ouviste isto?

– Não sabes de nada?

– Não. Agora, aonde quer que vamos, só se fala em acabar com a influência do Sindicato dos Mineiros Americanos.

– Eu já percebi que as duas coisas estão relacionadas. O Daniel McGraw, o Ed Siddly e os irmãos Bray, todos eles da organização sindical, vivem em North Ridge. Se a nova mina os despejar das suas casas, juntamente com as respetivas famílias, será muito mais difícil reorganizarem-se. E eles não querem acabar como a Harlan, com uma maldita guerra entre os mineiros e os patrões.

Sven recostou-se no assento, soprou o ar das bochechas e perscrutou a expressão de Margery.

– Imagino que esta carta seja tua.

Ela esboçou-lhe um sorriso meigo.

Ele passou-lhe a palma da mão pela testa.

– Meu Deus, Marge. Tu sabes como são aqueles bandidos. Será que os sarilhos te correm no sangue?... Não te metas nisso.

– Não posso ficar parada a vê-los destruir aquelas montanhas, Sven. Sabes o que fizeram no desfiladeiro Great White?

– Sim, sei.

– Partiram aquele vale em pedaços, poluíram a água e desapareceram da noite para o dia quando o carvão acabou. Todas aquelas famílias ficaram sem emprego e sem casa. Não vão fazer o mesmo aqui.

Ele pegou na carta e leu-a novamente.

– Alguém mais sabe disto?

– Já consegui que duas famílias fossem ao gabinete de justiça. Andei à procura em livros jurídicos, e a lei diz que os proprietários das minas não podem rebentar com a terra se as famílias não assinarem aqueles contratos que concedem à exploração todos os direitos. A Casey Campbell ajudou o

pai a ler a papelada toda – disse ela, suspirando de satisfação e tamborilando na mesa. – Não há nada mais perigoso do que uma mulher armada com um pouco de conhecimento. Mesmo tendo doze anos.

– Se alguém da Hoffman descobre que foste tu, vai haver problemas.

Ela encolheu os ombros e bebeu um gole de chá.

– Estou a falar a sério. Tem cuidado, Marge. Não quero que te aconteça nada. O Van Cleve está a pagar a rufiões para tratarem desta luta do sindicato, tipos de fora. Já viste o que aconteceu em Harlan. Eu... eu não ia suportar se te acontecesse alguma coisa.

Ela olhou para ele.

– Não estás a ficar todo sentimental por minha causa, pois não, Gustavsson?

– Estou a falar a sério. – E Sven virou-se, ficando com o rosto a centímetros do dela. – Eu amo-te, Marge.

Ela estava quase a responder-lhe a brincar, mas ele tinha uma expressão tão estranha, séria e vulnerável, que as palavras se lhe paralisaram nos lábios. Ele procurou, com o olhar, os olhos dela e envolveu-lhe os dedos nos seus, como se pudesse expressar com a mão aquilo que de outra forma não seria capaz de lhe dizer. Margery sustentou-lhe o olhar e, em seguida, quando o clamor estalou dentro do restaurante, desviou os olhos. Lá em baixo, Tex Lafayette atacava com «Eu Nasci no Vale», recebendo um coro de aplausos.

– Oh, céus, agora é que aquelas raparigas vão delirar – murmurou ela.

– Acho que o que tu querias dizer era: *eu também te amo* – disse-lhe ele, passado um momento.

– E eu acho que a dinamite te deve ter afetado os ouvidos. Tenho a certeza de que já te disse isso há imenso tempo – replicou ela. Sven abanou a cabeça, puxou-a para si novamente e beijou-a até ela parar de rir.

Não importava onde elas tinham dito que se iam encontrar, pensava Alice, enquanto se debatia para abrir caminho pela praça a abarrotar: aquele lugar estava tão escuro e lotado, que quase não tinha hipótese de encontrar as amigas. O ar estava impregnado de cheiro a pólvora das bombinhas, a tabaco, a cerveja e a açúcar queimado do algodão-doce vendido nas barracas que tinham surgido por todo o lado naquela noite, mas ela praticamente não conseguia distinguir nenhum deles. Para onde quer que fosse, via as pessoas a afastarem-se depressa e a inspirarem profunda e ruidosamente, franzindo o sobrolho e tapando o nariz.

– A senhora foi borrifada por uma doninha! – disse-lhe um jovem sardento, quando ela passou.

– Não me digas! – respondeu-lhe ela, zangada.

– Ai, meu Deus... – Duas raparigas afastaram-se, fazendo caretas a Alice. – Aquela não é a mulher inglesa do Van Cleve?

Alice sentia as pessoas a fugirem dela como ondas, à medida que se ia aproximando do palco.

Não passou mais que um minuto até o ver. Bennett estava no canto do bar erguido provisoriamente, com um sorriso radiante e uma cerveja na mão. Alice olhou demoradamente para ele, para o seu sorriso fácil e os ombros descontraídos e relaxados por baixo da bela camisa azul. Apercebeu-se, distraída, de que ele parecia muito mais à vontade quando não estava com ela. A surpresa de o ver ali foi sendo substituída aos poucos por uma espécie de nostalgia, uma dolorosa recordação que evocava o homem por quem se havia apaixonado. Enquanto o observava, pensando se devia ir ter com ele e contar-lhe os acontecimentos desastrosos daquela noite, viu a rapariga que estava à sua esquerda virar-se, com uma garrafa de cola na mão. Era Peggy Foreman. Ela aproximou-se dele e disse-lhe algo que o fez rir e a que respondeu com um aceno de cabeça, sem tirar os olhos de Tex Lafayette, olhando depois para ela com um sorriso pateta. Nesse

momento, Alice teve vontade de ir a correr ter com ele e empurrar aquela tipa dali para fora. Ocupar o lugar que era seu, nos braços do marido, e fazê-lo sorrir meigamente, como acontecia antes de casarem... Porém, mesmo ali parada, as pessoas continuavam a afastar-se dela, rindo-se ou murmurando: *Doninha*. Alice sentiu os olhos marejarem-se-lhe de lágrimas e, de cabeça baixa, iniciou o caminho de regresso, abrindo passagem a custo por entre a multidão.

– *Ei!*

Alice avançava de queixo tenso, serpenteando por entre os corpos que se acotovelavam, ignorando os ditos escarninhos e as risadas que pareciam multiplicar-se em seu redor, com a música a perder-se ao longe. Estava grata por as trevas lhe ocultarem quase por completo a identidade, enquanto ia enxugando as lágrimas.

– Meu Deus, sentiste aquele cheiro?

– *Ei!*... Alice!

Virou a cabeça e viu Fred Guisler a abrir caminho na sua direção, de braço estendido.

– Está tudo bem?

Quando, ao fim de alguns segundos, ele se apercebeu do cheiro, ela viu o choque perpassar-lhe o rosto como um *ui!* silencioso e, depois, quase de imediato, a sua tentativa para esconder tal reação. Colocou-lhe um braço sobre os ombros e, determinado, guiou-a por entre a multidão.

– Vamos lá. Toca a levá-la para a biblioteca. Vá por ali, está bem? Vamos passar.

Demoraram dez minutos a chegar à estrada escura. Logo que saíram do centro da vila, já longe da multidão, Alice saiu de baixo do abrigo do braço dele e desviou-se para a berma da estrada.

– É muito simpático da sua parte, mas não precisa de o fazer.

– Não há problema. Em todo o caso, eu quase não tenho olfato. O primeiro cavalo que amansei deu-me um coice no nariz, e nunca voltei a ser o mesmo.

Ela sabia que ele estava a mentir, mas, como era uma atitude simpática, esboçou um sorriso triste.

– Não consegui ver com clareza, mas acho que era uma doninha. Parou mesmo à minha frente e...

– Oh, de certeza que era uma doninha – disse ele, tentando não se rir.

Alice fitou-o, com o rosto a arder. Pensou que ia mesmo desatar a chorar, mas algo na expressão dele foi mais forte do que ela e, para sua surpresa, começou a rir.

– Foi a pior coisa que já lhe aconteceu, hem?

– Sinceramente? Nem por sombras.

– Bem, agora fiquei intrigado. Então, qual foi a pior?

– Não posso contar.

– Duas doninhas?

– Tem de parar de se rir de mim, Mr. Guisler.

– Não queria ofendê-la, Mrs. Van Cleve. É que é tão improvável... uma mulher como a Alice, tão bonita e refinada e tudo isso... e com este cheiro...

– Não está a ajudar muito.

– Peço desculpa. Olhe, venha a minha casa antes de voltar para a biblioteca. Eu arranjo-lhe roupa limpa e pode, pelo menos, chegar a casa sem causar alvoroço.

Caminharam em silêncio a última centena de metros, abandonando a estrada principal e entrando no caminho de acesso a casa de Fred Guisler. Alice apercebeu-se de que, ficando nas traseiras da biblioteca e afastada da estrada, mal tinha reparado nela até agora. Havia uma luz acesa no

alpendre; enquanto subia atrás dele pelas escadas de madeira, olhou para a esquerda, onde, a uma centena de metros, a luz da biblioteca ainda estava acesa, visível apenas deste lado da estrada através de uma pequena frincha na porta. Imaginou Sophia lá dentro, dedicada a costurar livros novos a partir de livros velhos, enquanto cantarolava ao som da música. Depois, ele abriu a porta e afastou-se para a deixar entrar.

Tanto quanto tinha percebido, os homens que viviam sozinhos em Baileyville levavam vidas simples, em casas funcionais e pouco mobiladas, com hábitos básicos e uma higiene muitas vezes questionável. Na casa de Fred, com um soalho que os anos de utilização tinham lixado e encerado, havia uma cadeira de baloiço a um canto, com um tapete azul feito de trapos, à frente, e um grande candeeiro de latão que lançava uma luz suave sobre uma estante com livros. Nas paredes, havia molduras com fotografias e, no lado oposto, estava uma cadeira estofada, de onde se viam as traseiras e o enorme estábulo de Fred cheio de cavalos. O gramofone encontrava-se sobre uma mesa de mogno brilhante, com uma bela manta antiga cuidadosamente dobrada ao lado.

– Mas que casa bonita! – disse ela, apercebendo-se do insulto contido nas palavras no preciso instante em que as dizia.

Ele não pareceu dar por isso.

– Nem tudo é obra minha – disse ele. – Mas tento mantê-la agradável. Aguarde um segundo.

Ela sentiu-se mal por trazer aquele fedor para uma casa tão cheirosa e confortável. Cruzou os braços e encolheu-se toda, enquanto ele corria escada acima, como se isso pudesse conter o odor. Poucos minutos depois, ele regressou com dois vestidos pendurados no braço.

– Um destes deve servir-lhe.

Ela olhou para ele.

– O Mr. Guisler tem vestidos?

– Eram da minha mulher.

Alice pestanejou.

– Passe-me as suas roupas cá para fora, que eu vou mergulhá-las em vinagre. Isso vai ajudar. Quando as levar para casa, peça à Annie que deite bicarbonato de sódio na selha, juntamente com o sabão. Ah, e tem uma luva de banho limpa no suporte.

Ela virou-se, e ele indicou-lhe a casa de banho. Entrou, despiu-se, empurrou a roupa pela porta entreaberta e, depois, lavou a cara e as mãos, esfregando bem a pele com a luva e com lixívia. Aquele cheiro acre recusava-se a desaparecer, e estar ali fechada naquela pequena casa de banho tão quente quase lhe dava vômitos. Esfregou o mais que pôde, sem arrancar nenhuma camada de pele. Entretanto, lembrou-se e deitou um jarro de água sobre a cabeça, esfregando o cabelo com sabão; depois, enxaguou-o e tentou secá-lo com uma toalha. Por fim, enfiou o vestido verde. Era o que a mãe chamaria um vestido para o chá, de mangas curtas e tecido às flores, com uma gola de renda branca. Ficava-lhe ligeiramente largo na cintura, mas pelo menos cheirava a lavado. Havia um frasco de perfume em cima de um armário. Cheirou-o e depois aspergiu um pouco sobre o cabelo molhado.

Quando, passados alguns minutos, saiu da casa de banho, viu Fred junto à janela a olhar para a praça iluminada, lá em baixo. Ele virou-se, claramente com a mente perdida num outro lugar, e pareceu ficar um pouco abalado, talvez por ver o vestido da mulher. Mas recompôs-se rapidamente e entregou-lhe um copo de chá gelado.

– Achei que talvez fosse precisar disto.

– Obrigada, Mr. Guisler – disse ela, bebendo um gole. – Sinto-me mesmo pateta.

– Trate-me por Fred, por favor. E nada de se sentir mal. Nem por um segundo. Já todos fomos apanhados.

Ela ficou paralisada por um momento, subitamente constrangida. Estava em casa de um estranho e com um vestido da sua falecida mulher. Não sabia o que fazer com os braços. Ouviu-se um clamor vindo algures da vila, e ela encolheu-se.

– Oh, céus... Não só vim deixar-lhe esta bela casa a cheirar mal como também o fiz perder o espetáculo do Tex Lafayette. Peço imensa desculpa.

Ele abanou a cabeça.

– Não há problema. Não podia deixá-la sozinha, assim tão...

– Fedorenta... como a doninha! – completou ela, num tom animado, ao ver que a expressão preocupada de Fred não se desvanecia, como se ele soubesse que não fora apenas o cheiro a perturbá-la.

– Aliás, se formos já, talvez ainda dê para vermos uma parte – disse ela, atabalhoadamente. – Quer dizer, parece que ele ainda vai cantar por algum tempo. Tinha razão, ele é *muito* bom. Não que eu tenha ouvido muito, entre uma coisa e outra, mas deu para perceber porque é tão popular. A multidão parece mesmo adorá-lo.

– Alice...

– Céus. Veja só que horas são. É melhor eu ir para casa. – E passou por ele, de cabeça baixa, em direção à porta. – E o Mr. Guisler deve mesmo voltar para o espetáculo. Eu vou andando para casa. Não é longe.

– Eu levo-a lá.

– Para o caso de aparecerem mais doninhas? – perguntou ela, soltando uma gargalhada tão sonora e estridente, que nem parecia a voz dela. – Sinceramente, Mr. Guisler... Fred... já foi tão amável... não quero causar-lhe ainda mais problemas. A sério. Eu não...

– Eu levo-a – disse ele, com determinação. Pegou no casaco, pendurado nas costas de uma cadeira, e depois retirou das costas de outra uma pequena manta e colocou-lha sobre os ombros. – Lá fora já está frio.

Saíram para o alpendre e, subitamente, Alice pareceu tomar consciência da presença de Fred Guisler e da forma como ele a observava, como se penetrasse em tudo o que ela dizia ou fazia, para avaliar o seu verdadeiro propósito. Era estranhamente desconcertante. Quase tropeçou ao descer os degraus do alpendre, e ele estendeu-lhe a mão para a segurar. Ela agarrou-a e soltou-a logo a seguir, como se tivesse sido picada.

Por favor, não digas mais nada, disse ela para si mesma. Tinha novamente o rosto a arder e os pensamentos baralhados. Porém, quando levantou os olhos, viu que ele não estava a olhar para ela.

– Aquela porta estava assim quando entrámos? – perguntou ele, olhando para as traseiras da biblioteca. A porta, que antes estava entreaberta para a música entrar, estava agora escancarada e do interior vinha uma série de batidas distantes e irregulares. Ele manteve-se imóvel e depois virou-se para Alice, já sem qualquer vestígio da anterior tranquilidade. – Fique aí.

Depois, entrou em casa a correr e regressou, segundos depois, com uma enorme caçadeira de dois canos. Alice afastou-se para ele passar e ficou a vê-lo dirigir-se para a biblioteca. Em seguida, incapaz de se controlar, seguiu-o a alguns passos de distância, avançando silenciosamente sobre a erva, em bicos de pés, pelo caminho das traseiras.

– O que é que se passa aqui, rapazes?

Frederick Guisler estava à porta. Atrás dele, Alice, com o coração nas mãos, só conseguiu avistar alguns livros espalhados pelo chão e uma cadeira tombada. Havia dois, não, três jovens dentro da biblioteca, de camisa e calças de ganga. Um deles tinha uma garrafa de cerveja na mão e um outro tinha um braçado de livros que, com a chegada de Fred, deixou cair numa deliberada provocação. Alice mal conseguia ver Sophia, de pé a um canto, tensa e de olhar fixo num qualquer ponto do chão.

– Tem uma negra na sua biblioteca. – A voz do rapaz elevou-se num tom queixoso e nasalado, atropelando as palavras devido à bebida.

– Pois tenho. E estou aqui a tentar perceber o que é que vocês têm que ver com isso.

– Isto é para brancos. Ela não devia estar aqui.

– Pois não – concordaram os outros dois, encorajados pela cerveja, com sorrisos escarninhos.

– És tu que diriges agora esta biblioteca? – A voz de Fred era gélida, num tom que Alice nunca ouvira antes.

– Eu não...

– Eu perguntei se és tu que diriges esta biblioteca, Chet Mitchell?

O rapaz desviou os olhos, como se, ao ouvir o seu nome, se tivesse lembrado das possíveis consequências dos seus atos.

– Não.

– Então, sugiro que saias. Os três, claro. Antes que esta arma me escorregue nas mãos e eu faça alguma coisa de que me venha a arrepender.

– Está a ameaçar-me por causa de uma *tipa de cor*?

– Estou a dizer-te o que acontece quando um homem encontra três parvalhões bêbedos na sua propriedade. E, se quiseses, também posso facilmente dizer-te o que acontece se esse homem percebe que eles não se vão embora quando ele manda. Mas tenho quase a certeza de que não vais gostar.

– Não percebo porque é que está a defendê-la. Tem um fraquinho aqui pela Bolachinha de Chocolate, é?

Num abrir e fechar de olhos, Fred agarrou o rapaz pelo pescoço e encostou-o à parede com tal força, que os nós dos dedos até ficaram brancos. Alice baixou-se e recuou, com a respiração presa na garganta.

– Não me tires do sério, Mitchell.

O rapaz engoliu em seco e pôs as mãos no ar.

– Estava a brincar – disse ele, engasgando-se. – Já não aceita uma brincadeira, Mr. Guisler?

– Não vejo mais ninguém a rir-se. E agora põe-te a andar. – Fred soltou o rapaz, cujos joelhos cederam. Esfregando o pescoço, lançou um olhar nervoso aos amigos e, depois, quando Fred deu um passo em frente, fugiu pela porta das traseiras. Alice, com o coração aos saltos, desviou-se, quando os três saíram aos tropeções, compôs o vestido e seguiu depois em silêncio pelo caminho de gravilha. Os rapazes só recuperaram a coragem quando já estavam fora de alcance.

– Tens um fraquinho pela Bolachinha de Chocolate, Frederick Guisler? Foi por isso que a tua mulher se foi embora?

– Não acertas uma. Já te vi caçar!

Alice até se sentiu mal. Encostou-se à parede das traseiras da biblioteca, com leves gotas de suor a formigarem-lhe nas costas, e só sentiu o coração a abrandar quando os viu dobrarem a esquina e desaparecerem. Lá dentro, ouvia Fred a apanhar os livros do chão e a colocá-los em cima da mesa.

– Peço imensa desculpa. Devia ter vindo mais cedo.

– De modo nenhum. A culpa foi minha, por ter deixado a porta aberta.

Alice subiu lentamente as escadas. Por fora, Sophia parecia impassível: baixou-se para apanhar os livros, analisando-lhes os estragos e limpando-lhes o pó da superfície, enquanto praguejava por causa das etiquetas rasgadas. Mas, quando Fred se virou para consertar uma prateleira que tinha tombado, Alice viu-a estender a mão para a secretária, para se amparar, e agarrar-se depois à beirinha com toda a força. Alice entrou e, sem dizer nada, começou também a arrumar os livros. Os álbuns que Sophia tão cuidadosamente criara tinham sido rasgados em pedaços ali mesmo à sua frente. Os livros que tão cuidadosamente haviam sido reparados estavam novamente rasgados e espalhados pelo chão, com páginas soltas ainda a esvoaçarem.

– Esta semana fico até mais tarde para a ajudar – disse-lhe Alice. E, ao ver que Sophia não respondia, acrescentou: – Isso é... se a Sophia ainda voltar.

– Acha que um bando de miúdos de nariz empinado me vai afastar do meu trabalho? Eu vou ficar bem, Miss Alice. – Fez uma pausa e, depois, esboçou um sorriso tenso. – Mas a sua ajuda seria bem-vinda, obrigada. Temos muito para pôr em dia.

– Eu vou falar com os Mitchell – disse Fred. – Não vou deixar que isto volte a acontecer. – A voz foi suavizando e o corpo serenando, enquanto andava de um lado para o outro na biblioteca. Mas Alice viu como os seus olhos se viravam constantemente para a janela e como só relaxou quando as duas mulheres entraram na carrinha para as levar a casa.

Até hoje, Jody, vestido de jardineiras e camisa azul, tinha sido um rapaz mais sossegado do que a maioria, levantando até suspeitas de ser um pouco covarde. E agora estava diferente. A um passado remoto de mil séculos foram os outros buscar a vetusta admiração... que um homem a cavalo é espiritualmente, tanto quanto fisicamente, maior do que um homem apeado. Sabiam que Jody deixara miraculosamente de ser seu igual, e fora colocado acima deles.

John Steinbeck, *O Potro Vermelho*

Dada a rapidez com que as notícias se espalhavam por Baileyville, com os boatos a começarem como gotas e a serem depois propagados por toda a comunidade como uma torrente imparável, as histórias sobre o trabalho de Sophia Kenworth na Biblioteca a Cavalo e os atos de vandalismo ali cometidos por três filhos da terra foram rapidamente consideradas questões suficientemente graves para justificarem uma assembleia municipal.

Alice estava ao fundo da sala, a um canto, lado a lado com Margery, Beth e Izzy, enquanto Mrs. Brady se dirigia à assembleia. Bennett estava sentado na segunda fila, ao lado do pai.

– Não te vais sentar, rapariga? – perguntara Mr. Van Cleve a Alice, ao entrar na sala, olhando-a de alto a baixo.

– Estou bem aqui, obrigada – respondera ela, vendo-o desviar os olhos para o filho com ar desaprovador.

– Sempre nos orgulhámos de ser uma vila agradável e ordeira – dizia Mrs. Brady. – E não queremos transformar-nos naquele tipo de lugar onde os atos de banditismo se tornam habituais. Já fui falar com os pais dos

jovens envolvidos e deixei bem claro que tais comportamentos não serão tolerados. Uma biblioteca é um lugar sagrado... um lugar sagrado de aprendizagem. Não devia ser considerado um alvo fácil de chacota só por ser gerido por mulheres.

– Eu gostava de acrescentar uma coisa, Mrs. Brady – disse Fred, dando um passo em frente. Alice recordou a forma como ele tinha olhado para ela na noite do espetáculo de Tex Lafayette e a estranha intimidade da sua casa de banho... e sentiu um formigueiro na pele de tão corada que ficou, como se tivesse feito algo de que devesse envergonhar-se. Tinha dito a Annie que o vestido verde era de Beth, e ela tinha arqueado ao máximo a sobrancelha esquerda.

– Aquela biblioteca funciona no meu velho barracão – disse Fred. – O que significa, caso alguém aqui tenha dúvidas, que fica dentro da minha propriedade. E eu não me posso responsabilizar pelo que acontecer aos que a invadirem. – Olhou lentamente em redor. – Quem se achar no direito de lá entrar sem a minha autorização, ou sem a autorização de uma destas senhoras, terá de se haver comigo.

Ao sentar-se, trocou um olhar com Alice, que sentiu as faces novamente a corarem.

– Compreendo que estejas preocupado com a tua propriedade, Fred – disse Henry Porteous, levantando-se. – Mas temos aqui assuntos mais importantes para discutir. Eu, tal como um bom número de vizinhos, estou preocupado com o impacto que esta biblioteca está a ter na nossa pequena vila. Há relatos de mulheres que já não cuidam da casa por andarem demasiado ocupadas a ler revistas extravagantes ou romances de faca e alguidar. Há crianças que estão a retirar ideias rebeldes de livros de banda desenhada. Temos de nos debater para controlar as influências que estão a entrar em nossas casas.

– São só livros, Henry Porteous! Como acha que os antigos intelectuais aprenderam? – questionou Mrs. Brady, de braços cruzados sobre o peito a formarem uma prateleira sólida e intransponível.

– Aposto o que quiser em como os grandes intelectuais não leram *O Apaixonado Xequê das Arábias*, ou lá o que era, com que a minha filha estava a perder o seu tempo no outro dia. Queremos mesmo poluir as mentes das crianças com estas coisas? Eu não quero que a minha filha pense que pode fugir com um *egípcio* qualquer.

– Há tanta possibilidade de a sua filha perder a cabeça por um xequê das arábias como de eu me transformar na Cleópatra.

– Mas não me pode dar *garantias*.

– Quer que eu passe em revista todos os livros desta biblioteca à procura de coisas que o senhor possa achar extravagantes, Henry Porteous? Há mais provocações em histórias da Bíblia do que na *Pictorial Review*, e o senhor sabe-o muito bem.

– Bem, agora a senhora está a cometer os mesmos sacrilégios.

Mrs. Beidecker levantou-se.

– Posso falar? Eu gostava de agradecer às bibliotecárias. Os nossos alunos gostaram muito dos novos livros e do restante material de estudo, os manuais provaram ser muito úteis para o seu progresso. Eu examino todos os livros de banda desenhada antes de os entregar às crianças, só para verificar o seu conteúdo, e nunca encontrei absolutamente nada que pudesse preocupar nem mesmo as mentes mais sensíveis.

– Mas a senhora é estrangeira! – interveio Mr. Porteous.

– A Mrs. Beidecker veio para a nossa escola com as melhores referências – exclamou Mrs. Brady. – E você sabe disso, Henry Porteous. A sua sobrinha não é também aluna dela?

– Bem, talvez não devesse ser.

– Acalmem-se! Acalmem-se! – O pastor McIntosh levantou-se. – Eu até compreendo que os ânimos estejam a exaltar-se. Sim, Mrs. Brady, alguns de nós têm de facto reservas quanto ao impacto desta biblioteca nas mentes em formação, mas...

– Mas o quê?

– Mas há aqui claramente uma outra questão: o facto de lá estar empregada uma pessoa de cor.

– E que questão seria essa, pastor?

– A senhora pode ser a favor de ideias progressistas, Mrs. Brady, mas há muita gente nesta vila que não concorda que haja gente de cor nas nossas bibliotecas.

– Exatamente – disse Mr. Van Cleve, levantando-se e olhando em redor para o mar de rostos brancos. – A lei de 1933 para os Estabelecimentos Públicos autoriza, e cito, «a criação de bibliotecas segregadas para raças diferentes». A rapariga de cor não devia estar na nossa biblioteca. Acha que está acima da lei, Margery O’Hare?

Alice estava de coração na boca, mas Margery, dando um passo em frente, parecia absolutamente impassível.

– Não.

– Não?

– Não. Porque a Miss Sophia não está na biblioteca como *utente*. Está lá apenas a trabalhar – respondeu ela, com um sorriso doce. – Dissemos-lhe *muito* claramente que não podia, em circunstância alguma, abrir nenhum dos nossos livros para o ler.

Uma onda contida de risota percorreu a sala.

A expressão de Mr. Van Cleve ensombrou-se.

– Não se pode ter uma negra a trabalhar numa biblioteca de brancos. É contra a lei e contra as leis da natureza.

– Então, acha que não se pode dar trabalho a negros?

– Não sou eu. É a *lei*.

– Fico bastante surpreendida ao ouvi-lo reclamar, Mr. Van Cleve – disse-lhe ela.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, tendo em conta o número de negros que trabalham na sua mina...

Ouviu-se uma inspiração profunda.

– Não, não tenho.

– Conheço pessoalmente a maior parte deles, tal como metade das pessoas de bem que aqui estão. Registá-los nos seus cadernos como mulatos não muda os factos.

– Caramba – disse Fred, baixinho. – Ela chegou para ele.

Margery encostou-se à mesa.

– Os tempos estão a mudar e as pessoas de cor estão a ser contratadas para todo o tipo de trabalhos. Neste caso, a Miss Sophia tem a formação adequada e tem mantido as publicações em boas condições e prontas a serem utilizadas. Sem ela, a maior parte dos livros nem poderia estar nas estantes. Aquelas revistas... *O Bónus de Baileyville?*... Todos gostam, não é? Com receitas e histórias e tudo?

Seguiu-se um murmúrio de concordância.

– Todas elas são trabalho da Miss Sophia. Ela pega em livros e revistas estragados, junta tudo o que consegue salvar e costura estes novos livros para todos vocês. – Margery inclinou-se para a frente para sacudir qualquer coisa do casaco. – Bem, nem eu nem as minhas colaboradoras somos capazes de coser livros assim e, como sabem, não foi fácil arranjar voluntárias. A Miss Sophia não sai a cavalo para ir visitar as famílias nem escolhe os livros. Ela só nos mantém a casa em ordem, por assim dizer. Portanto, enquanto a lei for a mesma para todos, Mr. Van Cleve, para o

senhor e para as suas minas e para mim e para a minha biblioteca, eu vou continuar a dar-lhe emprego. Acredito que isto seja aceitável para todos.

Com um aceno, Margery retirou-se pelo centro da sala, com passo tranquilo e de cabeça bem erguida.

A porta de rede bateu, atrás deles, com um estrondo retumbante. Alice não abria a boca durante todo o percurso de regresso do salão comunitário, mantendo-se alguns passos atrás dos dois homens, mas ainda conseguia ouvir as suas grosserias murmuradas que sugeriam uma explosão iminente e impetuosa. E não teve de esperar muito.

– Mas quem diabo pensa aquela mulher que é? A tentar envergonhar-me diante de toda a vila?

– Não me parece que alguém achasse que o papá... – começou Bennett. Mas o pai atirou o chapéu para cima da mesa, interrompendo-o:

– Ela só tem arranjado problemas a vida inteira! E, antes dela, aquele criminoso do paizinho dela. E estava agora, ali, a tentar fazer-me passar por idiota à frente da minha gente?

Alice mantinha-se à entrada da porta, hesitante, a pensar se poderia esgueirar-se escada acima sem que ninguém reparasse. Pela sua experiência, os ataques de fúria de Mr. Van Cleve não passavam depressa; ele alimentava-os com uísque e continuava a berrar e a falar exacerbadamente até acabar por adormecer, já muito tarde.

– Ninguém quer saber do que diz aquela mulher, papá – recomeçou Bennett.

– Aqueles negros estão registados na minha mina como mulatos porque têm a pele clara. A pele clara, só isso!

Alice lembrou-se da pele escura de Sophia e pensou, sendo ela irmã de um mineiro, como era possível dois irmãos terem tons de pele tão diferentes. Mas não disse nada.

– Acho que vou para cima – disse ela em voz baixa.

– Não podes ficar lá, Alice.

Oh, meu Deus, pensou ela. *Não me obriguem a ir para o alpendre convosco.*

– Então, eu venho...

– Na biblioteca. Não vais voltar a trabalhar lá. Não com aquela rapariga.

– O quê?

Parecia que as palavras dele a estavam a sufocar.

– Vais apresentar a demissão. Não vou ter a minha família associada à da Margery O’Hare. Não me interessa o que pensa a Patricia Brady; essa também perdeu o juízo, tal como as outras. – Van Cleve foi até ao armário das bebidas e serviu-se de um grande copo de uísque. – Mas, em todo o caso, como raio terá ela visto quem estava nos registos da mina? Não me espantava nada que tivesse entrado à socapa. Vou proibir que ela se aproxime sequer da Hoffman.

Fez-se silêncio. Em seguida, Alice ouviu a sua própria voz:

– Não.

Van Cleve levantou os olhos.

– O quê?

– Não. Eu não vou sair da biblioteca. Eu não estou casada consigo, e o senhor não me pode dizer o que eu devo fazer.

– Tu vais fazer o que eu disser! Vives debaixo do meu teto, menina!

Ela nem pestanejou.

Mr. Van Cleve fulminou-a com o olhar e, depois, virou-se para Bennett e acenou com a mão.

– Bennett? Trata da tua mulher.

– Eu não vou sair da biblioteca.

Mr. Van Cleve ficou roxo.

– Queres levar uma bofetada, rapariga?

O ar pareceu esvair-se da sala. Alice olhou para o marido. *Não penses sequer em encostar-me uma mão*, disse-lhe ela em silêncio. O rosto de Mr. Van Cleve estava tenso e a respiração ofegante. *Nem penses*. Ela tinha a cabeça a mil, imaginando subitamente o que faria se ele de facto levantasse a mão para ela. Contra-atacaria? Poderia usar alguma coisa para se proteger? *O que faria Margery?* Apercebeu-se da faca que estava em cima da tábua do pão e do atizador junto ao fogão.

Mas Bennett baixou os olhos para os pés e engoliu em seco.

– Ela deve ficar na biblioteca, pai.

– O quê?

– Ela gosta daquilo. E está... está a fazer um bom trabalho. A ajudar as pessoas e tudo.

Van Cleve fitou o filho com os olhos quase a saltarem-lhe do rosto arroxado, como se alguém o tivesse espremido pelo pescoço.

– Mas tu também perdeste o raio do juízo?

Van Cleve olhava fixamente para os dois, de bochechas infladas e nós dos dedos brancos, como que a preparar-se para uma explosão que não iria acontecer. Por fim, enfiou o resto do uísque pela garganta abaixo, pousou o copo com toda a força e saiu, deixando a porta de rede a balançar nas dobradiças.

Bennett e Alice ficaram no silêncio da cozinha a ouvirem o *Ford Sedan* de Mr. Van Cleve começar a trabalhar e arrancar com estrépito.

– Obrigada – disse ela.

Ele soltou um longo suspiro e virou a cara. Alice perguntou-se nesse momento se alguma coisa iria mudar. Se o facto de ele ter enfrentado o pai poderia alterar o que parecia haver de tão errado entre eles. Lembrou-se de Kathleen Bligh e do marido, da forma como, mesmo enquanto Alice lia para ele, Kathleen lhe acariciava a cabeça quando passava ou pousava a

mão na dele. A forma como, apesar de tão doente e debilitado, Garrett procurava a mão dela e tinha sempre no rosto encovado um sorriso, por mais débil que fosse, para oferecer à mulher.

Deu um passo na direção de Bennett, a pensar se deveria dar-lhe a mão. Mas ele, como se lhe lesse a mente, enfiou as duas mãos nos bolsos.

– Bem, fico-te grata – disse ela baixinho, dando de novo um passo atrás. Depois, vendo que ele não respondia, preparou-lhe uma bebida e foi para o andar de cima.

Garrett Bligh morreu passados dois dias, após semanas a pairar algures sobre um lugar distante, estranho e agreste, enquanto aqueles que o amavam tentavam perceber se seriam os pulmões ou o coração a sucumbir primeiro. A notícia espalhou-se pela montanha, o sino dobrou a finados trinta e quatro vezes, para que toda a gente das redondezas soubesse quem tinha partido. Após o dia de trabalho, os homens da vizinhança reuniram-se em casa dos Bligh, levando consigo roupas boas, para o caso de Kathleen não as ter, prontos para prepararem, lavarem e vestirem o cadáver, como mandava a tradição local, enquanto outros começaram a construir o caixão, que seria forrado com seda e algodão.

A notícia chegou à Biblioteca a Cavalo no dia seguinte. Margery e Alice, por acordo tácito, distribuíram as suas rotas entre Beth e Izzy o melhor que puderam e partiram juntas para casa dos Bligh. Soprava um vento forte, que as montanhas tornavam ainda mais agreste, obrigando Alice a cavalgar todo o caminho com o queixo enfiado na gola. Enquanto ia pensando no que havia de dizer ao chegar à pequena casa, só desejava poder ter um cartão de condolências apropriado ou talvez mesmo um ramo de flores para oferecer.

Em Inglaterra, uma casa enlutada era um lugar de silêncio, de conversas sussurradas, coberto de um manto de tristeza, ou de desconforto,

dependendo de o falecido ser um ente querido ou apenas alguém conhecido. Alice, que tinha tendência para dizer as coisas erradas, achava opressivas estas ocasiões silenciosas, uma armadilha na qual acabaria certamente por cair.

No entanto, quando chegaram ao cimo de Hellmouth Ridge, havia poucos indícios de silêncio: passaram por vários carros e carroças ao fundo da ladeira, abandonados na berma, onde o trilho se tornava intransitável, e, quando chegaram à casa, viram estranhas cabeças de cavalos a espreitarem do estábulo, relinchando uns aos outros, e ouviram uma cantoria abafada vinda do interior da casa. Alice olhou para um pequeno talude com pinheiros, onde três homens, com pesados casacões e rostos arroxeados, formando pequenas nuvens esbranquiçadas ao respirarem, escavavam, com picaretas que emitiam sons estridentes quando batiam na rocha.

– Ela vai enterrá-lo aqui? – perguntou Alice a Margery.

– Vai. Toda a família dele está ali em cima. – Alice conseguia avistar a custo uma série de lápides de pedra, umas maiores, outras dolorosamente pequenas, que contavam a história da família Bligh, que vivia ali na montanha há já muitas gerações.

Lá dentro, a pequena casa estava quase a abarrotar. A cama de Garrett Bligh tinha sido empurrada para um dos lados e tapada com uma colcha, para as pessoas se sentarem. Não havia quase um centímetro que não estivesse ocupado por crianças, bandejas com comida ou matriarcas a cantarem, que, sem interromperem o cântico, acenaram a Alice e a Margery quando elas entraram. As janelas sem vidros, tal como Alice as recordava, tinham as persianas corridas, e havia velas e candeeiros de carboneto a iluminarem a escuridão, tornando difícil perceber-se se era dia ou noite. Um dos filhos dos Bligh estava sentado ao colo de uma mulher de queixo proeminente e olhos meigos, enquanto os outros se encostavam a Kathleen,

que cantava, de olhos fechados, sendo a única do grupo que parecia estar muito longe dali.

Tinham montado uma mesa sobre cavaletes, onde estava pousado um caixão de pinho, dentro do qual Alice conseguia descortinar o corpo de Garrett Bligh, com uma expressão tão serena, que, por momentos, ainda pensou se seria realmente ele. As faces encovadas tinham-se de certa forma suavizado e a testa estava agora mais lisa por baixo do cabelo escuro e macio. Só era possível ver-lhe o rosto, pois o resto do corpo tinha sido coberto com uma intrincada colcha de retalhos, sobre a qual haviam espalhado flores e ervas aromáticas que perfumavam o ar. Ela nunca tinha visto um cadáver, mas ali, na envoltória dos cânticos e de todo aquele calor humano, era, de certo modo, difícil sentir-se chocada ou desconfortável com a sua proximidade.

– Sinto muito a sua perda – disse Alice, pois era a única frase que tinha sido ensinada a dizer, mesmo que ali parecesse insignificante e inútil.

Kathleen abriu os olhos e, demorando um momento a assimilar as condolências, esboçou um leve sorriso. Os seus olhos estavam vermelhos e toldados pela exaustão.

– Ele era um bom homem e um bom pai – disse Margery, aproximando-se e dando-lhe um abraço apertado. Alice não sabia bem se alguma vez tinha visto Margery abraçar alguém.

– Já tinha sofrido muito – murmurou Kathleen, ao mesmo tempo que a criança que tinha nos braços a olhava, inexpressiva, com o polegar enfiado na boca. – Não podia pedir que ele ficasse mais tempo. E agora está com o Senhor.

O queixo descaído e os olhos tristes não conseguiam refletir a convicção das suas palavras.

– Conhecia o Garrett? – perguntou uma mulher mais velha, sentada na cama, com dois xailes de croché sobre os ombros. Bateu com a mão no

exíguo espaço livre a seu lado, pelo que Alice se sentiu obrigada a sentar-se ali, mesmo apertada.

– Oh, um pouco. Eu... eu sou só a bibliotecária.

A mulher olhou-a de sobrolho franzido.

– Só o conhecia das minhas visitas. – Disse-o como se pedisse desculpa, como se soubesse que, na realidade, não devia estar ali.

– É a senhora que costumava ler para ele?

– Sou.

– Ah, menina!... Isso era um consolo tão grande para o meu filho. – A mulher estendeu a mão e puxou Alice para si. Alice resistiu, mas acabou por ceder. – Kathleen contou-me muitas vezes como ele ansiava pelas suas visitas. Como esses momentos conseguiam fazê-lo esquecer tudo.

– O seu filho? Oh, meu Deus. Lamento tanto – disse Alice, com sinceridade. – Ele parecia ser de facto um homem simpatiquíssimo. Ele e a Kathleen gostavam muito um do outro.

– Eu estou-lhe muito grata, Miss...

– Mrs. Van Cleve.

– O meu Garrett era um belo rapaz. Ah, nem imagina como ele era antes. Tinha os ombros mais largos destas bandas e arredores, não tinha, Kathleen? Quando a Kathleen casou com ele, deixou uma centena de raparigas a chorar, daqui até Berea.

A jovem viúva sorriu ante tal memória.

– Eu costumava dizer-lhe que nem sabia como ele conseguia entrar naquela mina com um corpo daqueles. Claro que agora preferia que nunca tivesse conseguido entrar. No entanto... – a mulher mais velha engoliu em seco e ergueu o queixo –, não nos cabe a nós questionar os desígnios de Deus. Agora, está na companhia do pai dele e de Deus. E nós só temos de nos habituar a viver cá em baixo sem ele, não é, minha querida? – disse ela, estendendo a mão para a da nora e apertando-lha.

– Ámen – disse alguém em voz alta.

Alice julgou que viriam dar as condolências e que se iriam embora logo a seguir, mas a manhã fez-se tarde e a tarde rapidamente deu lugar ao crepúsculo, com a pequena casa a ficar cada vez mais repleta. Chegaram os mineiros, depois do seu turno, com as mulheres, que traziam tartes, carne de porco em salmoura e geleias de fruta, e, à medida que o tempo passava e a penumbra se instalava, mais pessoas se iam apinhando no interior da casa e ninguém se ia embora. À frente de Alice apareceu frango, seguido de uma espécie de biscoitos com molho, batatas fritas e mais frango. Serviram uísque e houve acessos de riso, de lágrimas e de cantoria. E, assim, o ar na pequena casa foi aquecendo e foi-se enchendo de aromas a licores doces e carne assada. Alguém pegou numa rabeca e tocou músicas escocesas, que fizeram Alice sentir saudades de casa. De vez em quando, Margery olhava para ela, como se quisesse verificar se ela estava bem, mas Alice, rodeada de gente que lhe dava palmadinhas nas costas e lhe agradecia os serviços prestados, como se ela fosse um soldado e não apenas uma inglesa que andava a distribuir livros, sentia-se estranhamente contente por estar ali sentada a interiorizar tudo aquilo.

Alice Van Cleve entregou-se, assim, aos estranhos ritmos daquele anoitecer. Encontrava-se sentada a escassos centímetros do cadáver, a saborear a comida, a bebericar a bebida, a entoar cânticos que mal conhecia, a apertar a mão a estranhos, que já não pareciam sê-lo. E, quando a noite caiu e Margery lhe sussurrou ao ouvido que tinham mesmo de se pôr a caminho, pois devia estar a formar-se uma forte geada, ficou surpreendida ao descobrir que se sentia como se fosse sair de sua casa e não a voltar para ela. E este pensamento era tão desconcertante, que afastou os demais, durante toda a lenta e fria descida da montanha, à luz da lanterna.

Muitos profissionais da medicina do sexo masculino reconhecem agora que numerosas doenças nervosas, e não só, estão, nas mulheres, associadas à falta de alívio fisiológico para necessidades sexuais naturais ou estimuladas.

Dra. Marie Stopes, *Married Love* (O Amor no Casamento)

Segundo as parteiras locais, havia uma razão para a maior parte dos bebês nascer no verão, que era não haver praticamente nada para fazer em Baileyville durante as longas noites de inverno. A sala de cinema costumava passar os filmes meses depois de terem estreado e de já terem passado noutros lados. E, mesmo quando chegavam, nunca se podia ter a certeza de se conseguir ver o filme até ao fim sem que uma bobina se emaranhasse e queimasse a imagem na tela, dado que Mr. Rand, o responsável pelo cinema, gostava tanto de beber, que adormecia inesperadamente, provocando o escárnio e a decepção entre os espectadores. O festival das colheitas e a matança do porco já tinham passado, e ainda faltava muito para o dia de Ação de Graças. O próximo mês seria, assim, demasiado longo, em que tudo o que se podia esperar era um céu cada vez mais negro, um cheiro crescente a lenha queimada a pairar no ar e um frio cada vez mais intenso.

No entanto, era evidente para quem quer que reparasse nestas coisas (e os habitantes de Baileyville eram peritos em reparar nas coisas) que neste outono havia um número desmesurado de homens que pareciam estranhamente animados. Iam a correr para casa logo que podiam e passavam os dias a assobiar, com os olhos irritados pela falta de sono, mas

sem o habitual mau feitio. Jim Forrester, que transportava madeira para o estaleiro dos Mathew, mal se via nos bares, onde normalmente passava os tempos livres. Sam Torrance e a mulher tinham começado a caminhar de mãos dadas e a sorrir um para o outro. E Michael Murphy, cujos lábios pareciam contrair-se num fino traço de insatisfação durante grande parte dos seus trinta e tal anos, tinha sido visto a cantar – mesmo a *cantar* – para a mulher, no alpendre.

Estes não eram, propriamente, acontecimentos de que os cidadãos mais velhos da vila se achassem no dever de reclamar, embora confidenciassem entre si, algo desconcertados, que por certo faziam aumentar a sensação de que as coisas estavam a mudar de um modo que eles não conseguiam entender.

As mulheres da Biblioteca a Cavalo não estavam assim tão perplexas. O pequeno livro azul (que tinha mostrado ser mais popular e mais útil do que qualquer bestseller e que precisava de reparação quase constante) era entregue e devolvido semana após semana, debaixo de pilhas de revistas, com sorrisos rápidos de agradecimento, acompanhados de murmúrios, tais como *O meu Joshua nunca sequer tinha ouvido falar de tal coisa, mas a verdade é que gosta!* e ainda *Esta primavera não nos vai trazer nenhum bebé. Nem lhe digo o alívio que é*. Um rubor de lua de mel, ou um brilho diferente no olhar, acompanhava muitas destas confidências. Apenas uma mulher o devolveu com um olhar frio e com a admoestação de que *nunca antes tinha visto a obra do diabo impressa*. Mas, mesmo nesse caso, Sophia reparara que algumas páginas haviam sido cuidadosamente dobradas, para marcarem *conteúdos especiais*.

Margery devolvia o pequeno livro ao seu lugar, no baú de madeira onde guardavam os materiais de limpeza, o linimento para as bolhas e as correias de estribo de reserva. Mas, um ou dois dias depois, a notícia já teria sido passada para outra casa remota e o pedido acabava por ser feito, de maneira

algo hesitante, a outra bibliotecária: *Hum... antes de se ir embora... a minha prima de Chalk Hollow diz que vocês têm um livro que fala de assuntos... um pouco delicados...* – E o livro voltava novamente a seguir viagem.

– O que estão vocês a fazer, meninas?

Izzy e Beth, que estavam ao canto da sala, deram um salto para trás quando Margery entrou na biblioteca, a sacudir a lama das solas das botas de uma forma que, mais tarde, deixaria Sophia irritada. Beth parecia perdida de riso, e o rosto de Izzy estava enrubescido. Alice, sentada à secretária, dava entrada dos seus livros no livro de registo, fingindo ignorá-las.

– Estão por acaso a ver aquilo que eu penso que estão a ver?

Beth levantou o livro.

– Isto é verdade? Que as fêmeas de certas espécies podem realmente morrer se lhes for negada a união sexual? – Beth estava boquiaberta. – É que eu não ando pendurada em homem nenhum e não me parece que esteja a desfalecer, pois não?

– Mas de que é que se morre? – perguntou Izzy, horrorizada.

– Talvez o teu buraco se feche e deixes de conseguir respirar devidamente. Como um daqueles golfinhos.

– Beth! – reclamou Izzy.

– Se é por aí que respiras, Beth Pinker, então, não é com a falta de relações sexuais que nos devemos preocupar – disse Margery. – Mas, seja como for, vocês duas não deviam estar a ler isso. Nem sequer são casadas.

– Tu também não e já o leste duas vezes.

Margery fez uma careta. A rapariga tinha razão.

– Credo! O que é o «natural culminar das funções sexuais de uma mulher»? – Beth desatou novamente às gargalhadas. – Ai, caramba, olhem-me só para isto... Diz aqui que as mulheres que não alcançarem prazer

podem ter um verdadeiro *colapso nervoso*. Acreditam nisto? Mas, se conseguirem sentir prazer, «todos os seus órgãos são influenciados e estimulados a desempenhar a sua função, enquanto os seus espíritos, depois de pairarem nas alturas vertiginosas do êxtase, flutuam até ao oblívio».

– Isso quer dizer que os meus órgãos têm de flutuar? – perguntou Izzy.

– Beth Pinker, será que te podes calar por cinco minutos? – disse Alice, batendo com o livro na secretária. – Há aqui quem esteja realmente a tentar trabalhar.

Seguiu-se um breve silêncio. As mulheres trocaram olhares dissimulados.

– Estou só a brincar.

– Bem... Há quem não queira ouvir as tuas brincadeiras de mau gosto. Podes parar com isso? Não tem piada nenhuma.

Beth olhou para Alice de sobrolho franzido, ao mesmo tempo que puxava distraidamente um fio das calças.

– Peço imensa desculpa, Miss Alice. Lamento ter-lhe causado tanto transtorno – disse ela em tom solene, com um sorriso malicioso no rosto. – Por acaso, não estás... não estás a ter nenhum *colapso nervoso*, pois não?

Margery, que tinha reflexos rápidos, conseguiu meter-se de permeio antes que o punho de Alice atingisse Beth. E, erguendo as mãos, empurrou cada uma para seu lado e fez sinal a Beth para sair dali.

– Beth, porque não vais ver se os cavalos têm água fresca? Izzy, volta a meter o livro no baú e pega na vassoura para limpar esta sujeira. A Miss Sophia regressa da tia amanhã, e já sabes o que ela vai dizer de tudo isto.

A seguir, olhou para Alice, que estava novamente sentada a ler o livro de registos com extrema concentração, numa postura que servia de aviso para que não fosse dita nem mais uma palavra. Alice permaneceria ali até bem depois de as outras se terem ido embora, como fazia todas as noites. E Margery sabia que ela não estava a ler absolutamente nada.

Alice esperou até Margery e as outras terem saído, e só então levantou a cabeça para murmurar um adeus. Sabia que falaria dela quando se fossem embora, mas não se importava. Bennett não sentiria a sua falta: estaria com os amigos. Mr. Van Cleve ficaria até tarde na mina, como acontecia a maior parte das noites, e Annie estaria a reclamar por três jantares terem acabado por ficar secos e murchos no fundo do fogão.

Apesar da companhia das outras mulheres, Alice sentia-se tão só, que lhe apetecia chorar. Passava a maior parte do tempo sozinha nas montanhas e havia dias em que conversava mais com a égua do que com um ser humano. Aquela vastidão, que em tempos lhe dera uma agradável sensação de liberdade, parecia agora acentuar apenas o sentimento de solidão. Puxava a gola para cima para se proteger do frio, calçava as luvas e, com tantos quilómetros de trilhos pedregosos pela frente, tinha apenas uma dor nos músculos para a distrair. Por vezes, parecia-lhe que o rosto se tinha transformado em pedra, exceto quando finalmente parava para distribuir os livros. Quando as filhas de Jim Horner corriam para si, não conseguia deixar de as envolver num abraço apertado, soltando um soluço silencioso e involuntário. Nunca se considerara uma pessoa com necessidade de contacto físico, mas, noite após noite, a metros de distância do corpo adormecido de Bennett, sentia-se como se estivesse lentamente a transformar-se em mármore.

– Ainda por aqui, hem?

Alice deu um salto.

Era Fred Guisler a meter a cabeça na porta.

– Vim só trazer uma cafeteira de café nova. A Marge disse que a antiga anda a verter.

Alice limpou os olhos e ofereceu-lhe um sorriso radiante.

– Ah, está bem. Faça favor de entrar.

Ele hesitou na soleira da porta.

– Estou a... atrapalhar alguma coisa?

– De modo nenhum! – disse ela, com uma voz forçada, demasiado animada.

– Não demoro nem um minuto. – Guisler dirigiu-se para o aparador a fim de substituir a cafeteira de metal e verificar se a lata ainda tinha café. Todas as semanas lhes trazia café, sem sequer dizer nada, mas também lenha, para que a lareira estivesse sempre acesa e elas se pudessem aquecer entre as rondas. *O Frederick Guisler*, dizia Beth todas as manhãs, estalando os lábios com a primeira caneca de café, *é um verdadeiro santo*.

– Também lhes trouxe maçãs. Achei que podiam levar duas, cada uma, para o trabalho. Agora, com os dias mais frios, vocês devem ficar com mais fome. – Tirou um saco de debaixo do sobretudo e pôs-o no aparador. Ainda usava a roupa de trabalho, e as solas das botas estavam cheias de lama. Por vezes, quando chegava, Alice ouvia-o lá fora a dizer *ei!* aos cavalos mais jovens e um *Vamos lá, meninos espertos, vocês conseguem fazer melhor do que isso*, como se eles fossem tão seus amigos como as mulheres que estavam na biblioteca. Ou, então, via-o parado, de braços cruzados, ao lado de algum extravagante proprietário de cavalos de Lexington, de lábios contraídos, enquanto discutiam as qualidades do cavalo e o preço. – São *Rome Beauty*, uma variedade que demora um pouco mais do que as outras a apodrecer. – Meteu as mãos nos bolsos. – Eu gosto sempre de... ter algo a que me agarrar.

– É muito simpático da sua parte.

– Isto não é nada. Vocês trabalham muito... e nem sempre recebem os créditos que merecem.

Alice achou que ele se iria embora nesse momento, mas ele hesitava em frente à secretária, a morder o lábio. Ela baixou o livro e aguardou.

– Alice? Sente-se... bem? – Disse as palavras como se esta fosse uma pergunta que ele já tivesse repetido vezes sem conta na sua cabeça. – É

que... bem, espero que não se importe que eu lhe diga isto, mas a Alice... parece... bem, parece muito menos feliz do que antes. Quero dizer, do que quando aqui chegou.

Ela sentiu as faces a ruborizarem. Queria dizer-lhe *Estou ótima*, mas os lábios tinham secado e acabou por não dizer nada.

Guisler perscrutou-lhe o rosto por um momento; depois, foi lentamente até à estante que ficava à esquerda da porta da frente, passou os olhos pelos livros e deixou escapar um aceno de satisfação quando encontrou o que procurava. Tirou um livro da prateleira e trouxe-lho.

– Ela é um bocadinho inadaptada, mas eu gosto do fogo que põe nas palavras. Quando me fui abaixo, há uns anos, as palavras dela foram mesmo... uma grande ajuda. – Pegou numa folha de papel, apontou a página que tinha procurado e entregou-lha. – Bem, a Alice até pode não gostar. A poesia é uma coisa muito pessoal. Só achei que... – Deu um pontapé numa tacha que estava no chão e, por fim, olhou para ela. – Em todo o caso, vou deixá-la sossegada. – E, como se compelido, acrescentou: – Mrs. Van Cleve.

Alice não sabia o que dizer. Ele dirigiu-se para a porta e ergueu a mão numa despedida constrangida. A roupa dele cheirava a fumo de lenha.

– Mr. Guisler?... Fred?

– Sim?

Ela estava paralisada, consumida por uma súbita necessidade de desabafar com outro ser humano. Contar-lhe que havia noites em que parecia que se lhe abria um buraco no lugar do coração, que nada do que vivera até ao momento a tinha feito sentir-se tão oprimida, tão perdida, como se tivesse cometido um erro do qual não havia retorno. Queria contar-lhe como temia os dias em que não trabalhava, como quem teme uma febre, porque, tirando as montanhas, os cavalos e os livros, era como se não tivesse absolutamente nada.

– Obrigada – disse, engolindo em seco. – Quero dizer, pelas maçãs.

A resposta dele chegou com meio segundo de atraso.

– É um prazer.

A porta fechou-se silenciosamente, e ela ficou a ouvir os seus passos a percorrerem o trilho em direção a casa. Percebeu que ele parou a meio caminho e deu por si completamente estática, à espera de algo que não sabia bem o que era; depois, os passos continuaram e acabaram por deixar de se ouvir.

Alice baixou os olhos para o pequeno livro de poesia e abriu-o.

Portadora de Estrelas, de Amy Lowell

Mantém a tua alma aberta para me acolher.

Deixa que a quietude do teu espírito inunde meu ser

Com sua frescura límpida e ondulada,

Que, exausta e sem forças, eu descanse enfim

Na tua paz, como se deitada em leito de marfim.

Ela ficou a olhar para as palavras, com o coração a latejar nos ouvidos e um formigueiro na pele, enquanto elas se realinhavam e ganhavam forma na sua imaginação. De repente, lembrou-se da voz de espanto de Beth: *É verdade que as fêmeas de certas espécies podem realmente morrer se lhes for negada a união sexual?*

Alice continuou sentada, a olhar para a página à sua frente. Não soube ao certo por quanto tempo assim ficou. Pensou em Garrett Bligh e na sua mão procurando às cegas a mão da mulher, no modo como eles olhavam um para o outro em mútua compreensão, mesmo nos dias derradeiros. Por fim, levantou-se, foi até ao baú de madeira e, olhando para trás, como se mesmo àquela hora alguém pudesse ver o que estava a fazer, vasculhou lá dentro

até retirar o pequeno livro azul. Depois, sentou-se à secretária, abriu-o e começou a ler.

Eram quase 21h45 quando Alice regressou a casa. O *Ford* estava cá fora, e Mr. Van Cleve, no quarto, abria e fechava as gavetas com tanta força, que ela conseguia ouvi-lo do hall de entrada. Alice fechou a porta e subiu a escada em silêncio, com a mente a fervilhar e os dedos a tamborilarem ao de leve no corrimão. Entrou na casa de banho, trancou a porta, deixou cair a roupa aos pés e usou uma luva de banho para limpar a sujidade de um dia inteiro, até deixar a pele novamente macia e perfumada. Depois, voltou para o quarto e retirou a camisa de noite de seda do baú do enxoval. O tecido cor de pêssego deslizou-lhe suave e fluido sobre a pele.

Bennett não estava na cama do quarto de vestir. Alice conseguia ver-lhe apenas os ombros largos, na cama deles, virado para o lado esquerdo, de costas para ela, como acontecia frequentemente. Tinha perdido o tom bronzeado do verão e a pele parecia pálida na meia-luz reinante, com um leve movimento no contorno dos músculos quando se mexia. Bennett, pensou ela. Bennett, que uma vez lhe tinha beijado a parte interior do pulso e lhe tinha dito que ela era a coisa mais bonita que ele alguma vez vira. Ele, que, em sussurros, lhe prometera um mundo. Ele, que lhe dissera que adorava cada pedacinho do seu corpo. Alice levantou a colcha e enfiou-se no calor da cama, quase sem ruído.

Bennett não se mexeu, mas a sua respiração serena e prolongada era sinal de que estava a dormir profundamente.

*Deixa que o fogo da tua alma se acenda em mim
E que em meu corpo se insinue o fulgor das chamas...*

Ela aproximou-se tanto, que conseguia sentir a própria respiração nas costas quentes de Bennett. Inspirou aquele odor a sabão misturado com algo primitivo, que nem os esforços guerreiros de limpeza dele conseguiam eliminar. Estendeu a mão, hesitando apenas um segundo, e em seguida colocou o braço sobre o corpo dele, encontrando-lhe os dedos e entrelaçando-os nos seus. Ficou à espera e, depois, quando sentiu a mão dele a envolver a sua, pousou o rosto nas costas dele e fechou os olhos para poder sentir melhor o ritmo da sua respiração.

– Desculpa, Bennett – sussurrou-lhe, embora não tivesse bem a certeza da razão por que se desculpava.

Ele soltou-lhe a mão; por um segundo, o coração dela paralisou, mas ele virou-se e ficou de frente para ela, com os olhos agora bem abertos e visíveis. Olhava para os enormes poços de tristeza que eram os seus olhos, implorando pelo amor dele, e talvez naquele momento houvesse algo na expressão dela que nenhum homem não pudesse recusar, pois, com um suspiro, ele envolveu-a com um braço, deixando que ela se aninhasse contra o seu peito. Alice colocou os dedos ao de leve na clavícula dele, já com a respiração um pouco ofegante e a mente a fervilhar de desejo e de alívio.

– Eu quero fazer-te feliz – murmurou-lhe ela tão baixinho, que nem sabia bem se ele a ouviria. – Quero mesmo.

Alice levantou os olhos. Os de Bennett procuraram os seus e, depois, ele baixou a boca para a sua e beijou-a. Alice fechou os olhos e entregou-se ao marido, sentindo o profundo alívio de algo que estava tão apertado no seu peito, que mal a deixava respirar. Ele beijou-a e acariciou-lhe o cabelo com a sua mão colossal, e ela só queria que aquele momento durasse para sempre, como no passado. Bennett e Alice, o início de uma história de amor.

O vigor e o prazer das línguas de fogo,

*E que, quando de ti sair, plena e harmoniosamente,
Eu seja capaz de despertar este mundo de olhar indiferente
E nele verter...*

Ela sentiu o desejo apoderar-se rapidamente do seu corpo, com o rastilho aceso pela poesia e pelas palavras do pequeno livro azul, com que ela estava pouco familiarizada e que evocavam imagens que a sua imaginação ansiava por tornar carnis. Entregou-se, de lábios rendidos aos dele, deixando a respiração acelerar e sentindo uma descarga elétrica quando ele soltou um gemido rouco de prazer. Sentia agora o peso dele em cima dela, aquelas pernas musculadas entre as suas. Ela mexia-se contra ele, já incapaz de pensar, sentindo o corpo todo a faiscar com novas terminações nervosas. *Agora*, pensou ela – e até esse pensamento se esvaneceu no prazer premente.

Agora. Finalmente. Sim.

– O que estás a fazer?

Alice ainda levou uns segundos a perceber o que Bennett estava a dizer.

– O que estás tu a fazer?

Ela retirou a mão. E baixou os olhos.

– Eu... eu estava só a tocar-te...

– *Aí?*

– Eu... pensei que ias gostar.

Ele afastou-se, puxando a coberta para cima das virilhas, deixando Alice destapada. Uma qualquer parte dela ainda ardia de desejo e tornava-a audaz. Baixou a voz e pôs-lhe a mão no rosto.

– Hoje, à tarde, li um livro, Bennett. Sobre como pode ser o amor entre um homem e a sua mulher. Foi escrito por um nome famoso na medicina e diz que devemos sentir-nos à vontade para darmos prazer um ao outro em todo o tipo de...

– Estiveste a ler o *quê*? – Bennett sentou-se. – O que se passa contigo?

– Era sobre pessoas casadas, Bennett. Foi escrito para ajudar os casais a darem bem-estar um ao outro na cama e... bem, aparentemente, os homens gostam muito de ser tocados...

– Para! Porque não podes simplesmente... ser uma senhora?

– O que queres dizer com isso?

– Estes *toques* e estes livros *obscenos*. Que diabo se passa contigo, Alice? Tu... tu estás a tornar isto *impossível*!

Alice deu um salto para trás.

– *Eu* é que estou a tornar isto impossível? Bennett, não se passou nada durante quase um ano! Nada! E nos nossos votos prometemos amar-nos um ao outro com os nossos corpos, e de todas as maneiras! Foram os votos que fizemos perante Deus! Este livro diz que é perfeitamente normal que o marido e a mulher se toquem onde mais gostarem! Nós somos *casados*! É o que o livro diz!

– Cala-te!

Ela sentiu os olhos a encherem-se de lágrimas.

– Porque estás a reagir assim, quando eu estou só a tentar fazer-te feliz? Eu só quero que tu me ames! Sou a tua mulher!

– Para de falar! Porque é que tens de falar como uma prostituta?

– Como é que tu sabes como falam as prostitutas?

– *Cala-te, só isso!*

Ele empurrou com violência o candeeiro da mesa de cabeceira, que se estilhaçou no chão.

– Cala-te! Estás a ouvir, Alice? Será que alguma vez vais parar de *falar*?

Alice estava paralisada. Entretanto, no quarto ao lado, ouviram Mr. Van Cleve levantar-se da cama a resmungar, com as molas do colchão a chiarem em protesto; Alice enterrou o rosto entre as mãos, preparando-se para o que

iria inevitavelmente acontecer. Como não podia deixar de ser, passados alguns segundos soaram pancadas fortes na porta do quarto.

– O que se passa aí, Bennett? Bennett? Que barulho é esse? Partiste alguma coisa?

– Vá-se embora, pai! Está bem? Deixe-me em paz!

Alice olhava para o marido, em estado de choque. Esperou pelo som do rastilho temperamental de Mr. Van Cleve a acender-se de novo, mas, talvez tão surpreendido quanto ela ante a resposta inusitada do filho, só o silêncio se ouviu. Mr. Van Cleve ficou mais um momento junto à porta, tossiu duas vezes, e depois ouviram-no voltar para o quarto a arrastar os pés.

Desta vez foi Alice que se levantou. Saiu da cama, apanhou os pedaços do candeeiro, para não os pisar com os pés descalços, e colocou-os com cuidado sobre a mesa de cabeceira. Em seguida, sem olhar para o marido, endireitou a camisa de noite, vestiu o casaco de dormir e foi para o quarto de vestir. Quando se deitou, o rosto voltou a transformar-se em pedra. Tapou-se com um cobertor e ficou à espera do amanhecer – ou que o silêncio do quarto ao lado deixasse de lhe oprimir o peito como um peso morto. O que chegasse primeiro, se é que algum se dignaria a chegar.

Uma das mais famosas rixas das montanhas do Kentucky começou... em Hindman, em consequência do assassinato de Linvin Higgins. Dolph Drawn, subxerife do condado de Knott, organizou um grupo armado e partiu para o condado de Letcher com mandados de captura em nome de William Wright e de outros dois homens acusados do homicídio... Na luta que se seguiu, ficaram feridos vários homens e o cavalo do xerife foi morto... (Mais tarde, o «Diabólico» John Wright, líder da facção Wright, acabou por pagar o valor do animal, pois «lamentava a morte de um belo cavalo»).

A rixa durou vários anos e foi responsável pela morte de 150 homens.

WPA, Guide to Kentucky (Guia do Kentucky)

O inverno tinha chegado em força à montanha, e Margery, em plena escuridão, enroscava-se no corpo de Sven e passava-lhe uma perna por cima para se aquecer ainda mais. Sabia que lá fora haveria mais de dez centímetros de gelo para desfazer, na superfície do poço, e um monte de animais impacientes à espera de serem alimentados, dois factos que tornavam, todas as manhãs, aqueles últimos cinco minutos debaixo de uma imensa pilha de cobertores ainda mais deliciosos.

– É assim que vais tentar convencer-me a fazer o café? – murmurou Sven, ensonado, baixando os lábios até à testa dela e mudando de posição, só para lhe mostrar que também ele estava muito bem ali.

– Só estou a dar-te os bons-dias – disse ela, soltando um suspiro longo e satisfeito. A pele dele cheirava tão bem! Às vezes, quando Sven não estava,

Margery dormia enroscada na sua camisa, só para o sentir por perto. Ela passou-lhe um dedo indagativo pelo peito, numa pergunta a que ele respondeu em silêncio. Os minutos arrastaram-se, prazerosos, até ele voltar a falar:

– Que horas são, Marge?

– Hum... um quarto para as cinco.

Ele soltou um gemido.

– Dás-te conta de que, se estivesses a viver comigo, nos podíamos levantar meia hora mais tarde?

– E seria igualmente difícil. Além disso, nos dias que correm, ia ser tão provável o Van Cleve deixar-me chegar perto da mina como convidar-me para tomar chá em casa dele.

Sven tinha de admitir que Margery estava certa. A última vez que ela fora ter com ele (para lhe levar a lancheira de que ele se tinha esquecido), Bob, o porteiro da Hoffman, informara-a desolado de que tinha ordens específicas para não a deixar entrar. Claro que Van Cleve não tinha provas de que Margery O'Hare tivesse alguma coisa que ver com as cartas sobre a paralisação da escavação de novas minas em North Ridge, mas havia poucas pessoas que possuíssem quer os recursos quer a coragem para poderem estar por detrás disso. E o que ela havia dito em público sobre os mineiros negros tinha-o manifestamente afetado.

– Então, imagino que o Natal vá ser aqui – disse ele.

– Com a família toda, como sempre. Uma casa cheia – disse ela, com os lábios a escassos centímetros dos dele. – Eu e tu, e... hum... ali o Bluey. Para baixo, Bluey! – O cão, achando que o seu nome era sinal de que a sua primeira refeição estava iminente, tinha-se atirado para cima da cama e desatado a andar por cima da colcha, com as patas ossudas a esgaravatarem por entre os corpos entrelaçados e a lambe-lhes a cara. – Ai! Credo, cão! Pronto, já chega. Está bem. Vou fazer o café.

Margery sentou-se na cama e enxotou o cão. Esfregou os olhos para espantar o sono e afastou, desolada, a mão que deslizara até lhe ficar pousada sobre o ventre.

– Com que então estás a salvar-me de mim mesmo, Bluey? – perguntou Sven, fazendo com que o cão rebolesse entre eles, de língua de fora, à espera que lhe acariciassem a barriga. – Vocês os dois, hem?

Ela riu-se ao ouvi-lo brincar com o cão, aquele doidivanas, e continuou a sorrir até chegar à cozinha, onde se baixou, a tremer de frio, para acender o fogão.

– Então, diz-me lá uma coisa... – disse Sven, enquanto comiam os ovos, com as botas entrelaçadas debaixo da mesa. – Nós passamos quase todas as noites juntos, comemos juntos, dormimos juntos... Eu sei como tu gostas dos ovos, qual a intensidade certa do teu café e que detestas natas. Sei a que temperatura gostas de tomar banho, como escovas o cabelo quarenta vezes, que o prendes atrás e não voltas a olhar para ele durante o resto do dia. Caramba... Sei o nome de todos os teus animais, até daquela galinha com o bico partido, a Minnie.

– Winnie.

– Pronto. De quase todos os teus animais. Então, qual é a diferença entre vivermos assim e fazermos exatamente o mesmo, mas pondo-te uma aliança no dedo?

Margery bebeu um gole de café.

– Disseste que não íamos voltar a isto. – Ela tentou esboçar um sorriso, mas deixando-lhe, ao mesmo tempo, um aviso.

– Não vou fazer perguntas, prometo. Estou só curioso, porque não me parece que seja assim tão diferente.

Margery pousou a faca e o garfo no prato.

– Mas há uma diferença: é que eu agora posso fazer o que bem me apetece e ninguém pode fazer nada quanto a isso.

– Já te disse que nada iria mudar. Tinha esperança de que, ao fim de dez anos, soubesses que sou um homem de palavra.

– E sei. Mas não se trata apenas de liberdade para fazer as coisas sem ter de pedir autorização, mas de liberdade dentro da minha cabeça. Saber que não tenho de dar satisfações a ninguém. Que posso ir aonde quiser. Fazer o que quiser. Dizer o que quiser. Eu amo-te, Sven, mas amo-te como mulher livre. – E, inclinando-se para a frente, pegou-lhe na mão. – Não achas que estar aqui só porque quero estar... e não porque uma aliança diz que tenho de estar... torna esse amor ainda maior?

– Eu compreendo o teu raciocínio.

– E então?

– Penso que... – Sven afastou o prato. – Acho que só estou... com medo.

– De quê?

Ele suspirou e pôs a mão dela sobre a dele.

– De que um dia me mandes embora.

Como poderia ela convencê-lo de que não podia estar mais errado? Como poderia explicar-lhe que ele era, em todos os sentidos, o melhor homem que ela já conhecera e que cada dia, dos poucos meses que tinha passado longe dele, lhe tinha parecido o mais agreste dos invernos? Como poderia dizer-lhe que, mesmo agora, passados dez anos, bastava que ele lhe passasse a mão pela cintura para lhe provocar uma faísca e um calafrio?

Ela levantou-se da mesa e, passando-lhe os braços à volta do pescoço, sentou-se ao seu colo, encostando o rosto ao dele e sussurrando-lhe ao ouvido:

– *Nunca, jamais* te mandarei embora. Não existe qualquer possibilidade de isso acontecer, Mr. Gustavsson. Vou estar ao teu lado, dia e noite,

enquanto me conseguires suportar. E tu sabes que eu nunca falo só por falar.

Sven chegou atrasado ao trabalho, claro. E passou o dia a tentar sentir-se mal por isso.

Uma coroa de azevinho, uma boneca de palha de milho, um frasco de compota de fruta ou uma pulseira de pedras polidas: com a aproximação do Natal, todos os dias as raparigas traziam pequenos presentes de agradecimento das famílias que visitavam. Iam reunindo tudo na biblioteca, e todas concordavam que deviam dar alguma coisa a Fred Guisler pelo seu apoio nos últimos seis meses, embora também estivessem de acordo que as pulseiras e as bonecas não eram o mais adequado. Margery suspeitava que só um presente o faria feliz, mas era algo que, muito provavelmente, ele não incluiria na sua lista de Natal.

A vida de Alice parecia girar em torno da biblioteca. Extremamente eficiente, tinha memorizado todas as rotas desde Baileyville até Jeffersonville, e não recusava nenhuma das deslocações extra que Margery lhe ia propondo. De manhã, era a primeira a chegar, caminhando a passos largos pela estrada escura e coberta de gelo, e à noite era a última a sair, ficando a coser livros com toda a determinação, que Sophia, no entanto, acabava por ter de descoser e recoser, depois de ela se ir embora. Estava fisicamente diferente, notando-se-lhe agora os músculos nos braços e a pele curtida pelos longos dias de exposição aos elementos. O rosto tinha-se-lhe tornado tão sério, que o seu belo sorriso raramente o iluminava, surgindo apenas quando era necessário, embora fosse raro um sorriso de orelha a orelha.

– Nunca vi nada tão triste como aquela rapariga – comentou Sophia, quando Alice veio trazer a sela e voltou a sair para a noite de breu, para ir escovar a Spirit. – Passa-se alguma coisa de errado naquela casa. – E

abanou a cabeça, ao mesmo tempo que lambia a linha para voltar a enfiar a agulha.

– Eu pensava que o Bennett Van Cleve era o melhor partido de Baileyville – disse Izzy. – Mas, no outro dia, observei-os a saírem da igreja, e ele age como se ela tivesse peçonha. Nem sequer lhe deu o braço.

– É um porco – disse Beth. – E o raio da Peggy Foreman anda sempre a passar por ele com as amiguinhas, toda chique, a ver se lhe atrai a atenção.

– Chiu – disse Margery calmamente. – Não há necessidade de se porem com mexericos. A Alice é nossa amiga.

– Só estou a falar por bem – protestou Izzy.

– Mas não deixa de ser um mexerico – replicou Margery, olhando para Fred, que estava concentrado a fazer os mapas das três novas rotas que tinham tido início nessa semana. Ele ficava muitas vezes até tarde, até bem depois de ter tratado dos cavalos, arranjando desculpas para ir lá dentro, como, por exemplo, reparar coisas que, na realidade, não precisavam de reparação, empilhar lenha para a salamandra ou tapar as correntes de ar com trapos. Não era preciso ser um génio para perceber porquê.

– Como está, Kathleen?

Kathleen Bligh limpou a testa e tentou esboçar um sorriso.

– Oh, já sabe, vou andando.

O silêncio deixado pela ausência de Garrett Bligh era particularmente pesado. Sobre a mesa permanecia uma série de tigelas e de cestos cheios de alimentos oferecidos pelos vizinhos, e ainda se viam alguns cartões de condolências sobre a cornija da lareira. Nas traseiras da casa, duas galinhas sacudiam as penas em cima de uma grande pilha de lenha que tinha aparecido inesperadamente, da noite para o dia. Mais acima, na ladeira, a recém-esculpida lápide destacava-se das restantes pela cor ainda branca. As gentes da montanha sabiam cuidar dos seus, independentemente do que

dissessem delas. Portanto, a casa estava quente e havia comida feita, mas lá dentro parecia estar tudo estagnado, com grãos de poeira a flutuarem no ar impassível, as crianças imóveis na cama de lona, de braços estendidos umas sobre as outras, a dormirem a sesta, como se todo aquele cenário doméstico estivesse suspenso no tempo.

– Trouxe-lhe algumas revistas. Sei que não teve disposição para ler as últimas, mas achei que talvez uns contos... Ou alguma coisa para as crianças...?

– A Alice é muito simpática – disse-lhe Kathleen.

Alice olhou-a de soslaio. Não sabia o que fazer ante a dimensão da perda daquela mulher, que lhe estava estampada no rosto, nos olhos tristes e nas novas rugas em redor dos lábios, e que era visível até no esforço que parecia fazer no simples gesto de passar a mão pela testa. Tinha um ar de quase insuportável exaustão, de quem quer apenas deitar-se e dormir durante um milhão de anos.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou Kathleen, de repente, como se caindo em si. Olhou para trás. – Acho que tenho ali café. E ainda deve estar quente. Tenho a certeza de que fiz café esta manhã.

– Estou bem, obrigada.

Ficaram as duas sentadas na pequena sala, e Kathleen aconchegou o xaile. Lá fora, a montanha estava em silêncio, as árvores despidas e o céu pairava cinzento sobre os ramos descarnados. Um corvo solitário quebrou a quietude com o seu grito irritante e desagradável, que se elevou montanha acima. A Spirit, atada ao pilar da vedação, batia com a pata no chão, com o vapor a sair-lhe pelas narinas.

Alice retirou os livros do alforje.

– Sei que o Pete adora histórias de coelhos, e esta acabou de chegar diretamente da editora. E marquei aqui algumas passagens da Bíblia, que achei que lhe podiam dar um pouco de conforto, caso não quisesse

realmente ler nada mais longo. E também lhe trouxe alguma poesia. Já ouviu falar de George Herbert? Pode ser uma boa opção. Eu também... tenho lido um pouco de poesia, ultimamente.

Alice pousou cuidadosamente os livros sobre a mesa.

– Pode ficar com eles até ao Ano Novo.

Kathleen olhou momentaneamente para a pequena pilha de livros e passou um dedo pelo título do exemplar que estava por cima. Mas retirou-o logo em seguida.

– Miss Alice, talvez seja melhor levá-los de volta – disse, afastando o cabelo da cara. – É melhor não os desperdiçar. Eu sei como as pessoas estão ansiosas por ler. E para algumas delas é uma espera muito longa.

– Não há problema.

O sorriso de Kathleen vacilou.

– Na realidade, nem me parece que valha a pena perder o seu tempo a vir até cá acima, neste momento. Para lhe dizer a verdade, eu mal consigo pensar, e as crianças... Bem, também não acredito que consiga ter tempo nem energia para lhes ler histórias.

– Não se preocupe. Há imensos livros e revistas a circular. E eu só vou deixar alguns livros ilustrados para as crianças. A Kathleen não precisa de fazer nada e eles podem...

– Eu não consigo... Parece que não consigo concentrar-me em nada. Não consigo fazer nada. Todos os dias me levanto, faço a lida doméstica, dou de comer às crianças e cuido dos animais, mas tudo me parece... – O sorriso desvaneceu-se, pousou a cabeça entre as mãos, soltou um suspiro trémulo e profundo, e assim ficou por um momento. Em seguida, os seus ombros começaram a abanar convulsivamente, em silêncio, e, no preciso momento em que Alice estava a pensar no que havia de dizer, um grito grave e entrecortado emergiu algures de dentro de Kathleen, cru e animalesco. Era o som mais doloroso que Alice alguma vez ouvira. O grito

elevou-se e afundou-se numa onda de dor que parecia vir de um lugar completamente destroçado.

– *Sinto a falta dele* – disse Kathleen, chorando e tapando a cara com as mãos com toda a força. – Sinto mesmo a falta dele. Sinto tanto a falta dele. Sinto a falta de lhe tocar e sinto a falta do toque dele e do cabelo dele, e sinto a falta da maneira como ele dizia o meu nome, e eu sei que ele já estava doente há muito tempo e que ultimamente já era uma sombra do que tinha sido... mas, oh, meu Deus, como é que eu hei de viver sem ele? Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, eu não consigo. Não consigo. Oh, Miss Alice, eu quero o meu Garrett de volta. Eu só quero que ele volte...

Para Alice, isto era duplamente chocante, pois, além de raiva, nunca tinha visto nenhuma das famílias da região exprimir emoções mais intensas do que uma leve reprovação ou satisfação. As pessoas da montanha eram estoicas, não eram dadas a inesperadas demonstrações de vulnerabilidade. O que, de certa forma, tornava aquela situação ainda mais insuportável. Alice inclinou-se e abraçou Kathleen, mas o corpo da jovem contorcia-se com ataques de choro tão violentos, que até o corpo de Alice era sacudido também. Envolveu-a nos braços, puxou-a para si e deixou-a chorar à vontade, estreitando-a de tal modo, que a tristeza que emanava de Kathleen quase se transformava numa coisa tangível e a dor que ela carregava, num peso que se instalava sobre ambas. Encostou a cabeça à dela, tentando aliviar um pouco a sua tristeza, dizer-lhe em silêncio que ainda havia beleza neste mundo, mesmo que houvesse dias em que era precisa toda a força e tenacidade do mundo para a encontrar. Por fim, como uma onda a desfazer-se na praia, o choro de Kathleen começou a soçobrar, transformando-se em fungadelas e soluços, até ela ficar a abanar a cabeça, envergonhada, e a limpar os olhos.

– *Peço desculpa, peço desculpa, peço imensa desculpa.*

– Não peça. Por favor, não peça desculpa – insistiu Alice, pegando-lhe nas mãos. – É maravilhoso que tenha amado alguém assim.

Nesse momento, Kathleen levantou a cabeça e os seus olhos vermelhos e inchados procuraram os de Alice. Depois, apertou-lhe as mãos. Ambas as tinham ásperas do trabalho, magras e fortes.

– Peço desculpa – disse ela novamente. Mas desta vez Alice percebeu que se referia a algo bem diferente. Alice sustentou-lhe o olhar até Kathleen lhe libertar finalmente as mãos e limpar as lágrimas com a palma da mão, enquanto olhava para as crianças que ainda dormiam.

– Meu Deus, é melhor ir andando – disse. – Ainda tem rotas para fazer. Só Deus sabe como o tempo está a piorar. E é melhor eu tratar de acordar aqueles meninos, senão vão-me fazer ficar metade da noite acordada.

– Kathleen? – disse Alice, sem se mexer.

– Sim?

Novamente aquele sorriso radiante e desesperado, vacilante, mas determinado, que parecia exigir-lhe o maior esforço do mundo.

Alice pegou nos livros e pousou-os no colo.

– Gostaria... gostaria que eu lhe lesse um pouco?

Todas as coisas têm a sua época, e há um tempo para todas as coisas que existem debaixo do céu: um tempo para nascer e um tempo para morrer; um tempo para plantar e um tempo para colher o que foi plantado; um tempo para matar e um tempo para curar; um tempo para destruir e um tempo para construir; um tempo para chorar e um tempo para rir; um tempo para lamentar e um tempo para dançar.

Duas mulheres sentadas numa casinha, na encosta de uma alta montanha, enquanto o céu ia lentamente escurecendo. Lá dentro, os

candeeiros lançavam estilhaços de luz dourada por entre as fendas das largas tábuas de carvalho. Uma lia, com voz suave e precisa, e a outra estava sentada, com os pés, só de meias, metidos debaixo da cadeira e a cabeça pousada na palma da mão, perdida em pensamentos. O tempo passava devagar, e nenhuma delas se preocupava. As crianças, quando acordaram, em vez de chorarem, ficaram sentadas e sossegadas a ouvir, embora não percebessem praticamente nada do que era dito. Uma hora depois, as duas mulheres estavam de pé junto à porta e, quase por impulso, deram um abraço apertado.

Trocaram desejos de feliz Natal e esboçaram um sorriso forçado, sabendo ambas que este ano o Natal seria uma ocasião que teriam simplesmente de suportar.

– Esperemos por melhores dias – disse Kathleen.

– Sim – disse Alice. – Esperemos por melhores dias.

E, com este pensamento, Alice enrolou o cachecol ao pescoço, tapando-se toda até cima, à exceção dos olhos, montou na pequena égua malhada e pôs-se a caminho, de regresso à vila.

Talvez fosse do tédio de estar fechado em casa depois de anos e anos a passar longos dias na companhia de outros mineiros, mas, todos os dias, William gostava que Sophia lhe contasse o que tinha acontecido na biblioteca. Sabia das cartas anónimas de Margery para as famílias de North Ridge, sabia que livros tinham sido pedidos e por quem, sabia da cada vez mais profunda paixoneta de Mr. Frederick por Miss Alice e de como ela própria parecia estar a tornar-se insensível, como um icebergue a avançar pela água dentro, enquanto o palerma do Bennett Van Cleve a ignorava e ia matando o amor que ela sentia por ele, transformando-o em gelo, centímetro a centímetro.

– Achas que ele é *daqueles*? – perguntou William. – Daqueles homens que gostam... de outros homens?

– Quem sabe? O que me parece é que aquele rapaz não ama nada além do seu próprio reflexo. Não me surpreenderia se ele se pusesse todos os dias em frente ao espelho e desatasse a beijar a sua imagem refletida em vez de beijar a mulher – retorquiu ela, desfrutando da rara imagem do irmão a contorcer-se de riso.

Mas, hoje, diabos a levassem se conseguia arranjar alguma coisa para lhe contar. Alice tinha-se sentado pesadamente na cadeira de verga, ao canto, e tinha deixado cair os ombros como se carregasse o peso do mundo.

O cansaço não deixa ninguém assim. Quando as raparigas estavam fisicamente cansadas, tiravam as botas e queixavam-se, lamentavam-se e esfregavam os olhos, riam-se umas das outras. Alice limitou-se a ficar sentada, imóvel como uma estátua, com os pensamentos muito longe da pequena biblioteca. Fred deu por isso. E Sophia percebeu que ele estava cheio de vontade de ir ter com ela para a reconfortar, mas, em vez disso, foi preparar-lhe uma caneca de café, que colocou à frente dela com tanta delicadeza, que ela ainda demorou uns segundos a perceber o que ele tinha feito. Era de partir o coração, ver a forma carinhosa como ele olhava para ela.

– Sentes-te bem? – perguntou-lhe Sophia quando Fred saiu para ir buscar mais lenha.

Alice ficou momentaneamente calada e depois limpou os olhos com as palmas das mãos.

– Estou bem, Sophia. Obrigada – Alice espreitou por cima do ombro para a porta. – Há muita gente que está bem pior do que eu, não é? – disse ela, como se fosse algo que repetisse a si mesma muitas vezes. Dizia-o como se estivesse a tentar convencer-se.

– Nem sempre é verdade – replicou Sophia.

Entretanto, chegou Margery. Entrou de repente, ao cair da noite, como um furacão, de olhar desorientado, com o casaco salpicado de neve e uma energia tão estranha e fragilizada, que até se esqueceu de fechar a porta. Sophia repreendeu-a, recordando-lhe que ainda estava a nevar lá fora e perguntando-lhe se por acaso tinha o rabo comprido.

– Alguém passou por aqui? – perguntou ela, tão pálida que parecia ter visto um fantasma.

– De quem estava à espera?

– De ninguém – disse ela imediatamente. Tremia, mas não era do frio.

Sophia pousou o livro que tinha em mãos.

– Está bem, Miss Margery? Não parece estar em si.

– Estou bem. Estou bem. – E foi espreitar à porta, como se estivesse à espera de alguma coisa.

Sophia viu-lhe o saco.

– Quer dar-me esses livros, para eu dar entrada?

Como Margery não respondesse e continuasse com os olhos pregados na porta, Sophia levantou-se e foi ela própria buscar os livros, colocando-os um a um em cima da secretária.

– *Mack Maguire e o Chefe Índio*? Não ia levar este para as irmãs Stone, lá em cima, em Arnott's Ridge?

A cabeça de Margery virou-se para trás.

– Como? Ah, sim. Vou... vou levá-lo amanhã.

– Não se conseguia passar?

– Não.

– Então, como é que vai chegar lá amanhã? Continua a nevar.

Margery pareceu ficar temporariamente sem saber o que dizer.

– Eu... eu cá me hei de arranjar.

– Onde está o *Mulherzinhas*? Também se registou a saída desse, lembra-se?

Ela estava mesmo a comportar-se de forma estranha. E depois, contou ela a William, chegou o Mr. Frederick e tudo ficou ainda mais estranho.

– Fred, tens alguma arma de reserva?

Ele pousou um cesto de lenha junto à salamandra.

– Arma? Para que queres a arma, Marge?

– Estava só a pensar que... que talvez fosse bom as raparigas aprenderem a disparar. Para poderem levar uma arma nas rotas mais remotas. Para o caso – pestanejou duas vezes – de aparecerem cobras.

– No inverno?

– Ou ursos.

– Estão a hibernar. Além disso, já ninguém vê um urso nestas montanhas há cinco ou dez anos. Tu sabes disso tão bem como eu, Marge.

Sophia estava incrédula.

– Achas que a Mrs. Brady vai deixar a filha andar com uma arma? A ideia é vocês transportarem livros, não armas, Marge. Achas que as famílias, que não confiam em vocês de maneira nenhuma, vão passar a confiar se lhes aparecerem em casa com uma caçadeira às costas?

Fred olhou para ela de sobrolho franzido, e tanto ele como Sophia entreolharam-se, confusos.

Margery pareceu despertar do estranho estado de pavor em que se encontrava.

– Vocês têm razão. Têm razão. Não sei onde tinha a cabeça. – E esboçou um sorriso pouco convincente.

Mas ali havia problema, disse Sophia a William, quando se sentaram à mesa para jantar. Daí a dois dias, depois de Margery regressar da sua rota e enquanto foi à casa de banho, no exterior da biblioteca, Sophia pegou no alforge para o esvaziar. Os dias estavam frios e difíceis, e ela gostava de ajudar as raparigas em tudo o que pudesse. Porém, quando retirou os últimos livros, quase deixou cair o saco de lona com o susto: no fundo, bem

embrulhado num lenço vermelho, viu a coronha em osso de um revólver Colt .45.

– O Bob disse-me que estavas aqui à minha espera. Fiquei a pensar porque terias cancelado o encontro de ontem comigo.

Sven Gustavsson saiu do portão da mina ainda com as calças de peitilho, mas com o grosso casaco de flanela por cima e as mãos enfiadas nos bolsos. Aproximou-se do macho e afagou-lhe o pescoço, deixando o Charley encostar o focinho macio aos seus bolsos, à procura de alguma guloseima.

– Tiveste uma proposta melhor, foi? – disse ele com um sorriso, pondo a mão na perna de Margery. Mas ela estremeceu.

Ele retirou a mão e o sorriso desvaneceu-se.

– Estás bem?

– Podes vir a minha casa quando terminares?

Ele perscrutou-lhe o rosto.

– Claro. Mas pensei que só nos veríamos na sexta-feira.

– Por favor!

Ela nunca pedia por favor.

Apesar da temperatura baixíssima, ele foi encontrá-la na escuridão da varanda, sentada na cadeira de baloiço, com a espingarda no colo e a luz do candeeiro de petróleo a tremeluzir-lhe no rosto. Estava hirta, de olhos postos no horizonte e queixo tenso. O Bluey, aos seus pés, olhava para ela de minuto a minuto, como se a ansiedade dela o tivesse contagiado, e de vez em quando tremia de frio.

– O que se passa, Marge?

– Acho que o Clem McCullough anda atrás de mim.

Sven aproximou-se. Havia um misto de distração e precaução no modo como ela falou, como se mal se tivesse apercebido de que ele estava ali. E os dentes não paravam de lhe bater.

– Marge? – Ele ia pôr-lhe a mão no joelho, mas, lembrando-se da reação que ela tivera antes, optou por lhe tocar ao de leve nas costas da mão. Estava gelada. – Marge? Está demasiado frio para estares cá fora. Tens de ir para dentro.

– Tenho de estar preparada para ele.

– O cão avisa-nos se alguém chegar. Vamos lá. O que aconteceu?

Ela acabou por se levantar e deixou que Sven a conduzisse para dentro. O ar estava gelado, e Sven ficou a pensar se ela teria sequer chegado a entrar em casa. Acendeu a salamandra e foi buscar mais lenha, enquanto ela se pôs à janela, a olhar lá para fora. Em seguida, ele deu de comer ao Bluey e pôs água a ferver.

– Ontem passaste a noite inteira, assim, acordada?

– Não preguei olho.

Sven sentou-se por fim ao lado dela e deu-lhe uma tigela de sopa. Margery olhou para a sopa, como se não a quisesse, mas depois bebeu-a em sorvos pequenos e ávidos. Quando terminou, contou-lhe a história da sua ida a Red Lick, com uma voz estranhamente hesitante, os nós dos dedos brancos e trémulos, como se ainda estivesse a sentir a mão de McCullough e o seu hálito quente na pele. E Sven Gustavsson, um homem conhecido pelo seu tão desusado temperamento equilibrado, numa vila repleta de gente impetuosa, um homem capaz de pôr termo a quase todas as rixas de bar, enquanto qualquer outro achava irresistível uma boa sessão de pancadaria, deu por si possuído por uma estranha cólera, uma névoa vermelha que descia sobre ele e o desafiava a ir à procura de McCullough para lhe mostrar um pouco da sua própria vingança, uma vingança que envolvia sangue e punhos e dentes partidos.

Nada disso, porém, transparecia no seu rosto nem na sua voz calma, quando voltou a falar:

– Estás exausta. Vai para a cama.

Ela levantou os olhos para ele.

– Tu não vens?

– Não. Vou ficar aqui, enquanto tu dormes.

Margery O'Hare não era mulher que gostasse de depender de ninguém. Mas ele apercebeu-se de que ter-lhe agradecido baixinho e ter ido para a cama sem qualquer protesto era um claro indício do quão abalada ela estava.

A Fair Oaks foi construída por volta de 1845 pelo Dr. Guildford D. Runyon, membro da seita Shaker, que renunciou ao voto de celibato e erigiu a casa em antecipação ao seu casamento com Miss Kate Ferrel, que morreu antes de a casa estar concluída. O Dr. Runyon permaneceu solteiro até à sua morte, em 1873.

WPA, *Guide to Kentucky* (Guia do Kentucky)

Havia quinze bonecas de porcelana sobre a cómoda, lado a lado, como uma família mal combinada, com rostos de louça pálidos e rosados, e cabelo verdadeiro (de onde teria vindo? Alice estremecia só de pensar), todo aos caracóis perfeitos e brilhantes. Eram as primeiras coisas que Alice via de manhã, ao acordar na pequena cama, a fitarem-na, impassíveis e inexpressivas, com os lábios cor de cereja a desenharem sorrisos débeis e desdenhosos, e com as fúteis calças interiores, brancas e compridas, a espreitarem por baixo das frondosas saias vitorianas. Mrs. Van Cleve adorava as suas bonecas, tal como adorava os seus ursinhos de pelúcia, os minúsculos bibelôs, as caixinhas de rapé de porcelana e os salmos, cuidadosamente bordados e pendurados por toda a casa, sendo cada um o resultado de horas de um complexo trabalho artesanal.

Todos os dias, Alice era confrontada com uma vida passada quase exclusivamente entre aquelas paredes e dedicada a tarefas minúsculas e insignificantes, que, na sua opinião e cada vez com mais veemência, nenhuma mulher adulta devia considerar como a súmula das suas atividades diárias: bonecas, bordados, limpar o pó e arrumar com toda a precisão os bibelôs em que, afinal, nenhum homem reparava – mas só até ela ter

falecido, pois daí em diante tais objetos tinham-se tornado num altar consagrado a uma mulher que eles agora insistiam em idolatrar.

Alice detestava aquelas bonecas. Tanto quanto detestava em igual medida aquele pesado silêncio no ar e aquele interminável torpor, numa casa onde nada podia avançar e nada podia mudar. Ela própria podia ser também uma daquelas bonecas, assim pensava Alice ao dirigir-se para o quarto. Sorridente, imóvel, decorativa e em silêncio.

Baixou os olhos para a fotografia de Dolores Van Cleve, em cima da mesa de cabeceira de Bennett, numa grande moldura dourada. A mulher segurava uma cruz de madeira com as mãos sapudas e tinha uma expressão de sofrida reprovação, que Alice sentia pousar sobre eles sempre que estavam a sós.

– Talvez pudéssemos colocar a tua mãe um pouco mais longe? Só... durante a noite? – tinha-se ela aventurado a perguntar, quando Bennett lhe mostrara o quarto pela primeira vez. Mas ele franzira o sobrolho, tão incrédulo como se ela tivesse alegremente sugerido abrir o túmulo da mãe.

Alice afastou tais pensamentos, arquejando baixinho quando sentiu a água gelada no rosto, e apressou-se a vestir as múltiplas camadas de roupa. Hoje, as bibliotecárias fariam apenas meio dia de trabalho, para que todas tivessem algum tempo para as compras de Natal. E um pequeno recanto do seu íntimo debatia-se com a desilusão de ter de passar algum tempo sem fazer as rotas.

Iria ver as filhas de Jim Horner nessa manhã, o que já era uma ajuda. Assim como saber que estariam à janela, à espera de ver a Spirit subir o trilho, e que depois saíam a correr pela porta de madeira e que não parariam de saltitar na ponta dos pés até ela descer da égua, com as vozes a atropelarem-se uma à outra, aos gritos, para descobrirem que livros ela trazia, onde tinha estado e se poderia lá ficar um pouco mais do que da última vez. A forma como ficariam abraçadas ao seu pescoço,

descontraidamente, enquanto ela lhes lia histórias, com os dedos pequeninos a acariciarem-lhe o cabelo ou a darem-lhe beijos na face, como se, apesar da lenta recuperação da pequena família, ambas estivessem desesperadas por contacto feminino, de um modo que mal podiam compreender. E Jim, cuja expressão já não era severa nem desconfiada, colocava uma caneca de café ao lado dela e depois aproveitava a sua presença para ir cortar lenha ou, outras vezes, mais recentemente, ficava simplesmente ali sentado, a observar, como se lhe desse prazer ver a felicidade das filhas ao mostrarem o que tinham aprendido a ler durante a última semana (elas eram espertas e estavam muito avançadas na leitura, em comparação com as outras crianças, graças às lições de Mrs. Beidecker). Não, de facto, as meninas Horner eram um verdadeiro consolo. Só era uma pena que meninas como elas tivessem tão pouco, no que se refere a presentes de Natal.

Alice enrolou o cachecol ao pescoço e calçou as luvas de montar, pensando, por momentos, se não deveria calçar mais um par de meias para subir a montanha. Já todas as bibliotecárias tinham frieiras, os dedos dos pés avermelhados e inchados do frio e os dedos das mãos frequentemente lívidos como cadáveres, devido à falta de sangue. Olhou pela janela para o céu frio e cinzento. Já nem sequer se via ao espelho.

Pegou no envelope que estava desde a véspera em cima do aparador e meteu-o no saco. Deixou para o ler mais tarde, depois de terminar as rondas. Não valia a pena exaltar-se, quando tinha pela frente duas horas de silêncio em cima da égua.

Quando ia a sair, olhou para a cómoda. As bonecas continuavam a fitá-la.

– O que foi? – disse ela.

Mas, desta vez, elas pareciam estar a dizer-lhe algo bem diferente.

– Para *nós*? – A boca de Millie estava tão aberta, que Alice quase podia ouvir Sophia a avisar que as moscas iam entrar por ali dentro.

Deu a outra boneca a Mae, com o saiote a fazer ruge-ruge ao ser rapidamente arrebatada para o colo da criança.

– Uma para cada uma. Esta manhã, tivemos uma pequena conversa e elas disseram-me, em segredo, que se sentiriam muito mais felizes aqui, convosco, do que onde viviam.

As duas meninas olharam boquiabertas para os rostos angélicos de porcelana e, em seguida, viraram ao mesmo tempo a cabeça para o pai. A expressão do próprio Jim Horner era indecifrável.

– Não são novas, Mr. Horner – disse-lhe Alice, à cautela. – Mas onde estavam não tinham grande utilidade. É uma... uma casa de homens. Não me parecia bem deixá-las ali abandonadas.

Alice conseguia detetar uma certa indecisão, um *Não sei se...* a formar-se-lhe nos lábios. O ar ali dentro da pequena casa parecia ter paralisado, enquanto as meninas sustinham a respiração.

– Por favor, papá? – elevou-se a voz de Mae, num sussurro.

Estavam as duas sentadas, de pernas cruzadas, e a mão de Millie puxava distraidamente os caracóis castanhos acetinados, vendo-os recuperar a forma de imediato, com os olhos a saltitarem entre o rosto pintado da boneca e o do pai. As bonecas, que durante meses tinham um ar sinistro, reprovador, eram subitamente coisas alegres e benignas. Porque agora estavam no lugar onde deviam estar.

– São demasiado chiques – disse ele, por fim.

– Bem, Mr. Horner, acho que todas as meninas merecem ter alguma coisa um bocadinho chique nas suas vidas.

Ele passou a mão áspera pela cabeça e desviou os olhos. O rosto de Mae alongou-se, temendo o que ele iria dizer.

– Importa-se de vir comigo ali fora um momento, Mrs. Van Cleve?

Ela conseguia ouvir os suspiros de desânimo das meninas, enquanto o seguia até às traseiras, com os braços enrolados à volta do corpo para se aquecer, pensando mentalmente nos argumentos que iria usar para o convencer a mudar de ideias.

Todas as meninas precisam de uma boneca.

O mais provável é que acabassem por ir parar ao lixo, se as meninas não ficassem com elas.

Oh, por amor de Deus, porque é que o seu maldito orgulho tem de atrapalhar...

– O que acha?

Alice deteve-se. Jim Horner levantou um pedaço de sarapilheira, pondo a descoberto a cabeça de um veado enorme e já velho, com os chifres a projetarem-se no ar quase um metro para cada lado e com as orelhas cosidas à cabeça. Estava assente numa base de carvalho grosseiramente entalhada e pintada com piche.

Ela reprimiu o som estrangulado que lhe emergiu inesperadamente da garganta.

– Matei-o há dois meses, em River's Creek. Fui eu que o empalhei e que o montei. Pedi à Mae que encomendasse uns olhos de vidro pelo correio. Parecem mesmo verdadeiros, não acha?

Alice ficou boquiaberta ante aqueles olhos vítreos demasiado grandes, com evidente estrabismo no lado esquerdo. O animal tinha um ar ligeiramente demente e sinistro, um monstro de pesadelo, invocado em sonhos febris.

– É... muito... imponente.

– Foi a minha primeira tentativa. Lembrei-me de fazer disto um negócio. Preparar um de tantas em tantas semanas e vendê-los na vila. Para nos ajudar nas despesas durante os meses de inverno.

– É uma ideia. Talvez também pudesse fazer o mesmo com alguns animais mais pequenos. Coelhos ou esquilos.

Ele refletiu no que ela disse e depois anuiu.

– Então, aceita?

– Desculpe?

– Em troca das bonecas.

Alice ergueu as mãos no ar.

– Ó Mr. Horner, não precisa mesmo de...

– Não posso ficar com elas sem lhe dar nada em troca – disse ele, cruzando os braços sobre o peito com determinação, esperando uma resposta.

– Que raio é *isso*? – perguntou Beth, enquanto Alice desmontava penosamente da égua e retirava pedaços de folhagem dos chifres do veado. Tinham-se prendido à vegetação, árvore sim árvore não, durante toda a descida, quase fazendo-a cair por várias vezes. E, agora, pareciam ainda mais sujos e mais tortos do que lá no cimo da montanha, cheios de galhos e folhas. Alice subiu as escadas e, com cuidado, encostou o animal à parede, lembrando-se, como já lhe tinha acontecido mais de cem vezes, da alegria estampada no rosto das meninas ao perceberem que as bonecas acabariam realmente por ficar, do modo como as embalavam e cantavam para elas, dos seus intermináveis beijinhos e agradecimentos. E da expressão de Jim Horner a tornar-se mais suave, enquanto assistia a tudo.

– É a nossa nova mascote.

– A nossa quê?

– Toca num só pelo daquela cabeça e eu empalho-te ainda pior do que o Mr. Horner empalhou aquele veado.

– Caramba! – disse Beth a Izzy, quando Alice voltou a passos largos para a égua. – Lembras-te de quando a Alice se dava ares de grande

senhora?

A hora de almoço já estava quase a terminar no Hotel Cavalo Branco, em Lexington, e o restaurante tinha começado a ficar vazio. Viam-se guardanapos e copos vazios espalhados como detritos pelas mesas, à medida que os clientes, satisfeitos, se iam enrolando nos cachecóis e enfiando os chapéus na cabeça, preparando-se para regressarem aos passeios apinhados de gente, na azáfama das compras de Natal de última hora. Mr. Van Cleve, que se tinha deleitado com um bife de lombo de vaca com batatas fritas, recostou-se na cadeira e afagou o estômago com ambas as mãos, num gesto demonstrativo de uma satisfação que ele parecia sentir cada vez menos em outras áreas da sua vida.

Aquela rapariga estava a provocar-lhe indigestão. Em qualquer outro lugar, tais ofensas talvez acabassem por cair no esquecimento, mas, em Baileyville, o rancor podia continuar a fumar passado um século. Os seus habitantes descendiam de famílias celtas, escocesas e irlandesas, gente capaz de guardar um ressentimento até ele mirrar, como carne desidratada, e ter perdido praticamente toda e qualquer semelhança com o que fora inicialmente. Mr. Van Cleve, embora fosse tão celta como o sinal cherokee à saída da bomba de gasolina, incorporara inteiramente esse traço. Mais do que isso, herdara o hábito do pai de cismar com uma pessoa e depois apontar-lhe o dedo do seu rancor, para a culpar de tudo o que o afligisse. Essa pessoa era Margery O'Hare. Levantava-se a amaldiçoá-la e deitava-se com a sua imagem a atormentá-lo.

A seu lado, Bennett tamborilava na mesa. O pai sabia que o rapaz não queria estar ali; na verdade, ele não parecia ter a concentração necessária para os negócios. Uns dias antes, Van Cleve apanhara um grupo de mineiros a imitar a obsessão de Bennett pela limpeza, fingindo sacudir os fatos-macacos todos enferruscados quando ele passou. Endireitaram-se quando

perceberam que ele estava a olhar, mas custou-lhe ver o filho a ser assim ridicularizado. Inicialmente, quase tinha ficado orgulhoso com a determinação de Bennett em casar com a inglesa. Parecia, finalmente, saber o que queria! Dolores havia mimado de mais o rapaz, paparicando-o como se ele fosse uma menina. Bennett até tinha anunciado ao pai, de cabeça erguida, que ele e Alice se iam casar e... bem, era uma pena, por causa de Peggy, mas paciência. Era bom vê-lo tomar uma decisão, por uma vez que fosse. Mas, agora, via o rapaz a ser cada vez mais castrado pela inglesa, pela sua língua afiada e pelos seus modos estranhos, e arrependia-se do dia em que se tinha deixado convencer a fazer aquela maldita viagem pela Europa. Das misturas, nunca vem nada de bom. Tinha-se visto com os negros e, afinal, com os europeus também.

– Deixaste aqui umas migalhas, rapaz – disse ele, batendo com um dedo tronchudo na mesa e levando o empregado a pedir desculpa e a apressar-se a deitá-las para um prato. – Vai um uísque, governador Hatch? Para terminar?

– Bem, já que insiste, Geoff...

– Bennett?

– Eu não quero, papá.

– Traga-me dois uísques *Boone County*, puro malte. Sem gelo.

– Sim, senhor.

– Bennett, não queres ir andando para o alfaiate, enquanto eu e o governador falamos de negócios? Pergunta-lhe se não tem mais nenhuma daquelas camisas de cerimónia, está bem? Eu já lá vou ter.

Esperou que o filho se levantasse da mesa e, depois, inclinou-se para a frente e voltou a falar:

– Bem, governador, eu queria falar consigo de um assunto particularmente sensível.

– Não está com mais problemas na mina, pois não, Mr. Van Cleve? Espero bem que não esteja a passar pela mesma confusão que está a acontecer em Harlan. Sabe que lá já têm tropas do estado prontas a intervir, no caso de não se conseguirem entender. Já há metralhadoras e tudo a passarem de um lado para o outro da fronteira estadual.

– Ah, sabe que na Hoffman nos esforçamos para manter esse tipo de coisas sob controlo. Dos sindicatos, nunca vem nada de bom; nós sabemos disso e temos tratado de tomar as medidas necessárias para proteger a nossa mina ao menor indício de problemas.

– Fico contente por ouvir isso. Muito contente. Então... hum... qual é o problema?

Mr. Van Cleve debruçou-se sobre a mesa.

– É essa... história da *biblioteca*.

O governador franziu o sobrolho.

– A biblioteca das mulheres. Aquela iniciativa da Mrs. Roosevelt. Destas mulheres que levam os livros às famílias nas regiões rurais e afins.

– Ah, sim. Faz parte da WPA, acho eu.

– Isso mesmo. Bem, embora eu seja habitualmente um grande apoiante dessas iniciativas e concorde absolutamente com o nosso Presidente e com a Primeira-Dama que temos de fazer tudo o que pudermos para educar as nossas gentes, devo dizer que as mulheres... bem, certas mulheres do nosso condado estão a causar problemas.

– Problemas?

– Esta biblioteca itinerante está a fomentar o desassossego. Está a encorajar todo o tipo de comportamentos impróprios. Por exemplo, a Hoffman estava a planear explorar novas áreas em North Ridge. Na linha do que temos vindo a fazer há décadas, de forma inteiramente legítima. Mas, agora, parece que estas bibliotecárias têm andado a espalhar boatos acerca desse empreendimento, porque nos temos deparado com uma série

de ordens judiciais que nos proíbem de exercer os nossos habituais direitos de exploração nesta região. E não foi apenas uma família que requereu essas restrições, mas um número muito elevado.

– Que maçada – disse o governador, acendendo um cigarro e oferecendo o maço a Mr. Van Cleve, que recusou.

– Pois é. Se fizerem o mesmo com outras famílias, vamos acabar sem ter onde abrir mais minas. E, depois, o que é que vamos fazer? Nós somos um dos principais empregadores nesta zona do Kentucky, fornecemos um recurso vital à nossa grandiosa nação.

– Bem, Geoff, sabe que ultimamente não é preciso muito para levar as pessoas a protestarem contra a exploração mineira. Tem provas de que as instigadoras foram as bibliotecárias?

– Bem, o problema é que metade das famílias que agora nos estão a bloquear com processos judiciais ainda no ano passado não sabia ler uma única palavra. Onde poderiam essas pessoas ter ido buscar informação sobre questões legais, se não aos livros da biblioteca?

Os uísques chegaram. O empregado retirou-os de uma bandeja de prata e colocou-os com uma reverência diante dos dois homens.

– Não sei. Tanto quanto sei, não passa de um grupo de raparigas que andam por aí a cavalo a distribuir livros de receitas. Que mal podem elas fazer? Acho que, desta vez, vai ter de aceitar que foi mesmo azar, Geoff. Com a quantidade de problemas que estamos a ter com as minas, bem, acho que podia ter sido qualquer pessoa.

Mr. Van Cleve sentiu que começava a perder a atenção do governador.

– E não é só por causa das minas. Elas estão mesmo a mudar as *dinâmicas* da nossa sociedade. Estão a tentar alterar as leis da natureza.

– As leis da *natureza*?

Ao ver que o governador parecia cético, acrescentou:

– Há notícias de que as nossas mulheres estão a seguir *práticas antinaturais*.

Agora, Van Cleve tinha conseguido prender a atenção do governador, que se inclinou para a frente.

– O meu filho, que Deus o abençoe, foi criado por mim e pela minha mulher segundo os princípios da religião, e, portanto, tenho de admitir que não é muito *experiente* em assuntos conjugais. Mas disse-me que a jovem com quem está casado, que começou a trabalhar nessa biblioteca, lhe falou de um livro que as mulheres andam a passar entre elas. Um livro de conteúdo *sexual*.

– Conteúdo sexual!

– Exatamente!

O governador bebeu um gole de uísque.

– E... hum... em que consistiria exatamente esse *conteúdo sexual*?

– Bem, eu não quero que fique chocado, governador. Não vou entrar em pormenores...

– Ah, eu aguento, Geoff. Pode entrar nos... hum... nos pormenores que quiser.

Mr. Van Cleve espreitou por cima do ombro e baixou o tom de voz:

– Ele disse-me que a mulher dele, que, tanto quanto se sabe, foi educada como uma princesa e vem de uma família *muito* boa, se é que me entende... bem, que ela sugeriu fazer-lhe coisas no quarto que só se esperam ver num *bordel francês*.

– *Num bordel francês* – repetiu o governador, engolindo em seco.

– Inicialmente, pensei que pudesse ser uma coisa de inglesas, devido à proximidade com os hábitos europeus, está a ver? Mas o Bennett contou-me que ela lhe disse que aquilo tinha vindo mesmo da biblioteca. A espalharem *obscenidades*. Propostas que fariam corar um homem adulto. Sim... onde é que isto vai parar?

– Essa é a... hum... aquela loira bonita? Aquela que eu conheci o ano passado num jantar?

– Essa mesma. A Alice. Magra como um palito. Mas que choque ouvir tais devassidões de uma rapariga daquelas... Bem...

O governador bebeu mais um longo gole de uísque, já a começar a ficar com os olhos um pouco vidrados.

– Ele deu algum... hum... pormenor do que ela estava exatamente a propor? Só para eu ter uma imagem mais clara de toda a situação, compreende?

Mr. Van Cleve disse que não com a cabeça.

– O pobre Bennett estava tão abalado com tudo isto, que demorou semanas a confidenciar-mo. Desde então, não foi capaz de lhe encostar um dedo. Quer dizer, não está certo, governador, que, pelo menos, mulheres decentes e tementes a Deus andem a sugerir este tipo de comportamento desviante.

O governador parecia absorto em pensamentos.

– Governador?...

– Obscenidades... Pois. Desculpe, sim... Quer dizer, não.

– Em todo o caso, gostava de saber se nos outros condados também estão a ter os mesmos problemas com as mulheres e estas pretensas bibliotecárias. Não me parece que isto possa ser benéfico para os nossos trabalhadores nem para as famílias cristãs. A meu ver, a solução era acabar com todo o projeto. E com essa história das autorizações para se fazer a exploração mineira.

Mr. Van Cleve dobrou o guardanapo e pousou-o na mesa. O governador parecia estar ainda a refletir seriamente sobre o assunto.

– Ou acha que a melhor maneira de avançar é... tratarmos do assunto da forma que acharmos mais adequada?

Não tinha bem a certeza, disse Van Cleve a Bennett, mais tarde, mas achava que talvez a bebida tivesse subido à cabeça do governador, pois ele parecia extremamente distraído no final do almoço.

– E o que foi que ele disse? – perguntou Bennett, todo animado depois de ter comprado umas calças de bombazina e uma camisola às riscas.

– Eu disse-lhe que talvez fosse melhor ser eu a tratar destes assuntos à minha maneira e ele disse apenas «hum, sim, isso mesmo». E depois disse que tinha de se ir embora.

Querida Alice:

Lamento imenso que a vida de casada não seja como estavas à espera. Não sei bem como esperavas que fosse o casamento e, como também não nos disseste o que tanto te desanimou, eu e o teu pai ficámos a pensar se não fomos nós que te criámos falsas expectativas. Tens um belo marido, financeiramente estável e que te pode oferecer um bom futuro. Ao casares, passaste a fazer parte de uma família de bem e com bons recursos. Acho que deves aprender a valorizar o que tens.

A vida não é só felicidade. Também tem deveres e a satisfação de se fazer o que está certo. Nós tínhamos esperança de que tivesses aprendido a ser menos impulsiva; bem, fizeste a cama onde te deitaste e vais ter de aprender a suportar as coisas. Talvez um bebé te ajude: terás algo a que te dedicares e não ficarás a remoer tanto nas coisas.

Se optares por regressar sem o teu marido, devo informar-te de que não serás bem-vinda e não poderás ficar aqui.

A tua mãe que te adora

Alice tinha adiado abrir a carta talvez por já saber as palavras que nela iria encontrar. Sentiu o maxilar a ficar tenso. Depois, dobrou cuidadosamente a carta e meteu-a de novo no saco, reparando uma vez mais que as suas unhas, em tempos perfeitamente limadas e pintadas, estavam agora todas partidas ou cortadas rente. E uma pequena parte do seu ser pensou, como acontecia todos os dias, se *não seria essa a razão de ele não lhe querer tocar...*

– Pronto – disse Margery, aparecendo ao lado dela. – Encomendei duas cilhas novas e uma capa de sela na Crompton, e achei que talvez pudéssemos dar isto ao Fred, como agradecimento. Achas que ele vai gostar? – perguntou, mostrando um cachecol verde-escuro. A empregada da loja, petrificada ante o chapéu de couro e as calças de montar de Margery extremamente puídos (ela tinha dito a Alice que não achava que fizesse sentido mudar de roupa para ir a Lexington, já que, ao voltar, iria ser obrigada a mudar de roupa novamente), tinha demorado uns segundos a pegar no cachecol para o embrulhar. – Quando voltarmos, temos de o esconder do Fred.

– Claro.

Margery fitou-a, semicerrando os olhos.

– Mas tu nem olhaste para ele!... O que se passa, Alice?

– Olhei para o quê?... Oh, meu Deus... O Bennett! Tenho de encontrar alguma coisa para o Bennett.

Alice levou imediatamente as mãos à cara ao aperceber-se de que já não sabia do que ele gostava, quanto mais do tamanho do colarinho. Pegou numa caixa de lenços, decorada com um raminho de azevinho, que estava na prateleira. Seriam os lenços um presente demasiado impessoal para um marido? Mas que intimidade podia haver num presente, quando ela não lhe tinha visto mais de três centímetros de pele em quase seis semanas?

Assustou-se quando Margery lhe pegou no braço e a levou para uma zona sossegada da secção de homem.

– Alice, tu estás bem? É que tens andado quase sempre com cara de leite azedo.

– Não há queixas, pois não? – Alice baixou os olhos para os lenços. Não seria melhor pedir para lhe bordarem as iniciais? Tentou imaginar Bennett a abri-los no dia de Natal, logo de manhã, e, por alguma razão, não conseguia vê-lo a sorrir. Já não conseguia imaginá-lo a sorrir por nada do que ela fizesse.

– Em todo o caso – disse ela, num tom defensivo –, tens muita razão para falar. Tu, que mal disseste uma palavra nos últimos dias.

Margery pareceu ligeiramente surpreendida e abanou a cabeça.

– Só... só tive uma chatice numa das minhas rotas – engoliu em seco –, que me deixou um bocadinho abalada.

Alice lembrou-se de Kathleen Bligh e da forma como o sofrimento da jovem viúva lhe tinha também ensombrado o dia.

– Eu compreendo. Às vezes, este trabalho é mais difícil do que se pensa, não é? Não se trata só de distribuir livros. Desculpa, se tenho andado deprimida. Eu vou recompor-me.

A verdade era que a perspetiva do Natal dava a Alice vontade de chorar. A ideia de se sentar àquela mesa sempre tensa, com Mr. Van Cleve em frente dela a fitá-la, de olhar carrancudo, e Bennett calado, a fervilhar por qualquer coisa que ela, supostamente, tivesse feito de errado... E a sempre atenta Annie, que parecia deliciar-se com o agravar da situação.

Desorientada com este pensamento, Alice levou um minuto a perceber que Margery a olhava com atenção.

– Eu não estou a implicar contigo, Alice. Estou a... – Margery encolheu os ombros, como se aquelas palavras lhe fossem pouco familiares. – Estou a perguntar-te como amiga.

Amiga.

– Tu conheces-me. Toda a minha vida me senti feliz sozinha. Mas nos últimos meses... eu... bem, aprendi a gostar da tua companhia. Gosto do teu sentido de humor. Tu trataas as pessoas com gentileza e respeito. Gostava de acreditar que somos amigas. Todas nós, que trabalhamos na biblioteca, mas sobretudo tu e eu. E ver-te assim triste, todos os dias, está a partir-me o coração.

Se estivessem em qualquer outro sítio, Alice talvez tivesse sorrído. Afinal, aquilo era uma confissão incrível de Margery. Mas algo havia bloqueado dentro dela nos últimos meses, e Alice já não parecia sentir as coisas como antes.

– Queres ir beber um copo? – perguntou-lhe Margery, por fim.

– Mas tu não bebes.

– Bem, se não disseses a ninguém, eu também não digo. – E, após oferecer-lhe o braço, que Alice aceitou passado um momento, saíram as duas da loja a caminho do bar mais próximo.

– Eu e o Bennett... – disse Alice, elevando a voz acima do barulho da música e dos dois homens que falavam aos gritos, a um canto – ... não temos nada em comum. Não nos entendemos. Não conversamos. Não conseguimos fazer o outro rir nem temos saudades um do outro nem contamos as horas que faltam para estarmos juntos...

– Isso, a mim, soa-me a casamento – comentou Margery.

– E claro que ainda há... a outra questão. – Alice parecia desconfortável só por dizer estas palavras.

– Ainda? Bem, agora sim, parece-me um problema.

Margery lembrou-se do conforto do corpo de Sven enroscado no seu, nessa mesma manhã. Agora, sentia-se estúpida por ter tido tanto medo de lhe pedir para ficar, tremendo como um dos puros-sangues assustados de

Fred. McCullough não tinha aparecido. Devia estar bêbedo como um cacho, foi o que Sven lhe disse. O mais provável era não se lembrar sequer do que tinha feito.

– Li aquele livro. Aquele que me recomendaste.

– Leste?

– Mas... parece que acabou por piorar ainda mais as coisas – disse Alice, lançando as mãos ao ar. – Oh, o que é que eu posso dizer mais? Detesto estar casada. Detesto viver naquela casa... Nem sei qual de nós é mais infeliz. Mas ele é tudo o que eu tenho. Não vou ter nenhum bebé, o que parece que deixaria todos mais felizes, porque... Bem, tu sabes porquê. Mas nem sequer tenho a certeza se quero ter algum, porque, depois, não ia poder continuar a cavalgar pelas montanhas, que é a única coisa que ainda me traz alguma felicidade. Portanto, estou encurralada.

Margery franziu o sobrolho.

– Tu não estás encurralada.

– Para ti, é fácil falar. Tens a tua casa. Sabes como resolver as coisas sozinha.

– Tu não tens de seguir as regras deles, Alice. Não tens de seguir as regras de ninguém. Caramba, se quisesse, podias fazer as malas hoje mesmo e voltar para Inglaterra.

– Não posso. – Alice meteu a mão no saco e retirou a carta.

– Olhem só... Olá, mulheres bonitas!

Um homem, de fato de ombros largos e um bigode moldado com cera, encostou-se ao balcão entre as duas, semicerrando os olhos com uma bonomia ensaiada.

– Estavam tão compenetradas na conversa, que eu até pensei não as incomodar. Mas, depois, pensei: *Henry, meu rapaz, acho que aquelas beldades eram bem capazes de beber qualquer coisa.* E nunca me perdoaria se vos deixasse aqui cheias de sede. Então, o que vai ser, hem?

O recém-chegado pôs um braço sobre os ombros de Alice e baixou os olhos para o peito dela.

– Deixa-me adivinhar o teu nome, beldade. É um dos meus talentos. Um dos meus *muitos* talentos especiais. Mary Beth. És tão bonita, que deves ser uma Mary Beth. Acertei?

Alice balbuciou um *não*. Margery olhou para os escassos cinco centímetros que separavam os dedos dele do peito de Alice, reparando no modo possessivo como ele a agarrava.

– Não. Esse não te faz justiça. Laura. Não. Loretta. Já conheci uma rapariga muito bonita chamada Loretta. Deve ser isso – disse ele, inclinando-se para Alice, que virou a cara, com um sorriso hesitante, como se não quisesse ofendê-lo. – Vais dizer-me que acertei? Acertei, não acertei?

– Na verdade, eu...

– Henry, não é? – perguntou Margery.

– Sim, é. E tu deves ser uma... Ora, deixa-me adivinhar...

– Henry, posso dizer-te uma coisa? – perguntou-lhe Margery, com um sorriso meigo.

– Podes dizer-me tudo o que quiseses, minha querida – respondeu ele, arqueando uma sobrancelha e esboçando um sorriso cúmplice. – Tudo o que quiseses.

Margery inclinou-se para a frente, encostou-lhe a boca à orelha e sussurrou:

– Estás a ver a mão que tenho no bolso? Está a segurar na minha arma. E se, quando eu terminar de falar, ainda não tiveres tirado as mãos de cima da minha amiga, vou apertar o gatilho e rebentar-te com essa cabeça oleosa aqui mesmo, no meio do bar. – Sempre com um sorriso doce, Margery voltou a aproximar os lábios da orelha dele. – E... estás a ouvir, Henry?... tenho uma *excelente* pontaria.

O homem tropeçou nas pernas do banco alto em que ela estava sentada e, sem dizer uma só palavra, voltou rapidamente para o outro extremo do bar, sem parar de olhar por cima do ombro.

– Ah, e foi muito simpático da tua parte, mas já estamos satisfeitas com estas bebidas! – gritou-lhe Margery, elevando a voz. – Mas obrigada na mesma!

– Uau – disse Alice, ajeitando a blusa, enquanto o via afastar-se. – O que foi que lhe disseste?

– Apenas que... por mais simpática que fosse a sua oferta, não me parecia nada cavalheiresco pôr a mão numa senhora sem autorização.

– Muito bem dito – disse Alice. – Nunca me lembro das palavras certas quando é preciso.

– Pois é. Bem... – Margery beberricou a bebida – ... ultimamente, tenho praticado um bocadinho.

Ficaram ali sentadas um pouco mais, enquanto as conversas em redor iam subindo e baixando de tom. Margery pediu outro uísque ao empregado, mas depois mudou de ideias e cancelou o pedido.

– Continua – disse ela – o que estavas a dizer.

– Ah... Apenas que não posso voltar para casa. É isso que dizia a carta. Os meus pais não me querem de volta.

– Como? Mas porquê? Tu és a única filha que eles têm.

– Não me *encaixo*. Sempre fui uma espécie de constrangimento para eles. É como se... não sei. As aparências para eles são mais importantes do que tudo o resto. É como se... se falássemos línguas diferentes. Pensava sinceramente que o Bennett era a única pessoa que gostava de mim como eu era. – Suspirou. – E agora estou encurralada.

Continuaram as duas sentadas em silêncio por um momento. Henry levantou-se para sair, lançando-lhe olhares furiosos e nervosos ao abrir a porta.

– Vou contar-te uma coisa, Alice – disse Margery, enquanto a porta se fechava atrás dele. Pegou no braço de Alice e agarrou-o com uma força nada habitual. – Há sempre uma solução. Até pode ser feia. Até podes ficar com a sensação de teres ficado sem chão. Mas *nunca* estás encurralada, Alice. Estás a ouvir-me? Há *sempre* uma saída.

– Não acredito.

– O que foi? – perguntou Bennet, examinando os vincos das suas calças novas.

Mr. Van Cleve, de pé e de braços estendidos, enquanto o alfaiate lhe colocava os alfinetes no novo colete, apontou bruscamente para a porta, sendo por isso picado por um alfinete na zona da axila, o que o fez praguejar.

– Raios! Lá fora, Bennett!

Bennett levantou os olhos e espreitou pela montra da alfaiataria. Para seu espanto, ali estava Alice, de braço dado com Margery O'Hare, a sair do Todd's Bar, uma espelunca que anunciava num letreiro enferrujado pendurado na porta: AQUI VENDE-SE CERVEJA BUCKEYE. Iam de cabeças encostadas, a rir às gargalhadas.

– A O'Hare – disse Van Cleve, abanando a cabeça.

– Ela disse-me que ia fazer compras, papá – respondeu Bennett, descoroçoado.

– Parece-te mesmo que andam a fazer compras de Natal? Ela anda a ser desencaminhada por aquela O'Hare! Não te disse que ela era da mesma laia do inútil do pai dela? Só Deus sabe o que ela andarás a encorajar a Alice a fazer. Tire-me os alfinetes, Arthur. Vamos buscá-la e levá-la para casa.

– Não – disse Bennett.

A cabeça de Van Cleve virou-se.

– Como? A tua mulher esteve a beber num maldito tasco! Tens de começar a tomar as rédeas da situação, meu filho!

– Deixe-a em paz.

– *Será que aquela rapariga te arrancou os tomates?* – berrou Van Cleve no meio da alfaiataria silenciosa.

Bennett lançou um olhar ao alfaiate, cuja expressão deixava entrever o tipo de futilidade que mais tarde discutiria fervorosamente com os colegas.

– Eu depois falo com ela. Vamos... para casa... Só isso.

– Aquela rapariga está a provocar o caos. Pensas que é bom para a reputação da nossa família ela arrastar a tua mulher para um bar de maus costumes? Ela precisa que alguém a ponha no lugar, e, se tu não o fizeres, Bennett, faço-o eu.

Alice estava deitada na cama do quarto de vestir, a olhar para o teto, enquanto Annie preparava o jantar no andar de baixo. Há muito que tinha desistido de se oferecer para a ajudar, pois tudo o que fizera, fosse descascar, cortar ou fritar, havia sido recebido com maldisfarçada desaprovação. E Alice já estava cansada dos comentários maldosos de Annie.

Já não se importava que Annie soubesse que ela estava a dormir no quarto de vestir e também não tinha dúvidas de que ela fora contar a novidade a meia vila. Já não se importava que fosse óbvio que continuava a ter a menstruação. Que sentido fazia tentar fingir? Fosse como fosse, eram poucas as pessoas fora da biblioteca a quem lhe importava causar boa impressão. Alice ouviu o barulho dos dois homens a regressarem, o espalhafatoso ronco do *Ford* de Mr. Van Cleve a parar na alameda de gravilha, o estalido da porta de rede, que ele nunca era capaz de fechar devagar, e soltou um leve suspiro. Fechou os olhos por um momento;

depois, levantou-se e foi até à casa de banho para se arranjar para a refeição da noite.

Quando Alice desceu as escadas, eles já estavam sentados à mesa, em frente um do outro e com os pratos e os talheres cuidadosamente dispostos nos devidos lugares. As pequenas nuvens de vapor que se escapavam pela porta de vaivém e o ruído de Annie a bater com as tampas dos tachos na cozinha anunciavam a chegada iminente do repasto.

Os dois homens ergueram os olhos quando Alice ia a entrar, e passou-lhe pela cabeça que pudesse ser por se ter esmerado um pouco mais: trazia o vestido que tinha usado quando Bennett a pedira em casamento e o cabelo impecavelmente escovado e preso com ganchos. Mas a expressão deles era hostil.

– É verdade?

– O que é que é verdade? – perguntou ela, percorrendo mentalmente todas as coisas que pudesse ter feito de errado naquele dia. *Beber num bar. Falar com homens desconhecidos. Conversar com Margery O’Hare sobre o livro O Amor no Casamento. Escrever à mãe a perguntar se podia voltar para casa.*

– Onde está a Miss Christina?

– A Miss quê? – questionou ela, piscando os olhos.

– A Miss Christina!

Ela olhou para Bennett e depois novamente para o pai dele.

– Eu... eu não faço ideia do que estão a falar.

Mr. Van Cleve abanou a cabeça, como se ela fosse uma deficiente mental.

– A Miss *Christina*. E a Miss Evangeline. As bonecas da minha mulher. A Annie diz que desapareceram.

Alice relaxou. Puxou uma cadeira, já que ninguém mais ia fazê-lo, e sentou-se à mesa.

– Ah, essas. Eu... levei-as.

– O que queres dizer com *levaste-as*? Para onde as levaste?

– Numa das minhas rotas, há duas meninas muito queridas que perderam a mãe há pouco tempo. Elas não iam receber nenhum presente de Natal, e eu sabia que dar-lhes as bonecas as faria mais felizes do que vocês possam imaginar.

– Dar-lhes as bonecas? – Van Cleve esbugalhou os olhos. – Tu ofereceste as minhas bonecas? A umas... *labregas*?

Alice colocou cuidadosamente o guardanapo no colo e olhou para Bennett, que estava a fitar o prato.

– Foram só duas. Pensei que ninguém se fosse importar. Estavam ali, sem servirem para nada, e ainda lá ficaram muitas. Para ser sincera, achei que nem sequer reparassem – disse Alice, tentando esboçar um sorriso. – Afinal, já são os dois uns homens feitos.

– Eram as bonecas da Dolores! Da minha querida Dolores! Ela tinha a Miss Christina desde pequena!

– Então, peço desculpa. Não pensei mesmo que se fosse importar.

– O que é que te deu, Alice?

Alice fixou um ponto da toalha, imediatamente a seguir à sua colher, e, quando falou, a voz saiu tensa:

– Estava a ser caridosa. Tal como os dois estão sempre a dizer que a Mrs. Van Cleve era. O que ia fazer com aquelas duas bonecas, Mr. Van Cleve? O senhor é homem. Interessa-se tanto por bonecas como por metade das bugigangas que há nesta casa. São coisas mortas! Sem significado!

– Faziam parte da herança da família! Eram para os filhos do Bennett!

A boca abriu-se-lhe antes que ela a pudesse controlar:

– Bem, mas o Bennett não vai ter filhos nenhuns, pois não?

Alice ergueu os olhos e viu Annie à porta, de olhos arregalados, deliciada com esta reviravolta nos acontecimentos.

– O que foi que tu disseste?

– Que o Bennett não vai ter filhos nenhuns, porque... nós não nos relacionamos dessa maneira.

– Vocês só não se relacionam dessa maneira, rapariga, por causa das tuas ideias repugnantes.

– Como assim?

Annie começou a pousar as travessas. Tinha ficado com as orelhas bastante rosadas.

Van Cleve inclinou-se sobre a mesa e empinou o queixo.

– O Bennett contou-me.

– Pa... – O tom de Bennett era de aviso.

– Ah, pois é. Ele contou-me do teu livro indecente e das coisas depravadas que lhe tentaste fazer.

Annie largou a travessa com estrépito diante de Alice e apressou-se a voltar para a cozinha.

Alice empalideceu e virou-se para Bennett:

– Contaste ao teu pai o que se passa na *nossa cama*?

Bennett esfregou a cara.

– Tu... Eu não sabia o que fazer, Alice. Tu... deixaste-me chocado.

Mr. Van Cleve arremessou a cadeira para trás e contornou a mesa com passadas pesadas até junto de Alice. Ela encolheu-se involuntariamente ao vê-lo parar ao seu lado, a atirar perdigotos enquanto falava.

– Pois, é verdade, eu sei tudo sobre esse livro e sobre a vossa pretensa biblioteca. Sabes que esse livro foi proibido neste país... de tão aviltante que é?...

– Sei. E também sei que houve um juiz federal que reverteu essa mesma proibição. Sei tanto como o senhor, Mr. Van Cleve. Li os *factos*.

– Tu és uma víbora! Tens sido desencaminhada pela Margery O’Hare e agora estás a tentar desencaminhar o meu filho!

– Estava a tentar ser uma boa esposa para ele! E ser esposa é muito mais do que pôr umas bonecas e uns estúpidos pássaros de porcelana a enfeitar os móveis!

Annie espreitava da porta com a última travessa na mão, imóvel.

– Não te *atrevas* a criticar as preciosidades da minha Dolores, ó miserável ingrata! Tu não lhe chegas sequer aos calcanhares! E, amanhã de manhã, vais subir aquelas montanhas e trazer de volta as minhas bonecas.

– Não, não vou. Não vou tirar aquelas bonecas a duas meninas sem mãe.

Van Cleve espetou um dedo tronchudo e enfiou-o na cara de Alice.

– Então, a partir deste momento estás proibida de voltar àquela maldita biblioteca, estás a ouvir?

– Não – disse ela, sem pestanejar.

– Como assim?... Não?

– Já lhe disse. Sou uma mulher adulta. O senhor não me pode proibir de nada.

Mais tarde, lembrou-se de ter tido medo que o coração do velho Van Cleve parasse, de tão ruborizado que ele ficara. Mas o que ele fez foi erguer o braço e, antes que ela se apercebesse do que se estava a passar, sentiu uma dor fortíssima a explodir-lhe de um dos lados da cabeça e caiu sobre a mesa, com os joelhos a cederem.

Ficou tudo escuro. Alice cravou as mãos na toalha, com as travessas a virarem-se por cima dela à medida que ia cerrando mais os dedos sobre o damasco branco e o ia puxando até bater com os joelhos no chão.

– Pai!

– Estou a fazer o que tu já devias ter feito há muito tempo! A meter algum juízo na cabeça da tua mulher! – vociferou Van Cleve, batendo com o punho gordo na mesa com tal força, que tudo na sala pareceu trepidar. Em

seguida, e antes mesmo de conseguir recobrar as forças, Alice sentiu o cabelo a ser bruscamente puxado para trás e sentiu mais uma pancada, desta vez na têmpora. A cabeça fez ricochete na borda da mesa e, enquanto a sala parecia girar, ela foi-se apercebendo vagamente dos movimentos, dos gritos, do estrépito das travessas a caírem ao chão. Levantou um braço, a tentar proteger-se e a preparar-se para a pancada seguinte. Mas, pelo canto do olho, viu Bennett a colocar-se em frente do pai e apercebeu-se de uma troca de palavras, que ela mal conseguiu ouvir devido ao zumbido nos ouvidos.

Alice conseguiu levantar-se a custo, a cambalear, com a dor a toldar-lhe os pensamentos. Enquanto a sala parecia estremecer à sua volta, apercebeu-se vagamente do ar chocado de Annie, à porta da cozinha, enquanto um sabor a ferro lhe descia pela garganta.

Ouviu o grito distante de Bennett – *Não... Não, pai!* – e apercebeu-se de que ainda tinha o guardanapo na mão, feito numa bola. Baixou os olhos e pareceu-lhe que estava todo salpicado de sangue. Olhou com atenção, a piscar os olhos, a tentar perceber se era mesmo aquilo que estava a ver. Endireitou-se, esperou um momento até a sala parar de girar e, depois, pousou-o com cuidado sobre a mesa.

Em seguida, e sem parar sequer para pegar no casaco, Alice passou cambaleante pelos dois homens em direção ao hall de entrada, abriu a porta da rua e seguiu pelo caminho coberto de neve.

Passada uma hora e vinte e cinco minutos, Margery entreabriu a porta, semicerrando os olhos para conseguir ver na escuridão. E ali estava não McCullough ou algum dos seus, mas a figura esguia de Alice Van Cleve, a tiritar, de vestido azul-claro, com as meias rasgadas e os sapatos cobertos de neve. Os seus dentes não paravam de bater, tinha a cabeça ensanguentada de um dos lados e o olho esquerdo semicerrado e todo negro. O sangue

tinha-lhe deixado a gola do vestido oxidada e escarlate, e parecia ter o colo todo salpicado com molho de carne. Olharam uma para a outra, enquanto o Bluey ladrava furiosamente à janela.

A voz de Alice, quando finalmente se fez ouvir, estava rouca, como se tivesse a língua inchada.

– Tu... disseste que éramos amigas?

Margery desengatilhou a espingarda e encostou-a ao umbral, antes de abrir a porta e agarrar a amiga pelo braço.

– Entra. Entra. – Margery olhou em redor para a escuridão da encosta; depois, fechou a porta e trancou-a.

A mulher das montanhas tem uma vida difícil, enquanto o homem é o senhor da casa. Se vai trabalhar, visitar alguém ou deambular pelo bosque com um cão e uma espingarda, é algo que só a ele diz respeito e a mais ninguém... É totalmente incapaz de compreender qualquer interferência da sociedade nos seus assuntos; se transforma os seus cereais em bebida, está apenas a fazer o que quer com aquilo que é seu.

WPA, Guide to Kentucky (Guia do Kentucky)

Em Baileyville, havia certas regras sociais tácitas, e um dos princípios inabaláveis era a não interferência em assuntos privados entre marido e mulher. Muitos eram os que teriam conhecimento de casos de violência no seu vale, de homens que batiam nas mulheres e, ocasionalmente, o contrário, mas a poucos lhes passaria pela cabeça intervir, a menos que se sentissem diretamente incomodados, por não conseguirem dormir ou por verem as suas rotinas perturbadas. Era assim que as coisas funcionavam. Com berros, murros e, uma vez por outra, pedidos de desculpa – ou não –, depois de saradas as feridas e as nódoas negras, as coisas voltavam ao normal.

Felizmente para Alice, Margery nunca fora de prestar atenção ao que as outras pessoas faziam. Limpou-lhe o sangue do rosto e aplicou pasta de consolda nas nódoas negras. Nada perguntou e Alice nada lhe disse, limitando-se a estremecer e a contrair o maxilar quando lhe doía muito. Mais tarde, depois de Alice se ter finalmente deitado, Margery combinou discretamente com Sven ficarem à vez, no andar de baixo, até o dia começar a clarear, para, caso Van Cleve aparecesse, lhe mostrarem que

havia circunstâncias em que um homem não podia simplesmente arrastar a mulher, ou a nora, à força para casa, por mais constrangimento público que a situação lhe pudesse causar.

Como seria de prever num homem habituado a fazer tudo à sua maneira, Van Cleve apareceu de facto pouco antes do nascer do dia, embora Alice nunca tivesse ficado a saber, mergulhada como estava no sono dos que estão profundamente abalados, no quarto de hóspedes de Margery. Como a casa desta não tinha acesso direto pela estrada, Van Cleve foi obrigado a percorrer o último quilómetro a pé, de tocha na mão, tendo chegado todo afogueado e transpirado, apesar da neve.

– O’Hare? – gritou. E, ao ver que não tinha resposta, repetiu: – O’HARE!

– Vais responder-lhe? – perguntou Sven, que estava a fazer café, levantando a cabeça.

O cão ladrava furiosamente à janela, recebendo palavrões resmoneados vindos do lado de fora. No estábulo, o Charley dava coices no balde.

– Realmente, não vejo porque hei de responder a um homem que não tem sequer a cortesia de me tratar por *senhora*, não achas?

– Pois, também acho que não deves responder – disse calmamente Sven, que tinha passado metade da noite a jogar ao solitário, com um olho na porta e uma torrente de pensamentos negros sobre homens que batem em mulheres a passar-lhe pela cabeça.

– *Margery O’Hare!*

– Ai, meu Deus... Ele vai acabar por acordá-la, se continuar a gritar desta maneira.

Sem dizer nada, Sven passou a sua arma a Margery, e ela avançou para a porta de rede. Abriu-a, segurando a espingarda com a mão esquerda, enquanto saía para o alpendre, para que Van Cleve a visse bem.

– Posso ajudá-lo, Mr. Van Cleve?

– Vá buscar a Alice. Sei que ela está aí.

– E como é que sabe?

– Isto já foi demasiado longe. Vá buscá-la, e não se fala mais nisso.

Margery baixou os olhos para as botas, a pensar.

– Não me parece, Mr. Van Cleve. Tenha um bom dia.

Virou-se para entrar em casa, e ele levantou a voz:

– O quê? Espere!... Você não me pode fechar a porta na cara!

Margery virou-se lentamente até o encarar olhos nos olhos.

– E o senhor não pode bater numa rapariga só porque ela lhe responde na mesma medida. Pelo menos, não vai voltar a fazê-lo.

– Ontem, a Alice fez uma asneira. Admito que os ânimos estavam exaltados, mas agora ela tem de voltar para casa para podermos resolver as coisas. Em família. – Passou a mão pela cara e suavizou o tom de voz. – Seja razoável, Miss O’Hare. A Alice é casada. Não pode ficar aqui consigo.

– A meu ver, ela pode fazer o que bem lhe apetecer, Mr. Van Cleve. É uma mulher adulta. Não é nenhum cão nem nenhuma... *boneca*.

O olhar dele endureceu.

– Quando ela acordar, pergunto-lhe o que quer fazer. Agora, o trabalho espera-me, por isso, agradecia que me deixasse ir lavar a loiça do meu pequeno-almoço. Obrigada.

Ele fitou-a por um momento e disse, baixando a voz:

– Achas-te muito esperta, não achas, rapariga? Julgas que eu não sei que foste tu que escreveste aquelas cartas em North Ridge? Julgas que eu não sei dos teus livros indecentes e das tuas colegas devassas, que andam a tentar levar as mulheres de bem pelos caminhos do pecado?...

Durante alguns segundos, o ar pareceu sumir-se em volta deles. Até o cão se calou.

Quando ele voltou a falar, o tom foi de ameaça:

– Tem cuidado, Margery O’Hare.

– E o senhor tenha um bom dia, Mr. Van Cleve.

Margery virou costas e voltou a entrar em casa. A voz saía-lhe calma e o andar continuava firme, mas parou atrás da cortina e espreitou pela janela, para ter a certeza de que Van Cleve tinha desaparecido.

– Onde raio está o *Mulherzinhas*? Há séculos que ando atrás desse livro. O último registo de saída é para a velha Peg, lá em baixo, no armazém, mas ela diz que o devolveu. E a entrada também foi registada.

Izzy estava a revistar as estantes, passando o dedo pelas lombadas dos livros, enquanto abanava a cabeça, frustrada.

– Albert, Alder, Alemanha... Será que alguém o roubou?

– Talvez se tenha rasgado e a Sophia esteja a repará-lo.

– Já lhe perguntei e ela diz que não o viu. Isto já me está a irritar, porque tenho duas famílias que o querem e parece que ninguém sabe para onde foi. E tu sabes como a Sophia fica rabugenta quando um livro desaparece.

Izzy ajustou a bengala debaixo do braço e avançou para a direita, lendo atentamente os títulos.

As vozes calaram-se, quando Margery entrou pela porta das traseiras, seguida de perto por Alice.

– Tens o *Mulherzinhas* enfiado algures no teu saco, Margery? A Izzy já se está a passar e... Ui, ui! Parece que alguém levou uma tarefa.

– Caiu da égua – disse Margery, num tom que não permitia nenhuma discussão.

Beth olhou para o rosto inchado de Alice e depois para Izzy, que baixou os olhos para os pés.

Seguiu-se um breve silêncio.

– Espero que não te tenhas magoado muito, Alice – disse-lhe Izzy, baixinho.

– Ela não está com as tuas calças de montar? – perguntou Beth.

– Achas que sou a única no estado do Kentucky a ter um par de calças de montar de couro, Beth Pinker? Não sabia que reparavas tanto no que as pessoas vestem. Até parece que não tens nada melhor para fazer.

Margery avançou até ao livro de registos e começou a folheá-lo.

Beth aceitou a reprimenda com desportivismo.

– Bem, na verdade, até lhe ficam melhor a ela do que a ti. Céus, está um frio de rachar. Alguém viu as minhas luvas?

Margery passou os olhos pelas folhas.

– Olha, Beth, como a Alice está um pouco dorida, ficas tu com as duas rotas de Blue Stone Creek. A Miss Eleanor está em casa da irmã, portanto, não vai precisar de livros novos desta vez. E tu, Izzy, poderás ficar com os MacArthur? Pode ser? Podes meter por aquele campo de mais de quinze hectares, para fazeres a ligação com as tuas rotas habituais. Aquele que tem o celeiro a cair.

Elas concordaram sem reclamar, lançando olhares furtivos a Alice, que, de faces afogueadas, estava de olhos postos num ponto qualquer junto aos pés, sem nada dizer. Ao sair, Izzy estendeu o braço e apertou ao de leve o ombro de Alice. Esta esperou que as duas carregassem os alforges e montassem a cavalo, e só então se sentou na cadeira de Sophia, com muito cuidado.

– Estás bem?

Alice acenou que sim, e ali ficaram as duas sentadas, a ouvirem o barulho dos cascos a perderem-se rua acima.

– Sabes o que é pior quando um homem nos bate? – disse Margery, por fim. – Não é a dor. É o facto de, naquele instante, nos apercebermos do que verdadeiramente é ser uma mulher. Que não importa nada sermos mais espertas, sabermos argumentar ou sermos muito melhores do que eles, ponto final. Nesse momento, percebemos que eles podem sempre calar-nos com um murro. É mesmo assim.

Alice lembrou-se de como a postura de Margery havia mudado quando aquele homem se colocara entre elas, no bar, de como o olhar dela tinha endurecido ao vê-lo pousar a mão no seu ombro.

Margery pegou no frasco do café e praguejou ao ver que estava vazio. Depois, refletiu um pouco, endireitou-se e esboçou um sorriso tenso para Alice.

– Claro que isso só acontece até tu aprenderes a responder com mais força ainda, sabes?

Apesar de os dias serem agora muito curtos, o tempo passava estranhamente devagar e a pequena biblioteca parecia envolta numa vaga atmosfera de suspense, como se Alice não soubesse bem se devia estar à espera de que alguém aparecesse ou algo acontecesse. Na noite anterior, as pancadas não lhe tinham doído assim tanto. Percebia agora que tinha sido a reação do seu corpo ao choque. Com o passar das horas, as várias partes do corpo tinham começado a inchar e a endurecer, a cabeça a latejar nos pontos onde tinha sido atingida pelo punho tronchudo de Van Cleve e onde tinha embatido no implacável tampo da mesa.

Margery partiu depois de Alice lhe garantir que sim, que estava bem, e que não, não queria que mais ninguém ficasse sem livros, prometendo manter a porta trancada, enquanto ela estivesse fora. Na verdade, Alice precisava de tempo para estar sozinha, tempo sem se preocupar com a reação dos outros ante o seu estado, e com tudo o resto.

Assim, durante cerca de duas horas, ficou sozinha na biblioteca, sozinha com os seus pensamentos. Doía-lhe demasiado a cabeça para ler e, em todo o caso, também não sabia muito bem o que escolher. Os pensamentos eram turvos, confusos. Tinha dificuldade em concentrar-se e as perguntas sobre o seu futuro – onde iria viver, o que fazer, se deveria mesmo tentar regressar a Inglaterra – pareciam-lhe tão colossais e complicadas, que acabou por achar

mais fácil focar-se em tarefas simples. Arrumar alguns livros. Fazer café. Foi rapidamente lá fora, à casa de banho, e trancou de novo a porta ao voltar.

À hora de almoço, quando ouviu baterem à porta, paralisou. Mas, depois, ouviu a voz de Fred – *Sou só eu, Alice* – e levantou-se da cadeira, para destrancar a porta e ele entrar.

– Trouxe-lhe sopa – disse ele, colocando em cima da secretária uma tigela embrulhada num pano. – Imaginei que estivesse a ficar com fome.

Foi nessa altura que Fred lhe viu o rosto e que ela se apercebeu do choque que ele sentiu e que reprimiu, tão depressa como surgira, para ser substituído por algo mais negro e mais revoltado. Deu uns passos até ao fundo da sala e ali ficou por um momento, de costas para ela. E foi como se subitamente ele fosse feito de algo mais duro, como se o seu corpo se tivesse transformado em ferro.

– O Bennett Van Cleve é um imbecil – disse ele, quase sem mexer o maxilar, como se tivesse dificuldade em se conter.

– Não foi o Bennett.

Fred demorou uns segundos a assimilar o que ela acabara de dizer.

– Bem, diabos me levem.

Ele aproximou-se e parou diante dela. Alice virou a cara, já com as faces a corarem, como se tivesse sido ela a fazer algo de que devesse envergonhar-se.

– Por favor – disse ela, sem saber exatamente o que lhe estava a pedir.

– Deixe-me ver – pediu ele, colocando-se diante dela e examinando-lhe o rosto com a ponta dos dedos, de sobrolho franzido. Alice fechou os olhos, enquanto ele lhe percorria suavemente a linha do maxilar com dedos gentis. Estava tão próximo, que ela conseguia sentir o calor da sua pele, o ligeiro odor a cavalo das suas roupas. – Foi ao médico?

Ela abanou a cabeça.

– Consegue abrir a boca?

Ela fez um esforço e depois voltou a fechá-la, estremecendo.

– Esta manhã, ao lavar os dentes, achei que dois deles podem ter abanado um pouco.

Ele não se riu. Os seus dedos subiam-lhe pelo contorno do rosto, tão suavemente que mal os sentia, mesmo ao passarem pelos golpes e as nódoas negras, com o mesmo toque suave com que percorriam a espinha de um potro à procura de algum desvio. Ele fez uma careta quando os dedos passaram pelas maçãs do rosto e chegaram à testa; hesitou e, depois, puxou para o lado uma mecha de cabelo.

– Acho que não tem nada partido – disse, quase num murmúrio –, mas isso não altera nada a vontade que tenho de magoar aquele homem muito a sério.

Era sempre a amabilidade que a desarmava. Alice sentiu uma lágrima a correr-lhe pela face e esperou que ele não a visse.

Fred virou-lhe as costas; Alice percebeu que ele estava junto à secretária ao ouvir uma colher a retinir.

– É de tomate. Fui eu que a fiz, com ervas aromáticas e um pouco de natas. Imaginei que não tivesse trazido nada. E para comer isto... hum... não precisa de mastigar.

– Não conheço muitos homens que cozinhem – disse ela, quase num soluço.

– Pois é. Bem... eu já teria passado muita fome se não o fizesse.

Alice abriu os olhos e viu-o a colocar a colher ao lado da tigela, juntamente com um guardanapo de guingão, cuidadosamente dobrado. Por momentos, veio-lhe à memória a mesa posta da noite anterior, mas afastou-a imediatamente. Era Fred quem estava ali e não Van Cleve. E ficou surpreendida ao perceber que tinha fome.

Enquanto ela comia, Fred foi sentar-se, de pés apoiados numa cadeira, a ler um livro de poesia, aparentemente satisfeito com o facto de a deixar sossegada.

Alice comeu a sopa quase toda, estremecendo cada vez que abria a boca e passando a língua de vez em quando pelos dois dentes soltos. Não falava, porque não sabia o que dizer. Um estranho e inesperado sentimento de humilhação tinha-se abatido sobre ela, como se tivesse de alguma forma provocado aquela situação, como se as nódoas negras no seu rosto fossem sinal do seu fracasso. Deu por si a repassar uma e outra vez os acontecimentos da noite anterior. Deveria ter ficado calada? Deveria simplesmente ter concordado? E, no entanto, se o tivesse feito, em que é que se teria tornado? Em nada melhor do que uma daquelas malditas bonecas.

A voz de Fred interrompeu-lhe os pensamentos:

– Quando descobri que a minha mulher estava a ter um caso, acho que quase todos os homens daqui até à Hoffman me perguntaram porque é que eu não lhe tinha dado uma boa tarefa e não a tinha trazido de volta para casa.

Alice virou imediatamente a cabeça para olhar para ele, mas Fred tinha os olhos postos no livro, como se estivesse a ler em voz alta.

– Diziam que devia dar-lhe uma lição. Mas isso nunca me passou pela cabeça, nem sequer no primeiro acesso de raiva, quando senti que ela me tinha dilacerado por completo o coração. Se batermos num cavalo, até podemos domá-lo e até podemos submetê-lo, mas ele nunca se vai esquecer. E podemos ter a certeza de que nunca vai gostar de nós. Portanto, se eu não era capaz de fazer isso a um cavalo, nunca consegui perceber como poderia fazê-lo a um ser humano.

Ela afastou lentamente a tigela, enquanto o ouvia.

– A Selenia não era feliz comigo. Eu sabia-o, embora não quisesse pensar nisso. Ela não tinha sido feita para viver aqui, no meio da terra, dos cavalos e do frio. Era uma mulher da cidade, e eu, provavelmente, prestei pouca atenção a isso, focado como estava a construir o negócio depois da morte do meu pai. Acho que pensei que ela seria como a minha mãe, feliz por forjar o seu próprio caminho. Passados três anos, ainda não havia bebês e eu devia ter imaginado que o primeiro caixeiro-viajante com alguma lábia, que lhe promettesse uma vida diferente, lhe daria logo a volta à cabeça. Mas, não, nunca lhe encostei um dedo. Nem quando ela estava à minha frente, de mala na mão, a enumerar todas as coisas em que eu tinha fracassado com ela enquanto homem. E acho que metade desta vila me acha menos homem por isso.

Eu não, queria ela dizer-lhe, mas, não sabia porquê, as palavras não lhe saíram da boca.

Ficaram ali os dois, sentados em silêncio, um pouco mais, a sós com os seus pensamentos. Por fim, ele levantou-se e foi buscar um café, pousou-o diante dela e dirigiu-se para a porta com a tigela vazia.

– Esta tarde, vou estar a trabalhar com o potro mais novo do Frank Neilsen, naquela cerca, ali ao lado. Ele ainda se desequilibra muito e prefere terreno plano. Qualquer coisa que a preocupe, só tem de bater naquela janela. Está bem?

Ela nada disse.

– Estou mesmo aqui, Alice.

– Obrigada – respondeu ela.

– Ela é minha mulher. Tenho o direito de falar com ela.

– Acha que eu quero saber o que é que você...

Fred chegou primeiro junto dele. Alice estava a dormitar na cadeira – sentia-se completamente exausta – e acordou com o som das vozes.

– Não faz mal, Fred – gritou ela, do interior. – Deixe-o entrar.

Alice destrancou a porta e entreabriu-a.

– Bem, então, eu também entro.

Fred entrou atrás de Bennett, e ficaram os dois ali parados, por um momento, a sacudirem a neve das botas e da roupa.

Bennett estremeceu ao ver Alice. Ela nem se tinha atrevido a ver-se ao espelho, mas a expressão do marido disse-lhe tudo o que precisava de saber. Ele respirou fundo e passou a mão pela nuca.

– Tens de vir para casa, Alice – disse ele. E acrescentou: – Ele não vai voltar a fazê-lo.

– Desde quando tens uma palavra a dizer sobre o que o teu pai faz, Bennett? – perguntou-lhe ela.

– Ele prometeu. Ele não queria bater-te assim, com tanta força.

– Só com um bocadinho... Ah, então, está bem – disse Fred.

Bennett lançou-lhe um olhar furioso.

– Os ânimos estavam exaltados. O meu pai só... Bem, ele não está habituado a que as mulheres lhe refilem.

– Então, o que é que ele vai fazer da próxima vez que a Alice abrir a boca?

Bennett virou-se e enfrentou Fred:

– Ei, Guisler, queres fazer o favor de não te meteres nisto? Porque, se não me engano, isto não é da tua conta.

– Passa a ser da minha conta quando vejo uma mulher indefesa levar uma tarefa destas.

– Fala o perito em lidar com as mulheres, não é? Todos nós sabemos o que se passou com a tua...

– Já chega – disse Alice, levantando-se devagar e sentindo de repente a cabeça a latejar a cada movimento. Depois, virou-se para Fred e pediu:

– Pode deixar-nos por um momento a sós, Fred?... Por favor?

O olhar dele saltou de Alice para Bennett e, depois, novamente para ela.
– Estou aqui fora – murmurou.

Ficaram os dois de olhos no chão, até a porta se fechar. E foi Alice quem primeiro levantou os olhos para o homem com quem tinha casado há não mais de um ano, um homem que, só agora percebia, simbolizara muito mais uma via de escape do que um verdadeiro encontro de almas ou de mentes. Afinal, o que sabiam realmente eles um do outro? Eram seres exóticos um para o outro, uma sugestão de um mundo diferente para duas pessoas que estavam encurraladas, cada uma à sua maneira, pelas expectativas daqueles que as rodeavam. E, depois, aos poucos, o lado diferente de Alice foi-se tornando repugnante para Bennett.

– Então, vens para casa? – perguntou ele.

Não disse *Desculpa. Podemos resolver isto, conversar. Eu amo-te e passei toda a noite preocupado contigo.*

– Alice?

Não disse *Vamos para algum lugar só nosso. Vamos começar de novo. Senti a tua falta, Alice.*

– Não, Bennett, eu não vou voltar.

Ele ainda demorou um momento a apreender o que ela acabara de afirmar.

– O que queres dizer com isso?

– Que não vou voltar.

– Bem... e para onde vais?

– Ainda não sei.

– Tu não podes *sair* assim, sem mais nem menos. Não é assim que as coisas funcionam.

– Quem disse? Bennett, tu não me amas. E eu não posso... não consigo ser aquela esposa que tu precisas que eu seja. Estamos a fazer-nos

extremamente infelizes um ao outro, e não há nada... nada que faça prever que isso vá mudar. Portanto, é não. Não faz sentido eu voltar.

– Isso é a influência da Margery O’Hare. O meu pai tem razão. Aquela mulher...

– Oh, por amor de Deus. Eu penso pela minha cabeça.

– Mas nós somos *casados*.

Ela endireitou-se.

– Eu não vou voltar para aquela casa. Mesmo que tu e o teu pai me arrastem para lá centenas de vezes, eu vou continuar a vir-me embora.

Bennett esfregou a nuca, abanou a cabeça e virou-se ligeiramente.

– Sabes que ele não vai aceitar.

– *Ele* não.

Ela perscrutou-lhe o rosto, onde várias emoções pareciam competir entre si, e sentiu-se subitamente esmagada pela tristeza de tudo aquilo, pela noção de que tinha chegado o momento, o fim. Mas havia algo mais: algo que ela esperava que ele também encontrasse. Alívio.

– Alice? – disse ele.

E lá estava novamente aquela esperança bizarra, tão irreprimível como um rebento na primavera, de que mesmo agora, tão tarde, ele pudesse tomá-la nos braços, jurar-lhe que não podia viver sem ela, que tudo aquilo era um terrível mal-entendido e que ficariam juntos, como lhe havia prometido. Aquela crença, gravada bem no fundo da alma, de que todas as histórias de amor tinham, na sua essência, potencial para um final feliz.

Ela abanou a cabeça.

E, sem dizer mais nada, ele foi-se embora.

O Natal foi muito peculiar. Margery não celebrava o Natal da forma tradicional, porque não lhe trazia boas memórias, mas Sven insistiu e comprou um peru pequeno, que ele mesmo recheou e assou, e fez ainda uns

biscoitos de canela, a partir de uma receita sueca da mãe. Margery era uma mulher de muitos talentos, disse ele a Alice, mas, se contasse com ela para cozinhar, estaria tão gordo como o cabo daquela vassoura.

Convidaram Fred, o que, por alguma razão, deixou Alice constrangida, e, sempre que coincidia ele olhar para ela, do outro lado da mesa, com o momento em que ela também olhava para ele, isso fazia-a corar. Fred trouxe um bolo de Dundee, que fez seguindo a receita da mãe, e uma garrafa de vinho tinto francês, guardada na adega desde o tempo em que o pai ainda era vivo, que eles beberam e consideraram interessante, embora Sven e Fred achassem que nada superava uma cerveja bem fresca. Não houve jogos nem canções de Natal, mas algo de tranquilizador na simples companhia de quatro pessoas que se sentiam bem umas com as outras e que estavam simplesmente gratas pela boa comida e por um ou dois dias de descanso.

Alice, no entanto, passara o dia com receio de ouvir bater à porta, com medo do inevitável confronto. Afinal, Mr. Van Cleve era um homem habituado a conseguir tudo o que queria, e não havia melhor ocasião do que o Natal para garantir ânimos exaltados. E, na verdade, bateram à porta, embora não fosse quem ela esperava. Alice deu um salto e foi espreitar pela janela, ao mesmo tempo que lutava por espaço com um Bluey eufórico, a ladrar freneticamente. Mas foi Annie quem ela viu no alpendre, mal-humorada como sempre; porém, como era feriado, não pôde realmente censurá-la.

– O Mr. Van Cleve pediu-me que lhe trouxesse isto – disse-lhe ela, com as palavras a estalarem-lhe dos lábios como bolhas de raiva, estendendo-lhe um envelope com violência.

Alice estava a segurar no Bluey, que se debatia para se libertar e saltar para cima da nova visita, para a saudar. Como cão de guarda, ele era uma nulidade, dizia Margery com carinho, pois só fazia barulho. Era o mais

franzino da ninhada. E sempre estupidamente contente por poder mostrar a toda a gente como estava feliz por estar vivo.

Annie manteve um olho cauteloso no cão, enquanto Alice pegava no envelope.

– E pediu-me que lhe desejasse um feliz Natal.

– Mas não podia levantar-se da mesa para vir dizer-lho pessoalmente, hem? – gritou Sven, lá de dentro.

Annie lançou-lhe um olhar carrancudo, e Margery repreendeu-o baixinho.

– Annie, teríamos todo o prazer que comesse qualquer coisa connosco antes de se ir embora – gritou Margery. – Está uma tarde muito fria, e temos todo o gosto em partilhar.

– Obrigada, mas tenho de voltar. – Ela parecia relutante em estar perto de Alice, como se a mera proximidade a fizesse correr o risco de ser infetada pela sua predileção por *práticas sexuais desviantes*.

– Bem, obrigada na mesma por ter feito todo este caminho até aqui – disse Alice.

Annie olhou desconfiada, como se Alice estivesse a troçar dela; depois, virou costas e estugou o passo pela encosta abaixo.

Alice fechou a porta e soltou o cão, que começou imediatamente a saltar e a ladrar para a janela, como se se tivesse esquecido completamente de quem tinha acabado de ver. Alice fitava o envelope.

– Então, o que foi que recebeste?

Margery sentou-se à mesa. Alice apercebeu-se da troca de olhares entre ela e Fred, enquanto abria o postal, que vinha bem elaborado, cheio de brilhantes e de laços.

– Ele vai tentar reconquistá-la – disse Sven, recostando-se na cadeira. – Aquilo é um postal todo chique e romântico. O Bennett está a tentar impressioná-la.

Alice leu em voz alta o postal, que, afinal, não era de Bennett:

Alice, precisamos que voltes para casa. Tudo tem um limite, e o meu filho está muito abatido. Sei que procedi muito mal contigo e estou preparado para te compensar. Envio-te algo para poderes ir a Lexington comprar um adorno, na esperança de que isso te faça mudar de ideias e regressar rapidamente a casa. Era uma medida que funcionava sempre com a minha querida e defunta Dolores, e estou confiante que tu a verás de forma igualmente favorável.

O que lá vai, lá vai!

O teu pai,

Geoffrey Van Cleve

Ela ficou a olhar para o postal, de onde deslizou para cima da toalha uma nota de cinquenta dólares novinha em folha. Alice ficou a observá-la.

– Isto é o que eu penso que é? – perguntou Sven, inclinando-se para a frente para a examinar.

– Ele quer que eu vá comprar um belo vestido e que depois volte para casa – disse Alice, pousando o postal em cima da mesa.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Mas tu não vais – disse-lhe Margery.

Alice levantou a cabeça.

– Não ia nem que ele me pagasse mil dólares. – Engoliu em seco e enfiou o dinheiro novamente no envelope. – Mas vou tentar arranjar outro sítio para ficar. Não quero ficar aqui a incomodar-te.

– Estás a brincar? Ficas o tempo que quiseres. Não incomodas nada, Alice. Além disso, o Bluey gosta tanto de ti, que até é bom não ter de disputar a atenção do Sven com o cão.

Só Margery reparou no suspiro de alívio de Fred.

– Pronto! – disse Margery. – Está resolvido. A Alice fica. Acho que vou tratar de arrumar a mesa. E, depois, podemos ir buscar os biscoitos de canela do Sven. E, se não os conseguirmos comer, podemos usá-los para praticar tiro ao alvo.

27 de dezembro de 1937

Caro Mr. Van Cleve

O senhor deixou bem claro, em mais de uma ocasião, que me considera uma prostituta. Mas, ao contrário das prostitutas, eu não me vendo.

Portanto, devolvo-lhe o seu dinheiro através da Annie.

De momento, agradecia-lhe que enviasse as minhas coisas para casa da Margery O'Hare.

Atenciosamente,

Alice

Van Cleve bateu com toda a força com a carta em cima da secretária. Bennett olhou para ele do outro lado do escritório e afundou-se um pouco na cadeira, como se já adivinhasse o conteúdo.

– Já chega – disse Van Cleve, fazendo a carta numa bola. – Aquela Margery O'Hare passou das marcas.

Passados dez dias, os folhetos já estavam a circular. Izzy foi a primeira a ver um a voar por cima da estrada, junto à escola. Desceu do cavalo e apanhou-o, sacudindo a neve para ler melhor.

*Caros cidadãos de Baileyville, por favor,
tenham cuidado com o perigo moral*

*que a Biblioteca Itinerante representa.
Aconselham-se todos os cidadãos sensatos
a recusarem os seus serviços.
Salão comunitário, terça-feira, às 18h00.*

*A INTEGRIDADE MORAL DA NOSSA VILA
ESTÁ A SER POSTA EM CAUSA*

– *Integridade moral.* Diz um homem que desfez a cara de uma mulher contra a mesa de jantar – disse Margery, abanando a cabeça.

– O que é que vamos fazer?

– Acho que devemos ir à assembleia. Afinal, somos cidadãs bem-intencionadas. – Margery parecia confiante, mas Alice reparou na forma como ela agarrou no folheto e no tendão tenso do seu pescoço. – Não vou deixar que aquele velho...

A porta abriu-se de rompante. Era Bryn, de faces rosadas e ofegante por ter vindo a correr.

– Miss O'Hare? Miss O'Hare? A Beth deu um tombo no gelo, e acho que tem um braço partido.

Elas saíram disparadas da biblioteca, subiram, atrás dele, a estrada coberta de neve e encontraram o volumoso Dan Meakins, o ferreiro da terra, que carregava uma Beth de rosto lívido. Vinha agarrada ao braço dele e tinha umas olheiras escuras, como se não dormisse há uma semana.

– O cavalo escorregou numa camada de gelo, mesmo junto ao fosso de gravilha – disse Dan Meakins. – Examinei-o e acho que está bem. Mas parece que foi o braço dela que aguentou com todo o peso.

Margery aproximou-se para espreitar o braço de Beth e sentiu um aperto no coração. Já estava inchado e roxo, cerca de dez centímetros acima do pulso.

– Vocês estão a fazer uma tempestade num copo de água – disse Beth, por entre os dentes cerrados.

– Alice, vai chamar o Fred. Temos de a levar ao médico em Chalk Ridge.

Passada uma hora, estavam as três no pequeno consultório do Dr. Garnett, enquanto ele colocava com muito cuidado o braço lesionado de Beth entre duas talas, cantarolando baixinho enquanto o ligava. Ela estava sentada, de olhos fechados e maxilar tenso, determinada a não deixar transparecer as dores que sentia, em coerência com a forma como tinha sido criada: a única rapariga entre irmãos rapazes.

– Mas vou poder continuar a montar, certo? – perguntou, quando o médico terminou, levantando o braço, enquanto ele lhe atava cuidadosamente a ligadura ao pescoço.

– De maneira nenhuma. A menina tem de ter esse braço em repouso pelo menos seis semanas. Nada de montar, nada de levantar pesos, nada de bater com ele contra seja o que for.

– Mas eu tenho de montar. Como é que hei de ir entregar os livros?

– Não sei se já ouviu falar na nossa pequena biblioteca, senhor doutor...
– começou Margery.

– Ah, sim, já todos ouvimos falar na vossa biblioteca – disse ele, esboçando um sorriso irónico. – Miss Pinker, neste momento, a fratura parece limpa e estou confiante que vá sarar bem. Mas não me canso de salientar a importância de proteger o braço de novas lesões. É que, se houver uma infeção, podemos ter de ponderar uma amputação.

– Amputação?

Alice sentiu algo a inundá-la, uma repulsa ou um medo, não sabia bem. De repente, Beth ficou de olhos esbugalhados, com a anterior postura a desaparecer por completo.

– Nós cá nos arranjamós, Beth. – Margery parecia mais convincente do que realmente se sentia. – Tens de ouvir o senhor doutor.

Fred conduziu o mais depressa que podia, mas, quando chegaram, a reunião já estava a decorrer há quase meia hora. Alice e Margery entraram sorrateiramente pelo fundo do salão comunitário, com Alice de chapéu bem enterrado na cabeça e o cabelo puxado para o rosto, tentando esconder um pouco as nódoas negras. Fred ia logo atrás dela, tal como tinha feito todo o dia, como uma espécie de guarda-costas. A porta fechou-se suavemente atrás deles, mas Van Cleve estava tão empolgado, que ninguém olhou para eles quando entraram.

– Não me interpretem mal. Eu sou *totalmente* a favor dos livros e da aprendizagem. O meu próprio filho, o Bennett, foi o melhor aluno da escola, como alguns se devem lembrar. Mas existem bons livros e existem livros que nos plantam ideias erradas na cabeça, livros que espalham mentiras e contaminam os pensamentos. Livros que, quando não são monitorizados, podem provocar *divisões* na sociedade. E temo que tenhamos cometido o descuido de deixar livros desses à solta na nossa comunidade sem procedermos à *vigilância* necessária à proteção das nossas mentes mais jovens e vulneráveis.

Margery passou em revista as cabeças que ali se encontravam, tentando perceber quem eram e quem estava de acordo com ele. Mas, ali de trás, era difícil.

Van Cleve percorreu toda a primeira fila abanando a cabeça, como se a informação que tinha de transmitir o deixasse verdadeiramente triste.

– Às vezes, caros vizinhos, caríssimos vizinhos, acho que só devíamos ler o Livro Sagrado. Pois não é ele que possui todos os factos e todo o conhecimento de que precisamos?

– Então, o que é que propõe, Geoff?

– Não é óbvio? Temos de fechar aquilo.

Os presentes entreolhavam-se, alguns chocados e preocupados, outros acenando em consentimento.

– Reconheço que foi realizado algum bom trabalho, como a partilha de receitas e ensinar os miúdos a ler e outras coisas do género. E agradeço-lhe por isso, Mrs. Brady. Mas tudo tem um limite. E nós precisamos de recuperar o controlo da nossa vila. E devemos começar por fechar esta pretensa biblioteca. Assim que puder, vou transmitir esta decisão ao nosso governador... e espero que todos os que aqui estão me apoiem, como cidadãos sensatos que são.

A multidão dispersou meia hora depois, estranhamente muda e com expressões difíceis de decifrar, uns a cochicharem e outros a lançarem olhares curiosos às mulheres que estavam ao fundo do salão. Van Cleve saiu, embrenhado na conversa que estava a ter com o pastor McIntosh, e nem reparou nelas. Ou então decidiu simplesmente fingir que não sabia que elas ali estavam.

Mas Mrs. Brady viu-as. Sem tirar o pesado chapéu de pele que usava na rua, passou os olhos pelo fundo do salão, até avistar Margery, e fez-lhe sinal para que fosse ter com ela ao pequeno palco.

– Isto é verdade? Sobre *O Amor no Casamento*?

Margery sustentou-lhe o olhar.

– É.

Mrs. Brady murmurou baixinho:

– Tem noção do que fez, Margery O'Hare?

– São apenas factos, Mrs. Brady. Factos que ajudam as mulheres a terem o controlo dos seus próprios corpos, das suas próprias vidas. Não há nenhum pecado nisso. Que diabo, até o nosso tribunal federal aprovou o livro!

– Tribunais federais... – disse Mrs. Brady, fungando. – Sabe tão bem como eu que, aqui, estamos muito longe dos tribunais federais e que, na realidade, ninguém quer saber do que eles decidem. Sabe que este nosso cantinho do mundo é muito conservador, sobretudo no que toca a assuntos carnis. – Cruzou os braços sobre o peito e, subitamente, as palavras explodiram-lhe da boca: – Bolas, Margery, confiei em si, acreditei que não iria arranjar confusões! Sabe como este projeto é sensível. E, agora, a vila inteira está a fervilhar com os rumores sobre o tipo de material que anda a distribuir. E aquele velho idiota está a criar um verdadeiro rebuliço para conseguir o que quer e que a biblioteca seja fechada!

– Tudo o que eu fiz foi ser sincera com as pessoas.

– Bem, uma mulher mais sensata do que a Margery teria percebido que, por vezes, é preciso fazer-se jogo político para se conseguir o que se quer. Ao fazer o que fez, deu ao Van Cleve precisamente as munições de que ele estava à espera.

Margery passou desajeitadamente o peso do corpo para a outra perna.

– Ora, Mrs. Brady, vá lá... Ninguém presta atenção ao Mr. Van Cleve.

– Acha mesmo? Bem, o pai da Izzy, por exemplo, já tomou uma decisão.

– Como?

– Esta noite, o Mr. Brady insistiu com a Izzy para abandonar o projeto.

Margery ficou boquiaberta.

– Está a brincar.

– Pode crer que não. Esta biblioteca depende da boa vontade dos habitantes da vila. Depende da noção do bem público. Seja lá o que for que a Margery ande a fazer, conseguiu criar uma controvérsia, e o Mr. Brady não quer a sua única filha metida nisso. – Subitamente, levou a mão à face. – Ai, meu Deus! A Mrs. Nofcier não vai ficar nada satisfeita quando souber disto. Ela não vai ficar mesmo nada satisfeita.

– Mas... mas a Beth Pinker acabou de partir um braço. Já estamos sem uma bibliotecária. Se perdermos a Izzy, não podemos manter a biblioteca a funcionar.

– Bem, talvez devesse ter pensado nisso antes de começar a armar esta confusão toda com a sua... literatura radical.

Só nesse momento é que Mrs. Brady reparou no rosto de Alice. Piscou os olhos com força, de sobrolho franzido, e abanou a cabeça, como se também aquilo fosse uma prova de que algo estava realmente errado com a Biblioteca a Cavalo. Depois, saiu disparada, com Izzy a lançar às colegas um olhar desesperado, enquanto era puxada pela manga em direção à porta.

– Bem, está tudo estragado.

Margery e Alice estavam no alpendre do salão comunitário, agora vazio, enquanto as últimas carroças desapareciam e os últimos casais se afastavam entre murmúrios. Pela primeira vez, Margery parecia realmente perdida. Atirou ao chão o folheto amachucado que ainda conservava na mão e despedaçou-o sobre a neve, com a sola da bota, ao dar o próximo passo.

– Amanhã, vou fazer a minha rota – disse Alice com a voz ainda meio sufocada, como se estivesse a falar através de uma almofada, por causa da boca inchada.

– Não podes. Até assustavas os cavalos, quanto mais as famílias. – Margery esfregou os olhos e respirou fundo. – Eu vou fazer todas as rotas que conseguir. Só Deus sabe como já temos tudo atrasado por causa da neve.

– Ele quer destruir-nos, não quer? – disse Alice, sem energia.

– Pois quer.

– A culpa é minha. Disse-lhe onde devia enfiar aqueles cinquenta dólares, e ele ficou tão furioso, que vai fazer qualquer coisa para me castigar.

– Alice, se não tivesses sido tu a dizeres-lhe onde ele devia enfiar os cinquenta dólares, tinha-lho dito eu... e com letras maiúsculas. O Van Cleve é aquele tipo de homem que não suporta ver uma mulher ocupar nenhum lugar neste mundo. Não te podes culpar por causa de um homem desses.

Alice enfiou as mãos nos bolsos.

– Talvez o braço da Beth fique curado mais depressa do que o médico disse.

Margery olhou-a de soslaio.

– Tu vais encontrar uma solução – acrescentou Alice, como se estivesse a confirmá-lo a si mesma. – Como sempre.

Margery suspirou.

– Vamos lá. Toca a voltar para casa.

Alice desceu dois degraus e aconchegou-se bem no casaco de Margery, a pensar se Fred iria com ela buscar as suas últimas coisas. Tinha medo de ir sozinha.

Nisto, ouviram uma voz quebrar o silêncio.

– Miss O’Hare?

Kathleen Bligh apareceu a dobrar a esquina do salão comunitário, com um candeeiro de petróleo numa mão e as rédeas de um cavalo na outra.

– Mrs. Van Cleve.

– Olá, Kathleen. Como está?

– Eu estava na assembleia. – Tinha um ar abatido sob a luz viva do candeeiro. – Ouvi o que aquele homem estava a dizer de vocês.

– Pois, bem, toda a gente nesta vila tem uma opinião. Mas é melhor não acreditar em tudo o que...

– Eu vou fazer as suas rotas.

Margery inclinou a cabeça, como se não tivesse a certeza de estar a ouvir bem.

– Eu vou fazer as rotas. Ouvi o que estava a dizer à Mrs. Brady. A mãe do Garrett fica com as crianças e eu vou fazer as rotas convosco. Até o braço daquela rapariga estar curado.

Ao ver que nem Margery nem Alice respondiam, acrescentou:

– Conheço todos os vales num raio de trinta quilómetros. Sei montar um cavalo tão bem como qualquer pessoa. A vossa biblioteca ajudou-me a não desistir. Por isso, não vou deixar um velho idiota fechá-la.

As mulheres entreolharam-se.

– Então, a que horas apareço amanhã?

Era a primeira vez que Alice via Margery verdadeiramente sem palavras. Até gaguejou ligeiramente antes de dizer:

– Um pouco depois das cinco seria bom. Temos muito terreno para percorrer. Claro que, se for muito complicado por causa dos seus filh...

– Às cinco, então. Eu trago o meu cavalo – disse ela, de queixo erguido.

– O cavalo do Garrett.

– Fico-lhe muito agradecida, então.

Katheleen acenou-lhes com a cabeça e, em seguida, montou no seu grande cavalo preto, fê-lo dar meia-volta e desapareceu na escuridão da noite.

Mais tarde, em retrospectiva, Alice recordaria janeiro como o mês mais soturno. E não apenas por os dias serem mais curtos e mais gélidos, ou por as rotas serem agora feitas numa escuridão de breu, com as golas bem puxadas para cima e os corpos envoltos em todas as camadas de roupa que elas conseguissem vestir, sem perderem a mobilidade. As próprias famílias que elas visitavam estavam muitas vezes roxas de frio, com as crianças e os idosos enfiados nas camas, uns ao lado dos outros, com tosse ou com os olhos vermelhos, apinhados em redor de pequenas e insuficientes lareiras, mas, ainda assim, todos ansiosos pela diversão e pela esperança que uma

boa história lhes podia trazer. A distribuição dos livros tinha-se tornado infinitamente mais difícil: os caminhos estavam muitas vezes intransitáveis, os cavalos cambaleavam sobre a alta camada de neve ou escorregavam no gelo, nos trilhos mais íngremes, o que levava Alice a desmontar e a seguir a pé, atormentada pela imagem do braço inchado e vermelho de Beth.

Fiel à sua palavra, Kathleen aparecia às cinco da manhã, quatro dias por semana, no esbelto cavalo preto do marido, pegava em dois sacos de livros e cavalgava até às montanhas, sem dizer uma palavra. Raramente tinha de confirmar os percursos, e as famílias que ela visitava recebiam-na de portas abertas, com prazer e respeito. Alice percebeu que era bom para Kathleen sair de casa, apesar da dureza deste trabalho e das longas horas afastada dos filhos. Passadas algumas semanas, já tinha um ar renovado, se não de felicidade, pelo menos de uma certa realização pessoal, e até as famílias que se tinham deixado influenciar pela categórica humilhação imposta por Mr. Van Cleve à biblioteca haviam sido persuadidas a manter-se no projeto, graças a Kathleen insistir que a biblioteca era *uma coisa boa e que ela e o Garrett tinham as melhores razões para acreditar nisso*.

Ainda assim, tudo continuava a ser muito difícil. Cerca de um quarto das famílias da montanha e um bom número de habitantes da vila já tinham desistido, e os rumores tinham-se propagado rapidamente, levando pessoas que antes as recebiam bem a olhá-las agora com desconfiança.

Mr. Leland diz que uma das vossas bibliotecárias vai ter um filho ilegítimo, depois de ter perdido a cabeça de desejo ao ler um romance.

Ouvi dizer que as cinco irmãs de Split Willow se recusam a ajudar os pais, em casa, depois de os textos políticos metidos pelo meio dos livros de receitas lhes terem dado a volta à cabeça. A uma delas até lhe começaram a crescer pelos nas costas das mãos.

É verdade que a rapariga inglesa é comunista?

Por vezes, eram até insultadas e maltratadas pelas pessoas que visitavam. Começaram a evitar passar pelas tascas da rua principal, pois os homens punham-se à porta a gritar-lhes obscenidades ou seguiam-nas pela rua abaixo, imitando, com gestos indecorosos, aquilo que afirmavam existir nos livros distribuídos. Elas sentiam a falta de Izzy, das suas canções e dos seus entusiasmos estranhos e eufóricos, mas ninguém falava disso abertamente. Terem perdido o apoio de Mrs. Brady era como se tivessem ficado sem a espinha dorsal do projeto. Beth passava por lá algumas vezes, mas andava tão maldisposta e desanimada, que acabou por achar que era melhor não aparecer, como as colegas acabaram também por concordar. Sophia passava as horas de que já não precisava para arquivar livros a fazer mais álbuns.

– As coisas ainda podem mudar – dizia ela, com determinação, às duas mulheres mais novas. – Tenhamos fé.

Alice armou-se de coragem e foi a casa dos Van Cleve, acompanhada por Fred e Margery. Sentiu um grande alívio ao perceber que Van Cleve não estava. Foi Annie quem, em silêncio, lhe entregou as malas, cuidadosamente feitas, e quem depois bateu com a porta, com um pouco de força a mais. Mas, já em casa de Margery, apesar de esta lhe garantir que podia ficar o tempo que quisesse, Alice não conseguia deixar de se sentir uma intrusa, uma refugiada num mundo cujas regras ainda não compreendia totalmente.

Sven Gustavsson era solícito, um homem amável que nunca fazia Alice sentir-se a mais e que, sempre que aparecia por lá, lhe perguntava pela família em Inglaterra. Queria sempre saber como ela estava e o que tinha feito durante o dia, como se fosse uma convidada especial, que lhe desse prazer encontrar ali, e não apenas uma alma perdida a obstruir o espaço deles.

Sven costumava contar-lhe o que realmente se passava nas minas de Van Cleve: a brutalidade, as tentativas para calarem os sindicatos, os corpos estropiados e as doenças que ela mal suportaria imaginar. Explicava-lhe tudo no tom neutro de quem está simplesmente a relatar a realidade, mas Alice sentia-se profundamente envergonhada por também ter usufruído das comodidades daquela casa imponente, fruto de tudo aquilo.

Alice retirava-se para um canto recôndito da casa e lia um dos 122 livros de Margery. Ou então ficava deitada, de olhos bem abertos, durante as horas noturnas, com os pensamentos a serem periodicamente interrompidos pelos barulhos que provinham do quarto de Margery e pela frequência com que isso acontecia. Inicialmente, a natureza desinibida e a inesperada alegria do casal tinham provocado a Alice um profundo constrangimento, mas, após uma semana, sentia apenas uma certa curiosidade impregnada de alguma tristeza pela forma como a experiência amorosa de Margery e Sven podia ser tão diferente da sua.

Sobretudo, ia reparando discretamente na maneira como Sven se comportava perto de Margery, como observava os movimentos dela, em silenciosa aprovação, como a sua mão se perdia em direção a ela sempre que Margery estava por perto, como se sentir o toque da sua pele fosse tão vital como respirar. Ficava maravilhada com a forma como ele falava do trabalho de Margery, como algo de que ele se orgulhava, dando-lhe sugestões ou dirigindo-lhe palavras de apoio. Reparava como ele a puxava para si, sem vergonhas nem constrangimentos, como lhe segredava ao ouvido e trocava com ela sorrisos iluminados por secretas intimidades. E era nesse momento que se abria um abismo no íntimo de Alice, até ela sentir algo cavernoso no fundo de si mesma, um vazio imenso que crescia sem parar, ameaçando engoli-la por completo.

Concentra-te na biblioteca, dizia ela a si mesma, puxando a coberta até ao queixo e tapando os ouvidos. Enquanto tiveres isso, tens alguma coisa.

Não há religião sem amor e, por mais que as pessoas falem da sua religião, se ela não lhes ensinar a serem boas e generosas para com os homens e os animais, então não passa de uma fachada.

Anna Sewell, *Black Beauty* (Beleza Negra)

Enviaram, por fim, o pastor McIntosh, como se a palavra de Deus fosse capaz de exercer o domínio que a de Van Cleve não conseguira exercer. Ele bateu à porta da Biblioteca a Cavallo na terça-feira, ao fim do dia, e encontrou as mulheres reunidas num círculo, com um balde de água morna no meio, a limparem as selas e a conversarem animadamente, enquanto a salamandra crepitava a um canto. Tirou o chapéu e, dobrando-o, encostou-o ao peito.

– Peço desculpa por vir interromper o vosso trabalho, minhas senhoras, mas será que podia dar uma palavrinha aqui à Mrs. Van Cleve?

– Se foi o Mr. Van Cleve que o mandou cá, pastor McIntosh, vou poupar-lhe o trabalho e dizer-lhe exatamente o que lhe disse a ele, ao filho e à governanta, e a quem mais quiser saber: eu não vou voltar.

– Céus, aquele homem não desiste – murmurou Beth.

– Bem, a sua reação é compreensível, tendo em conta a forma como os ânimos se exaltaram nas últimas semanas. Mas a senhora, agora, é casada, minha querida. Está sujeita a uma autoridade superior.

– À do Mr. Van Cleve?

– Não. À de Deus. *Que aqueles que Deus uniu, jamais o homem possa separar.*

– Então, ainda bem que ela é mulher – murmurou Beth, rindo à socapa.

O sorriso do pastor McIntosh vacilou. Ele sentou-se pesadamente na cadeira junto à porta e inclinou-se para a frente.

– Vocês casaram perante Deus, Alice, e é seu dever regressar a casa. Ter saído de casa desta maneira está... bem, está a provocar ondas de choque. Tem de pensar em todas as consequências do seu comportamento. O Bennett está infeliz. O pai dele está infeliz.

– E a minha felicidade? Imagino que essa não conte para nada.

– Minha querida, é através da sua vida doméstica que irá alcançar a verdadeira felicidade. O lugar de uma mulher é em casa. *Que as mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a Cabeça da Igreja, Seu Corpo, do qual Ele é o Salvador.* Efésios, capítulo cinco, versículo vinte e dois.

Margery esfregava vigorosamente a sela em círculos com o sabão, sem levantar os olhos.

– Pastor, sabe que está numa sala cheia de mulheres solteiras e felizes, não sabe?

Ele continuou, como se não a tivesse ouvido:

– Alice, rogo-lhe que se deixe guiar pela Bíblia Sagrada e ouça a palavra de Deus. *Quero, pois, que as jovens se casem, criem os seus filhos e governem bem as suas casas, para que não deem a ninguém ocasião de dizer mal delas.* Esta é da primeira epístola de Timóteo, capítulo cinco, versículo catorze. Compreende a mensagem, minha querida?

– Oh, sim, acho que compreendo, pastor... Obrigada.

– Alice, tu não tens de ficar aqui sentada a...

– Eu estou bem, Margery – disse Alice, levantando a mão. – Eu e o pastor sempre tivemos conversas muito interessantes. E acho que compreendo o que me está a querer dizer, pastor.

As restantes mulheres entreolharam-se em silêncio. Beth abanou ligeiramente a cabeça.

Alice, enquanto esfregava, com um trapo, uma mancha de sujidade que teimava em não sair, inclinou a cabeça, pensativa.

– Mas ficar-lhe-ia muito grata se me pudesse esclarecer um pouco mais.

O pastor uniu as pontas dos dedos.

– Sim, claro, minha filha. O que quer saber?

Ela contraiu momentaneamente os lábios, como se escolhesse cuidadosamente as palavras. Em seguida, e sem erguer os olhos, começou:

– O que é que Deus diz sobre bater repetidamente com a cabeça da nora numa mesa por ela ter tido a audácia de dar dois brinquedos velhos a duas meninas sem mãe? O pastor tem algum versículo sobre isso? É que eu gostava muito de o ouvir.

– Desculpe... O que é que...

– Mas talvez tenha um sobre quando uma mulher fica com a vista turva por ter sido espancada pelo sogro...? E qual será o versículo da Bíblia para quando um homem tenta dar-nos dinheiro para nos obrigar a comportarmos como ele quer? Acha que os Efésios têm alguma opinião sobre isso? Afinal, cinquenta dólares ainda é uma boa maquia, suficientemente avultada para que se ignorem todos os tipos de comportamento pecaminoso.

Beth arregalou os olhos, e Margery baixou a cabeça.

– Alice, minha querida, tudo isto é... hum... um assunto bastante privad...

– É um comportamento digno de Deus, pastor? É que eu tenho ouvido toda a gente com muita atenção, e só me falam do que, aparentemente, *eu* fiz de errado, quando na realidade me parece que a pessoa mais piedosa na casa dos Van Cleve talvez fosse eu. É certo que não passava muito tempo na igreja, mas, de facto, cuido dos pobres, dos doentes e dos necessitados. Nunca olhei para outro homem nem nunca dei razões ao meu marido para duvidar de mim. Dou tudo o que posso. – Alice inclinou-se sobre a sela. – Mas também lhe vou dizer o que não faço. Não mando vir homens de

metralhadora de outros estados para ameaçarem os meus trabalhadores. Não cobro a esses mesmos trabalhadores quatro vezes mais do que o justo valor pelos artigos de mercearia, até eles se endividarem de tal maneira que morrem antes de conseguirem pagar, nem os despeço, se eles tentarem comprar comida em qualquer outro local que não seja a mercearia da empresa. Não expulso os trabalhadores doentes das propriedades da empresa onde eles vivem só por não poderem voltar a trabalhar. E claro que também não bato em mulheres ao ponto de deixarem de ver, nem envio depois uma criada com dinheiro para tentar resolver as coisas. Portanto, diga-me, pastor: quem é que está, afinal, a ser pecaminoso? Quem é que precisa, de facto, de um sermão sobre bom comportamento? Porque... diabos me levem se eu não gostava de compreender.

A pequena biblioteca ficara completamente em silêncio. O pastor abria e fechava a boca, ao mesmo tempo que ia observando os rostos de cada uma das mulheres: Beth e Sophia estavam de cabeça baixa e ar inocente, concentradas no trabalho em mãos; o olhar de Margery saltitava entre os dois; e a expressão de Alice, de queixo erguido, era de intensa interrogação.

O pastor pôs o chapéu na cabeça.

– Eu... bom, vejo que está ocupada, Mrs. Van Cleve. Talvez seja melhor voltar numa outra altura.

– Ah, faça favor, pastor – respondeu ela, bem alto, quando ele já estava a abrir a porta e a esgueirar-se para a escuridão. – Gosto mesmo muito dos seus estudos da Bíblia!

Depois desta última tentativa do pastor McIntosh – um homem que não podia ser propriamente considerado um poço de discrição –, propagou-se finalmente pelo condado a notícia de que Alice Van Cleve tinha realmente abandonado o marido e que não voltaria para casa, o que não veio ajudar nada a melhorar a disposição de Geoffrey Van Cleve, já atormentado pelos

desordeiros na mina. Corriam rumores de que esses agitadores, que já haviam tentado revitalizar os sindicatos, estavam a tentar fazê-lo novamente, agora encorajados pelas cartas anónimas. No entanto, desta vez estavam a agir de forma mais inteligente. Tudo tinha sido feito em conversações discretas, em conversas casuais no Marvin's Bar ou no tasco Red Horse, e era tudo combinado tão rapidamente, que, quando os homens de Van Cleve chegavam, encontravam apenas alguns trabalhadores da Hoffman a emborcarem uma merecida cerveja fresca, depois de uma longa semana de trabalho, e apenas uma leve sensação de revolta no ar.

– Diz-se por aí que está a perder o controlo da situação – disse-lhe o governador, quando estavam sentados no bar do hotel.

– A perder o controlo?

– Tem andado tão obcecado com a maldita biblioteca, que não tem prestado atenção ao que se anda a passar na sua mina.

– Onde é que ouviu esse disparate? Eu tenho absoluto controlo da situação, governador. Pois não foi ainda há dois meses que descobrimos um grupo desses agitadores do sindicato e que acabámos com ele? E já pus o Jack Morrissey e os seus homens a tratarem dessa gente. A ver se não pus!

O governador não tirou os olhos da sua bebida.

– Tenho olhos e ouvidos por todo o condado. Ando a seguir os passos destes elementos subversivos. Mas já lhes enviámos um aviso, se assim lhe quiser chamar. E tenho amigos no gabinete do xerife que são bastante compreensivos neste tipo de assuntos.

O governador arqueou ligeiramente a sobancelha.

– O que foi? – perguntou Van Cleve, após uma pausa.

– Há quem diga que nem sequer consegue controlar a sua própria casa.

De repente, o pescoço de Van Cleve colou-se à parte de trás do colarinho.

– É verdade que a mulher do seu Bennett fugiu para uma casa nas montanhas e que o senhor ainda não conseguiu trazê-la de volta?

– Os jovens estão, de facto, a ter uns problemazitos. Ela... ela pediu para ficar com a amiga, e o Bennett deixou-a ficar lá até as coisas acalmarem – disse ele, passando a mão pela cara. – A rapariga ficou muito consternada, sabe, por não conseguir dar-lhe um filho...

– Bem, lamento tudo isso, Geoff. Mas devo dizer-lhe que não é bem o que consta por aí.

– Como assim?

– Dizem que a O'Hare anda a fazer o que quer de si.

– A filha do Frank O'Hare? Pfff... Essa... labrega? Ela... ela anda só a aproveitar-se da Alice. Ganhou um fascínio qualquer por ela. Não se pode acreditar em nada do que se diz sobre essa rapariga. Ah, pois, a última coisa que ouvi dizer foi que aquela pretensa biblioteca tem mesmo os dias contados. Não que eu esteja preocupado com a biblioteca, aconteça o que acontecer. Nada disso.

O governador assentiu. Mas não se riu nem concordou, nem sequer lhe deu uma palmadinha nas costas e lhe ofereceu um uísque. Limitou-se a dizer que sim com a cabeça e depois terminou a bebida, desceu do banco onde estava sentado e foi-se embora.

Quando, finalmente, Van Cleve se levantou para sair, depois de vários uísques e de muita cisma, tinha o rosto tão arroxado como os estofos do bar.

– Sente-se bem, Mr. Van Cleve? – perguntou-lhe o empregado.

– Porquê? Também tem uma opinião, como toda a gente por estas bandas? – retorquiu ele, empurrando o copo vazio, que deslizou pelo balcão fora e só não saiu a voar pela outra extremidade graças aos rápidos reflexos do empregado.

Bennett levantou os olhos quando o pai bateu a porta de rede com força. Estava a ouvir rádio e a ler uma revista de basebol.

Ao chegar ao pé dele, Van Cleve arrancou-lha das mãos.

– Estou farto disto. Vai buscar o teu casaco.

– Como?

– Vamos trazer a Alice para casa. Toca a ir lá buscá-la e, se for preciso, metemo-la na mala do carro.

– Papá, já lhe disse mais de cem vezes: ela garante que vai continuar a ir-se embora até nós captarmos a mensagem.

– E tu vais aceitar isso de uma rapariguita? Da tua própria mulher? Sabes o que isso está a fazer ao meu nome?

Bennett abriu novamente a revista e resmungou, de cabeça baixa:

– É só falatório. Daqui a nada já se calam.

– E isso quer dizer o quê?

Bennett encolheu os ombros.

– Não sei. Talvez que... devíamos deixá-la em paz.

Van Cleve olhou de soslaio para o filho, como se ali estivesse um extraterrestre que ele mal reconhecia.

– E tu queres *mesmo* que ela volte para casa?

Bennett voltou a encolher os ombros.

– Que diabo quer isso dizer?

– Não sei.

– Aaah... É por causa de a Peggy Foreman andar novamente a rondar? Ah, pois, eu sei bem como é. Eu bem te vejo, meu filho. E ouço o que se diz por aí. Achas que a tua mãe e eu não tivemos também os nossos problemas? Achas que não tivemos também momentos em que não queríamos estar perto um do outro? Mas ela era uma mulher ciente das suas responsabilidades. E tu és *casado*. Estás a perceber, meu filho? És casado aos olhos de Deus e aos olhos da lei dos homens e das leis da natureza. Se

queres ter uma aventura com a Peggy, fá-lo discretamente e às escondidas, sem que as pessoas vejam e falem. Estás a ouvir?

Van Cleve compôs o casaco e olhou-se ao espelho que havia por cima da lareira.

– Agora, tens de te portar como um homem. Estou farto de ficar aqui especado, enquanto uma inglesa emproada arruína a reputação da minha família. O nome Van Cleve significa alguma coisa por estes lados. Vai buscar o teu maldito casaco.

– O que vai fazer?

– Vamos buscá-la – disse o pai, levantando os olhos para o filho, que era mais alto do que ele e estava agora de pé à sua frente. – Vais barrar-me o caminho, rapaz? O meu próprio filho?

– Eu não vou participar nisso, pai. Há coisas que mais vale... deixar ficar como estão.

A boca do pai fechou-se de repente, como uma ratoeira. Depois, ele saiu, empurrando o filho ao passar.

– Isto é só a ponta do icebergue. Tu até podes ser muito cobardolas para enviarestes um recado àquela rapariga, mas, se pensas que eu sou homem para ficar aqui de braços cruzados sem fazer nada, então é porque não conheces mesmo o teu velho pai.

Margery cavalgava a caminho de casa, perdida em pensamentos, com saudades do tempo em que a sua única preocupação era ter comida suficiente para os três dias seguintes. E, como costumava fazer quando os pensamentos eram profundos e sombrios, ia a balbuciar por entre dentes:

– Não estamos assim tão mal. Ainda aqui andamos, não é Charley? Os livros continuam a circular.

As enormes orelhas do macho agitavam-se para a frente e para trás, pelo que ela jurava que ele entendia alguma coisa do que ela dizia. Sven ria-se

da forma como Margery falava com os seus animais e, de cada vez que o fazia, ela ripostava, dizendo-lhe que entendia bem melhor os animais do que boa parte dos seres humanos daquelas bandas. Claro que, depois, o apanhava a mimar o maldito cão, como se ele fosse um bebé, quando pensava que ela não estava a ver: *Quem é um lindo menino, quem é? Quem é o melhor cão do mundo?* Sven era um coração mole, apesar do seu ar de durão. E afável também. Poucos homens receberiam tão bem uma mulher em sua casa. Margery lembrou-se da tarte de maçã que Alice improvisara na noite anterior, metade da qual ainda estava em cima do balcão. Ultimamente, aquela casa parecia estar sempre a abarrotar de gente, numa azáfama, a cozinhar ou a ajudar nas tarefas domésticas. Há um ano, ela ter-se-ia mostrado desagradada, mas, agora, regressar a uma casa vazia parecia-lhe estranho.

Um pouco delirantes devido ao cansaço, os pensamentos de Margery vagueavam e fragmentavam-se à medida que o macho ia subindo penosamente o caminho escuro. Lembrou-se de Kathleen Bligh, que todas as noites regressava a uma casa onde a sua perda ecoava. Mas, graças a ela, nas últimas duas semanas, e apesar do clima, tinham conseguido fazer quase todas as rotas, e estavam agora praticamente em dia, depois de várias famílias terem abandonado o projeto por causa dos rumores lançados por Van Cleve. Se tivesse orçamento suficiente, contrataria Kathleen de forma permanente. Mas, para já, Mrs. Brady não se mostrava muito disposta a falar do futuro da biblioteca.

– Ainda não escrevi a carta à Mrs. Nofcier, a dar-lhe conta dos nossos atuais problemas – dissera-lhe ela, na semana anterior, o que confirmava que Mr. Brady continuava intransigente relativamente ao regresso de Izzy. – Tenho esperança de que ainda consigamos conquistar a confiança das pessoas ao ponto de a Mrs. Nofcier não ter de ficar a saber desta... infelicidade.

Alice estava de novo a cavalgar, com os hematomas já amarelados, meros ecos das lesões que tinha sofrido. Nesse dia, tinha ficado com a rota longa de Patchett's Creek, supostamente para exercitar mais um pouco a Spirit, mas Margery sabia que era para ela poder ter algum tempo a sós com Sven. As famílias da rota dessa enseada gostavam de Alice, pediam-lhe para dizer nomes tipicamente ingleses, como *Beaulieu*, *Piccadilly* e *Leicester Square*, só para se rirem com o seu sotaque. Mas ela não se importava. Aquela rapariga não se ofendia facilmente. E essa era uma das coisas que lhe agradavam nela, pensava Margery. Por ali, muitas pessoas viam um insulto numa simples palavra e em cada elogio uma farpa velada, que as visava pessoalmente. Alice parecia sempre pronta a ver o melhor das pessoas com quem se cruzava. Talvez tivesse sido por isso que se casara com aquele idiota do Bennett.

Margery bocejou, enquanto pensava se Sven ainda demoraria a chegar a casa.

– O que achas, Charley? Terei tempo de pôr água a ferver e de tirar esta sujidade de cima de mim? Achas que ele se vai importar minimamente com isso?

Fez parar o macho e desmontou, para abrir o portão principal.

– Da maneira como estou, vai ser uma sorte conseguir ficar acordada até ele chegar.

Após voltar a trancar o portão, demorou um minuto a aperceber-se de que faltava ali alguma coisa.

– Bluey?

Avançou pelo caminho acima, chamando por ele, enquanto esmagava ruidosamente a neve com as botas. Prendeu as rédeas do macho ao pilar do alpendre e levou a mão à testa. Onde se teria enfiado agora o raio do cão? Duas semanas atrás, tinha feito quase cinco quilómetros até à casa dos Henscher, do outro lado da enseada, só para ir brincar com o cachorro deles.

Voltou para casa envergonhado, de orelhas caídas, como se soubesse que se tinha portado mal, e vinha com uma expressão tão culpada, que Margery nem teve coragem de ralhar com ele. A voz dela ecoou por todo o vale: *Bluey...?*

Subiu para o alpendre, galgando dois degraus de cada vez, e avistou-o ao fundo, junto à cadeira de baloiço. Um corpo lívido e inerte, com uns olhos cor do gelo virados para cima, inexpressivos, de língua de fora e pernas afastadas, como se tivesse sido imobilizado no preciso momento em que ia a correr. Via-se perfeitamente o buraco vermelho-escuro da bala que lhe havia atravessado o crânio.

– Oh, não. Oh, não...

Margery correu para junto dele e caiu de joelhos, soltando um gemido saído de um lugar que ela nem sabia que possuía.

– Oh, o meu menino não... Não. Não.

Afagou a cabeça do cão, sentindo o pelo macio das suas bochechas, e acariciou-lhe o focinho, mesmo sabendo que já não havia nada a fazer.

– Oh, Bluey, meu querido... – Encostou a cara ao focinho dele. – *Desculpa, desculpa, desculpa* – disse ela. E puxou-o para si, a chorar por um pobre cão pateta que não voltaria a saltar-lhe para cima da cama.

Foi assim que Alice a foi encontrar, quando chegou com a Spirit, uma hora e meia depois, com as pernas doridas e os pés entorpecidos pelo frio.

Margery O'Hare, uma mulher que não vertera uma única lágrima durante o funeral do pai, que mordera o lábio até sangrar enquanto enterravam a irmã, uma mulher que demorara quase quatro anos a confessar os seus sentimentos ao homem que mais amava no mundo, e que ainda assim jurava não ter um pinga de sentimento no corpo, ficou na varanda a chorar como uma criança, vergada pela dor e a acariciar carinhosamente a cabeça do cão morto, pousada no seu colo.

Alice viu o *Ford* de Van Cleve antes de o ver a ele. Durante semanas, ela foi-se escondendo nas sombras sempre que ele passava e virava a cara para o lado, com o coração nas mãos, preparada para o seu rosto afogueado lhe exigir uma vez mais que voltasse para casa imediatamente e parasse com todo aquele disparate – ou ainda se ia arrepender. Tremia ligeiramente só de o ver, mesmo quando estava acompanhada, como se tivesse ficado alojada nas suas células uma memória residual que ainda sentia o impacto daquele murro inesperado.

Porém, naquele momento, impelida por uma longa noite de dor, que, de certo modo, tinha sido bem mais difícil de testemunhar do que se fosse sua, ao ver o carro *bordeaux* a descer a encosta, armou-se de coragem e virou a Spirit com força para o meio da estrada, colocando-se mesmo diante dele e obrigando-o a meter os pés ao travão. O carro chiou até parar em frente do armazém, levando todos os transeuntes – que não eram poucos, dado que o armazém estava a fazer uma promoção especial na farinha – a pararem e a ficarem a observar o alvoroço. Van Cleve pestanejou ao ver pelo para-brisas a rapariga em cima do cavalo, sem perceber bem, a princípio, quem ela era. Depois, baixou o vidro e perguntou:

– Perdeste completamente o juízo, Alice?

Ela lançou-lhe um olhar furioso. Solto as rédeas, e a sua voz cristalina, mas colérica, projetou-se no ar parado:

– Matou-lhe o *cão*?

Seguiu-se um breve silêncio.

– Matou o *cão* da Margery?

– Eu não matei nada.

Ela levantou o queixo e encarou-o olhos nos olhos.

– Ah, não, claro que não. O senhor não ia sujar as mãos, pois não? Provavelmente, pediu a um dos seus homens que fosse lá matar o *cãozinho*

– disse ela, abanando a cabeça. – Meu Deus, que tipo de homem é o senhor?

Alice viu, pela forma intrigada como Bennett se virou e olhou para o pai, que ele não sabia de nada. E uma qualquer parte de si mesma ficou aliviada.

Van Cleve, que ficara boquiaberto, depressa recuperou a compostura.

– Estás doida? Viver com aquela O’Hare endoideceu-te! – Olhou pela janela e reparou que os vizinhos que tinham ficado a ouvi-los murmuravam entre si. Aquilo era mesmo um grande acontecimento para uma vila tão pacata. *Van Cleve matou o cão da Margery O’Hare.* – Ela é doida! Olhem só para ela, a atravessar-me o cavalo diante do carro! Como se eu fosse matar algum cão! – E batia com as mãos no volante, mas Alice não se mexia. Então, ele levantou um pouco mais a voz: – Eu!... Matar um maldito cão!

Por fim, como ninguém se mexesse nem dissesse nada, rematou:

– Vamos, Bennett. Temos muito trabalho para fazer.

Virou o volante com esforço, fazendo o carro contornar Alice, e acelerou pela estrada acima, assustando a Spirit, que se empinou ao sentir a gravilha a saltar-lhe para as patas.

Não devia ter sido surpresa. Sven estava inclinado sobre a tosca mesa de madeira a contar a Fred e às duas mulheres as histórias vindas do condado de Harlan, de homens dinamitados nas próprias camas devido à escalada das querelas com os sindicatos, de rufiões de metralhadora, de xerifes que fechavam os olhos. À luz de tudo isto, um cão morto não devia ter causado grande surpresa. Mas parecia ter deixado Margery fora de combate. Tinha vomitado duas vezes, em choque, e procurava instintivamente o cão quando estavam em casa, de mão na face, como se ainda esperasse vê-lo aparecer aos saltos a dobrar a esquina.

– O Van Cleve é astucioso – murmurou Sven, quando Margery saiu para ir ver como estava o Charley, como fazia todas as noites. – Sabia bem que a Margery nem sequer pestanejaria, se alguém lhe apontasse uma arma. Mas, se começasse a atingir as coisas de que ela gosta...

Alice refletiu no que ouvia.

– *Estás...* preocupado, Sven?

– Por mim? Não. Eu faço parte da empresa. E ele precisa de um supervisor. Não estou sindicalizado, mas, se alguma coisa me acontecer, todos os meus homens abandonam a mina. Já está tudo combinado. E, se nós a abandonarmos, a mina fecha. O Van Cleve pode ter o xerife na mão, mas a tolerância do estado tem limites – disse ele, fungando. – Além disso, isto é um assunto entre ele e vocês as duas. E ele não quer atrair as atenções para o facto de estar em conflito com duas mulheres. Podeis crer que não. – Sven bebeu um gole de uísque. – Ele só está a tentar assustar-vos. Mas os homens dele não fariam mal a uma mulher. Mesmo aqueles rufiões que ele tem. Eles respeitam o código das montanhas.

– E aqueles que ele traz de fora do estado? – perguntou Fred. – Tens a certeza de que esses também respeitam o código das montanhas?

Sven pareceu não ter resposta para essa pergunta.

Fred ensinou Alice a manejar uma espingarda. Mostrou-lhe como devia equilibrar a coronha e apoiá-la contra o ombro, como dar desconto à forte projeção para trás, no momento de fazer a mira, lembrando-lhe que, ao soltar o gatilho, não devia sustar a respiração, mas, sim, expirar devagar. Da primeira vez que ela puxou o gatilho, Fred estava mesmo atrás, com as mãos pousadas nas dela, e o corpo dela ressaltou de tal forma contra ele, que Alice ficou corada durante uma hora.

Enquanto alinhava as latas sobre uma árvore tombada, na extremidade das terras de Margery, Fred comentou que ela tinha um talento natural. E,

poucos dias depois, Alice já as derrubava uma a uma, como maçãs a caírem de um ramo. À noite, quando verificava se as novas trancas estavam colocadas nas portas, Alice passava as mãos pelo cano da espingarda, erguia-a até ao ombro e disparava salvas imaginárias contra intrusos invisíveis que vinham a subir o caminho de acesso à casa. Pela amiga, puxaria o gatilho – não tinha dúvidas nenhuma sobre isso.

Porque algo mais havia mudado, algo fundamental: Alice descobrira que, pelo menos para uma mulher, era muito mais fácil enfurecer-se por causa de alguém de quem gostasse, sentir aquela raiva fria, aquela vontade de fazer sofrer quem magoou essa pessoa amada.

Alice, como se podia ver, já não tinha medo.

Para cavalgarem durante o inverno, as bibliotecárias embrulhavam-se em tantas camadas de roupa, que era difícil identificar a pessoa por baixo delas: duas camisolas interiores, uma camisa de flanela, uma camisola grossa e um casaco, e por vezes ainda um ou dois cachecóis – este era o uniforme diário nas montanhas, talvez ainda adicionado de umas luvas grossas de couro, de homem, por cima das delas, um chapéu bem enfiado na cabeça e mais um cachecol a cobrir o nariz, para a respiração aquecer um pouco a pele. Quando regressavam a casa, tinham alguma relutância em se despirem e expunham o mínimo de pele possível ao frio, enquanto tiravam a roupa interior e se enfiavam a tremer debaixo dos lençóis. Salvo quando se lavavam com a luva de banho, as mulheres da Biblioteca a Cavalo podiam passar semanas quase sem ver o próprio corpo.

Alice parecia continuar mergulhada na sua batalha privada com os Van Cleve, embora, para seu sossego, as coisas pareciam ter acalmado um pouco. Era frequente encontrá-la na floresta, por detrás da casa, a praticar com a velha arma de Fred, com o estampido e o impacto das balas que atingiam as latas a ecoarem no ar parado.

Izzy só era vista nas ruas da vila de vez em quando, a caminhar atrás da mãe, com um ar infeliz. E Beth só aparecia esporadicamente, logo ela, que era a única pessoa que se esperava que reparasse em tais coisas ou que fizesse piadas a propósito – mas andava mais preocupada com o braço e com o que podia ou não fazer com ele. Por isso, ninguém reparou ou se lembrou de comentar que Margery estava a ficar mais gorda. Sven, que conhecia o corpo de Margery tão bem como o seu, compreendia as flutuações que ocorriam no corpo feminino e desfrutava de todas por igual, sendo um homem suficientemente sensato para não fazer comentários.

A própria Margery já se tinha habituado a andar exausta, sempre a tentar fazer o dobro das rotas, a lutar todos os dias para convencer os cétricos da importância das histórias, dos factos e do conhecimento. O que, juntamente com a constante sensação de mau presságio, a obrigava a um esforço enorme para levantar a cabeça da almofada todas as manhãs. O frio já se tinha entranhado nela depois de tantos meses de neve, e as longas horas passadas no exterior provocavam-lhe uma fome voraz e permanente. Havia sempre, portanto, uma justificação para uma mulher não reparar em coisas de que outras talvez se tivessem apercebido mais depressa. Ou, caso tivesse mesmo reparado, para varrer tais pensamentos para debaixo da enorme pilha de preocupações que lhe ocupavam a mente.

Mas há sempre um momento em que tais coisas se tornam impossíveis de ignorar. E, certa noite, no final de fevereiro, Margery disse a Sven que nesse dia não passasse lá por casa, acrescentando com uma indiferença enganadora que tinha coisas para pôr em dia. Ajudou Sophia a tratar dos últimos livros, acenou a Alice quando ela saiu para a noite nevada e, depois, trancou-se sozinha na pequena biblioteca. A salamandra ainda irradiava calor, pois Fred, que Deus o abençoasse, tinha-a enchido de lenha antes de, também ele, se ir embora para jantar, inteiramente focado numa outra pessoa. Margery sentou-se na cadeira, com os pensamentos a vaguearem na escuridão que a envolvia; depois, levantou-se e foi buscar a uma estante um pesado manual escolar, que folheou até encontrar o que procurava. Leu atentamente essa informação de sobrolho franzido. Assimilou-a e, depois, contou pelos dedos: *um, dois, três, quatro, cinco, cinco e meio*.

E, em seguida, contou mais uma vez.

Independentemente do que pudessem pensar no condado de Lee acerca da família de Margery O'Hare e acerca do tipo de mulher que ela certamente seria, tendo em conta as suas origens, Margery não era mulher

de dizer palavrões. Mas, naquele momento, praguejou baixinho, uma, duas vezes, e deixou a cabeça tombar silenciosamente entre as mãos.

Os banqueiros, os comerciantes, os editores e os advogados das pequenas vilas e cidades, a polícia, o xerife e talvez até o governo, todos prestavam aparentemente vassalagem aos milionários e aos magnatas da região. Todos sentiam a compulsão, se não mesmo o desejo, de ficarem bem vistos perante aqueles que detinham nas mãos o poder de lhes causarem problemas materiais ou pessoais.

Theodore Dreiser, introdução a *Harlan Miners Speak*
(*Testemunhos dos Mineiros de Harlan*)

– Houve três famílias que não me deixavam sequer entregar um só livro, a não ser que lhes lêssemos histórias da Bíblia; houve uma porta fechada na cara, lá em cima, naquelas casas novas perto da Hoffman, mas a Mrs. Cotter parece ter mudado de ideias, agora que percebeu que não estávamos a tentar arrastá-la para caminhos pecaminosos; e a Doreen Abney pergunta se lhe podemos levar a revista com a receita da tarte de coelho, porque se esqueceu de a copiar há duas semanas. – Com estas palavras, Kathleen atirou o alforge, que aterrou com estrondo em cima da secretária; a seguir, virou-se para Alice, ao mesmo tempo que esfregava as mãos cobertas de pó. – Ah, e o Mr. Van Cleve obrigou-me a parar no meio da rua para me dizer que nós éramos uma abominação e que, quanto mais depressa nos fôssemos embora desta vila, melhor.

– Eu dou-lhe a abominação – disse Beth, mal-encarada.

Em meados de março, Beth tinha recomeçado a trabalhar a tempo inteiro, mas ninguém teve coragem de dizer a Kathleen que já não fazia falta. Mrs. Brady, que era uma mulher justa, embora algo intransigente,

tinha-se recusado a ficar com o salário de Izzy referente ao período subsequente a ela se ter ido embora e Margery limitou-se a entregar diretamente o pequeno envelope castanho a Kathleen. Foi quase um alívio, pois estava a pagar-lhe do próprio bolso, com as poucas poupanças que fizera desde a morte do pai. A sogra de Kathleen tinha vindo duas vezes à biblioteca com os netos, para lhes mostrar, toda orgulhosa, o que a mãe deles andava a fazer. Todas as mulheres adoravam as crianças. Mostravam-lhes os livros mais recentes, deixavam-nas ir para cima do macho, e havia algo no sorriso rasgado de Kathleen e no afeto genuíno que a sogra parecia nutrir por ela que as fazia sentirem-se um pouco melhor.

Percebendo que Alice não ia ceder relativamente à questão de regressar a casa, Mr. Van Cleve tinha optado por mudar de estratégia, começando a insistir para que ela se fosse embora da vila, onde não era bem-vinda. Abandonava o carro ao seu lado para a acompanhar durante algum tempo, quando ela saía para as suas rotas, o que fazia a Spirit revirar os olhos e empinar-se toda para se livrar daquele homem que não parava de bradar pela janela do carro.

– Tu não tens como te sustentares. E é uma questão de semanas até aquela biblioteca fechar. Ouvi-o da boca do próprio governador. Se não vais voltar para casa, então é melhor arranjares outro lugar para viver. Algures, lá em Inglaterra.

Alice tinha aprendido a cavalgar sem olhar para o lado, como se nem sequer estivesse a ouvir, o que o enfurecia ainda mais e o levava invariavelmente a desatar aos gritos em plena estrada, enquanto Bennett se afundava no lugar, ao seu lado.

– *Tu já nem sequer és assim tão bonita!*

– Acha que a Margery não se importa mesmo que eu esteja a viver em casa dela? – perguntava ela, mais tarde, a Fred. – Eu não quero incomodar. Mas ele tem razão. Eu não tenho mais lugar nenhum para onde ir.

Fred mordeu o lábio, como se quisesse dizer algo que não podia.

– Acho que a Margery gosta de a ter por perto. Como todos nós gostamos – dizia ele, cauteloso.

Alice tinha começado a reparar em novas características de Fred: o modo confiante como ele tocava nos cavalos, a fluidez com que se mexia, ao contrário de Bennett, que, apesar de ter um corpo atlético, sempre parecera desconfortável, restringido pelos próprios músculos, como se os movimentos só irrompessem dele esporadicamente. Ela arranjava desculpas para ficar na biblioteca até tarde, a ajudar Sophia, que se mantinha de lábios sempre cerrados. Ela sabia. Ah, todas elas sabiam.

– Gosta dele, não gosta? – perguntou-lhe Sophia, uma noite, sem rodeios.

– Eu? Do Fred? Oh, céus. Eu... – balbuciou ela.

– É um bom homem – disse Sophia, pondo ênfase no *bom*, como se estivesse a compará-lo com outra pessoa.

– Alguma vez foi casada, Sophia?

– Eu, não. – Sophia levou uma linha à boca e cortou-a com os dentes. E, no preciso momento em que Alice estava a pensar se não teria sido, mais uma vez, demasiado direta, Sophia acrescentou: – Em tempos, amei um homem. Chamava-se Benjamin. Era mineiro. Era o melhor amigo do William. Conhecíamos-nos desde crianças. – Aproximou o que estava a coser do candeeiro. – Mas agora está morto.

– Morreu... nas minas?

– Não. Foram uns homens que o mataram. Quando ele regressava a casa, sozinho, depois do trabalho.

– Oh, Sophia, lamento tanto.

A expressão de Sophia era indecifrável, como se tivesse passado anos a praticar como esconder o que sentia.

– Não consegui ficar aqui muito tempo. Mudei-me para Louisville e dediquei-me de corpo e alma ao trabalho na biblioteca dos negros. Construí uma espécie de vida nova, mas sentia a falta dele todos os dias. Quando soube que o William tinha sofrido um acidente, roguei a Deus que não tivesse de voltar para aqui. Mas, sabe como é, Ele tem os Seus caminhos.

– Continua a ser difícil?

– De início, foi. Mas... as coisas mudam. Já fez catorze anos que o Ben morreu. A vida continua.

– Acha que ainda... vai encontrar outra pessoa?

– Ah, não. Esse tempo já passou. Além disso, eu não me adapto a sítio nenhum. Sou demasiado instruída para a maioria dos homens aqui da vila. Demasiado obstinada, como diria o meu irmão – disse ela, a rir.

– Isso é-me familiar – disse Alice, com um suspiro.

– O William é a minha companhia. Vamos sobrevivendo. E tenho esperança. As coisas estão a correr bem. – Sophia sorriu. – Temos de dar valor ao que temos. Gosto do que faço e agora tenho amigas aqui.

– Também é um pouco assim que eu me sinto.

Quase por impulso, Sophia estendeu a mão esguia e apertou a de Alice. Esta retribuiu-lhe o gesto, surpreendida pelo inesperado conforto daquele toque humano. Apertaram a mão uma da outra com firmeza e, depois, soltaram-se, quase com relutância.

– Na verdade, acho-o simpático – disse Alice, passado um momento. – E até... bonito.

– Ai, rapariga, basta-lhe dizer a palavra certa. Aquele homem anseia por si como cão por osso, desde o dia em que aqui cheguei.

– Mas eu não posso, pois não?

Sophia ergueu os olhos.

– Metade da vila pensa que esta biblioteca é um antro de imoralidade, sobretudo por minha causa. Imagine o que diriam de nós se eu me

envolvesse com um homem? Um homem que não fosse o meu marido?

Ela tinha razão, disse mais tarde Sophia a William. Mas era mesmo uma pena, duas pessoas tão boas e que gostavam tanto de estar na companhia uma da outra... *Bem*, disse William, *nunca ninguém disse que este mundo era justo*.

– Lá isso é verdade – disse Sophia, voltando à costura, perdida por momentos nas memórias de um homem de riso fácil, que sempre a fizera sorrir, e na sensação há muito perdida do braço dele em torno da sua cintura.

– Ela é uma grande professora, a velha Spirit – disse Fred, enquanto cavalgavam rumo a casa em pleno crepúsculo. Ele envergava um pesado casaco de oleado, para se proteger da chuva miúda, e levava enrolado no pescoço o cachecol verde que as bibliotecárias lhe tinham oferecido pelo Natal, como fazia todos os dias desde então. – Não viu hoje? De cada vez que este se assustava, ela olhava para ele, como quem diz: *Vê lá se te controlas*. E, quando ele não lhe dava ouvidos, ela revirava as orelhas para trás, como que a avisá-lo.

Alice observava os dois cavalos a caminharem lado a lado, maravilhada com as pequenas diferenças que Fred conseguia identificar. Ele conseguia avaliar a estrutura de um cavalo e sugava o ar entre dentes, com ar crítico, ao ver uns quartos dianteiros demasiado descaídos ou uns jarretes de vaca ou uma linha superior pouco desenvolvida – enquanto tudo o que Alice via era *um belo cavallinho*. E também conseguia avaliar-lhes o carácter; não mudava praticamente nada desde que nasciam, se os homens não os estragassem muito, dizia ele. «Mas claro que a maioria não se consegue conter.» Alice ficava muitas vezes com a sensação de que, quando Fred dizia estas coisas, se estava a referir a algo completamente diferente.

Ele tinha começado a ir ao encontro dela, nas rotas mais longas, com um potro puro-sangue que tinha uma cicatriz na orelha, o Pirate. Disse-lhe que achava que ia ser benéfico para o potro trabalhar com um cavalo de temperamento mais equilibrado como a Spirit, mas ela suspeitava de que ele tinha outras razões para ali estar. E não se importava nada. Já era suficientemente duro passar grande parte do dia sozinha com os seus pensamentos.

– Terminou o Hardy?

Fred fez uma careta.

– Terminei, mas não gostei nada daquela personagem, o Angel.

– Não?

– Dei muitas vezes por mim com vontade de lhe dar um pontapé. Então, aquela pobre rapariga só queria amá-lo, e ele armado em pregador, sempre a julgá-la, sem ela ter culpa sequer... E, depois, vai e casa com a irmã dela?!...

Alice reprimiu uma gargalhada.

– Tinha-me esquecido dessa parte.

Falavam dos livros que recomendavam um ao outro. Ela tinha gostado bastante de Mark Twain e, inesperadamente, achara os poemas de George Herbert comoventes. Ultimamente, parecia-lhes mais fácil falarem de livros do que da vida real.

– Então... posso levá-la a casa? – Após chegarem à biblioteca, conduziam os cavalos para o estábulo de Fred, para lá passarem a noite. – Está tudo demasiado molhado para ir a pé até à casa da Marge. Eu posso levá-la até àquele carvalho grande.

Era realmente tentador. Aquela caminhada na escuridão era a pior parte do dia, quando ela já estava cheia de fome e toda dorida, e já não conseguia pensar em nada de bom. Durante uns tempos, Alice levava a Spirit até casa

e guardava-a lá, durante a noite, mas agora tinha um acordo tácito com Margery para não o fazer.

Fred tinha acabado de fechar o estábulo e olhava para ela, expectante. Alice lembrou-se de como era bom ficar sentada ao lado dele, a observá-lo as mãos fortes no volante e também o seu sorriso, enquanto lhe ia contando entusiasmado ora isto ora aquilo, confidências que ele lhe oferecia como conchas abertas na palma da mão.

– Não sei, Fred. Não posso mesmo ser vista...

– Bem, eu estava a pensar... – começou ele, um pouco inquieto. – Sei que gosta de dar à Margery e ao Sven um pouco de espaço para estarem sozinhos... e agora mais do que nunca...

Algo de estranho se passava com Margery e Sven. Alice tinha demorado uma ou duas semanas a aperceber-se, mas a pequena cabana já não se enchia daqueles abafados gemidos de amor. Muitas vezes, quando Alice se levantava, Sven já tinha saído e, quando ainda estava em casa, já não havia piadas sussurradas ou intimidades casuais – apenas silêncios soturnos e olhares carregados. Margery parecia preocupada. Tinha sempre um ar sombrio e um modo brusco. Mas a sua expressão suavizara-se quando Alice lhe perguntara, na noite anterior, se preferia que ela se fosse embora. A sua resposta fora um pouco inesperada, pois, em vez de lhe dizer, com indiferença, que estava bem e que Alice não precisava de se preocupar, dissera-lhe baixinho: *Não, por favor, não vás*. Seria um arrufo de casal? Não iria trair a amiga e falar da sua vida privada, mas sentia-se completamente perdida.

– ... portanto, estava a pensar se não gostaria de jantar comigo? Teria todo o gosto em cozinhar. E podia...

Ela voltou novamente a atenção para o homem que estava à sua frente.

– ... deixo-a em casa lá para as oito e meia, ou por aí.

– Não posso, Fred.

Ele cerrou imediatamente os lábios, reprimindo as palavras.

– Eu... não é que não gostasse. É que... se me vissem... bem, as coisas já estão bastante complicadas. Sabe como a gente desta vila gosta de falar.

Fred fez uma expressão de quem já estava, de certa forma, à espera daquela resposta.

– Não posso correr o risco de tornar tudo ainda mais complicado para a biblioteca. Nem... para mim mesma. Talvez quando as coisas estiverem um pouco mais calmas.

Ainda não tinha acabado de o dizer e já estava a pensar que não sabia bem se isso alguma vez aconteceria. O povo daquela vila era capaz de polir um boato e de o conservar em âmbar como um inseto. Séculos depois, ainda eram capazes de andar às voltas com a mesma coisa.

– Claro – disse ele. – Só queria que soubesse que a proposta está de pé. Caso se canse da comida da Margery.

Ele forçou uma risada, e ali ficaram os dois, frente a frente, ambos um pouco constrangidos. Então, ele quebrou a tensão, erguendo o chapéu num cumprimento de despedida, e avançou com ar pesado pelo caminho molhado em direção a casa. Alice ficou a olhá-lo, a pensar no calor do seu lar, naquele tapete azul de trapos e no aroma doce a madeira encerada. E, com um suspiro, puxou o cachecol para cima, cobrindo o nariz, e deu início à longa caminhada pela montanha fria acima, rumo à casa de Margery.

Sven sabia que Margery não era mulher que se deixasse pressionar. Porém, quando ela lhe disse, pela terceira vez nessa semana, que era melhor ele ficar em casa dele, Sven não conseguiu continuar a ignorar o que sentia. Ao vê-la tirar a sela ao Charley, deu por si a cruzar os braços e a observá-la com um olhar mais frio e avaliador, até resolver proferir as palavras que andava a remoer já há semanas:

– Fiz alguma coisa de errado, Marge?

– Como?

E lá estava ela, outra vez, a evitar olhá-lo de frente, enquanto ele falava.

– Nas últimas semanas, parece que não me queres por perto.

– Não digas disparates.

– Parece que não consigo dizer nada que te agrade. Quando vamos para a cama, ficas enroscada como um bicho-da-seda. Não queres que te toque...

– balbuciou ele, hesitante, de forma nada habitual. – Nunca nos mostrámos indiferentes um com o outro, nem quando estivemos separados. Nem uma única vez durante estes dez anos. Eu só... queria saber se fiz alguma coisa que te ofendesse.

Os ombros de Margery descaíram ligeiramente. Depois, ela estendeu a mão por baixo do cavalo para apanhar a cilha e atirou-a por cima da sela, fazendo a fivela tilintar com o embate. Havia naquela forma de proceder um aborrecimento que lhe lembrava uma mãe a lidar com um filho malcomportado. Margery fez um compasso de espera antes de falar:

– Não fizeste nada que me ofendesse, Sven. Estou apenas... cansada.

– Então, porque é que nem sequer queres que te abrace?

– Bem, eu nem sempre quero ser abraçada.

– Nunca pareceste incomodada com isso.

Desagradado com o tom da própria voz, Sven tirou-lhe a sela das mãos e levou-a para casa. Margery conduziu o Charley até à cocheira, escovou-o, trancou a porta do estábulo e depois foi também para casa, em silêncio. Ultimamente, trancavam tudo e estavam atentos a qualquer alteração, de ouvidos bem alerta para qualquer ruído estranho no vale. O caminho de acesso à casa estava cheio de fios com campainhas e latas, para servirem de aviso, e havia uma espingarda carregada de cada lado da cama.

Sven pousou a sela no respetivo suporte e ficou parado, a pensar. Em seguida, avançou para Margery, estendeu a mão e tocou-lhe suavemente no rosto, num gesto de paz. Mas ela nem levantou os olhos. Antes, costumava

encostar os lábios à palma da mão dele e beijar-lha. E isso encheu-lhe o peito de um enorme desânimo.

– Sempre fomos sinceros um com o outro, não fomos?

– Sven...

– Eu respeito a forma como queres viver. Aceitei que não quisesses sentir-te amarrada. Nunca mais voltei a mencionar isso desde...

Ela esfregou a testa.

– Será que podemos não falar disto agora?

– O que eu quero dizer é que... fizemos um acordo. Combinámos que... se não me quisesses mais na tua vida, me dirias.

– Vamos voltar a este assunto? – Margery parecia triste e exasperada. Virou a cara para o lado. – Não é nada contigo. Eu não quero que vás a lado nenhum. Eu só... só tenho muita coisa em que pensar.

– Todos temos muito em que pensar.

Ela abanou a cabeça.

– Margery.

E assim ficou, teimosa como o Charley. Sem ceder em nada.

Sven Gustavsson não era um homem de temperamento difícil, mas era orgulhoso e tinha os seus limites.

– Eu não aguento mais isto. Não vou continuar a incomodar-te. – Ela levantou a cabeça quando ele se virou. – Sabes onde podes encontrar-me, quando estiveres preparada para voltar a ver-me. – Ergueu a mão, enquanto se afastava montanha abaixo, mas não olhou para trás.

Na sexta-feira, Sophia estava de folga por ser o aniversário de William e, como as reparações dos livros estavam em dia (possivelmente por Alice passar tanto tempo extra na biblioteca), Margery insistira para que ela ficasse com o irmão. Alice vinha a subir Split Creek, já a noite caía, e, reparando que a luz da biblioteca ainda estava acesa, ficou a pensar qual das

bibliotecárias ainda lá estaria, tendo em conta a ausência de Sophia. Beth estava sempre com pressa de terminar, despejando os livros e correndo para casa (se não chegasse cedo, os irmãos acabavam por lhe comer o jantar que tinham guardado). Kathleen também estava sempre ansiosa por chegar a casa, para aproveitar os últimos minutos com os filhos antes de eles irem para a cama. Só ela e Izzy guardavam os cavalos no estábulo de Fred, e, ao que parecia, Izzy estava definitivamente afastada do projeto.

Alice retirou a sela à Spirit e deixou-se ficar um momento no calor do estábulo. Beijou as orelhas perfumadas da égua, encostando a cara ao seu pescoço quente, e procurou alguma guloseima para lhe dar, enquanto o animal aproximava o focinho macio e curioso do bolso dela. Alice adorava agora aquele animal e conhecia as suas peculiaridades e os seus pontos fortes tão bem como os de si própria. Apercebera-se, entretanto, de que a pequena égua era a relação mais constante que tinha tido em toda a sua vida. Só depois de ter a certeza de que ela estava confortável é que se dirigiu para a porta das traseiras da biblioteca, onde ainda conseguia ver uma fresta de luz pelas fendas da madeira que não estavam forradas com papel.

– Marge? – chamou Alice.

– Bem, a Alice faz mesmo as coisas nas calmas.

Ela pestanejou ao ver Fred sentado a uma pequena mesa no centro da sala, de camisa de flanela lavada e calças de ganga azuis.

– Percebi o seu argumento sobre não ser vista comigo em público, mas achei que podíamos jantar juntos na mesma.

Alice fechou a porta, reparando na mesa cuidadosamente posta, que tinha, ao centro, uma pequena jarra com tussilagem, a precursora da primavera, nas duas cadeiras e nos candeeiros a petróleo que cintilavam nas secretárias mais próximas, projetando sombras sobre as lombadas dos livros que os rodeavam.

Ele pareceu ver uma certa reserva no silêncio assustado de Alice.

– É apenas um guisado de porco com feijão-preto. Nada de mais... Não sabia bem a que horas ia chegar. Os legumes talvez tenham arrefecido um pouco. Não me tinha apercebido de que era tão cuidadosa com aquela minha égua.

Mal ele retirou a tampa da pesada caçarola de ferro, a sala encheu-se de um aroma delicioso a carne cozinhada lentamente. Ao lado de Alice, havia uma pesada caçarola com broa e uma tigela de feijão-verde.

O estômago de Alice manifestou-se de uma forma inesperada e audível, e ela comprimiu-o com a mão, tentando não enrubescer.

– Bem, parece que há quem aprove – disse calmamente Fred, levantando-se para lhe ir puxar a cadeira.

Ela pousou o chapéu na secretária e desenrolou o cachecol.

– Fred, eu...

– Eu sei. Mas eu gosto da sua companhia, Alice. E, sendo um homem desta região, não tenho muitas oportunidades para oferecer um jantar a alguém como a Alice – disse-lhe ele, inclinando-se para lhe servir um copo de vinho. – Ficava-lhe muito agradecido se... me fizesse a vontade.

Ela ia abrir a boca para reclamar, mas apercebeu-se de que não sabia muito bem de quê. E, quando levantou a cabeça, viu que ele estava a observá-la, à espera de um sinal.

– Está tudo com ótimo aspeto – disse ela.

Ele soltou então um pequeno suspiro, como se até àquele momento ainda não tivesse a certeza de que ela não fosse fugir a sete pés. Depois, sorriu-lhe, enquanto começava a servir a comida, um sorriso suave, aberto e tão pleno de satisfação, que ela não pôde evitar sorrir-lhe também.

A Biblioteca a Cavalo tinha-se tornado, ao longo dos meses da sua existência, um símbolo de muitas coisas e uma atração de outras, algumas polémicas e outras capazes de provocar inquietação em certas pessoas,

independentemente do tempo que ela durasse. Mas, naquele fim de tarde húmido e gelado de março, tornou-se um refúgio minúsculo e cintilante. Duas pessoas fechadas na segurança do seu interior, momentaneamente libertas das suas histórias complicadas e do peso das expectativas da vila onde viviam, degustaram uma refeição saborosa, riram-se e conversaram sobre poesia e narrativas, sobre cavalos e sobre os erros que haviam cometido no passado, e, embora não tivesse havido praticamente nenhum toque entre elas, salvo um accidental roçar de pele com pele no momento de passar o pão ou de encher o copo, Alice redescobriu uma pequena parte de si mesma, da qual nem se tinha apercebido de que sentia falta: a jovem atiradiça que gostava de conversar sobre o que tinha lido, visto e pensado, tanto quanto gostava de cavalgar pelos trilhos da montanha. Por sua vez, Fred desfrutou da completa atenção de uma mulher, das gargalhadas prontas perante as suas piadas e do desafio de ouvir uma ideia que podia diferir da sua. O tempo voou, e ambos terminaram a noite plenos e felizes, com aquele raro brilho de quem lá no fundo se sente compreendido por alguém e percebe que, afinal, talvez haja, algures, uma pessoa que nunca verá senão o melhor de si.

Fred desceu facilmente os últimos degraus, pousou a mesa lá fora, para depois a carregar até casa, e voltou atrás para colocar as duas trancas na porta. Ao seu lado, Alice enrolou o cachecol ao pescoço, com a barriga cheia e um sorriso nos lábios. Encobertos pela biblioteca, quando deram por si, estavam a escassos centímetros de distância um do outro.

– Tens a certeza de que não queres que te leve? Está frio e escuro, e é uma longa caminhada.

Ela abanou a cabeça.

– Esta noite acho que me vão parecer só cinco minutos.

Ele analisou-a à meia-luz.

– Ultimamente, já não há muita coisa que te assuste, pois não?

– Não.

– Deve ser influência da Margery.

Sorriram um ao outro, e ele ficou momentaneamente pensativo.

– Espera aí.

Fred foi a casa a correr e regressou, passado um minuto, com uma espingarda na mão, que lhe entregou.

– Só para o caso de ser necessário – disse ele. – Podes já não te assustar, mas ajuda-me a dormir descansado. Traz-ma amanhã.

Alice pegou na espingarda sem reclamar e, depois, seguiu-se um longo e estranho momento, daqueles em que duas pessoas sabem que têm de se separar, mas não querem, e, embora nenhuma tenha a certeza, ambas acreditam que a outra sente exatamente o mesmo.

– Bem – disse ela, por fim –, está a ficar tarde.

Ele passou o polegar pelo tampo da mesa, fechando a boca para reprimir as palavras que não podia dizer-lhe.

– Obrigada, Fred. Foi, sinceramente, a melhor noite que já tive. Provavelmente desde que aqui cheguei. Agradeço-te... do fundo do coração.

Trocaram um olhar que era uma complicada mistura de sentimentos, como quando nos apercebemos de algo que normalmente nos faz acelerar o coração, mas que é anulado pela certeza de que há coisas impossíveis e, então, sentimos o coração dilacerar-se um pouco.

Subitamente, parte da magia da noite dissipava-se.

– Então, boa noite, Alice.

– Boa noite, Fred – disse ela. De seguida, colocando a espingarda ao ombro, deu meia-volta e começou a subir a rua, antes que pudesse dizer algo que complicasse ainda mais as coisas.

É esse o problema desta terra: todas as coisas, o clima, tudo, duram demasiado tempo. Como os nossos rios, os nossos campos: opacos, sem pressa, violentos; moldando e criando a vida do homem à sua imagem implacável e cismática.

William Faulkner, *As I Lay Dying* (Na Minha Morte)

A chuva chegou no fim de março, começando por transformar as pedras e os passeios congelados em pistas de patinagem; pouco depois, de forma absolutamente implacável, fez desaparecer a neve e o gelo que cobriam o solo, transformando-os num interminável manto cinzento. Era limitado o prazer da ligeira subida das temperaturas e da perspectiva de dias mais quentes, pois não parava de chover. Passados cinco dias, a chuva já tinha transformado em lama as estradas inacabadas e, em certas zonas, tinha arrastado por completo as camadas superiores, deixando à vista calhaus pontiagudos e buracos, que podiam atraí-los os mais incautos. Os cavalos esperavam amarrados no exterior, resignados e de cabeça baixa, com as caudas coladas aos quartos traseiros, e os carros avançavam com estrépito, aos solavancos, pelas estradas escorregadias da montanha. Os agricultores resmungavam no armazém de abastecimento, enquanto os comerciantes comentavam que só Deus sabia porque ainda havia tanta água no céu.

Margery regressou da sua ronda das cinco da manhã com as meias encharcadas e encontrou as bibliotecárias sentadas na companhia de Fred, de mãos entrelaçadas e pés irrequietos.

– Da última vez que choveu assim, o Ohio galgou as margens – disse Beth, espreitando pela porta aberta, por onde entrava o gorgolejar da água

que corria pela rua abaixo. Deu uma última passa no cigarro e apagou-o com a sola da bota.

– Está tudo demasiado molhado para andar a cavalo, disse não há dúvidas – disse Margery. – Eu não volto a sair com o Charley.

Logo de manhã, Fred tinha verificado o tempo e avisado Alice de que não era boa ideia sair a cavalo, e, embora já pouca coisa a detivesse, ela tinha-lhe dado ouvidos. Fred mudara os cavalos para um terreno mais elevado, onde era possível avistá-los amontoados e completamente encharcados, a escorrerem água.

– Até os metia no estábulo – disse, enquanto ela o ajudava a levar os últimos dois cavalos para cima –, mas estão mais seguros ali. – Uma vez, quando Fred era pequeno, o pai tinha perdido todas as éguas e todos os potros que estavam fechados no estábulo: o rio transbordara enquanto a família estava a dormir, e, quando acordaram, já só restava o palheiro fora de água. O pai até chorara ao contar-lhe o sucedido, e essa foi a única vez que Fred o viu chorar.

Fred falou a Alice da grande cheia do ano anterior, de como a água tinha arrastado casas inteiras rio abaixo, da quantidade de pessoas que tinham morrido e de como, quando as águas recuaram, tinham encontrado uma vaca presa numa árvore, quase a oito metros de altura, que acabou por ter de ser abatida para não sofrer mais, dado que ninguém foi capaz de descobrir uma maneira de a tirar de lá.

E ali ficaram os quatro, sentados na biblioteca durante uma hora, sem vontade de saírem, embora também não tivessem nada para fazer. Falaram sobre as traquinices que faziam quando eram pequenos, das rações com os melhores preços, de um homem que três deles conheciam e que conseguia assobiar tão bem através da falha de um dente que parecia uma verdadeira orquestra de um só homem. Comentaram que, se Izzy ali estivesse, lhes cantaria uma ou duas canções. Mas a chuva foi aumentando de intensidade

e a conversa foi esmorecendo lentamente, deixando todos a olhar para a porta, cada vez mais entediados.

– O que achas, Fred? – perguntou Margery, quebrando o silêncio.

– Isto não me agrada nada.

– A mim, também não.

Nesse momento, ouviram o barulho de cascos de cavalo e Fred correu para a porta, talvez preocupado que pudesse ser algum evadido. Mas, afinal, era o carteiro, com a água a jorrar da aba do chapéu.

– O rio está a subir muito depressa. É preciso avisar as pessoas das margens do riacho, mas não está ninguém no gabinete do xerife.

Margery virou-se para Beth e para Alice.

– Eu vou buscar as rédeas – disse Beth.

Izzy estava tão perdida nos seus pensamentos, que nem reparou quando a mãe lhe retirou o bordado do colo e lhe resmungou bem alto:

– Oh, Izzy, vou ter de desfazer estes pontos todos. Isto não se parece nada com o modelo. O que foi que *estiveste* a fazer?

Mrs. Brady foi buscar um exemplar da *Woman's Home Company*, pousou-o no colo e folheou-o até encontrar o modelo que procurava.

– Nem parecido! Olha, até fizeste ponto contínuo onde tinha de ser ponto de cadeia.

Izzy, a contragosto, voltou a atenção para o modelo.

– Eu detesto costura.

– Não te costumavas importar. Mas, ultimamente, não sei o que se passa contigo. – Izzy não respondeu, o que fez Mrs. Brady resmungar ainda com mais veemência: – Nunca conheci rapariga mais deprimida do que tu.

– Sabe muito bem o que se passa comigo. Estou aborrecida por estar aqui presa. E não suporto que a senhora e o papá se estejam a deixar levar por um idiota como o Geoffrey Van Cleve.

– Isso não é maneira de falar. Porque não te dedicas a fazer colchas? Costumavas gostar. Tenho lá em cima, na minha arca, uns tecidos antigos bem bonitos e...

– Tenho saudades do meu cavalo.

– O cavalo não era teu. – Mrs. Brady fechou a boca e fez um compasso de espera diplomático, antes de voltar a falar: – Mas eu, por acaso, tinha pensado que te podíamos comprar um, se tu achasses que gostavas de continuar a andar a cavalo.

– Para quê? Para andar em círculos? Para o pôr todo bonito, como uma estúpida boneca? Sinto a falta do meu emprego, mãe, e das minhas amigas. Pela primeira vez na minha vida, tive amigas de verdade. Eu era feliz na biblioteca. Será que isso não significa nada para si?

– Bem, agora estás apenas a dramatizar – disse Mrs. Brady, com um suspiro, sentando-se no banco ao lado da filha. – Olha, minha querida, eu sei que gostas muito de cantar. O que achas de eu falar com o teu pai para te arranjarmos umas aulas a sério? Talvez pudéssemos procurar alguém em Lexington que te pudesse ajudar a trabalhar a voz. Talvez quando o teu pai perceber como és dotada, mude de ideias. Mas... oh, meu Deus, vamos ter mesmo de esperar que esta chuva abrande. Alguma vez viste uma coisa assim?

Izzy não respondeu. Sentou-se à janela da saleta a olhar lá para fora, para aquela vista embaciada.

– Sabes uma coisa, acho que vou telefonar ao teu pai. Tenho muito receio de que o rio transborde. Perdi bons amigos nas cheias de Louisville e nunca mais voltei a olhar para o rio da mesma maneira. Porque não desfazes esses últimos pontos para depois os refazermos juntas?

Mrs. Brady desapareceu no hall de entrada; Izzy ouviu-a discar o número de telefone do escritório do pai e depois o leve murmúrio da sua voz. Ficou, depois, a olhar pela janela para o céu cinzento, passando o dedo

pelas gotas de chuva que ziguezagueavam pela vidraça, e semicerrou os olhos para focar um horizonte que já não era visível.

– Bem, o teu pai diz que não devemos sair daqui. E acha que devíamos telefonar à Carrie Anderson, em Old Louisville, e perguntar-lhe se ela e a família querem ficar aqui em casa um dia ou dois, por precaução. Mas só Deus sabe o que faríamos com todos aqueles cães. Acho que não íamos suportar... Izzy?... Izzy? – Mrs. Brady deu meia-volta na saleta vazia. – Izzy? Estás aí em cima?

Correu depois pelo corredor fora até à cozinha, onde a criada, perplexa, desviou a atenção da massa que estava a estender e abanou a cabeça. E foi nesse momento que Mrs. Brady olhou para a porta das traseiras e viu a parte de dentro coberta de gotas de chuva. A proteção da perna da filha estava caída no chão e as botas de montar tinham desaparecido.

Margery e Beth desciam a trote a rua principal, numa confusão de cascos e de salpicos. À sua volta, a estrada inacabada lançava água pela montanha abaixo e para cima dos seus pés, enquanto as sarjetas gorgolejavam, reclamando de tanto peso. Cavalgavam de cabeça baixa e gola subida, e, quando chegaram à zona ribeirinha, abrandaram o ritmo, com as patas dos cavalos a enterrarem-se na erva encharcada. Nas zonas mais baixas de Spring Creek, separaram-se, indo cada uma para um lado da rua, e desmontaram. Começaram então a correr para as portas e a bater nelas com os punhos molhados.

– *A água está a subir* – gritavam, enquanto os cavalos puxavam pelas rédeas. – Têm de ir para uma zona mais alta.

Atrás delas, começaram a surgir algumas pessoas a espreitar às portas ou às janelas, tentando perceber até que ponto deviam levar a sério este conselho. Depois de percorrerem cerca de meio quilómetro, já havia quem

tivesse começado a levar a mobília para os andares de cima, nas casas de dois andares, e, nas outras, a carregar a carroça ou a carrinha com os bens que era preciso proteger. Cobriam-se as caixas abertas das carrinhas com lonas, e as crianças pequenas, a rabujarem, encolhiam-se entre os adultos de rostos lúgubres. Os habitantes de Baileyville já tinham experiência suficiente e sabiam que uma ameaça de cheias devia ser levada muito a sério.

Margery bateu à última porta de Spring Creek, com a água a colar-lhe o cabelo à cara.

– *Mrs. Cornish?... Mrs. Cornish?*

À porta, apareceu uma mulher de lenço na cabeça, extremamente agitada.

– Ah, graças a Deus! Margery, minha querida, não consigo tirar dali o meu macho – disse ela, virando costas e desatando a correr, enquanto lhes fazia sinal para a seguirem. O macho estava ao fundo do cercado, que confinava com o riacho. Os socacos mais baixos, pantanosos mesmo nos dias mais secos, eram agora uma espessa camada de lama escorregadia e acastanhada, e o pequeno macho malhado estava enterrado nela até ao peito, imóvel e aparentemente resignado.

– Parece que ele não se consegue mexer. Por favor, ajudem-no.

Margery puxou-o pelo cabresto. Depois, ao ver que não surtia efeito, encostou todo o seu peso contra ele, tentando puxar apenas por uma das patas dianteiras. O macho levantou o focinho, mas nada mais se mexeu.

– Estão a ver? – As velhas mãos encarquilhadas de Mrs. Cornish contorciam-se. – Ele está mesmo atolado.

Beth correu para o outro lado e também fez tudo o que podia, batendo-lhe na traseira, gritando-lhe e empurrando-o com o ombro, mas sem nenhum resultado. Margery afastou-se e olhou para Beth, que acenou levemente com a cabeça.

Margery tentou empurrá-lo novamente com o ombro, mas, além de abanar as orelhas, o animal não mexia absolutamente mais nada. Ela parou e pôs-se a pensar.

– Eu não posso abandoná-lo.

– Nós não vamos abandoná-lo, Mrs. Cornish. Tem aí os seus arreios? E uma corda? Beth? Beth? Vem cá... Mrs. Cornish, segura-me no Charley, por favor?

Sob uma chuva torrencial, as duas jovens foram a correr buscar os arreios e depois avançaram com dificuldade até ao macho. Entretanto, a água já tinha subido e avançava pela erva acima. Onde, durante meses, passava um aprazível curso de água rumorejante, um ribeiro iluminado pelo sol, corria agora uma torrente amarela fortíssima e implacável. Margery enfiou os arreios na cabeça do macho e apertou as fivelas, sentindo os dedos a escorregarem nas correias molhadas. A chuva rugia-lhes aos ouvidos, o que as obrigava a gritar e a comunicar por gestos, mas tantos meses de trabalho em conjunto garantiam-lhes um bom entendimento. Beth fez o mesmo do outro lado, até ambas gritarem: *Pronto!* Apertaram os tirantes à sobrecilha e depois ataram a corda ao gancho metálico, no quarto dianteiro do animal.

Não havia muitos machos que permitissem uma cinta atada à cilha e a passar-lhe pelas pernas, mas o Charley era esperto, e só foi necessário acalmá-lo uma vez. Beth amarrou os seus tirantes ao peitoral do Scooter, o seu cavalo, e começaram as duas, em uníssono, a incentivar as montadas a avançarem para a zona menos enlameada do terreno. *Vamos lá! Vamos lá, Charley, agora! Vamos lá, Scooter!*

As orelhas dos animais abanavam, e os olhos do Charley arregalaram-se de forma pouco habitual quando ele sentiu aquele estranho peso morto atrás de si. Beth incentivava-o, a ele, e ao Scooter, enquanto Margery puxava

pela corda, gritando para encorajar o pequeno macho, que se agitava e balançava a cabeça ao sentir-se a ser puxado para a frente.

– *É isso mesmo, amigo, tu consegues!*

Mrs. Cornish estava agachada do outro lado, e tinham posto duas tábuas amplas pousadas sobre a lama, à frente do peito do animal, prontas para lhe servirem de apoio.

– *Vamos lá, rapazes!*

Quando se virou, Margery viu o Charley e o Scooter em esforço, com os flancos a tremerem de tanta tensão, enquanto também eles se iam enterrando no solo, cambaleantes, com torrões de lama a saírem disparados para todos os lados. E apercebeu-se, desanimada, de que o pequeno macho estava demasiado atolado e que, se o Charley e o Scooter continuassem a escavar com os cascos, em breve ficariam igualmente enterrados.

Beth olhou para ela, já a pensar no mesmo, e fez uma careta.

– Vamos ter de o deixar, Marge. A água está a subir mesmo muito depressa.

Margery colocou uma mão no focinho do pequeno macho e disse:

– Não podemos abandoná-lo.

De repente, ouviram gritos e viraram-se para trás. Eram dois agricultores que corriam para elas, vindos de umas casas mais atrás. Eram homens robustos de meia-idade, com as tradicionais calças de peitilho e oleados por cima, que Margery só conhecia de vista do mercado de cereais. Sem nada dizerem, apenas se aproximaram do macho e começaram a puxar pelos arreios, juntamente com o Charley e o Scooter, de botas fincadas na terra e corpo inclinado num ângulo de quarenta e cinco graus.

– *Vamos lá! Vamos lá, rapazes!*

Margery juntou-se a eles, baixando a cabeça e colocando todo o peso do seu corpo contra a corda. Um centímetro. Outro centímetro. Ouviu-se um barulho terrível de sucção e viram uma das patas dianteiras do pequeno

macho a libertar-se. Ele ergueu a cabeça, surpreso, e os dois homens voltaram a puxar ao mesmo tempo, grunhindo do esforço, com os músculos a estirarem-se contra a corda. O Charley e o Scooter cambaleavam à frente deles, de cabeça baixa e patas traseiras a tremerem de tanta força despendida, e, de repente, num solavanco, o pequeno macho veio à superfície, emergindo de lado e arrastando a erva enlameada à sua frente durante alguns metros, até o Charley e o Scooter se aperceberem de que já podiam parar. Tinha os olhos arregalados de surpresa e soltou um sopro pelas narinas, antes de se erguer atabalhoadamente, o que obrigou os homens a darem um salto para trás, para se desviarem.

Margery mal teve tempo de agradecer aos dois homens, pois eles acenaram ao de leve com a cabeça, levaram a mão ao chapéu molhado e regressaram às suas casas, a correr por entre aquele dilúvio, para tentarem salvar o que pudessem. Margery sentiu por um breve momento o mais puro amor por aquele povo entre o qual tinha crescido, aquele povo que não deixava nem homens nem cavalos lutarem sozinhos.

– Ele está bem? – gritou Margery a Mrs. Cornish, que estava a passar as mãos molhadas pelas patas enlameadas do macho.

– Está – gritou ela.

– Tem de ir para uma zona mais alta.

– Agora eu trato disso, raparigas. Podeis ir!

Margery encolheu-se subitamente, com uma dor inteiramente desconhecida num músculo da barriga. Hesitou, dobrou-se sobre si mesma e, depois, avançou a cambalear até ao Charley, enquanto Beth soltava os tirantes.

– Para onde vamos, agora? – gritou Beth, içando-se para cima de um Scooter inquieto. Margery, exausta do esforço de montar o Charley, teve de se baixar para recuperar o fôlego antes de responder:

– Para a Sophia – disse ela, de repente. – Vou ver como está a Sophia. Se este lugar está inundado, o terreno da Sophia e do William também deve estar. Vai tu às casas do outro lado do ribeiro.

Beth assentiu; fez o cavalo dar meia-volta e foi-se embora.

Kathleen e Alice carregaram de livros o carrinho de mão e cobriram-no com serapilheira, para Fred o empurrar, depois, pela ladeira encharcada acima, até à sua casa. Como tinham apenas um carrinho, as mulheres carregavam-no o mais depressa que podiam, levando pilhas de livros até à porta das traseiras, e depois seguiam também elas, atrás dele, carregadas com todos os livros que conseguissem meter nos quatro alforjes, sentindo os joelhos a cederem a tanto peso, de cabeça baixa para se protegerem da chuva. Talvez tivessem conseguido retirar um terço dos livros da biblioteca na última hora, mas, desde então, a água já tinha subido até ao segundo degrau, e Alice temia que não conseguissem retirar muitos mais livros antes de a biblioteca ficar inundada.

– Estás bem? – perguntou Fred, ao passar por Alice em direção à biblioteca, protegido por um oleado e com água a escorrer de um dos lados do chapéu.

– Acho que a Kathleen devia ir-se embora. Não devia estar longe dos filhos.

Fred levantou os olhos para o céu e, depois, olhou para o fundo da estrada, onde se viam as montanhas ocultas por uma névoa cinzenta.

– Diz-lhe que vá – disse ele.

– Mas como é que vocês vão fazer? – disse Kathleen, minutos depois. – Só os dois não vão conseguir levar estes livros todos.

– Salvamos o que pudermos. A Kathleen tem de ir para casa.

Ao vê-la hesitar, Fred pôs-lhe a mão no braço e disse:

– São só livros, Kathleen.

Ela não insistiu mais. Meneou simplesmente a cabeça, montou no cavalo de Garrett, deu meia-volta e partiu a galope estrada acima, com uma chuva de salpicos a ser projetada para trás.

Eles ficaram parados um momento, a descansar sob a proteção da cabana seca, com os peitos a arfarem do esforço, a vê-la afastar-se. A água escorria dos seus oleados e formava poças no soalho.

– De certeza que estás bem, Alice? Este trabalho é pesado.

– Sou mais forte do que pareço.

– Bem, isso também é verdade.

Trocaram um sorriso breve, e, quase sem pensar, Fred estendeu a mão e limpou-lhe suavemente uma gota de chuva por baixo do olho. Alice ficou momentaneamente paralisada ao sentir o toque da pele dele na sua, a inesperada intensidade dos seus olhos acinzentados, as suas pestanas tão encharcadas, que eram pontos escuros cintilantes. E sentiu o estranho impulso de lhe pegar no polegar e lho morder. E ali ficaram, olhos nos olhos, com Alice a ouvir a sua própria respiração e a corar, como se ele pudesse ler-lhe a mente.

– Posso ajudar?

Afastaram-se sobressaltados. Era Izzy, à porta, de botas de montar na mão e o carro da mãe estacionado às três pancadas junto à cerca. O estrépito da chuva no telhado de zinco tinha abafado a sua chegada.

– Izzy! – soou a voz de Alice, num misto de vergonha e constrangimento, demasiado alta e estridente. E, aproximando-se impulsivamente, abraçou-a. – Oh, sentimos tanto a tua falta! Olha, Fred, é a Izzy!

– Vim ver se podia ajudar – disse Izzy, enrubescendo.

– Isso... isso são boas notícias. – Fred ia continuar, mas, ao baixar os olhos, apercebeu-se de que ela não estava a usar a proteção da perna. – Tu assim não vais conseguir percorrer o caminho, pois não?

– Muito depressa, não – disse ela.

– Está bem. Deixa-me pensar. Tu conduziste aquela coisa até aqui? – perguntou ele, incrédulo.

Izzy disse que sim com a cabeça.

– Não me ajeito muito a usar a embraiagem com a perna esquerda, mas resolvo o problema carregando no pedal com a bengala.

Fred arqueou as sobrancelhas ao ouvir tal coisa, mas baixou-as imediatamente.

– A Margery e a Beth foram pelas rotas a sul da vila. Vai de carro para o lado da escola, até onde puderes, e diz às pessoas da outra margem que têm de ir para uma zona mais elevada. Mas vai pela ponte pedonal. Não tentes atravessar a água com aquela coisa, está bem?

Izzy correu para o carro, protegendo a cabeça da chuva com os braços, e entrou, ainda a tentar perceber o que tinha acabado de ver: Fred a segurar carinhosamente o rosto de Alice, os dois a escassos centímetros um do outro. Subitamente, voltou a sentir-se como na escola, quase sempre à margem dos acontecimentos, mas afastou de imediato esse pensamento e tentou sobrepor-lhe a felicidade de Alice ao vê-la. *Izzy, sentimos tanto a tua falta!*

Pela primeira vez após um mês, Izzy sentiu que voltava a ser ela própria. Carregou na embraiagem com a bengala, meteu a marcha-atrás, deu meia-volta e partiu para o extremo da vila, erguendo o queixo com determinação por ter de novo uma missão a cumprir.

Monarch Creek já estava com meio metro de água, quando lá chegaram. Esta era uma das zonas mais baixas do condado e havia uma razão para esta terra ter sido, na sua maioria, deixada para os negros: era viçosa, sim, mas propensa a inundações, e no verão o ar enchia-se de toda a espécie de

mosquitos. Agora, enquanto o Charley ia descendo ruidosamente a colina por entre a densa chuva, Margery mal conseguia ver Sophia a avançar com dificuldade por entre aquela cortina de água, com uma caixa de madeira na cabeça e a roda do vestido a flutuar em torno dela. Havia já uma pilha de pertences de Sophia e do irmão no alto da encosta arborizada. William estava à porta a espreitar, com ar ansioso e a muleta de madeira debaixo do braço.

– Oh, graças a Deus! – gritou Sophia, ao ver Margery a chegar. – Precisamos de salvar as nossas coisas.

Margery desceu do macho e correu para a casa, entrando pela água dentro. Sophia tinha estendido uma corda entre a varanda e um poste de telégrafo, junto à estrada, e Margery agarrou-se a ela para atravessar o riacho. A água estava gelada e a corrente ameaçadoramente forte, embora só lhe desse pelos joelhos. Dentro de casa, a prezada mobília de Sophia estava tombada e os objetos mais pequenos boiavam. Margery deu por si momentaneamente paralisada: o que salvar? Agarrou nas fotografias penduradas na parede, em livros e bibelôs, e enfiou tudo no casaco; depois, pegou numa mesa de apoio, carregou-a até à porta e puxou-a para cima da relva. Sentiu uma dor na barriga, uma dor ao fundo da pélvis, e deu por si a encolher-se.

– Não dá para salvar mais nada – gritou ela a Sophia. – A água está a subir demasiado depressa.

– Aí dentro está tudo o que nós temos – disse Sophia, com o desespero na voz.

Margery mordeu o lábio.

– Mais uma viagem, então.

William andava de um lado para o outro da sala inundada, amparando-se às paredes com os braços, enquanto tentava reunir alguns bens essenciais

– um tacho, uma tábua de cozinha, duas tigelas – agarrando-os com as mãos enormes.

– A chuva abrandou alguma coisa? – perguntou. Mas a sua expressão mostrava que já sabia a resposta.

– Está na hora de sair, William.

– Deixe-me apanhar só mais algumas coisas.

Como dizer a um amputado orgulhoso que ele não pode ajudar em nada? Como dizer-lhe que o simples facto de estar ali não só dificulta como pode muito provavelmente colocar os três em risco? Margery reprimiu as palavras. Pegou na caixa de bordar de Sophia, que meteu debaixo do braço, e avançou com dificuldade para a varanda, onde deitou a outra mão a uma cadeira de madeira que ali estava, arrastando tudo para terra seca, ao mesmo tempo que gemia com o esforço. Seguiu-se a pilha de mantas, que carregou bem no alto da cabeça. Só Deus sabia como iriam conseguir secá-las. Baixou os olhos, sentindo novamente o veemente protesto do seu ventre. A água já lhe chegava às virilhas, e o casaco comprido redemoinhava em redor das coxas. Quase oito centímetros nos últimos dez minutos?

– *Temos de ir!* – gritou ela, quando viu Sophia entrar, de cabeça baixa. – *Não temos mais tempo.*

Sophia assentiu, de rosto desolado. Margery conseguiu sair da água, sentindo-a a puxar por si, inconstante e insistente. Lá em cima, na margem, o Charley estava agitado, nervoso, com as rédeas amarradas ao poste, mostrando também a vontade que tinha de sair dali. Ele não gostava de água, nunca gostara, e Margery precisou de um momento para o acalmar.

– Eu sei, parceiro. Mas estás a portar-te muito bem.

Margery juntou os últimos bens de Sophia à pilha, tapando-os com a lona, enquanto calculava se conseguiria puxá-los um pouco mais para cima. Mas algo se agitou bem no fundo do seu ventre, sobressaltando-a, e só

então percebeu o que era. Parou, levou uma mão à barriga e, sentindo novamente o mesmo, foi invadida por uma emoção que não conseguiu identificar.

– *Margery!*

Quando se virou, viu Sophia agarrada à manga de William. Parecia ter vindo uma vaga que lhe dava pela cintura. E Margery reparou que agora a água era preta.

– Oh, meu Deus – murmurou ela. – *Fiquem aí!*

Sophia e William tinham descido cautelosamente para os degraus submersos, os dois agarrados à corda com uma mão e o braço livre de Sophia a rodear com firmeza a cintura do irmão. Aquela água escura passava por eles impetuosa, libertando no ar uma estranha energia. William olhava para baixo, de dedos tensos, a tentar arrastar a muleta sobre o leito do rio cada vez mais caudaloso.

Margery descia a colina a correr, aos tropeções, de olhos postos neles, enquanto eles avançavam na sua direção.

– Continuem! Vocês conseguem! – gritou ela, parando de repente na margem. E, depois, zás!... a corda cedeu e Sophia e William perderam o pé, ficando à mercê da corrente. Sophia soltou um grito estridente ao ser projetada para a frente, de braços abertos. Desapareceu por momentos, mas logo a seguir emergiu e conseguiu deitar a mão a um arbusto a que se agarrou com toda a força. Margery, de coração nas mãos, correu pela margem na direção dela e, deitando-se de barriga no chão, agarrou-lhe o pulso molhado. Sophia soltou a mão do arbusto, agarrou o pulso livre de Margery e, alguns segundos depois, estava a ser puxada para a margem. Margery ficou caída de costas, no chão, e Sophia aninhou-se sobre as mãos e os joelhos enlameados, com a roupa encharcada e toda preta, a arfar com o esforço.

– William!

Margery virou-se, ao ouvir a voz de Sophia, e viu William meio submerso e de rosto contraído do esforço de tentar arrastar-se ao longo da corda. A muleta tinha desaparecido e a água dava-lhe pela cintura.

– Não consigo atravessar! – gritou ele.

– Ele sabe nadar?

– Não! – respondeu Sophia num lamento.

Margery correu para o Charley, com a roupa molhada a travar-lhe o passo. Tinha perdido o chapéu e o cabelo colava-se-lhe à cara, o que a obrigava a estar constantemente a puxá-lo para trás para conseguir ver alguma coisa.

– Bem, rapaz – murmurou ela, soltando do poste as rédeas do Charley. – Agora, preciso que me ajudes.

Conduziu-o pela margem abaixo e entrou na água, com o braço livre estendido para o lado, para se equilibrar, e com as botas a tatearem o chão à procura de obstáculos. Inicialmente, o Charley parou, de orelhas viradas para trás e olhos arregalados, mas, com os incentivos de Margery, deu um passo hesitante e depois outro. E foi agitando as enormes orelhas para a frente e para trás, ao som da voz da dona, que avançou aos poucos contra a corrente, ao lado dela, respingando água. Quando chegaram junto de William, ele estava a arquejar agarrado à corda com as duas mãos, enquanto procurava um ponto de apoio. Agarrou-se cegamente a Margery, com o rosto toldado pelo pânico, e ela gritou-lhe, para se fazer ouvir acima do barulho da água:

– *Agarre-se ao pescoço dele, William, está bem? Ponha os braços à volta do pescoço dele.*

William agarrou-se ao macho e encostou o corpo enorme ao do Charley. Margery fê-los dar a volta, ali nas profundezas da corrente, e encaminhou-os para a margem, com o animal a protestar em silêncio a cada passo. A água negra já chegava ao peito de Margery, quando o Charley, assustado,

levantou o focinho e tentou dar um salto para a frente. Nisto, foram atingidos por mais uma vaga e, com a força impetuosa da torrente, Margery percebeu que as pernas do macho flutuavam. Sentiu-se então invadida por uma súbita sensação de terror, como se o chão se tivesse eclipsado para sempre debaixo dos seus pés; porém, no preciso momento em que pensava que também eles seriam arrastados, sentiu os pés a tocarem novamente no chão, sinal de que as patas do Charley também assim estariam. E o animal deu mais um passo em frente, hesitante.

– *Está bem, William?*

– *Estou aqui.*

– *Lindo menino, Charley. Vamos lá, rapaz.*

O tempo quase parou. Eles pareciam avançar centímetro a centímetro. Margery não fazia ideia do que havia por baixo dos seus pés. Uma gaveta solitária de uma cómoda de madeira, cheia de roupa cuidadosamente dobrada, passou por eles a flutuar, seguida de outra; depois, passou um pequeno cão morto. Margery assimilava tudo aquilo apenas com uma parte distante do seu cérebro. A água negra tinha-se transformado num ser vivo e pulsante, puxando-lhe e repuxando-lhe o casaco, atrasando-lhe a progressão, exigindo-lhe submissão. Era implacável, ensurdecadora, e intensificava-lhe o medo, como um ferro na garganta. Margery, roxa de frio, encostava-se ao pescoço castanho do Charley, com a cabeça a bater nos braços enormes de William, sentindo a consciência reduzida a uma só coisa.

Por favor, leva-me para casa, rapaz.

Um passo.

Dois.

– *Está bem, Margery?*

Ela sentiu a mão enorme de William no seu braço, a agarrá-la, sem saber bem se ele o fazia para segurança dela ou de si próprio. O mundo tinha-se reduzido a ela, a William e ao macho, com aquele rugido nos

ouvidos, a voz de William a murmurar uma oração que ela não conseguia entender, enquanto o Charley avançava corajosamente contra a corrente, com o corpo fustigado por uma força que ele não conseguia entender, sentindo o chão a deslizar e a fugir-lhe por debaixo dos cascos, a cada passo, mas avançando sempre. Passou um tronco por eles, a zunir, demasiado grande, demasiado veloz. Margery tinha os olhos a arderem, cheios de areia e de água. Mal conseguia ver Sophia na margem, de braços estendidos, como se pudesse puxá-los com força aos três. Outras vozes se juntavam à dela, na margem. Um homem. Mais homens. Margery já não conseguia ver nada com tanta água nos olhos. Não conseguia pensar em nada, tinha os dedos de uma das mãos entorpecidos, entrelaçados na crina curta de Charley, e a outra mão no freio. *Mais seis passos. Mais quatro passos. Um metro.*

Por favor.

Por favor.

Por favor.

De repente, o macho deu um solavanco para a frente e para cima, e ela sentiu umas mãos fortes a agarrarem-na e a puxarem-na pelos ombros e pelas mangas, o corpo como um peixe acabado de pescar e a voz trémula de William: *Obrigado, Senhor! Obrigado!* Margery, ao sentir o rio soltar relutante as suas amarras, balbuciou silenciosamente as mesmas palavras, por entre os lábios gelados, e levou instintivamente ao ventre a mão fechada, ainda cheia de pelos arrancados à crina do Charley.

Depois, tudo ficou escuro.

Mesmo antes de ver as meninas, Beth ouvira as suas vozes, infantis e estridentes, a elevarem-se bem acima do rugido da água. Estavam agarradas à parte da frente de uma cabana degradada, já com a água pelos tornozelos, a gritarem-lhe: *Miss! Miss!* Enquanto tentava lembrar-se do seu apelido – McCarthy? McCallister? –, Beth instigara o cavalo a avançar pela água dentro. O Scooter, porém, já assustado com aquela estranha atmosfera tão eletrizada e com a chuva densa e torrencial, tinha atravessado o riacho transbordante até ao meio antes de recuar e dar meia-volta, fazendo-a quase tombar. Ela endireitou-se, mas ele estacou, resfolegando e recuando a correr, até ficar tão desorientado, que ela até temia que ele acabasse por se magoar.

Beth desmontou, a praguejar, prendeu as rédeas a um poste e atravessou, a custo, a água na direção das meninas. Eram muito pequenas – a mais nova teria no máximo dois anos – e tinham uns vestidos de algodão fino, que se lhes colavam à pele lívida. À medida que Beth se ia aproximando, elas gritavam por ela, estendendo-lhe os seis bracinhos, quais anêmonas, e acenando-lhe. Ela conseguiu chegar ao pé delas mesmo antes da vaga. Uma torrente de água negra, tão veloz e tão forte, que Beth teve de agarrar na bebé pela cintura, para evitar que ela fosse arrastada. E, nisto, deu por si com três crianças pequenas encostadas a ela, agarradas ao seu casaco, enquanto a sua voz ia emitindo murmúrios tranquilizadores e o seu cérebro tentava perceber como diabo ia conseguir safar-se daquela.

– *Está alguém dentro de casa?* – gritou ela para a mais velha, tentando fazer-se ouvir acima do estrépito da torrente.

A menina disse que não com a cabeça. *Bem, já é alguma coisa*, pensou Beth, afastando a ideia de uma avó acamada. Beth já sentia o braço acidentado a doer, por estar a segurar a bebé ao colo e a apertá-la contra o

peito. Consequia ver o Scooter do outro lado, a andar nervosamente à volta do poste, pronto, sem dúvida, para arrancar as rédeas num puxão e sair dali disparado. Quando Fred lho oferecera, ela tinha gostado do facto de ele ser arraçado de puro-sangue: era veloz e vistoso, e não precisava de ser instigado para se lançar para a frente. Agora, Beth amaldiçoava aquela sua tendência para entrar em pânico, aquele cérebro do tamanho de uma ervilha. Como é que ela ia conseguir montá-lo com as três crianças? Baixou os olhos e, ao ver que a água já lhe cobria as botas e começava a entrar-lhe para as meias, sentiu-se desanimar.

– Miss, estamos aqui presas?

– Não, não estamos presas.

Foi então que Beth ouviu um carro a chiar pela estrada abaixo, na sua direção. Seria Mrs. Brady? Semicerrou os olhos para ver melhor. O carro abrandou, parou e, nisto, para seu grande espanto, foi Izzy Brady que saiu do carro e pôs a mão em pala, por cima dos olhos, para tentar perceber o que estava a ver do outro lado da água.

– Izzy? És tu? Preciso de ajuda!

Gritavam instruções uma à outra, por cima do riacho, mas não conseguiam ouvir bem o que diziam no meio de tanta barulheira. Por fim, Izzy fez-lhe sinal com a mão, como que a dizer-lhe para esperar. Pôs o grande e cintilante carro a trabalhar e começou a avançar devagar, na direção delas, com o motor a rugir.

Não podes atravessar a água com esse maldito carro, murmurou Beth baixinho, abanando a cabeça. *Será que a rapariga não tem juízo nenhum?* Mas Izzy parou no preciso momento em que as rodas dianteiras começavam a ficar submersas. Depois, correu a cambalear até à mala, abriu-a e retirou de lá uma corda. Em seguida, correu de novo até à frente do carro, desenrolou a corda e atirou uma ponta a Beth, uma, duas, três vezes, até Beth conseguir finalmente agarrá-la. Agora, sim, Beth entendeu o que ela

pretendia fazer. Àquela distância, o comprimento da corda só dava para a amarrar ao pilar da varanda. Beth pôs todo o seu peso sobre ela e percebeu, com alívio, que estava segura.

– *O teu cinto* – gritava Izzy, gesticulando. – *Ata o teu cinto à volta da corda.*

Izzy estava a amarrar a sua ponta da corda ao carro, com mãos ágeis e confiantes. A seguir, agarrou-se à corda e começou a avançar para elas, deixando de coxear mal começou a flutuar na água.

– Vocês estão bem? – perguntou, ao chegar junto delas, içando-se para a varanda.

Tinha o cabelo colado à cabeça e a camisola clara e macia, por baixo do casaco de feltro, toda encharcada.

– Pega na bebé – disse-lhe Beth.

Nesse momento, Beth teve vontade de abraçar Izzy, uma sensação estranha que tentou disfarçar através de movimentos apressados. Izzy agarrou na criança e abriu um sorriso rasgado, como se fossem simplesmente fazer um piquenique. Sempre a sorrir, tirou o cachecol do pescoço, enrolou-o à cintura da criança mais velha e atou-o à corda.

– Agora, eu e a Beth vamos atravessar, segurando-nos à corda, e tu vais aqui entre nós, amarrada à corda. Estás a ouvir?

A menina mais velha, de olhos arregalados, disse que sim com a cabeça.

– Vai ser um instante. Depois, quando estivermos todas bonitas e já secas, do outro lado, vamos poder levar-vos à vossa mamã. Vamos lá, minha querida.

– Tenho medo – balbuciou a menina, baixinho.

– Eu sei, mas agora temos mesmo de atravessar.

A menina olhou para a água e deu um passo atrás, como se quisesse fugir para dentro da casa.

Beth e Izzy entreolharam-se. A água estava a subir rapidamente.

– E se cantássemos uma canção? – sugeriu Izzy, baixando-se até ficar à altura da menina. – Quando tenho medo de alguma coisa, canto uma canção alegre. Faz-me sentir melhor. Que canções conheces?

A criança estava a tremer, mas não tirava os olhos dos de Izzy.

– O que achas da «Quinta do Tio Manel»? Conheces essa, não conheces, Beth?

– Oh, é a minha preferida – disse Beth, com um olho na água.

– Boa! – disse Izzy.

Na quinta do tio Manel

I-a-i-a-ô

Há patinhos a granel

I-a-i-a-ô

Sempre a sorrir, ia recuando para dentro da água, que já lhe dava pelas coxas. Mantinha os olhos na menina, fazendo-lhe sinal para avançar, e continuava a cantar, bem alto e alegremente, como se não tivesse qualquer preocupação.

Quá-quá para aqui, quá-quá para ali

Quá-quá-quá para acolá

Onde quer que se vá

– É isso mesmo, minha querida, vem atrás de mim. Agora, agarra-te bem.

Beth ia avançando atrás delas, com a criança do meio sobre a sua anca. Izzy conseguia sentir a força da corrente a bater-lhe nas pernas e aquele ligeiro odor a químicos ácidos dissolvidos na água a entrar-lhe pelo nariz. Não havia nada que ela desejasse menos do que atravessar aquela água,

pelo que não podia censurar a menina mais velha por sentir o mesmo. Agarrou com firmeza na menina mais pequena, que meteu o polegar na boca e fechou os olhos, como se assim pudesse alhear-se do que via em redor.

– Vamos, Beth – disse Izzy, lá da frente, num tom insistente e musical. – Agora, canta connosco.

Na quinta do tio Manel

I-a-i-a-ô

Há vaquinhas a granel

I-a-i-a-ô

Mu-mu para aqui, mu-mu para ali

Mu-mu-mu para acolá

Onde quer que se vá

E lá iam elas, prosseguindo com dificuldade: Beth, de voz esganiçada e respiração presa algures no peito, a fazer sinal à menina mais velha para avançar, que ia cantarolando, titubeante, com os nós dos dedos todos brancos, de se agarrar à corda, e o rosto crispado de medo, soltando gritinhos de cada vez que perdia o pé. Izzy olhava constantemente para trás, incentivando Beth a continuar a cantar e a avançar.

A torrente ia subindo e aumentando de velocidade, e Beth continuava a ouvir Izzy, à sua frente, calma e animada.

– E não é que já estamos quase a chegar? Que tal?! *Mu-mu para aqui, mu-mu para ali, mu-mu-mu para acolá...*

Quando Izzy parou de cantar, Beth levantou os olhos e pensou, absorta: *Tenho a certeza de que o carro não tinha entrado tanto na água.* Nisto, viu Izzy a puxar pela cintura da menina mais velha, toda atrapalhada ao tentar desatar o nó do cachecol, e percebeu por que razão Izzy parara de cantar,

tinha aquela expressão de pânico e quase arremessara para a margem a menina que trazia ao colo, enquanto agarrava no cinto e tentava abrir a fivela.

Despacha-te, Beth! Abre lá isso!

Beth tinha os dedos dormentes e o pânico a subir-lhe à garganta. Sentiu as mãos de Izzy a agarrarem-lhe o cinto e a levantá-lo para fora de água, enquanto a ameaçadora pressão da torrente ia aumentando e a ia envolvendo pela cintura. Então, no preciso momento em que estava a sentir-se empurrada... *clique*... o cinto deslizou-lhe pelos dedos e Izzy puxou por ela com uma força tal, que Beth nunca imaginou que ela tivesse. E, subitamente, o grande carro verde, agora meio submerso, era levado rio abaixo a uma velocidade improvável, cada vez mais longe, na ponta da corda.

Equilibraram-se a custo e começaram a subir a colina aos tropeções, até uma zona mais elevada, agarrando firmemente as mãos das crianças, petrificadas com o que se estava a desenrolar diante dos seus olhos. A corda esticou e o carro balançou, continuando por momentos amarrado, mas, subitamente, ante aquele peso imparável, a corda rebentou, esgaçando com um estalido audível, derrotada pela pura inevitabilidade do peso e da física.

O *Oldsmobile* de Mrs. Brady, especialmente pintado de *racing green*, ou seja, o verde típico dos carros de corrida da equipa do Reino Unido, e com o interior em pele de cor creme, um carro que tinha vindo diretamente de Detroit, volteou com elegância, como uma foca gigante a mostrar a barriga. E enquanto as cinco, a pingarem e a tremerem, continuavam ali paradas a olhar, foi-se afastando, meio submerso na torrente negra, perdendo o que restava do para-choques cromado, logo na primeira curva.

Ninguém disse nada. De repente, a bebé levantou os braços e Izzy baixou-se para pegar nela.

– Bem – disse Izzy, passado um minuto –, acho que isto me vai pôr de castigo durante os próximos dez anos.

Beth, que não era dada a grandes demonstrações de carinho, mas que estava dominada agora por um súbito impulso que mal conseguia compreender, aproximou-se de Izzy e, puxando-a para si, deu-lhe um enorme e ruidoso beijo na face. E foi por isso que as duas iniciaram a lenta caminhada de regresso à vila algo ruborizadas, para perplexidade das meninas, enquanto soltavam inopinadas e, aparentemente, inexplicáveis gargalhadas.

Pronto!

Os últimos livros acabavam de ser despejados na sala de Fred. Depois de fecharem a porta, Fred e Alice ficaram a olhar para a montanha de livros que tinha tomado conta daquela sala, até aí tão bem arrumada, e depois entreolharam-se.

– Todinhos – exclamou Alice. – Conseguimos salvá-los todos.

– Pois foi. A biblioteca vai reabrir mais depressa do que imaginávamos.

Ele colocou a chaleira ao lume e espreitou para a despensa, donde tirou queijo e ovos, que pôs em cima da bancada.

– Bem... estava a pensar que podias ficar aqui a descansar um pouco mais. E talvez comer alguma coisa. Hoje, ninguém vai conseguir ir muito longe.

– Acho que não vale a pena tentar voltar, enquanto estiver assim – disse ela, levando a mão à cabeça e esfregando o cabelo molhado.

Eles estavam bem cientes dos perigos, mas, naquele instante, Alice não conseguia deixar de ver naquela água que corria rua abaixo uma secreta aliada, que estava a alterar o habitual curso dos acontecimentos. Ninguém poderia julgá-la por ficar em casa de Fred, pois não? Afinal, tinha-se limitado a transferir livros de um lado para o outro.

– Se quiseses uma camisa seca, está uma pendurada nas escadas.

Ela subiu para o andar de cima, despiu a camisola molhada, secou-se com uma toalha e vestiu a camisa, sentindo a flanela suave na pele húmida, enquanto a abotoava. Havia qualquer coisa no facto de estar a vestir a camisa de um homem – a camisa de Fred – que a deixava sem fôlego. Não conseguia tirar da cabeça aquele toque do polegar dele na sua pele, aqueles olhos de brilho ardente nos seus, como se pudessem penetrá-la até ao âmago. Cada movimento parecia agora imbuído do eco dessa sensação e cada palavra ou olhar, que trocavam entre eles, pleno de uma nova intenção.

Desceu as escadas devagar, em direção aos livros, sentindo um calor a invadi-la, como acontecia sempre que se lembrava do toque da pele dele. E, quando se virou à sua procura, viu Fred a olhar para ela.

– Essa camisa fica muito mais bonita em ti do que em mim.

Alice sentiu-se a corar e desviou os olhos.

– Toma – disse Fred. E deu-lhe uma caneca com café quente, que ela apertou entre as mãos, deixando o calor infiltrar-se nelas, grata por ter alguma coisa em que se concentrar.

Fred andava à volta dela a afastar alguns livros; depois, quando pegou na cesta da lenha para ir deitar mais achas na fogueira, ela ficou a observar como os músculos dos seus braços se contraíam e, quando se agachou para ver como estava o lume, como as suas coxas eram duras. Como é que ainda mais ninguém nesta vila tinha reparado na bela sobriedade de movimentos de Frederick Guisler, na graciosidade com que usava os membros, na rigidez dos seus músculos a contraírem-se debaixo da pele?

Deixa que o fogo da tua alma se acenda em mim

E que em meu corpo se insinue o fulgor das chamas...

Quando ele se levantou e se virou para ela, Alice soube que, nesse momento, ele iria descobrir, estampada no seu rosto, a verdade nua e crua sobre o que ela sentia. Hoje, pensou subitamente, não havia regras. Encontravam-se ambos numa espécie de vórtice, num lugar só deles, longe da água, dos infortúnios e das dificuldades do mundo exterior. Alice deu um passo na sua direção, como que hipnotizada, pisando os livros sem sequer os olhar, e colocou a chávena na prateleira da lareira, sem tirar os olhos dele. Estavam agora a escassos centímetros um do outro, olhos nos olhos, com o calor escaldante da fogueira a bater-lhes no corpo. Ela queria dizer alguma coisa, mas não fazia a mínima ideia do quê. Sabia apenas que queria que ele lhe tocasse de novo, que queria sentir a pele dele nos seus lábios, debaixo da ponta dos seus dedos. Queria saber aquilo que todos pareciam saber de forma tão simples e natural: segredos sussurrados em quartos escuros, uma intimidade que ia muito além das palavras. Sentia-se consumida por essa necessidade. Os olhos de Fred procuraram os seus, de ar enternecido e respiração acelerada. E, nesse momento, Alice percebeu que ele era seu. Que desta vez seria diferente. Fred baixou-se, pegou-lhe na mão – neste momento, ela sentiu algo rendido e premente a precipitar-se dentro de si – e ergueu-a, enquanto Alice ouvia a sua própria respiração a tornar-se ofegante.

E, então, ele disse:

– Vou parar por aqui, Alice.

Ela levou um segundo a interiorizar o que ele acabava de dizer, e o choque foi tal, que quase a derrubou.

Alice, tu és demasiado impulsiva.

– Não é que...

– Preciso de me ir embora. – Virou-lhe as costas, humilhada. *Como podia ter sido tão parva?* Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas, ao

mesmo tempo que avançava sobre os livros. Tropeçou e quase caiu, o que a fez praguejar alto e bom som.

– Alice.

Onde estava o casaco? Onde é que ele o teria pendurado?

– O meu casaco? Onde está o meu casaco?

– *Alice*.

– Por favor, deixa-me em paz. – Ao sentir a mão dele no seu braço, sacudiu-a, como se se tivesse queimado. – Não me *toques*.

– Não te vás embora.

Ela percebeu, envergonhada, que estava quase a chorar. A cara franziu-se-lhe e tapou-a com as mãos.

– Alice, por favor, ouve-me. – Ele engoliu em seco, contraiu os lábios, como se tivesse dificuldades em falar. – Não te vás embora. Se fizesses uma pequena ideia... só uma pequena ideia do quanto te quero aqui, Alice... tanto, que passo a maior parte das noites acordado, que quase endoideço... – A voz saía-lhe atipicamente baixa e entrecortada. – Eu amo-te. Amo-te desde o primeiro dia em que te vi. Quando não te tenho por perto, parece que estou apenas a perder o meu tempo. E quando estás comigo é como se... como se o mundo ganhasse um pouco mais de cor. Quero sentir a tua pele na minha. Quero ver o teu sorriso e ouvir aquela gargalhada que deixas escapar quando te libertas... Quero fazer-te feliz... Quero acordar ao teu lado todas as manhãs e... e... – contraiu ligeiramente o rosto, como se tivesse ido demasiado longe – ... e tu és *casada*. Estou a fazer um esforço enorme para ser um homem decente. Por isso, enquanto não encontrar uma solução para esta situação, não posso. Não posso tocar-te nem com um dedo. Pelo menos, da forma que eu quero. – Respirou fundo e soltou um suspiro. – A única coisa que te posso dar, Alice, são... palavras.

Era como se a sala tivesse sido invadida por um redemoinho, que virou tudo do avesso, e que começou entretanto a assentar em redor de Alice, com

pequenas partículas de pó a reluzirem à medida que iam caindo.

Passou-se uma eternidade. Ela fez um compasso de espera até ter a certeza de que a sua voz tinha voltado ao normal.

– Palavras.

Ele assentiu.

Alice refletiu no que acabara de ouvir, limpou os olhos com as costas da mão e levou momentaneamente a mão ao peito, esperando que a pulsação acalmasse um pouco, o que fez Fred retrair-se, como se tivesse sido ele o causador de tal sofrimento.

– Acho que posso ficar mais um pouco – disse ela.

– Café? – perguntou Fred, passado um momento. E entregou-lho, tendo o cuidado de não tocar com os dedos nos dela.

– Obrigada.

Trocaram um breve olhar e, depois de Fred soltar um longo suspiro, começaram, sem dizerem mais nada, a empilhar novamente os livros lado a lado.

Tinha parado de chover. Mr. e Mrs. Brady foram buscar a filha no grande *Ford*, de Mr. Brady, e aceitaram, sem protestar, as restantes passageiras: três meninas que seriam suas hóspedes pelo menos até à manhã seguinte. Mr. Brady ouviu a história das crianças, da corda e do carro de Mrs. Brady, e, enquanto ele ficou calado, a digerir a perda do veículo, a mulher correu para a filha e abraçou-a com força durante alguns minutos, num estranho silêncio, antes de a libertar, com os olhos marejados de lágrimas. Abriram as portas do carro em silêncio e deram início à pequena viagem até casa, enquanto Beth encetava a caminhada de regresso a casa pelo trilho mais elevado, sempre a acenar-lhes até o carro se perder de vista.

Margery acordou e sentiu a mão quente de Sven entrelaçada na sua. O seu primeiro reflexo foi apertá-la, mas depois começou lentamente a recuperar a consciência e a recordar-se de todas as razões para não o fazer. Estava semienterrada numa pilha de cobertores e de edredões, um peso quase excessivo que a imobilizava. Nesse instante, mexeu propositadamente os dedos dos pés, tranquilizando-se com a obediência com que o seu corpo ia respondendo.

Abriu os olhos e pestanejou, apercebendo-se da escuridão e do candeeiro a petróleo ao lado da cama. Os olhos de Sven voltaram-se imediatamente para ela, e ficaram a olhar um para o outro, enquanto Margery organizava os pensamentos. Quando ela falou, a voz saiu-lhe rouca:

– Quanto tempo estive sem sentidos?

– Pouco mais de seis horas.

Ela refletiu sobre o que acabava de ouvir.

– A Sophia e o William estão bem?

– Estão lá em baixo. A Sophia está a preparar qualquer coisa para comer.

– E as raparigas?

– Estão todas em casa e em segurança. Parece que Baileyville perdeu quatro casas e ficou com aquele lugar por baixo da Hoffman totalmente destruído, embora me pareça que, ao amanhecer, se venham a descobrir mais perdas. O nível do rio continua alto, mas parou de chover há cerca de uma ou duas horas, e, portanto, temos de acreditar que o pior já passou.

Enquanto Sven falava, o corpo de Margery recordava a potência do rio, aquele turbilhão de forças que a tentava arrastar, e estremeceu involuntariamente.

– E o Charley?

– Está tudo bem. Escovei-o e compensei-o pela sua coragem com um balde de maçãs e cenouras. E, à custa disso, tentou dar-me um coice.

Margery esboçou um sorriso breve.

– Nunca conheci um macho como este, Sven. Exigi tanto dele.

– Dizem que ajudaste muita gente.

– Qualquer um teria feito o mesmo.

– Mas ninguém fez.

Ela manteve-se imóvel, exausta, cedendo ao peso dos cobertores e àquele calor sonolento. Bem oculta por baixo das mantas, Margery deslizou a mão até à barriga e, passado um momento, sentiu a palpitação que a tranquilizou.

– Então – disse ele –, ias contar-me?

Nesse momento, ela olhou para ele, para o seu rosto sério e meigo.

– Tive de te despir para te meter na cama. E, finalmente, percebi porque andaste a afastar-me durante todas estas semanas.

– Desculpa, Sven. Eu não... eu não sabia o que fazer. – Piscou os olhos, numa tentativa de reprimir umas lágrimas inesperadas. – Acho que tinha medo. Nunca quis filhos, tu sabes bem. Nunca me senti talhada para ser mãe. – Fungou. – Nem sequer fui capaz de proteger o meu cão, pois não?

– Marge...

Ela limpou os olhos.

– Acho que pensei que, se ignorasse o assunto, e com a minha idade e tudo, talvez... – disse ela, encolhendo os ombros – ... talvez desaparecesse...

Ao ouvi-la dizer aquilo, Sven estremeceu. Era o tipo de homem que não suportava ver um agricultor afogar um gatinho.

– Mas...

– Mas?

Margery ficou momentaneamente calada. E, quando falou, foi quase num sussurro:

– Eu consigo senti-la. A dizer-me coisas. E apercebi-me disso lá fora, na água. Nem há qualquer dúvida. Ela já está mesmo aqui. E quer estar aqui.

– Ela?

– Eu sei-o.

Ele sorriu e abanou a cabeça. A mão dela ainda estava toda preta, e ele acariciou-lha com o polegar. Depois, coçou a nuca.

– Então, vamos mesmo fazer isto.

– Acho que sim.

E ficaram ali os dois, na penumbra, por um momento, adaptando-se, cada um à sua maneira, à perspetiva de um futuro novo e inesperado. Margery ouvia o murmúrio de vozes e o barulho dos tachos e dos pratos no andar de baixo.

– Sven...

Ele virou-se para ela.

– Achas que, com toda esta situação da inundação, de andar a levantar e a carregar pesos e da água negra, a bebé não se pode ter magoado? Tive dores. E fiquei extremamente fria. Ainda nem sequer me sinto completamente.

– E, agora, tens dores?

– Nada desde... quer dizer, não me lembro.

Sven ponderou cuidadosamente a resposta.

– Não está nas nossas mãos, Marge – disse, entrelaçando os dedos nos dela. – Mas ela faz parte de ti. E, se faz parte de Margery O’Hare, podes crer que é de ferro. Se algum bebé consegue sobreviver a uma tempestade, será o teu.

– O nosso – corrigiu-o ela.

Depois, sempre de olhos nos olhos, pegou-lhe na mão e meteu-a debaixo das mantas, para ele poder pousá-la na sua barriga. Margery ficou imóvel por um momento, a sentir a profunda sensação de paz que o toque dele lhe trazia... e de súbito, obsequiosamente, o bebé voltou a mexer-se, um ligeiro movimento apenas. Ambos esbugalharam os olhos, e Sven procurou os de Margery para que ela lhe confirmasse o que acabara de sentir.

E ela assentiu.

Sven Gustavsson, um homem que não era dado a grandes emoções, levou a mão livre à cara e teve de a virar para o outro lado, para Margery não o ver de lágrimas nos olhos.

Os Brady não estavam acostumados a usar palavras duras; embora o seu casamento não pudesse ser descrito como a perfeita comunhão de ideias, nenhum deles gostava de conflitos domésticos e ambos nutriam um respeito tão sadio um pelo outro, que raramente se permitiam trocas de provocações, conhecendo suficientemente bem as reações um do outro para, passados quase trinta anos, tentarem evitá-las.

Na noite que se seguiu às inundações, uma espécie de choque sísmico fez tremer o seu lar. Mrs. Brady, depois de verificar que as três meninas tinham comida e bebida no quarto de hóspedes, de ter visto Izzy ir para a cama e de ter esperado que toda a criadagem se tivesse retirado, anunciou a intenção da filha de regressar ao projeto da Biblioteca a Cavalo, num tom que dava a entender que não iria aceitar nenhuma discussão a tal respeito. Mr. Brady, depois de ter pedido à mulher que repetisse o que acabara de dizer, só para se certificar de que tinha ouvido bem, reagiu de forma estranhamente rude – a sua serenidade devia ter-se esgotado com a perda de um carro e com as sucessivas chamadas recebidas a darem conta das inundações em várias das suas empresas em Louisville. Mrs. Brady

retorquiu com não menos veemência, dizendo ao marido que conhecia a filha tão bem como a si mesma e que nunca ficara tão orgulhosa dela como nesse dia. Ele podia ficar de braços cruzados e fazer dela uma mulher caseira, insatisfeita e insegura, como tinha acontecido à irmã dele – e todos sabiam como isso tinha terminado –, ou estimular aquela faceta corajosa, empreendedora e até agora desconhecida da rapariga, que eles conheciam havia vinte anos, e deixá-la fazer aquilo de que gostava. E acrescentou ainda, um pouco exaltada, que, se ele tencionava dar mais ouvidos ao idiota do Van Cleve do que à própria filha, então ela não conhecia bem o homem com quem estava casada há tantos anos.

Aquelas eram declarações de guerra, e Mr. Brady recebeu-as com igual força. E, embora a casa fosse grande, as suas vozes ecoaram pelos corredores amplos, forrados a painéis de madeira, e pela noite dentro, até ao romper do dia. Mas nem Izzy nem as inertes crianças as ouviram, pois tinham todas mergulhado abruptamente nas profundezas do sono. Por essa altura, e depois de a muito custo terem alcançado tréguas, ambos exaustos com tão inesperada reviravolta no casamento, Mr. Brady anunciou, penosamente, que precisava de fechar os olhos pelo menos durante uma hora, para tentar enfrentar o longo dia de limpezas que ia ter pela frente e que só Deus sabia como iria conseguir ultrapassá-lo agora.

Mrs. Brady, já mais calma depois desta vitória, sentiu uma súbita ternura pelo marido e, passado um momento, estendeu-lhe uma mão conciliatória. E foi assim que, hora e meia depois, quando o dia clareou, a criada os foi encontrar, ainda completamente vestidos, a ressonarem na enorme cama de mogno, de mãos entrelaçadas.

Recentemente, um merceeiro de sucesso em Oklahoma vendeu duas dúzias de chicotes de caliche em dois dias. No entanto, três clientes disseram que iam utilizá-los como canas de pesca, enquanto um deles foi vendido a uma mãe que queria «malhar» no filho.

The Furrow, setembro-outubro de 1937

No domingo de manhã, Margery estava a lavar o cabelo, com a cabeça virada para baixo sobre um balde de água quente, enxaguando-o e torcendo-o até formar uma corda grossa e brilhante, quando Alice entrou. Esta murmurou um pedido de desculpas, ainda um pouco sonolenta e tonta – *não se tinha apercebido de que estava ali alguém* –, e já ia a sair da pequena cozinha quando reparou na barriga de Margery, ligeiramente visível por baixo do algodão fino da camisa de dormir. Olhou-a uma segunda vez. Margery espiou-a de soslaio, enquanto enrolava uma toalha à cabeça, e percebeu o que se passava. Endireitou-se e colocou uma mão sobre o umbigo.

– Sim, é verdade, estou com pouco mais de seis meses e, sim, eu sei, não estava propriamente nos meus planos.

Alice levou a mão à boca. Lembrou-se de Margery e Sven no Nice ‘N’ Quick, na noite anterior, de como ela passara a noite sentada no colo dele e de como ele a abraçava pela barriga, com ar protetor.

– Mas...

– Parece que não prestei tanta atenção àquele livrinho azul como devia.

– Mas... mas o que é que vais fazer? – perguntou Alice, sem conseguir tirar os olhos da barriga arredondada. Parecia tão improvável. Os seios de Margery, reparava agora, estavam quase obscenamente volumosos, e no

peito pálido viam-se, através da abertura do roupão, umas veias azuis entrecruzadas.

– Fazer? Não há muito que eu possa fazer.

– Mas tu não estás casada!

– Casada?! É isso que te preocupa? – Margery soltou um assobio. – Alice, achas mesmo que eu me importo com o que esta gente possa pensar de mim? Além disso, eu e o Sven estamos praticamente casados. Vamos criar esta criança e dar-lhe mais carinho, tanto a ela como um ao outro, do que a maior parte dos casais de Baileyville. Vou educá-la e vou ensinar-lhe a diferença entre o bem e o mal, e, desde que ela tenha a mãe e o pai para lhe darem amor, não entendo o que é que alguém tem alguma coisa que ver com o que eu uso na mão esquerda.

Alice não conseguia entender como é que uma mulher podia estar grávida de seis meses e não estar preocupada que o filho viesse a ser um bastardo e pudesse até ir para o Inferno. No entanto, diante da alegre convicção de Margery – sim, olhando com atenção para o rosto dela, até se podia dizer que estava radiante –, era difícil defender que aquilo fosse realmente uma tragédia.

Alice soltou um longo suspiro.

– Alguém... sabe?

– Além do Sven? – Margery esfregou vigorosamente o cabelo com a toalha e depois passou-lhe os dedos, para ver se ainda estava húmido. – Bem, não andámos propriamente a gritar a notícia aos quatro ventos. E não vou poder escondê-la por muito mais tempo. Coitado do Charley... Vai arriar, se eu engordar muito mais.

Um bebé. Alice foi invadida por um complexo turbilhão de emoções – choque e admiração por Margery ter decidido, mais uma vez, viver a vida segundo as suas próprias regras –, mas, permeando tudo isso, a tristeza: de que tudo tivesse de mudar, de que talvez não voltasse a ter a amiga a

cavalgar ao seu lado pelas montanhas, a rirem, as duas, no aconchego da biblioteca. Margery iria certamente ficar em casa a partir de agora, uma mãe como todas as outras. Pensou até no que aconteceria à biblioteca sem Margery: ela era a alma da biblioteca, a sua espinha dorsal. E depois ocorreu-lhe um pensamento ainda mais preocupante: como poderia continuar a viver ali, quando o bebé nascesse? Não haveria espaço. Já mal havia, agora, para os três.

– Acho que consigo ouvir daqui as tuas preocupações, Alice – disse-lhe Margery, já de regresso ao quarto. – Garanto-te que nada tem de mudar. Vamos preocupar-nos com o bebé quando ele nascer. Até lá, não vale a pena ficares ansiosa.

– Eu estou bem – respondeu Alice. – Estou apenas contente por ti. – E desejou desesperadamente que aquilo fosse verdade.

No sábado, Margery cavalgou até Monarch Creek, acenando às famílias que estavam ocupadas nas limpezas, a varrerem montes de lama pela porta fora, a colocarem os móveis destruídos em pilhas, que apenas serviam para utilizar como lenha. As inundações tinham devastado as zonas mais baixas da vila, onde moravam as famílias mais pobres e com menos capacidade para protestarem – ou, pelo menos, para verem os seus protestos serem atendidos. Nas zonas mais ricas da vila, a vida tinha voltado praticamente ao normal.

Ao chegar a casa de Sophia e de William, Margery freou o Charley, sentindo um aperto no coração perante tamanha destruição. Saber que algo é verdade é uma coisa, mas vê-la com os próprios olhos é outra bem diferente. A pequena casa continuava de pé – mas por quanto tempo? Localizada na zona mais baixa da estrada, tinha suportado todo o ímpeto da inundação. Os pilares do simples e airoso alpendre estavam agora rachados

e partidos, e os vasos e a cadeira de baloiço que costumavam ali estar tinham sido arrastados pela água, juntamente com as duas janelas da frente.

O que antes era uma pequena horta bem cuidada tinha-se transformado num mar de lama negra, de onde emergiam pedaços de madeira partida em vez de plantas. O fedor era imundo e sulfuroso. Via-se uma marca espessa e escura no revestimento de madeira, que marcava o nível que a água tinha atingido. Margery não precisava de ir mais longe para imaginar como estaria o interior. Tremeu ao lembrar-se da força daquela água gelada e afagou o pescoço macio do Charley, sentindo uma súbita e premente vontade de regressar ao calor e à segurança de sua casa.

Desmontou – agora demorava mais tempo a descer da sela – e prendeu as rédeas a uma árvore próxima. Não havia nada para o macho pastar; via-se apenas um manto de lama escura a cobrir a encosta quase por completo.

– William? – chamou ela, com as botas a enterrarem-se na lama à medida que ia avançando na direção da pequena cabana. – William? É a Margery.

Chamou mais duas vezes, esperando, até se tornar evidente que não estava ninguém em casa; depois, regressou para junto do macho, sentindo uma tensão e um peso estranhos na barriga, como se o bebé tivesse decidido que agora era livre de fazer notar a sua presença. Depois de Margery chegar junto da árvore e preparar-se para pegar nas rédeas, alguma coisa lhe chamou a atenção. Inclinou a cabeça e analisou a marca da água na base do tronco. Todas as marcas que tinha visto ao longo do caminho, desde a biblioteca, eram vermelho-acastanhadas, variando apenas ligeiramente no tom, mas essencialmente compostas por lama e sedimentos. Mas, aqui, as marcas eram escuras como breu... E, então, lembrou-se de como a água tinha ficado subitamente negra e do cheiro acre e químico que lhe deixara os olhos a arderem e a garganta áspera.

Van Cleve não tinha sido visto na vila nos três dias que se seguiram às inundações.

Acocorou-se, passou os dedos pela casca da árvore e cheirou-os. E ali ficou, completamente imóvel, a pensar. A seguir, limpou as mãos ao casaco e, com um gemido, içou-se para a sela.

– Vamos lá, Charley – disse ela, fazendo-o dar uma volta. – Ainda não vamos para casa.

Margery subiu até ao estreito desfiladeiro que fazia a ligação à zona nordeste de Baileyville, um caminho que muitos consideravam intransitável devido ao acentuado declive do terreno e à densa vegetação rasteira. Mas tanto ela como o Charley, tendo sido criados em zonas difíceis, conseguiam abrir passagem com o mesmo instinto que os patrões tinham para os cifrões. Margery deixou cair a fivela das rédeas sobre o pescoço do macho e inclinou-se para a frente, confiante que ele escolheria o caminho certo, enquanto ela ia afastando os ramos da cabeça. Como o ar ia ficando cada vez mais frio à medida que subiam, Margery enterrou o chapéu na cabeça e escondeu o queixo na gola, a ver a respiração elevar-se em nuvens de vapor.

O arvoredado ia ficando mais denso com a altitude, e o terreno era tão íngreme e pedregoso, que o Charley, apesar de extremamente seguro, começou a tropeçar e a hesitar. Por fim, Margery desceu do macho junto a um afloramento rochoso, prendeu as rédeas a uma árvore jovem e fez a pé o resto do caminho até ao topo, arquejando um pouco com o peso extra da sua nova carga. De vez em quando, parava e punha a mão ao fundo das costas. Sentia-se invulgarmente cansada desde as inundações e afastava da cabeça as palavras que sabia que Sven lhe diria, se soubesse aonde ela tinha ido.

Demorou quase uma hora a subir a cumeada, até finalmente avistar as traseiras da Hoffman, a parte dos seus cerca de 240 hectares de terreno que não era visível a partir das minas e que estava oculta das vistas pelas

encostas em forma de ferradura que a rodeavam, todas elas a pique e cobertas de arvoredos. Agarrou-se a um tronco para se içar nos últimos metros e, depois, deixou-se ficar ali parada por um momento, até a respiração se acalmar.

Nisto, olhou para baixo e praguejou.

Havia três enormes diques de lama por detrás da cumeada, acessíveis apenas por um portão e através de um túnel fechado que atravessava o cume da montanha. Dois deles estavam cheios de água das chuvas, negra e estagnada. O último estava vazio, com o fundo coberto por uma lama negra e o muro completamente desmoronado do lado por onde a lama se tinha precipitado, deixando um rasto salobro ao longo das margens sinuosas do rio em direção à zona mais baixa de Baileyville.

De todos os dias que a Annie podia escolher para lhe doerem as pernas, este era mesmo o mais inconveniente. Assim resmungava Van Cleve para si mesmo, enquanto esperava, sentado a uma mesa, que a rapariga lhe trouxesse a comida. Bennett estava sentado à sua frente, em silêncio, a olhar de soslaio para os outros clientes, tentando perceber o que as pessoas estariam a dizer deles. Van Cleve preferia ter ficado mais alguns dias longe da vila, mas, sem a criada para lhes preparar a refeição e com uma nora que ainda não tinha ganhado juízo e regressado a casa, o que é que um homem podia fazer? Para quem não quisesse ir até Lexington, o Nice ‘N’ Quick era o único lugar onde se podia encontrar uma refeição quente.

– Aqui tem, Mr. Van Cleve – disse Molly ao colocar um prato de frango frito diante dele. – Com verduras reforçadas e puré, como pediu. Teve sorte em fazer o pedido quando fez... A comida está quase a acabar, sim... Com os fornecedores a não conseguirem passar e tudo isso...

– Bem, então somos mesmo uns felizardos! – exclamou ele.

Van Cleve ficou mais animado ao ver o aspeto dourado e a pele estaladiça do seu jantar e, soltando um suspiro de satisfação, meteu o guardanapo no colarinho. Ia sugerir a Bennet que fizesse o mesmo, em vez de o dobrar e colocar no colo, como um maldito europeu, quando uma porção de lama negra cruzou o ar por cima do seu prato e aterrou ruidosamente em cima da sua dose de frango. Ele ficou a olhar para aquilo, tentando perceber o que se estava a passar.

– Mas que...

– Está a escapar-lhe alguma coisa, Van Cleve?

Margery O'Hare estava parada junto à mesa, de faces afogueadas e com a voz a tremer de raiva, um braço estendido a mostrar-lhe o punho enegrecido pela lama.

– Não foram as inundações que arrasaram aquelas casas em Monarch Creek. Foi o seu dique de lama, e o senhor sabia! Devia ter vergonha!

Fez-se silêncio no restaurante. Atrás dela, levantaram-se duas pessoas para ver o que se estava a passar.

– Tu atiraste *lama* para cima do *meu jantar*? – Van Cleve pôs-se de pé, empurrando a cadeira para trás e fazendo-a chiar. – Tu vens aqui, depois de tudo o que fizeste, atirar esta *porcaria* para cima da minha comida?

Os olhos de Margery faíscavam.

– Não é porcaria. É lama de carvão. Veneno. O *seu* veneno. Eu subi à cumeada e vi o seu dique desmoronado. Foi o senhor! Não foram as chuvadas. Nem o rio Ohio. As únicas casas que foram destruídas foram aquelas por onde passou a sua água imunda.

Ouviu-se um murmúrio a percorrer o restaurante. Van Cleve arrancou o guardanapo do colarinho e deu um passo na direção dela, de dedo levantado.

– Ouve-me bem, O'Hare, é melhor teres *muito* cuidado antes de te pões para aí a lançar acusações. Já causaste problemas suficientes...

Mas Margery impôs-se.

– *Eu* é que causei problemas? Diz o homem que matou o meu cão? Que partiu dois dentes à própria nora? A sua inundação quase afogou a Sophia, o William e a mim própria! Eles já não tinham quase nada para refazerem a vida e agora ainda têm menos! E até teria afogado três meninas, se as *minhas* colegas não tivessem ido lá salvá-las! E o senhor anda por aqui a pavonear-se, fingindo que não é nada consigo? O senhor devia ser preso!

Sven apareceu por trás e colocou-lhe uma mão no ombro, mas ela estava tão acalorada que a sacudiu.

– Há homens a morrer porque o senhor dá mais valor ao dinheiro do que à segurança! Engana as pessoas, convencendo-as a assinar a cedência das suas casas antes mesmo de elas perceberem o que fizeram! O senhor destrói vidas! A sua mina é uma ameaça! *O senhor* é uma ameaça!

– Já chega – disse Sven, com o braço em redor do pescoço de Margery, a puxá-la para trás, enquanto ela continuava a gritar e a apontar o dedo a Van Cleve. – Vamos. Está na hora de sairmos daqui.

– Pois está! Obrigado, Gustavsson! Leve-a daqui para fora!

– O senhor age como se fosse um maldito dum todo-poderoso! Como se a lei não contasse para si! Mas eu estou de olho em si, Van Cleve. Enquanto for viva, hei de contar a verdade sobre si e sobre...

– *Chega.*

O ar da sala parecia ter sido sugado, enquanto Sven a levava, ainda a esbracejar, para fora do restaurante. Através das vidraças, era possível vê-la na rua a gritar com ele e a agitar os braços, tentando libertar-se.

Van Cleve olhou em redor, de relance, e sentou-se. Os outros clientes continuavam a olhar, embasbacados.

– Estes O'Hare, hem!... – disse ele, demasiado alto, enquanto metia novamente o guardanapo no colarinho. – Nunca se sabe o que aquela família vai aprontar a seguir.

Bennett levantou momentaneamente os olhos do prato e baixou-os em seguida.

– O Gustavsson tem juízo. Ele sabe. Ah, se sabe. E aquela rapariga ali fora é a mais doida de todas, não é?... Não é?

O sorriso de Van Cleve vacilou, e as pessoas voltaram novamente a atenção para os pratos. Ele soltou um suspiro e fez sinal à empregada.

– Molly, minha querida?... Poderias... hum... trazer-me um novo prato de frango, por favor? Ficava-te muito agradecido.

Molly fez uma careta.

– Lamento, Mr. Van Cleve, mas acabámos de servir o último. – Ela olhou para o prato dele, estremecendo ligeiramente. – Ainda tenho um pouco de sopa, que lhe posso aquecer, e alguns pãozinhos.

– Tome. Coma o meu – disse Bennett, empurrando o prato, ainda intocado, na direção do pai.

Van Cleve arrancou o guardanapo do colarinho.

– Perdi o apetite. Vou pagar uma bebida ao Gustavsson, e vamos para casa.

Espreitou, através da porta, para a rua, para onde o jovem e a rapariga chamada O'Hare ainda se encontravam.

– Ele volta a entrar, quando a puser a andar.

Van Cleve apercebeu-se de que tinha ficado um pouco desiludido por não ter sido o filho a levantar-se e a empurrar a rapariga lá para fora.

Mas, de repente, viu algo de muito estranho acontecer: enquanto O'Hare continuava lá fora a gritar e a gesticular, Gustavsson, em vez de lhe virar costas e voltar para o restaurante, aproximou-se de Margery O'Hare e encostou a cabeça à dela.

Ao mesmo tempo que Van Cleve os observava de sobrolho carregado, as mãos de Margery cobriram momentaneamente o rosto de Gustavsson e ambos ficaram muito quietos. E depois, sob a claridade permitida pelo luar,

ele colocou uma mão protetora sobre a barriga saliente de O'Hare, esperando até ela olhar para ele, e pousou a mão dela suavemente sobre a sua, antes de a beijar.

– Mas tu queres mesmo arranjar problemas?

Margery empurrava Sven cegamente, tentando libertar-se, mas ele agarrava-lhe os braços com força.

– Tu não viste aquilo, Sven! Milhares de metros cúbicos daquele veneno! E ele a fingir que foi apenas o rio... e a casa da Sophia e do William destruída, e toda aquela terra e aquela água à volta de Monarch Creek envenenadas não sei por quanto tempo.

– Eu não tenho dúvidas, Marge, mas enfrentá-lo assim, num restaurante cheio de gente, não vai ajudar nada.

– Nós temos de o envergonhar! Ele acha que se safa sempre! E tu, como te atreves a tirar-me dali para fora como se eu fosse um... um *cão* desobediente? – Fazendo força com as duas mãos, ela conseguiu finalmente soltar-se. Sven levantou as mãos no ar.

– Eu só... eu só não queria que ele partisse para cima de ti. Bem viste o que ele fez à Alice.

– Eu não tenho medo dele!

– Pois, mas talvez devesse ter. Com um homem como o Van Cleve, tens de ser esperta. Ele é matreiro. Tu *sabes* disso. Vá lá, Margery. Não percas a calma. Vamos tratar deste assunto como deve ser. Não sei, talvez falar com o capataz. Ou com os sindicatos. Escrever ao governador. Há outras maneiras.

Margery parecia um pouco mais calma.

– Agora, vamos – disse ele, estendendo-lhe a mão. – Não tens de travar todas as malditas batalhas sozinha.

Nesse momento, algo dentro dela cedeu. Deu um pontapé na terra, esperando que a respiração serenasse, e, quando levantou a cabeça, os seus olhos reluziam com lágrimas.

– Eu odeio-o, Sven. Odeio mesmo. Ele destrói tudo o que é bonito.

Sven puxou-a para si.

– Nem tudo. – Colocou-lhe a mão na barriga, esperando que ela acalmasse nos seus braços. – Vamos lá – disse ele, beijando-a –, vamos para casa.

Sendo as vilas pequenas como eram e Margery quem era, a notícia de que estava grávida não demorou a espalhar-se e, pelo menos durante uns dias, onde quer que as pessoas se encontrassem – na loja de rações, nas igrejas, no armazém –, não se falava de outra coisa. Havia aqueles para quem a notícia só vinha confirmar tudo o que pensavam da filha de Frank O'Hare. Mais um inútil descendente dos O'Hare, sem dúvida, destinado à vergonha e à desgraça. Havia sempre aqueles para quem qualquer filho ilegítimo era motivo de franca e veemente reprovação. Mas havia também aqueles que não conseguiam deixar de pensar nas inundações e no que ela dissera sobre a participação de Van Cleve nessa calamidade. Felizmente para ela, estes últimos pareciam constituir a maior parte dos habitantes da vila, aqueles que acreditavam que, depois de tanta desgraça, a chegada de um bebé, independentemente das circunstâncias, não era motivo para tanta quezília.

Isto é... à exceção de Sophia.

– E, agora, vai casar-se com aquele homem? – perguntou ela, quando soube da notícia.

– Não.

– Porque é uma egoísta?

Margery estava a escrever uma carta ao governador. Pousou a caneta e olhou de soslaio para Sophia.

– Não me olhe de esguelha, Margery O’Hare. Eu sei o que pensa da união perante Deus. Acredite que todos nós sabemos o que pensa. Mas agora já não se trata só de si, pois não? Quer que chamem nomes a essa criança no recreio da escola? Quer que ela cresça como uma pessoa de segunda? Quer que seja excluída, porque as pessoas não querem receber este *tipo* de gente em casa?

Margery abriu a porta para que Fred pudesse entrar com mais uma carga de livros.

– Será que podemos, pelo menos, esperar que ela aqui esteja para começar a ralar comigo?

Sophia arqueou as sobrancelhas.

– Só estou a avisar. Como se crescer nesta vila não fosse já suficientemente difícil, para ainda lhe pôr mais este peso sobre os ombros. Sabe muito bem como as pessoas a julgaram com base no que fizeram os seus pais, decisões sobre as quais não teve qualquer poder.

– Está bem, Sophia.

– Pois, foi isso mesmo que fizeram. E só por ter sido muito teimosa é que conseguiu fazer o que queria da vida. Mas, e se ela não for como a Margery?

– Ela vai ser como eu.

– Isso demonstra bem o quanto sabe sobre crianças – disse Sophia com desdém. – Só vou dizer isto mais uma vez: já não se trata só do que a Margery quer. – E atirou-lhe com o livro de registos para cima da secretária. – Tem de pensar nisso.

Com Sven não era melhor. Sentou-se na periclitante cadeira da cozinha a engraxar as botas, enquanto ela estava sentada no banco comprido, e,

embora fosse mais parco em palavras e o tom de voz fosse mais calmo, o assunto era exatamente o mesmo.

– Eu não vou voltar a pedir-te, Margery. Mas isto muda muita coisa. Quero ser reconhecido como o pai desta criança. Quero fazer tudo como deve ser. Não quero que o nosso filho cresça como um bastardo.

Ele olhava-a por cima da mesa de madeira, fazendo com que ela subitamente se sentisse como quando tinha dez anos, teimosa e na defensiva; talvez por isso, pôs-se a catar distraidamente uma manta de lã, recusando-se a olhar para ele.

– Achas mesmo que não temos nada de mais importante para dizer?

– Eu não vou dizer mais nada.

Ela afastou o cabelo da cara e mordeu o lábio inferior. Ele cruzou os braços, franziu o sobrolho, pronto para a ouvir gritar que estava a dar com ela em doida, que tinha prometido não insistir neste assunto, que já estava farta e que, por isso, ele podia voltar para casa.

Mas foi surpreendido.

– Deixa-me pensar – disse ela.

E ali ficaram em silêncio durante alguns minutos. Margery tamborilava na mesa e depois estendeu uma perna, virando o tornozelo para um lado e para o outro.

– O quê? – disse ele.

Ela pôs-se outra vez a catar uma ponta da manta; depois, estendeu-a e, em seguida, olhou para ele de soslaio.

– O quê? – perguntou ele de novo.

– Depois, vais continuar a vir sentar-te junto de mim, Sven Gustavsson? Ou já perdi todo o interesse para ti, agora que me deixaste inchada como uma vaca leiteira?

Alice chegou tarde a casa, com Fred a dominar-lhe os pensamentos, desalojando tudo o que vira nesse dia: os pedidos de desculpa das famílias que tinham perdido os livros nas inundações com o resto dos seus bens, a lama negra que marcava a base das árvores, os objetos espalhados por todo o lado – sapatos desirmanados, cartas, móveis partidos ou destruídos –, que assinalavam o curso dos riachos agora tranquilos.

A única coisa que te posso dar, Alice, são palavras.

Como acontecia desde então, todas as manhãs e todas as noites ela sentia os dedos de Fred a tatearem-lhe o rosto, via os seus olhos sérios e semicerrados, imaginava como seria sentir aquelas mãos fortes a percorrerem-lhe o corpo, com esse mesmo toque meigo e intencional. Alice deixava a imaginação preencher tais lacunas. Sempre que se lembrava da sua voz e da intensidade do seu olhar, perdia ligeiramente o fôlego. Pensava tanto nele, que achava que os outros deviam perceber, e talvez até detetar, fragmentos daquele zumbido febril e constante que lhe invadia a cabeça à medida que ia extravasando pelos ouvidos. Era quase um alívio chegar a casa de Margery, com a gola virada para cima, para a proteger do vento de abril, e saber que ia ser obrigada a pensar noutras coisas durante pelo menos algumas horas – nas capas dos livros ou na lama ou em tirar os fios ao feijão-verde.

Alice entrou e fechou suavemente a porta de rede (desde que deixara a casa dos Van Cleve, tinha pavor de ouvir portas a bater), tirou o casaco e pendurou-o no cabide. A casa estava silenciosa, o que normalmente significava que Margery andava pelo quintal das traseiras a cuidar do Charley ou das galinhas. Foi até à caixa do pão e espreitou lá para dentro, a pensar como a casa ainda lhe parecia tão vazia sem a exuberante presença do Bluey.

Estava prestes a chamar por Margery, quando ouviu um som que já não ouvia há algumas semanas: gritinhos abafados e gemidos suaves de prazer,

por detrás da porta fechada do quarto de Margery. Parou onde estava e, como se em resposta, as vozes elevaram-se subitamente e baixaram em uníssonos, ponteadas por palavras carinhosas repletas de emoção, com as molas do colchão a rangerem e a cabeceira da cama a bater energicamente e em crescendo contra a parede de madeira.

– Oh, que maravilha – murmurou Alice para si mesma. Voltou a vestir o casaco, meteu um pedaço de pão na boca e foi sentar-se na cadeira de baloiço, do alpendre da frente, a comer com uma mão e a tapar o ouvido bom com a outra.

Não era assim tão pouco habitual que a neve se conservasse mais um mês no cume das montanhas. Era como se, determinada a ignorar o que se passava na zona mais baixa da vila, se recusasse até ao último minuto a soltar as suas garras geladas – até os tenros rebentos começarem a espreitar por entre o fino tapete cristalino e as árvores dos trilhos mais elevados deixarem de estar esqueléticas e castanhas e passarem a brilhar num ténue prenúncio de verdura.

Portanto, abril já ia a meio quando o corpo de Clem McCullough foi encontrado; o nariz queimado pelo gelo foi a primeira coisa a ser vista, assim que a neve começou a derreter nas cumeadas mais altas, e só depois se descobriu o resto da cara, há muito sem olhos e roída por alguma criatura esfomeada. Foi encontrado por um caçador de Berea, que tinha sido enviado para as encostas acima de Red Lick, em busca de veados, e que passou os meses seguintes a ter pesadelos com rostos putrefactos e buracos abissais no lugar de olhos.

Encontrar o cadáver de um bêbedo sobejamente conhecido não era grande surpresa numa vila pequena, sobretudo nesta região, conhecida pelo tráfico de bebidas, e as conversas e os meneios de cabeça não costumavam durar mais de meia dúzia de dias, enquanto a notícia se ia espalhando.

Mas este caso era diferente.

A cabeça de Clem McCullough, segundo informou o xerife pouco depois de ter descido da encosta com os seus homens, tinha sido esmagada por um pedregulho pontiagudo. E, sobre o peito, tinha sido encontrado, depois de derretida a última neve, um exemplar extremamente ensanguentado de uma edição de *Mulherzinhas*, com capa de tecido e com a marca da Biblioteca a Cavalo WPA, de Baileyville.

Os homens esperavam que as mulheres fossem calmas, discretas, prestáveis e castas. Qualquer conduta excêntrica era mal vista e qualquer mulher que pisasse o risco e fosse demasiado longe poderia ter sérios problemas.

Virginia Culin Roberts, «The Women Was Too Tough»
(«As mulheres eram demasiado duras»)

Van Cleve entrou no gabinete do xerife com a barriga cheia de torresmos e uma fina camada de entusiasmo a brilhar-lhe na testa. Trazia um sorriso radioso e uma caixa de madeira com charutos, embora jamais fosse capaz de admitir ter algum motivo particular para tal comportamento. Claro que não, mas a descoberta do corpo de McCullough fazia passar subitamente à história o desmoronamento do dique e a limpeza da lama. Van Cleve e o filho podiam voltar a andar na rua e, pela primeira vez em várias semanas, ele sentiu, ao sair do carro, uma certa leveza no andar.

– Bem, Bob, não posso dizer que esteja surpreendido. Você sabe que ela andou todo o ano a causar problemas, a desestabilizar a nossa comunidade, a espalhar imoralidade – disse ele, chegando-se à frente para acender o charuto ao xerife com um clique do isqueiro de metal.

O xerife recostou-se na cadeira.

– Não sei bem se concordo consigo, Geoff.

– Bem, mas vai prender a O'Hare, não vai?

– O que é que o leva a crer que isto é coisa dela?

– Bob... Bob... Somos amigos há tanto tempo. Conhece tão bem como eu a desavença entre os McCullough e os O'Hare. É tão antiga, que nem

nos lembramos de quando começou. E quem mais andaria a cavalgar lá em cima?

O xerife ficou calado.

– E, ainda por cima, um passarinho contou-me que foi encontrado junto do corpo um livro da biblioteca. Bem, eu diria que isso resolve o mistério. Caso encerrado – disse ele, dando uma longa passa no charuto.

– Quem me dera que os meus homens fossem tão eficientes a resolver crimes como você é, Geoff. – Os olhos do xerife semicerraram-se ligeiramente com a piada.

– Bem, você sabe que foi ela que convenceu a mulher do meu Bennett a afastar-se dele, embora estejamos a tentar não fazer grande alarde, para não lhe causar, a ele, ainda mais constrangimentos. Eles eram um casal feliz até ela aparecer! É que ela mete ideias pecaminosas na cabeça das mulheres e provoca barafunda aonde quer que vá. Eu, por exemplo, dormiria bem melhor sabendo que ela já ficava presa esta noite.

– Isso é verdade? – perguntou o xerife, que tivera meses atrás conhecimento do que se passava com a rapariga Van Cleve. Havia pouca coisa que lhe escapasse naquele condado.

– Aquela família, Bob... – Van Cleve exalou o fumo do charuto para o teto. – Aquele sangue é ruim e atravessa toda a linhagem O'Hare. Então, não se lembra do Vincent, o tio dela? Esse era outro trapaceiro...

– Não se pode dizer que as provas sejam conclusivas, Geoff. Aqui entre nós: com o que temos não podemos provar sem sombra de dúvida que ela estava a fazer aquela rota. E, agora, a nossa única testemunha diz que não tem bem a certeza de quem era a voz que ouviu.

– Claro que foi ela! Sabe bem que a menina da poliomielite não faria tal coisa nem a nossa Alice. Resta a camponesa e a de cor. E era capaz de apostar que a de cor nem montar sabe.

O xerife torceu os lábios, dando a entender que não estava convencido.

Van Cleve bateu com um dedo na secretária com força.

– Ela é uma péssima influência, Bob. Pergunte ao governador Hatch. Ele sabe. A forma como ela usava uma biblioteca supostamente familiar para distribuir leitura indecorosa... Ah, você não sabia dessa? E tem andado a semear a discórdia em North Ridge, a ponto de as famílias não nos deixarem avançar com os assuntos legais da mina. Quase todos os problemas que aconteceram por aqui, no último ano, nos conduzem à Margery O’Hare. Esta biblioteca fez-lhe subir o poder à cabeça. Quanto mais tempo ficar presa, melhor.

– Você sabe que ela está à espera de um filho.

– Bem... ora aí está! Não tem nenhum tipo de sentido moral. É assim que uma mulher decente se comporta? Quer mesmo uma pessoa destas a andar por aí, a visitar casas onde há gente jovem e suscetível?

– Acho que não.

Van Cleve traçou uma rota no ar com os dedos, fitando um horizonte longínquo.

– Ela iniciou a rota dela, cruzou-se com o pobre do McCullough, que ia a caminho de casa, e, ao perceber que ele estava bêbedo, viu uma oportunidade para vingar o traste do pai dela e matou-o com aquilo que tinha mais à mão, sabendo muito bem que ele ia ficar ali enterrado na neve. Provavelmente até pensou que os animais o iam comer e que ninguém chegaria sequer a encontrar o corpo. Só com sorte e com a graça de Deus Todo-Poderoso alguém o descobriu. Uma megera, é o que ela é! A desrespeitar as leis da natureza de todas as formas e feitios.

Dito isto, deu uma profunda passa no charuto e abanou a cabeça.

– Não me surpreenderia se voltasse a fazer o mesmo. – Após um compasso de espera, acrescentou: – É por isso que estou contente por haver um homem como o Bob à frente das nossas autoridades. Um homem capaz

de impedir a propagação da anarquia. Um homem que não tem medo de fazer *valer a lei*.

Van Cleve pegou na caixa de charutos.

– Porque não tira dois para logo à noite? Sabe que mais? Pode ficar com a caixa.

– É muita generosidade da sua parte, Geoff.

O xerife mais não disse; agradecido, deu uma longa passa no charuto.

Margery O'Hare foi detida na biblioteca na tarde em que estavam a repor os últimos livros nas estantes. O xerife chegou com o subxerife, e Fred cumprimentou-os logo calorosamente, pensando que vinham para ver as obras que ele fizera de substituição do soalho e de realinhamento das estantes, como outras pessoas tinham feito durante toda a semana – ver os progressos das reparações dos contrerrâneos tinha-se tornado uma das formas de passar o tempo em Baileyville. Mas a expressão do xerife era ativa e fria como uma lápide. Quando ele estacou as botas no meio da sala e olhou em redor, algo dentro de Margery pareceu desabar, como uma pedra pesada a cair num poço sem fundo.

– Qual de vocês faz a rota das montanhas por cima de Red Lick?

Elas entreolharam-se.

– O que se passa, xerife? Alguém que está a demorar a devolver os livros? – perguntou-lhe Beth. Mas ninguém se riu.

– O corpo de Clem McCullough foi encontrado há dois dias em Arnott's Ridge. Parece que a arma do crime saiu da vossa biblioteca.

– A arma do crime? – disse Beth. – Aqui não temos armas de crimes. Histórias de crimes, sim, dessas temos.

Margery empalideceu; piscou os olhos várias vezes e estendeu a mão para se amparar. O xerife reparou.

– Ela está à espera de um filho – disse Alice, agarrando-lhe o braço. – Costuma ter tonturas.

– E essa é uma notícia um bocadinho trágica para ser dada assim de chofre a uma grávida – acrescentou Izzy.

Mas o xerife não tirava os olhos de Margery.

– É a senhora que faz essa rota, Miss O’Hare?

– Nós partilhamos rotas, xerife – interpôs Kathleen. – Depende muito de quem está a trabalhar nesse dia e de como estão os cavalos. Alguns não se dão tão bem nas rotas mais longas e mais duras.

– Vocês têm registos de aonde vai cada bibliotecária? – perguntou ele a Sophia, de pé, atrás da secretária, já com os nós dos dedos brancos da força com que agarrava o rebordo.

– Sim, xerife.

– Quero ver as rotas de todas as bibliotecárias nos últimos seis meses.

– Seis meses?

– O corpo do Mr. McCullough está num estado de... alguma decomposição. Não se sabe ao certo quanto tempo ali esteve caído. E, segundo os nossos registos, parece que a família dele não participou o seu desaparecimento, portanto, precisamos de todas as informações que possamos reunir.

– Isso... isso são muitos livros de registo, senhor xerife. E nós ainda temos tudo um pouco desorganizado por causa das inundações. É possível que demore algum tempo a localizá-los no meio de todos estes livros.

Só Alice estava numa posição que lhe permitiu ver Sophia a empurrar lentamente o livro de registos, com o pé, para debaixo da secretária.

– Para ser sincera, senhor xerife, perdemos muitos deles – acrescentou Alice. – É bem possível que as entradas relevantes tenham sofrido danos consideráveis com a água. Alguns foram até levados na enxurrada – continuou ela, no seu mais carregado sotaque inglês, conhecido por fazer

balançar homens mais inflexíveis do que este. No entanto, o xerife nem pareceu tê-la ouvido.

Ele tinha-se aproximado de Margery e estava agora à frente dela, de cabeça inclinada para um lado.

– Os O’Hare tinham uma rixa antiga com os McCullough, não tinham?

Margery tentou limpar um risco que tinha na bota.

– Acho que sim.

– Até o meu pai se lembra de o seu pai ter ido atrás do irmão do Clem McCullough. Tom? Ou Tam? E, depois, deu-lhe um tiro no estômago, no Natal de 1913... 1914, se a memória não me falha. Aposto que, se for perguntar por aí, há de haver quem se lembre de outras contendas entre as duas famílias.

– No que me diz respeito, xerife, as rixas morreram com a morte do meu último irmão.

– Seria a primeira rixa de sangue por estas bandas a derreter-se assim, com a neve – disse ele, metendo um palito nos dentes e movendo-o para cima e para baixo. – Muito estranho.

– Bem, eu não sou propriamente uma pessoa que se possa considerar convencional – disse Margery, aparentemente recomposta.

– Quer então dizer que não faz ideia de como o Clem McCullough foi morto?

– Não, senhor.

– Mas é complicado ser a única pessoa viva que poderia guardar algum ressentimento contra ele.

– Oh, por favor, xerife Archer – protestou Beth. – Sabe tão bem como eu que aquela família era um bando de trastes e de gente boçal. Deviam ter inimigos daqui até Nashville, no Tennessee.

Isso era verdade, concordaram todos. Até Sophia se sentiu suficientemente segura para acenar afirmativamente.

Foi nesse momento que ouviram o ruído de um motor. À chegada de um carro, o xerife dirigiu-se para a porta com passo lento e pesado, como se tivesse todo o tempo do mundo. Apareceu um outro subxerife, que lhe murmurou qualquer coisa ao ouvido. O xerife levantou a cabeça e olhou para trás, para Margery; em seguida, baixou de novo a cabeça para ouvir o resto da mensagem.

Este último subxerife entrou também na biblioteca, e ficaram ali os três. Alice trocou olhares com Fred e percebeu que ele estava tão perplexo quanto ela. O xerife virou-se e, quando voltou a falar, fê-lo, pensou Alice, *com uma espécie de sinistra satisfação*.

– Aqui o agente Dalton esteve agora mesmo a falar com a velha Nancy Stone. Ela diz que, em dezembro, a Margery estava a caminho de casa dela quando se ouviu um tiro e uma espécie de alvoroço. Diz que a Margery acabou por não aparecer e que até então nunca tinha falhado uma entrega de livros, fizesse sol ou chuva. Aliás, diz que até era conhecida por isso.

– Lembro-me de não ter conseguido atravessar o cume da montanha. Havia uma camada de neve muito alta. – Alice apercebeu-se de que a voz de Margery ficara ligeiramente trémula.

– Não é o que diz a Nancy. Ela disse que já tinha parado de nevar há dois dias e que a Margery estava na zona mais alta do riacho e que a ouvia falar até segundos antes de a arma disparar. Diz que ficou extremamente preocupada consigo durante algum tempo.

– Não era eu. – Ela abanou a cabeça.

– Ai não? – Ele ponderou nesta resposta, com o lábio inferior projetado para fora, numa expressão exageradamente pensativa. – Ela parece bastante segura de que estava lá uma bibliotecária. Está, então, a querer dizer, Miss O'Hare, que era uma destas senhoras?

Nesse momento, Margery olhou em redor, como um animal encurralado.

– Acha, talvez, que eu deva falar com uma destas senhoras? Acha, talvez, que alguma delas seja capaz de matar alguém? Talvez a senhora, Kathleen Bligh? Ou talvez esta simpática senhora inglesa? A mulher do Van Cleve Júnior, certo?

– Ou você... Como é que se chama, rapariga?

– Sophia Kenworth.

– So-phi-a Ken-worth. – Nada disse sobre a cor da sua pele, mas pronunciou as sílabas de forma exageradamente lenta, tornando-as pesadas.

A sala tinha ficado completamente em silêncio. Sophia olhava para o rebordo da secretária, de queixo tenso e sem pestanejar.

– Não – disse Margery, quebrando o silêncio. – Tenho a certeza de que não foi nenhuma destas mulheres. Talvez tenha sido algum ladrão. Ou algum traficante. Sabe como são as coisas lá em cima nas montanhas. Acontece de tudo.

– *Acontece de tudo*. Isso é bem verdade. Mas, sabe, parece muito estranho que, num condado cheio de facas e espingardas, de machados e mocas, a arma escolhida por esse ladrão boçal das redondezas fosse... – fez um compasso de espera, como que para se recordar devidamente do título – ... uma primeira edição de *Mulherzinhas*, com capa de tecido.

Ante o desânimo desmedido que perpassou o rosto de Margery, algo no xerife se acalmou, como um homem a suspirar de prazer após uma lauta refeição. Endireitou os ombros e voltou a enterrar o pescoço no colarinho.

– Margery O'Hare, está detida por suspeita do homicídio de Clem McCullough. Levem-na.

Depois disso, contava Sophia a William nessa noite, foi um pandemônio. Alice atirou-se ao homem como se estivesse possuída, a gritar, a berrar e a atirar-lhe livros, até o agente ameaçar detê-la também. E Frederick Guisler teve de a prender com ambos os braços para a obrigar a

parar. Beth também lhes vociferou que tinham entendido tudo mal, que não sabiam do que estavam a falar. Kathleen limitou-se a olhar, calada e chocada, abanando a cabeça, e a pequena Izzy desatou a chorar e não parava de dizer:

– Mas vocês não podem fazer isto! Ela vai ter um filho!

Fred fora a correr buscar o carro, para ir o mais depressa possível dar a notícia a Sven Gustavsson, que tinha chegado branco como a cal, a pedir que lhe explicassem o que diabo se estava a passar. E Margery O'Hare mantivera-se calada como um fantasma, deixando-se conduzir por entre a multidão de curiosos para o assento traseiro do *Buick* da polícia, de cabeça baixa e com uma mão na barriga.

William assimilava tudo aquilo e abanava a cabeça. Tinha as calças de peitilho cheias de terra preta, de andar a limpar a casa, e, quando passava a mão pela nuca, deixava na pele um rasto negro e gorduroso.

– O que é que tu achas? – perguntou ele à irmã. – Achas mesmo que ela matou alguém?

– Não sei – respondeu ela, abanando a cabeça. – Eu sei que a Margery não é nenhuma assassina, mas... mas havia ali qualquer coisa que não batia certo, alguma coisa que ela não quis contar. – Sophia ergueu os olhos para o irmão. – Mas há uma coisa de que eu tenho a certeza. Se Van Cleve tiver uma palavra a dizer em tudo isto, vai fazer tudo o que puder para reduzir ao máximo as hipóteses de ela sair impune.

Nessa noite, sentado na cozinha de Margery, Sven contou toda a história a Alice e a Fred. O incidente na montanha, o facto de ela ter ficado a pensar que McCullough viria atrás dela para se vingar e como ele tinha passado duas longas e gélidas noites na varanda, com a espingarda pousada no colo e o Bluey aos pés, até ambos acharem que McCullough devia ter-se

arrastado para a sua cabana em ruínas, provavelmente com a cabeça dorida e demasiado bêbedo para se lembrar do que diabo tinha feito.

– Mas tu tens de contar ao xerife! – disse Alice. – Isso significa que foi em legítima defesa!

– Achas que a vai ajudar? – duvidou Fred. – Mal ela disser que lhe deu com o livro, eles vão logo considerar isso uma confissão. Na melhor das hipóteses, acusam-na de homicídio involuntário. Para já, o melhor que ela tem a fazer é ficar calada e esperar que eles não tenham provas suficientes para a manterem presa.

A fiança foi fixada em 25 mil dólares, um valor inatingível para qualquer pessoa das redondezas.

– É o mesmo valor que fixaram para o Henry H. Denhardt, que matou a própria noiva à queima-roupa.

– Pois, mas esse, além de ser homem, tinha amigos bem colocados que lhe podiam pagar a fiança.

Dizem que Nancy Stone chorara ao saber o que os homens do xerife tinham feito por causa do seu depoimento. Nessa tarde, ela desceu a montanha – pela primeira vez, em dois anos – e foi bater à porta do gabinete do xerife para pedir que a deixassem fazer um novo depoimento.

– Eu só disse coisas erradas! – disse ela, praguejando por entre as falhas dos dentes. – Eu não sabia que vocês iam prender a Margery! E aquela rapariga só me tem feito bem, a mim e à minha irmã, e até a esta vila, diabos me levem, e é assim que vocês lhe vão pagar?

Houve, de facto, uma onda de mal-estar na vila, com a notícia da detenção. Mas homicídio era homicídio, e os McCullough e os O'Hare tinham-se matado uns aos outros ao longo de tantas gerações, que já ninguém se conseguia lembrar de como tudo começara, tal como os Cahill e os Rogerson, e os dois lados da família Campbell. Não, Margery O'Hare sempre fora uma pessoa estranha e obstinada, desde que dera os primeiros

passos, e muitas vezes era assim que estas coisas terminavam. Ela até podia muito bem ser insensível... pois não tinha passado todo o funeral do próprio pai impávida e serena, sem derramar uma única lágrima? As intermináveis oscilações da opinião pública não demoraram a levantar suspeitas de que, afinal, talvez houvesse realmente algo de diabólico nela.

Ali em baixo, na pequena vila de Baileyville, nos confins do Sudeste do Kentucky, a luz foi desaparecendo lentamente atrás das montanhas e, pouco depois, nas pequenas casas ao longo da rua principal e nas que havia espalhadas pelas colinas e pelos vales, os candeeiros de petróleo foram tremeluzindo e apagando, um a um. Os cães ladravam uns aos outros, com os uivos a ecoarem pelas encostas, sendo repreendidos pelos donos exaustos. Os bebés choravam e, às vezes, eram consolados. Os mais velhos perdiam-se nas memórias de tempos mais afortunados e os mais novos, no conforto dos corpos uns dos outros, cantarolando ao som da telefonia ou duma rabeca que alguém tocava ao longe.

Kathleen Bligh, lá em cima, na sua casinha rústica, puxava para junto de si os filhos adormecidos e ficava com eles de cada lado do seu corpo, como se fossem marcadores de livros, enquanto pensava num marido que tinha os ombros como um bisão e um toque tão meigo, que lhe provocava lágrimas de alegria.

Quase cinco quilómetros a noroeste, numa casa grande com um relvado bem aparado, Mrs. Brady tentava ler mais um capítulo do seu livro, enquanto a filha, no quarto, cantarolava escalas em surdina. Depois, pousou o livro com um suspiro, entristecida pelo facto de a vida quase nunca ser como esperamos, refletindo sobre como haveria de explicar tudo isto a Mrs. Nofcier.

Beth Pinker, sentada na varanda das traseiras da casa da família, em frente à igreja, lia um atlas e fumava o cachimbo da avó, enquanto ia

pensando em todas as pessoas que gostaria de magoar, com Geoffrey Van Cleve bem no topo da lista.

Margery O'Hare era a alma de uma casa onde agora estavam duas pessoas sem sono, separadas por uma porta tosca, a tentarem encontrar um caminho para um desfecho diferente, com as mentes a assemelharem-se a quebra-cabeças chineses e com um gigantesco nó de ansiedade a pesar-lhes intensamente no estômago.

E, a poucos quilómetros de distância, Margery estava sentada no chão da cela, encostada à parede, tentando reprimir a sensação crescente de pânico que teimava em subir-lhe pelo peito, como uma vaga sufocante. Do outro lado do corredor, dois homens – um bêbedor, de um outro estado, e um ladrão bem conhecido, cuja cara lhe era familiar mas de cujo nome não se lembrava – iam-lhe dizendo obscenidades, pelo que o subxerife, um homem justo e preocupado por não haver instalações prisionais separadas para as mulheres (ele mal se conseguia lembrar da última vez que uma mulher tinha passado a noite na prisão de Baileyville, e muito menos grávida), tinha pendurado um lençol a cobrir metade das grades para a resguardar um pouco. Mas ela continuava a ouvi-los e a sentir os odores acres da urina e do suor, e eles sabiam que ela continuava ali, o que dava aos recônditos da pequena cadeia uma intimidade tão perturbadora e desconcertante, que, por mais exausta que ela estivesse, sabia que não conseguiria dormir.

Estaria melhor no colchão, sobretudo porque o bebé estava já suficientemente grande, que a comprimia em zonas inesperadas; mas o colchão estava de tal forma manchado e pejado de bichos, que bastariam cinco minutos ali sentada para começar a sentir comichão.

Não queres afastar essa cortina, miúda? Eu mostro-te uma coisa que te vai ajudar a adormecer.

Para com isso, Dwayne Froggatt.

Estamos só a divertir-nos um bocadinho, subxerife. Você sabe que ela gosta. Está-lhe estampado na barriga, não está?

Afinal, McCullough viera mesmo atrás dela, usando o próprio corpo ensanguentado como arma e o livro da biblioteca como confissão escrita em cima do peito. Tinha-a seguido montanha abaixo de forma tão real como se o tivesse feito com a espingarda carregada.

Margery tentou pensar no que poderia usar como atenuante. Não sabia que o tinha magoado. Teve medo. Estava a tentar simplesmente fazer o seu trabalho. Era uma mulher e não se metia na vida de ninguém. Mas não era estúpida. Sabia bem que as coisas não estavam a seu favor. Nancy, sem saber, tinha-lhe traçado o destino ao colocá-la lá em cima, com o livro da biblioteca na mão.

Margery O'Hare comprimiu os olhos com as palmas das mãos e soltou um suspiro longo e entrecortado, já a sentir o pânico a crescer de novo. Através das grades, conseguia ver o azul-malva do anoitecer, ouvir o canto dos pássaros a assinalar os últimos resquícios do dia. E, à medida que a escuridão se ia instalando, começou a sentir as paredes a aproximarem-se, o teto a baixar. Fechou os olhos.

– Eu não posso ficar aqui – disse baixinho. – Não posso estar aqui.

É para mim que estás a sussurrar, miúda? Queres que te cante uma canção de embalar?

Afasta lá essa cortina. Vá lá. Só aqui para o papá.

Irrompeu um coro de gargalhadas ébrias.

– Eu não posso ficar aqui. – A sua respiração adensou-se e comprimiu-se-lhe no peito, os nós dos dedos ficaram brancos e a cela começou a andar à roda, com o chão a elevar-se à medida que o pânico aumentava.

E, então, o bebé mexeu-se dentro dela, uma, duas vezes, como se quisesse dizer-lhe que não estava sozinha, que não tinha nada a ganhar em estar assim. Margery soltou um leve soluço, colocou as mãos na barriga e

fechou os olhos, respirando profunda e lentamente, enquanto esperava que a sensação de terror passasse.

– *Disseste que as estrelas eram mundos, Tess?*

– *Sim.*

– *Como o nosso?*

– *Não sei, mas acho que sim. Às vezes, até parecem as maçãs da nossa macieira. Quase todas esplêndidas e sãs... algumas podres.*

– *E em que mundo vivemos nós? Num esplêndido ou num podre?*

– *Num podre.*

Thomas Hardy, *Tess of the D'Urbervilles*
(*Tess dos D'Urbervilles*)

De manhã, a notícia já se tinha espalhado e algumas pessoas deram-se ao trabalho de ir até à biblioteca dizer que achavam tudo aquilo uma loucura, que não acreditavam que Margery tivesse feito algo de errado e que era absolutamente vergonhoso que a polícia estivesse a tratá-la assim. Mas foram muitas mais as que não o fizeram, e Alice não parava de ouvir conversas a meia-voz, ao longo do caminho percorrido desde a pequena biblioteca em Split Creek. Mantinha-se ocupada para dominar a sua própria ansiedade. Disse a Sven que fosse para casa, prometendo cuidar das galinhas e do macho, e ele acedeu, reconhecendo que não seria bom para nenhum deles se as pessoas se apercebessem que dormiam ambos debaixo do mesmo teto. No entanto, os dois sabiam que o mais provável era ele estar de volta ao anoitecer, incapaz de ficar sozinho com os seus medos.

– Eu sei como as coisas funcionam – disse ela, pondo-lhe no prato um ovo e quatro fatias de bacon, que aí ficariam sem que ele lhes tocasse. – Já

vivo aqui há tempo suficiente. A Margery vai estar cá fora num abrir e fechar de olhos. Entretanto, vou à prisão levar-lhe roupa lavada.

– Aquela prisão não é lugar para uma mulher – disse ele, serenamente.

– Bem, nós vamos tirá-la de lá num instante.

Nessa manhã, Alice mandou as bibliotecárias fazerem as suas rotas habituais, tendo verificado os livros de registo e ajudado a carregar os alforges. Ninguém questionou a sua autoridade, como se estivessem apenas gratas por alguém tomar o controlo da situação. Beth e Kathleen pediram-lhe que transmitisse a Margery os seus melhores votos; depois, Alice trancou a biblioteca, montou a Spirit e, sob um céu limpo e fresco, cavalgou até à prisão, com o saco de roupa lavada para Margery.

– Bom dia – disse ela ao guarda prisional, um homem magro e de ar cansado, cuja enorme argola com chaves ameaçava puxar-lhe as calças para baixo. – Vim trazer uma muda de roupa a Margery O’Hare.

Ele olhou-a de alto a baixo e fungou, torcendo o nariz.

– Tem a senha?

– A senha de quê?

– Do xerife. A autorizar a visita à prisioneira.

– Não tenho senha nenhuma.

– Então, não entra – disse ele, assoando ruidosamente o nariz a um lenço.

Alice ficou ali, parada, a sentir o calor subir-lhe ao rosto. Mas logo endireitou os ombros.

– Senhor guarda, tem aqui detida uma mulher, que está grávida, nas piores condições de higiene. O mínimo que posso esperar é que lhe permita, pelo menos, mudar de roupa. Que tipo de cavalheiro é o senhor?

Ele teve o bom senso de se mostrar um pouco desconcertado.

– O que é que se passa? Acha que lhe vou levar alguma lima de metal, às escondidas? Ou talvez mesmo uma arma? Ela está *grávida*. Olhe, senhor

guarda, deixe-me mostrar-lhe o que tenciono entregar à pobre rapariga. Veja: uma blusa de algodão lavada e, aqui, umas meias de lã. Quer ver o saco todo? Pode verificar: um conjunto de roupa interior lavada...

– Está bem, está bem – disse o guarda, erguendo a palma da mão. – Meta lá isso outra vez no saco. Tem dez minutos, está bem? E da próxima vez quero a senha.

– Com certeza. Muito obrigada, senhor guarda. É muito simpático da sua parte.

Alice tentou manter o ar confiante, enquanto o seguia escada abaixo até à zona das celas. O guarda abriu um pesado portão de ferro, com as chaves a tilintarem, mexeu no molho à procura de outra chave e, depois, abriu um segundo portão que dava para um pequeno corredor, ladeado por quatro celas. Ali, em baixo, o ar era bafiento e nauseabundo, e havia apenas um raio de luz que entrava por uma janela estreita e horizontal junto ao teto de cada cela. Enquanto os seus olhos se adaptavam à luz, Alice apercebeu-se de umas sombras a moverem-se nas celas da esquerda.

– A dela é a da direita, a que tem o lençol – disse ele. Virou-se, para sair, fechou o portão e verificou se estava bem trancado com um novo chocalhar de chaves, o que também fez o coração de Alice chocalhar forte contra as costelas.

– Olha, olha! Olá, menina linda – disse uma voz masculina no meio da escuridão.

Mas Alice não olhou para o homem.

– Margery – sussurrou ela, aproximando-se das grades da cela. Ouviu apenas silêncio, mas, em seguida, Alice viu o lençol afastar-se uns centímetros e o rosto de Margery a fitá-la do outro lado. Estava pálida e com olheiras profundas. Atrás dela, havia um beliche com um colchão todo manchado e irregular, e um bacio de metal ao canto da cela. Naqueles instantes de silêncio, algo passou a correr pelo chão fora.

– Tu... estás bem? – perguntou ela, tentando disfarçar o choque que sentia.

– Estou.

– Trouxe-te algumas coisas. Achei que quisesses mudar de roupa. Amanhã, trago-te mais. Toma. – E começou a retirar as coisas do saco, uma a uma, passando-lhas por entre as grades. – Tens aqui uma barra de sabão e uma escova de dentes, e... bem, também te trouxe o meu frasco de perfume. Achei que talvez quisesses sentir-te... – As palavras esmoreceram-lhe nos lábios. Naquele momento, a ideia afigurava-se-lhe ridícula.

– Trazes alguma coisa para mim, boneca? Sinto-me muito sozinho, aqui. Alice virou as costas ao homem.

– Ah... – disse ela, baixinho – ... também meti nas pernas dos teus culotes um pouco de broa e uma maçã. Não tinha a certeza se eles te davam de comer. Em casa, está tudo bem. Dei de comer ao Charley e às galinhas, e não tens de te preocupar com nada. Quando voltares, vai estar tudo exatamente como tu gostas.

– Onde está o Sven?

– Teve de ir trabalhar. Mas vem cá mais tarde.

– Ele está bem?

– Está um bocadinho abalado, na verdade. Toda a gente está.

– Ei! Ei, vem cá! Quero mostrar-te uma coisa!

Alice inclinou-se para a frente, até ficar com a testa a tocar nas grades da porta da cela.

– Ele contou-nos o que aconteceu. Com o tal McCullough.

Margery fechou os olhos por um minuto, metendo os dedos por uma das barras de ferro e apertando-a com força.

– Eu nunca tive intenção de magoar ninguém, Alice – disse Margery, com a voz embargada.

– Claro que não. Fizeste o que qualquer pessoa teria feito – disse Alice com toda a convicção. – Qualquer pessoa com o mínimo de discernimento. Chama-se legítima defesa.

– Ei! Ei! Para lá com a tagarelice e chega aqui, miúda. Tens alguma coisa para mim, hem? É que eu tenho aqui uma coisinha para ti.

Alice virou-se, furiosa, e ripostou, de mãos nas ancas:

– Cala essa boca! Estou a tentar conversar com a minha amiga! *Por amor de Deus!*

Fez-se um breve silêncio e, em seguida, ouviu-se uma zoadada de gargalhadas vinda da outra cela.

– Pois é, vê lá se te calas! Ela está a tentar falar com a amiga!

Os dois homens começaram imediatamente a discutir, falando cada vez mais alto e com um chorrilho de palavrões.

– Eu não posso ficar aqui – disse Margery, baixinho.

Alice estava chocada com o seu aspeto, depois de passar apenas uma noite naquele lugar, como se tivesse perdido toda a sua garra.

– Bem, nós vamos resolver isto. Tu não estás sozinha e nós não vamos deixar que nada de mal te aconteça.

Margery fitou-a com o desalento nos olhos e cerrou os lábios com força, a controlar-se para não falar.

Alice colocou os seus dedos sobre os dela, tentando agarrar-lhe a mão, e disse-lhe:

– Tudo se *vai* resolver. Tenta descansar e comer alguma coisa, que eu volto amanhã.

Margery pareceu demorar um momento a assimilar o que ela estava a dizer. Assentiu, olhou para Alice e, em seguida, com uma mão na barriga, recuou, encostou-se à parede e deixou-se deslizar até ficar sentada no chão.

Alice bateu ao de leve na fechadura metálica para atrair a atenção do guarda. Ele levantou-se pesadamente da cadeira e abriu-lhe o portão,

fechando-o de seguida, enquanto espreitava para o lençol por detrás de Alice, através do qual se entrevia o ombro de Margery.

– Pronto – disse Alice. – Volto amanhã. Não sei se terei tempo de ir buscar a senha, mas tenho a certeza de que não haverá nenhuma objeção a alguém que só vem prestar ajuda e os cuidados básicos de higiene a uma mulher grávida. É uma questão de decência. Posso até não viver aqui há muito tempo, mas já deu para perceber que não há pessoas mais decentes do que as do Kentucky.

O guarda olhou-a como se não soubesse bem como reagir.

– Em todo o caso – disse ela, sem lhe dar tempo para pensar muito no assunto –, trouxe-lhe um pedaço de broa para lhe agradecer o facto de ter sido tão... flexível. Esta é uma situação muito desagradável e que, se Deus quiser, será resolvida muito em breve. Entretanto, fico-lhe muito grata pela sua amabilidade, Mr...?

O guarda piscou várias vezes os olhos.

– Dulles.

– Agente Dulles. Muito bem.

– Subxerife.

– Subxerife Dulles. Peço desculpa. – Alice entregou-lhe a broa embrulhada num guardanapo. – Ah – disse ela, enquanto ele a desembrulhava –, depois vou precisar que me devolva o guardanapo. Se pudesse devolver-mo amanhã, quando eu trouxer o resto, seria ótimo. Basta dobrá-lo. Muito obrigada.

E, antes que ele pudesse responder, deu meia-volta e saiu apressada da prisão.

Sven contratou um advogado de Louisville, depois de vender o relógio de bolso de prata do avô para conseguir o dinheiro. Ainda tentou que fosse estipulada uma fiança mais razoável, mas tal pedido foi-lhe

terminantemente recusado. A rapariga era uma homicida, foi a resposta que lhe deram, oriunda de uma conhecida família de homicidas, e o estado não podia permitir que ela saísse em liberdade, face ao risco iminente de voltar a fazer o mesmo. O xerife manteve-se inflexível, mesmo quando um pequeno grupo se manifestou à porta do seu gabinete; disse-lhes que podiam gritar quanto quisessem, pois o seu dever era fazer cumprir a lei e era isso que ia fazer e que tinha a certeza de que, se a vítima tivesse sido o pai deles, enquanto andava a tratar da sua vida, já iriam pensar duas vezes.

– Bem, a boa notícia – disse o advogado ao entrar no carro – é que o estado do Kentucky não executa nenhuma mulher desde 1868. Muito menos grávidas.

Um facto que não deixou Sven propriamente mais descansado.

– O que vamos fazer agora? – perguntou ele, quando ia a sair, com Alice, da cadeia.

– Vamos continuar – disse Alice. – Vamos continuar com tudo, como habitualmente, e esperar que alguém mostre bom senso.

Passaram seis semanas, porém, e ninguém mostrou bom senso. Margery permaneceu na prisão, mesmo enquanto vários patifes entravam e saíam dela (sendo, em alguns casos, reincidentes). As tentativas para ser transferida para uma prisão feminina foram recusadas, embora, na verdade, Alice achasse que, se Margery tinha realmente de ficar presa, talvez fosse melhor ficar onde eles pudessem visitá-la, e não algures na cidade, onde ninguém a conheceria e onde estaria rodeada dos barulhos e da atmosfera de um mundo que lhe era completamente estranho.

Por isso, Alice cavalgava todos os dias até à cadeia com uma lata de broa ainda quente (tinha tirado a receita de um dos livros da biblioteca e já conseguia prepará-la de cor) ou uma tarte ou qualquer outra coisa que tivesse à mão, e tinha-se tornado, de certa forma, a menina querida dos

guardas. Agora, já ninguém falava de senhas; limitavam-se a devolver-lhe o guardanapo do dia anterior e faziam-lhe sinal para entrar quase sem dizerem uma palavra. Com Sven, eram um pouco mais exigentes, porque o seu tamanho tendia a deixar os outros homens nervosos. Além da comida, Alice trazia a Margery uma muda de roupa interior e camisolas de lã, sempre que necessário, e ainda um livro, embora a cave da prisão fosse tão escura, que Margery só tinha luz suficiente para ler algumas horas por dia. Quase todos os fins de tarde, quando terminava o seu trabalho na biblioteca, Alice rumava à casa de Margery, no bosque, e sentava-se à mesa com Sven, a dizerem um ao outro que as coisas acabariam, sem dúvida, por se resolver e que Margery seria libertada e voltaria a ser a mesma de sempre. Mas nenhum deles acreditava numa única palavra do que o outro dizia, e, quando Sven se ia embora, Alice deitava-se na cama e lá ficava de olhos abertos pregados no teto até de manhã.

Nesse ano, foi como se não tivessem dado pela passagem da primavera. Num momento, estava tudo gelado e, no momento seguinte, era como se as chuvas tivessem arrastado consigo uns quantos meses, pois o condado de Lee foi subitamente atingido por uma autêntica vaga de calor. As borboletas-monarcas regressaram e as ervas daninhas cresceram nas bermas, chegando à altura da cintura, por baixo dos cornizos em flor. Alice, que passou a usar um dos chapéus de couro de abas largas de Margery e um lenço ao pescoço para se proteger do sol, tinha de bater com a fivela das rédeas nos mosquitos que atacavam o pescoço da égua, por causa do calor.

Ela e Fred passavam juntos todo o tempo que podiam, mas não falavam muito de Margery. Tentavam fazer tudo ao seu alcance para suprirem as suas necessidades básicas, mas, além disso, ninguém sabia muito bem o que dizer.

A investigação do juiz de instrução tinha revelado que Clem McCullough morrera de um traumatismo na parte posterior do crânio, causado, muito provavelmente, por uma pancada na nuca ou por uma queda com embate numa rocha. Infelizmente, o estado de decomposição do corpo não permitia tirar conclusões mais precisas. Margery tinha sido levada para prestar declarações perante o juiz de instrução, mas uma multidão revoltada tinha-se aglomerado à porta do tribunal, e, dada a sua condição, haviam decidido que era mais sensato não entrar.

Quanto mais Margery se aproximava da data prevista para o parto, mais frustrado Sven se sentia, a ponto de injuriar o subxerife na prisão, o que o levou a ser impedido de visitar Margery durante uma semana – prazo que teria sido ainda mais longo se Sven não fosse muito estimado por toda a parte (e as pessoas sabiam muito bem que eram os nervos que começavam a tomar conta dele). Margery tinha ficado tão pálida como um copo de leite e conservava o cabelo preso numa trança muito suja; ia comendo o que Alice lhe levava, mas com indiferença e uma espécie de obrigação, como se preferisse não o fazer e o fizesse apenas porque compreendia que tinha de ser. Não havia uma única vez que Alice a visitasse e não sentisse que o facto de estar presa numa cela era um crime contra a natureza: uma completa inversão da ordem das coisas. Com ela assim afastada, tudo parecia errado: as montanhas pareciam vazias e à biblioteca faltava-lhe um elemento vital. Até o Charley andava apático, caminhando ao longo da vedação para a frente e para trás ou ficando simplesmente parado, com as orelhas enormes meio arrebitadas e o focinho pálido virado para o chão.

Por vezes, Alice esperava até ficar sozinha e, na sua longa cavalgada de regresso a casa, encoberta pelas árvores e pelo silêncio, chorava compulsivamente de medo e de frustração. Lágrimas que Alice sabia que Margery não choraria por si mesma. Ninguém falava sobre o que aconteceria, quando o bebé nascesse. Ninguém falava do que aconteceria a

Margery depois do parto. Era tudo muito surreal... e a criança era ainda algo de abstrato, uma presença que poucos conseguiam imaginar no mundo real.

Alice levantava-se todos os dias às quatro e meia da manhã, pendurava-se na Spirit e desaparecia, nas encostas densamente arborizadas, carregada de alforges, percorrendo mais de quilómetro e meio antes de despertar completamente. Cumprimentava pelo nome todas as pessoas por quem passava e acrescentava normalmente alguma informação que lhes fosse útil – *Já tem o manual de reparações de tratores, Jim? A sua mulher gostou dos contos?* E também, sempre que via o carro de Van Cleve, atravessava-se com a égua à frente, obrigando-o a parar e a ficar ali no meio da estrada com o motor a trabalhar, enquanto o fitava de cima da montada.

– Dorme bem de noite, não dorme? – gritava-lhe ela, com a voz a cortar o ar. – Está satisfeito?

Ele bufava, ficava roxo de raiva e depois contornava-a.

Ela não tinha medo de ficar sozinha em casa, mas, ainda assim, Fred ajudara-a a montar mais armadilhas que a alertassem no caso de alguém se aproximar. Uma noite, estava a ler e ouviu o tinido das campainhas que eles tinham pendurado num fio entre as árvores. Num reflexo rápido, estendeu a mão para trás, para a lareira, pegou na espingarda, levantou-se e apoiou-a no ombro, num movimento ágil, encostando os dois canos à estreita fresta da porta.

Semicerrou os olhos, tentando perceber se havia algum movimento lá fora, e manteve-se absolutamente imóvel por mais um ou dois minutos, a esquadrinhar a escuridão, antes de descontrair os ombros.

– Era só um veado – murmurou para si mesma, baixando a espingarda.

Só quando ia a sair de casa, na manhã seguinte, é que encontrou o bilhete que tinha sido metido por baixo da porta durante a noite,

gatafunhado com força a preto:

Tu não és daqui. Vai-te embora.

Já não era o primeiro, e ela fez um esforço enorme para reprimir os sentimentos que estes bilhetes lhe provocavam. Margery rir-se-ia deles; portanto, ela ria-se também. Amachucava-os numa bola e atirava-os para a fogueira, praguejando baixinho. E tentava não pensar muito onde é que, agora, seria realmente o seu lugar.

Ao lado do estábulo, Fred cortava lenha na luz morrente – uma das poucas tarefas que soavam pouco sedutoras a Alice. Achava desconcertantes o peso e o tamanho do velho machado, e raramente conseguia cortar os toros junto aos veios, acabando por deixar quase sempre a lâmina completamente encravada num ângulo estranho, até Fred aparecer para a retirar. Ele, pelo contrário, atingia cada pedaço com um movimento limpo e cadenciado, descrevendo uma curva ampla com os braços e cortando os toros ao meio, e depois em quartos. Parava de três em três golpes e, com o machado numa mão, atirava com a outra as achas para uma pilha. Alice ficou a observá-lo por um momento, esperando que ele parasse novamente; após passar o braço na testa, ele ergueu os olhos para a entrada, onde ela estava com um copo na mão.

– Isso é para mim?

Ela deu alguns passos em frente e passou-lhe o copo.

– Obrigado. Havia mais lenha do que eu pensava.

– És muito amável por estares a fazer isto.

Ele bebeu um longo gole de água e suspirou, antes de lhe devolver o copo.

– Bem, não posso deixar que passes frio no inverno. E secam mais depressa se cortarmos as achas mais pequenas. Tens a certeza de que não queres experimentar de novo?

Algo na expressão dela pareceu detê-lo.

– Estás bem, Alice?

Ela sorriu e assentiu, mas nem para si própria foi convincente. E decidiu contar-lhe o que andava a adiar há uma semana.

– Os meus pais escreveram-me e disseram que posso voltar para casa.

O sorriso de Fred evaporou-se.

– Não que eles estejam contentes por isso, mas dizem que não posso ficar aqui sozinha e que estão preparados para aceitar que o meu casamento foi um erro da juventude. A minha tia Jean convidou-me para ir viver com ela, em Lowestoft. Ela precisa de ajuda com os filhos, e todos acham que seria uma boa maneira de... bem... de eu poder regressar a Inglaterra sem causar grande alarido. Ao que parece, é possível tratar dos assuntos legais à distância.

– O que é Lowestoft?

– É uma pequena vila na costa do Mar do Norte. Não era propriamente a minha primeira escolha, mas... Bem, pelo menos, acho que teria alguma independência. – *E fico longe dos meus pais*, acrescentou para si mesma, engolindo em seco. – Eles vão enviar-me dinheiro para a viagem, mas eu avisei-os de que tinha de ficar até ao fim do julgamento da Margery. – Soltou uma gargalhada seca. – Não me parece que o facto de ser amiga de uma pessoa acusada de homicídio tenha melhorado a opinião que eles tinham a meu respeito.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Quer dizer que te vais mesmo embora?

Alice confirmou com um aceno. Não conseguia dizer mais nada. Era como se aquela carta tivesse vindo subitamente recordar-lhe que o tempo de

vida ali passado não tinha sido mais do que um delírio. Imaginou-se de novo em Mortlake, ou naquela casa em Lowestoft a imitar o estilo Tudor, com as perguntas educadas da tia sobre se tinha dormido bem, se estava pronta para tomar o pequeno-almoço, se à tarde lhe apetecia ir dar um passeio no parque municipal. Nisto, baixou os olhos para as mãos gretadas e as unhas partidas, para a camisola que usava há quinze dias consecutivos por cima das outras camadas de roupa, já cheia de restos de sementes de feno e de erva embrenhados na malha. Olhou para as botas, cujos arranhões revelavam os trilhos remotos percorridos nas montanhas, a água que as salpicava quando cruzava os leitos dos riachos, as passagens estreitas e lamacentas que a obrigavam a desmontar e a atravessá-las a pé, o calor abrasador ou a chuva interminável. Como seria voltar a ser aquela outra mulher? A que usava meias e sapatos elegantes e levava uma existência tranquila e monótona? Com unhas cuidadosamente limadas e idas ao cabeleireiro duas vezes por semana? A que nunca mais desmontaria da égua para ir fazer as necessidades atrás das árvores ou para apanhar maçãs a meio do dia de trabalho, com as narinas cheias de fumo de lenha e terra húmida, e a que passaria a trocar apenas algumas palavras educadas com o condutor do autocarro, para lhe perguntar se tinha a certeza de que o 238 parava junto à estação de caminhos de ferro.

Fred ficou a observá-la. Havia algo tão cru e doloroso na sua expressão, que fazia com que Alice parecesse oca. Ele tentou disfarçar estendendo a mão para o machado.

– Bem, acho que é melhor tratar do resto da lenha enquanto aqui estou.

– A Margery vai precisar dela. Quando voltar para casa.

Ele assentiu, sem tirar os olhos da lâmina.

– Pois vai.

Alice esperou um momento.

– Eu preparo-te alguma coisa para comeres... Se ainda te apetecer ficar.

Ele acenou que sim, ainda sem levantar os olhos.

– Seria bom.

Ela esperou um pouco mais e depois virou costas. Voltou para a casa de Margery com o copo vazio na mão, a estremecer ao ritmo do som da lâmina a estilhaçar cada toro atrás de si, como se não fosse apenas a lenha que estivesse a ser rachada ao meio.

A comida estava horrível, como é frequente quando é feita sem gosto, mas Fred era demasiado educado para fazer comentários. Como Alice não tinha muito para dizer, a refeição decorreu num silêncio pouco habitual, acompanhada apenas pelos sons ritmados dos grilos e dos sapos, no exterior. Ele agradeceu-lhe o jantar e mentiu-lhe, dizendo que estava delicioso. Alice começou a arrumar a loiça suja, e Fred levantou-se, endireitando-se com dificuldade, como se o trabalho o tivesse deixado mais cansado do que queria admitir. Primeiro, hesitou, mas depois acabou por ir para a soleira da porta, onde ela conseguia ver-lhe a sombra através da porta de rede, enquanto ele olhava para a encosta.

Desculpa, Fred, disse-lhe ela, baixinho. Eu não quero deixar-te.

Virou-se de novo para os pratos e começou a esfregá-los furiosamente, reprimindo as lágrimas.

– Alice? – chamou Fred, reaparecendo à porta.

– Hum?

– Vem cá fora.

– Eu tenho de lavar a loi...

– Vem, que eu quero mostrar-te uma coisa.

Estava uma daquelas noites muito escuras, como quando as nuvens ocultam por completo a lua e as estrelas, e ela só conseguiu vê-lo quando ele lhe fez sinal para se sentar na cadeira de baloiço. Estavam a meros

centímetros de distância, sem se tocarem, mas unidos pelos pensamentos, que, lá no fundo, os entrelaçavam como heras.

– Para onde estamos a olhar? – perguntou ela, tentando limpar discretamente os olhos.

– Espera só um bocadinho – disse Fred, atrás dela.

Alice estava ali sentada, no escuro, com um turbilhão de conjeturas sobre o seu futuro às voltas na cabeça, enquanto o banco rangia sob o peso dos dois. O que poderia ela fazer se não voltasse para casa? Tinha pouco dinheiro, certamente não era suficiente para poder ter uma casa. Nem sequer tinha a certeza se conseguiria manter o emprego – quem poderia garantir que a biblioteca iria continuar a funcionar sem a mão firme de Margery ao leme? E, pior do que isso, dificilmente poderia ficar para sempre naquela pequena vila, com a nuvem ameaçadora de Van Cleve e da sua raiva, bem como do seu casamento fracassado, a pairar sobre si. Ele tinha conseguido atingir Margery e certamente acabaria por conseguir atingi-la a ela, de uma forma ou de outra.

E, no entanto...

E, no entanto, a ideia de deixar aquele lugar, de nunca mais cavalgar naquelas montanhas, acompanhada apenas pelo som dos cascos da Spirit e pela luz matizada e tremeluzente da floresta, a ideia de nunca mais se rir com as outras bibliotecárias nem costurar em silêncio ao lado de Sophia ou de bater o pé, enquanto a voz de Izzy se elevava até às vigas, enchia-a de um sofrimento visceral. Adorava aquele lugar. Adorava as montanhas e as pessoas e aquele céu sem fim. Adorava a sensação de estar a fazer alguma coisa importante, a testar-se todos os dias, a mudar a vida das pessoas, palavra por palavra. Havia conquistado cada uma das suas nódoas negras e das suas bolhas, havia construído uma nova Alice sobre uma outra estrutura, com a qual nunca se sentira totalmente confortável. Se voltasse, iria simplesmente regredir, e até já conseguia pressentir a facilidade com

que isso aconteceria. Baileyville transformar-se-ia num pequeno interlúdio, que acabaria por se diluir em mais um episódio que os pais, de lábios cerrados, iriam preferir nem mencionar. Teria saudades do Kentucky durante algum tempo, mas depois acabaria por se recompor. E, ao fim de um ou dois anos, talvez conseguisse o divórcio e acabasse por conhecer algum homem tolerável, que não implicasse com o seu passado complicado, e acabaria por assentar. Algures, num recanto sofrível de Lowestoft.

E, depois, havia Fred. A ideia de se separar dele provocava-lhe um nó no estômago. Como é que poderia suportar a ideia de não voltar a vê-lo? Nunca mais ver aquele seu rosto que se iluminava quando a via? Nunca mais trocar olhares com ele no meio de uma multidão, nunca mais sentir aquela subtil excitação, só por estar ao lado de um homem que ela sabia que a desejava mais do que qualquer outro? Ela sentia-o, sempre que estavam juntos, mesmo quando estavam calados – uma espécie de conversa implícita, a deslizar como uma corrente submersa sob tudo o que eles faziam. Ela nunca se sentira tão ligada a alguém, tão segura de ninguém, e nunca desejara tão veementemente a felicidade de alguém. Como poderia ela desistir de tudo isso?

– Alice.

– Sim?

– Olha ali para cima.

Alice ficou sem ar, por alguns segundos. A encosta em frente resplandecia de luz: era uma parede de pequenos pontos cintilantes e tridimensionais, disseminados por entre as árvores, a piscarem e a brilharem enquanto se moviam, interrompendo aquela escuridão de breu. Alice esbugalhou os olhos, incrédula e boquiaberta.

– São pirilampos – disse ele.

– Pirilampos?

– Insetos luminosos... como lhes queiras chamar. Vêm todos os anos.

Alice mal conseguia compreender o que estava a ver. As nuvens tinham-se dissipado, e os pirilampos continuavam a cintilar, juntando-se e elevando-se das sombras iluminadas das árvores, com os seus milhões de corpos brancos e luminosos a fundirem-se num todo homogêneo com o céu estrelado, dando a sensação de, naquele momento, o mundo estar coberto de minúsculas luzes douradas. Era uma visão tão absurda, tão improvável e tão insanamente bonita, que Alice deu por si a rir às gargalhadas, com ambas as mãos a cingirem o rosto.

– Costumam fazer isto muitas vezes? – perguntou ela, apercebendo-se do sorriso de Fred.

– Não. Talvez uma vez por ano, durante uma semana. Ou duas, no máximo. Mas nunca os tinha visto assim, tantos e tão bonitos.

Alice sentiu um pranto copioso a invadir-lhe o peito, talvez pela emoção avassaladora ou, talvez, pela perda iminente. Pela falta que sentia no coração que aquela casa lhe fazia e pelo homem que tinha a seu lado, mas que não podia ser seu. Antes mesmo de pensar no que estava a fazer, Alice estendeu a mão no escuro e procurou a mão de Fred. Ele envolveu-lha nos seus dedos quentes e fortes, entrelaçando-lhos, como se estivessem moldados um para o outro. E assim ficaram por algum tempo, sentados, a contemplarem aquele espetáculo luzente.

– Eu... eu sei porque tens de ir – disse Fred, quebrando o silêncio, hesitante, a escolher cuidadosamente as palavras. – Só queria que soubesses que vai ser terrivelmente difícil.

– Eu estou de mãos e pés atados, Fred.

– Eu sei.

Alice respirou fundo, a tremer.

– Está tudo muito confuso, não está?

Seguiu-se um longo silêncio. Algures, ao longe, uma coruja piou. Fred apertou-lhe a mão, e ali ficaram mais um momento calados, sentindo a

suave brisa noturna.

– Sabes o que é realmente extraordinário naqueles pirilampos? – perguntou ele, por fim, como se estivessem a ter uma longa conversa. – É que vivem somente algumas semanas. O que não é quase nada neste nosso mundo. Mas, enquanto aqui estão, a sua beleza é, de facto, de cortar a respiração. – Ele tocou-lhe com o polegar nos nós dos dedos. – Conseguimos ver o mundo de uma forma completamente diferente. E depois ficamos com aquela belíssima imagem gravada na memória. E levamo-la connosco para onde quer que vamos. E nunca mais a esquecemos.

Ainda antes de ele proferir as palavras seguintes, Alice já sentia uma lágrima a correr-lhe pelo rosto.

– Cheguei a essa conclusão aqui sentado. Talvez seja isso mesmo que temos de compreender, Alice. Que há coisas que são uma dádiva, mesmo que não possamos ficar com elas.

Fez-se silêncio, antes de Fred voltar a falar:

– Talvez tudo o que possamos pedir seja apenas saber que existe algo assim tão belo.

Alice escreveu aos pais a confirmar o regresso a Inglaterra, e foi Fred que levou a carta para os correios, aproveitando a viagem a Booneville para entregar um potro. Alice percebeu como o queixo dele se pôs tenso ao ver o endereço, e odiou-se por isso. Depois, ficou ali, de braços cruzados, com a camisa branca de linho, a ver Fred entrar na carrinha coberta de pó, com o atrelado atrás a fazer barulho e o cavalo aos coices, impaciente, e a vê-los subir Split Creek, até desaparecerem.

Continuou a olhar para a estrada vazia por algum tempo, semicerrando os olhos na direção das montanhas, que se elevavam de um lado e outro e se esfumavam por entre a bruma de verão, e para os bútiós que pairavam

indolentes, a uma altitude quase impossível, com a mão sobre os olhos para se proteger do sol. Depois, soltou um suspiro longo e trémulo e, por fim, sacudiu as mãos por cima das calças e deu meia-volta rumo à biblioteca.

O aviso chegou quando faltava um quarto para as três da madrugada, numa noite tão quente, que Alice, mal conseguindo dormir, havia passado a debater-se com o lençol, agitada e transpirada. Ouviu pancadas apressadas na porta e sentou-se prontamente na cama, com o sangue a gelar-lhe nas veias e de ouvido à escuta. Pousou os pés descalços no soalho, sem ruído, enfiou o robe de algodão, pegou na espingarda, que tinha sempre ao lado da cama, e foi em bicos de pés até à porta, onde ficou à espera, de respiração sustida e peito tenso, até as pancadas se repetirem.

– Quem está aí? Vou disparar!

– Mrs. Van Cleve? É a senhora?

Alice piscou os olhos e espreitou pela janela. Era o subxerife Dulles, fardado a preceito e a passar nervosamente uma mão pela nuca. Ela aproximou-se da porta e destrancou-a.

– Subxerife?

– É a Miss O'Hare. Acho que chegou a hora dela. Não consigo encontrar o Dr. Garnett e não me sinto bem a deixá-la ali sozinha em trabalho de parto.

Em poucos minutos, Alice vestiu-se à pressa, selou uma Spirit ainda ensonada e seguiu as marcas dos pneus do subxerife Dulles, usando a sua determinação para ultrapassar qualquer hesitação que a Spirit instintivamente pudesse ter em atravessar a floresta cerrada durante a noite. Mas, quando viu que a pequena égua avançava a trote pela escuridão adentro, de orelhas erguidas, cautelosa mas decidida, Alice teve vontade de lhe dar um beijo. E assim que chegou ao trilho coberto de musgo, junto ao leito do riacho, Alice pôde finalmente lançar-se a galope, instigando a montada o mais que podia, grata pelo luar que lhe iluminava o caminho.

Quando chegou à estrada, em vez de se dirigir diretamente para a prisão, virou e levou a Spirit pela ladeira abaixo, em direção à casa de Sophia e de William, em Monarch Creek. Alice mudara muito desde que chegara ao Kentucky e, de facto, não havia muita coisa que lhe metesse medo. Mas até a própria Alice sabia quando não estava preparada para o que tinha de fazer.

Quando Sophia chegou à cadeia, Margery já estava encharcada em suor e a empurrar Alice como se estivesse a jogar rãguebi, dobrada sobre si mesma, a gemer com dores. Alice estava ali há apenas uns vinte minutos, mas tinha a sensação de já terem passado horas. Ouvia-se a si própria como se estivesse à distância – a elogiar Margery pela sua coragem, a insistir que ela estava a portar-se muito bem e que o bebé iria estar cá fora antes que ela desse por isso, embora soubesse que poderia acontecer apenas uma dessas coisas. O subxerife tinha-lhes emprestado um candeeiro de petróleo, cuja luz bruxuleante projetava sombras difusas nas paredes da cela. O cheiro a sangue, a urina e a algo cru e indecifrável dominava o ar pesado e bafiento. Alice nunca pensara que um nascimento fosse algo tão *sujo*.

Sophia fizera todo o caminho a correr, com o velho saco de parteira da mãe debaixo do braço, e o subxerife Dulles, suavizado por dois meses de apetitosos mimos e confiante que as bibliotecárias, lá no fundo, só tinham boas intenções, abriu a porta da cela com estrépito para a deixar entrar.

– Oh, graças a Deus – disse Alice, na penumbra, enquanto o homem fechava novamente a cela, com as chaves a chocalharem. – Tinha tanto medo que não chegasses a tempo.

– Em que ponto está?

Alice encolheu os ombros; Sophia passou a mão pela testa de Margery, que estava de olhos fechados e com a mente algures bem longe dali, enquanto era atingida por mais uma vaga de dores.

Sophia esperou que as dores passassem, de olhos atentos e vigilantes.

– Margery? Margery? Qual é o intervalo entre as dores?

– Não sei – murmurou Margery, com os lábios secos. – Onde está o Sven? Por favor, eu preciso do Sven.

– Agora, tem de se controlar e concentrar. Alice, tem aí o seu relógio? Comece a contar quando eu disser, está bem?

A mãe de Sophia tinha sido a parteira de todos os bebês negros de Baileyville. E, quando era criança, Sophia acompanhava-a nas visitas, carregando aquele saco de couro velho e grande. Era ela que passava à mãe os utensílios e as ervas medicinais, à medida que iam sendo necessários, e depois ajudava-a a esterilizar e a arrumar tudo para a mulher seguinte. Não tinha muita experiência, disse ela, mas seria certamente o melhor que Margery conseguiria arranjar.

– Está tudo bem por aí? – perguntou o subxerife Dulles, respeitosamente, por detrás do lençol, enquanto Margery começava outra vez a gemer – primeiro, baixinho e, depois, aumentando de volume. Ele tinha feito tudo para estar bem longe de cada vez que a sua mulher dera à luz, pois todos aqueles sons e odores desagradáveis o deixavam ligeiramente maldisposto.

– Senhor subxerife, será que nos podia arranjar um pouco de água quente? – Sophia fez sinal a Alice para abrir o saco, apontando para um pano de algodão dobrado.

– Vou pedir ao Frank, a ver se ele pode pôr alguma a ferver. Ele costuma estar acordado a esta hora. Volto já.

– *Eu não consigo* – disse Margery, abrindo os olhos, focados em qualquer coisa que nenhuma das outras duas conseguia ver.

– Claro que consegue – disse-lhe Sophia, com firmeza. – Isto é só a forma de a natureza nos dizer que está quase.

– Não consigo – disse Margery, parecendo ofegante e exausta. – Estou tão cansada... – Alice pegou num lenço e limpou-lhe o rosto.

Margery estava muito pálida e abatida, apesar da barriga volumosa. Sem a exposição diária aos rigores da habitual vida em liberdade, os músculos dos braços e das pernas tinham mirrado, ficando flácidos e pálidos. Alice sentia-se incomodada ao vê-la assim, com o vestido apertado e colado à pele húmida.

– Um minuto e meio – disse ela, quando Margery começou novamente a gemer.

– Pois. O bebé está prestes a sair. Bem, Margery, vou encostá-la aqui um bocadinho, enquanto estendo um lençol em cima deste colchão velho, está bem? Agarre-se à Alice.

– *Sven...* – Alice viu como os lábios de Margery desenhavam o nome dele e como os nós dos seus dedos ficavam cada vez mais brancos, de tanto lhe apertarem a manga.

Entretanto, ia ouvindo a voz de Sophia a murmurar a Margery palavras de confiança, enquanto andava de um lado para o outro na cela, numa quase completa escuridão, mas sem vacilar. As celas em frente estavam estranhamente silenciosas.

– Pronto, minha querida. Agora que o bebé vem aí, temos de a colocar numa posição que lhe permita, a ele, sair. Está a ouvir-me? – Sophia fez sinal a Alice para a ajudar a virar Margery, que quase nem se apercebeu. – Tem de continuar a ouvir-me, está bem?

– Tenho medo, Sophia.

– Não, não tenha, a sério. É só o trabalho de parto a falar por si.

– Eu não quero que ela nasça aqui. – Margery abriu os olhos e lançou um olhar suplicante a Sophia. – Aqui não, por favor...

Sophia colocou uma mão na nuca húmida de Margery e encostou o seu rosto ao dela.

– Eu sei, minha querida, mas vai ter de ser. Portanto, vamos tentar tornar isto o mais fácil possível para vocês as duas, está bem? Agora, vai ter de se

virar e de se pôr de gatas. Sim, de gatas... e agarrada ao beliche. Alice, ponha-se diante dela e agarre-a bem, sim? Daqui a nada, vai ser muito duro e ela vai precisar de alguém a quem se agarrar. Isso mesmo, deixe-a repousar no seu colo.

Alice nem teve tempo de ter medo. Quase imediatamente a seguir a Sophia ter falado, sentiu Margery a agarrar-lhe as mãos e a encostar-lhe a cara às coxas, a gemer, tentando abafar os gemidos nas calças de Alice. Margery agarrava-se a ela com tanta força, que parecia possuída por forças incontroláveis. Alice via como os tremores lhe percorriam o corpo, e estremecia, tentando ignorar o seu próprio desconforto, enquanto ouvia as palavras instintivas de encorajamento que brotavam da sua própria boca, a sentir-se também ela levada pela corrente. Atrás de si, Sophia já tinha levantado o vestido de Margery e posicionado o candeeiro de modo a conseguir ver as suas partes mais íntimas. Margery não parecia importar-se com isso. Continuava apenas a gemer e a balançar o corpo de um lado para o outro, como se assim conseguisse afastar as dores, com as mãos pegajosas a agarrarem as de Alice.

– Consegui a água – disse a voz do subxerife Dulles. E mal Margery recomeçou a gritar, ele disse: – Vou abrir a porta e empurrar o cântaro aí para dentro, está bem? Também mandei chamar o médico, caso seja necessário. *Oh, meu Deus, mas o que é que...* Sabem que mais? Eu vou só... deixar isto aqui fora. Eu... *Oh, santo Deus...*

– O senhor podia arranjar também um pouco de água fresca, por favor? Água potável?

– Vou deixar isto aqui fora da porta. E vou confiar que vocês não vão a lado nenhum.

– O senhor não tem com que se preocupar, acredite.

Sophia parecia um furacão, dispondo cuidadosamente os instrumentos de aço da mãe sobre o pano limpo e dobrado, mas mantendo sempre uma

mão sobre Margery, como se fazia com os cavalos, para a tranquilizar, murmurando palavras de encorajamento. Depois, espreitou por baixo do vestido e posicionou-se.

– Pronto, acho que ela agora está mesmo a sair. Aguenta firme, Alice.

Depois, tudo se tornou turvo. Enquanto o sol nascia, lançando raios azulados por entre as grades estreitas, Alice recordava os acontecimentos como se passados num navio em alto-mar: o chão a oscilar-lhes sob os pés, o corpo de Margery a ser projetado de um lado para o outro com a força do trabalho de parto, o odor a sangue, a suor e a corpos colados, *o barulho, o barulho, o barulho*. Margery agarrava-se a ela com uma expressão de medo e súplica, a implorar-lhes *ajudem-me, ajudem-me*, com o pânico a tomar conta dela. E, subjacente a tudo isto, ali estava Sophia, ora calma e tranquilizadora, ora ameaçadora e feroz. *Sim, vai conseguir, Margery. Vamos lá, rapariga. Toca a fazer força... agora! Vamos... com mais força!*

Por momentos, Alice temera desmaiar ali mesmo, no meio do calor e da escuridão, com aqueles sons animais e aquela sensação de estarem as três por sua conta, presas naquela viagem. Estava aterrorizada com a incalculável dimensão da dor de Margery e assustada por ver esta mulher, que sempre fora tão forte e tão competente, reduzida à dimensão de um animal ferido e choroso. Havia mulheres que morriam nestes momentos, não havia? Não morreria também Margery, em tamanha agonia? Mas, sentindo já a cela a oscilar, Alice olhou para Sophia e viu a sua expressão feroz; depois, viu Margery, de sobrolho franzido e olhos marejados de lágrimas, em desespero – *Não consigo!* –, e então rangeu os dentes e inclinou-se para a frente até ficar com a testa encostada à de Margery.

– Claro que consegues, Marge. Está quase. Ouve a Sophia. Tu consegues.

Subitamente, no momento em que os gemidos de Margery atingiam um pico insuportável – um som que parecia o fim do mundo com todas as suas

agonias, agudo, exaurido, intolerável –, ouviu-se um grito e um barulho como o de um peixe a aterrar numa laje. E ali estava Sophia, de rosto radiante e avental ensanguentado, com aquela criaturinha roxa e húmida nos braços, cujas mãos gesticulavam às cegas, lutando com o ar em busca de algo onde se agarrar.

– *Aqui está ela!*

Margery virou a cabeça, com madeixas de cabelo coladas à cara, qual sobrevivente de uma batalha terrível e solitária; mas no seu rosto desenhava-se uma expressão que Alice nunca antes vira e a sua voz era um gemido suave, como a de uma vaca num estábulo a encostar o nariz à sua cria: *Oh, bebé! Oh, minha bebé!* E, quando a bebé soltou um choro agudo e enérgico, o mundo deu uma reviravolta: subitamente, deram as três por si a rir e a chorar e a agarrarem-se umas às outras, e até os homens que estavam nas celas, e de quem Alice nem se apercebera, exclamavam com sinceridade: *Graças a Deus! Jesus seja louvado!* Ali, na penumbra, entre a sujidade, o sangue e a confusão, enquanto Sophia limpava a bebé e a embrulhava no lençol limpo de algodão, para a entregar à trémula Margery, Alice recostou-se e limpou os olhos com as mãos suadas e ensanguentadas, a pensar que nunca, em toda a sua vida, havia estado num lugar tão glorioso.

Nesse fim de tarde, enquanto brindavam com Sven, ele disse que a bebé era a criança mais bonita que alguma vez havia nascido: os olhos, os mais negros; o cabelo, o mais forte; o nariz, o mais bem feito; o corpo, o mais perfeito e sem paralelo na história do mundo. Ninguém se sentiu inclinado a discordar. Fred trouxera uma garrafa de uísque de contrabando e uma grade de cervejas, e as bibliotecárias brindaram à recém-nascida e agradeceram a misericórdia divina. Decidiram que, pelo menos por aquela noite, não iriam pensar senão na alegria daquele parto bem-sucedido e no facto de Margery

estar naquele momento a embalar a minúscula criança, enquanto transbordava de orgulho de ser mãe, arrebatada por aquele rosto perfeito e unhas miniaturais em forma de conchinhas, momentaneamente alheia às suas próprias dores e circunstâncias. Tudo isto testemunhado pelo subxerife Dulles e os outros guardas, que iam passando pela cela para lhe darem os parabéns e lhe expressarem toda a sua admiração.

Nunca se vira um homem tão orgulhoso como Sven. Ele não conseguia parar de falar: da coragem e da inteligência de Margery para gerar aquela criaturinha, de como a criança era vivaça e de como lhe tinha agarrado o dedo com força.

– É uma verdadeira O'Hare – disse ele. E todos aclamaram.

Alice e Sophia começavam agora a sentir os efeitos dos acontecimentos da noite anterior. Alice estava exausta, com as pálpebras a começarem a fechar-se, e, quando olhou de relance para Sophia, percebeu-a cansada, mas com uma expressão aliviada. Alice tinha a sensação de ter emergido de um túnel, como se tivesse perdido uma certa inocência de que mal se tinha apercebido.

– Preparei-lhe um enxoval – disse Sophia a Sven. – Se o pudesse levar amanhã à Margery, a bebé já ia ter alguma coisa decente para vestir. Um cobertor, umas botinhas, um gorro e uma camisolinha de algodão fino.

– É mesmo muito amável da sua parte, Sophia – disse-lhe Sven.

Ele tinha a barba por fazer e estava constantemente com uma lágrima ao canto do olho.

– E eu também tenho algumas coisas dos meus filhos que podem ficar para ela – disse Kathleen. – Camisolas interiores que sobraram, toalhinhas de algodão, e coisas do género. Não me parece que vá precisar delas outra vez.

– Nunca se sabe – disse Beth.

Mas Kathleen abanou a cabeça com firmeza.

– Ah, mas sei eu – disse ela, inclinando-se para tirar qualquer coisa das calças. – Só existiu um homem para mim.

Ao ouvir aquilo, Fred trocou olhares com Alice, que, depois da euforia dessa madrugada, se sentia subitamente triste e exausta, o que tentou disfarçar com um brinde:

– À Marge – disse ela, erguendo a sua caneca de esmalte.

– À Margery.

– E à Virginia – acrescentou Sven, que, ao vê-los a todos a olharem para ele, explicou: – Em homenagem à irmã da Margery. – E engoliu em seco. – É o nome que ela quer: Virginia Alice O’Hare.

– Bem, é mesmo um belo nome – disse Sophia, acenando em aprovação.

– Virginia Alice – repetiram todos em coro, erguendo as canecas. Então, Izzy, levantou-se de repente, dizendo que tinha a certeza de que havia um livro de nomes por ali, algures, e que gostava muito de saber qual era a origem daquele. E todos os outros concordaram, engolindo em seco e mais do que gratos por aquela distração, pois assim ninguém tinha de olhar para Alice, que estava agora a soluçar, em silêncio, a um canto.

Um estabelecimento prisional inacreditavelmente imundo, onde estão confinados homens e mulheres a cumprirem pena por crimes e pequenos delitos, mas também homens e mulheres que não estão a cumprir pena e que simplesmente aguardam julgamento... geralmente infestado de percevejos, baratas, piolhos e outra bicharada; com um odor a imundície e a desinfetante.

Joseph F. Fishman, *Crucibles of Crime* (Cadinhos do Crime), 1923

As prisões do Kentucky, tal como outras por grande parte da América, eram geridas sem nenhum planeamento, pelo que as regras e a flexibilidade variavam consideravelmente em função da severidade do xerife – e, no caso de Baileyville, do gosto do subxerife por comida feita no forno. Assim, foi possível a Margery e a Virginia receberem um sem-fim de visitas e, apesar das condições desagradáveis da cela, a bebé passou as primeiras semanas de vida praticamente como todos os recém-nascidos muito amados: com roupa limpa e macia, contemplada pelas visitas, presenteada com pequenos brinquedos e passando grande parte do dia aninhada no peito da mãe. Era uma bebé extremamente atenta, com os olhinhos negros sempre à procura de movimentos dentro da cela, agitando os dedos minúsculos de estrela-do-mar ou cerrando de satisfação os punhos em miniatura, enquanto mamava.

Entretanto, Margery parecia outra mulher, com uma expressão mais calma, completamente concentrada na sua pequenina, andando com ela ao colo com o à-vontade de quem o faz há anos. Apesar das suas anteriores reservas, parecia estar a adaptar-se instintivamente à maternidade. Mesmo quando Alice pegava na bebé para Margery poder comer ou mudar de

roupa, não tirava os olhos de Virginia e estendia a mão para lhe tocar, como se não suportasse estar longe dela por um segundo que fosse.

Alice reparou, com um certo alívio, que Margery parecia agora menos deprimida, como se a bebé lhe tivesse trazido algo em que pensar, para além do que havia perdido para lá daquelas paredes. Já comia melhor (*A Sophia diz que tenho de comer para o leite não secar*), sorria frequentemente, embora os seus sorrisos fossem sobretudo para a filha, e andava na cela de um lado para o outro, balançando sobre os calcanhares para acalmar a bebé, enquanto, antes, parecia estar quase sempre colada ao chão. O subxerife Dulles tinha-lhes emprestado um balde e uma esfregona, para poderem ter tudo mais limpo, e, quando as colegas de Margery lhe trouxeram um colchão novo, alegando que não era correto deitar um bebé num colchão velho, sujo e infestado de bichos, ele aceitara sem entraves. Quando elas queimaram o colchão velho, no pátio, até se arrepiaram ao ver a quantidade de manchas que tinha.

Mrs. Brady foi visitar Margery, seis dias depois de ela ter dado à luz, e levou consigo um médico de fora da vila, para verificar se ela estava a cicatrizar devidamente e se a bebé tinha tudo aquilo de que precisava. O subxerife Dulles ainda tentara impedi-lo de entrar, devido à ausência de senhas e de, pelo menos, um aviso prévio, mas Mrs. Brady fizera-o calar com um olhar que teria gelado até uma sopa a escaldar, proclamando de forma imperiosa que, se tentassem impedi-la de *algum modo* de prestar os devidos cuidados a uma mãe em fase de amamentação, o xerife Archer seria o primeiro a saber... e o segundo seria o governador Hatch, que o subxerife Dulles não tivesse qualquer dúvida a esse respeito. O médico examinou a mãe e a filha, enquanto Mrs. Brady se mantinha de pé a um canto da cela – tinha olhado de relance para aquele espaço, mergulhado na penumbra, e tinha decidido não se sentar –, e, embora as condições estivessem longe de

ser as ideais, afirmou que estavam ambas de boa saúde e tão animadas como seria de esperar. Os homens das celas vizinhas queixaram-se do fedor das fraldas sujas da bebé, mas Mrs. Brady mandou-os calar e disse-lhes que, se de vez em quando se lavassem com um pouco de sabão, também não lhes faria mal nenhum, para ser sincera, e que, portanto, talvez fosse melhor tratarem primeiro do seu mau cheiro antes de se queixarem do dos outros.

As bibliotecárias só tiveram conhecimento desta visita quando Mrs. Brady apareceu na biblioteca e anunciou que, depois de ter conversado detalhadamente com Miss O'Hare, ambas haviam concordado que era melhor ela tomar conta da gestão diária da biblioteca. E ainda que esperava sinceramente que Mrs. Van Cleve não visse nisso nenhum inconveniente, pois sabia que ela tinha feito um esforço enorme para manter a biblioteca em funcionamento desde que Margery ficara *impossibilitada de o fazer*.

Embora tivesse sido apanhada de surpresa, Alice não via nisso nenhum inconveniente. Ficara exausta nas últimas semanas, tentando visitar Margery todos os dias, manter a casa em ordem e gerir a biblioteca, ao mesmo tempo que tinha de lidar com os seus próprios sentimentos, tão complexos e avassaladores. Era até um alívio saber que outra pessoa trataria de uma dessas coisas. Sobretudo, pensou ela, tendo em conta que, afinal, não demoraria a ir-se embora do Kentucky, apesar de ainda não ter avisado nenhuma das outras, pois, neste momento, já todas tinham muito em que pensar.

Mrs. Brady tirou o casaco e pediu para ver todos os cadernos de registo. Sentou-se à secretária de Sophia e verificou os registos de pagamentos, as contas do ferreiro, comparou as folhas de pagamento com o fundo de maneio e mostrou-se satisfeita. Regressou, depois de jantar, e passou uma hora com Sophia a verificar o paradeiro de livros desaparecidos e danificados – e ainda repreendeu Mr. Gill, quando o viu passar à porta da

biblioteca, por se ter atrasado a devolver um livro sobre a criação de cabras. Passadas algumas horas, a sua presença já parecia habitual. Era como se a gestão estivesse novamente a cargo de um adulto.

E, assim, o verão foi avançando devagar, sob um manto de calor sufocante, com muitos mosquitos e humidade, e os cavalos todos suados e incomodados com as moscas, enquanto Alice ia tentando viver um dia de cada vez. Tentava lidar o melhor possível com os pequenos desconfortos, sem pensar em todos os outros desconfortos, bem mais significativos e infinitamente mais desagradáveis, que se perfilavam no seu futuro como pinos a derrubar.

Uma vez que os turnos de trabalho não lhe permitiam visitar Margery e a bebé durante a semana, Sven demitiu-se, embora parte dele já estivesse permanentemente naquela maldita cela, como ele próprio comentou com Alice. Mas, quando anunciou a sua partida, os bombeiros da Hoffman perfilaram-se, de picaretas ao ombro e capacetes encostados ao peito, para fúria do capataz, que tomou a demissão de Sven como uma ofensa à sua pessoa.

Van Cleve, que ainda estava sentido com a descoberta da longa relação de Sven com Margery O'Hare, disse que era um alívio, pois ele era um espião e um traidor, embora não houvesse nenhuma prova disso. E deixou o aviso de que, se aquele traiçoeiro do Gustavsson fosse visto novamente dentro da Hoffman, disparariam sobre ele sem aviso prévio, assim como sobre a herege da sua amante.

Alice sabia que Sven teria gostado de ir viver para casa de Margery, para estar mais perto dela, mas, cavalheiro como era, recusou a oferta, para que Alice escapasse à censura dos habitantes da vila, que veriam algo de suspeito no facto de um homem e uma mulher dormirem debaixo do mesmo

teto, embora fosse evidente para todos que ambos amavam a mesma mulher, embora de formas muito diferentes.

Em todo o caso, Alice já não tinha medo de ficar sozinha na pequena casa. Deitava-se cedo, dormia profundamente e levantava-se às 4h30, com o nascer do sol. Lavava-se rapidamente com água gelada da fonte, dava de comer aos animais, vestia uma roupa qualquer que estivesse na corda a secar, preparava um pequeno almoço de ovos e pão e atirava as migalhas que sobravam às galinhas e aos cardeais-do-norte, que se aglomeravam no peitoril. Enquanto comia, ia lendo um dos livros de Margery e, de dois em dois dias, fazia broa de milho para levar para a prisão. À sua volta, a montanha madrugadora ressoava com o canto dos pássaros e a folhagem das árvores resplandecia: primeiro, laranja; depois, azulada; e, por fim, verde-esmeralda. A erva alta estava salpicada de lírios e de salva, e, quando a porta de rede batia, perus selvagens gigantes elevavam-se no ar com um bater de asas desajeitado ou um pequeno veado corria a esconder-se no bosque, como se a intrusa fosse Alice.

Ela tirava o Charley do estábulo, levava-o para o pequeno cercado, nas traseiras, e via se as galinhas tinham posto ovos. Se tivesse tempo, ainda preparava alguma coisa para o jantar, sabendo que no regresso estaria muito cansada. Depois, selava a Spirit, colocava nos alforjes tudo aquilo de que precisaria durante o dia, punha o chapéu de abas largas na cabeça e cavalgava montanha abaixo rumo à biblioteca. No trilho de terra batida, Alice largava as rédeas sobre o pescoço da Spirit e atava um lenço de algodão ao pescoço, com as duas mãos. Já quase não usava as rédeas; mal começavam uma rota, a Spirit já previa o destino e para lá se dirigia, com o seu trote alongado e de orelhas arrebitadas – apenas mais uma criatura que conhecia e amava o seu trabalho.

Na maior parte das tardes, Alice ficava mais uma hora na biblioteca com Sophia, só pela companhia, e, de vez em quando, Fred juntava-se a elas,

trazendo comida de casa. Por duas vezes, subira o caminho de acesso a casa de Fred e fora jantar com ele, imaginando que já não fosse motivo de falatório e que, em todo o caso, era pouco provável que alguém a visse fazer aquele percurso tão curto. Adorava a casa de Fred, aquele odor a cera de abelha, aquele conforto de outros tempos, menos rudimentar do que o da casa de Margery, com tapetes e móveis passados de geração em geração.

E aquela tranquilizante ausência de bibelôs.

Comiam a refeição que Fred cozinhava e falavam de tudo e de nada, interrompendo a conversa para apenas sorrirem um ao outro como uns patetas. Havia noites em que Alice percorria a cavalo o trilho de regresso a casa de Margery sem sequer se lembrar do que haviam dito, levando apenas nos ouvidos aquele zumbido de desejo e de carência que abafava quaisquer conversas que tivessem existido. Às vezes, desejava-o tanto, que tinha de se beliscar por baixo da mesa para não estender a mão para lhe tocar. Depois, quando chegava à casa vazia, deitava-se sob os cobertores e dava asas à imaginação, procurando antever o que aconteceria se alguma vez, uma só que fosse, o convidasse para a acompanhar.

O advogado de Fred visitava-o de quinze em quinze dias, e Sven tinha-lhe perguntado se os encontros poderiam ter lugar em casa de Fred e se este e Alice poderiam estar presentes. Ela percebeu que o motivo de tal pedido era por Sven ficar tão ansioso, com a perna a tremer de tanto nervosismo e a tamborilar tanto na mesa, o que não era nada habitual, que, invariavelmente, mais tarde já não se lembrava de metade da conversa. O advogado tinha tendência para falar da forma menos direta possível, numa linguagem floreada e complicada, dando voltas ao que pretendia dizer em vez de o dizer diretamente e sem rodeios.

Ele tinha comentado que, apesar do inesperado desaparecimento do relevante caderno de registo (e fez uma pausa expressiva neste ponto), o

Ministério Público estava seguro das provas contra Margery O'Hare. No seu primeiro depoimento, a idosa tinha colocado Miss O'Hare naquele local, independentemente do que alegara depois. O livro da biblioteca, salpicado de sangue, parecia ser a única arma do crime possível, dado não haver nenhuns ferimentos de bala nem de esfaqueamento. Nenhuma outra bibliotecária percorria distâncias tão longas como Miss O'Hare, a julgar pelos restantes cadernos de registo, pelo que as hipóteses de ter sido outra pessoa a usar um livro da biblioteca, naquele local, como arma do crime eram diminutas. E ainda havia a difícil questão do carácter de Margery, o número de pessoas que mostravam vontade de falar sobre a já antiga rixa entre a família dela e os McCullough e a sua tendência para dizer as coisas mais desagradáveis, sem pensar no impacto que as suas palavras poderiam ter nos que as ouviam.

– Ela vai precisar de ter cuidado com estas coisas quando for a julgamento – avisou o advogado, enquanto reunia os papéis. – É importante que o júri simpatize com ela.

Sven abanou a cabeça, calado.

– Ninguém consegue convencer a Marge a ser alguém que ela não é – disse Fred.

– Não estou a dizer que ela tenha de ser alguém que ela não é, mas, se não conquistar a simpatia do juiz nem dos jurados, as hipóteses de sair em liberdade diminuem drasticamente.

O advogado recostou-se na cadeira e colocou as mãos em cima da mesa.

– Isto não tem apenas que ver com a verdade, Mr. Gustavsson. Tem que ver com estratégia. E, seja qual for a verdade, pode ter a certeza de que a outra parte está a preparar muito bem a sua estratégia.

– Afinal, gostas.

– Gosto de quê? – perguntou Margery, erguendo os olhos.

– De ser mãe.

– Dou por mim mergulhada em tantos sentimentos, que a maior parte do tempo já nem sei bem o que sinto – disse Margery, baixinho, ajustando a camisola de algodão ao pescocinho de Virginia. – Bem, até aqui em cima está calor. Quem me dera poder ir apanhar um pouco de ar.

Desde o nascimento de Virginia que o subxerife Dulles tinha permitido que as visitas decorressem na cela de detenções, no andar de cima. Tinha mais luz e estava mais limpa do que as celas da cave – e a temível Mrs. Brady achá-la-ia mais aceitável, suspeitavam eles. Num dia como este, porém, em que o ar estava tão quente e com tanta humidade, era pouco o alívio que trazia.

Subitamente, passou pela cabeça de Alice como a prisão deveria ser horrível no inverno, com aquelas janelas tão expostas e aquele chão frio de cimento. Será que a cadeia do estado era ainda pior? *Nessa altura, já vai estar livre*, dizia convicta para si mesma. *Nada de pensar no futuro. Nada de pensar além de hoje, da próxima hora.*

– Nunca pensei que pudesse amar assim outra criatura – continuou Marge. – É como se ela tivesse arrancado uma parte de mim, sabes?

– O Sven está mesmo fascinado.

– Está, não está? – Margery sorriu para si mesma, contemplando uma qualquer memória. – Ele vai ser o melhor pai do mundo, pequenina. – O seu rosto ensombrou-se, como se houvesse alguma coisa em que não quisesse pensar. Mas, no momento seguinte, essa expressão já tinha desaparecido e Margery estava de novo a sorrir e a levantar a bebé no ar. – Achas que vai ter o cabelo escuro como o meu? Afinal, ainda lhe corre um pouco de sangue cherokee nas veias. Ou achas que vai ficar mais claro, como o do pai? Sabes, em bebé, o Sven tinha o cabelo branco como a cal.

Margery nunca falava do julgamento. Abanava a cabeça duas vezes, com movimentos minúsculos, como que a dizer que não valia a pena. E,

apesar desta sua nova ternura, havia nesse gesto algo de tão frio, que Alice nem tentava contrariá-la. Acontecera o mesmo com Beth e Mrs. Brady, quando a visitaram, com esta última a chegar à biblioteca ainda afogueada de frustração.

– Estive a falar com o meu marido sobre o julgamento e sobre o que vai acontecer depois... caso as coisas não corram como esperamos. Ele tem alguns amigos no meio jurídico e, ao que parece, há estados com estabelecimentos prisionais que permitem às mães terem os filhos com elas e que têm enfermeiras a prestar os devidos cuidados a essas mulheres. Alguns até têm boas instalações, apesar de tudo.

Margery tinha agido como se não tivesse escutado uma única palavra.

– Na igreja, estamos todos a rezar por si. Por si e pela Virginia. Ela não é mesmo fofinha? Eu estava a pensar se a Margery não queria que nós tentássemos...

– Agradeço a sua preocupação, Mrs. Brady, mas nós vamos ficar bem.

E foi assim, disse Mrs. Brady, lançando as mãos ao ar.

– É como se estivesse a enterrar a cabeça na areia. Para ser sincera, não me parece que ela possa agarrar-se simplesmente à ideia de sair em liberdade. Ela tem de pensar no futuro.

Mas Alice não achava que o otimismo fosse a razão para o comportamento de Margery. E isso deixava-a ainda mais nervosa, à medida que se aproximava a data do julgamento.

Quando faltava precisamente uma semana para o início do julgamento, os jornais começaram a especular sobre a acusada. Um deles tinha usado a fotografia das bibliotecárias que estava no Nice ‘N’ Quick, recortada, para deixar apenas o rosto de Margery, e tinha escrito assim, na manchete:

A BIBLIOTECÁRIA ASSASSINA:

TERÁ ELA MATADO UM HOMEM INOCENTE?

O hotel mais próximo, que ficava em Danvers Creek, viu-se rapidamente com todos os quartos reservados, e havia quem dissesse que alguns vizinhos tinham preparado os quartos das traseiras, colocando-lhes camas, para alojarem os jornalistas que também estavam a caminho da vila. Aparentemente, Margery e McCullough eram o único tema de conversa, salvo no interior da biblioteca, onde ninguém falava neles.

Sven dirigia-se para a cadeia em plena tarde. Estava um dia extremamente quente, e ele ia devagar, abanando-se com o chapéu para se refrescar e levantando a mão para cumprimentar aqueles por quem passava, com um semblante que em nada deixava transparecer o que sentia por dentro. Entregou ao subxerife Dulles a forma com a broa de Alice e revistou os bolsos, à procura da camisola interior e do babete que Alice tinha dobrado cuidadosamente para ele levar. Margery estava sentada, de pernas cruzadas, no beliche da cela do andar de cima, a dar de mamar à bebé, pelo que ele ficou à espera para lhe dar um beijo, pois sabia que a filha se distraía com muita facilidade. Margery costumava esboçar um sorriso, mas, como desta vez continuou a olhar para a bebé, Sven acabou por ir sentar-se num banco perto dela.

– Ela ainda continua a mamar muitas vezes durante a noite?

– O mais que pode.

– A Mrs. Brady disse que ela talvez seja daqueles bebés que precisam de comida sólida muito cedo. Peguei num livro, lá das raparigas, só para ir lendo um pouco sobre o assunto.

– Desde quando é que andas a conversar com a Mrs. Brady sobre bebés?
Ele olhou para as botas.

– Desde que deixei o emprego.

Ao ver que ela ficou a olhar para ele, embasbacada, acrescentou:

– Não te preocupes. Desde os catorze anos que nunca me faltou trabalho. E o Fred tem-me deixado ficar no quarto de hóspedes dele. Por isso, estou bem. Vamos ficar bem.

Margery permaneceu calada. Agora, havia dias em que ficava assim. Mal falava, enquanto ele ali estava. Mas esses dias haviam-se tornado cada vez menos desde o nascimento de Virginia – era como se ela não conseguisse deixar de falar com a filha, mesmo que estivesse a sentir-se em baixo. Sven, que continuava a detestá-los, passou a mão pela cabeça.

– A Alice pediu-me para te dizer que as galinhas estão a aguentar-se bem e que a Winnie pôs um ovo com duas gemas. O Charley está a ficar gordo. Pelo que vejo, parece estar a gostar bastante do descanso. Esta semana, soltámo-lo com os potros do Fred e ele mostrou-lhes quem mandava. – Ela baixou os olhos para Virginia e, vendo que a bebé tinha terminado de mamar, compôs o vestido e encostou-a ao ombro para arrotar. – Sabes, estive a pensar... – continuou Sven. – Quando voltares para casa, podíamos arranjar outro cão. Há um agricultor, em Shelbyville, que tem uma cadela de caça a que eu já há muito acho piada. E parece que ele a vai pôr a fazer criação. É uma cadela muito meiga, e é bom as crianças crescerem com a presença de um cão. Se ficássemos com um cachorrinho, ele e a Virginia podiam crescer juntos. O que achas?

– Sven...

– Quer dizer, não tem de ser já. Podemos esperar que ela cresça um bocadinho. Pensei apenas que...

– Lembras-te de, uma vez, te ter dito que nunca te iria dizer para me deixares? – perguntou-lhe ela, sem tirar os olhos da filha.

– Lembro. Quase te obriguei a escreveres num papel para ficar como prova – disse ele, com um sorriso forçado.

– Bem... cometi um erro. Preciso que te vás embora.

Ele curvou-se para a frente, inclinando a cabeça.

– Desculpa, o que foi que disseste?

– E preciso que leves a Virginia. – Quando Margery levantou finalmente a cabeça para o encarar, os seus olhos estavam sérios e arregalados. – Fui arrogante, Sven. Achava que podia viver como bem me apetecesse, desde que não magoasse ninguém. Mas aqui tive tempo para pensar... e percebi. Isso não é possível no condado de Lee, e talvez não o seja em nenhum lugar do Kentucky. Pelo menos, para uma mulher. Ou respeitamos as regras deles ou eles... bem... ou eles nos esmagam como um inseto.

Falava com uma voz calma e neutra, como se tivesse ensaiado cada palavra nas suas inúmeras horas em silêncio.

– Preciso que a leves para o mais longe que puderes, para Nova Iorque ou para Chicago, ou mesmo para a Costa Oeste, se conseguires arranjar lá trabalho. Leva-a para algum lugar bonito, um lugar onde ela tenha oportunidades e uma boa educação e onde não tenha de se preocupar com as malditas cicatrizes que a família lhe deixou para o futuro, antes mesmo de ela nascer. Leva-a para longe das pessoas que a vão julgar pelo seu nome, mesmo antes de ela o saber escrever.

Sven estava perplexo.

– Estás a dizer disparates, Marge. Eu não te vou deixar.

– Durante vinte anos? Sabes que é isso que me vão dar, mesmo que consiga homicídio involuntário. E será pior se for homicídio qualificado.

– Mas tu não fizeste nada de mal!

– Achas que eles se importam com isso? Tu sabes muito bem como funciona esta vila. Sabes que eles estão ansiosos por me apanhar.

Sven olhou para Margery como se ela estivesse doida.

– Eu não vou a lado nenhum. Podes esquecer isso.

– Pois, mas eu não te vou ver mais. Portanto, não tens opção.

– Como? De que é que estás a falar agora?

– Esta é a última vez que eu te vou ver. É um dos poucos direitos que tenho aqui dentro, o direito de não receber visitas. Sven, eu sei que tu és um homem bom e que vais fazer tudo para me ajudar. E eu juro por Deus que te amo por isso. Mas, agora, o importante é a Virginia. Portanto, preciso que me prometas que vais fazer o que te estou a pedir e que nunca mais trazes a nossa filha a este lugar – disse Margery, encostando-se à parede.

– Mas... e o julgamento?

– Não te quero ver lá.

Sven levantou-se.

– Isto é um disparate. Eu não vou continuar a ouvir isto. Eu...

Margery lançou-se para a frente, agarrou-lhe a mão e elevou a voz, obrigando-o a calar-se:

– Sven, eu já não tenho mais nada. Não tenho liberdade, não tenho dignidade, não tenho futuro. A única maldita coisa que me resta é a esperança de que a vida desta criança, que é todo o meu *coração*, que é o que eu mais amo neste mundo, seja diferente. Portanto, se me amas como dizes, faz o que te estou a pedir. Não quero que a infância da minha filha fique marcada por visitas à prisão. Não quero que vocês me vejam a definhar numa cela, semana após semana, ano após ano, com piolhos no cabelo e rodeada do fedor dos bacios dos dejetos, derrotada pelos fanáticos que governam esta vila e a endoidecer aos poucos. Não quero que ela veja isso. Tu vais fazê-la feliz, eu sei que és capaz, e, quando lhe falares em mim, não lhe fales disto... Fala-lhe apenas do tempo em que eu cavalgava com o Charley, pelas montanhas, a fazer o que eu gostava de fazer.

Ele agarrou-lhe a mão e, incapaz de falar, pôs-se a abanar a cabeça, num gesto que parecia mecânico.

– Eu não te posso deixar, Marge.

Margery soltou a mão, foi buscar a bebé adormecida e aconchegou-a cuidadosamente nos braços do pai. Em seguida, inclinou-se e, de olhos

fechados, deu um beijo demorado na cabeça da filha. Depois, abriu os olhos e deleitou-se a observá-la, como se estivesse a gravar a sua imagem bem dentro de si.

– Adeus, minha querida. A mamã ama-te muito.

Margery tocou ao de leve com a ponta dos dedos nas costas das mãos de Sven, como se estivesse a dar-lhe uma instrução, e, nisto, enquanto Sven ainda estava em estado de choque, levantou-se, apoiando-se na mesa, e chamou o guarda para a levar de volta à cela.

E não tornou a olhar para trás.

Margery foi fiel à sua palavra, e Sven foi, de facto, a última visita que ela recebeu. Quando Alice chegou à cadeia nessa tarde, com um bolo, o subxerife Dulles disse-lhe, com grande pesar (pois realmente gostava muito dos bolos de Alice), que tinha muita pena, mas Miss O'Hare tinha deixado bem claro que não queria receber mais visitas naquele dia.

– Passa-se alguma coisa com a bebé?

– A bebé já não está com ela. Foi-se embora com o pai, esta manhã.

Ele lamentava muito, mas regras eram regras, e não podia obrigar Miss O'Hare a receber Alice. No entanto, concordou em ficar com o bolo, prometendo levar-lho à cela, mais tarde. Quando Kathleen Bligh lá foi, passados dois dias, recebeu a mesma resposta, assim como Sophia e Mrs. Brady, depois dela.

Alice cavalgou de volta a casa com a cabeça a mil. Ao chegar, encontrou Sven na varanda, com a bebé encostada ao ombro, de olhinhos esbugalhados perante tanta luz e tantas sombras oscilantes das árvores ainda desconhecidas.

– Sven?

Alice desmontou e prendeu as rédeas da Spirit ao pilar.

– Sven? Mas que diabo se passa?

Ele nem conseguia olhar para ela. Tinha os olhos vermelhos de tanto chorar e o rosto virado para o lado.

– Sven?

– Ela é a mulher mais teimosa do Kentucky.

Como seria de esperar, a bebé desatou a chorar, um choro cru e descontrolado, normal numa criança que já tivera de enfrentar demasiadas mudanças num único dia e que fica de repente profundamente baralhada. Sven deu-lhe umas palmadinhas nas costas, sem muito efeito, e, passado um momento, Alice aproximou-se e pegou nela. Ele enterrou o rosto nas mãos enormes e cheias de cicatrizes. A menina aconchegou-se no ombro de Alice, mas depois afastou a cabeça, abrindo a boca minúscula num O de desânimo, como se tivesse ficado chocada por perceber que aquela não era a sua mãe.

– Nós vamos resolver isto, Sven. Vamos chamá-la à razão.

Ele abanou a cabeça.

– E porque deveríamos fazê-lo? – questionou ele, numa voz abafada pelas mãos ásperas. – Ela tem razão. Isso é que é o pior de tudo, Alice. É que ela tem razão.

Com a ajuda de Kathleen, que conhecia tudo e todos, Alice encontrou uma mulher numa vila vizinha que, tendo acabado de desmamar um filho, aceitava ser ama de leite da bebé, em troca de uma pequena quantia. Todas as manhãs, Sven levava a bebé à Quinta das Ripas Brancas, onde cuidavam da pequena Virginia e a alimentavam. Todos achavam aquela situação constrangedora – afinal, a criança devia estar com a mãe –, e a própria Virginia rapidamente se tornou introvertida, sempre de olhos atentos e polegar cautelosamente metido na boca, como se já não acreditasse que o mundo fosse um lugar bom e de confiança. Porém, qual era a alternativa? Desta forma, pelo menos a criança era alimentada e Sven tinha tempo para

procurar emprego. E Alice e as outras bibliotecárias também podiam continuar com o seu trabalho o melhor que sabiam, por mais desoladas e nervosas que se sentissem, pois a vida era mesmo assim.

Não te peço que me ames sempre como agora, peço-te apenas que te lembres. Algures dentro de mim existirá sempre a pessoa que sou esta noite.

F. Scott Fitzgerald, *Tender is the Night* (*Terna é a Noite*)

Em Baileyville, instalou-se uma atmosfera quase circense, uma agitação que fazia com que a vinda de Tex Lafayette parecesse um encontro de catequese. Quando a notícia da data do início do julgamento se espalhou por toda a vila, o ambiente pareceu mudar, e não propriamente a favor de Margery. Começaram a chegar os membros da vasta família McCullough que não viviam na vila – primos afastados do Tennessee, do Michigan, da Carolina do Norte, alguns dos quais mal haviam visto McCullough nas últimas décadas, mas que, sentindo-se agora altamente imbuídos de um sentimento de vingança pelo seu ente querido, depressa começaram a reunir-se à porta da cadeia e da biblioteca a gritarem insultos e a ameaçarem vingar-se.

Fred saíra algumas vezes de casa para tentar acalmar os ânimos, mas também, quando percebeu que isso não surtia efeito, para lhes mostrar a arma e os avisar de que era preciso deixar as bibliotecárias fazerem o seu trabalho. Com a chegada destes familiares, a vila parecia estar agora dividida entre os que acreditavam que a maldade da família de Margery era prova de que também ela tinha sangue ruim e os que preferiam basear-se na sua própria experiência e agradecer-lhe por ela ter trazido livros e algum prazer às suas vidas.

Beth, que chegou a envolver-se por duas vezes em lutas para defender a reputação de Margery, uma na loja e outra nas escadas da biblioteca, tinha

começado a andar de punhos cerrados, como se estivesse permanentemente preparada para desferir um soco. Izzy andava sempre a choramingar e abanava silenciosamente a cabeça quando alguém lhe falava no assunto, como se responder por palavras já fosse demasiado para ela. Kathleen e Sophia falavam pouco, mas os seus rostos sombrios revelavam bem o que pensavam sobre o rumo dos acontecimentos. Respeitando a vontade de Margery, Alice já não ia visitá-la à cadeia, mas continuava a sentir a sua presença no pequeno edifício de betão, como se estivessem ligadas por fios. Ela ia comendo alguma coisa, dizia-lhe o subxerife Dulles, quando Alice passava por lá. Mas quase não falava. Parecia passar muito tempo a dormir.

Sven abandonou a vila. Comprou uma carroça pequena e um potro, empacotou os poucos pertences que tinha e saiu da casa de Fred, para ir viver numa casinha com um só quarto, a pouca distância da ama de leite de Virginia, na zona leste do desfiladeiro de Cumberland. Não podia continuar em Baileyville, não com tudo o que as pessoas andavam a dizer. Não com a perspectiva de ver a mulher amada a ser cada vez mais espezinhada e com os prantos da filha ao alcance dos ouvidos da mãe. Tinha os olhos vermelhos de exaustão e, nos cantos da boca, desenhavam-se agora uns sulcos novos e profundos, que nada tinham que ver com a bebé. Fred prometeu-lhe que, se houvesse alguma notícia, lha contaria de imediato.

– Eu vou dizer-lhe... vou dizer-lhe que... – começou Fred, mas apercebeu-se de que não fazia ideia do que iria dizer a Margery.

Os dois entreolharam-se, trocaram uma palmada nas costas, como é habitual nos homens de poucas falas para mostrarem as suas emoções, e Sven foi-se embora, com o chapéu bem enterrado na cabeça e os lábios transformados numa fina linha de tristeza.

Alice também começou a fazer as malas. No silêncio da pequena cabana, começou a separar as peças de roupa, entre aquelas que achava que

lhe poderiam ser úteis em Inglaterra, na sua vida futura, e aquelas que não se imaginava a vestir mais. Levantava no ar as finas blusas de seda, as saias de corte elegante, as leves combinações e camisas de dormir, e fazia caretas. Alguma vez teria sido aquela pessoa? De vestidos para o chá, verdes, floridos e com golas de renda? Alguma vez precisara de todos aqueles rolos e loções para o cabelo e daqueles broches de pérolas? Sentia que aquelas coisas efémeras pertenciam a alguém que já não conhecia.

Esperou até terminar a tarefa para contar às colegas. Por esta altura, numa espécie de acordo tácito, todas haviam começado a ficar na biblioteca muito para além do fim do trabalho. Era como se aquele fosse o único lugar onde suportavam estar. Duas noites antes da data prevista para o início do julgamento, Alice esperou que Kathleen começasse a juntar os seus sacos e anunciou:

– Bem, tenho uma notícia para vos dar. Vou-me embora. Se alguém quiser ficar com algumas das minhas coisas, eu vou deixar aqui, na biblioteca, um baú com roupa para vocês escolherem. Podem ficar com o que quiserem.

– Embora de onde?

– Daqui – disse ela, engolindo em seco. – Tenho de voltar para Inglaterra.

Fez-se um silêncio pesado. Izzy levou as mãos à boca.

– Não te podes ir embora!

– Bem, mas também não posso ficar aqui, a menos que volte para o Bennett. O Van Cleve, assim que conseguir meter a Margery definitivamente na prisão, vem atrás de mim.

– Não digas isso – disse Beth.

Seguiu-se um longo silêncio. Alice tentou ignorar os olhares que eram trocados entre as outras mulheres.

– O Bennett é assim tão mau? – perguntou Izzy. – Quer dizer, se conseguisses convencê-lo a sair da sombra do pai, talvez vocês ainda tivessem alguma hipótese. E então já podias ficar por cá.

Como poderia Alice explicar-lhe que seria impossível voltar agora para Bennett sentindo o que sentia por Fred? Preferia estar a milhares de quilómetros de Fred do que ter de passar por ele todos os dias a saber que tinha de voltar para outro homem. Fred mal lhe tocara e, no entanto, o que ela sentira fora muito mais do que alguma vez sentira com Bennett.

– Não posso. E vocês sabem que o Van Cleve também não vai descansar até se ver livre da Biblioteca a Cavalo. O que nos vai deixar a todas sem emprego. O Fred viu-o com o xerife e, na semana passada, a Kathleen viu-o duas vezes com o governador. Ele anda a ver se arranja maneira de dar cabo de nós.

– Mas sem a Margery e sem ti... – A voz de Izzy sumiu-se.

– O Fred já sabe? – perguntou Sophia.

Alice acenou que sim.

Os olhos de Sophia sustentaram os de Alice, como que em busca de confirmação.

– E quando partes? – perguntou Izzy.

– Assim que o julgamento terminar.

Fred quase não falara durante toda a viagem até casa. Alice tivera vontade de estender a mão para tocar na dele e dizer-lhe que lamentava, que aquilo estava longe de ser o que ela desejava, mas estava tão paralisada de dor, por já ter em seu poder o bilhete, que nem se conseguia mexer.

Izzy limpou os olhos e fungou.

– Parece que está tudo a desmoronar-se. Tudo aquilo por que lutámos. A nossa amizade. Este lugar. Está tudo simplesmente a desmoronar-se.

Normalmente, sempre que uma delas expressava este tipo de sentimento negativo, as outras costumavam cair-lhe em cima, dizendo-lhe para parar de

ser ridícula, que estava doida e que só precisava de uma boa noite de sono ou de comer alguma coisa ou de se recompor. Que devia ser apenas o período menstrual a falar mais alto. Mas, desta vez, nenhuma abriu a boca, o que revelava bem como estavam a sentir-se.

Sophia quebrou o silêncio. Respirou fundo, apoiou as palmas das mãos na secretária e disse:

– Bem, para já, vamos continuar. Beth, acho que ainda não fez o registo dos seus livros desta tarde. Se não se importar de mos trazer para aqui, eu trato disso. E, Alice, se me puder dizer o dia exato em que planeia partir, já posso tratar da folha de pagamentos.

De um dia para o outro, chegaram duas caravanas à rua do tribunal. Começaram a ver-se mais polícias pela vila e na segunda-feira, a meio da tarde, começou a juntar-se uma multidão à porta da cadeia, incentivada pela manchete de uma reportagem no *Lexington Courier*:

FILHA DE TRAFICANTE DE BEBIDAS MATOU UM HOMEM COM UM LIVRO DA BIBLIOTECA NUMA RIXA ENTRE FAMÍLIAS

– Isso não passa de lixo – disse Kathleen, quando Mrs. Beidecker lhe mostrou um exemplar na escola. O que não impedia as pessoas de se juntarem e de algumas delas começarem mesmo a gritar apupos, para que Margery as ouvisse através da janela aberta da cela. O subxerife Dulles veio à rua duas vezes, de mãos erguidas, a tentar acalmar os ânimos, mas um homem de bigode e fato desproporcionadamente largo, que nunca ninguém vira por ali e que alegava ser primo de Clem McCullough, respondeu que estavam apenas a exercer o direito à liberdade de expressão que Deus lhes concedia. E que, se lhe apetecia falar da galdéria assassina da O'Hare,

ninguém tinha nada que ver com isso. Os manifestantes acotovelavam-se, acicatando ainda mais os protestos com álcool; alguns berravam de bêbedos, outros gritavam insultos a Margery e havia ainda quem ripostasse a estes últimos, lembrando-lhes que eles nem sequer eram dali e que deviam mas era ir fazer desacatos para a terra deles. As senhoras mais idosas da vila escondiam-se atrás das portas, a resmungar, e alguns dos rapazes mais jovens, encorajados pelo ambiente caótico, decidiram atear uma fogueira junto da garagem, parecendo, por momentos, que aquela pequena vila tão ordeira se tinha transformado num local onde tudo poderia acontecer – e nada que fosse bom.

As bibliotecárias souberam da novidade quando regressaram das suas rotas; uma a uma, foram guardando os cavalos, ficando depois sentadas em silêncio na biblioteca, com a porta aberta, a ouvirem o barulho distante dos protestos.

Galdéria assassina!

Vais ter o que mereces, vadia!

Por favor, cavalheiros. Há senhoras presentes. Vamos ser razoáveis.

– Juro que estou contente por o Sven não estar aqui para ver isto – disse Beth. – Ele não ia aguentar ouvir esta gente a falar assim da Margery.

– Eu é que não aguento isto – disse Izzy, espreitando pela porta. – Imaginem como ela se deve sentir ao ouvir tudo aquilo.

– E também como deve estar triste sem a bebé.

Alice não conseguia pensar noutra coisa: ver-se alvo de tanto ódio e sem poder esperar uma palavra de conforto de quem a amava. A maneira como Margery se havia isolado dava a Alice vontade de chorar. Era como um animal que se retira para um local isolado para morrer.

– Que Deus ajude a nossa amiga – disse Sophia, baixinho.

De repente, chegou Mrs. Brady, a olhar para trás, afogueada e com o cabelo eletrizado de tanta raiva.

– Juro que pensava que as pessoas desta vila fossem mais inteligentes. Tenho vergonha dos meus vizinhos, a sério que tenho. Nem quero imaginar o que diria a Mrs. Nofcier se chegasse a saber disto.

– O Fred acha que eles vão ficar ali toda a noite.

– Eu, simplesmente, não sei o que se está a passar com esta vila. Não sei porque é que o xerife Archer não os corre dali à chicotada. Juro que estamos a ficar piores do que Harlan.

Foi então que ouviram a voz de Van Cleve a sobrepor-se ao clamor da multidão:

– Não podem dizer que não vos avisei, minha gente! Ela é um perigo para os homens e para esta vila. O tribunal vai ficar a saber a influência nefasta que esta O'Hare representa... Gravem bem o que vos digo: só há um lugar para ela!

– Oh, diabo, agora *este* está a ver se ainda piora mais as coisas – disse Beth.

– Minha gente!... Vocês vão ficar a saber a abominação que esta rapariga é. Sempre a ir contra as leis da natureza! Não se pode acreditar numa só palavra que ela diz!

– Já chega – disse Izzy, de queixo tenso.

Mrs. Brady olhou para a filha, quando ela se levantou, pegou na bengala e avançou para a porta.

– Mãe, vem comigo?

Agindo em uníssono, todas calçaram as botas e puseram os chapéus na cabeça em silêncio. E, nisto, sem sequer trocarem uma palavra, reuniram-se ao cimo das escadas: Kathleen e Beth, Izzy e Mrs. Brady, e, por fim, Sophia, que, após um momento de hesitação, saiu de trás da secretária e foi buscar a bolsa, com ar tenso, mas determinado. As outras ficaram paradas a olhar para ela. Então, Alice, com o coração ao pé da boca, estendeu o braço a Sophia, que lhe entrelaçou o dela, e as seis mulheres, num grupo coeso,

saíram da biblioteca e percorreram em silêncio a estrada reluzente rumo à cadeia, de rostos determinados e passo decidido.

A multidão afastou-se ligeiramente quando elas chegaram, quer pela força de Mrs. Brady, que avançava de cotovelos para fora e ar ameaçador, quer pelo choque de verem que entre elas vinha uma negra de braço dado com a mulher de Bennett Van Cleve e com a viúva Bligh.

Mrs. Brady chegou à frente da multidão e abriu caminho, posicionando-se de costas para a cadeia e de frente para as pessoas.

– Não têm vergonha do que estão a fazer? – vociferou. – Que tipo de homens são vocês?

– *Ela é uma assassina!*

– Neste país, acredita-se na presunção de inocência até prova em contrário. Portanto, podem guardar os vossos insultos e as vossas palavras de ordem e deixar aquela rapariga em paz até a lei vir dizer se têm razão!

E apontou para o homem de bigode.

– Afinal, o que é que o senhor está aqui a fazer? Era capaz de jurar que muitos só aqui estão para causar desacatos, porque, se há coisa que seja certa, é que *não são* de Baileyville.

– Eu sou segundo primo do Clem. E tenho tanto direito de estar aqui como qualquer outra pessoa. Eu gostava do meu primo.

– Um primo pesaroso, o tanas! – disse Mrs. Brady. – Onde estava o senhor quando as filhas dele passavam fome e tinham o cabelo cheio de piolhos? E quando andavam a roubar comida das hortas dos outros, porque o pai estava demasiado bêbedo para se preocupar com a alimentação delas? Onde estava nessa altura, hem? O senhor não tem nenhum sentimento genuíno por aquela família.

– A senhora está só a defender o seu grupo. Todos sabemos o que as bibliotecárias têm andado a fazer por aí.

– O senhor não sabe nada! – ripostou Mrs. Brady. – E o senhor, Mr. Porteous... eu pensava que já tinha idade para ter juízo. Quanto a este pateta – continuou ela, apontando para Van Cleve –, sinceramente, achava que os meus vizinhos teriam a sensatez de não confiarem num homem que acumulou uma fortuna colossal à custa da desgraça e da destruição e, sobretudo, à custa desta vila. Quantos de vocês perderam a casa por causa do seu dique de lama, hem? Quantos foram avisados, ali, pela Miss O'Hare, para se protegerem? E, no entanto, a julgar pelos rumores e boatos infundados, parece que preferem castigar aquela mulher a apontarem o dedo ao verdadeiro criminoso.

– Isso são calúnias, Patricia!

– Então, processe-me, Geoffrey!

As faces de Van Cleve ficaram escarlates de tão afogueadas.

– Eu bem vos avisei! Ela é uma influência maligna!

– Você, Geoffrey, é a única influência maligna por estes lados! Porque acha que a sua nora preferiu ir viver num estábulo a passar mais uma noite que fosse em sua casa? Que tipo de homem espanca a mulher do próprio filho? E, depois, ainda se apresenta aqui como árbitro da moral e dos bons costumes... Bem, esta desigualdade na forma de julgar o comportamento dos homens e o das mulheres é verdadeiramente chocante.

A multidão começou a murmurar.

– Que tipo de mulher mata um homem decente sem nenhuma provocação?

– Isto não tem nada que ver com o McCullough, e você sabe-o muito bem. Isto é apenas uma tentativa de se vingar de uma mulher que mostrou quem o Geoffrey é realmente!

– Estão a ver, minhas senhoras e meus senhores? Esta é a verdadeira face daquela pretensa biblioteca: um discurso feminino rude e um

comportamento contrário ao que é adequado. Ora digam... acham correto a Mrs. Brady falar nestes termos?

A multidão começou a precipitar-se para a frente e, de súbito, foi obrigada a parar por dois tiros para o ar. Ouviu-se um grito. As pessoas baixaram-se e olharam em redor, nervosas. O xerife Archer apareceu à porta das traseiras da cadeia e percorreu a multidão com os olhos.

– Bem, eu tenho sido paciente, mas não quero ouvir nem mais uma palavra, aqui fora. Amanhã, o tribunal vai começar a julgar este caso e o processo seguirá os seus trâmites normais. Portanto, se algum de vocês passar das marcas, vai acabar ali dentro com a Miss O’Hare. E isto também vale para si, Geoffrey, e para si, Patricia. Meto qualquer um dos dois na cadeia. Estão a ouvir?

– Nós temos direito à liberdade de expressão! – gritou um homem.

– Pois têm. E eu tenho direito a permitir que se expressem através das grades de uma cela.

A multidão começou a gritar novamente e a vociferar palavrões em tom agressivo e clamoroso. Alice olhou em redor e começou a tremer, arrepiada com a maldade e o ódio estampados naqueles rostos, a quem já havia acenado alegres bons-dias. Como podiam virar-se assim contra Margery? Pressentia o medo e o pânico a subirem-lhe no peito, a energia da multidão a tornar pesado o ambiente em seu redor. Nisto, sentiu Kathleen a dar-lhe um toque de cotovelo e viu que Izzy tinha dado um passo em frente. Enquanto os manifestantes gritavam e protestavam em seu redor, empurrando-se e acotovelando-se uns aos outros, Izzy avançou a coxear até à frente, vacilando e apoiando-se na bengala, e parou debaixo da janela da cela de Margery. Com todos os olhos postos nela, Izzy Brady, que tinha até dificuldade em enfrentar uma plateia de cinco pessoas, virou-se para encarar a multidão que se agitava, olhou em redor e respirou fundo. Em seguida, começou a cantar.

*Fica comigo, não tarda a anoitecer,
Fica comigo, Senhor, a escuridão vai sobre nós descer.*

Fez uma pausa para tomar fôlego, ao mesmo tempo que olhava em redor com olhos tremeluzentes.

*Quando falhar o socorro e faltar o abrigo,
Oh, amparo dos desamparados, fica comigo.*

A multidão acalmou, num primeiro instante sem perceber o que se estava a passar, e, por isso, os que estavam mais atrás começaram a pôr-se em bicos de pés para verem melhor. Um homem assobiou e alguém barafustou com ele. Izzy deixou-se ali estar, de mãos enlaçadas à frente do corpo, a tremer ligeiramente, e continuou a cantar, cada vez mais alto e com mais intensidade.

*Num desfecho veloz, a vida esmorece numa réstia de dia,
Desaparecem as glórias do mundo, vai-se toda a alegria.
Olhe eu para onde olhar, apenas vejo decadência e mudança,
Fica comigo, Senhor, acolhe-me na Tua perseverança.*

Mrs. Brady endireitou as costas, deu duas ou três passadas, abrindo caminho por entre a turba, e foi colocar-se ao lado da filha, de costas para a parede da cadeia e de queixo erguido. Enquanto elas cantavam, Kathleen e, depois, Beth, seguidas finalmente por Sophia e Alice, ainda de braço dado, foram colocar-se ao lado delas e começaram também a cantar, de cabeças bem erguidas e olhar firme, encarando a multidão. Enquanto os homens gritavam insultos, as seis vozes iam subindo de tom, abafando as deles, determinadas e sem medo.

*Não nos tragas o terror, qual Rei dos reis,
Traz antes em Tuas asas bondade, amor e cura para os fiéis,
Lágrimas para as mágoas e, para as súplicas, um ombro
amigo...
Vem, Tu que amparas o pecador, e, por favor, fica comigo.*

Cantaram até todos se quedarem em silêncio, sob o olhar atento do xerife Archer. Cantaram, ombro a ombro, mãos em busca de outras mãos, corações acelerados, mas com firmeza na voz. Um pequeno grupo de pessoas da vila aproximou-se e juntou-se a elas – Mrs. Beidecker, o senhor da loja de rações, Jim Horner e as filhas –, dando as mãos e elevando as vozes, tentando abafar o clamor do ódio, sentindo ressoar cada palavra e propiciando conforto, ao mesmo tempo que tentavam dar a si mesmos um pouco desse sentimento tão fugaz.

A poucos centímetros de distância, do outro lado da parede, Margery O'Hare encontrava-se deitada no catre, imóvel, com algumas madeixas de cabelo coladas ao rosto, de tão húmidas, e a pele pálida e quente. Estava ali, assim, há quase quatro dias, com os seios doridos e os braços vazios, como se alguém lhe tivesse metido a mão pelas entranhas e simplesmente arrancado o que a mantinha de pé. Que motivos tinha agora para se levantar? Ou mesmo para ter esperança? Estranhamente quieta e de olhos fechados, a sentir na pele a serapilheira áspera, ouvia apenas vagamente os insultos que a multidão vociferava lá fora. Nessa manhã, alguém tinha conseguido atirar uma pedra pela janela, que lhe acertara na perna e lhe deixara um arranhão comprido, uma marca lívida de sangue.

*Diante dos meus olhos fechados, ergue, Senhor, a Tua cruz,
Que ela brilhe nas trevas e para o céu me aponte a sua luz.*

Margery abriu os olhos ao ouvir aquela melodia, ao mesmo tempo familiar e estranha. Piscou os olhos, tentando concentrar-se, e foi-se apercebendo a pouco e pouco de que aquele som era a voz de Izzy, a sua voz doce e inesquecível a elevar-se no ar, do outro lado daquela janela alta, tão próxima, que quase lhe podia tocar. Uma voz que lhe lembrava um mundo para lá daquela cela, um mundo de bondade e amabilidade, com um céu vasto e infinito onde uma voz podia planar. Margery soergueu-se num cotovelo, à escuta. E, então, ouviu uma outra voz a juntar-se à de Izzy, uma voz mais profunda e ressonante, e, em seguida, enquanto se endireitava, várias outras vozes, que ela conseguiu distinguir: as de Kathleen, de Sophia, de Beth e de Alice.

*Rompe no céu a manhã, fogem da Terra sombras sem sentido,
Na vida e na morte, oh, Senhor, fica comigo.*

Ficou a ouvi-las e, depois, percebeu que era para si que elas cantavam. Quando o cântico terminou, ouviu Alice gritar com a mesma voz cristalina:

– Força, Margery! Estamos contigo! Nós estamos aqui contigo!

Margery O'Hare pousou a cabeça nos joelhos, cobriu a cara com as mãos e, finalmente, começou a soluçar.

Eu amava algo que inventei, algo que estava tão morto como a Melly. Fiz um belo fato e apaixonei-me por ele. E, quando o Ashley chegou no seu cavalo, tão formoso, tão diferente, vesti-lhe o fato e obriguei-o a usá-lo, quer lhe servisse quer não. E não queria ver quem ele realmente era. Continuava apenas a amar a bela indumentária – mas não o amava a ele.

Margaret Mitchell, *Gone with the Wind* (*E Tudo o Vento Levou*)

Por comum acordo, no primeiro dia do julgamento a Biblioteca a Cavalo WPA, de Baileyville, Kentucky, permaneceu fechada, tal como os correios, as igrejas todas (pentecostal, episcopal, batista e primeira presbiteriana) e a loja da vila, que abriu apenas durante uma hora a partir das sete da manhã e, depois, durante a hora de almoço, para atender a grande afluência de forasteiros que tinham chegado a Baileyville. Havia carros desconhecidos estacionados de forma desorganizada na berma da estrada que passava pelo tribunal, autocaravanas a ocuparem os campos mais próximos e homens com fatos elegantes, chapéus moles e blocos de notas na mão pelas ruas, logo ao raiar do dia, a pedirem informações, fotografias, qualquer coisa que as pessoas tivessem sobre a bibliotecária assassina Margery O'Hare.

Quando se dirigiram à biblioteca, Mrs. Brady ameaçou-os com uma vassoura e disse-lhes que arrancaria a cabeça de quem tentasse entrar naquele edifício sem ser convidado. Ah... e que estivessem à vontade para publicar tudo isso nos seus malditos jornais. Dessa vez, não pareceu nada preocupada com o que Mrs. Nofcier pudesse pensar a esse respeito.

Havia polícias aos pares, a conversarem nas esquinas das ruas, stands de bebidas frescas instalados à volta do tribunal, um encantador de serpentes, que convidava as pessoas a aproximarem-se e a testarem a sua coragem, e, todos os dias, os tascos faziam promoções especiais de cerveja de barril: PAGUE UMA, LEVE DUAS.

Mrs. Brady achou que não fazia sentido as bibliotecárias tentarem fazer as suas rotas naquele dia. As estradas estavam apinhadas, elas tinham a cabeça a mil e todas queriam muito ir ao tribunal para apoiar Margery. De qualquer modo, desde muito antes das sete da manhã, já havia uma fila de pessoas a tentarem entrar na sala de audiências. Alice foi a primeira. Enquanto esperava, acompanhada logo a seguir de Kathleen e das outras bibliotecárias, a fila foi crescendo rapidamente: vizinhos, de lancheira na mão, alguns dos que costumavam receber livros em casa, de ar taciturno, pessoas que ela não reconhecia, e que pareciam encarar o julgamento como uma diversão, a conversarem alegremente e a dizerem piadas, enquanto se iam acotovelando uns aos outros. Só tinha vontade de lhes gritar: *Isto não é nenhuma festa! A Margery está inocente! Ela nem sequer devia estar aqui!*

Entretanto, Van Cleve chegou e estacionou no lugar destinado ao carro do xerife, claramente para mostrar a todos como estava por dentro dos acontecimentos. Ignorou Alice e entrou diretamente no tribunal, de queixo empinado, confiante que teria um lugar reservado. Ela não viu Bennett; talvez estivesse a tratar de assuntos na Hoffman. Ele nunca se interessara por intrigas, ao contrário do pai.

Alice esperou em silêncio, com a boca seca e um nó no estômago, como se ela própria estivesse a ser julgada e não Margery. Imaginava que as outras colegas estivessem a sentir o mesmo. Mal haviam trocado uma palavra, apenas acenos, e também breves, mas fortes, apertos de mãos.

Às oito e meia, as portas do tribunal abriram-se e a multidão entrou. Sophia ocupou um lugar ao fundo, junto das restantes pessoas de cor. Alice

acenou-lhe com a cabeça. Parecia-lhe errado ela não ficar junto delas, o que era mais um exemplo deste mundo disfuncional.

Sentou-se num dos banco de madeira das primeiras filas, entre as restantes amigas, a pensar como é que iriam conseguir suportar aquilo durante vários dias.

O júri foi chamado – era composto só por homens, na sua maioria produtores de tabaco, a julgar pela indumentária, pensou Alice. Nenhum parecia o tipo de pessoa capaz de se mostrar solidário com uma mulher solteira, de língua afiada e de má família. O oficial de justiça anunciou que, durante a hora de almoço e no final do dia, as mulheres tinham autorização para saírem uns minutos antes dos homens, para poderem ir preparar as refeições, o que fez Beth revirar os olhos. De seguida, Margery foi conduzida ao banco dos réus, algemada, como se pudesse constituir um perigo para os presentes. A sua entrada na sala foi acompanhada por exclamações e murmúrios vindos da assistência. Sentou-se, pálida e calada, aparentemente alheia a tudo o que a rodeava, e quase nem olhou para Alice. Trazia o cabelo muito sujo e oleoso, um ar exausto e olheiras profundas. Formava uma curva inconsciente com os braços, como se trouxesse um bebé ao colo, como se Virginia ali estivesse. Parecia desleixada e indiferente.

Alice pensou, consternada, que Margery parecia uma *criminosa*.

Fred dissera-lhe que se sentaria na fila imediatamente atrás dela, para manter as aparências, e ela olhou-o, angustiada. Ele contraiu os lábios, como se quisesse dizer que compreendia, *mas o que podiam eles fazer?*

E, então, entrou o juiz Arthur D. Arthurs, a mascar tabaco pensativamente, e todos se levantaram, obedecendo às instruções do oficial de justiça. Depois de ele se sentar, pediram a Margery que confirmasse ser,

de facto, Margery O'Hare, da velha casa em Thompson's Pass. A seguir, o oficial de justiça leu a acusação de que ela era alvo. Como se declarava?

Margery pareceu vacilar um pouco, e os seus olhos viraram-se para a assistência.

– Inocente – disse ela, baixinho. Ouviram-se escárnios ruidosos do lado direito da sala, seguidos das estrondosas pancadas do martelo do juiz. *Ele não iria, repetiu, não iria permitir uma assistência desobediente, e que ninguém se atrevesse sequer a fungar sem a sua autorização. Tinha ficado claro?*

A multidão acalmou-se, embora mostrasse uma certa revolta contida. Margery levantou os olhos para o juiz e, passado um momento, ele fez-lhe sinal para ela se sentar, o que seria a única reação de Margery até receber autorização para sair da sala.

A manhã arrastou-se em procedimentos legais, com as mulheres a abanarem-se com os leques para se refrescarem e as crianças sem pararem quietas nos assentos, enquanto o advogado do Ministério Público apresentava, em linhas gerais, a acusação contra Margery O'Hare. Ficaria claro para todos, anunciou ele, num tom ligeiramente teatral e nasalado, que, perante eles, estava uma mulher educada sem *fé*, sem quaisquer valores morais e sem nenhuma preocupação pelas boas maneiras, pois mesmo o seu projeto mais conhecido – a pretensa Biblioteca a Cavalo – tinha mostrado ser uma fachada para interesses menos respeitáveis, pelo que o estado apresentaria provas desses interesses através de testemunhos de pessoas que tinham ficado chocadas com os seus exemplos de desleixo moral. Estas carências, quer de carácter quer de comportamento, tinham atingido o auge numa tarde em que a acusada se deparara com o confesso inimigo do seu falecido pai, no cimo de Arnott's Ridge, e se aproveitara do facto de

estarem num local ermo e de Mr. Clem McCullough estar embriagado para pôr fim à rixa que os seus familiares haviam iniciado.

Enquanto ele falava – e nunca mais se calava, pois o advogado de acusação gostava mesmo de se ouvir –, os repórteres de Lexington e de Louisville iam escrevinhando furiosamente nos seus blocos de notas pautados, escondendo o trabalho uns dos outros e erguendo os olhos, atentos, a cada nova informação. Quando chegou à parte do *desleixo moral*, Beth gritou *Tretas!*, e levou imediatamente um tabefe do pai, que estava sentado mesmo atrás dela, e uma severa repreensão do juiz, que a avisou de que, se dissesse mais uma palavra, iria passar o resto do julgamento lá fora, sentada no chão. Beth ouviu o resto da intervenção de braços cruzados e com uma expressão que fazia Alice temer pelos pneus do carro do advogado de acusação.

– Vão ver. Aqueles repórteres vão dizer que estas montanhas estão vermelhas do sangue das rixas, e outros disparates semelhantes – resmungou Mrs. Brady, atrás dela. – É o que eles fazem sempre. Até parece que somos um bando de selvagens. Ninguém vai ler uma única palavra sobre todas as coisas boas que esta biblioteca ou a Margery fez.

Kathleen estava em silêncio, sentada entre Alice e Izzy, as três a ouvirem com muita atenção, sérias e imóveis; quando o advogado terminou, trocaram olhares que diziam que percebiam agora o que Margery estava prestes a enfrentar. Rixas de sangue à parte, a Margery que o tribunal acabara de descrever era tão dúplice e tão monstruosa, que, se elas não a conhecessem, também ficariam com medo de se sentar demasiado perto dela.

Margery provavelmente sabia disso. Parecia entorpecida, como se a verdadeira Margery lhe tivesse sido arrancada do peito, ficando apenas o invólucro vazio.

Alice desejou pela centésima vez que Sven não tivesse decidido não aparecer. Tinha a certeza de que, independentemente do que Margery lhe tivesse dito, ela sentiria algum conforto ao vê-lo. Alice não parava de imaginar como seria estar sentada no banco dos réus a enfrentar o fim de tudo o que ela amava e lhe importava. Nesse momento, apercebeu-se de que Margery, que tanto apreciava a solidão e gostava de estar sozinha, longe de olhares críticos – e cujo lugar era o mundo lá fora, tal como era para os machos, as árvores e os bítios –, ficaria confinada a uma daquelas celas sombrias e minúsculas durante dez ou vinte anos, se não o resto da vida.

Nisto, Alice teve de se levantar e abrir caminho para sair da sala, ao aperceber-se que estava prestes a vomitar, tal era o medo que sentia.

– Estás bem? – perguntou-lhe Kathleen, aproximando-se, enquanto Alice cuspiu para a terra.

– Desculpa – respondeu ela, endireitando-se. – Não sei o que é que me deu.

Kathleen deu-lhe um lenço, e Alice limpou a boca.

– A Izzy está a guardar-nos os lugares, mas é melhor não nos demorarmos. As pessoas já estão de olho neles.

– Eu... eu simplesmente não aguento isto, Kathleen. Vê-la assim. Ver a vila assim. É como se só precisassem da mínima desculpa para pensarem mal dela. As provas é que deviam estar a ser julgadas, mas parece que afinal é o facto de ela não se comportar como eles acham que devia.

– É feio, lá isso é.

Alice parou um momento.

– O que foi que acabaste de dizer?

Kathleen fez uma careta.

– Disse que era feio. Ver a vila a unir-se contra ela desta maneira. – Kathleen olhou para Alice. – O que foi?... O que foi que eu disse?

Feio. Alice chutou uma pedra do chão, esgaravando com a ponta do pé até ela se soltar. *Há sempre uma solução. Até pode ser feia. Até podes ficar com a sensação de teres ficado sem chão.* Quando levantou a cabeça, o seu rosto tinha desanuviado.

– Nada. Foi só uma coisa que a Marge me disse uma vez. Só... – Alice abanou a cabeça. – Nada.

Katheleen ofereceu-lhe o braço, e regressaram as duas à sala de audiências.

Seguiram-se as intermináveis argumentações de bastidores dos advogados, que se foram esbatendo até à pausa para o almoço. Quando as mulheres saíram do tribunal, elas ficaram sem saber muito bem o que fazer e acabaram por voltar para a biblioteca, em grupo e em passo lento, seguidas por Fred e por Mrs. Brady, concentrados a conversar.

– Não tens de voltar lá para dentro esta tarde, sabes? – disse Izzy a Alice, ainda chocada com o facto de ela ter vomitado em público. – Se achares que é demasiado para ti.

– Foram só os nervos que tomaram conta de mim – disse Alice. – Já me acontecia o mesmo quando era pequena. Devia ter tomado o pequeno-almoço.

Continuaram a caminhar em silêncio.

– Isto deve melhorar quando for o nosso lado a falar – disse Izzy.

– Sim. Aquele advogado todo chique do Sven vai pô-los no seu devido lugar – disse Beth.

– Claro que vai – concordou Alice.

Mas nenhuma delas parecia convencida.

Afinal, o segundo dia não correu muito melhor. A acusação fez o resumo do relatório da autópsia a Clem McCullough. A vítima, um homem

de cinquenta e sete anos, tinha morrido de um traumatismo craniano compatível com uma pancada de um objeto pontiagudo na zona da nuca, e apresentava também alguns hematomas na face.

– Poderá ter sido causado, por exemplo, por um livro pesado, de capa dura?

– Sim, pode ter sido esse o caso – disse o médico que tinha realizado a autópsia.

– Ou por alguma luta num bar? – sugeriu Mr. Turner, o advogado de defesa.

O médico pensou uns segundos.

– Bem, sim, isso também. Mas ele estava muito longe de qualquer bar.

A área em redor do corpo não tinha sido minuciosamente examinada, por se tratar de um trilha remoto. Dois dos ajudantes do xerife tinham trazido o corpo pelo trilha da montanha, numa viagem que demorara várias horas, e um nevão fora de tempo havia cobrido o solo no sítio onde o corpo aparecera, embora houvesse provas fotográficas de sangue e de eventuais cascos de cavalo.

Mr. McCullough não tinha nem cavalo nem mula.

Em seguida, o advogado de acusação interrogou as suas testemunhas, entre as quais a velha Nancy, que foi sucessivamente pressionada a confirmar que, no seu primeiro depoimento, declarara claramente ter ouvido Margery a falar no cimo da cumeada e depois uma discussão.

– Mas eu não disse isso com o sentido que vocês lhe deram – protestou, passando a mão pelo cabelo e virando-se para o juiz. – Eles distorceram completamente as minhas palavras. Eu conheço a Margery. Sei que ela não era capaz de matar um homem a sangue-frio, da mesma maneira que não era capaz de... sei lá... de fazer um bolo.

Aquele seu comentário provocou uma onda de gargalhadas na sala de audiências e um ataque de fúria por parte do juiz. Nancy levou as duas

mãos à cara, imaginando, provavelmente com razão, que aquela comparação só ajudaria a confirmar que Margery era, de certa forma, uma transgressora e que, ao não gostar de cozinhar, estava a ir contra as leis da natureza.

O advogado de acusação conseguiu que ela falasse um pouco mais sobre se o trilho era isolado (muito), se costumava ver pessoas por ali (raramente) e sobre quantas pessoas costumavam fazer aquela rota regularmente (só Margery e algum caçador esporádico).

– Não tenho mais perguntas a fazer, Meritíssimo.

– Bem, eu gostava de acrescentar uma coisa – anunciou Nancy, quando o oficial de justiça já se aproximava para a retirar do banco das testemunhas. Virou-se e apontou para o banco dos réus.

– Aquela, ali, é uma rapariga boa e amável. Fizesse chuva ou sol, nunca deixou de nos vir trazer os livros, a mim e à minha irmã, que não sai da cama desde 1933. E vós, que a estais a julgar e vos dizeis cristãos, é melhor pensardes bem no que estais a fazer pelos vossos irmãos. Porque nenhum de vós é tão superior e tão poderoso que esteja livre de julgamento. Ela é boa rapariga, e aquilo que lhe estais a fazer é um erro terrível! Ah... e, senhor juiz, a minha irmã também tem uma mensagem para si.

– Trata-se de Phyllis Stone, a irmã mais velha da testemunha, que, segundo parece, está acamada e não pôde descer a montanha – murmurou o oficial de justiça ao juiz.

O juiz Arthurs recostou-se na cadeira e talvez também tenha revirado ligeiramente os olhos.

– Diga lá, então, Mrs. Stone.

– Ela pediu que lhe dissesse... «Vós podeis ir todos pró Inferno, porque depois quem é que nos vai trazer os livros do Mack Maguire?» – disse ela bem alto, acenando depois com a cabeça. – Isso mesmo, podeis ir todos pró Inferno. Foi só.

E, enquanto o juiz recomeçava a bater com o martelo, Beth e Kathleen, uma de cada lado de Alice, não conseguiram conter um breve ataque de riso.

Apesar desse momento de descontração, as bibliotecárias saíram do tribunal, ao fim da tarde, mudas e abatidas, como se o veredicto não passasse de mera formalidade. Alice e Fred seguiam juntos atrás do grupo, entrechocando de vez em quando os cotovelos, cada um perdido nos seus pensamentos.

– Pode ser que isto melhore quando o Mr. Turner falar – disse Fred, ao chegarem à biblioteca.

– Talvez.

Ele parou, enquanto elas entravam.

– Queres comer alguma coisa antes de te ires embora?

Alice olhou lá para trás, para as pessoas que ainda estavam a sair em massa da galeria superior do tribunal, e subitamente sentiu uma certa rebeldia. Por que razão não haveria de comer onde muito bem lhe apetecesse? Seria um pecado assim tão grave, com tudo o que se estava a passar?

– Seria ótimo, Fred. Obrigada.

No caminho para casa de Fred, Alice seguia ao lado dele, de costas bem direitas, como se pretendesse desafiar quem quisesse comentar. Foram os dois para a cozinha preparar juntos a refeição, numa estranha semelhança com um ambiente doméstico, uma semelhança que nenhum deles tinha coragem para comentar.

Não falaram de Margery nem de Sven nem da bebé, embora essas três almas estivessem presentes quase em permanência nos seus pensamentos. Não falaram de como Alice se tinha despojado de quase todos os bens que tinha comprado, desde que chegara ao Kentucky, e de que, neste momento,

já só lhe restava uma pequena mala em casa de Margery, devidamente etiquetada e à espera do embarque para casa. Falaram apenas de como a comida estava boa, de como a colheita de maçãs tinha sido incrível nesse ano, do comportamento imprevisível de um dos novos cavalos de Fred e de um livro que ele lera, intitulado *Ratos e Homens*, mas que preferia não ter lido, apesar da qualidade da escrita, pois era uma leitura deveras deprimente para aquela altura. Passadas duas horas, Alice sorriu a Fred (porque lhe era praticamente impossível não sorrir a Fred) e foi-se embora para casa. Porém, daí a poucos minutos, percebeu que por detrás do seu ar bem-disposto se sentia agora mergulhada numa raiva quase permanente: contra um mundo onde apenas poderia estar com o homem que amava por mais alguns dias e contra uma pequena vila onde três vidas estavam prestes a ser destruídas para sempre, por causa de um crime que uma mulher não cometera.

A semana prosseguiu aos solavancos, o que lhe provocou ainda mais raiva. Todos os dias, as bibliotecárias iam sentar-se nas filas da frente da sala de audiências e, todos os dias, ouviam os testemunhos de vários especialistas, que expunham e dissecavam os factos do presente caso: que o sangue existente no exemplar de *Mulherzinhas* correspondia ao de Clem McCullough e que os hematomas que as suas faces e testa apresentavam eram compatíveis com uma pancada desse mesmo livro. Ao longo da semana, o tribunal foi ouvindo as presumíveis testemunhas de carácter: uma mulher constrangida, que declarou que Margery O'Hare lhe havia impingido um livro que ela e o marido consideraram completamente *obsceno*; o facto de Margery não estar casada e ter acabado de dar à luz uma criança, sem mostrar nenhuma vergonha por isso; e também vários idosos – como Henry Porteous, por exemplo –, que se achavam suficientemente idóneos para prestarem testemunho sobre a duração da rixa

entre os O'Hare e os McCullough e sobre as tendências maldosas e vingativas das duas famílias. Testemunhos esses que o advogado de defesa tentou refutar, num esforço de estabelecer algum equilíbrio.

– Xerife, não é verdade que a Miss O'Hare nunca foi detida por crime nenhum nos seus trinta e oito anos de vida?

– Sim, é – confirmou o xerife. – Mas também andam por aí muitos traficantes de bebidas alcoólicas que nunca viram o interior de uma cela.

– Protesto!

– Estou só a dizer, Meritíssimo, que o facto de uma pessoa nunca ter sido detida não significa que se comporte como uma santa. O senhor sabe bem como funcionam as coisas por estas bandas.

O juiz ordenou que aquela declaração fosse retirada dos autos, mas o efeito que o xerife pretendia tinha sido alcançado e o nome de Margery estava, assim, manchado de forma vaga e indeterminada: Alice viu os jurados franzirem o sobrolho e tomarem notas nos seus cadernos e viu Van Cleve a percorrer lentamente o banco dos magistrados com um sorriso de satisfação. Fred já tinha reparado que o xerife fumava agora os mesmos charutos que Van Cleve, de uma marca caríssima importada de França.

Que coincidência!

Na sexta-feira ao fim do dia, o desânimo imperava por entre as bibliotecárias. As sórdidas manchetes tinham surgido uma atrás da outra, e a multidão, embora ligeiramente menor, pelo menos a ponto de já não ser necessário fazer circular cestas com comida e bebida entre o primeiro e o segundo andares do tribunal, continuava obcecada com a *Bibliotecária Sanguinária das Montanhas*. E Sven, quando Fred foi ter com ele na sexta-feira à tarde para lhe fazer o ponto da situação, depois da suspensão das atividades do tribunal durante o fim de semana, enterrara a cabeça entre as mãos e ficara calado durante uns bons cinco minutos.

Nesse dia, quando as mulheres regressaram à biblioteca, sentaram-se em silêncio, porque não tinham nada para dizer, mas também porque, ao mesmo tempo, não queriam ir para casa. Por fim, Alice, que já estava a achar aquele silêncio opressivo, anunciou que ia à loja buscar umas bebidas.

– Acho que merecemos.

– Não te importas que te vejam a comprar bebidas alcoólicas? – perguntou Beth. – Porque, se preferires, posso ir a casa buscar alguma das bebidas traficadas pelo Bert, o primo do meu pai. Eu sei que é difícil para ti, com...

Mas Alice já estava à porta.

– Quero que vão para o Inferno. Daqui a uma semana já nem devo cá estar – disse. – Pois que falem todos de mim à vontade.

Desceu a rua poeirenta, desviando-se dos forasteiros que, depois de terminado o entretenimento no tribunal, ziguezagueavam agora pela rua, rumo aos tascos ou ao Nice ‘N’ Quick, cujos proprietários tinham dificuldade em ter pena de Margery O’Hare, dado o extraordinário crescimento do negócio. Alice caminhava ligeira, de cabeça baixa e cotovelos ligeiramente afastados do corpo, sem vontade de meter conversa com ninguém, nem sequer de dar de caras com algum daqueles vizinhos a quem ela e Margery haviam levado livros durante o último ano e que pareciam estar agora perfidamente a desfrutar dos acontecimentos da semana. Esses também podiam ir para o Inferno.

Teve de abrir caminho para entrar na loja e parou de repente, suspirando baixinho, ao aperceber-se de que tinha pelo menos quinze pessoas à sua frente. Olhou, então, para trás, tentando decidir se não seria melhor ir a um dos bares mais conceituados e ver se lhe vendiam alguma coisa. Que tipo de gente estaria nesses locais? Ultimamente, andava tão furiosa, que se sentia como um barril de pólvora, como se bastasse um comentário menos próprio de um qualquer idiota para ela...

De repente, sentiu um toque no ombro.

– Alice?

Virou-se e viu Bennett, ali, junto às conservas e aos enlatados, com uma das suas habituais camisas e calças azuis de boa qualidade, sem uma única mancha de pó de carvão. Devia ter acabado de sair do trabalho, mas estava, como sempre, tão impecável como se tivesse acabado de saltar das páginas de um catálogo da *Sears*.

– Bennett – disse ela, piscando os olhos e desviando a cara. Não que ainda se sentisse fisicamente atraída por ele, como percebeu enquanto procurava uma razão para aquele súbito desconforto. Restava apenas um vago e residual resquício de afeto. Custava-lhe sobretudo acreditar que se tivesse envolvido com alguém como ele, pele com pele, e o tivesse beijado e implorado por contacto físico. Esta estranha e desequilibrada intimidade provocava-lhe agora um certo embaraço.

– Eu... eu ouvi dizer que te ias embora da vila.

Alice pegou numa lata de tomate, só para ter as mãos ocupadas.

– Sim. Parece que o julgamento vai terminar na terça-feira. E eu devo partir na quarta. Tu e o teu pai já não terão de se preocupar comigo.

Bennett olhou para trás, imaginando talvez que as pessoas estivessem a observá-los, mas os clientes eram todos de fora da vila e nenhum viu nada digno de má-língua no facto de uma mulher e um homem estarem a trocar algumas palavras a um canto da loja.

– Alice...

– Não tens de dizer nada, Bennett. Acho que já dissemos tudo. Os meus pais contrataram um advogado e...

Ele tocou-lhe na manga.

– O meu pai disse que ninguém conseguiu falar com as filhas dele.

Ela afastou a mão.

– Desculpa... O que foi que disseste?

Bennett olhou para trás e sussurrou:

– O meu pai disse que o xerife nunca chegou a falar com as filhas do McCullough. Parece que elas não lhes abriram a porta. Gritaram apenas aos homens do xerife que não tinham nada a dizer sobre o assunto e que não iam falar com ninguém. Ele diz que elas são doidas, as duas, tal como o resto da família. Mas que a acusação tem força suficiente para não precisarem sequer do testemunho delas. – Bennett fitou-a com um olhar intenso, quando acabou de falar.

– Porque é que me estás a contar isso?

Ele mordeu o lábio.

– Achei... achei... que te pudesse ajudar.

Alice olhou para ele, para o seu rosto bonito e ligeiramente imaturo, para as suas mãos suaves como as de um bebé, para os seus olhos ansiosos. E, por momentos, sentiu-se entristecer.

– Lamento – disse ele baixinho.

– Eu também lamento, Bennett.

Ele deu um passo atrás e passou a mão pela face.

Ficaram os dois, ali, por mais um momento, ligeiramente nervosos.

– Bem – disse ele, por fim –, se não voltar a ver-te antes de te ires embora... boa viagem.

Ela meneou a cabeça, e ele dirigiu-se para a porta. Antes de sair, virou-se para trás e, elevando um pouco a voz para ela o ouvir, disse:

– Ah, achei que ias gostar de saber que estou a tratar de reconstruir os diques de lama. Com fundações adequadas e uma base de cimento, para não voltarem a rebentar.

– E o teu pai concordou?

– Há de concordar – disse ele, com um sorriso discreto, num vislumbre do homem que ela um dia conhecera.

– São boas notícias, Bennett. Mesmo boas notícias.

– Pois. Bem... – ele baixou os olhos – ... é um começo.

Dizendo isto, o marido de Alice levou a mão ao chapéu, abriu a porta e foi engolido pela multidão que ainda circulava lá fora.

– O xerife não falou com as filhas dele? Porquê? – perguntou Sophia, abanando a cabeça. – Cá para mim, isso não faz sentido nenhum.

– Para mim, faz todo o sentido – disse Kathleen, do canto onde estava a coser um loro partido, fazendo uma careta tal era o esforço de passar a enorme agulha pelo couro. – Fizeram aquele caminho todo, até Arnott's Ridge, para irem falar com uma família conhecida por causar problemas. Imaginavam que as raparigas não soubessem nada sobre o paradeiro do pai, tendo em conta que ele era um bêbedo inveterado, acostumado a desaparecer dias a fio. Depois de baterem à porta várias vezes e de elas lhes dizerem para se irem embora, desistiram e voltaram para trás. E é preciso meio dia de viagem para cada lado.

– Por sinal, o McCullough era um borrachão com mau feitio – disse Beth. – Talvez o xerife não quisesse pressioná-las demasiado, não fosse dar-se o caso de elas lhe dizerem alguma coisa que ele não quisesse ouvir. Eles precisam de passar a imagem de que o McCullough era boa pessoa, para fazer a Margery parecer má rês.

– Mas o nosso advogado deve ter ido interrogá-las, não?

– O Senhor-Não-Me-Toques de Lexington? Achas que ele ia cavalgar durante meio dia, montado num macho, até Arnott's Ridge, para falar com um bando de labregas mal-encaradas?

– Mas também não estou a ver como é que isso nos pode ajudar – disse Beth. – Se elas não falaram com os homens do xerife, dificilmente vão falar connosco.

– Talvez seja exatamente por isso que vão falar connosco – disse Kathleen.

Izzy apontou para a parede.

– A Margery indicou a casa do McCullough na lista dos lugares a *não ir de maneira nenhuma*. Olhem, é exatamente isso que diz aqui.

– Pois, mas talvez estivesse a fazer precisamente aquilo que lhe fizeram a ela – disse Alice. – A basear-se em boatos, sem conhecer verdadeiramente os factos.

– Aquelas raparigas não são vistas na vila há quase dez anos – murmurou Kathleen. – Diz-se que o pai não as deixou mais sair de casa, depois de a mãe ter desaparecido. É uma daquelas famílias que não saem da toca.

Alice lembrou-se das palavras de Margery, palavras que não lhe saíam da cabeça há vários dias: *Há sempre uma solução. Até pode ser feia. Até podes ficar com a sensação de teres ficado sem chão. Mas nunca estás encurralada.*

– Eu vou até lá – disse Alice. – Acho que não temos nada a perder.

– Talvez a cabeça?... – interpôs Sophia.

– Neste momento, da maneira como ando com a minha, acho que não ia fazer grande diferença.

– Conheces as histórias que se contam sobre aquela família? Imaginas como devem estar a odiar-nos neste momento? Queres arranjar maneira de te matarem?

– Consegues dizer-me que outra alternativa tem a Margery? – inquiriu Alice. Sophia lançou-lhe um olhar severo, mas não respondeu. – Pois é... Alguma de vocês tem o mapa daquele caminho?

Por segundos, Sophia não se mexeu. Mas depois abriu a gaveta e, sem dizer nada, remexeu nos papéis, à procura do mapa, e entregou-lho.

– Obrigada, Sophia.

– Eu vou contigo – disse Beth.

– Então, eu também vou – disse Izzy.

Kathleen pegou no chapéu.

– Então, parece que vamos todas de passeio. Amanhã, às oito, aqui?

– É melhor às sete – disse Beth.

Pela primeira vez em vários dias, Alice deu por si a sorrir.

– Que Deus vos ajude a todas – disse Sophia, abanando a cabeça.

Ao fim de algumas horas, ficou claro por que razão só Margery e o Charley faziam a rota de Arnott's Ridge. Mesmo com as boas condições climáticas do início de setembro, a rota era longínqua e árdua, com fendas profundas, trilhos estreitos sobre precipícios e uma série de obstáculos a ultrapassar, para continuar a subir ou a descer as escarpas, tais como valas, cercas e árvores tombadas. Alice tinha trazido o Charley, convencida de que ele saberia o caminho, e assim foi. O macho avançou de bom grado pela cumeada acima, num trote alongado, a agitar as orelhas enormes para trás e para a frente, seguindo o seu próprio rasto já bem marcado ao longo da margem do riacho e pelo talude acima, seguido de perto pelos outros cavalos. Nesta zona, não havia nenhuma marca nas árvores nem fitas vermelhas; era evidente que Margery nunca pensara que outra bibliotecária, além dela, pudesse fazer aquela rota. De vez em quando, Alice ia olhando para trás, para as colegas, esperando poder confiar no Charley como guia.

O ar era húmido e pesado, e a floresta, agora tingida de tons ambarinos, estava coberta de folhas caídas, que abafavam os sons à medida que iam percorrendo os trilhos mais recônditos. Elas cavalgavam em silêncio, concentradas no terreno desconhecido, falando apenas para sussurrarem elogios às montadas ou para chamarem a atenção para algum obstáculo que se aproximasse.

À medida que percorriam o trilho rumo ao cimo das montanhas, Alice lembrou-se de que nunca tinham cavalgado todas juntas, pelo menos não desta maneira. E lembrou-se também de que era perfeitamente possível que esta fosse a última vez que ela própria subia as montanhas.

Dentro de uma semana, aproximadamente, Alice apanharia o comboio para Nova Iorque e, depois, o gigantesco transatlântico que a levaria de volta a Inglaterra e a uma vida muito diferente. Virou-se na sela e olhou

para o grupo de mulheres atrás de si, a pensar como gostava delas e como separar-se delas, e não só de Fred, seria a coisa mais difícil que já tivera de suportar. Não conseguia imaginar que, na sua nova vida, entre conversas elegantes e chávenas de chá, pudesse vir a conhecer mulheres com quem sentisse tanta proximidade e sintonia.

As outras bibliotecárias esquecê-la-iam aos poucos, ocupadas com o trabalho, as famílias e os intermináveis desafios de cada estação. Claro que prometeriam escrever umas às outras, mas não seria a mesma coisa. Nunca mais partilhariam experiências, o vento frio a fustigar-lhes o rosto, os avisos de cobras nos trilhos, a comiseração ante a queda de alguma delas. Alice acabaria, gradualmente, por se tornar no posfácio de uma história: *Lembram-se daquela inglesa que cavalgou connosco durante algum tempo? A mulher do Bennett Van Cleve?*

– Acho que estamos a chegar, não estamos? – disse Kathleen, interrompendo-lhe os pensamentos e pondo-se ao seu lado.

Alice freou o Charley, tirou o mapa do bolso e abriu-o.

– Bem... segundo o mapa, é perto daquele cume – disse ela, semicerrando os olhos para focar melhor as imagens desenhadas à mão. – Ela disse que as irmãs vivem a seis quilómetros naquela direção e que a Nancy fazia sempre a última parte do percurso a pé por causa da ponte suspensa. Por isso, a casa dos McCullough deve ficar... algures por ali.

– Estás a ler o mapa de pernas para o ar? Por acaso até sei que essa maldita ponte fica daquele lado – interpôs Beth, com ar trocista.

Alice tinha um nó no estômago de tantos nervos.

– Se sabes assim tanto, é melhor ires tu à frente e avisas-nos quando lá chegares, não achas?

– Não precisas de ficar zangada. Tu não és daqui, é só isso. Eu só achei que...

– Ah, como se eu não soubesse. Como se a vila não tivesse passado o último ano a lembrar-me disso.

– Não é preciso levares as coisas tão a peito, Alice. Bolas! Só estava a dizer que algumas de nós podiam conhecer melhor as montanhas do que...

– Cala-te, Beth. – Até Izzy estava irritada. – Nós nem sequer tínhamos chegado aqui se não fosse a Alice.

– Esperem... – disse Kathleen. – Olhem.

Foi o fumo que as alertou, um ténue rasto cinzento em que elas nem teriam reparado se as árvores em volta não tivessem perdido a folhagem, permitindo-lhes ver aquela nuvem trémula no céu carregado. Pararam na clareira, de onde conseguiam avistar o tosco casebre ao cimo da montanha, com um quintal muito descuidado e o madeiramento do telhado, a que faltavam algumas telhas. Era a única casa visível num raio de vários quilómetros, e tudo nela revelava negligência e hostilidade para com possíveis visitantes. Um cão de ar agressivo, amarrado a uma corrente, começou a ladrar feroz e repetitivamente ao detetar a presença delas por entre as árvores.

– Será que vão disparar sobre nós? – disse Beth, cuspidando ruidosamente.

Fred dissera a Alice que levasse a espingarda dele, e ela trazia-a pendurada ao ombro pela bandoleira, embora não soubesse até que ponto isso seria visto com bons olhos pela família McCullough.

– Quantos estarão ali? Houve quem dissesse ao meu irmão mais velho que nenhum dos familiares de fora da vila chegou a vir aqui acima alguma vez.

– Pois foi. Como disse a Mrs. Brady, é bem provável que só tenham vindo mesmo para o espetáculo – disse Kathleen, semicerrando os olhos para tentar ver melhor.

– Não parece que tenham vindo pela fortuna dos McCullough, pois não? Afinal, o que é que a tua mãe disse sobre vires até aqui? – perguntou Beth a

Izzy. – Estou surpreendida por ter deixado.

Izzy fez passar o Patch por cima de uma pequena vala e pigarreou.

– Izzy?

– Na verdade, ela não sabe.

– Izzy! – repreendeu Alice, virando-se na sela.

– Cala-te, Alice. Sabes tão bem como eu que ela não me teria deixado vir – disse Izzy, esfregando a bota.

Estavam todas viradas para a casa, e Alice estremeceu.

– Se te acontece alguma coisa, é a mim que a tua mãe vai meter naquele banco dos réus, ao lado da Margery. Oh, Izzy... Isto não é seguro. Eu nunca teria deixado que viesses se me tivesses dito a verdade – disse-lhe Alice, abanando a cabeça.

– Então, porque vieste, Izzy? – perguntou Beth.

– Porque somos uma equipa. E as equipas têm de estar unidas – respondeu Izzy, de queixo erguido. – Somos as bibliotecárias a cavalo de Baileyville e estamos unidas.

Beth deu-lhe um soco ao de leve no braço, enquanto o cavalo avançava.

– É isso mesmo, porra!

– Ui! Será que *alguma vez* vais parar de dizer palavrões, Beth Pinker?

Izzy retribuiu-lhe o soco e até guinchou, quando os cavalos colidiram.

Por fim, foi Alice que acabou por ir à frente. Aproximaram-se, até onde a corrente que prendia o cão rosnador lhes permitiu, e depois Alice desmontou e entregou as rédeas a Kathleen. Deu dois passos em direção à porta, mantendo-se afastada do cão, que lhe arreganhava os dentes de pelo todo eriçado, e olhou nervosa para a corrente, esperando que a outra ponta estivesse bem segura.

– Ó da casa!

Pelas duas janelas da frente, cobertas de pó e sujeira, não veio nenhuma resposta. Não fora o rasto de fumo e teria ficado com a certeza de que não estava ninguém em casa.

Alice deu um passo em frente e ergueu a voz:

– Miss McCullough? A senhora não me conhece, mas eu trabalho na Biblioteca a Cavalo, lá em baixo, na vila. Sei que não quis falar com os homens do xerife, mas eu agradecia-lhe muito se nos pudesse dar uma ajuda.

A voz dela ecoava pela encosta da montanha, mas não havia nenhum movimento dentro de casa.

Alice virou-se e olhou para as colegas, hesitante. Os cavalos batiam com os cascos, impacientes, e resfolegavam de olhos postos no cão, que não parava de rosnar.

– Não lhe vamos tomar muito tempo!

O cão virou a cabeça e calou-se por instantes, abatendo-se um silêncio de morte sobre a montanha. Nada mexia – nem os cavalos nem os pássaros nas árvores. Alice sentiu um arrepio a percorrer-lhe a pele, como se fosse um presságio de algo terrível. E lembrou-se da descrição do corpo de McCullough, ao qual haviam sido arrancados os olhos durante os meses que passara enterrado, não muito longe dali.

Não quero estar aqui, pensou, sentindo algo visceral e assustador pelas costas abaixo. Nisto, levantou os olhos e viu Beth a acenar-lhe com a cabeça, como quem diz: *Vá lá, tenta outra vez*.

– Ó da casa!... Miss McCullough? Está alguém em casa?

Nada.

– Ó da casa!

Uma voz quebrou o silêncio:

– *Ponham-se a andar e deixem-nos em paz!*

Quando Alice se virou, deparou-se com os canos de uma espingarda a espreitarem da porta, por uma fresta.

Engoliu em seco e preparava-se para falar, quando viu Kathleen aproximar-se, a pé, e colocar-lhe a mão no braço, antes de dizer:

– Verna? É você? Não sei se se lembra de mim, mas eu sou a Kathleen Hannigan, agora Bligh. Costumava brincar com a sua irmã, lá em baixo, em Split Creek, lembra-se? Por altura das colheitas, fazíamos bonecas de palha de milho com a minha mãe... Acho até que ela fez uma para si. Uma com uma fita às pintas? Lembra-se disso?

O cão estava agora a olhar para Kathleen e a arreganhar a dentuça.

– Não viemos aqui para causar problemas – disse ela, levantando as mãos. – Só estamos a tentar ajudar uma amiga e ficávamos muito gratas se nos deixasse conversar um bocadinho consigo.

– *Nós não temos nada para dizer seja a quem for!*

Ninguém se mexeu. O cão parou momentaneamente de rosnar, de focinho virado para a porta. Os dois canos da espingarda não saíam do sítio.

– Eu não vou à vila – disse a voz, lá de dentro. – Não vou... Já disse ao xerife em que dia o meu pai desapareceu, e pronto. Não há mais nada a dizer.

Kathleen deu outro passo em frente.

– Nós entendemos, Verna. Só precisávamos mesmo de uns minutos do seu tempo para conversarmos. Só para ajudarmos a nossa amiga. Por favor?...

Seguiu-se um longo silêncio.

– O que é que lhe aconteceu?

Elas entreolharam-se.

– Não sabe? – perguntou Kathleen.

– O xerife só disse que encontraram o corpo do meu pai. E quem o matou.

Alice tomou a palavra:

– Foi mais ou menos isso, Miss Verna. Só que é a nossa amiga que está a ser acusada, e nós juramos por Deus que ela não é nenhuma assassina.

– Miss Verna, deve conhecer a Margery O’Hare. E também deve saber que é pelo nome do pai dela que ela é conhecida. – Kathleen estava agora a falar mais baixo, como se estivessem a ter uma simples conversa. – Mas ela é boa mulher, só é um bocadinho... diferente, mas não é uma assassina desnaturada. E a filha dela corre o risco de crescer sem mãe por causa dos boatos e dos rumores.

– A Margery O’Hare teve uma criança? – A espingarda desceu ligeiramente. – Com quem é que ela casou?

As bibliotecárias trocaram olhares constrangidos.

– Bem, na verdade, não casou.

– Mas isso não quer dizer nada – apressou-se Izzy a acrescentar. – Isso não quer dizer que não seja boa pessoa.

Beth aproximou o cavalo um pouco mais da casa e levantou o alforge no ar.

– Quer livros, Miss McCullough? Para si e para a sua irmã? Temos livros de receitas, livros de histórias, todo o tipo de livros. Há muitas famílias aqui, nas montanhas, que gostam de receber livros. Não tem de pagar nada, e nós podemos vir cá trazer-lhe mais, sempre que quiser.

Kathleen olhou para Beth, abanou a cabeça e disse-lhe com os lábios: *Acho que ela não sabe ler.*

Alice, ansiosa, tentou falar mais alto do que elas:

– Miss McCullough, nós lamentamos imenso o que aconteceu ao seu pai. Devia gostar muito dele. E pedimos muita desculpa por vir incomodá-la com este assunto, mas não estaríamos aqui se não estivéssemos desesperadas para ajudar a nossa amiga...

– Eu não lamento – disse a rapariga.

Alice engoliu o resto da frase que ia dizer e deixou descair um pouco os ombros. A boca de Beth fechou-se, desalentada.

– Bem, eu entendo que tenha ressentimentos em relação à Margery, mas imploro-lhe apenas que nos ouça...

– Não tem nada que ver com ela – disse Verna, num tom de voz mais duro. – O que eu não lamento é o que aconteceu ao meu pai.

As mulheres entreolharam-se, confusas. A arma baixou um pouco mais e, por fim, desapareceu.

– Você é a Kathleen que costumava usar tranças?

– Sim, sou essa mesmo.

– Vocês vieram de Baileyville até aqui?

– Sim, senhora – disse Kathleen.

Seguiu-se um breve silêncio.

– Então, é melhor entrarem.

Perante o olhar atento das bibliotecárias, a porta de madeira tosca entreabriu-se e, passado um segundo, abriu-se um pouco mais, com as dobradiças a rangerem. E à sua frente, pela primeira vez e no meio da penumbra, elas viram Verna McCullough, de vinte anos, com um vestido azul, desbotado e remendado nos bolsos, e um lenço a amarrar o cabelo, enquanto a irmã andava de um lado para o outro atrás dela, na sombra.

Seguiu-se um breve silêncio, enquanto todas tentavam assimilar o que tinham diante dos olhos.

– Oh, *merda* – disse Izzy, em surdina.

Na segunda-feira de manhã, Alice era a primeira da fila para entrar no tribunal. Mal conseguira dormir e tinha os olhos inchados e irritados. Ainda muito cedo, tinha ido levar à cadeia broas de milho acabadas de fazer, mas o agente Dulles olhara para a lata e dissera, como quem pede desculpa, que Margery não andava a comer nada.

– Mal tocou na comida durante o fim de semana – disse ele, parecendo genuinamente preocupado.

– Mas guarde-a na mesma, pode ser que consiga convencê-la a comer alguma coisa mais tarde.

– Ontem, não veio.

– Estive ocupada.

Ele franziu o sobrolho face à brusquidão da resposta, mas decidiu que a situação na vila por aqueles dias já estava suficientemente caótica, pelo que não valia a pena pôr-se a questionar o que quer que fosse, e desceu às celas.

Alice ocupou o seu lugar à frente e olhou para a multidão, mas não viu Kathleen nem Fred. Izzy veio sentar-se ao seu lado, logo seguida por Beth, que ainda vinha a fumar a ponta de um cigarro, que apagou com o pé.

– Já soubeste de alguma coisa?

– Ainda não – disse Alice.

Qual não foi a sua surpresa quando, de repente, viu Sven, sentado duas filas atrás, de rosto triste e olheiras profundas, como se não dormisse há semanas, olhos pregados na parte da frente da sala e mãos fincadas nos joelhos. Havia algo na rigidez da sua postura que mostrava um homem num esforço supremo para se conter, o que fez Alice engolir dolorosamente em seco. Depois, estremeceu, quando sentiu Izzy a apertar-lhe a mão, gesto que retribuiu, tentando controlar a respiração.

Instantes depois, trouxeram Margery, de cabeça baixa e passo lento, que ficou de pé, com uma expressão indecifrável e já sem se preocupar sequer em olhar para ninguém.

– Vá lá, Marge – disse Beth, baixinho.

Em seguida, o juiz Arthurs entrou na sala de audiências e todos se levantaram.

– A Miss Margery O’Hare é vítima de circunstâncias infelizes. Ela estava, por assim dizer, no sítio errado à hora errada. Agora, só Deus saberá o que realmente se passou no cimo daquela montanha, mas o que nós sabemos é que a prova que coloca um livro da biblioteca, que, afinal, pode ter viajado por meio condado de Lee, junto de um corpo que bem podia estar ali estendido havia seis meses é muito pouco sólida – estava a dizer o advogado de defesa, que levantou os olhos quando a porta do fundo se abriu. Então, todos se viraram para trás e viram que era Kathleen Bligh que acabava de entrar, a passos largos, toda transpirada e um pouco ofegante.

– Com licença. Peço imensa desculpa. Com licença – disse ela, correndo até à frente da sala de audiências, onde se inclinou para falar com Mr. Turner.

Ele olhou para trás e depois levantou-se, com uma mão na gravata, enquanto a assistência murmurava, apanhada de surpresa.

– Meritíssimo? Temos uma testemunha que gostaria muito de dizer algo a este tribunal.

– E não pode esperar?

– É de extrema relevância para o caso, Meritíssimo.

O juiz suspirou.

– Aproximem-se, por favor, senhores advogados.

Os dois homens ficaram parados diante do juiz e, como nenhum deles fez questão de baixar a voz – um, devido à premência da situação, e o outro,

graças à frustração –, toda a sala ouviu praticamente tudo o que foi dito.

– É a filha – disse Mr. Turner.

– Que filha? – perguntou o juiz.

– A filha do McCullough. A Verna.

O advogado de acusação olhou para trás e abanou a cabeça.

– Meritíssimo, não fomos previamente informados da existência desta testemunha e contesto veementemente a sua introdução numa fase já tão avança...

O juiz mascou, pensativo.

– Os ajudantes do xerife não foram lá acima a Arnott's Ridge tentar falar com a rapariga?

O advogado de acusação balbuciou:

– Bem, s...sim. Mas ela não quis vir. Segundo dizem os que conhecem bem a família, há vários anos que ela não sai de casa.

O juiz recostou-se na cadeira.

– Então, eu diria que, sendo filha da vítima e possivelmente a última pessoa a vê-lo vivo, e estando agora disposta a vir aqui responder a algumas perguntas sobre o último dia de vida do seu pai, o mais provável é que tenha informações pertinentes para o caso. Não concorda, Mr. Howard?

O advogado de acusação olhou de novo para trás. Van Cleve estava a chegar-se para a frente, tenso e a contrair os lábios de insatisfação.

– Sim, Meritíssimo.

– Muito bem. Vou ouvir a testemunha – disse o juiz, acenando com um dedo.

Kathleen e o advogado conversaram um instante em surdina e depois ela correu para o fundo da sala.

– Quando estiver pronto, Mr. Turner.

– Meritíssimo, a defesa chama Miss Verna McCullough, filha de Clem McCullough. Miss McCullough? Poderia dirigir-se ao banco das

testemunhas, se faz favor? Ficar-lhe-ia muito grato.

Seguiu-se um rumor de expectativa. As pessoas contorciam-se nos lugares. A porta do fundo abriu-se para deixar entrar Kathleen, de braço dado com uma mulher mais jovem que vinha um passo mais atrás. E, perante o olhar silencioso dos presentes, Verna McCullough avançou, vagarosa mas determinadamente, para a frente da sala, parecendo que cada passo lhe exigia um esforço colossal. Levava uma das mãos colocada ao fundo das costas e exibia uma barriga enorme e descida.

Porque a todos ocorreu o mesmo pensamento, a sala foi percorrida por um murmúrio de surpresa e uma segunda vaga de exclamações.

– A senhora mora em Arnott’s Ridge?

Verna puxara o cabelo para trás, que prendera com um gancho, e agora mexia nele, como se estivesse fora do lugar.

– Sim, senhor. Com a minha irmã. E, antes, com o nosso pai. – A sua voz emergiu num sussurro rouco.

– Pode falar mais alto, por favor? – pediu o juiz.

– E eram só os três? – continuou a perguntar o advogado.

Ela agarrou-se ao rebordo do banco das testemunhas e olhou em redor, como se só agora se tivesse dado conta do número de pessoas que estava na sala; talvez por isso, pareceu perder a voz por momentos.

– Miss McCullough?

– Hum... Sim. A nossa mãe foi-se embora, quando eu tinha oito anos, e desde então ficámos só os três.

– A sua mãe morreu?

– Não sei, meu senhor. Uma manhã, quando acordámos, o meu pai disse-nos que ela tinha desaparecido. Só isso.

– Estou a ver. Então, não sabe exatamente o que lhe aconteceu?

– Bem, acho que morreu, porque ela estava sempre a dizer que um dia o meu pai a ia matar.

– Protesto! – disse o promotor público.

– Retire esta observação dos autos, por favor. Apenas ficará registado que o paradeiro da mãe de Miss McCullough é desconhecido.

– Obrigado, Miss McCullough. E quando é que viu o seu pai pela última vez?

– Deviam faltar uns cinco dias para o Natal.

– E desde então não voltou a vê-lo?

– Não, senhor.

– E procurou-o?

– Não, senhor.

– A senhora e a sua irmã... não ficaram preocupadas? Por ele não ter voltado para casa, por ser Natal?

– Não era... um comportamento assim tão estranho para o nosso pai. Não deve ser segredo que ele gostava de beber. Acredito que seja... fosse... do conhecimento do xerife.

O xerife anuiu, com certa relutância.

– Senhor doutor, será que me posso sentar? Sinto-me um pouco fraca.

O juiz fez sinal ao oficial de justiça para lhe trazerem uma cadeira, e todos aguardaram que a cadeira fosse colocada e que ela se sentasse. Alguém lhe trouxe também um copo de água. Agora, o rosto dela só era visível acima do banco das testemunhas, e muitas pessoas da assistência inclinaram-se para a frente para tentarem vê-la melhor.

– Então, Miss McCullough, quando ele não voltou para casa no dia... vinte de dezembro, a senhora não viu nada de particularmente alarmante nesse comportamento?

– Não, senhor.

– E ele, quando saiu, disse-lhes para onde ia? Para algum bar?

Pela primeira vez, Verna hesitou bastante antes de responder; depois, olhou para Margery, que estava de olhos no chão.

– Não, senhor. Ele disse... – Verna engoliu em seco e voltou a virar-se para o juiz. – ... disse que ia devolver o livro da biblioteca.

Elevou-se um clamor da assistência, um som que podia ter sido provocado pelo choque ou por um acesso de riso, ou talvez uma mistura de ambos. Era difícil dizer. Margery, no banco dos réus, levantou a cabeça pela primeira vez. Alice baixou os olhos e viu que Izzy lhe apertava a mão já com os nós dos dedos brancos.

O advogado de defesa virou-se para o júri.

– Posso pedir-lhe que me confirme se ouvi bem o que disse, Miss McCullough? A senhora disse que o seu pai saiu para ir devolver um *livro da biblioteca*?

– Sim, senhor. Ele tinha começado há pouco tempo a receber livros da Biblioteca a Cavalo WPA e achava que era uma coisa muito boa. Tinha acabado de ler um livro muito bom e disse que era seu dever cívico ir devolvê-lo o mais depressa possível, para que outra pessoa também o pudesse ler.

As cabeças de Mr. Howard, o promotor público, e do seu assessor aproximaram-se numa conversa urgente. O primeiro levantou a mão, mas o juiz negou-lhe o pedido acenando também com a mão.

– Continue, Miss McCullough.

– Eu e a minha irmã... bem, nós bem o avisámos para ele não sair de casa com aquele mau tempo, porque havia muita neve e gelo e tudo, e ele podia escorregar e cair. Mas ele já tinha bebido muito e não nos deu ouvidos. E repetia que não queria atrasar-se a devolver o livro da biblioteca.

O olhar de Verna percorria a sala de audiências, enquanto falava, já com a voz firme e clara.

– Então, o Mr. McCullough saiu de casa sozinho e a pé para enfrentar a neve.

– Sim, senhor. E levou o livro da biblioteca.

– Para vir a pé até Baileyville.

– Sim, senhor. Nós avisámo-lo que era uma loucura.

– E nunca mais o viu nem soube mais nada dele?

– Não, senhor.

– E... não pensou ir à procura dele?

– Eu e a minha irmã não saímos de casa, senhor. Depois de a minha mãe ter desaparecido, o nosso pai nunca gostou que viéssemos à vila, e nós não gostávamos de lhe desobedecer, por causa do mau feitio dele, e isso tudo. Íamos dar uma volta pelo quintal, ao anoitecer, e gritávamos por ele, para o caso de estar por ali caído, mas a maior parte das vezes ele só voltava quando bem lhe apetecia.

– Então, limitaram-se a esperar que ele regressasse.

– Sim, senhor. Ele até já tinha ameaçado abandonar-nos, por isso, quando não regressou, acho que uma parte de nós pensou que ele tivesse finalmente feito isso. E depois, em abril, apareceu o xerife a dizer que ele estava... morto.

– Miss McCullough, posso fazer-lhe só mais uma pergunta? A senhora foi extremamente corajosa ao fazer esta viagem pela montanha abaixo e vir prestar este testemunho tão difícil, e eu estou-lhe muito grato por isso. Mas só uma última pergunta: lembra-se de qual era o livro que o seu pai tanto gostou de ler e se sentiu tão fortemente na obrigação de devolver?

– Ah, lembro-me, sim, senhor. Lembro-me muito bem.

Nesse instante, Verna McCullough fitou com os seus olhos azul-claros os de Margery O'Hare, e é bem possível que as pessoas mais próximas tivessem detetado um leve sorriso nos seus lábios.

– Era um livro chamado *Mulherzinhas*.

O tribunal explodiu numa chinfrineira, obrigando o juiz a bater com o martelo umas seis ou oito vezes até algumas das pessoas ouvirem – ou perceberem que aquilo já era um excesso – e se calarem. Por todo o tribunal, pessoas furiosas desataram aos gritos, incrédulas, e às gargalhadas, e o juiz, com as sobrancelhas carregadas e caídas sobre os olhos, ficou vermelho de raiva.

– Silêncio! Não vou tolerar qualquer desrespeito a este tribunal, ouviram? A próxima pessoa que fizer barulho será acusada de afronta ao tribunal! Silêncio na sala!

Fez-se silêncio. O juiz aguardou um momento, para ter a certeza de que toda a gente tinha compreendido a mensagem.

– Agora, senhores advogados, podem aproximar-se, por favor?

Seguiu-se uma conversa em surdina, que desta vez não foi audível no resto da sala, onde um burburinho começava a crescer perigosamente. No lado oposto, Mr. Van Cleve parecia prestes a entrar em combustão. Alice viu-o levantar-se uma e outra vez, mas o xerife virou-se e obrigou-o a sentar-se. Ela conseguia ver Van Cleve a apontar e a mexer os lábios, como se não pudesse acreditar que nem ele tinha direito a levantar-se e a ir debater o assunto com o juiz. Margery estava sentada, completamente imóvel e incrédula.

– Vá lá – murmurava Beth, já com os nós dos dedos todos brancos, tal a força com que agarrava o banco. – Vá lá. Vá lá.

Ao fim daquilo que pareceu uma eternidade, os dois advogados regressaram enfim aos seus lugares e o juiz voltou a bater com o martelo.

– Podemos chamar novamente o médico forense, por favor?

Ouviu-se um burburinho quando o médico regressou ao banco das testemunhas. Na sala, eram muitos os que se remexiam nos lugares e faziam caretas uns aos outros.

O advogado de defesa levantou-se.

– Dr. Tasker... Só mais uma questão: na sua opinião profissional, é possível que as lesões na cara da vítima pudessem ter sido causadas pelo peso de um livro grande, de capa dura, a cair-lhe em cima? Caso ele tivesse escorregado e caído de costas, por exemplo. – Fez sinal ao oficial de justiça e ergueu o exemplar de *Mulherzinhas*. – Um livro do tamanho deste...? Aqui tem. Vou deixá-lo tomar-lhe o peso.

O médico pegou no livro, avaliou-lhe o peso e refletiu por um momento.

– Bem... sim. Eu diria que essa seria uma explicação razoável.

– Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

O juiz precisou apenas de mais dois minutos de troca de opiniões judiciais para chegar a uma conclusão. Bateu, então, com o martelo, para acalmar a assistência. Depois, apoiou abruptamente a cabeça nas mãos e assim ficou por um bom minuto. Quando a reergueu, perscrutou a sala com uma expressão de inacreditável exaustão.

– À luz desta nova prova, parece-me que terei de concordar com o advogado de defesa quanto a já não estarmos, com toda a certeza, perante um julgamento por homicídio. Todas as provas tangíveis parecem indiciar que se tratou de... um infeliz acidente. Um bom homem que saiu para praticar uma boa ação e que, devido às... hum... condições meteorológicas que se faziam sentir, digamos assim, sofreu uma morte prematura.

O juiz respirou fundo e juntou as mãos.

– Dado que as provas apresentadas, neste caso, pela acusação são, na sua maior parte, circunstanciais e extremamente dependentes deste livro, e considerando o depoimento claro e inequívoco desta testemunha no que diz respeito ao anterior paradeiro deste mesmo livro, sou obrigado a suspender este julgamento e a declarar um veredicto de morte accidental. Miss McCullough, agradeço o esforço que fez para cumprir o seu... dever cívico e gostaria de lhe apresentar, uma vez mais, as minhas públicas e mais sinceras condolências pela sua perda. Miss O'Hare, a senhora está a partir

de agora livre para abandonar o tribunal. Senhores oficiais de justiça, podem libertar a prisioneira.

Desta vez, o tribunal entrou realmente em erupção. Alice viu-se subitamente rodeada pelas colegas, que não paravam de saltar e de gritar, lavadas em lágrimas, de braços, cotovelos e peitos unidos num abraço gigante. Sven saltou por cima da barreira e chegou junto de Margery, no momento em que o guarda lhe retirava as algemas, mesmo a tempo de a amparar nos braços, quando ela começava a sucumbir, em choque. Saíram de imediato pela porta dos fundos, ora andando ela pelo seu pé, ora levando-a ele quase ao colo, com o subxerife Dulles a protegê-los, antes que alguém se apercebesse do que se estava realmente a passar. Enquanto tudo isto acontecia, era possível ouvir Van Cleve a gritar que aquilo era uma *palhaçada*! Uma autêntica *palhaçada da justiça*! E os que tivessem um ouvido particularmente apurado talvez ainda tivessem ouvido Mrs. Brady retorquir:

– Por uma vez na vida, feche essa matraca balofa, seu traste velho!

No meio de tamanho rebuliço, ninguém reparou que Sophia saiu discretamente da zona dos negros, com o saco debaixo do braço, e desapareceu porta fora, percorrendo com passo rápido a curta distância que separava o tribunal da biblioteca, acelerando cada vez mais à medida que se ia afastando.

Só quem tivesse uma audição apuradíssima poderia ter escutado Verna McCullough murmurar em surdina, no momento em que passava pelas bibliotecárias em direção à porta, sempre com a mão ao fundo das costas e uma expressão veemente e determinada:

– Até que enfim!

Todos achavam que Margery não devia ficar sozinha, por isso, levaram-na para a biblioteca e trancaram as duas portas, conscientes de que os

jornais de maior circulação do Kentucky, bem como metade dos habitantes da vila, iriam de repente querer falar com ela. Margery mal dissera uma palavra durante a curta caminhada, e mexia-se com lentidão e uma estranha fragilidade, como se estivesse doente, embora tivesse acabado de comer meia tigela de sopa de feijão, que o Fred lhe trouxera de casa – e sem tirar os olhos dela, enquanto a comia, como se aquela fosse a única coisa à sua volta da qual tinha a certeza. As outras bibliotecárias comentavam entre si o choque do veredicto, a fúria impotente de Van Cleve e o facto de Verna ter realmente feito o que tinha prometido.

Verna havia passado a noite anterior em casa de Kathleen, depois de ter sido trazida da montanha no Patch, mas estava tão nervosa com a ideia de ter de enfrentar toda aquela gente da vila, que Kathleen chegara a ter medo de já não a encontrar quando acordasse. Só de manhã, quando Fred chegou com a carrinha para as levar para o tribunal, é que Kathleen acreditou que talvez tivessem sorte; mas, mesmo assim, a rapariga era tão estranha e tão imprevisível, que eles não faziam ideia do que ela poderia dizer.

Margery parecia ouvir tudo aquilo à distância, com uma expressão estranhamente ausente e indiferente, como se tanto barulho e tanta agitação fossem de mais para ela, depois de tantos meses de silêncio.

Alice tinha vontade de a abraçar, mas algo no comportamento de Margery parecia coibi-la. Nenhuma das bibliotecárias sabia bem o que havia de lhe dizer e deram por si a falar quase como se ela fosse uma estranha: *Mais água? Alguma coisa que possamos fazer por ti? A sério, Margery, é só dizeres...*

Passada quase uma hora de ali chegarem, ouviram uma leve pancada na porta e Fred, ao reconhecer a voz que chamava baixinho, foi destrancá-la. Entreabriu-a e, então, os seus olhos pousaram em algo pouco visível, mas que lhe desenhou um sorriso rasgado. Depois, Fred afastou-se e foi Sven quem subiu os dois pequenos degraus, trazendo nos braços a bebé, de

vestido amarelo-claro e calcinhas por baixo, com uns olhinhos redondos e cintilantes, e umas mãos pequeninas que agarravam com força a manga do pai.

Margery ergueu a cabeça e, ao vê-la, levou lentamente as mãos à boca, com os olhos a marejarem-se-lhe de lágrimas, e levantou-se da cadeira, devagar.

– Virginia? – disse, com voz vacilante, como se mal conseguisse acreditar no que via.

Sven aproximou-se de Margery e entregou-lhe a bebé. As duas olharam-se nos olhos, com Virginia a perscrutar a mãe como que a certificar-se. Depois, perante o olhar de todos, a bebé fez um compasso de espera e encostou a cabeça debaixo do queixo da mãe, com o polegar metido na boca. Ao senti-la, Margery fechou os olhos e começou a soluçar, em silêncio, com o rosto contraído e a sentir o peito a arquejar violentamente, como se estivesse a exorcizar uma dor terrível. Sven deu um passo em frente e envolveu as duas nos seus braços, puxando-as para si e baixando a cabeça. E, então, conscientes de que se tratava de um momento íntimo que deviam respeitar, Fred e as bibliotecárias saíram da biblioteca em bicos de pés e subiram em silêncio o caminho de acesso a casa dele.

As bibliotecárias a cavalo WPA de Baileyville eram, de facto, uma equipa, e uma equipa unida. Mas certos momentos eram privados.

Passar-se-iam vários dias até as outras bibliotecárias repararem que o livro de registos que o xerife acreditara ter desaparecido nas grandes inundações estava cuidadosamente empilhado com os restantes, na estante à esquerda da porta. Numa das entradas de 15 de dezembro de 1937, estava apontado um empréstimo a *Mr. McCullough, em Arnott's Ridge*, de *um exemplar de capa dura de Mulherzinhas, de Louisa May Alcott (uma página rasgada e a contracapa ligeiramente danificada)*. Só quem

estivesse realmente muito atento poderia reparar que essa entrada estava escrita entre duas linhas e que a tinta era de um tom ligeiramente diferente dos restantes registos. E só quem fosse de facto muito cínico se perguntaria por que razão estava escrita ao lado, e com a mesma tinta, a seguinte observação: *não devolvido*.

Aqui em cima, era fácil respirar, o que nos trazia uma leveza de alma e uma confiança vital. Nas terras altas, acordávamos pela manhã e pensávamos: aqui estou, onde tinha de estar.

Karen Blixen, *Out of Africa* (África Minha)

Para grande desilusão dos comerciantes e dos donos dos bares, Baileyville esvaziou-se em menos de um dia. Depois de as manchetes INOCENTE – VEREDICTO CHOCANTE terem sido reduzidas a vedantes e acendalhas, de as últimas autocaravanas terem voltado a cruzar, trepidantes, as fronteiras do condado e de o advogado de acusação ter conseguido arranjar um conjunto de pneus sobresselentes, vindos de Lexington para substituir os três pneus do seu carro que tinham aparecido inexplicavelmente golpeados, Baileyville regressou num instante à normalidade. Somente os rastos de lama e as embalagens de comida vazias espalhadas pelas bermas da estrada atestavam que ali decorrera um julgamento.

Kathleen, Beth e Izzy acompanharam Verna a casa, seguindo a pé à vez, enquanto Verna ia montada no robusto Patch. A viagem demorou quase um dia, e vieram embora com a promessa de que Neeta, a irmã de Verna, procurá-las-ia se fosse preciso ajuda para o parto. Em momento algum se falou na paternidade da criança, e Verna remeteu-se novamente ao silêncio mal chegaram à porta de casa, como se estivesse exausta depois de todo aquele contacto a que não estava habituada.

Elas não esperavam voltar a ter notícias.

Naquela primeira noite, Margery O'Hare deitou-se na sua própria cama e virou-se para Sven Gustavsson, junto dela, na penumbra. Já bem alimentada e de cabelo lavado e sedoso após um banho, ficou a ouvir, pela janela aberta, os chamamentos das corujas e dos grilos, que ecoavam pela encosta anoitecida, sons que lhe faziam o sangue correr lento nas veias e o coração bater brandamente. Olhavam ambos para a pequenina deitada entre os dois, que mexia suavemente os lábios enquanto sonhava. A mão de Sven repousava sobre a anca de Margery, deliciada a sentir-lhe o peso, prenúncio das noites que estavam para vir.

– Ainda podemos ir-nos embora, sabes? – disse-lhe ele, baixinho.

Ela levantou o cobertor de algodão da bebé e aconchegou-lho debaixo do queixo.

– Embora de onde?

– Daqui. Refiro-me àquilo que me disseste sobre o aviso que a tua mãe te fez e sobre começarmos uma nova vida. Andei a ler sobre uns lugares no norte da Califórnia, onde estão à procura de agricultores e de colonos. Acho que ias gostar dessa zona. Podíamos ter uma boa vida.

Ao ver que ela nada dizia, Sven acrescentou:

– Não tem de ser numa cidade. É um estado antigo e muito grande. Há gente de todo o lado a ir para a Califórnia, e ninguém fica parado a olhar para quem vem de fora. Um amigo meu tem lá uma quinta de produção de meloas e diz que me dá trabalho, enquanto não encontrarmos o que nos convém.

Margery afastou o cabelo da cara.

– Não me parece.

– Bem, podemos procurar no Montana, se preferires.

– Sven, eu quero ficar. Aqui.

Ele soergueu-se num cotovelo e procurou-lhe o rosto, o melhor que pôde, naquela penumbra.

– Disseste que querias que a Virginia tivesse liberdade. Que pudesse viver como bem quisesse.

– Eu sei que disse – replicou Margery. – E quero. Mas a questão é que aqui temos verdadeiros amigos, Sven. Pessoas que nos apoiam. Pensei muito nisso e acho que, enquanto ela tiver amigos assim, vai ficar bem. Nós vamos ficar bem. – E, ao ver que ele nada dizia, acrescentou: – Será que... te agrada? Se... ficarmos?

– Qualquer lugar me agrada, se tu e a Virginia lá estiverem.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Eu amo-te, Sven Gustavsson – declarou ela.

Ele virou-se para ela na escuridão.

– Não estás a ficar toda sentimental comigo, pois não, Marge?

– Eu não disse que ia repetir o que acabei de dizer.

Sven sorriu e recostou-se no travesseiro. Passado um momento, estendeu a mão, à procura da dela, que Margery agarrou e apertou com força. E assim adormeceram, pelo menos por algumas horas, até a bebé acordar.

Alice estava chocada com a rapidez com que os seus sentimentos, da mais enlevada alegria pelo regresso de Margery a casa, se haviam transformado num bloco de gelo, ao aperceber-se de que isso significava que já não existia nenhum obstáculo à sua partida. Estava na hora. O julgamento tinha terminado e, com ele, a sua vida no Kentucky.

Ela tinha ficado junto das outras bibliotecárias a ver Sven levar Margery e Virginia pela estrada acima, para a velha casa; a pouco e pouco, começara a sentir-se petrificar, à medida que se ia apercebendo do que aquilo significava. Conseguiu manter o sorriso, enquanto toda a gente se ia afastando entre exclamações, abraços e beijos, e tinha prometido que mais tarde talvez fosse ter com elas ao Nice ‘N’ Quick para celebrar. Mas o

esforço era de tal ordem, que, ainda Beth estava a atirar a beata do cigarro para a estrada e a despedir-se com um aceno animado, ela já sentia algo a endurecer-lhe no peito. Só Fred se apercebeu do que ela estava a sentir, e qualquer coisa na sua expressão espelhou a dela.

– Que tal um uísque? – perguntou Fred, enquanto fechavam a porta da biblioteca e se encaminhavam para casa dele em passo lento.

Alice anuiu. Restavam-lhe apenas algumas horas na vila.

Fred serviu o uísque e entregou um dos copos a Alice, que se sentou no melhor banco corrido lá de casa, com almofadas de botões e uma colcha de retalhos, feitas pela mãe, sobre o encosto. Lá fora, já tinha anoitecido e o tempo ameno dera lugar a uma brisa fresca e uma chuva fina, que Alice já temia ter de voltar a enfrentar.

Ele aqueceu o resto da sopa, mas Alice não tinha apetite e percebeu também que não tinha nada para dizer. Tentava não olhar para as mãos dele, mas estavam ambos conscientes do tique-taque do relógio, em cima da lareira, e do que isso significava. Falaram sobre o julgamento, mas, por melhor cenário que pintassem, Alice sabia que Van Cleve estaria agora ainda mais furioso, o que se traduziria num redobrar de esforços para acabar com a biblioteca ou para garantir que a vida dela fosse o mais desconfortável possível. Por outro lado, e independentemente do que Margery tivesse dito, Alice não podia ficar mais tempo em sua casa. Todos sabiam que Sven e Margery precisavam de estar sozinhos, o que ficou bem claro na falta de entusiasmo com que protestaram quando Alice lhes disse que Izzy a tinha convidado para passar essa noite lá em casa.

– Então, a que horas é o teu comboio? – perguntou Fred.

– Às dez e um quarto.

– Queres que te leve à estação?

– Ia gostar muito, Fred. Se não for grande incómodo.

Ele anuiu, constrangido, e tentou esboçar um sorriso, que desapareceu tão depressa como chegara. Alice sentiu aquela dor residual que sempre sentia ao ver o desconforto de Fred, sabendo ser ela a causadora. Afinal, que direito tinha de querer este homem, sabendo que tal era impossível? Fora egoísta ao deixar que os sentimentos dele se acercassem dos seus. Mergulhados numa angústia que nenhum deles era capaz de pôr em palavras, a tensão rapidamente lhes tolhera a conversa. Alice beberricava uma bebida que mal era capaz de saborear, enquanto pensava se teria sido realmente boa ideia ter vindo. Talvez tivesse sido melhor ir diretamente para casa de Izzy. Que sentido fazia prolongar ainda mais todo este sofrimento?

– Ah, esta manhã, chegou outra carta para ti à biblioteca. Com toda esta confusão, até me esqueci de te dar. – Fred tirou o envelope do bolso e entregou-lho. Ela reconheceu imediatamente a letra e deixou-o cair sobre a mesa.

– Não a lê?

– Deve ser sobre o meu regresso. Planos e coisas do género.

– Lê-a. Não há problema.

Enquanto Fred levantava a mesa, Alice abriu o envelope, sentindo o olhar dele em si. Passou rapidamente os olhos pela carta e voltou a metê-la no envelope.

– O que foi?

Ela ergueu os olhos.

– Porque é que te retraíste assim?

Ela suspirou.

– É só... a maneira de a minha mãe falar.

Ele contornou a mesa, sentou-se e retirou a carta do envelope.

– Não...

Ele afastou-lhe a mão.

– Deixa-me ler.

Ela virou-se para o lado, de sobrolho franzido, enquanto Fred lia a carta.

– O que vem a ser isto? *Vamos fazer um esforço para esquecer esta tua última tentativa de envergonhar a nossa família.* O que é que isto significa?

– É a maneira de ser da minha mãe.

– Contaste-lhe que o Van Cleve te espancou?

– Não – disse Alice, passando a mão pelo rosto. – Provavelmente, iam achar que a culpa tinha sido minha.

– E como é que a culpa podia ter sido tua? Estamos a falar de um homem adulto e de um punhado de bonecas. Meu Deus... Eu nunca ouvi nada assim.

– Não foram só as bonecas.

Fred levantou os olhos.

– Ele achou... ele achou que eu tinha tentado perverter o filho.

– Ele achou... *o quê?*

Alice já estava arrependida de ter falado.

– Vá lá, Alice. Nós podemos dizer tudo um ao outro.

– Não posso. – Ela sentiu as faces a ruborizarem. – Não posso contar-te isto. – Bebeu mais um gole, a sentir o olhar dele pousado nela, como se tentasse desvendar o mistério. Mas, afinal, porque deveria esconder dele a verdade? Nunca mais voltaria a vê-lo... E acabou por desabafar:

– Levei para casa um livro que a Margery me deu... sobre o amor no casamento.

Fred cerrou ligeiramente os dentes, como se não quisesse pensar em nenhum tipo de intimidade entre Alice e Bennett. Demorou uns segundos até perguntar:

– E o que tinha ele a ver com isso?

– Ele... eles os dois... acharam que eu não devia ler aquilo.

– Bem, talvez ele pensasse que, como vocês estavam em lua de mel...

– Mas esse é o problema. É que não houve lua de mel. E eu queria ver se...

– Se...?

– Ver se... – engoliu em seco – ... se nós tínhamos...

– Se vocês tinham o quê?

– Feito aquilo – murmurou ela.

– Feito o quê?

Ela levou as mãos à cara e protestou, num lamento:

– Oh, porque é que me estás a obrigar a dizer isto?

– Só estou a tentar compreender, Alice.

– Se nós tínhamos feito aquilo... O amor no casamento.

Fred pousou o copo. Seguiu-se um longo e doloroso momento, antes de voltar a falar:

– Tu não... *sabes*?

– Não – disse ela, deprimida.

– Ei, ei... Espera aí! Tu não sabes se tu e o Bennett... consumaram o casamento?

– Não. E ele não queria falar disso. Portanto, eu não tenho maneira de saber. O livro explicou-me algumas coisas, mas, para ser sincera, fiquei sem certezas. Havia muita coisa sobre sensações e êxtase. Mas depois tudo acabou por correr mal e, como nunca chegámos a falar no assunto, continuo sem saber muito bem.

Fred passou a mão pela nuca.

– Bem, Alice, quer dizer... é... muito difícil não perceber.

– O quê?

– O... Oh, esquece. – Ele inclinou-se para a frente. – Achas mesmo que pode não ter acontecido?

Ela sentia-se angustiada e já estava arrependida de esta ser a última recordação que Fred iria guardar dela.

– Eu acho que não... Ai, meu Deus, achas que sou ridícula, não achas?
Nem acredito que te estou a contar isto. Deves pensar...

Fred levantou-se bruscamente da mesa.

– Não... não, Alice. Isso são ótimas notícias!

Ela ficou a olhar para ele.

– O quê?

– Isso é maravilhoso! – E, agarrando-lhe a mão, começou a dançar a valsa com ela, à volta da sala.

– Fred? O que foi? O que é que estás a fazer?

– Pega no casaco. Vamos à biblioteca.

Passados cinco minutos, estavam já no pequeno barracão, com dois candeeiros de petróleo acesos, enquanto Fred esquadrihava as prateleiras. Não tardou a encontrar o que procurava e pediu-lhe que segurasse no candeeiro, para poder folhear um pesado livro com capa de couro.

– Estás a ver? – disse-lhe ele, batendo com o dedo na página. – Se não consumaram o casamento, então não estão casados aos olhos de Deus.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que podes pedir a anulação do casamento. E que podes casar com quem bem entenderes. E não há nada que o Van Cleve possa fazer.

Ela fitou o livro e leu as palavras que o dedo dele indicava. Depois, ergueu os olhos para ele, incrédula.

– A sério? Não conta mesmo?

– A sério! Espera aí... Vamos procurar outro livro de Direito, para confirmarmos. Vais ver. Olha! Olha, aqui está. Assim, já podes cá ficar, Alice! Estás a ver? Já não tens de ir para lado nenhum! Olha!... Ah, aquele Bennett é mesmo um pobre parvalhão dum raio... Estou capaz de lhe dar um beijo.

Alice pousou o livro e fitou-o, olhos nos olhos.

– Eu preferia que me beijasses a mim.

E ele assim fez.

Quarenta minutos depois, estavam os dois deitados no chão da biblioteca, em cima do casaco de Fred, ofegantes e um pouco chocados com o que tinha acabado de acontecer. Fred virou-se para Alice, olhou-a atentamente e pegou-lhe na mão, levando-a aos lábios.

– Fred?

– Sim, querida?...

Alice sorriu-lhe, com um sorriso doce e demorado; quando falou, era como se a sua voz pingasse mel e transbordasse de felicidade:

– *Definitivamente*, eu nunca tinha feito isto.

Da simples carne docemente afogueada do corpo do nosso amado, que os instintos animais nos impelem a desejar, nasce não só o prodígio de uma nova vida carnal, mas também a expansão dos horizontes da afinidade humana e o esplendor do entendimento espiritual, que ninguém jamais conseguiria alcançar sozinho.

Dra. Marie Stopes, *Married Love* (O Amor no Casamento)

Sven e Margery casaram no final de outubro, num dia fresco e luminoso, daqueles em que as neblinas tinham abandonado os vales, ao amanhecer, e os pássaros cantavam bem alto e competiam ruidosamente pelos ramos das árvores, com um bonito céu azul como fundo. Margery dissera-lhe que aceitava casar com ele porque não queria que Sophia continuasse a massacrá-la eternamente; mas que só o faria desde que não dissessem a ninguém e Sven *não embandeirasse em arco*.

Sven, que costumava concordar com quase tudo o que a Margery dissesse, respondeu à sua condição com um duro *não*.

– Se casarmos, vamos fazê-lo em público, na presença de toda a vila, da nossa filha e dos nossos amigos – disse, de braços cruzados. – É assim que eu quero. Ou então não casamos mesmo.

E assim casaram, na pequena igreja episcopaliana de Salt Lick – cujo pastor era menos exigente quanto a filhos nascidos fora do casamento –, na presença de todas as bibliotecárias, de Mr. e Mrs. Brady, de Fred e de um bom número de famílias a quem elas costumavam levar livros. Seguiu-se o copo d'água em casa de Fred, e Mrs. Brady presenteou o casal com uma colcha bordada pelo seu grupo de costura e ainda com uma outra colcha

mais pequena, a combinar, para o berço de Virginia. Margery, apesar de parecer pouco à vontade no seu vestido cor de pérola (emprestado por Alice e com os ajustes necessários feitos por Sophia), exibia um orgulho tímido – a verdade é que não conseguiu voltar a vestir as calças de montar até ao dia seguinte, embora fosse evidente que o vestido a incomodava. Foram degustando a comida oferecida pelos vizinhos (Margery não contava que viesse tanta gente e tinha até ficado um pouco surpreendida com o número interminável de convidados), mas, entretanto, alguém começou a assar um porco no exterior e houve até quem tocasse rabeca e quem dançasse. Por seu turno, Sven, não cabendo em si de felicidade, apresentava Virginia a toda a gente. Às seis da tarde, quando a noite começou a cair, foi Alice que abandonou a festa. Antes, conseguiu finalmente localizar a noiva, que estava sentada, sozinha, nos degraus da biblioteca, a contemplar a montanha que começava a escurecer.

– Estás bem? – perguntou-lhe Alice, sentando-se ao seu lado.

Margery não virou a cabeça. Continuou a olhar para as copas das árvores, fungou ruidosamente e só depois foi deixando o olhar deslizar até Alice.

– É um pouco estranho sentir-me assim tão feliz – disse ela, perturbada como Alice nunca a vira.

Alice ponderou no que ouviu e acenou em concordância.

– Eu entendo – respondeu, dando à amiga um leve toque de cotovelo. – Mas tu vais habituar-te.

Dois meses depois de os Gustavsson terem adquirido um cão (um cachorro minúsculo, estrábico e desprezado, muito diferente do belo cão de caça que Sven tinha inicialmente sugerido, apesar de agora já estar embeijado por ele, claro), Margery regressou à biblioteca. Quem cuidava de Virginia quatro dias por semana era Verna McCullough, ao mesmo

tempo que cuidava do próprio filho, um bebê frágil e sardento chamado Peter. Sven e Fred, com a ajuda de Jim Horner e de mais alguns homens, construíram uma casinha perto da casa de Margery, com dois quartos individuais, uma chaminé e uma casa de banho exterior, para onde as irmãs McCullough de boa vontade se mudaram. Só voltaram à antiga casa para irem buscar um saco de serapilheira com roupa, duas caçarolas e o cão feroz.

– O resto das coisas fediam ao nosso pai – disse Verna. E nunca mais voltou a falar nisso.

Verna começara a ir à vila uma vez por semana; ia para comprar provisões, com o seu salário, mas também para dar uma volta. Geralmente, as pessoas cumprimentavam-na ou simplesmente deixavam-na em paz, pelo que rapidamente a sua presença se tornou normal. Neeta, a irmã, continuava sem grande vontade de sair de casa, mas ambas adoravam os dois bebês e pareciam gostar de socializar. De tal maneira que, passado algum tempo, as pessoas que por ali passavam (e não eram muitas) lhes contaram que a casa degradada em Arnott's Ridge tinha começado a ruir. Primeiro, tinham sido as vigas do telhado, depois, a chaminé e, por fim, o resto. De janela partida em janela partida, as tábuas das paredes já soltas começaram a ser destruídas pelos vendavais e a casa foi parcialmente engolida pela natureza, com as vergônteas e os espinheiros a lançarem-lhe as suas garras e a puxarem-na para a terra, tal como tinha acontecido com o dono.

Frederick Guisler e Alice casaram um mês depois de Margery e Sven, e, se alguém reparara no tempo que passavam sozinhos em casa de Fred antes de estarem legalmente unidos, ninguém parecia muito interessado em comentar. O primeiro casamento de Alice fora anulado, com discrição e sem alarde, assim que Fred explicara a situação a Mr. Van Cleve. Este, desta vez, não pareceu sentir necessidade de gritar, preferindo contratar um

advogado capaz de tratar rapidamente do assunto e, talvez mediante algum suborno, garantir a confidencialidade. A ideia de ver o nome do filho associado publicamente à palavra *anulação* pareceu reprimir-lhe a cólera habitual e, após aquele encontro, mal voltou a falar em público sobre a biblioteca.

Nos termos do acordo, aceitaram que Bennett voltasse a casar primeiro. As bibliotecárias acharam que estavam em dívida com o jovem Van Cleve, pela ajuda que lhes dera, e Izzy até foi à cerimónia com os pais, dizendo depois que, apesar de tudo, tinha sido muito bonita e que Peggy era uma noiva encantadora e feliz.

Alice quase não lhe prestou atenção. Andava tão ridiculamente feliz, que na maior parte dos dias nem sabia como conter tanta alegria. Todas as manhãs, antes do raiar do dia, retirava com relutância as pernas esguias enlaçadas nas do marido, bebia o café que ele insistia em preparar-lhe e, depois, ia abrir a biblioteca e acender a salamandra, para tudo estar em ordem quando as colegas chegassem. Apesar do frio e da hora brutalmente matutina, elas iam encontrá-la quase sempre a sorrir. E, por mais que as amigas de Peggy Van Cleve comentassem que Alice Guisler se desleixara muito desde que começara a trabalhar na biblioteca, andando sempre despenteada e com roupas demasiado masculinas (e pensar como ela era tão refinada e bem vestida quando chegara!), Fred nem tinha reparado. Estava casado com a mulher mais bonita do mundo, e todas as noites, depois de terminarem o trabalho e de lavarem a loiça juntos, fazia questão de lhe prestar a devida homenagem. Na quietude de Split Creek, não era raro os passantes abanarem a cabeça, divertidos, na escuridão de breu, ao ouvirem os ofegantes ruídos de felicidade que emanavam da casa por detrás da biblioteca. Afinal, em Baileyville, no inverno, não havia muito para fazer depois do pôr do sol.

Sophia e William voltaram para Louisville. Não que ela, como disse às colegas, quisesse deixar a biblioteca, mas tinham-lhe oferecido um emprego na Biblioteca Pública Gratuita de Louisville (Secção para Pessoas de Cor) e, uma vez que a casa deles não voltara a ser a mesma depois das cheias e que as probabilidades de William regressar ao trabalho eram diminutas, eles acharam que estariam melhor na cidade, onde residia um maior número de pessoas como eles. Profissionais. Izzy chorou, e as outras não se sentiram muito melhor, mas contra factos não havia argumentos – e também não adiantava muito argumentar com Sophia. Ao fim de algum tempo, quando começaram a receber as cartas que ela lhes enviava da cidade – e, depois, a fotografia da sua promoção, que elas penduraram na parede, numa moldura, ao lado daquela em que estavam todas juntas –, sentiram-se um pouco melhor. No entanto, e há que dizê-lo, as estantes nunca mais voltariam a estar tão bem organizadas.

Kathleen, fiel à sua palavra, não voltou a casar, embora não faltassem homens a pedirem-lhe autorização para a cortejar, depois de ter passado um período aceitável. Mas não tinha tempo para essas coisas, dizia ela às outras bibliotecárias, com tudo o que tinha para lavar e limpar, e com os filhos para cuidar, além do emprego. Por outro lado, não havia nenhum homem em todo o estado que se pudesse comparar a Garrett Bligh, embora admitisse, quando pressionada, que tinha ficado um pouco surpreendida pela forma como Jim Horner se arranjava para o casamento de Alice, indo a um barbeiro profissional e envergando o seu melhor fato. Tinha ficado até com um rosto bastante atraente, depois de se ter livrado de toda aquela barba, e a sua aparência geral melhorara muito sem aquelas calças de peitilho imundas. Mas não voltaria a casar. Ah, não, nisso estava irredutível. Se bem que, passados alguns meses, não causasse estranheza a ninguém ver os dois a passearem na vila, com os filhos, e até a irem juntos a uma feira

local, na primavera. Afinal, era bom que as filhas dele tivessem uma influência feminina e, se houvesse olhares maliciosos e sobrancelhas arqueadas... bem, isso era um problema que não era definitivamente deles. E Beth bem podia parar de olhar assim para ela, *muito obrigada*.

A vida de Beth manteve-se basicamente igual, depois do julgamento. Continuou em casa, com o pai e os irmãos, a queixar-se amargamente deles sempre que podia, a fumar às escondidas e a beber em público. Porém, passados seis meses, surpreendeu toda a gente ao anunciar que tinha juntado todos os tostões que ganhara e que ia embarcar num paquete para ir visitar o continente da Índia. A princípio, as outras riram-se – afinal, Beth tinha um estranho sentido de humor –, mas ela acabou por lhes mostrar o bilhete, retirado do alforge.

– Como diabo conseguiste juntar esse dinheiro todo? – perguntou-lhe Izzy, confusa. – Disseste-me que o teu pai te ficava com metade do salário, para ajudar nas despesas da casa.

Ela ficou estranhamente calada e balbuciou qualquer coisa sobre uns trabalhos extra e umas poupanças que tinha feito, e sobre não perceber porque é que, afinal, toda a gente naquela maldita vila tinha de se meter na vida alheia. Quando o xerife, um mês depois de ela ter partido, descobriu um alambique abandonado no estábulo devoluto dos Johnson, e o terreno em volta pejado de pontas de cigarro, a conclusão oficial foi que não havia nenhuma possibilidade de as duas coisas estarem relacionadas. Ou, pelo menos, foi o que disseram ao pai dela.

A sua primeira carta vinha de um lugar chamado Surat, com o carimbo mais espampanante que elas alguma vez tinham visto, e trazia uma fotografia dela, com um vestido bordado em cores garridas, que se chamava *sari*, e com um pavão debaixo do braço. Kathleen comentou que não seria de estranhar se Beth acabasse casada com o rei da Índia, pois aquela

rapariga era mesmo cheia de surpresas. Margery respondeu secamente que sim, que isso é que surpreenderia toda a gente.

Izzy gravou um disco, com a autorização do pai. Passados dois anos, já se tinha tornado numa das cantoras mais populares do Kentucky, conhecida pela pureza da voz e pela tendência para atuar com vestidos soltos e até aos pés. Compôs uma música sobre um assassino das montanhas, que se tornou muito popular em três estados, e fez um dueto com Tex Lafayette, numa sala de concertos em Knoxville, o que a deixou extasiada durante boa parte da semana seguinte, sobretudo depois de ele ter estado de mão dada com ela durante as notas mais altas. O disco atingiu o quarto lugar do top de vendas, o que Mrs. Brady admitiu ter sido o momento de maior orgulho da sua vida. Na verdade, o segundo maior, admitiu de si para si, suplantado apenas pela carta que recebera de Mrs. Lena C. Nofcier, cerca de dois meses após o fim do julgamento, a agradecer-lhe os esforços extraordinários para manter a funcionar a Biblioteca a Cavalo WPA, de Baileyville, num momento tão complicado.

Nós, as mulheres, enfrentamos desafios inesperados, quando decidimos ultrapassar aqueles que são habitualmente considerados os nossos limites. E a senhora, minha querida Mrs. Brady, provou estar mais do que à altura de todos os desafios com que se foi deparando. Espero poder um dia conversar pessoalmente consigo sobre este e muitos outros assuntos pertinentes.

Mrs. Nofcier ainda não tinha vindo a Baileyville, mas Mrs. Brady estava convencida de que isso iria acontecer.

A biblioteca abria cinco dias por semana, sendo a sua gestão partilhada entre Alice e Margery. Durante esse tempo, elas continuaram a emprestar todos os tipos possíveis e imagináveis de romances, manuais, livros de receitas e revistas. As memórias do julgamento rapidamente se dissiparam, sobretudo entre aqueles que se aperceberam de que afinal gostavam de continuar a receber livros. E, assim, a vida em Baileyville regressou ao seu ritmo normal. Só os dois Van Cleve pareciam envidar todos os esforços para evitar a biblioteca, passando de carro por Split Creek a toda a velocidade e recorrendo amiúde a uma estrada que circundava a vila, para não lhe passarem sequer à porta.

Foi, por isso, com alguma surpresa que, já depois de decorridos alguns meses de 1939, Peggy Van Cleve apareceu junto à biblioteca. Margery ficou a vê-la a andar lá fora, de um lado para o outro, e parar várias vezes, como se estivesse à procura de algo extremamente importante na bolsa; depois, viu-a espreitar pela janela, talvez para confirmar se Margery estava sozinha. Afinal, ela não era conhecida por ser a mais voraz das leitoras.

Margery O'Hare era uma mulher muito atarefada, com Virginia, o cão e o marido para cuidar, e com todas as distrações que pareciam agora surgir lá em casa. Mas, nessa noite, interrompeu o que estava a fazer e sorriu, pensando se havia de contar a Alice Guisler como a nova Mrs. Van Cleve entrara na biblioteca a falar em surdina e como, após algumas evasivas e muitas olhadelas teatrais, lançadas ao acaso aos títulos dos livros nas estantes, lhe perguntara se era verdade que havia um livro que aconselhava as senhoras sobre *assuntos delicados relacionados com o quarto*. E como Margery, mantendo um semblante muito sério, respondera que sim, claro que havia. Afinal, tratava apenas de factos.

Margery estaria ainda a pensar nisso – e a tentar não sorrir –, quando todas elas chegaram de novo à biblioteca, no dia seguinte.

Posfácio

O projeto da Biblioteca a Cavalo WPA decorreu entre 1935 e 1943, e levou livros a mais de cem mil pessoas das zonas rurais. Nunca mais foi implementado nenhum projeto como este.

O leste do Kentucky continua a ser uma das regiões mais pobres – e mais bonitas – dos Estados Unidos da América.

Agradecimentos

Este livro, mais do que tudo o que já escrevi, foi um trabalho de amor. Apaixonei-me por um lugar, pelas suas gentes e, depois, pela história, à medida que ia surgindo, o que tornou a escrita numa alegria pouco habitual. Por tudo isso, gostaria de agradecer à Barbara Napier e a todos os habitantes de Snug Hollow, em Irvine, Kentucky – em especial, à Olivia Knuckles –, sem cujas vozes não teria encontrado as das minhas heroínas. O vosso espírito e o de todo o vale está presente neste livro, e estou muito feliz por vos ter como amigos.

Obrigada a todos em Whisper Valley Trails, nas montanhas de Cumberland, por me permitirem percorrer a cavalo o tipo de rotas que as bibliotecárias teriam feito, e a todos aqueles que interpelei, questionei e com quem tagarelei e conversei durante as minhas viagens.

Mais perto de casa, gostaria de agradecer às minhas editoras, Louise Moore e Maxine Hitchcock, da Penguin Michael Joseph, Reino Unido; a Pam Dorman, da Pamela Dorman Books, PHR, Estados Unidos; e a Katharina Dornhoefer, de Rowohlt, Alemanha, que não hesitaram quando lhes disse que o meu próximo livro seria sobre um grupo de bibliotecárias a cavalo na América rural, durante a Grande Depressão – embora suspeite que tivessem tido vontade de o fazer. Obrigada a todas por continuarem a ajudar-me a melhorar os meus livros – todas as histórias são um trabalho de equipa – e por continuarem a acreditar neles e em mim. Obrigada a Clare Parker e Louise Braverman, Liz Smith, Claire Bush, Kate Stark e Lydia Hirt, e a todas as equipas de cada editora, pela espantosa capacidade de me ajudarem a levar estas histórias até aos leitores. Numa escala mais

abrangente, agradeço a Tom Weldon e Brian Tart, bem como a Anoukh Foerg, na Alemanha.

Obrigada, como sempre, a Sheila Crowley e Curtis Brown, por serem ao mesmo tempo motivadores, gurus de vendas, negociadores tenazes e um apoio emocional. E a Claire Nozieres, Katie McGowan e Enrichetta Frezzato, por conseguirem dar ao meu trabalho uma dimensão global, a uma escala extraordinária. Obrigada a Bob Bookman, da Bob Bookman Management, e a Jonny Geller e Nick Marston, pela tarefa de manterem esta máquina a funcionar em todos os meios de comunicação. Vocês são o máximo.

Um imenso agradecimento a Alison Owen, da Monumental Pictures, por conseguir *ver* esta história, quando ela ainda não passava de uma conversa de elevador, e pelo seu permanente entusiasmo; e a Ol Parker, pelas mesmas razões e por me ajudar a dar forma às cenas-chave e a torná-las divertidas. Mal posso esperar para ver o que fez com elas.

Agradeço do fundo do coração a Cathy Runciman, pela tarefa de me conduzir através do Kentucky e do Tennessee e por me fazer rir tanto, que quase saímos da estrada mais do que uma vez. Estas páginas também estão repletas da nossa amizade.

Obrigada também a Maddy Wickham, Damian Barr, Alex Heminsley, Monica Lewinsky, Thea Sharrock, Sara Phelps e Caitlin Moran. Todos sabem porquê.

A minha gratidão, como sempre, a Jackie Tearne, Claire Roweth e Leon Kirk, por todo o apoio logístico e prático, sem o qual não teria conseguido sobreviver a cada semana. Os meus mais sinceros agradecimentos.

Estou em dívida para com o Departamento de Turismo do Kentucky, por toda a informação que me foi facultada, e agradeço a todos quantos me ajudaram nos condados de Lee e de Estill. E ao Green Park, por ser uma improvável fonte de inspiração.

Por fim – os últimos são os primeiros –, obrigada como sempre à minha família: Jim Moyes, Lizzie Sanders e Brian Sanders. E, acima de tudo, ao Charles, à Saskia, ao Harry e ao Lockie.